

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
CURSO DE DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Luís Jorge Lira Neto

Espiritismo, de doutrina filosófica à religião do livro:
entre controvérsias, livros e cânone

Recife
2025

Luís Jorge Lira Neto

Espiritismo, de doutrina filosófica à religião do livro:
entre controvérsias, livros e cânone

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, como parte dos requisitos para a obtenção do título de doutor em Ciências da Religião.

Linha de Pesquisa: Campo Religioso Brasileiro, Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Drance Elias da Silva.

Recife

2025

L768e Lira Neto, Luís Jorge.
Espiritismo, de doutrina filosófica à religião do
livro : entre controvérsias, livros e cânone / Luís Jorge
Lira Neto, 2025.
321 f. : il.

Orientador: Drance Elias da Silva.
Tese (Doutorado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências
da Religião. Doutorado em Ciências da Religião, 2025.

1. Espiritismo. 2. Cristianismo e espiritismo.
3. Bourdieu, Pierre, 1930-2002.
4. Religião - Aspectos sociais. I. Título.

CDU 133.7

Luciana Vidal - CRB 4/1338

Luís Jorge Lira Neto

TERMO DE APROVAÇÃO

**Espiritismo, de doutrina filosófica à religião do livro:
entre controvérsias, livros e cânone**

Tese apresentada no dia 19 de setembro de 2025, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Ciências da Religião pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **aprovado**.

Prof. Dr. Drance Elias da Silva – UNICAP
Orientador



Documento assinado digitalmente
DRANCE ELIAS DA SILVA
Data: 26/09/2025 09:31:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. José Afonso Chaves – UNICAP
Avaliador interno



Documento assinado digitalmente
JOSE AFONSO CHAVES
Data: 29/09/2025 08:38:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão – UNICAP
Avaliador interno



Documento assinado digitalmente
GILBRAZ DE SOUZA ARAGAO
Data: 29/09/2025 09:52:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Adriana Gomes – UNIVERSO
Avaliadora externa



Documento assinado digitalmente
ADRIANA GOMES
Data: 29/09/2025 13:00:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça Lima – UFJF
Avaliador externo



Documento assinado digitalmente
MARCELO AYRES CAMURÇA LIMA
Data: 29/09/2025 14:58:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

*A Jáder dos Reis Sampaio (in memoriam)
pelo incentivo à pesquisa no campo espírita.*

AGRADECIMENTOS

É um momento muito especial para mim o post-scriptum de uma jornada em clima de aventura. Sim, aventurei-me nos pródromos da pesquisa estruturada, da produção científica engendrada no caos genésico de uma vida multifacetada e de ares sem fim. Mas cheguei.

À minha esposa, Raquel, companheira incondicional nessa existência terrena: gratidão pelos intermináveis dias de ausência afetiva, subtraídos pelo labor febril e na expectativa de “o que virá a seguir?”.

Aos familiares pela presença e estímulo, filhos, Filipe e Rafael; noras, Camilla e Hyeon; netos, Filipe e Eduardo; irmãos, Sérgio, Tadeu, Karyne e Larysse; sobrinhos e agregados, meu muito obrigado. E aos ausentes fisicamente: pai, Domingos; mãe e mestra, Elza; avós e bisavós, sempre presentes na estrutura familiar.

Ao meu orientador, Professor Dr. Drance Elias da Silva, pela dedicação, incentivo e confiança depositada. Parceria e companheirismo é o que vivenciei na sua orientação. Obrigado por ter me apresentado aos cultores da sociologia, principalmente Bourdieu.

Aos participantes da banca de qualificação, sem os quais essa tese não teria chegado ao seu intento: Professora Dra. Adriana Gomes, Professor Dr. Marcelo Camurça, Professor Dr. Afonso Chaves e Professor Dr. Gilbraz Aragão, com justos argumentos indicaram os caminhos e descaminhos dessa jornada.

Aos demais professores do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, por dedicarem, com exclusividade, toda uma existência em prol de despertar no Outro a alegria de se saber: Professora Dra. Valdenice, Professora Dra. Zuleica, Professor Dr. João Luiz, Professor Dr. Luiz Carlos, Professor Dr. Newton, Professor Dr. Sezino, Professor Dr. Silvério e Professor Dr. Tadeu.

Aos colegas da turma 2022.1 por suportarem as minhas “intervenções”, algo risíveis, Irmã Lucileide, Lucy, Edson, Eduardo, Fábio, Filipe, Francisco, Lucas, Marlon Anderson, Marlon Oliveira, Nuno, Rodrigo e o apoio sistemático de Evanilson e Cyntia.

Aos amigos do movimento espírita que muito ajudaram com opiniões e depoimentos, Abel Brutus, Adair Ribeiro, Artur Chioro, Carlos Seth, Ery Lopes, Luciana Farias, Luciano Klein, Marco Milani, Sérgio Thiesen e Wilson Garcia.

Às instituições de apoio à pesquisa no campo espírita, Liga de Pesquisadores do Espiritismo, Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo – ECM, Centro de Pesquisa e Documentação Espírita, Museu AKOL, Obras de Kardec, Portal Luz Espírita e FEB.

Por fim, à Universidade Católica de Pernambuco (Unicap): há 82 anos fomentando educação, pesquisa e desenvolvimento por gerações de alunos, professores e colaboradores.



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Allan Kardec (1804-1869).
Fonte: Portraits [...], [18--].

Uma foto é um instantâneo simbólico, fugaz à vista, mas perene na Memória, ultrapassa o Tempo para eternizar-se na História. Ela é a representação do labor de Allan Kardec, na postura de observador, colhe mensagens dos “Espíritos” (enroladas à mão), transmitidas pelas “mesas girantes” (acostada ao braço) e no silêncio da meditação (o olhar plácido) elabora *O Livro dos Espíritos* (posto à mesa), contendo a Doutrina dos Espíritos, uma *Filosofia Espiritualista*.

“[...] percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da humanidade, a solução que eu procurara em toda minha vida [...]”.

“[...] estudamos e demos ao público o fruto das nossas pesquisas, sem atribuímos aos nossos trabalhos valor maior do que o de uma obra filosófica deduzida da observação e da experiência [...]”.

– Allan Kardec

RESUMO

Esta pesquisa verificou a trajetória do Espiritismo, um caso particular do *Espiritualismo Moderno*, movimento espiritualista iniciado nos Estados Unidos da América em 1848. Aqui analisado como um fato sociocultural e transnacional. Em trânsito pelo Ocidente chega à França e é recepcionado por uma cultura imersa no ideal iluminista tardio. Resignifica como *Doutrina Filosófica* em 1857, a proposta conciliatória de Allan Kardec para o dilema da modernidade entre fé e razão. De retorno ao continente americano, aporta no Brasil e se defronta com uma sociedade de religiosidade singular, sincrética, mística e receptiva ao espiritual. Toma, então, características de uma *Religião Cristã*, processo imerso em controvérsias e discussões se o Espiritismo é religião ou não e, ademais, sob pressões externas, do Estado, da Igreja e da classe médica. Com o intuito de analisar as transmutações socioculturais do Espiritismo, esta tese objetiva demonstrar o processo de transformação do Espiritismo em *Religião do Livro*, na linha judaico-cristã, frente às narrativas dos grupos espíritas em controvérsias doutrinárias e a transformação das obras fundamentais espíritas em Cânone sacralizado. E em específico, mostrar a evolução histórico-cultural do Movimento Espírita Francês, contextualizado como um fato social; identificar as causas que levaram o Espiritismo no Brasil a ter características de *Religião Cristã* e suas singularidades frente à matriz francesa; apresentar os principais grupos espíritas em controvérsias no Brasil, identificando os argumentos que embasam suas disputas, sob a perspectiva da *Teoria de Campo Religioso* de Pierre F. Bourdieu, além de identificar o contexto e; verificar os fatores que caracterizam o Espiritismo como uma *Religião do Livro*, entendido como um sistema articulado com base em um livro profético, sacralizado num Cânone, uma religião de referência e uma comunidade de seguidores. O aporte metodológico está ancorado em pesquisa bibliográfica e documental, em fontes primárias e secundárias das obras espíritas e no acervo do *Projeto Allan Kardec* da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), que deram condições de mapear as configurações do Espiritismo em culturas e sociedades diferenciadas. Identificada a centralidade no Livro e nos Evangelhos intrínsecos ao Espiritismo, foi aplicado modelo de análise de formação de Cânone de religião letrada, adaptado de José S. Croatto e Aldo N. Terrin para verificar o sistema de crenças e de práticas espíritas, resultando na constatação da configuração do Espiritismo na França como *Religião Filosófica e Letrada*, identificada com a secularidade, enquanto no Brasil apresentou configuração de *Religião Cristã do Livro*, de identidade de mística letrada, porém, ambas situadas na modernidade.

PALAVRAS-CHAVE: Espiritismo; Campo Espírita Brasileiro; Religião do Livro; Cânone Espírita.

ABSTRACT

This research investigates the trajectory of Spiritism, a particular case of *Modern Spiritualism*—a spiritualist movement that originated in the United States of America in 1848. Analyzed here as a sociocultural and transnational phenomenon. As it circulated through the Western world, it reached France and was received by a culture immersed in late Enlightenment ideals. In 1857, Allan Kardec redefined it as a *Philosophical Doctrine*, offering a conciliatory proposal to the modern dilemma between faith and reason. Upon returning to the American continent, Spiritism arrived in Brazil, where it encountered a society characterized by a singular religiosity—syncretic, mystical, and receptive to spiritual matters. It assumed the characteristics of a *Christian Religion*, a process immersed in controversies and debates over whether Spiritism should be classified as a religion, while also facing external pressures from the State, the Church, and the medical establishment. Aiming to analyze the sociocultural transformations of Spiritism, this thesis seeks to demonstrate the process through which Spiritism became a "*Religion of the Book*," aligned with the Judeo-Christian tradition, in light of the narratives of spiritist groups engaged in doctrinal controversies, as well as the sacralization of fundamental Spiritist texts into a canon. Specifically, the study aims to: trace the historical and cultural evolution of the French Spiritist Movement, contextualized as a social fact; identify the causes that led Spiritism in Brazil to acquire the characteristics of a *Christian Religion* and its particularities in contrast to the French origin; present the main spiritist groups engaged in doctrinal disputes in Brazil, identifying the arguments underlying these debates from the perspective of Pierre F. Bourdieu's *Theory of the Religious Field*; examine contextual factors; and assess the elements that characterize Spiritism as a *Religion of the Book*, understood as a system structured around a prophetic book, sacralized within a canon, with a reference religion and a community of followers. The methodological approach is grounded in bibliographic and documentary research, using both primary and secondary sources from spiritist literature and the *Allan Kardec Project* archive at the Federal University of Juiz de Fora (UFJF), which enabled the mapping of Spiritism's configurations across different cultures and societies. Identifying the centrality of the Book and the Gospels intrinsic to Spiritism, the research applies the canon formation model for literate religions, adapted from José S. Croatto and Aldo N. Terrin, to examine the spiritist belief system and practices. The findings indicate that Spiritism in France emerged as a *Philosophical and Literate Religion*, closely aligned with secularism, whereas in Brazil it developed into a *Christian Religion of the Book*, marked by a literate mystical identity—both, however, situated within modernity.

KEYWORDS: Spiritism; Brazilian Spiritist Field; Religion of the Book; Spiritist Canon.

RESUMEN

Esta investigación examinó la trayectoria del Espiritismo, un caso particular del *Espiritualismo Moderno*, movimiento espiritualista originado en los Estados Unidos de América en 1848. Analizado aquí como un fenómeno sociocultural y transnacional. En su tránsito por Occidente, llega a Francia, donde es recibido por una cultura inmersa en el ideal ilustrado tardío. En 1857, Allan Kardec lo resignifica como *Doctrina Filosófica*, una propuesta conciliadora al dilema moderno entre fe y razón. De regreso al continente americano, el Espiritismo desembarca en Brasil y se encuentra con una sociedad caracterizada por una religiosidad singular, sincrética, mística y receptiva a lo espiritual. A partir de entonces, adquiere rasgos propios de una *Religión Cristiana*, en un proceso marcado por controversias y debates sobre si el Espiritismo es o no una religión, además de estar sometido a presiones externas provenientes del Estado, la Iglesia y el estamento médico. Con el objetivo de analizar las transmutaciones socioculturales del Espiritismo, esta tesis se propone demostrar el proceso de su configuración como *Religión del Libro*, en la línea judeocristiana, a partir de las narrativas de los grupos espiritistas inmersos en controversias doctrinarias y de la transformación de las obras fundamentales del espiritismo en un canon sacralizado. En particular, se propone a mostrar la evolución histórico-cultural del Movimiento Espiritista Francés, contextualizado como hecho social; identificar las causas que llevaron al Espiritismo en Brasil a adquirir características de *Religión Cristiana* y sus singularidades frente a la matriz francesa; presentar los principales grupos espiritistas en controversia en Brasil, identificando los argumentos que fundamentan sus disputas desde la perspectiva de la *Teoría del Campo Religioso* de Pierre F. Bourdieu, e además identificar lo contexto; y examinar los factores que caracterizarían al Espiritismo como una *Religión del Libro*, entendida como un sistema articulado en torno a un libro profético, sacralizado en un canon, con una religión de referencia y una comunidad de seguidores. El enfoque metodológico se basa en investigación bibliográfica y documental, utilizando fuentes primarias y secundarias de la literatura espiritista y del archivo del *Proyecto Allan Kardec* de la Universidad Federal de Juiz de Fora (UFJF), lo que permitió cartografiar las configuraciones del Espiritismo en distintas culturas y sociedades. Al identificar la centralidad del Libro y de los Evangelios intrínsecos al Espiritismo, se aplicó un modelo de análisis de formación de canon en religiones letradas, adaptado de José S. Croatto y Aldo N. Terrin, con el fin de examinar el sistema de creencias y prácticas espiritistas. Como resultado, se constató que el Espiritismo en Francia se configuró como una *Religión Filosófica y Literarias*, identificada a la secularidad, mientras que en Brasil adoptó la forma de una *Religión Cristiana del Libro*, con una identidad de mística literarias; ambas, no obstante, insertas en la modernidad.

PALABRAS-CLAVE: Espiritismo; Campo Espírita Brasileño; Religión del Libro; Canon Espírita.

RÉSUMÉ

Cette recherche examine la trajectoire du Spiritisme, un cas particulier du *Spiritualisme Moderne*, mouvement spiritualiste apparu aux États-Unis d'Amérique en 1848. Ici analysé comme un phénomène socioculturel et transnational. En transit à travers l'Occident, il atteint la France, où il est accueilli par une culture imprégnée des l'idéal des Lumières tardives. En 1857, Allan Kardec le redéfinit comme une *Doctrine Philosophique*, proposant une conciliation face au dilemme moderne entre foi et raison. De retour sur le continent américain, le Spiritisme s'implante au Brésil, où il se confronte à une société marquée par une religiosité singulière, syncrétique, mystique et réceptive au spirituel. Il acquiert alors les caractéristiques d'une *Religion Chrétienne*, au terme d'un processus traversé de controverses et de débats quant à son statut religieux, et soumis par ailleurs à des pressions externes émanant de l'État, de l'Église et du corps médical. Dans l'objectif d'analyser les transmutations socioculturelles du Spiritisme, cette thèse vise à démontrer le processus de sa transformation en tant que *Religion du Livre*, dans la lignée judéo-chrétienne, à travers les récits des groupes spirites engagés dans des controverses doctrinales, ainsi que par la sacralisation de ses œuvres spirites fondamentales en un canon. Plus spécifiquement, il s'agit de retracer l'évolution historico-culturelle du Mouvement Spirite Français, contextualisé comme fait social ; d'identifier les causes ayant conduit le Spiritisme du Brésil à adopter les caractéristiques d'une *Religion Chrétienne*, ainsi que ses particularités par rapport à la matrice française ; de présenter les principaux groupes spirites en conflit au Brésil, en identifiant les arguments qui fondent leurs différends, à la lumière de la *Théorie du Champ Religieux* de Pierre F. Bourdieu ; d'examiner les facteurs contextuels ; et d'analyser les éléments qui définissent le Spiritisme comme une *Religion du Livre*, comprise comme un système articulé autour d'un livre prophétique, sacralisé dans un canon, avec une religion de référence et une communauté de fidèles. L'approche méthodologique repose sur une recherche bibliographique et documentaire, à partir de sources primaires et secondaires issues de la littérature spirite et du fonds du *Projet Allan Kardec* de l'Université Fédérale de Juiz de Fora (UFJF), qui ont permis de cartographier les différentes configurations du spiritisme selon les cultures et les sociétés. En identifiant la centralité du Livre et des Évangiles inhérente au Spiritisme, le travail applique un modèle d'analyse de la formation du canon dans les religions lettrées, adapté de José S. Croatto et d'Aldo N. Terrin, afin d'examiner le système de croyances et de pratiques spirites. Il en résulte que le Spiritisme s'est configuré en France comme une *Religion Philosophique et Lettrée*, en affinité avec la sécularité, tandis qu'au Brésil, il a pris la forme d'une *Religion Chrétienne du Livre*, marquée par une identité de mystique lettrée ; les deux expressions étant néanmoins situées dans la modernité.

MOTS-CLÉ : Spiritisme; Champ spirite brésilien; Religion du Livre; Canon spirite.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Disposições no Campo Espírita Brasileiro	130
Quadro 2	Elementos do Campo Espírita Brasileiro	133
Quadro 3	Fatores do Cânone Espírita Francês	231
Quadro 4	Fatores do Cânone Brasileiro versus o Cânone Francês	246
Quadro 5	Características das Camadas Matriz Religiosa Brasileira	316

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Círculo do Sistema de Letramento do Espiritismo	199
Figura 2	Círculo da Formação do Cânone de Religião Letrada	220
Figura 3	Metamorfose da Tríade das Atividades em Tríplice Aspecto	270
Figura 4	Camadas da Matriz Religiosa Brasileira	315
Figura 5	Comunicação/Diálogo [05/03/1865]	317
Figura 6	Prece de Allan Kardec [02/12/1866]	318
Figura 7	Trabalhos a executar para completar a Doutrina Espírita	319
Figura 8	Manuscrito Inédito – Nova Religião [29/10/1865]	320

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AKOL	Museu AllanKardec. <i>online</i>
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEI	Conselho Espírita Internacional
CEPA	Confederação Espírita Pan-Americana
CEPA Brasil	Associação Brasileira de Delegados e Amigos da CEPA
CFN	Conselho Federativo Nacional
CNE/FEB	Conselho Nacional das Entidades Espíritas Especializadas da Federação Espírita Brasileira
COVID-19	Coronavírus
CPDoc	Centro de Pesquisa e Documentação Espírita
CSI	<i>Codification Seances Investigation</i>
EADE	Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita
EMEJ	Estudo Minucioso do Evangelho de Jesus
ESDE	Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita
EUA	Estados Unidos da América
FEAL	Fundação Espírita André Luiz
FEB	Federação Espírita Brasileira
FEESP	Federação Espírita do Estado de São Paulo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEC	Ministério da Educação
MEU	Movimento Espírita Universitário
NEPE	Núcleo de Estudo e Pesquisa do Evangelho
PPCGR	Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião
SPEE	Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas
UEM	União Espírita Mineira
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco
USE	União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 ESPIRITISMO NA FRANÇA: uma doutrina filosófica	33
1.1 Espiritualismo Americano: um fenômeno transnacional no ocidente	33
1.1.1 <i>O “Fenômeno espiritual” das Américas</i>	34
1.1.2 <i>A travessia transatlântica do “fenômeno mediúnico”</i>	39
1.2 Espiritismo na França: uma filosofia espiritualista	44
1.2.1 <i>Sociedade francesa: fatores socioculturais</i>	45
1.2.2 <i>Espiritismo: o espiritualismo moderno à francesa</i>	54
1.2.3 <i>Filosofia Espírita: a “fé raciocinada”</i>	63
1.3 O Movimento Espírita Francês no século XIX	65
1.3.1 <i>Espaços da prática social espírita</i>	66
1.3.2 <i>Das polêmicas religiosas à Religião Filosófica</i>	72
2 ESPIRITISMO NO BRASIL: uma religião cristã	80
2.1 O Fenômeno em movimento pelo Brasil	80
2.2 Espiritismo em terras brasileiras: perspectiva histórica	84
2.2.1 <i>Século XIX: os primórdios do movimento</i>	84
2.2.2 <i>Século XX: entre federativismo, médiuns e rupturas</i>	94
2.2.3 <i>Século XXI: tecnologia, historiografia e novas polêmicas</i>	105
2.3 Espiritismo no Brasil: decolonizado da sua matriz europeia	112
2.3.1 <i>Adaptado ao Campo Religioso Brasileiro</i>	112
2.3.2 <i>Reencantamento do Fenômeno</i>	117
2.3.3 <i>O Pensamento Laico e Livre-Pensador</i>	120
3 ESPÍRITAS BRASILEIROS: em disputas no campo religioso	123
3.1 A Teoria da Sociologia de Bourdieu: aplicada ao Campo Espírita Brasileiro ...	123
3.1.1 <i>Teoria do Campo Religioso de Bourdieu</i>	124
3.1.2 <i>Aplicação da Teoria ao Campo Espírita Brasileiro</i>	126
3.1.3 <i>Limites da Teoria da Sociologia de Bourdieu</i>	133
3.2 Científicos e Místicos: em controvérsias religiosas	135
3.2.1 <i>Contexto e problemática</i>	135
3.2.2 <i>Campo de controvérsias</i>	141
3.2.3 <i>Análise bourdieusiana das controvérsias</i>	149
3.2.4 <i>Espaço público</i>	154
3.3 Kardecistas e Roustainguistas: em disputas doutrinárias	155

3.3.1	<i>Contexto e problemática</i>	156
3.3.2	<i>Campo de disputas</i>	162
3.3.3	<i>Análise bourdieusiana das disputas</i>	172
3.3.4	<i>Espaço público</i>	176
3.4	<i>Progressistas e Conservadores: em discordâncias políticas</i>	179
3.4.1	<i>Contexto e problemática</i>	180
3.4.2	<i>Discordâncias no espaço público</i>	184
3.4.3	<i>Análise das discordâncias</i>	187
4	<i>ESPIRITISMO: como religião do livro</i>	192
4.1	<i>Estudos doutrinários: a centralidade no livro</i>	194
4.1.1	<i>A Escrita e o Livro fundador do Espiritismo</i>	194
4.1.2	<i>Estudos Sistematizados nos livros</i>	197
4.1.3	<i>Sistema de Letramento: o rito de iniciação</i>	200
4.2	<i>Estudos aplicados: a centralidade nos evangelhos</i>	203
4.2.1	<i>Kardec e o estudo dos Evangelhos</i>	203
4.2.2	<i>O Problema Hermenêutico Espírita</i>	207
4.2.3	<i>O Espiritismo no Brasil e os Evangelhos</i>	212
4.3	<i>A Obra Espírita: conformada como cânone</i>	218
4.3.1	<i>A Formação do Cânone de Religião Letrada</i>	219
4.3.2	<i>A Composição do Cânone Espírita Francês</i>	222
4.3.3	<i>A Composição do Cânone Espírita Brasileiro</i>	232
4.4	<i>Espiritismo: configurado como religião</i>	248
4.4.1	<i>Elementos do Sagrado na “fé raciocinada”</i>	248
4.4.2	<i>Espiritismo na França: uma religião filosófica e letrada</i>	256
4.4.3	<i>Espiritismo no Brasil: uma religião cristã do livro</i>	268
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	279
	REFERÊNCIAS	285
	APÊNDICE – Matriz Religiosa Brasileira: a plasticidade híbrida da fé	314
	ANEXO 1 – Documento #217 – Comunicação/Diálogo [05/03/1865]	317
	ANEXO 2 – Documento #179 – Prece de Allan Kardec [02/12/1866]	318
	ANEXO 3 – Manuscrito “Trabalho a Executar para completar a Doutrina Espírita”	319
	ANEXO 4 – Manuscrito Inédito – Nova Religião [29/10/1865]	320

INTRODUÇÃO

A Doutrina Espírita ou Espiritismo foi criada na França, nos meados do século XIX, por Allan Kardec, pseudônimo do pedagogo francês Denisard Hippolyte Léon Rivail¹ (1804-1869). Este a conceituou como uma *ciência de observação* e ao mesmo tempo uma *doutrina filosófica*, conforme consta no preâmbulo da 6ª edição do seu livro *O Que é o Espiritismo*, de 1865 (Kardec, 2011a [1865]², p. 11). Ele explicou que é ciência por ter aplicado método científico de observação nas pesquisas sobre os “fenômenos espirituais” e é filosofia por conter consequências morais decorrentes dessas relações com os “Espíritos”. Allan Kardec concluiu afirmando que o Espiritismo aborda as mais graves questões da Filosofia, da ordem social dos povos e que abrange tanto o aspecto físico quanto o moral da humanidade (Kardec, 2009a [1862]).

O Espiritismo surgiu das pesquisas empreendidas por Kardec, observando os fenômenos das “mesas girantes”³, em diálogos escritos com os “Espíritos”. O resultado foi publicado primeiro em *O Livro dos Espíritos* em 1857, reeditado com ajustes e ampliações em abril de 1860. E depois em 1861, com *O Livro dos Médiuns*, concluindo a parte doutrinária com os princípios filosóficos constitutivos da Doutrina Espírita, apresentada como uma *Doutrina Filosófica*, registrada em livros, sendo cinco considerados principais.

Na segunda edição de *O Livro dos Espíritos*, em 1860, Kardec inseriu o subtítulo “*Filosofia Espiritualista*”. Segundo o filósofo da ciência, professor Silvio Seno Chibeni (2002), essa titulação indica a metodologia empregada na obra, com abordagem de forma sistemática e racional, seguindo conceituação de filosofia da época, sem excluir seu caráter científico. Essa conceituação, todavia, não evitou que surgissem polêmicas religiosas envolvendo a Igreja Católica e alguns clérigos predicantes franceses, praticamente por todo período de atuação de Allan Kardec (1857 a 1869). Tais polêmicas caracterizavam o Espiritismo como uma “*nova religião*” que surgiu em Paris (Revista Espírita, 2004b [1859], p. 196-208).

Por outro lado, Kardec publicou na *Revista Espírita* em 1868, o artigo intitulado *O Espiritismo é uma Religião?*, quando afirmou que o Espiritismo é religião, mas “*no sentido*

¹Nome civil definido no seu inventário em processo na justiça francesa devido às diferentes formas de grafias utilizadas por Kardec. A mais usual era Hippolyte Léon Denizard Rivail (Neto Sobrinho, 2017a).

²Nas citações das obras de Allan Kardec foram incluídos os anos dos originais ou de edições definitivas (entre colchetes ano da obra), completando o normativo da ABNT.

³“Mesas Girantes” – “manifestações mediúnicas” de efeitos físicos, como movimentos e deslocamento de corpos sólidos, atribuídos aos “Espíritos”. Podem ser espontâneas, independentes da vontade humana, ou provocadas. “Esse efeito igualmente se produz com qualquer outro objeto, mas sendo a mesa, por sua comodidade, o móvel mais utilizado, a designação de *mesas girantes* prevaleceu para indicar essa espécie de fenômenos” (Kardec, 2009a [1862], p. 97).

filosófico”. Justificou por não ter encontrado uma palavra adequada que exprimisse o conceito de uma religião destituída de rito, culto e sacerdócio. E não tendo o Espiritismo essas características preferiu conceituá-lo como uma “*doutrina filosófica e moral*” (Revista Espírita, 2005b [1868], p. 483-495).

Estudos como os de Amorim (2017), Araujo (2016), Arribas (2010, 2014), Aubrée e Laplantine (2009), Barros (2022), Camargo (1961), Camurça (2014, 2021, 2022), Cavalcanti (1983), Damazio (1994), Giumbelli (1997, 2003a), Incontri (2004, 2006), Lewgoy (2000, 2006, 2008), Machado (1983), Mattos (2019), Monroe (2008, 2015), Pimentel (2014, 2019), Santos (2004), Signates (2023) e Stoll (2002, 2003), demonstram que o Espiritismo foi influenciado desde a sua constituição pelo pensamento racionalista advindo da era Moderna. E não fugiu ao impacto da dialética fé e razão, apesar de seu fundador caracterizá-lo como uma ciência filosófica de consequências morais e o “maior auxiliar da religião”. Um mediador entre o pensamento científico e o religioso.

É plausível que essa dualidade apresentada pela Doutrina Espírita derive do estabelecimento por Kardec de uma proposta conciliadora entre ciência e religião, na qual o papel do Espiritismo seria o elo entre os conhecimentos racionais científicos e as proposições ética da religião, sintetizada na frase “*fé raciocinada*”. O século XIX foi marcado por descobertas científicas que irrigaram com tecnologia os séculos seguintes, o nominado século do progresso das ciências. Em seu primado, requeria dos pensadores elaboração de solução que harmonizasse essas duas importantes fontes de princípios norteadores da sociedade, a Ciência e a Religião.

Em concordância com o pensamento de complementaridade entre ciência e religião, Cruz (2013) e Pimentel (2019) admitem que é uma característica intrínseca ao Espiritismo, ser facilitador do diálogo entre essas duas vertentes do conhecimento humano, uma proposta de conciliação entre fé e razão. Na tese defendida por Marcelo Gulão Pimentel, o Espiritismo é apresentado como moderador das relações entre ciência e religião (Pimentel, 2019). Seguindo a afirmativa de Allan Kardec publicada na *Revista Espírita* de 1864: “*Se fosse impossível o acordo entre a Ciência e a religião, não haveria religião possível*” (Revista Espírita, 2004g [1864], p. 277).

Na literatura acadêmica, observou-se a conclusão quase unânime do caráter religioso do Espiritismo, quando da sua transposição da França ao Brasil. Entre os mais citados, destaca-se o trabalho dos antropólogos franceses Marion Aubrée e François Laplantine (2009), publicado originalmente em 1990. Eles analisaram esse fenômeno religioso sob a perspectiva histórica,

sociológica e antropológica, tendo sido o mencionado trabalho considerado um referencial nessa múltipla abordagem.

Outro estudioso de referência acadêmica, pioneiro e seminal na abordagem sociológica, foi Cândido Procópio F. de Camargo (1961), que tratou das religiões mediúnicas do Brasil. Foi o introdutor do conceito de “*continuum*” religioso, do africanismo da Umbanda à ortodoxia do Espiritismo. Seguindo essa linha, o antropólogo francês Roger Bastide analisou o sincretismo entre o Espiritismo e a Umbanda e os definiu como vertentes religiosas derivadas de escolhas vinculadas à classe social de seus profíctentes (Bastide, 1971).

Compreende-se dos estudos sociológicos que, na transposição de determinada doutrina ou ideia de uma cultura para outra, há uma naturalização conceitual junto com sua prática, fruto da adaptação à outra realidade sociocultural. Inclusive é considerada uma forma criativa de desenvolvimento da sociedade por assimilação cultural. No caso do Espiritismo no Brasil, não foi diferente. Alguns estudiosos concordam que houve uma natural acomodação com ênfase no aspecto religioso (Arribas, 2010).

Um fator relevante no Espiritismo é a importância do livro no seu espaço de prática. O antropólogo Bernardo Lewgoy (2000) considera o Espiritismo uma “*religião do livro, da leitura e do letramento*”. Similar às demais religiões do livro, devido à valorização da “cultura da escrita”, característica das doutrinas nascidas na modernidade. E mais: percebe como “rito de passagem” a prática instituída de iniciação ao Espiritismo através de leituras e de estudos. Diversos outros trabalhos constataam a importância da leitura e do letramento na prática espírita, ao lado da mediunidade e da caridade (Barros, 2022; Camargo, 1961; Cavalcanti, 1983; Giumbelli, 1997; Stoll, 2003).

Entre os acadêmicos e escritores consultados, os que mais se aproximam da temática Espiritismo e Religião do Livro são Araujo (2016), Arribas (2010), Camurça (2014, 2018, 2022), Lewgoy (2000) e Mello (2021).

A Doutrina Espírita nasceu na modernidade, escrita em textos e apresentada em livros, na forma discursiva com lastro na razão, característica do século XIX. E para sua compreensão é necessário um “*estudo sério*” dos textos recebidos dos “Espíritos Superiores” e elaborados por Allan Kardec, seu autor e representante no “mundo corporal”. Em suas palavras: “a explicação dos fatos que o Espiritismo admite, de suas causas e consequências morais, constituiu toda uma ciência e toda uma filosofia, reclamando estudo sério, perseverante e aprofundado” (Kardec, 2009a [1862], p. 38).

Aproveito para me apresentar. Minha origem é na área de exatas, tenho graduação em Engenharia Elétrica, pela Escola Politécnica de Pernambuco, da Universidade de Pernambuco

(1982). Depois me especializei em Sistema Elétrico de Distribuição de Energia Elétrica (1983-2000) e na área do mercado de energia elétrica (2001-2022). Fiz mestrado em Economia Internacional na Universidade Federal de Pernambuco (2008), com especialidade em Comércio Exterior. Trabalhei na área de finanças corporativas e de comercialização de energia. Faço parte do quadro de sócio efetivo do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, na área de estudo da agroindústria nordestina do açúcar do século XVI.

Desde cedo me envolvi com o assunto religião, interessado na importância que essa área tem para as pessoas, a ponto de definirem suas práticas e ações pelo que creem. Por motivos diversos, iniciei uma série de viagens a países em diferentes continentes e, na oportunidade, observei *in loco* expressões religiosas e seus profetas. Vi rituais, cultos, lugares sagrados, visitei monastérios, igrejas, templos, “campos santos” e, sobretudo, vi o rosto do Outro contemplar o amanhã na esperança do hoje.

Aderi ao Espiritismo no ano de 1983; portanto, há 42 anos. Participei ativamente do movimento federativo e de instituições espíritas em Alagoas e Pernambuco, onde resido atualmente. Colaborei em instituições de divulgação do Espiritismo em nível estadual e nacional. Em paralelo, contribuí para a historiografia do Espiritismo através de pesquisa bibliográfica das principais obras de Kardec: *O Livro dos Espíritos*, cujo resultado publiquei em livro (Lira Neto, 2019). E outros em parceria com a pesquisadora Luciana Farias, *O Livro dos Médiuns* (Lira Neto; Farias, 2022), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (Lira Neto; Farias, 2024) e *O Céu e O Inferno* (Lira Neto; Farias, 2025).

Aproveitei o ano pandêmico de 2020 para realizar cursos oferecidos na plataforma *online* da *Harvard University*, sobre religiões: Hinduísmo, Budismo, Sikhismo, Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Estes me proporcionaram conhecimento do contexto histórico do surgimento e desenvolvimento de suas escrituras e tradições, bem como da formação dos seus cânones, das vertentes originais, das rupturas e derivações e o comparativo entre elas.

Daí nasceu o interesse pelo tema da tese, quando observei similaridades entre o processo de formação dos cânones das religiões acima estudadas, com o observado no movimento espírita em relação aos textos do Espiritismo. Pesquisei para aprofundar no tema, empreendi estudos na literatura acadêmica e em livros especializados.

Percebi a necessidade de estudar religião de forma mais estruturada, entender a conceituação filosófica e a abordagem científica. A literatura selecionada conduziu-me à fenomenologia da religião e desta para a Ciência da Religião. Em contato com a matéria, verifiquei que esta disciplina oferecia as condições adequadas para dar suporte à pesquisa pela sua abordagem metodológica e epistemológica. E no exercício de pesquisas empíricas sobre os

fenômenos religiosos, com comparação e sistematização das observações e informações especializadas.

Então, aplicar a metodologia comparativa da formação dos cânones de diversas religiões com os fatos observáveis nas interpretações e discussões dos textos do Espiritismo, ensejou o empreendimento desta pesquisa. Para tanto, decidi participar do curso de Doutorado no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião (PPGCR) da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), na área de pesquisa do Campo Religioso Brasileiro, Cultura e Sociedade.

O campo das Ciências da Religião, para mim, tomou conotação de uma dualidade a ser compreendida na convergência de várias ciências para sistematizar e consolidar uma epistemologia da transcendente experiência humana. Como última fronteira do saber, no sentido da causalidade radical, que instiga o exercício empírico na procura de um método que possa compreendê-la. Considero ainda que a religião, ressentida pelo “esquecimento” dos cientistas, coloca-se como objeto concreto para ser pesquisada e sistematizada com metodologia científica. Se a mente já tem seus pendores racionais e científicos, por que não aplicá-la à religião transcendental?

O fenômeno religioso abarca a consciência como uma chama viva que estimula níveis profundos da nossa identidade. O individual reagindo no coletivo, e, de novo, surpreendido percebo-me substância singular. Ao ser envolvido no fenômeno religioso, sou “conduzido” a experimentar o Sagrado. Esse campo profético/mágico separado da experiência comum que induz à eloquente procura pela imortalidade. Para ser imortal como um semideus da mitologia grega.

A questão principal da pesquisa é – sendo o Espiritismo, originariamente uma Doutrina Filosófica na França, que apresentou no Brasil uma conformação de religião de matiz cristão, segundo estudos acadêmicos – poderia apresentar configuração de uma Religião do Livro, derivada de conflitos internos ao movimento espírita brasileiro, em ser religião ou não, alimentada por conflitos no espaço público? Esses caracteres de Religião do Livro teriam conexão com sua matriz francesa? De par dos elementos de um sistema articulado de Religião do Livro, seria possível observar na literatura espírita, na mídia eletrônica e em sítios na internet informações que deem suporte a essas problemáticas do Espiritismo ambientado na sociedade brasileira?

Por conseguinte, seria possível demonstrar, também, que os espíritas desencadearam um processo de transformação dos escritos de Allan Kardec em cânone sagrado, à feição de outras escrituras de religiões de âmbito mundial, como o judaísmo, cristianismo e islamismo, cujas

escrituras sagradas foram transformadas em cânones, alguns de perfil fechado, dificultando agregar novos conceitos e interpretações, arrefecendo a dinâmica de atualização? Segue-se ainda o questionamento: estaria o Espiritismo configurado, não só como religião cristã no Brasil, mas como uma Religião do Livro, dada a centralidade dos Evangelhos?

O caráter religioso do Espiritismo no Brasil não ocorreu sem sérias objeções a esta conformação. Surgiram “*controvérsias do movimento espírita*”, com o estabelecimento de linhas interpretativas e de rupturas institucionais, com a formação de grupos antagônicos, como os “*místicos*” e os “*científicos*” no final do século XIX (Abreu, 1996, Amorim, 2011; Araujo, 2016; Arribas, 2010; Damazio, 1994, Ribeiro Júnior, 2022).

A discussão prosseguiu no século XX com os “*roustainguistas*”, adeptos de Jean-Baptiste Roustaing (1805-1879), que publicou a obra *Os Quatro Evangelhos* em 1866 e imprimiu uma forte conotação religiosa ao Espiritismo no Brasil. E os “*kardecistas*” que defendem uma visão científico-filosófica com base apenas nas obras de Allan Kardec (Santos, 2004; Abreu Filho; Pires, 1973). Essas controvérsias têm momentos de arrefecimentos e de recrudescimentos, junto de outras discussões no espaço público brasileiro, com os ditos “*progressistas*” e “*conservadores*”, repercutindo temas políticos da atualidade no país.

Foi a trama que pretendi pesquisar para demonstrar o processo de transformação do Espiritismo de Doutrina Filosófica em Religião do Livro. Frente às narrativas dos grupos espíritas em controvérsias doutrinárias, discutindo se o Espiritismo seria ciência ou religião influenciado pela atividade dos “Espíritos Superiores”. E em específico, verificar a evolução histórico-cultural do Espiritismo na França, derivado do Espiritualismo Moderno e contextualizado como um fato social no século XIX e na sua constituição em Doutrina Filosófica, sob a influência do dilema da modernidade entre fé e razão.

Além de identificar na transmigração do Espiritismo para o Brasil, as possíveis causas que o levaram a apresentar características de Religião Cristã, bem como suas singularidades frente à matriz francesa. E ainda analisar o cenário das principais narrativas e controvérsias dos espíritas no Campo Espírita Brasileiro, nos períodos de 1870 a 1900 entre “*científicos*” e “*místicos*”. Em 1901 a 2019 com os “*kardecistas*” e “*roustainguistas*”, identificando os argumentos que embasaram essas controvérsias, sob a perspectiva da Teoria de Campo Religioso de Bourdieu. E a análise das disputas no espaço público com os “*progressistas*” e “*conservadores*” em 2018 a 2025.

Por fim, demonstrar e analisar, sob a teoria da formação de um Cânone de Crotto (2001, 2002) e Terrin (2003) que colocam a experiência religiosa no centro de suas pesquisas. Contrabalançando as discursões no campo da antropologia sociocultural: “a religião já existe e

antes de qualquer reflexão sobre a própria religião” (Terrin, 2003, p. 32). E a aplicação da Hermenêutica Bíblica de Paul Ricœur (1989, 2006), examinando a possibilidade da configuração do Espiritismo em Religião do Livro centralizada na interpretação dos Evangelhos.

Utilizei nesta pesquisa os seguintes teóricos e conceitos. Para o fato social, a conceituação de David Émile Durkheim (1858-1917), que alude a toda forma exterior coercitiva de moldar o agir das pessoas, adaptando-as às regras gerais da sociedade nas quais interagem. Fato caracterizado como de ordem geral, coercitivo e externo e que não pode ser modificado pelo indivíduo, devido à consciência coletiva modeladora do ato (Durkheim, 2004). Em cada momento, os fatos sociais determinam configurações no quadro social delimitado pela estrutura anterior que não pode ser modificada pela vontade no curto período. Assim, o quadro social, dinâmico em si, impõe limites do que é possível ou não, a cada momento.

Conceituações sobre religião em Durkheim, que defendeu a ideia de que os fenômenos religiosos são resultantes do contexto social, da coletividade e não de fatores divinos ou individuais, sendo um fenômeno coletivo – expressão da coletividade (Durkheim, 2004). A de Maximilian Karl Emil Weber (1864-1920), que percebia a religião como parte de uma rede de relações e de ações sociais que podem exercer influência sobre o indivíduo, no intuito de dar sentido a sua conduta e que tem capacidade de alterar a estrutura social (Weber, 2002).

E, por sua vez, Clifford James Geertz (1926-2006), que tratou religião como um sistema cultural e simbólico que visa estabelecer uma harmonia entre a vida privada do indivíduo com uma concepção específica de mundo (Geertz, 2022).

Em suma, a visão do fato religioso, que em Émile Durkheim tem concepção funcionalista com a reificação da sociedade; portanto, reducionista. Enquanto a de Max Weber e Clifford Geertz têm uma perspectiva fenomenológica e complexa. Ambas auxiliaram na análise do “fenômeno mediúnico”⁴ como um fato social e simbólico na cultura estadunidense e europeia, que se incorpora à matriz cultural de cada sociedade, segundo esses teóricos clássicos. Um fenômeno que se movimenta sob a dinâmica social (por isso fato), com seu viés simbólico cultural que foi além das “manifestações mediúnicas” de movimento de objetos.

Por isso, o “fenômeno mediúnico” foi analisado sociologicamente como fenômeno religioso por envolver “almas do outro mundo”. Foi submetido aos condicionantes espaço-temporal, sendo interpretado e incorporado à determinada sociedade. Um fato social, reflexo do movimento do fenômeno em culturas diferenciadas.

⁴“Fenômeno Mediúnico” ou “fenômenos espíritas” ou “manifestações mediúnicas” ou “espirituais” são fenômenos produzidos por “inteligências extracorpóreas”, ou seja, por “Espíritos” (Kardec, 2009a [1862], p. 80).

Para análise e compreensão das disputas internas ao movimento espírita brasileiro, foi escolhido como referencial a Teoria do Campo Religioso de Bourdieu. Apesar de esse referencial se vincular mais diretamente à sociologia cultural, com aporte metodológico de modelos microeconômicos, aqui foi empregado no sentido de uma epistemologia do simbolismo religioso aplicada às tensões das relações de poder na sua legitimação. Daí a apropriação dos conceitos de “*campo*” como um espaço estruturado de disputas dos agentes, os “*especialistas*”, pelo monopólio de “*bens de salvação*”, o de “*habitus*”, como modelo de conformação e de orientação das ações dos agentes no “*campo*” religioso (Bourdieu, 1998 [1974], p. 57).

Segundo Silveira *et al.* (2019), o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002) inseriu no seu modelo contribuições teóricas, aparentemente antagônicas e excludentes. Mas elaboradas sob novas perspectivas, como as de Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber, considerados os fundadores da sociologia.

Adaptei essa teoria às especificidades do Campo Espírita Brasileiro. Nele, o poder religioso se configura na interpretação doutrinária “*mais coerente*” com a Doutrina Espírita de Allan Kardec. Ou no “*verdadeiro Espiritismo*” e na construção de um referencial simbólico, como medida de acúmulo de “*capital religioso*” para se posicionar como “*porta-voz*” da Doutrina Espírita. Dessa maneira, constitui-se em “*capital doutrinário*” que se transforma em “*capital simbólico*” devido ao reconhecimento por seus agentes da importância do “*saber doutrinário*”.

Outros pesquisadores aplicaram a Teoria de Campo Religioso de Bourdieu ao estudo do Espiritismo no Brasil, como Arribas (2012), Amorim (2017) e Mattos (2019, 2020), mas não se aprofundaram nas análises dos grupos de divergências internos ao movimento espírita, a fim de compreender a disputa em ser “*mais verdadeiro*” e as consequências derivadas.

Essa teoria apresenta um viés integrativo, o que também motivou a escolha. Pois corrobora com a percepção de que as divergências estão mais associadas às disputas argumentativas pelo poder hegemônico (“*monopólio*”). Na condução do movimento espírita (“os leigos”) na direção da “*forma correta*” da prática espírita. Na disputa para ser o “*porta-voz do Espiritismo*”, do que no sentido de modificar ou alterar a estrutura dos princípios básicos da Doutrina Espírita. Esses são pontos de convergência dos grupos espíritas (Mattos, 2020, p. 18).

A verificação da possível configuração do Espiritismo em Religião do Livro, contou com o apoio de outro teórico, Paul Ricœur (1989, 2006). No auxílio da *exegese* e da hermenêutica bíblica para compreensão do problema hermenêutico espírita, dada a centralidade nos Evangelhos da Doutrina Espírita. Os pressupostos das Ciências da Religião, aplicado à

Hermenêutica de texto, segundo Higuete (2013) e Josgrilberg (2012), tornou-se um método apropriado como “*complemento crítico*”, devido à preferência a abordagem “*empírica e quantitativa*” desta disciplina.

Contou-se também com a ajuda de Aldo N. Terrin (2003) e de José S. Croatto (2001, 2002) no exame da formação do Cânone nas religiões e na análise dos livros sagrados. Que, segundo Aldo N. Terrin (2003, p. 139): “amplia a visão do próprio conhecimento do mundo das religiões, da sua história e da sua formação”.

De posse desses referenciais teóricos, colocou-se em ação a análise-interpretativa da concepção de escritura sagrada, sua constituição em Cânone e suas consequências: a sacralização e dogmatização dos textos. Para em seguida requerer novas interpretações, reiniciando assim o processo de canonização de textos religiosos de religião letrada. De acordo com Croatto (2002, p. 489, tradução nossa), o Cânone “é um fenômeno tardio dentro de uma cosmovisão”⁵, apesar de estar fechado a novos textos, solicita novas interpretações.

O mitólogo Mircea Eliade (2018) auxiliou na discussão sobre o Sagrado no Espiritismo, com sua visão fenomenológica da religião. Eliade compreende o mito como função estrutural e não cronológica, na tríade Mito-Rito-Sagrado, para categorizar o Sagrado e o Profano.

Em relação à Doutrina Espírita, o referencial teórico escolhido foi o filósofo e professor José Herculano Pires (1914-1979) que conceituou o Espiritismo como “uma síntese dos esforços humanos para compreensão do mundo e da vida” (Pires, 1995).

A pesquisa foi desdobrada em duas fases metodológicas de coleta de dados, uma bibliográfica e outra documental. Conforme Antônio Carlos Gil (2002) são as mais adequadas para estudos historiográficos e para a coleta de dados bibliográficos. Importantes por ampliar o entendimento do problema e de suas hipóteses, facilitando o cruzamento das informações.

A Bibliográfica foi suportada em fontes primárias e secundárias encontradas na imprensa institucional e confessional, composta por livros, revistas, jornais, mídia eletrônica, sítios na internet e em trabalhos acadêmicos.

A Documental foi abastecida em fontes primárias inéditas de manuscritos e de documentos originais pertencentes ao acervo do Projeto Allan Kardec (2025)⁶ e de seus contemporâneos. Nas recentes pesquisas que abriram discussões na revisão da biografia de Allan Kardec (Bastos, 2020, 2022, 2024; Campos, 2023; Figueiredo, 2017, 2019). Nos estudos sobre a formação e estruturação dos livros fundamentais da Doutrina Espírita (Chibeni, 2002;

⁵[...] *ya un fenómeno tardío dentro de una cosmovisión.*

⁶Manuscritos disponíveis no repositório do Projeto Allan Kardec na Universidade Federal de Juiz de Fora, plataforma digital com o objetivo de permitir acesso a centenas de manuscritos e documentos de Allan Kardec.

Lira Neto, 2019; Lira Neto; Farias, 2022, 2024, 2025). Nas pesquisas historiográficas do Espiritismo e nas biográficas de personalidades importantes do movimento espírita (Bastos, 2022; Berlanza; Pacheco, 2023; Klein, 2021; Ribeiro Júnior, 2022).

Os dados historiográficos apontam para novas interpretações das características do Espiritismo na França na era kardeciana e pós-kardeciana, proporcionando análises diversas e abrangentes sobre o Espiritismo, disponíveis em sítios especializados como no Museu AKOL (2025), no CSI do Espiritismo (CSI [...], 2025), em Obras de Kardec (2025) e no Portal Luz Espírita (2025).

As fontes primárias e secundárias foram trabalhadas em três camadas consultivas. A primeira constituída pelas obras fundamentais da Doutrina Espírita conforme relação da seção I, apresentada por Kardec no seu *Catálogo Racional de Obras para se Formar uma Biblioteca Espírita*⁷, publicado em encarte na *Revista Espírita* no fascículo de abril de 1869.

Os cinco livros principais são os escritos que modelam a Doutrina Espírita com seus princípios básicos. Seus textos foram considerados nesta pesquisa como relevantes por serem de autoria de Allan Kardec, submetidos ao critério do *Controle Universal do Ensino dos Espíritos*⁸, em conjunto com os demais livros dessa seção, os resumos da Doutrina Espírita.

A segunda camada é composta pelo acervo da *Revista Espírita*, instrumento que Kardec se servia para interagir com a comunidade interessada. Um repertório de informações e de discussões que permitiram mapear a evolução discursiva e conceitual na linha histórica, notadamente da área religiosa.

A terceira e última camada é o repositório do Projeto Allan Kardec, plataforma digital com o objetivo de permitir acesso a centenas de manuscritos e documentos de Allan Kardec, sob a responsabilidade da Universidade Federal de Juiz de Fora, composto por três acervos.

O primeiro pertence ao Instituto Canuto Abreu, sob a guarda do Centro de Documentação e Obras Raras (CDOR) da Fundação Espírita André Luiz (FEAL), em São Paulo. Tal material foi coletado nas pesquisas de Silvino Canuto Abreu (1892-1980), quando viajou à França no início e em meados do século XX.

O segundo, pertence à instituição virtual Museu AKOL (2025), cujo curador é o pesquisador Adair Ribeiro Júnior. Esse acervo foi adquirido da *Librairie Leymarie*, estabelecimento histórico do Espiritismo, remanescente do século XIX, Paris.

O terceiro acervo – *Forestier*, derivado do nome de Hubert Forestier (1901-1971),

⁷Ver artigo sobre as versões do Catálogo Racional em Adair Ribeiro Júnior, Luciana Farias e Carlos Seth (2022).

⁸Método utilizado por Kardec na seleção e análise das comunicações e de seu conteúdo (ver Capítulo 1).

espírita francês do século XX. A família de Forestier entregou a Charles Kempf⁹, que o disponibilizou ao Projeto Allan Kardec.

Essa rica documentação irriga as novas pesquisas e reescreve fatos históricos e biográficos do Espiritismo, em especial de Allan Kardec e de Amélie-Gabrielle Boudet (1795-1883), sua esposa¹⁰.

As informações coletadas nesse acervo foram consideradas, na maioria das vezes, como indicativas, dado que são informações advindas de manuscritos originais formados por memórias e registros pessoais, carentes de contextualizações.

O arco cronológico e geográfico da pesquisa partiu dos meados do século XIX, nos Estados Unidos da América, com informações sobre o movimento do Espiritualismo Moderno. Depois na sua ambientação na França, quando se transmudou em Doutrina Filosófica. Prosseguiu no Brasil oitocentista, avançando para o século XX em meio às controvérsias, como uma Religião Cristã. E se encerra no presente século XXI, na provável configuração de uma Religião do Livro.

O campo de análise se tornou amplo no espaço e no tempo para dar conta de um fenômeno transnacional do *Modern Spiritualism*, que permeia toda a evolução do Espiritismo na França e no Brasil, fazendo eco ao dilema da modernidade entre ciência e religião.

Alguns esclarecimentos quanto à terminologia Espiritismo e Espiritualismo. O termo Espiritualismo é utilizado, de forma geral, para designar o movimento que tem por base a crença na existência e sobrevivência de “Espíritos” e na capacidade destes para se comunicarem com os vivos. Por sua vez, o termo Espiritismo designa a Doutrina Espírita fundada por Allan Kardec, na França em 1857, e se refere a uma filosofia espiritualista que representa uma das fases do Espiritualismo.

Por sua vez, o termo movimento espírita fica aqui entendido a atuação dos espíritas, de forma individual ou em grupo, nas instituições espíritas de diversos caráter: centros espíritas, asilos, lares geriátricos, hospitais, clínicas, centros educacionais, institutos culturais, associações de profissionais, federativas nacional, estadual e municipais, empreendimentos editoriais e gráficas, espaços virtuais na internet, entre outros.

Quanto à grafia de palavras nesse texto, as palavras êmicas foram grafadas entre aspas, tais como “encarnado”, “desencarnado”, “mundo espiritual”. O termo “Espírito” é de especial

⁹De nacionalidade francesa, atualmente é o presidente da *Federação Espírita Francesa* e da rede de colaboração das pesquisas da historiografia do Espiritismo. Trabalhou um período no Brasil da década de 80, século XX.

¹⁰Ver *Espíritos sob investigação: resgatando parte da história* de Carlos Seth Bastos (2022), *Cidadão Rivail: raízes e vida de Allan Kardec* de Pedro de Campos (2023) e *Biografias de Kardec sob investigação: corrigindo imprecisões* de Carlos Seth Bastos (2024).

consideração na Doutrina Espírita, sendo grafado entre aspas com a letra inicial em maiúscula para designar os “seres inteligentes da criação que povoam o universo além do mundo material e constituem o mundo invisível”, segundo Kardec (2009a [1862], p. 622). Nas outras formas não êmicas, a palavra *espírito* foi grafada em letra minúscula sem aspas.

A palavra *Espiritismo* também foi grafada com a primeira letra em maiúscula respeitando a forma gráfica final de Kardec¹¹. Para o nome do “coordenador espiritual” foi utilizada a grafia “Espírito de Verdade”, a forma utilizada por Allan Kardec nas obras fundamentais da Doutrina Espírita, especialmente em “*O Evangelho Segundo o Espiritismo*”. Refere-se a uma individualidade, isto é, uma designação específica, salvo nos textos de J. B. Roustaing. Quanto às outras “personalidades espirituais”, os nomes foram grafados entre aspas. No mais, seguiram-se as formas aceitas pelo arcabouço normativo brasileiro.

Nas referências às obras de Allan Kardec foram colocadas os anos dos originais ou de edições definitivas (entre colchetes ano da obra), completando o normativo da ABNT, uma vez que, nesta pesquisa, a linha diacrônica é de particular importância, principalmente em relação à *Revista Espírita, Reformador*, entre outras. Também ocorreu em obras de importância como Bourdieu, Durkheim, *Emmanuel*, Henri Sausse, “Humberto de Campos” [Espírito], João do Rio, Pierre Weil, Renan, Roustaing, Tocqueville e William James.

Esta pesquisa foi inserida na linha de pesquisa Campo Religioso Brasileiro, Cultura e Sociedade do PPGCR da UNICAP, que se fundamenta no pressuposto de que a religião, na sua prática coletiva, constituiu-se num fenômeno social que requer estudos críticos e sistemáticos multidisciplinares para a compreensão da cultura brasileira. Essa linha está definida em três blocos temáticos: Religião e Práticas Políticas e Sociais, Identidade e Religião, e Identidade e Sincretismos Religiosos.

Abordar um tema dentro de um complexo movimento religioso é um desafio, principalmente no contexto atual, mas que se impõe pelo critério da análise estruturada na busca por sentido. O desafio torna-se ainda maior quando a análise parte do campo experiencial do próprio investigador, forçado a ser equidistante para manter o equilíbrio necessário do binômio observador-objeto, mas não o suficiente a ponto de perder a identidade e a experiência-em-si.

É nesse sentido que a noção de *reflexividade* do sociólogo Bourdieu foi aplicada como conceito metodológico na investigação da relação entre o objeto pesquisado, o Espiritismo. E as condições sob as quais a pesquisa se realizou – o *habitus* do sujeito observador, o autor da

¹¹Ery Lopes, pesquisador e tradutor das obras espíritas de Kardec, alertou que apenas na última obra fundamental da Doutrina Espírita, *A Gênese*, é que a palavra Espiritismo está grafada exclusivamente com letra maiúscula. Uma das possíveis causas, é que Kardec no final da existência estava convicto da preponderância da Doutrina.

pesquisa, que impacta nos resultados. De acordo com Bourdieu, deve-se “questionar os pressupostos inerentes à posição do observador ‘objetivo’ que, dedicado a ‘interpretar’ as práticas, tende a importar para o objeto os princípios de sua relação com o objeto”. Portanto, o conhecimento não depende apenas do ponto de vista particular do observador sobre o objeto, mas é algo mais aprofundado, que requer uma análise lógica da prática (Bourdieu, 2013 [1980], p. 46-49).

O Objeto de pesquisa, de acordo com esse teórico, é construído no desenvolvimento da própria pesquisa, com muita retroalimentação, “o trabalho científico não é uma operação linear”. Predispondo, no decorrer da pesquisa, alterações nas questões preliminares, reconsiderações de teorias selecionadas e ajustes nos fatores constitutivos dos processos (Thiry-Cherques, 2006, p. 41).

Em suma, realinhar as premissas *pari passu* o desenvolvimento da pesquisa, checando os resultados obtidos com as conclusões preliminares, a fim de minimizar a variável *habitus* do pesquisador. Ou seja, fazer uma constante “vigilância epistemológica” (Bourdieu; Chamboredon; Passeron, 2010 [1968], p. 14).

Sendo assim, a pesquisa foi acompanhada dessa reflexão sobre o objeto pesquisado, o Espiritismo¹², e o sujeito da pesquisa, o autor da tese, assumido como espírita, que empreendeu, há algum tempo, como proposta inquietante, mover-se acima das discussões dominantes no movimento espírita brasileiro. Essas giram acerca de conceitos doutrinários e não doutrinários, entre o Espiritismo ser ciência ou religião, como uma força coercitiva para questionar esse processo de um saber doutrinário entre fé e razão. E se este levaria ao uso dogmático dos textos fundamentais e, por consequência, a uma possível configuração do Espiritismo em uma Religião do Livro.

Tomar o Espiritismo como campo de pesquisa justifica-se pela sua relevância, continua a ser a terceira maior religião do Brasil, atrás dos católicos e evangélicos, de acordo com os dados do censo obtidos por meio de amostragem realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022. Em números absolutos, são 3,2 milhões de pessoas que se autodeclararam espíritas, aproximadamente 1,8% da população brasileira. No entanto, houve um decréscimo inédito em comparação aos censos das últimas décadas. Decresceu 18% em relação ao de 2010, que registrava cerca de 3,8 milhões de declarantes espíritas, correspondente a 2,2% dos brasileiros.

¹²Por isso, o uso entre aspas das palavras e expressões de natureza e categoria êmica.

A análise preliminar empreendida por João Damasio (2025) indica fatores multicausais, como a perda das principais lideranças e referências culturais, como os médiuns Francisco Cândido Xavier (1910-2002) e Divaldo Pereira Franco (1927-2025). O arrefecimento da onda de filmes e telenovelas espíritas. Mudanças no cenário da assistência social, com a ampliação de políticas públicas. A afirmação da identidade religiosa, principalmente a umbandista, que cresceu; entre outras.

Outro aspecto importante do Censo de 2022, similar aos anteriores, é o perfil socioeconômico diferenciado dos espíritas quando comparado aos demais grupos religiosos. Estes detêm os mais expressivos indicadores de educação e renda (48% com nível superior completo), concentrado na faixa etária de idosos (24,3% acima de 60 anos), público feminino majoritário (60,6%) e alta taxa de acesso à internet (96,6%). Índices que suplantam com vantagem as outras denominações religiosas do país (Vieira, 2025).

Apesar de o percentual de autodeclarados espíritas ser diminuto nas pesquisas do IBGE, há um importante fator quando se verifica a crença em princípios notoriamente defendidos pelo Espiritismo. Princípios tais quais: reencarnação, mediunidade, vida após a morte, vida em outros planetas, transmigração das almas e “regiões no plano espiritual”. Esses são aceitos pela maior parte da população no Brasil, como no caso da pesquisa sobre Reencarnação, a qual apontou que a maioria dos entrevistados (59%) disse acreditar já ter vivido outras vidas. (Gil, 2014, p 214-215).

Outro ponto que justifica a pesquisa é contribuir para estudos acadêmicos sobre o Espiritismo, que apresenta um índice crescente de trabalhos. Tal fato constatado na consulta realizada em 2023, para a expressão Doutrina Espírita (com exclusão da área de conhecimento Direito), nos dois principais bancos de dissertações e teses no Brasil, o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com cerca de 500 mil trabalhos de pós-graduação desde 1987 e o da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), que reúne cerca de 800 mil trabalhos.

Na CAPES, foram identificadas 793 produções, entre Teses e Dissertações. E no outro banco de dados (BDTD), foram identificadas 708 teses e dissertações. Portanto, apesar de o atual percentual ser inexpressivo, há 12 anos o tema Doutrina Espírita ou Espiritismo tinha apenas 246 trabalhos acadêmicos registrados nessas plataformas, no período de 1983 a 2009 (Albuquerque, 2010).

A literatura espírita ainda carece de uma abordagem historiográfica da sua construção, que demonstre que toda escrita parte de um autor, de sua capacidade discricionária do que entra

e sai do texto final, mesmo que advindos por “revelação” ou “inspirados” e recepcionados pela mediunidade”.

Sabe-se que uma das principais formas para se compreender uma religião é através das suas escrituras, que apresentam sua síntese conceitual, os mandamentos, a estrutura de discurso (oral ou escrito), a argumentação da vida humana e do divino, sua formação e readaptação aos tempos e indivíduos. No entanto, a interpretação circunstancial dessas escrituras proporciona novos valores e, às vezes, serve de base para reforçar argumentos em prol de determinada vertente interpretativa, possibilitando rupturas (Croatto, 2002).

Pesquisas bibliográficas sobre o fundador do Espiritismo, Allan Kardec, tiveram iniciativas pioneiras como a de Henri Sausse, de 1896 (Bastos, 2024). Outras no século XX, com destaque para Thiesen e Wantuil (1980). Mas, no século XXI, bem tardio, que despontaram novas iniciativas, acima referidas, que fizeram revisão da biografia de Allan Kardec, trazendo novos entendimentos até então “adormecidos”. A consequência disso foi o atraso provocado nas investigações e na defasagem histórico-cultural dos estudos acadêmicos. Estes até então, não refletiam devidamente o personagem principal da Doutrina Espírita, referenciando-o simplesmente como “codificador”.

Outra constatação é a de que na literatura, há estudos sobre a formação e atuação de grupos de controvérsias espíritas brasileiros, suas motivações e principalmente na demarcação de posições no campo doutrinário com o uso de narrativas, calcadas nas obras fundamentais da Doutrina Espírita. Todavia, não ampliaram a análise para verificar a existência de um processo de transformação dos livros fundamentais da Doutrina Espírita em textos fechados sob a forma de Cânone. Isso leva o Espiritismo ter características de uma Religião do Livro, a exemplo do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, tratados pela hermenêutica da religião.

É marcante na humanidade o sentido de fé e religião, a transcendência humana impacta a coletividade, sendo fator de transformação da cultura, o que vem a exigir, principalmente na atualidade, contribuições para os estudos situados nessa temática. A polarização entre fé e razão supera a compreensão de fatores decisivos que impedem o estabelecimento de uma cultura de paz e convivência harmônica entre os diferentes. Daí, a importância da disciplina Ciências da Religião, que tem as condições necessárias para a análise e compreensão desse fenômeno. Seus princípios e metodologias importados das ciências humanas, conformados com elas e consolidados pelo consenso dos pares, podem e devem retornar com novos paradigmas de vertente alteritária.

A área Ciências da Religião foi criada no final do século XIX como uma forma de conciliar os estudos das crenças religiosas com as perspectivas científicas da modernidade. Vive

também o seu próprio dilema entre a explicação e a compreensão dos fenômenos religiosos. O primeiro está situado no domínio das Ciências da Natureza e o segundo está permeado de características das Ciências Humanas, campo de conflito epistemológico analisado por Fabiano V. Campos (2020, p. 69-82). Faz parte de seus estatutos a “*suspensão de juízo de valor*”, a “*propensão dialógica*” com diversas disciplinas de humanidades e a Interdisciplinaridade com variadas áreas das ciências humanas (Aragão, 2011, p. 97).

Princípios esses que qualificam as Ciências da Religião como disciplina de mediação para o empreendimento dessa pesquisa, que pretende identificar, analisar, compreender campos de controvérsias e acirramentos de posições.

Ante o exposto, verifica-se a necessidade de aprofundar as possíveis causas que demandam a percepção da transformação do Espiritismo, numa linha sucessiva e adaptativa, das observações dos fenômenos das “mesas girantes” à constituição em Doutrina Filosófica na França. Depois, quando transposto ao Brasil, conforma-se em uma Religião Cristã. E na perspectiva dessa pesquisa, com a possibilidade de estar configurado em Religião do Livro. Isso não apenas devido ao letramento dos seus profíctes, observado em outros trabalhos acadêmicos, mas também advir do resultado das discussões dos grupos espíritas e da centralidade no Livro e nos Evangelhos, intrínseca ao processo de formação da Doutrina Espírita.

Explanados os principais pontos desta pesquisa, passo a apresentar a estrutura da Tese, desenvolvida em quatro capítulos com a disposição dos assuntos:

No capítulo primeiro, intitulado *Espiritismo na França: uma doutrina filosófica*, analisei a formação Espiritismo contextualizado na realidade histórico-cultural na França do século XIX, como uma particular vertente do *Espiritualismo Moderno*. Um fenômeno transnacional que invadiu a Europa partindo do continente norte-americano e circum-navegou o mundo.

Tratei o “fenômeno mediúnico” como fato social transnacional apoiado na conceituação de Tyrrell (1991, 2007), sobre fenômeno religioso e cultural e nas teorias clássicas de Durkheim (2004, 2019), Weber (2000, 2002) e Geertz (2022). Ambientado na cultura francesa, a sua original tradução, a Doutrina Espírita, com seus princípios e obras fundamentais, que racionalizaram o fenômeno provocando um “*desencantamento fenomenológico*” na linha interpretativa de Weber (2000).

Verifiquei ainda o movimento social gerado em torno dessa Doutrina Filosófica, as características e dinâmica no período do seu principal agente, o educador Allan Kardec, de 1857 a 1869. Considero sua prática na coletividade espírita como fato social na implantação de um

modelo estruturante no movimento espírita francês. Explicitado com a criação da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* (SPEE), nos artigos publicados na *Revista Espírita*, nos relatos das viagens propagandistas. E culminado na proposta de organização e internacionalização do Espiritismo, a *Constituição Transitória do Espiritismo*, enquanto movimento. Segui com a análise das polêmicas religiosas suscitadas interna e externamente ao movimento espírita, que levaram Kardec a discutir o Espiritismo, no campo religioso, como uma Religião Filosófica.

No capítulo segundo, com o título *Espiritismo no Brasil: uma religião cristã*, analisei o Espiritismo aportado no Brasil, quando o fenômeno atravessou o Atlântico de volta ao continente americano e absorveu o colorido da cultura brasileira oitocentista. Demarcada por uma ambiência religiosa multivariada, *o fenômeno foi tropicalizado*, contrapondo-se ao Espiritismo na França. Adianto que defendi que o Espiritismo não foi corrompido ou desvirtuado da sua origem, como apontam alguns estudos, mas que passou por uma natural adaptação cultural do francês à cultura local, uma forma de *decolonização* europeia.

Apresentei uma linha histórica com os principais fatores que formaram o Movimento Espírita Brasileiro do século XIX, as primeiras instituições e controvérsias. Dissertei sobre a formação do federativismo no século XX, firmado na *Federação Espírita Brasileira* (FEB) e na influência do binômio “*guia espiritual-médium*”, com a produção em alta escala de livros. Relacionei as rupturas doutrinárias no movimento espírita brasileiro e as pressões sofridas do Estado, da Área Médica e da Igreja Católica. No século XXI, a influência da tecnologia, da historiografia e as polêmicas na esfera política.

Conclui com a análise das singularidades do Espiritismo no Brasil, que o diferencia da sua matriz francesa. Parti da sua conformação ao Campo Religioso Brasileiro, das características que o configuram como uma Religião Cristã. Conquistada pelo *reencantamento do fenômeno*, na participação dos médiuns e seus “guias espirituais”, com a criação do Mito Fundador, na prática da “*terapêutica espírita*” e no exercício da caridade, o *ethos* espírita por excelência.

No terceiro capítulo, *Espíritas Brasileiros: em disputas no campo religioso*, examinei o primeiro condicionante do tema central da tese, as *controvérsias* do movimento espírita brasileiro. Elenquei as linhas interpretativas das rupturas institucionais e a formação de grupos antagônicos em disputas doutrinárias. Para tanto, fiz uma modelagem adaptativa da Teoria do Campo Religioso de Pierre Felix Bourdieu (1998, 2004, 2013, 2019, 2022) para analisar as disputas no Campo Espírita Brasileiro. Verifiquei os fatores motivacionais e as disposições dos principais atores envolvidos nas controvérsias, formando base explicativa do desenvolvimento do processo de configuração do Espiritismo no Brasil em Religião Cristã, identificada no

capítulo anterior.

Demarquei as disputas entre os espíritas ditos *científicos* e *místicos* em fins do século XIX, como que reeditando o dilema da modernidade entre fé e razão. Apresentei os principais protagonistas do período, o Dr. Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti (1831-1900) e o professor Afonso Angeli Torteroli (1849-1928). Dissertei sobre as discussões no século XX entre os “*roustainguistas*” e os “*kardecistas*”.

Escolhi como principais protagonistas o filósofo espírita José Herculano Pires e o jornalista Luciano dos Anjos (1933-2014). E discorri sobre as discordâncias extracampo na esfera política entre os ditos espíritas “*progressistas*” e “*conservadores*”, repercutindo temas políticos da atualidade brasileira do século XXI. Ao final, verifiquei a contribuição dessas disputas na configuração do Espiritismo no Brasil como Religião Cristã.

No quarto e último capítulo – *Espiritismo: como religião do livro*, procurei verificar os fatores que caracterizariam o Espiritismo no Brasil como uma Religião do Livro. Estabeleci três linhas condutoras: a primeira com os Estudos Doutrinários. Verifiquei a centralidade no livro que dá caráter de letramento ao Espiritismo, constituído por “mensagens escritas dos Espíritos” e fundamentado em livros.

A segunda, com os Estudos Aplicados aos Evangelhos, que estabeleceu a *exegese* espírita com base nos princípios fundamentais da Doutrina Espírita, provocando um problema hermenêutico espírita, segundo o teórico Paul Ricœur (1989, 2006). Na terceira, descrevi o processo de formação do Cânone Espírita e sua composição com a aplicação da teoria de formação de um Cânone de Croatto (2001, 2002) e de Terrin (2003).

Conclui o capítulo verificando os elementos do Sagrado no Espiritismo, que o dotaram com características de Doutrina Filosófica e Teológica, expressa no aforismo simbólico da “*fé raciocinada*” de Kardec. Apresentei os fatos que apontam para a possibilidade de configurar o Espiritismo como uma Religião do Livro na época de Kardec e no Brasil. Demonstrei que essa configuração foi derivada da centralidade no livro no pensamento da modernidade e da centralidade nas interpretações dos Evangelhos.

Espiritismo, de Doutrina Filosófica à Religião do Livro: entre controvérsias, livros e cânone, é o que intento defender com a demonstração das condições necessárias e suficientes que levariam a configurar o Espiritismo como uma Religião do Livro. Isso com base na centralidade nos livros fundamentais e nas interpretações nos Evangelhos, envolto nas polêmicas religiosas com a Igreja Católica e entre os próprios espíritas. E, de acordo com o *ethos* espírita, concomitante com as orientações dos “Espíritos consultores” de Allan Kardec e dos “guias espirituais” no Brasil.

1 ESPIRITISMO NA FRANÇA: uma doutrina filosófica

Neste capítulo, a pesquisa trata da formação da Doutrina Espírita como proposta conciliatória de Allan Kardec para o dilema entre ciência e religião e como constituiu a Doutrina Filosófica obtida a partir das comunicações com os “Espíritos”. Também é analisada a formação do movimento espírita francês, contextualizado como um fato social em sua realidade histórico-cultural na França do século XIX.

Os estudos sobre o Espiritismo, geralmente, abordam a partir da França do século XIX com a publicação por Allan Kardec de *O Livro dos Espíritos*, em 1857. Quando muito, iniciam com os “fenômenos mediúnicos” envolvendo a família Fox, em Hydesville (1848), nos Estados Unidos, denominado de Espiritualismo Moderno, em alinhamento histórico do processo.

1.1 Espiritualismo Americano: um fenômeno transnacional no ocidente

Nas observações de Rodrigo Farias de Souza (2024), na primeira metade do século XIX, havia nos EUA um “entusiasmo religioso” (Segundo Grande Despertar), mas também direcionado por reformas sociais. O cristão era instado a fazer do mundo terreno um lugar “mais conforme” a cosmovisão cristã. Daí, derivaram várias correntes reformistas com temáticas voltadas à defesa do fim da escravidão e da erradicação de bebidas alcóolicas. E, posteriormente, da defesa de causas como “os direitos femininos, o pacifismo, o vegetarianismo, entre outras” (Souza, 2024, p. 159-160). Fruto de interpretações teológicas que as novas denominações cristãs trouxeram para a América, as quais preconizavam a conquista da própria redenção em lugar da doutrina teológica da predestinação pregada, principalmente, pelos calvinistas.

Isso dava abertura à convivência, embora periférica, com os ensinamentos *swedenborguianos*, os *mesmeristas* ou magnetizadores, médiuns sonâmbulos¹³ com relatos de “supostos contatos com espíritos”, por volta da década de 30. Nessas circunstâncias, surgiu o Novo Espiritualismo ou Espiritualismo Moderno. Na língua inglesa, *Modern Spiritualism*, movimento espiritualista originado em meados do século XIX, especificamente nos Estados Unidos da América, na pequena cidade de Hydesville, onde ocorreram manifestações de um “Espírito” envolvendo a família Fox (Souza, 2024, p. 163-169).

¹³“Tratava-se de pessoas que, quando postas em transe por um magnetizador, demonstravam capacidades extraordinárias, como a de ‘enxergar’ os males de um paciente e até darem diagnósticos e receitas” (Souza, 2024, p. 161).

1.1.1 O “Fenômeno espiritual” das Américas

Segundo afirmativa do escritor escocês Arthur Conan Doyle (1859-1930), os Espiritualistas, geralmente, consideram o dia 31 de março de 1848 como o início do movimento do Espiritualismo Moderno ambientado na América do Norte. Isso para diferenciá-lo dos demais fenômenos antecedentes que eram fatos episódicos distantes. E disse que “*este último [o Espiritismo Moderno] apresenta as características de uma invasão organizada*”. Em referência aos eventos múltiplos em pouco tempo, a semelhança de uma “invasão organizada” de “Espíritos” através de “manifestações mediúnicas” (Doyle, 2013, p. 15).

Os “fenômenos mediúnicos ou espirituais” na América, até então, eram casos esporádicos e inusitados, mas um em específico marcou a história do Espiritualismo. Foi um evento ocorrido na zona rural de uma cidadezinha de nome Hydesville no condado Wayne, próximo da cidade emergente de Rochester, ao norte do estado de Nova York. Foi em uma casa de madeira típica da região, onde residiu parte da família Fox, de origem alemã. Formada pelos pais, Sr. John Fox, a Sra. Margareth Fox e por duas filhas menores, Margaret (Magge) (1833-1893) e Katherine (Kate) (1837-1892). A filha mais velha, Leah Fox Underhill (1814-1890), era casada e residia em Rochester. Os demais membros residiam mais afastados.

Os moradores que os antecederam, a família Weekman, passaram por situações de pânico devido às pancadas que ocorriam de dentro das paredes da casa e tomaram a decisão de se mudarem, pois a “casa era mal-assombrada”. Contudo, a vizinhança tinha tomado conhecimento das ocorrências (Doyle, 2013, p. 533-539). Com a família Fox residindo, os fenômenos voltaram a ocorrer, com barulhos, ruídos e batidas (*rapping, noises and knockings*), deslocamentos de móveis e utensílios. Esses estranhos fatos persistiram por semanas, ficando a família Fox “acostumada” com a situação insólita. Mas, em 31 de março de 1848, as filhas estabeleceram uma “conversa” através de sinais de batidas e as “respostas” revelaram que os fenômenos eram provocados por um “Espírito”.

A notícia se espalhou pela redondeza e as pessoas começaram a visitar a casa para estabelecer conversação com o tal “Espírito” que “revelava” o passado e o presente delas. Diversas comissões de investigação se formaram para esclarecer o assunto. Mais tarde, o “Espírito” revelou que tinha sido um caixeiro viajante, assassinado pelos antigos residentes da casa e que seu corpo foi secretamente enterrado no porão. A família, com outras pessoas, fez escavações na casa, mas nada encontraram e o caso ficou sem conclusão. Anos depois, em 1904, ao derrubarem uma parede durante uma reforma na casa, acharam um esqueleto humano e junto dele uma maleta de caixeiro-viajante (Costa, 2021; Doyle, 2013; Underhill, 2023).

Os fenômenos com ruídos, pancadas, materializações de “Espíritos”, “curas espirituais”, entre outros, pareciam “acompanhar” as filhas menores da família Fox. Elas, então, iniciaram “a carreira de médium” influenciadas pela irmã mais velha, Leah Fox, que, a seu turno, também começou a “produzir” esses fenômenos, além de outras pessoas na América do Norte. As Irmãs Fox, como ficaram conhecidas, empreenderam incursões pelas cidades norte-americanas realizando sessões públicas que reproduziam esses fenômenos e se diziam “orientadas pelos Espíritos” nessa missão (Costa, 2021; Underhill, 2023).

Apesar da forte reação dos meios científicos e da imprensa, a carreira das irmãs foi bem-sucedida de início. Uma delas, Kate Fox, viajou à Inglaterra, onde se apresentou e foi investigada por eminentes cientistas da época, em especial pelo físico inglês William Crookes (1832-1919)¹⁴. Todavia, com o tempo, o relacionamento entre as irmãs virou um drama familiar, com acusações e desmentidos sobre fraudes, entre outros problemas (Costa, 2021; Doyle, 2013).

Ficou, portanto, a data de 31 de março de 1848 como marco inicial do movimento Novo Espiritualismo Ocidental (*Modern Spiritualism*), tendo como característica a comunicação com os “Espíritos”. Estes de acordo com seus seguidores, revelaram que esses fenômenos eram o “prelúdio de uma nova era para a humanidade”. No entanto, Vinícius L. da Costa (2021) enfatiza que, na prática, é impossível identificar uma identidade que pudesse abranger todos os praticantes do *Modern Spiritualism*.

Não havia uma sistematização do movimento, além da crença comum em que “os mortos poderiam se comunicar com os vivos”. O movimento tinha a adesão de pessoas envolvidas com causas progressistas, tais como: “Sufragistas, abolicionistas, artistas e reformadores sociais de um modo geral, que se sentiram atraídos pela possibilidade de conversar com os mortos” (Costa, 2021, p. 13).

No livro *Laboratórios da Fé (Laboratories of Faith)* de 2008, John Warne Monroe explica que os norte-americanos que acreditavam nesses fenômenos estranhos, fundaram uma nova religião denominada de “Espiritualismo Moderno”. Estes tinham como crença principal a possibilidade de comunicação entre os vivos com a “alma dos mortos”. Entre final de 1840 e início de 1850, houve um crescimento rápido do Novo Espiritualismo, transformando-se num relevante movimento social e intelectual.

¹⁴William Crookes (1832-1919) físico e químico inglês, cientista que descobriu o elemento químico Tálcio, descobriu os raios catódicos, quando construía os tubos catódicos ou de Crookes. Foi inventor do equipamento Radiômetro de Crookes. Foi presidente da Royal Society. Pesquisou os “fenômenos de materialização de espíritos”.

A difusão rápida do Espiritualismo Moderno foi facilitada pelas demonstrações públicas das irmãs Fox em vários estados americanos, pela curiosidade da imprensa e pelos novos médiuns que iam surgindo junto com novas modalidades de “comunicação espiritual”. Além disso, houve a criação de sociedades espiritualistas nos Estados Unidos, nas quais os “Espíritos” que se comunicavam “[...] *tendiam a ser defensores da reforma social, incluindo a abolição da escravidão; elaboraram cosmologias inspiradas no místico do século XVIII Emmanuel Swedenborg e no visionário contemporâneo Andrew Jackson Davis [...]*”¹⁵ (Monroe, 2008, p. 16, tradução nossa).

O escritor Arthur Conan Doyle informou a influência do “vidente” sueco Emmanuel Swedenborg¹⁶ (1688-1772) sobre grupos e outros sensitivos em diversas nações da Europa, Inglaterra e da diáspora anglo-europeia. Ressaltou a importância do médium nova-iorquino Andrew Jackson Davis (1826-1910), tido como “O Profeta da Nova Revelação”, que dizia ser guiado pelo “Espírito de Swedenborg” (Doyle, 2013, p. 41-54).

Os Espiritualistas Modernos não foram propriamente seguidores de Swedenborg. Todavia, muito das interpretações sobre os fenômenos tiveram referenciais em suas obras. Para ele, visão e raciocínio poderiam ocorrer simultaneamente sem se oporem, e que os fenômenos espirituais podiam ser entendidos como complemento e extensão da ciência moderna. Muitos dos aspectos dos ensinamentos swedenborguianos foram adotados por grupos religiosos, de forma consciente ou não.

O ápice da sua influência nos Estados Unidos foi em meados do século XIX (Versluis, 2015). O Marquês De Mirville¹⁷ (1802-1873) relatou que havia cerca de trezentos centros espiritualistas espalhados pelo estado da Filadélfia, nos Estados Unidos, e aproximadamente, “quinhentos mil” seguidores das irmãs Fox (De Mirville, 1854).

Segundo Jeremy Rapport (2015), para muitos norte-americanos dessa época, religião e ciência não eram categorias mutuamente excludentes e muitos pensadores e escritores religiosos tentaram harmonizar as visões de mundo da ciência e da religião. Também existiam traços de “religiões metafísicas” nas Américas desde o início da colonização Britânica. E estavam enriquecidas pelo hibridismo com outras manifestações religiosas, incluindo as dos povos originários do continente norte-americano (Rapport, 2015, p. 199-205).

¹⁵[...] *tended to be advocates of social reform, including the abolition of slavery; they elaborated cosmologies inspired by the eighteenth-century mystic Emmanuel Swedenborg and the contemporary visionary Andrew Jackson Davis [...]*.

¹⁶Emmanuel Swedenborg (1688-1772) foi um polímata e espiritualista sueco, destacou-se como cientista, inventor, místico, filósofo e teólogo.

¹⁷Charles Jules Eudes de Catteville de Mirville (1802-1873), da nobreza francesa, foi advogado e político, membro da Assembleia Nacional Legislativa em 1848.

Ao tempo em que o Novo Espiritualismo foi se propagando por outros continentes, institucionalizou-se como pesquisas psíquicas (*psychical research*) nos Estados Unidos e na Inglaterra. O objetivo era observar os médiuns, mas com “profundo ceticismo relativamente à existência dos espíritos”. Portanto, tinha a propensão de considerar a origem dos fenômenos “no psiquismo dos próprios médiuns”. O compromisso dos norte-americanos era com estudos específicos e aprofundados em vez de saírem à procura de teorias gerais baseadas em evidências falhas, com dados precários (Vasconcelos, 2003, p. 95-96).

Ao analisar o fenômeno como fato social (ver Introdução), é possível identificar, nessa visão mais cética e menos dogmática das observações. Uma das características marcantes da matriz cultural norte-americana, qual seja, o Liberalismo¹⁸. Que no campo do conhecimento, valoriza tanto a experiência individual do intelecto (racionalismo) quanto a do sensível (empirismo). Este último, o Empirismo, encontra-se intrínseco na cultura norte-americana, que considera a experiência “como guia e critério de validade de suas afirmações, sobretudo nos campos da teoria do conhecimento e da filosofia da ciência” (Japiassú; Marcondes, 2008, p. 197).

Essa linha de pensamento evoluiu de tal forma que estabeleceu uma nova corrente filosófica, o Pragmatismo, originária dos EUA, no final do século XIX. Defensora do empirismo (campo do conhecimento) e do utilitarismo (campo da moral), com a valorização da prática mais do que a teoria, enfatiza mais as consequências e os efeitos da ação que os seus princípios e pressupostos (Japiassú; Marcondes, 2008).

Segundo as observações de Alexis Tocqueville¹⁹ (1805-1859), o aspecto religioso dos Estados Unidos lhe causou surpresa por perceber a importância deste nas consequências políticas. Na França, “o espírito religioso e o espírito de liberdade” caminhavam “quase sempre em sentido opostos” e nos EUA ele “os encontrava intimamente unidos um ao outro”, agiam em harmonia no “mesmo território”. Enquanto na França a religião representava socialmente a repressão à liberdade e à autonomia individual, nos Estados Unidos representava a liberdade do indivíduo em fazer suas escolhas e se desenvolver como cidadão (Tocqueville, 2005 [1854], p. 347).

¹⁸Filosofia política do início da modernidade, é o correlato na política do individualismo e do subjetivismo na teoria do conhecimento, como verificado em Descartes e nos empiristas. Valoriza a livre iniciativa e a liberdade individual no campo político e econômico. Teve influência determinante na Declaração de Independência dos Estados Unidos (1776) e na Constituição Americana (Marcondes, 2015, p. 201-202).

¹⁹Alexis-Charles-Henri Clérel - visconde de Tocqueville, nobre francês, pensador político, historiador e escritor. Foi reconhecido por suas análises da Revolução Francesa. Empreendeu viagem aos Estados Unidos, onde fez observações da sociedade americana, sua economia e seu sistema político.

É possível aplicar a teoria do Fato Social nas relações da comunidade norte-americana com os fenômenos e como estes moldaram e se conformaram à cultura regional. Como agiram e reagiram os indivíduos no ato simbólico de se pôr em contato com “mortos”. E como a sociedade estabeleceu vínculos com essas manifestações. Percebem-se três vertentes na expansão do Espiritualismo Moderno nos EUA:

- a) Aqueles que o concebiam como um meio de contato com entes falecidos à procura de reestabelecer relacionamentos afetivos com familiares, amigos e conhecidos. Os “Espíritos familiares respondiam sobre negócios, sobre a política e sobre o paraíso celeste” (Costa, 2021, p. 15), ou para obter informações sobre fatos da vida, ou mesmo a cura de problemas mentais ou físicos²⁰;
- b) Os que se preocupavam com as experiências, em registrar os fatos e estabelecer método de pesquisa para melhor obter informações “do além”. Procuravam eliminar possibilidade de fraudes com formação de comissões de inquiridos, divulgação de relatórios e publicação de livros. Acreditavam que a comunicação “com os espíritos não seria algo fantástico ou miraculoso”. Na verdade, se tratava de uma força natural “presente no mundo desde todos os tempos e que apenas agora estava sendo compreendida pelos homens” (Costa, 2021, p. 15);
- c) Os que deram um sentido religioso aos fenômenos. Introduziram nas suas denominações religiosas ou formaram instituições religiosas com o Novo Espiritualismo em torno de algum médium carismático. O pesquisador Vinícius L. da Costa considera o *Modern Spiritualism* como um amplo movimento de caráter religioso: “Trata-se de um sistema de crenças genuinamente americano desde o seu surgimento, apropriação, divulgação e impacto social” (Costa, 2021, p. 17). Uma tentativa para organizar “racionalmente contatos com o mundo dos mortos” (Costa, 2021, p. 48), portanto, uma religiosidade moderna.

As experimentações com fenômenos inusitados de movimentos de objetos, ruídos, pancadas e materializações, com médiuns lhes dando sustentação nas “comunicações com os vivos do mundo invisível”. Deslocaram-se nos Estados Unidos e foram em direção a outros continentes e se estabeleceram, principalmente, na Europa, apesar de reações da Igreja e da Academia contra os “fenômenos mediúnicos”, numa rara associação entre ciência e religião (Doyle, 2013, p. 119).

²⁰Ver os relatos das sessões e dos fatos relacionados ao fenômeno no livro *O Elo Perdido no Espiritualismo Moderno* de Leah Fox (Underhill, 2023).

De acordo com Piérart, redator chefe do Jornal do Magnetismo (*Journal du Magnétisme*), os Estados Unidos estavam passando nessa época, por uma profunda mudança de paradigma religioso. “Os espíritos haviam transformado seus salões e salas de concerto em palcos para uma nova forma de revelação, que inevitavelmente atravessaria o Atlântico, trazendo consigo o aprimoramento moral e a justiça social” (Piérart *apud* Monroe, 2008, p. 83, tradução nossa)²¹.

Segundo observou John Monroe (2008), as sessões espiritualistas de contato com os “mortos” se espalharam pela Grã-Bretanha e, no ano de 1852, chegaram ao continente Europeu. A imprensa alemã e francesa noticiou essa novidade do outro lado do Atlântico, vinda na “mala” de médiuns que desembarcaram para apresentações. E, em poucas semanas, a cobertura ajudou a “criar uma moda completa para estes fenômenos” (*create a full-fledged vogue for these phenomena*) denominada de “mesas girantes” (*tables tournantes*) (Monroe, 2008, 2015).

1.1.2 A travessia transatlântica do “fenômeno mediúnico”

Inundando os jornais e revistas²² desses “fatos maravilhosos e sobrenaturais”, as chamadas “mesas girantes” se alastraram como epidemia e tomaram os ambientes sociais da Escócia, Inglaterra, Alemanha, Áustria, Bélgica, Itália e Rússia. Na França, repercutia de início de forma fraca (1853) e depois com mais veemência nas aclamadas “mesas girantes” ou “falantes”. Essas consistiam no fenômeno de movimentos giratórios de mesas, com elevação e pancadas – ora suaves, ora violentas – a ponto de quebrá-las. Mas que “respondiam” a perguntas num sistema codificado nas letras do alfabeto, um modo lento e demorado de comunicação.

A resenha da época enfocava esses eventos mais como um modismo passageiro, um passatempo da modernidade. Entretanto, chamou a atenção e o interesse de estudiosos da época, particularmente dos magnetistas²³ (Wantuil, 1994; Crabtree, 2015).

A perspectiva histórica é a da História Transnacional, para a análise de fato social em movimento pelo Atlântico transvestido de fenômeno. Adequada para o estudo de um fato em circulação pelos continentes. Essa abordagem visa romper com a ideia de Estado-nação para evitar o etnocentrismo, comum na abordagem tradicional da história ocidental.

²¹*The spirits had made its parlors and concert halls the staging ground for a new form of revelation, which would inevitably travel across the Atlantic, bringing moral improvement and social justice in its wake.*

²²A exemplo da *Gazette d'Augsbourg, Critic de Londres, Revue des Deux Mondes, Jornal de Bergzabern, Journal du Magnétisme, L'Illustration, Le Siècle, La Patrie, Gazette de France, Jornal Wanderer* (Wantuil, 1994).

²³Estudiosos e seguidores do mesmerismo, bastante atuantes nesse período na França, apesar dos embates com a Academia de Ciências (Figueiredo, 2017).

Segundo Ian Tyrrell (1991, 2007), a História Transnacional se refere ao movimento de povos, de ideias, de tecnologias e de instituições através das fronteiras nacionais. É apresentado dentro de um quadro mais amplo que acompanha os fatos como um fenômeno migratório. Verificado em suas circularidades e nas redes de inter-relacionamento que se formam de cultura a cultura e como reconfiguram as fronteiras. Elas se tornam elásticas enquanto conceito político-espacial de nação. E pretende contextualizar a explicação da nação em termos das suas influências transnacionais.

Na análise de John W. Monroe (2015, p. 249), os acontecimentos sociais, econômicos, intelectuais e religiosos, que demarcaram épocas, ultrapassaram facilmente as fronteiras políticas. Por isso, defende a abordagem transnacional para os movimentos de ideias entre nações por superarem as fronteiras da cultura e da linguagem.

O Espiritualismo Moderno, que “apresenta as características de uma invasão organizada”, pretendia ser um movimento universal originário dos EUA, onde se estabeleceu como uma nova expressão da espiritualidade, comunicando-se com os “mortos” por meio dos fenômenos de ruídos, movimento de objetos, aparições e materializações de “Espíritos” e “curas espirituais” (Wantuil, 1994, p. 6).

Tendo desenvolvido médiuns e métodos experimentais, o Espiritualismo Moderno atravessou o Atlântico e se apresentou à Inglaterra e à Europa. É possível analisá-lo como um fato social transnacional, ampliado no ato simbólico das comunicações com o além, naturalizado mediante sistema codificado de transmissão de mensagens. E na identificação de pessoas especiais, sensitivas que intermedeiam o fenômeno, criando vínculos sociais com os quais lhes qualificaram como instrumentos de observação do “mundo invisível”.

A sociedade se movimentou em torno das manifestações criando espaços de experimentações e de socialização religiosa. E, a cada nação em que tocou, tomou coloração da sua cultura numa metamorfose imbricada entre fé e razão.

O Movimento dos Médiuns

Essas notícias adentraram no “velho mundo”, atravessaram o Atlântico à procura de novos palcos para apresentação dos fenômenos de “comunicação com os mortos”. Isso através de médiuns americanos em movimento pelo continente europeu. A começar pela médium norte-americana Maria B. Hayden (1830-1918), que desembarcou na Inglaterra²⁴ em meados de 1852. Suas sessões ocorreram na presença de pessoas importantes da sociedade inglesa (Doyle, 2013).

²⁴De Mirville (1854, p. 419) informou que os médiuns americanos aportaram primeiro na Escócia e depois na Inglaterra.

A propagandista e médium vidente Emma Hardinge Britten (1823-1899), uma das maiores divulgadoras da causa espiritualista nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e Nova Zelândia, relatou cinco mil casos divulgados pela imprensa em seus livros *Espiritualismo Americano Moderno (Modern American Spiritualism)* e os *Milagres do Século Dezenove (Nineteenth Century Miracles)* (Doyle, 2013).

Outro médium de renome foi o escocês Daniel Dunglas Home (1833-1886), que produzia “ampla gama de fenômenos”, principalmente de levitação. Ele foi residir na Inglaterra em 1855 por questões de saúde, onde fez uma série de exposições em salões da aristocracia. E depois na França em eventos exclusivos, alguns para o próprio Imperador Napoleão III (Monroe, 2008, p. 83). Ele reproduzia levitações que chamavam atenção de cientistas como William Crookes, que foi investigar a veracidade dos fatos.

No entanto, outros cientistas como Michel Faraday²⁵ (1791-1867) e John Tyndall²⁶ (1820-1893) emitiram relatos desfavoráveis à origem espiritual dos fenômenos. O médium não se furtava a ser investigado nas suas múltiplas características, ele se considerava um missionário do Novo Espiritualismo. Apesar da saúde frágil, viveu cerca de cinquenta anos (Doyle, 2013).

Exemplo equivalente de médium eram os Irmãos Davenport, Ira Erastus Davenport (1839-1911) e William Henry Davenport (1842-1877), também norte-americanos, propagandistas do movimento em atuação no “velho mundo”. Mas, diferentes de Daniel Home, que se apresentava em ambientes refinados e de forma gratuita, eles o faziam em exposições públicas pagas, em locais populares. Entretanto, de grande impacto nas multidões devido aos vários fenômenos de pancadas em mesas, levitação de objetos musicais, que flutuavam e tocavam, vozes e escritas diretas. Fizeram grande alarde nos ambientes superlotados da Inglaterra, em sessões abertas e sem restrições ao público em geral (Doyle, 2013, p. 183-188). Também se apresentaram nos salões de Paris, Berlim, Bruxelas, Rússia, Polônia e Suécia (Doyle, 2013, p. 193).

Diversos outros médiuns atuaram a partir da Inglaterra, como Kate Fox (uma das irmãs Fox) e Florence Cook (1856-1904). Ambas famosas pelas experiências de materializações de “Espíritos” pesquisadas por William Crookes. A mediunidade de cura era bem representada pelo médico J. R. Newton, médium curador da América, que chegou ao continente europeu em 1870 (Doyle, 2013).

²⁵Michel Faraday (1791-1867), de origem britânica, foi um dos mais influentes físico e químico da sua época. Contribuiu na área do eletromagnetismo e da eletroquímica. Um dos cientistas experimental mais influente da história. Atuou no serviço público e foi membro da Royal Society.

²⁶John Tyndall (1820-1897) foi um físico experimental britânico, defensor da união entre ciência e religião.

O Movimento das Notícias

As apresentações dos médiuns, junto com as notícias da imprensa, serviram para popularizar o Espiritualismo Moderno pelos países ocidentais. Os jornais e revistas noticiavam “as maravilhas” que ocorriam nas sessões espiritualistas nas Américas e que se popularizavam pela Inglaterra e Europa, em 1852. Na Alemanha, os jornais publicaram essas notícias em 1853. E em fins de abril de 1853, era a vez dos periódicos franceses voltarem suas atenções para o assunto em voga sobre os fenômenos inusitados, mas De Mirville (1854, p. 406) reclamava da demora dos jornais franceses em divulgar essas notícias.

Informou John W. Monroe (2008) que as notícias, em poucas semanas, ajudaram a criar um modismo com o fenômeno das “mesas girantes” (*tables tournantes*). Os editores, aproveitando o interesse pelo assunto, “fornecendo instruções para a realização de sessões espiritualistas” (*providing instructions for holding séances*) (Monroe, 2008, p. 16). De tal forma que, em 1853, os salões de Paris colocavam à disposição dos frequentadores pequena mesa de centro redonda para realização de demonstração do fenômeno.

A intenção era obter respostas sobre variados temas, pessoais, filosóficos e científicos, porque alguns experimentadores perceberam que as “mesas” não só giravam sem causa, mas também “respondiam perguntas” e “transmitiam “mensagens”. Passaram a ser denominadas de “mesas falantes” (*tables parlantes*). Contudo, a moda não durou muito e, como de costume, o interesse se arrefeceu durante o verão de 1853.

O Movimento da Igreja

A Igreja na França reagiu e publicou cartas pastorais depondo contra a realização de “sessões espiritualistas” pelos fiéis católicos. Suas críticas aos fenômenos se caracterizavam por mesclar a explicação da origem diabólica do fenômeno com estados psicológicos dos participantes. Esta última tinha a sanção dos cientistas acadêmicos (Monroe, 2008, p. 23-27).

O bispo de Orleães, Félix Dupanloup (1802-1878), denunciou em 1853 as “mesas girantes”. No mesmo ano, o Bispo de Vivers (1802-1886) publicou a primeira pastoral contra os fenômenos que ultrapassaram a barreira que separava os vivos do mundo invisível. De início, considerava isso um divertimento frívolo, mas que se transformou em algo semelhante às “operações misteriosas de magia, adivinhação ou necromancia” (*mysterious operations of magic, divination, or necromancy*), todas proibidas pela Igreja. E terminou por desautorizar expressamente os seus fiéis de se envolverem nessas atividades, que só existiam na imaginação (Monroe, 2008, p. 36).

Em julho de 1856, o Papa Pio IX proclamou a Encíclica *Adversus Magnetismi Abusus*

(Contra o Abuso do Magnetismo), que proibia os Católicos de realizarem qualquer experimento que envolvesse conversas com o “mundo espiritual” (Monroe, 2008, p. 37). Todavia, o fenômeno passou de uma “moda passageira” dos salões parisienses para corroborar com o início de um processo moderno de especulação metafísica em bases positivistas.

O Movimento dos cientistas

Por essa época, florescia médiums e fenômenos que fizeram cientistas eminentes se debruçarem em estudá-los. Uns emitiram relatórios afirmativos e outros negavam a autenticidade dos fenômenos. Entre os que afirmavam, destacam-se na Grã-Bretanha: o químico-físico Sir William Crookes (1832-1919), o físico e escritor Sir Oliver Lodge (1851-1940) e o biólogo, naturalista e antropólogo Alfred Russel Wallace (1823-1913). Na França, notáveis como o astrônomo Camille Flammarion (1842-1925) e o prêmio Nobel de medicina Charles Richet (1850-1935). Na Itália, o filósofo Ernesto Bozzano (1862-1943) e o médico e criminologista Cesare Lombroso (1836-1909). Na Alemanha, o astrônomo Friedrich Zöllner (1834-1882). E na Rússia, o diplomata Alexandre Aksakof (1832-1903) (Doyle, 2013).

Também surgiram sociedades e academias de ciências voltadas aos estudos e pesquisas do Novo Espiritualismo. As de Nova York, com a Sociedade para a Difusão do Conhecimento Espiritualista (*Society for the Diffusion of Spiritual Knowledge*), fundada em 1854, e a Sociedade Americana para Pesquisas Psíquicas (*American Society for Psychical Research*). Na Inglaterra a Sociedade de Pesquisas Psíquicas (*Society for Psychical Research*) de Londres, a Aliança Espiritualista de Londres (*London Spiritualist Alliance*) e a Associação Nacional dos Espiritualistas Britânicos (*British National Association of Spiritualists*) (Doyle, 2013; Wantuil, 1994).

Apesar do envolvimento desses cientistas, a Academia de Ciências, inicialmente, atribuiu como causa das rotações das “mesas girantes” a hipótese de “pequenos tremores musculares” imperceptíveis. Esses seriam produzidos pelos participantes dessas reuniões espiritualistas, nominados de “músculos estalantes”. Essa hipótese tornou-se insuficiente para explicar certas manifestações incomuns. Grupos de experimentadores objetaram que a questão era de integridade científica de implicações metafísicas. Portanto, os fenômenos eram passíveis de estudos empíricos, o que era antes do domínio exclusivo da especulação metafísica e da moral.

A resposta dos acadêmicos, no entanto, mudou para a linha do argumento do estado mental daqueles que acreditavam nas suas percepções dos fenômenos. A mudança para a dimensão psicológica possibilitou aos acadêmicos assumirem uma posição cética para “garantir

o progresso futuro”, guiando a França em direção à Era do Positivismo, com racionalidade isenta do “fanatismo” e da “superstição” (Monroe, 2008, p. 38).

O Movimento no Ocidente

Depois de “fazer girar mesas na Europa inteira”, segundo relatos dos jornais da época, vários países começaram a relatar as manifestações de “mesas girantes” que “falam” e “respondem às perguntas” através de seus próprios médiuns. A França era um centro que irradiava essas novidades para o mundo ocidental. As mesas também “giravam” no Império Russo, no Império Otomano, na Itália, na Espanha, em Portugal, nos Países Baixos, na Suíça, como na Bélgica e na Áustria. (Wantuil, 1994, p. 77). Na América do Sul, o Brasil foi o primeiro país a noticiar as “mesas girantes”, isso em 1853 nos jornais do Rio de Janeiro e do Recife. Tais notícias se difundiram rapidamente pelas principais cidades brasileiras (Wantuil, 1994, p. 124).

Isso demonstra a característica transnacional do fenômeno, originário dos Estados Unidos, que atravessou o Atlântico em direção à Inglaterra e à Europa. Dessa vez, pelo continente, atingiu o leste europeu, depois retornou pelo Atlântico aportando na América do Sul, futuro polo de desenvolvimento do Espiritualismo Moderno.

Allan Kardec entrevistou esta dinâmica ao escrever na *Revista Espírita* de abril de 1869, publicada depois do seu falecimento: “Em suma, como se vê, a maior barreira que separa os espíritas dos dois continentes é o oceano, através do qual podem perfeitamente dar-se as mãos” (Revista Espírita, 2005c [1869], p. 154).

De acordo com Aubrée e Laplantine (2009, p. 23) era “o diálogo com os mortos, transformado em prática social”, que, por onde passava, carregava nuances matizadas de cada cultura, apresentando semelhanças e diferenças que compuseram as experiências espirituais no mundo banhado pelo Atlântico, no decorrer do século XIX.

1.2 Espiritismo na França: uma filosofia espiritualista

A sociedade francesa é caracterizada pelo racionalismo, anticlericalismo e a entronização da razão como o primado do conhecimento humano. Todos eram frutos do Iluminismo, como o positivismo e o materialismo que aprofundaram as dissensões entre ciência e religião. A França se encaminhava para se tornar um Estado laico com a separação entre Estado e Igreja e o conseqüente deslocamento do poder temporal desta, resultando no *desencantamento do mundo*.

A análise da recepção e assimilação do Novo Espiritualismo como fato social na França

do século XIX passa pelo exame dos fatores culturais contribuintes advindos da influência da matriz cultural francesa, com suas raízes fincadas no Iluminismo. Pela caracterização do movimento espírita francês, começando pela identificação do Espiritismo como uma derivação do Espiritualismo Moderno norte-americano. E pelos fatos sociais constitutivos do movimento na França, tanto na época de seu protagonista, Allan Kardec, como posterior à sua influência. E, finalizando com as questões e embates no campo religioso com a Igreja Católica, bem como nas dissensões do movimento espírita pós-Kardec.

1.2.1 *Sociedade francesa: fatores socioculturais*

No início do século XIX, a França era a nação europeia mais populosa, mas com taxa baixa de natalidade. Paris, sua capital, a maior, a mais culta e vibrante das cidades da Europa, que foi urbanizada dentro da concepção moderna de arquitetura. Repleta de *boulevards*, praças e jardins públicos, com simetrias neoclássicas. Nesses espaços, surgiram ícones da cidade, como *Champ de Mars*, *Arc de Triomphe* e a *Tour Eiffel*.

Mas a França estava isolada pelos países europeus devido ao perigo que representavam os ideais da sua revolução, desde a queda da sua Monarquia em 1792. E, posteriormente, com a instauração em 1804 do Império de Napoleão Bonaparte (1769-1821), quando, através de guerras, submeteu outras nações europeias (Rosa, 2012, p. 233).

A burguesia crescia nas nações voltadas às atividades industriais, comerciais e econômico-financeiras, sendo o vapor a força motriz dessas sociedades. O processo de industrialização francês foi relativamente lento até meados do século XIX. A economia rural resistia e representava mais de sessenta por cento da riqueza do país, mesmo com métodos arcaicos de produção e apesar de estarem livres dos encargos feudais do Antigo Regime.

No campo político, o século XIX foi caracterizado por mudanças constantes no regime de governo francês: o Consulado (1799-1804), o Império de Napoleão I (1804-1814), a Restauração da Monarquia dos Bourbons, com os reis Luís XVIII e Carlos X (1815-1830), a Monarquia de Julho do Rei Luís Filipe, da Casa de Orléans (1830-1848), a Segunda República (1848-1852), o Segundo Império com Napoleão III (1852-1870) e a Terceira República (1870-1940).

Nesse ínterim, ocorreram diversas guerras, as de Napoleão I, de 1804 a 1815, segundo o seu plano de expansão da influência francesa na Europa e a guerra impetrada por seu sobrinho Napoleão III (1808-1873) contra a Prússia em 1870, além das duas Comunas de Paris, em 1848 e 1871 (Monteiro, 2004).

O ambiente era tumultuado e belicoso, ainda havia resquícios da Revolução Francesa (1789). E a emergente Questão Social gerada no decurso da industrialização, da urbanização, no crescente individualismo e utilitarismo nas relações. O que agravou a pobreza e a fome, que não tinham os atenuantes dos antigos laços de proteção da família, da vizinhança e da caridade religiosa, agora enfraquecidos. Passaram a depender, cada vez mais, da rede de proteção do Estado e da filantropia privada e religiosa, que não acompanhavam a extrema necessidade, dificultada pelas epidemias e quebras de safras. Tudo isso causou tensões sociais que desencadearam revoltas e provocaram a organização de movimentos operários (Simões; Feital, 2004).

Na questão filosófica, correntes de pensamento se estruturaram na França oitocentista. Algumas delas para dar respostas a esse contexto, outras na afirmação do laicismo e do antirreligioso. Tinham como referência a filosofia moderna do século XVI ao século XVII, que estabeleceu o caráter especulativo, humanista, naturalista e, sobretudo, racionalista. Essas filosofias gozavam da autonomia em relação à teologia, eram plurais e exerciam a liberdade de analisar qualquer sistema com base exclusiva na razão, distanciando-se da metafísica. De certa forma, os filósofos almejavam empregar os métodos científicos para suas inquições, característica da filosofia do século XIX, visto que, desde Descartes (século XVII), o primado da razão se sobrepuja ao primado da fé (Valle, 2004).

Destacavam-se o **Illuminismo** (século XVIII), filho ilustre do **racionalismo** e do **empirismo**, que ainda produzia tardiamente seus frutos na França oitocentista. Além de outros movimentos de natureza filosófica, como o **Romantismo**, que formulou um ideário estético espiritualizado. O **Idealismo**, segundo o qual tudo o que conhecemos é produto do espírito humano. O **Materialismo**, doutrina que se opõe ao espiritualismo, para qual a matéria é a única substância da realidade. O **Positivismo**, que limita a experiência imediata às leis mecânicas, substituiu a filosofia pela ciência – a única fonte da verdade. O **Evolucionismo**, que tem na lei da evolução o princípio metafísico de uma lei geral da realidade. E o **Espiritualismo**, doutrina na qual o “Espírito” é o centro de toda a realidade, em oposição ao materialismo.

Esse era o ambiente político e cultural da sociedade francesa do século XIX, onde vicejava o pensamento humanista e filosófico. Apresentava condições mais favoráveis às novidades da ciência, das invenções tecnológicas, dos paradigmas quebrados nas artes plásticas, na música, no teatro, na literatura. E em qualquer atividade em que o engenho humano pudesse questionar, analisar sob o respaldo do método científico. Mas, ao mesmo tempo, reativa as questões do espírito, com tal seletividade que provocava sérias tensões no campo religioso. Acirrado com a crescente laicização promovida pelo Estado Francês, com injunções no sistema

escolar, área crítica para a Igreja. As ações não eram necessariamente anticlericais, mas a Igreja reforçava que “não há salvação para a sociedade humana fora dos preceitos religiosos” (Schnerb, 1996, p. 364-366).

As ideias Iluministas impactaram sobremaneira a França do século XIX, herdeira de duas revoluções, a Francesa, com dupla ação contra a Monarquia e a Igreja (simultaneidade inédita na história) e a Industrial Inglesa, embora de influência tardia. Essas ideias demarcaram a sociedade francesa nas esferas política, social, econômica e religiosa. A sociedade ansiava por liberdade de expressão, por igualdade perante as leis, por oportunidade para todos e pela participação ativa na esfera pública.

A Religião declinara nas cidades francesas e várias ordens religiosas foram dissolvidas. Foi o resultado da campanha agressiva dos revolucionários na rejeição à Igreja Católica e ao Cristianismo como um todo. Isso foi expresso no simulacro da “entronização” da Deusa da Liberdade (1793) na Igreja de Notre-Dame, revestida em Templo da Razão. Era o fim dos resquícios da era feudal, segundo Will Durant e Ariel Durant (c1967, p. 910-912).

Ernest Cassirer (1992, p. 189-191) constatou que “*O enciclopedismo francês*” acusou a religião de obstaculizar, desde sempre, o progresso intelectual e que não fora capaz de estabelecer uma moral verdadeira e uma justiça social. Reconheceu a essência do Iluminismo, principalmente o francês, na crítica e no ceticismo a tudo que se referia à religião. Portanto, nenhuma reconciliação era possível, a humanidade estaria num dilema entre escolher a ciência ou a crença. Nos “novos tempos”, a única opção, sem dúvida, seria a Razão, renunciando às revelações do alto, a verdade seria obtida pelo seu próprio esforço. Tal era o espírito do Iluminismo francês, de perfil analítico, que não rejeitou a fé, mas propôs um novo ideal de fé, uma nova religião, mais transcendental.

Segundo Humberto Coelho (2022a), o dilema da modernidade entre ciência e religião foi consequência da liberdade de pensar dos indivíduos e da construção de narrativas que provocaram de forma artificial essa separação. Foi fruto do iluminismo francês, que laborou na desconstrução seletiva, aprofundando as críticas à religião e a negação desta como valor social. Assim, enfatizou apenas as contribuições da ciência e negou à posteridade os relevantes trabalhos no campo religioso de grandes intelectuais da humanidade, que tiveram participação em ambas as áreas. Era uma forma sofisticada da intolerância religiosa em nome da liberdade de pensamento.

No século XIX, a crítica positivista exigia a substituição da religião pela ciência, provocando um acirramento do conflito entre ciência e religião. Mas, na virada do século, em uma análise mais distanciada, um dos formuladores da sociologia, o alemão Max Weber (1864-

1920), elaborou um estudo sobre a Sociologia das Religiões. Nele, defendeu que a consequência principal da racionalização da concepção de mundo e a forma de viver na modernidade desviaram intencionalmente a religião para a irracionalidade, o que provocou conflito entre a religião e a ciência, que “desencantou o mundo”. Antes eticamente ordenado por Deus e agora parte de um mecanismo causal (Weber, 2002, p. 244).

A religião foi deslocada do campo racional para a irracionalidade a cada sucesso do racionalismo na ciência empírica, dando a impressão de que seriam “irreconciliáveis”, mas, apenas na aparência, porque as religiões proféticas e as sacerdotais sempre mantiveram relação com o “intelectualismo racional”, devido ao distanciamento que mantiveram do misticismo mágico ou contemplativo e, na constituição de suas doutrinas. Algumas **tornaram-se literárias (Religião do Livro)**, com estímulo ao “leigo racional” em detrimento ao “controle sacerdotal” (Weber, 2002, p. 244).

Do ponto de vista de Max Weber, houve uma polarização “irreconciliável” entre a visão cosmológica da causalidade natural, da ciência, com os postulados da causalidade ética compensatória da religião. Porém, a ciência não foi capaz de provar com grau de certeza suficiente seus pressupostos últimos. Apesar disso, se autodeterminou como a “única forma racional” possível de ver o mundo. Como consequência, no sentido estrito da ética, o mundo seria fragmentário e desvalorizado dentro do postulado religioso sobre a “significação divina” da existência. Como resultado da polarização entre o racional e a realidade fática, entre a ética racional e os valores, houve a ascensão e o domínio da “não-fraternidade” (Weber, 2002, p. 247-248).

Dado esse contexto de conflito filosófico-político-religioso, foram selecionados três fatores culturais que contribuíram para a caracterização do Espiritualismo Moderno no solo francês, sob a denominação de Espiritismo: a) a filosofia francesa, b) o *desencantamento* do mundo e c) as correntes de pensamento espiritualistas, representadas pelo *swedenborguismo*, mesmerismo, socialistas românticos e espiritualismo.

A Filosofia Francesa

Toma-se como referência o artigo sobre a Filosofia Francesa, escrito em 1915 para a Exposição Universal e Internacional de São Francisco, pelo filósofo francês Henri-Louis Bergson²⁷ (1859-1941). Nele, expôs três características definidoras da filosofia francesa. Bergson considerou a França como a iniciadora da filosofia moderna e deu o crédito a Rene

²⁷Henri-Louis Bergson (1859-1941) foi um filósofo e diplomata francês, laureado com o Nobel de Literatura de 1927.

Descartes ao revelar a clareza e a distinção das ideias. Libertou “o pensamento moderno do julgo da autoridade” e não admitia uma verdade senão sob o imperativo da evidência.

Essa “filosofia da liberdade” era subjacente a uma teoria do método, o Cartesiano, com a predominância do racionalismo. Citou, entre outros filósofos franceses, Blaise Pascal (1623-1662) – com sua filosofia do sentimento, que compreende o conhecimento imediato e intuitivo, além da “pura razão” cartesiana. Concluiu com Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) como produtor do “domínio do pensamento prático”, enquanto Descartes no “domínio da especulação pura”. E atribuiu a Auguste Comte (1798-1857) “a ideia simples e genial” de estabelecer uma hierarquia entre as ciências, fundando o positivismo tão relevante na França do século XIX.

Com base em personalidades e suas produções tratadas no artigo, apontou as seguintes particularidades da filosofia francesa: a) se ela, eventualmente, torna-se sistemática, ela não se submete ao “espírito de sistema”, ou seja, age sem juízo preconcebido; b) os filósofos franceses se exprimem com simplicidade, de forma que ao se dirigirem ao público em geral, tendem a fazer um discurso universalista; c) a principal questão de fundo da filosofia francesa é o forte vínculo que mantém com a ciência positiva e o traço comum aos filósofos franceses é operarem simultaneamente como cientistas e d) outro traço é a propensão pela psicologia, em penetrar a alma humana pela observação interior.

Ao compor esse conjunto, a filosofia francesa abrange tanto a realidade exterior – semelhante à apresentada pelos físicos –, quanto à realidade interior – expressa nos psicólogos. E concluiu que na França é comum as pessoas de gênio, como escritores, artistas e artesãos, tentarem extrair de suas atividades materiais algo da filosofia de vida, sem se importarem o quão ingênuos sejam. Para eles a “necessidade de filosofar é universal”. E traduz o anseio mais profundo da personalidade francesa – partir direto para o que é geral. É assim que o “*espírito francês se identifica com o espírito filosófico*” (Bergson, 2006, p. 271).

É possível, portanto, inferir que a filosofia francesa tem por tradição interpretar os problemas humanos em termos sociais por colocar o coletivo no centro das suas reflexões, criando a função da filosofia social, mas não se descurou do individual, de inquerir a mente humana preparando as bases científicas da psicologia que viria a se constituir como disciplina científica no decorrer do século XIX.

O Desencantamento do mundo por Weber

Max Weber compreendia o ser humano revestido de natureza simbólica, gerador de significados ao interagir com coisas e acontecimentos sociais, seus pensamentos e ações se vinculam a um sentido subjetivo e subjacente. Daí, a origem do *encantamento do mundo*

relacionado a um círculo simbólico de representações mágico-religiosas. E suas institucionalizações expressas nas relações com esse além-mundo, repleto de forma de pensamento e ação num “mundo de poderes sobrenaturais”.

É a *magicização* do mundo, onde os cultos são de difícil diferenciação entre o mágico (relações compulsórias) e o religioso (relações invocatórias). Nas palavras de Weber, “*A distinção quase nunca pode ser feita em profundidade, pois mesmo o ritual do culto ‘religioso’, neste sentido, contém quase por toda parte grande número de componentes mágicos*” (Weber, 2000, p. 294).

Na análise de Wolfgang Schluchter²⁸ (2014, p. 34-36), Weber foi um dos primeiros pensadores clássicos que tratou do tema do *desencantamento do mundo*. E no dizer de Carlos E. Sell (2015, p. 135), a frase *desencantamento do mundo* é “uma das mais famosas fórmulas do vocabulário weberiano e que pode ser considerada uma síntese de sua visão do mundo moderno”.

Max Weber defendeu que as “religiões de salvação”, com maior probabilidade, foram as que empreenderam uma “virada axiológica” das representações simbólicas. Modificaram o eixo da mágico-mitológica para o da ética-religiosa, separando as causas naturais (mágica) das causas compensatórias (salvação religiosa). Foi o início do processo que ele denominou de “*desencantamento do mundo*”, libertando-o da magia e, por conseguinte, em certas circunstâncias, substituindo a magia pelo milagre (Schluchter, 2014, p. 38-40).

Continuando com a análise de Wolfgang Schluchter (2014), o processo de *desencantamento do mundo* em Weber segue em duas linhas históricas: a religiosa e a científica. Na primeira, o processo histórico-religioso do *desencantamento* é entendido como a eliminação do elemento representativo da magia, a “*desmagicização*” ou a “perda de sentido”. Iniciado no profetismo judaico e concluído no protestantismo ascético²⁹, quando a humanidade abandona a crença nas “forças divinas e impessoais”, manipuladas em proveito próprio, através da magia. Esta foi eliminada no processo progressivo de racionalização religiosa não linear, em que o *desencantamento* religioso do mundo se processou entrelaçado ao seu contínuo *reencantamento*.

²⁸Wolfgang Schluchter, alemão nascido em 1938, reconhecido sociólogo da religião, professor emérito da Universidade de Heidelberg, é uma autoridade na obra de Max Weber. Um dos editores da republicação das obras de Weber, famoso pelo enfoque na sociologia weberiana da religião, interpretando-a dentro do conceito da “história do desenvolvimento”, que suscitou controvérsias (Sell, 2014, p. 11-17).

²⁹As Igrejas Reformadas como um todo, os luteranos, calvinistas, puritanos, pietistas, metodistas, anabatistas, batistas, menonitas e quakers (Schluchter, 2014, p. 42).

No entanto, esse entendimento de *reencantamento* é contestado por Antônio Flávio Pierucci (2013). Ele afirma que o conceito de *reencantamento* em Weber não significa uma reversão subjetiva do *desencantamento* do mundo, um retorno ao sagrado. Este não se dá na esfera religiosa, mas diz respeito à esfera erótica (Pierucci, 2013, p. 221).

A segunda linha, imbricada com a primeira, trata-se da via do conhecimento racional, engendrado na ciência moderna sob a tradição da filosofia clássica grega. A via do conhecimento racional foi apresentada por Parmênides de Eléia, filósofo grego do período pré-socrático, e foi apresentada no seu poema “Sobre a Natureza”, que influenciou pensadores e filósofos. Parmênides esperava que sua investigação o conduzisse a conhecer todas as coisas e em todos os campos do saber humano, por uma única via, a da Verdade Absoluta (Kirk; Raven; Schofield, 1983, p. 251-255).

Para Weber, o aprofundamento da tensão criada entre a salvação religiosa e o conhecimento racional afastou em definitivo a ciência da religião. O mundo, então, surge mais racional, matematizado e autônomo da tradição religiosa, em suma *desencantado* pelo conhecimento empírico-racional, destituído da magia e do milagre. Um mundo naturalizado sem compensação ético-religiosa, no qual o sentido mundano é dado pelo encadeamento lógico e pelas correlações causais (causa-efeito). Mas, no entender de Weber, a ciência moderna não supera e nem substitui a religião, existente apenas em função da capacidade “imaginativa” inerente à natureza humana (Weber, 2002, p. 244-247).

Por outro lado, Antônio Flávio Pierucci (2013) defende que a tradução do termo “*desencantamento do mundo*” mais adequada aos textos de Weber é “*desmagificação*”. O sentido literal, para evitar “deslizamentos semânticos incontroláveis”, ou seja, polissemias do termo, levando a interpretá-lo apenas como sinônimo de “perda de sentido”. Segundo ele, o fator decisivo do processo histórico-cultural de “*desencantamento do mundo*” foi a intelectualização científica, a racionalização prático-técnica. Mas foi a *desmagificação* pela racionalização prático-ética pela *eticização* da conduta religiosa do indivíduo que deu início ao processo, sendo a contraposição do “*desencantamento do mundo*” pela ciência (Pierucci, 2013, p. 44-46).

O maior achado de Antônio Pierucci foi constatar nos textos tardios de Weber, nos adendos à segunda edição de *A Ética Protestante* onde o “*desencantamento do mundo*” foi causa primeira da *desmagificação* da religiosidade ocidental “resultante da racionalização ético-prática da conduta diária de vida, e não como efeito do esclarecimento científico” (Pierucci, 2013, p. 218). E resume expondo o fator explicativo de Weber para a atitude de domínio do mundo pelo ocidente: “de desencantamento *stricto sensu* operado pela

intelectualização religiosa, que vira desencantamento *lato sensu* operado pela intelectualização científica” (Pierucci, 2013, p. 165).

A questão do “*desencantamento do mundo*” em Weber era consequência “inevitável da modernidade” que promoveu o declínio da religião e a redução da atividade do sobrenatural no mundo ocidental. O que fez com que os estudiosos comparassem o *desencantamento do Ocidente* com outras culturas “ainda encantadas” sob um olhar *cientificista*. E que “Muitos deles equipararam ‘encantado’ a ‘mágico’ e, a partir disso, exploraram a visão de mundo mágico como aquela em que os participantes acreditam que podem acessar um mundo diferente deste para mudá-lo” (Scharp, 2006, p. xvii, tradução nossa)³⁰.

Na análise de Peter Ludwig Berger (1929-2017), o protestantismo eliminou de tal forma e profundidade os “três mais antigos e poderosos elementos concomitantes do sagrado: o mistério, o milagre e a magia”, que esse processo levou a Weber configurá-lo como “desencantamento do mundo”, no qual o crente protestante “não vive em um mundo continuamente penetrado por seres e forças sagradas”, diferentemente dos católicos que vivem em um mundo de mediação do sagrado por vários canais (Berger, 1985, p. 150-151).

Correntes de pensamento espiritualistas

Na França do século XIX, nem toda corrente de pensamento estava assentada no materialismo e no positivismo. Ubiratan Machado (1983) expôs o contexto polarizado dessa época com o racionalismo do século XVIII decretando o fim do misticismo e a elevação da razão acima de tudo que estava estabelecido pela antiga ordem. A ciência libertou a humanidade da religião e do sentido místico. Por outro lado, houve uma reação do atavismo místico multissecular. A simbologia dessa polarização foi gravada em duas personalidades representativas, “*Voltaire, coroadado pela deusa Razão*” e “*Swedenborg, conversando com os anjos pelas ruas de Londres*” (Machado, 1983, p. 21-22).

De fato, o vidente sueco Swedenborg deixou um legado sob o qual foram edificados grupos religiosos instituídos na denominada Nova Igreja, principalmente na Grã-Bretanha, nos Estados Unidos e na Suécia. Nos séculos seguintes, vários princípios da doutrina de Swedenborg converteram-se em artigos de fé de muitos grupos e movimentos espiritualistas na Europa, na Inglaterra e em países com imigrantes anglo-europeus. E, notadamente, no Espiritualismo Moderno, a tal ponto de também ser possível identificá-los nos atuais movimentos da Nova Era (Versluis, 2015).

³⁰*Many of these have equated "enchanted" to "magical" and then explored the magical world view as one in which the participants believe they can access a world other than this one in order to change this one.*

Por volta do ano de 1830, houve uma grande procura na França pelos mistérios do magnetismo animal criado como ciência pelo médico alemão, formado em Viena, Franz Anton Mesmer (1734-1815). Nessa época, o meio científico publicava suas pesquisas e opiniões sobre essa vertente terapêutica para tratamento de doenças, que restabelecia o equilíbrio orgânico através do fluxo do “fluido universal” no corpo humano. Depois, seu seguidor na França, o Marquês de Puységur (1751-1825), desenvolveu estudos sobre o “sono magnético” ou “sonambulismo induzido”, precursor da hipnose (De Jesus, 2004, p. 275-283; Monroe, 2008, p. 64-72).

Outra linha espiritualista de feição social foi o Socialismo Romântico³¹. Este foi um movimento do início do século XIX em contraponto ao individualismo. Seus principais representantes na França eram Saint-Simon (1760-1825), Charles Fourier (1772-1837) e Pierre Leroux (1797-1871). Preconizavam uma proposta abstrata com ideias “utópicas” para constituir uma sociedade alternativa de futuro que se contrapunha à que estava se formando sob a tutela do capitalismo. Seus ideais reformistas da sociedade buscavam uma justiça social e acreditavam que a *reencarnação* promovia “o progresso iluminista sem sacrificar a religiosidade”. Isso atraía livres-pensadores e espiritualistas em geral (Sharp, 2006, p. xii).

O movimento espiritualista tomou força, na França do século XIX, com suas diversas tendências. Destaca-se o espiritualismo de Maine de Biran (1766-1824), considerado um dos melhores psicólogos de sua época. Nas suas proposições, Deus está presente tanto na consciência quanto no corpo dos indivíduos, como uma “revelação divina” na própria “voz da consciência” (Reale; Antiseri, 2005, p. 247-248).

Outra linha foi o espiritualismo eclético do professor da Sorbonne, Victor Cousin (1792-1867), que, apoiado em Maine de Biran, produziu um Espiritualismo que conciliava, numa síntese, várias correntes filosóficas. Pois entendia que nenhuma delas *per si* podia abarcar toda a verdade (Valle, 2004, p. 219-220). Ele adotou como método a “observação interior da consciência” para descobrir as verdades incontestes e justificava pelo Espiritualismo as causas adequadas da religião e da política (Reale; Antiseri, 2005, p. 249-250).

Ao resumir a sociedade francesa da segunda metade do século XIX, os antropólogos Aubrée e Laplantine descreveram que passava por “uma mutação econômica, demográfica e tecnológica” ainda marcada pelas rupturas da Revolução Francesa. Observadas em três linhas de influência: a procura pelo “sentido oculto” das mudanças na sociedade, um retorno ao esoterismo e ao ocultismo. A reação da Igreja Católica na tentativa de recuperar o poder

³¹O termo Socialismo Romântico foi utilizado no lugar de Socialismo Utópico, rotulagem dada pelos marxistas para enfatizar o grau de irrealismo e de imaginário dessa linha de pensamento.

temporal sobre a burguesia e o operariado cada vez mais distanciado de seu influxo. E a corrente do positivismo, do republicanismo e do evolucionismo otimista, oriundos do século das Luzes (XVIII) e da Revolução Francesa (Aubrée; Laplantine, 2009, p. 72-73). Nesta última, insere-se o Espiritismo.

Foi nesse contexto que Allan Kardec apresentou uma proposta de conciliação entre ciência e religião. Mas, conforme análise de Humberto Coelho (2022b, p. 247), curiosamente sem admitir a metafísica entendida como obsoleta, especulativa, abstrata e fantasiosa, fora do domínio das ciências. Ou seja, utilizou da própria tese científica para afirmar novos conhecimentos, o que deixa transparecer uma união metodológica do materialismo com o espiritualismo.

O mitólogo romeno Mircea Eliade (1907-1986) já tinha notado essa particularidade do Espiritismo, “[...] *Mas o elemento novo e importante no **espiritismo moderno** é sua perspectiva materialista. Antes do mais, existem ‘provas positivas’ da existência da alma, ou antes, da existência post-mortem de uma alma [...]*” (Eliade, 1989, p. 61, grifo nosso).

1.2.2 *Espiritismo: o espiritualismo moderno à francesa*

Segundo informado por Allan Kardec, na introdução de *O Livro dos Espíritos*, os neologismos *Espiritismo*, *espírita* e *espiritista* foram utilizados por ele para diferenciar da palavra espiritualismo e espiritualista que teriam sentido próprio já estabelecido (Kardec, 2006 [1860], p. 21). Todavia, de acordo com pesquisas atuais, a palavra Espiritismo (*spiritism*) foi utilizada na língua inglesa em pelo menos três obras³², entre 1854 e 1855, antes de serem empregadas por Kardec na língua francesa em 1857.

Segundo Allan Kardec, o Espiritismo é um caso particular do Espiritualismo Moderno do qual se originou. Deixou isso claro no artigo intitulado *A Escola Espírita Americana*, publicado na *Revista Espírita*, de maio de 1864 (2004g [1864], p. 200-202). Informou que recebia solicitações para explicar a diferença entre a Doutrina Espírita na Europa e no novo continente (América). Então, através do artigo, fez uma análise comparativa entre o movimento do Espiritualismo Moderno, que ele denominou de Escola Espírita Americana, com o Espiritismo na Europa, apresentando particularidades que caracterizam ambos os movimentos.

³²*The Apocatastasis, or Progress Backwards: a new tract for the times* (1854), de Chauncey Goodrich Burlington, *The spirit-rapper: an autobiography* (1854), de Orestes Augustus Browson e *The Sacred Circle, Volume 1* (1855) editores: Judge Edmonds, Dr. Dexter e O.G. Warren. Maiores detalhes no Blog de Hugo Lapa (2013). E em Fábio R. de Carvalho e Antonio C. Perri de Carvalho (2017).

Segue o resumo:

- a) O título do artigo, *A Escola Espírita Americana*, a princípio, provoca um questionamento sobre a motivação para caracterizar o movimento do Espiritualismo Moderno norte-americano como uma vertente da Doutrina Espírita por ele fundada. É notório que Kardec empregava o termo Espiritismo em três sentidos³³: um abrangente (*lato sensu*) com o qual designava as correntes de pensamento cujos princípios se apoiam nas “*relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível*” (Kardec, 2006 [1860], p. 21). Outro, em sentido estrito (*stricto sensu*), utilizava como sinônimo da Doutrina Espírita por ele fundada: “*Diremos, pois, que a Doutrina Espírita ou o Espiritismo [...]*” (Kardec, 2006 [1860], p. 21, grifo nosso). E por último, para designar o movimento espírita. Portanto, é possível inferir que Kardec, ao designar o Espiritualismo norte-americano de Escola Espírita, ele o faz no sentido amplo do termo Espiritismo ou espírita;
- b) Kardec declarou que essas manifestações “ocorreram em todos os tempos”, mas tinham passado despercebidas por serem esporádicas e isoladas. Depois, contextualiza que, no tempo presente (século XIX), esses fenômenos se produziram com intensidade nos Estados Unidos, despertando “*a atenção geral dos dois lados do Atlântico*”. E fez a seguinte constatação: “*A extrema liberdade existente nesse país favoreceu a eclosão das ideias novas, e é por isto que os Espíritos o escolheram para primeiro teatro de seus ensinamentos*”. Traçando, assim, uma linha condutora do fenômeno como fato social em trânsito pelo Atlântico em meados do século XIX (Revista Espírita, 2004g [1864], p. 200);
- c) Constatou que a origem das diferenças foi devida à assimilação do fato segundo a cultura de cada povo: “*A cada um o seu papel, conforme suas aptidões, e a cada povo o seu, segundo seu gênio particular*” (Revista Espírita, 2004g [1864], p. 201);
- d) No trecho seguinte, resumiu as particularidades de cada localidade. Na escola espírita americana predominava o interesse pelo Espiritismo Experimental – o conhecimento empírico, a “*parte fenomênica*”. Enquanto na escola europeia a predominância era o Espiritismo Teórico – o conhecimento sistemático, a “*parte filosófica*” (Revista Espírita, 2004g [1864], p. 201);
- e) No último exemplar da *Revista Espírita* elaborado por Kardec e publicado no mês de abril de 1869, após seu falecimento, ele deixou um extenso artigo intitulado

³³Ver em Augusto Araujo (2016, p. 73).

Profissão de Fé Espírita Americana. No qual afirmou: “O que faltou aos Estados Unidos foi um centro de ação para coordenar os princípios. Não existe, a bem dizer, corpo metódico de doutrina” (Revista Espírita, 2005c [1869], p. 154).

Um fato que chama atenção foi o discurso de Kardec proferido em 1867, dez anos após a publicação da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, livro fundante do Espiritismo, no qual nomeou com o termo *espírita* os espiritualistas norte-americanos e de *kardecistas* os seguidores da Doutrina Espírita – os espíritas propriamente ditos:

Os espíritas - qualquer que seja o matiz de suas posições, sejam americanos ou europeus, kardecistas, como se diz, ou outros, seja qual for o nome que se lhes dê – devem todos, portanto, se forem coerentes com seus princípios, dar-se as mãos, considerando que marcham na direção do mesmo objetivo: a emancipação moral da humanidade.

[...]

3.º **Aos espíritas dos Estados Unidos da América**, que foram os primeiros a abrir o caminho à doutrina nova: saudações de cordial fraternidade! (Kardec, 2021c [1867], grifo nosso, Documento #180).

Resumindo, Allan Kardec posicionou o Espiritismo como a síntese dos conhecimentos sobre as comunicações com os “Espíritos”, apresentados “em corpo de doutrina” – a Doutrina Espírita. E a vinculou ao Espiritualismo Moderno, como representante de uma de suas fases (talvez a última). No início da sua Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita, em *O Livro dos Espíritos*, referiu-se ao neologismo Espiritismo que criou para o diferenciar do Espiritualismo (Kardec, 2006 [1860], p. 21).

Mas, ele utilizava o termo Espiritismo em três sentidos, um relacionado às comunicações com os “Espíritos” – *o Fato Mediúnico*. Outro como síntese do conhecimento dessas relações – *a Doutrina Espírita*. E ainda como movimento espírita – *o Fato Social* (Araujo, 2016, p. 73). Ou seja, o Espiritismo de origem nos “fenômenos mediúnicos”, a Doutrina Filosófica como produto das pesquisas e a Renovação Social como consequência.

Quem foi Allan Kardec?

Com o surgimento de *O Livro dos Espíritos* em 1857, ocorreram dois fatos históricos: a fundação da Doutrina Espírita ou Espiritismo e o desaparecimento de Denizard Rivail para dar lugar ao Allan Kardec³⁴, pseudônimo sob o qual assinou essa obra e demais livros e textos.

³⁴Nome pelo qual Rivail ficou conhecido. Há várias suposições para seu significado, a mais comentada refere-se ao nome de uma pretérita encanação sua na velha Gália como druida, de acordo com Henri Sausse (2012 [1927], p. 41). Recentemente, foi disponibilizado no sítio do Projeto Allan Kardec um manuscrito com anotações de Kardec, no qual justificava o uso desse pseudônimo, que naquela época já suscitava controvérsias: “*o nome Allan*

A biografia de Allan Kardec aqui referida apresenta traços da sua personalidade que remete à influência de sua família advinda da burguesia francesa rural de Bourg-en-Bresse e de Lyon, de tradicional vínculo com a área militar e jurídica. Estudou no Instituto de Yverdon, na Suíça, com Johann Heinrich Pestalozzi³⁵ (1746-1827), a maior referência em educação na Europa de então. Atuou de forma precoce na instrução da infância e juventude, que durou mais de trinta anos. Publicou várias obras didáticas, participou de associações acadêmicas, científicas e de incentivo à indústria e ao comércio. Ele foi autor de obras didáticas e gramático da língua francesa, publicou a *Gramática Francesa Clássica* (1831) em coautoria com Lévi-Alvarès.

Casado, mas sem descendência, exerceu outras atividades fora do contexto educacional, mas não teve sucesso financeiro. Interessado pelo mesmerismo e em contato com sonâmbulos para assuntos diversos e de saúde. Nos últimos anos de sua existência terrena, dedicou-se às pesquisas dos “fenômenos mediúnicos” e destas fundou a Doutrina Espírita, o Espiritismo. Contribuía para o bem-estar da sociedade, era de gosto simples e modesto, que teve de abandonar dada a repercussão do Espiritismo.

Percebe-se em Allan Kardec a convivência pacífica entre fé e razão. Apesar de toda a sua formação intelectual e seu capital cultural e social, tinha predileção pelo religioso. Na Vila de Segur, sua propriedade e residência, foi inaugurada uma capela e aos domingos rezavam missa, segundo relato de sua esposa Amélie Boudet. Ela assistiu a missa (Boudet, 2021 [1861], Documento #193).

Quem melhor pode definir as aspirações sob as quais uma pessoa se identifica na sociedade é ela própria. Allan Kardec se autodefinia em 1828 como “*Discípulo de Pestalozzi, diretor de Escola da Academia de Paris, membro de várias sociedades científicas*” (Rivail, 2005 [1828]). E depois de produzir várias obras, era “*homem de letras*”. Uma síntese das aptidões que foram incorporadas na sua trajetória de vida, evidenciando acúmulo de *capital cultural e social* (Bourdieu, 2022 [1989], p. 137). Maiores informações sobre a influência das linhas de pensamento, de filósofos e educadores em Allan Kardec, ver Barros (2022) e Dora Incontri (2006).

Há um manuscrito, o Documento #46, pertencente ao acervo do Projeto Allan Kardec

Kardec tem um significado e posso reivindicá-lo como meu em nome da doutrina. Digo mais: ele confirma todo um ensino que me reservo o direito de divulgar mais tarde (Kardec, 2023a, Documento #260).

³⁵No dizer de Dora Incontri (Pseudônimo da Doutora Dora Alice Colombo), Pestalozzi era considerado um humanista cristão, herdeiro de Rousseau, que entendia o Cristianismo pelo lado ético-moral, um compromisso de foro individual, sem ritualística e dogmatismos. Para Pestalozzi “o desafio da educação é despertar esse ser moral, para que ele empreenda sua autoconstrução”, ao que ele dedicou toda sua vida em prol da humanidade, incorporando a observação empírica à teoria, sendo um dos primeiros a propor uma ciência, a Pedagogia, como a arte de educar pelo “amor pedagógico” como “fundamento, meio e finalidade da educação” (Incontri, 2006, p. 143-149).

da UFJF, onde consta uma minibiografia sua elaborada por ele mesmo no ano provável de 1864. Nela, ele se descreve como “escritor filósofo francês”, dedicado ao estudo das ciências e da filosofia. E relata seu envolvimento com os “fenômenos mediúnicos”: “entregou-se a observações perseverantes sobre esses fenômenos, atentando-se principalmente a deduzir-lhes as consequências filosóficas”. Passou a citar as obras editadas até 1864 e, por fim, disse que “Fundou em Paris, em 1º de abril de 1858, a primeira sociedade espírita regularmente constituída, sob a denominação de: Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas” (Kardec, 2020c [1864?], Documento #46).

Outra informação biográfica se encontra no Novo Dicionário Universal organizado pelo seu amigo e ex-sócio Maurice Lachâtre, publicado em 1865, no qual o nome de Kardec consta como um dos colaboradores. No Dicionário, há o verbete ALLAN KARDEC, na página 199 (Allan [...], 1865). É considerada a sua primeira biografia com ele ainda em vida. Descreve que foi um francês do século XIX, de pensamento racional e positivo, ligado às ciências e às pesquisas, mas de ideia de missionário reformista religioso, conforme segue:

Nascido na religião católica, mas educado em um país protestante, os atos de intolerância que ele teve de suportar a esse respeito, fizeram-no, desde a idade de quinze anos, **conceber a ideia de uma reforma religiosa, na qual trabalhou em silêncio durante longos anos, com o pensamento de chegar à unificação das crenças**; mas faltou-lhe o elemento necessário para a solução desse grande problema. O espiritismo veio mais tarde fornecer-lhe e imprimir uma direção especial aos seus trabalhos (Lachâtre, 2014, p. 151-152, grifo nosso).

O Que é o Espiritismo

A este questionamento Allan Kardec respondeu de forma sucinta no preâmbulo do livro *O Que é o Espiritismo*, conforme consta na sua 6ª edição de 1865:

O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que se podem estabelecer entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que decorrem de tais relações (Kardec, 2011a [1865], p. 11, grifo nosso).

Essa definição evidencia a forma como seu autor considerou o Espiritismo, com características no campo epistemológico e metodológico da Ciência e da Filosofia, tendo como objeto os “Espíritos” e suas relações com o mundo corpóreo. Segundo o filósofo Herculano Pires (1974), ele colocou, no campo científico, a pesquisa do relacionamento entre esses dois mundos existenciais – a realidade terrena e a espiritual, ambas passíveis de submissão ao

método de experimentação científica.

Uma, parte do sujeito que observa o exterior, os fenômenos da matéria, a percepção objetiva alocados na esfera da ciência. A outra em que o sujeito observa a si mesmo, os fenômenos psicológicos ou da alma, a percepção subjetiva pertencente à esfera da filosofia, cujos princípios éticos são obtidos nessa dualidade do conhecimento racionalizado, daí a dialética spiritista: *Ciência e Filosofia* (Pires, 1983). Um processo dialético, mas com a fusão da tese com a antítese gerando uma nova ideia (Pires, 1974, p. 16).

O objeto de estudo do Espiritismo foi estabelecido por Kardec na sua primeira definição do Espiritismo, colocada na Introdução de *O Livro dos Espíritos* – “[...] Diremos, pois, que a Doutrina Espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível” (Kardec, 2006 [1860], p. 21). E em seguida, arrematou que o Espiritismo “*está todo inteiro na existência da alma e no seu estado depois da morte*” (Kardec, 2006 [1860], p. 40). De início, dois objetos foram evidenciados, a relação entre o “mundo espiritual” e o corpóreo, e a existência dos “Espíritos”³⁶.

É notória a convicção de Allan Kardec de ter constituído o Espiritismo como uma “*nova ciência*” – a Ciência do Espírito, motivado pelo emprego do método experimental adaptado, para a obtenção de informações que permitiram elaborar os princípios espíritas, que, segundo ele, “[...] *percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da humanidade, a solução que eu procurara em toda minha vida [...]*” (Kardec, 2009c [1890], p. 350). Ou seja, solucionariam os graves problemas da humanidade.

Ele explicou que não elaborava previamente teorias ou hipóteses, fazia observações detalhadas, comparava, analisava, para daí deduzir as consequências (as leis gerais). Partia dos efeitos para determinar as causas por dedução lógica, após eliminar todas as dificuldades possíveis do problema em questão, para chegar às leis que regem o fenômeno. Por fim, deduzia as consequências e buscava aplicações úteis (Kardec, 2009c [1890], p. 349).

A descrição do método desenvolvido por Kardec³⁷ é similar ao Método Indutivo ou da Experimentação defendido por Francis Bacon (1561-1626). Fundamenta-se na realização de experimentos para estabelecer leis gerais, procedendo do particular para o geral. No processo Indutivo, o pesquisador, ao estabelecer o problema de análise, procede com os experimentos, observando os detalhes para formar uma base de dados consistente. E, após classificá-los,

³⁶No Espiritismo, “espírito” e alma têm conceitos diferentes. Enquanto o “Espírito” é o princípio inteligente do universo, a Alma é o “Espírito” quando “encarnado”, e o corpo é apenas o seu invólucro (Kardec, 2006 [1860], p. 134-135).

³⁷Ver Marcelo Gulão Pimentel (2014) sobre o desenvolvimento do método de Allan Kardec para investigação dos “fenômenos mediúnicos”.

formula enunciados gerais tanto quanto seja possível. Por fim, registra e compartilha os resultados com seus pares (Barros, 2022, p. 70-71).

Conforme definido por Kardec (2011a [1865], p. 11), o Espiritismo teria um duplo significado: uma ciência de observação por aplicar método científico na observação dos fenômenos espirituais e, simultaneamente, uma **Doutrina Filosófica** por ter consequências morais advindas desse relacionamento. Em Kardec, a moral é intrínseca à filosofia³⁸. Esse entendimento suscitou a questão da “identidade do Espiritismo”, qual seja, tem o *Duplo Aspecto de Ciência e Filosofia de consequências morais* ou se apresenta no *Tríplice Aspecto de Ciência Filosofia e Religião*. A incorporação do termo religião foi o que suscitou parte das controvérsias no movimento espírita no Brasil e mesmo na França, assunto discutido nos capítulos seguintes.

Os Princípios Espíritas

Na classificação de Deolindo Amorim (2002, p. 59-71), os Princípios Espíritas são de ordem Universal, no sentido atemporal, por serem desde sempre e de toda época da Humanidade (material e espiritual). E, no sentido Espacial, por estarem estabelecidos em todo o Universo, como resultado das leis naturais ou divinas, imutáveis. E acrescenta que neles estão inerentes “*problemas de natureza filosófica, teológica e científica*”, os quais foram desenvolvidos nas obras fundamentais, formando o arcabouço a partir do qual toda uma Doutrina foi criada.

Assim resumidos: a existência de Deus – a Inteligência Suprema e Causa Primeira de tudo que existe no universo; a criação divina – o universo é constituído do elemento espiritual, o “mundo espiritual”, e elemento material, o mundo corporal; a existência e sobrevivência do “Espírito” – o princípio inteligente da criação, sede da inteligência e das percepções; a Evolução – toda a criação está submetida à lei do Progresso; a Reencarnação – mecanismo de progresso dos “Espíritos” e da justiça divina; a Mediunidade – as relações entre os “Espíritos desencarnados” com os “encarnados” são constantes e é um meio de que se servem para se influenciarem; os Mundos Habitados – os mundos são ambientes de experiências para os “Espíritos”; as Leis Morais – são as leis Divinas ou Naturais, que abrangem a natureza material e a espiritual, direcionam a ética das relações; e a Situação Futura – o ser encontra meios nas diferentes existências que lhe permitem avançar em direção à perfeição que é o seu objetivo final.

³⁸Ver explicação em Araujo (2016, p. 81).

As Obras Fundamentais

Provavelmente, a última obra elaborada por Allan Kardec, em vida, foi o *Catálogo Racional de Obras para se Formar uma Biblioteca Espírita*³⁹, publicado em encarte na *Revista Espírita* no fascículo de abril de 1869. Contém a relação de várias obras de interesse do Espiritismo, catalogadas segundo o critério: I – Obras Fundamentais da Doutrina Espírita (livros, resumos e revistas de sua autoria), II – Obras diversas sobre o Espiritismo (ou complementar da doutrina), III – Obras realizadas fora do Espiritismo (incluindo as de opinião contrária) (Bastos; Farias; Ribeiro Júnior, 2022). Segue detalhe das obras do Critério I:

O Livro dos Espíritos (Parte filosófica) – surgiu em 18 de abril de 1857 – Filosofia Espiritualista. Conteúdo: os princípios da Doutrina Espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos “Espíritos” e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da Humanidade.

O Livro dos Médiuns (Parte Experimental) – Guia dos Médiuns e dos Evocadores, surgiu em 15 de janeiro de 1861 – Espiritismo Experimental. Conteúdo: o ensino especial dos “Espíritos” sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o “mundo invisível”, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os escolhos que se podem encontrar na prática do Espiritismo.

O Evangelho Segundo o Espiritismo (Parte Moral) – publicado em 15 de abril de 1864, título original *Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo*. Conteúdo: as explicações das máximas morais do Cristo, sua concordância com o Espiritismo e sua aplicação às diversas posições da vida.

O Céu e O Inferno ou A Justiça Divina Segundo o Espiritismo – surgiu em 1º de agosto de 1865. Conteúdo: exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual, as penas e as recompensas futuras, os anjos e os demônios, as penas eternas, seguido de numerosos exemplos da situação real da alma durante e depois da morte.

A Gênese, Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo – publicado em 6 de janeiro de 1868. Conteúdo: estudo do livro Gênesis, do Pentateuco Hebraico, de acordo com as descobertas científicas da época de Kardec e com os princípios espíritas, também com as explicações dos Milagres e as Predições dos Evangelhos.

Resumos – cinco livros com resumos explicativos da Doutrina: *O Que é o Espiritismo*

³⁹Ver artigo sobre as versões do *Catálogo Racional* em Adair Ribeiro Júnior, Luciana Farias e Carlos Seth (2022, p. 95-120).

(1859), *O Espiritismo na Sua Expressão Mais Simples* (1862), *Resumo das Leis dos Fenômenos Espíritos* (1864), *Características da Revelação Espírita* (1868), *Viagem Espírita em 1862* (1862).

Revista – a coletânea da *Revista Espírita* dos anos de 1858 a 1868 e os fascículos de janeiro a abril de 1869. Totalizando nove livros e 11 volumes anuais da *Revista* e 4 fascículos.

O Espiritismo e seus aspectos – científico, filosófico e religioso

Aspecto Científico – Allan Kardec (2006 [1860], p. 60) explica que a Ciência Espírita contém duas partes: a *experimental*, referente às manifestações físicas sensíveis aos sentidos humanos e a parte *filosófica*, sobre as manifestações inteligentes de efeitos psicológicos. Ambas necessitam de estudo e erraram os que o criticam por ter dado a qualificação de *ciência* ao Espiritismo, sem as características de uma ciência exata. Porque já seria bastante ser uma “*ciência filosófica*” (*Revista Espírita*, 2004a [1858], p. 23). E resume: “*O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, da origem e do destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corpóreo*” (Kardec, 2011a [1865], p. 11).

Segundo os argumentos de Augusto Araujo (2016), para Kardec a ciência estaria na base epistemológica da estruturação do Espiritismo, tido como uma “*filosofia livre do espírito de sistema e uma religião em sentido filosófico*”. Em outras palavras, uma ciência positiva que fundamenta de forma empírica, as crenças advindas da *especulação filosófica* e da *revelação religiosa*. Segue uma linha histórica – primeiro a *ciência* (estado positivo), depois a *filosofia* (estado metafísico) e, em seguida, a *religião* (estado teológico). Inversamente à ordem estabelecida por Auguste Comte (teológico, metafísico e positivo) (Araujo, 2016, p. 35-36).

Aspecto Filosófico – A partir da segunda edição de *O Livro dos Espíritos*, de 1860, Kardec introduz o subtítulo *Filosofia Espiritualista*. Justifica, explicando que o termo filosofia utilizado se refere a um corpo de princípios sistematizados que formam o arcabouço de uma doutrina ou área do saber. De acordo como o professor Silvio Seno Chibeni (2002, p. 3), a palavra filosofia, colocada por Kardec, indicava a metodologia da nova *ciência* – a Ciência Espírita e, por *filosofia*, entendia-se, naquela época, “qualquer disciplina que abordasse de forma sistemática e racional uma área do saber”. Isso não excluía o caráter científico do Espiritismo, mas servia como reforço, além de abranger o aspecto ético ou moral, próprio da filosofia até hoje.

O filósofo Herculano Pires também corrobora com essa visão ao explicar *O Livro dos*

Espíritos não foi escrito em linguagem técnica e nem com o rigor de uma exposição filosófica, mas “*é todo um complexo e amplo sistema de filosofia que nele se expõe*” (Pires, 1974, p. 14).

E completa – que o aspecto filosófico do Espiritismo apresenta uma característica distinta: ele deriva de pesquisa empírica com aplicação de método científico e não de especulação abstrata e sistemática. Devido a isso, a Doutrina Espírita apresenta no seu quadro epistemológico uma dependência direta do aspecto científico, o filosófico surgiu posteriormente. Porém, como anotou Araujo (2016, p. 162), Kardec ampliou o significado de filosofia para dotar a Doutrina Espírita de um sistema de “princípios universais” que envolvesse “os saberes científicos e religiosos”.

Aspecto Religioso – Ao avançar sobre os “saberes religiosos” causou tensão e polarização entre este e o científico, como reflexo do dilema da modernidade entre fé e razão. O que levou o caráter *filosófico* a ter função de elo entre o *científico* e o *religioso*, como uma proposta de conciliação. Mas, em condições menos favorecidas frente ao caráter *científico* empírico – a Revelação Humana e o caráter *religioso* ancorado na Revelação Divina. Todavia, Kardec insistia que a Filosofia Espírita era mais importante que os “fenômenos espirituais”. Seria a parte essencial da Doutrina Espírita, pois era capaz de explicar toda realidade da humanidade terrena e a “espiritual” (Araujo, 2016, p. 161-165). O aspecto *religioso* será desenvolvido no Capítulo 4.

1.2.3 *Filosofia Espírita: a “fé raciocinada”*

A “fé raciocinada” – a síntese dialética espírita

Kardec colocou na sua obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo* que o Espiritismo conduz os incrédulos através da “*fé Raciocinada*” e explicou:

A fé raciocinada, a que se apoia nos fatos e na lógica, não deixa nenhuma obscuridade; a criatura acredita porque tem a certeza, e tem certeza porque compreendeu. Eis porque não se dobra. **Fé inabalável é somente a que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade** (Kardec, 2017 [1866], p. 254, grifo nosso).

O professor Herculano Pires interpreta o binômio provocativo “*fé raciocinada*” como forma da Dialética Espírita, mas que difere de outras definições, porque o processo dialético do Espiritismo não enfatiza a contradição entre tese e antítese. É um esforço metodológico para a fusão harmônica dos opostos, que resulta num novo sentido “abrindo caminho a uma nova fase da vida terrena” (Pires, 1974, p. 15-16).

Para ele, o dístico “*fé raciocinada*” “**é a natureza sintética do Espiritismo**” e que o Espiritismo “*constitui a última fase do processo do conhecimento*”. Última no sentido de limite da capacidade humana de compreender, mas ponderou – conhecimento no sentido geral e não específico, como síntese de compreender o mundo e a vida (Pires, 1995, p. 23, grifo nosso).

No entender de Aubrée e Laplantine, o sucesso da Doutrina Espírita perdura devido ao seu “caráter sintético”, que possibilita a conciliação entre as posições antagônicas do positivismo científico e da fé religiosa, entre o laboratório de experimentação e o além. Ele viabiliza a reunião de opostos como: “o passado e o futuro, a vida e a morte, o espírito e a matéria, a terra e os outros planetas” (Aubrée; Laplantine, 2009, p. 108).

Essa é a **Síntese Dialética Espírita** advinda da sua natureza sintética, representada no aforismo “*fé raciocinada*” de sentido metafórico. Proposta que produz a *fé inabalável* (no sentido de religião) para enfrentar a razão (no sentido de ciência e filosofia) em qualquer época da humanidade (no sentido Universal, atemporal e não local). Uma solução pacífica, harmoniosa e definitiva para o conflito da modernidade entre ciência e religião, tal qual Kardec e os “Espíritos Superiores” a conceberam, para inaugurar uma Nova Era na Humanidade. Depreende-se daí que só se efetivará depois de equacionar esse conflito.

O esquema metodológico da Filosofia Espírita

Como explicado, Allan Kardec posicionou o Espiritismo como síntese do conhecimento humano das comunicações com os “Espíritos” e o apresentou como solução ao problema secular do dilema entre fé e razão, ou no conceito da contemporaneidade, entre ciência e religião. O Espiritismo é o “traço de união” ligando essas duas fontes do conhecimento humano, “tuteladas por Deus”, conforme demonstrado a seguir:

O Problema: a ciência e a religião são “as duas alavancas da inteligência humana”. A primeira por revelar as leis do mundo material e a segunda as leis do mundo moral, e que não deve ter contradições entre elas por terem “em Deus” seus princípios (Kardec, 2017 [1866], p. 40).

A Solução: não havendo entendimento entre a ciência e a religião, ambas se excluíam mutuamente. Seria necessário, então, um terceiro elemento que as unisse com base no conhecimento das leis do “mundo espiritual” e das suas relações com o mundo corporal. Só assim, a fé poderia se dirigir à razão que, tomada de lógica, venceria o materialismo (Kardec, 2017 [1866], p. 41).

A Proposta: o Espiritismo cumpre as funções desse terceiro elemento. Uma nova ciência

que revela à humanidade, “por provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual”, bem como suas relações com o mundo corpóreo. Fundamentada em leis naturais que comprovam os “Espíritos” como “uma das forças vivas e sem cessar atuantes da Natureza” e que explica uma gama de fenômenos incompreendidos, tidos como fantásticos e sobrenaturais (Kardec, 2017 [1866], p. 39).

A Finalidade última: *combater o Materialismo*, “uma chaga social” e destruidora da esperança na vida futura – a antítese do espiritualismo. Para isso, utiliza seus próprios meios, o método científico e os pressupostos da ciência, naturalizando os fenômenos de “ordem mediúnic”, acessíveis, agora, ao método científico de experimentação.

Para Kardec, a Doutrina Espírita oferece “a única solução possível e racional de uma multidão de fenômenos morais e antropológicos” e que todos os “fenômenos mediúnicos” decorrem de lei da Natureza. Eles não pertencem ao mundo do maravilhoso e do sobrenatural: “muitos fatos só são tidos por sobrenaturais porque a sua causa não é conhecida” (Revista Espírita, 2004a [1858], p. 26).

Ao atribuir-lhes uma causa, “[...] **o Espiritismo os restitui ao domínio dos fenômenos naturais**” (Kardec, 2009a [1862], p. 38, grifo nosso). E sintetiza seu pensamento racionalista francês na conceituação do Espiritismo como uma ciência que revela as leis do “mundo espiritual” e de suas relações com o mundo material, naturalizando o que era da esfera da religião.

1.3 O Movimento Espírita Francês no século XIX

Após a caracterização do Espiritismo como derivado da assimilação cultural do Espiritualismo Moderno no solo francês, influenciado pela matriz cultural francesa, aqui são explicitados os fatos sociais que constituíram esse movimento, conforme concebido pelo seu principal artífice, Allan Kardec. Mas há um fato importante a ser considerado em qualquer análise sobre o desenvolvimento da Doutrina Espírita e os fatos sociais correlatos – **a influência e a participação dos “Espíritos” no processo!**

De acordo com a literatura espírita, o Espiritismo foi estabelecido de forma *sui generis* a partir do diálogo com os “Espíritos”, tendo por objeto os próprios “Espíritos”. Daí extraíram uma visão de mundo integrada entre o espiritual e o material, onde a realidade dos “Espíritos” está imbricada com a realidade dos vivos.

Allan Kardec adquiriu confiança nos “Espíritos Superiores”, seguia suas orientações e

debatia com eles assuntos pertinentes à consecução do Espiritismo, enquanto Doutrina e movimento social⁴⁰. Portanto, existia uma interdependência e corresponsabilidade, por assim dizer, nas decisões de Kardec na formulação dos fatos histórico-sociais seguintes, definidos após a convalidação desses “Espíritos”, sobretudo do coordenador: o “Espírito de Verdade”.

No artigo *Os Tempos são Chegados*, publicado na *Revista Espírita* de 1866, tratou do progresso moral da humanidade e da importância da Doutrina Espírita na frase: “Neste grande movimento regenerador, o Espiritismo tem um papel considerável” (*Revista Espírita*, 2004i [1866], p. 397).

Várias instruções dos “Espíritos” correram sobre este futuro promissor. Um fato atrelado a essa previsão foi a revelação, pelos “Espíritos” em 1857 e 1860, de que Kardec reencarnaria para dar continuidade à sua missão, segundo seus cálculos seria ou no fim do século XIX ou no início do seguinte⁴¹ (Kardec, 2009c [1890], p. 389-390).

1.3.1 Espaços da prática social espírita

Depois de publicar *O Livro dos Espíritos* em 18 de abril de 1857, considerado o marco inicial do Espiritismo, Kardec tratou de constituir dois recursos de comunicação disponibilizados: a *Revista Espírita*, para atender ao público em geral interessado nos “fenômenos mediúnicos” e a *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* (SPEE) para os estudiosos da Doutrina Espírita, ambas fundadas em 1858.

A partir de 1860, começou a realizar *Viagens de Difusão e de Propaganda do Espiritismo* pela França e Bélgica. Como último contributo, em 1868 deixou esboçada a *Constituição Transitória do Espiritismo*, considerada a internacionalização do Espiritismo, concluindo, assim, a transformação da Doutrina Espírita em uma corrente de pensamento universalista. Essas quatro iniciativas de Kardec são analisadas a seguir, assim como seus impactos no movimento espírita iniciante, sob a característica de Fato Social.

Revista Espírita – tribuna livre do Espiritismo

Em primeiro de janeiro de 1858 foi lançado o primeiro fascículo da *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*. Um “órgão especial” oferecido aos interessados no

⁴⁰Há vasto material textual que convalida essa constatação tanto na *Revista Espírita* como nos documentos originais do acervo do Projeto Allan Kardec (2025) da Universidade de Juiz de Fora.

⁴¹Há uma discussão no movimento espírita brasileiro sobre quem teria sido a personalidade reencarnada de Kardec. Alguns indicam o médium brasileiro Chico Xavier, outros contestam esse argumento. Ver o livro *Chico, você é Kardec?* de autoria de Wilson Garcia (1999).

acompanhamento do progresso da Doutrina Espírita, “*sob o seu verdadeiro ponto de vista moral: a prática do bem e a caridade evangélica para com todos*” (Revista Espírita, 2004a [1858], p. 22).

Kardec publicou por mais de onze anos ininterruptos os 136 fascículos mensais dessa revista, de janeiro de 1858 a abril de 1869, nos quais percorreu sobre os mais variados assuntos. Observou numa nota posterior que, “como previra o Espírito”, o jornal foi “um poderoso auxiliar meu” (Kardec, 2009c [1890], p. 382). E disse mais: “*Nossa Revista será, assim, uma tribuna livre, em que a discussão jamais se afastará das normas mais estritas da conveniência. Numa palavra: discutiremos, mas não disputaremos*” (Revista Espírita, 2004a [1858], p. 24).

Uma **Tribuna Livre** para interagir com a comunidade, um laço comum que interliga os profíctos e os interessados em geral. Transformou esse veículo em um fato social para o movimento espírita. Através da *Revista*, noticiava os principais acontecimentos de seu tempo e do passado relacionado aos “fenômenos mediúnicos” e à espiritualidade, interpretados segundo os princípios fundamentais do Espiritismo (Almeida, 2008, p. 23).

Esse jornal mensal tinha como subtítulo *Jornal de Estudos Psicológicos*, antes mesmo de ser instituída a disciplina Psicologia. Justificado por compreender toda a metafísica no estado presente e no futuro do ser humano, porque estudar a natureza dos “Espíritos” é estudar o estado futuro do ser (Revista Espírita, 2004a [1858], p. 27).

Na *Revista Espírita*, Kardec fazia comentários e crítica literária de livros, artigos, revistas, jornais de natureza científica, filosófica e religiosa, com a transcrição de artigos e notícias de jornais franceses e do exterior (Barrera, c2003). A *Revista* tinha características das publicações científicas da época, circulava entre seus assinantes. Era vendida ao público em fascículos mensais e em coleção anual encadernada com índice alfabético (Barrera, c2003).

Também representava um espaço dialógico para Kardec investigar a opinião das pessoas e dos “Espíritos” acerca de algum conhecimento novo passível de ser incorporado à Doutrina Espírita (Kardec, 2011b [1869], p. 17). Além de servir como meio de divulgação, a *Revista Espírita* funcionava como um veículo de informação dos trabalhos da SPEE, disseminava o Boletim da Sociedade e transmitia avisos a seus sócios, tornando públicos os assuntos e a dinâmica dessa Sociedade Espírita.

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas – espaço de experiências

Em primeiro de abril de 1858, ficou constituída oficialmente⁴² a *Sociedade Parisiense*

⁴²Enrique Baldovino (2005) publicou em artigo a transcrição de um manuscrito de Kardec, no qual os membros fundadores do *Círculo Parisiense de Estudos Espíritas* solicitaram ao Prefeito de Polícia de Paris a autorização

de Estudos Espíritas (SPEE), ou Sociedade Espírita, cujo objetivo, segundo seu Regulamento definitivo era: “[...] o estudo de todos os fenômenos relativos às manifestações espíritas e suas aplicações às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas. São proibidas nela as questões de política, de controvérsia religiosa e de economia social [...]” (Kardec, 2009a [1862], p. 568).

A SPEE foi instituída como um espaço para estudo científico dos fenômenos ditos espíritas. Kardec a classificava na categoria de sociedade científica, como tantas que existiam na França sob diversos aspectos e que delas participava. A interdição de assuntos sobre política, economia e religião, fundamentais numa democracia, era devido, principalmente, ao contexto político conflituoso vivido no período do Imperador Napoleão III. Na época, apenas era permitido o estabelecimento de associações após a aprovação dos órgãos estatais e vedava temas como esses.

Na pesquisa de Lira Neto e Luciana Farias (2023), verifica-se que a SPEE passou com o tempo por modificações na sua atuação e na influência no movimento espírita. Inicialmente, funcionava semelhante a uma instituição de pesquisa das “manifestações mediúnicas”, com a participação de sócios regulares, aceitos mediante um processo de associação. A participação do público era restrita a convidados previamente inscritos. Depois, evoluiu para centro de formação do conhecimento espírita. E por fim, seguindo um ciclo de aprimoramento organizacional, constituiu-se em referência ao movimento espírita como uma Sociedade de caráter normativo para outras associações similares, transformou-se, portanto, **em fato social em si**.

Pondo em análise, segundo a teoria de Pierre Bourdieu (2022), a SPEE tornou-se uma *estrutura estruturante*, ou seja, esta sociedade era uma estrutura *estruturada* na forma de grupo de estudos e pesquisas. Depois, passou ao estágio funcional de *estrutura estruturante* do movimento espírita ao se colocar como modelo normativo e regimental de grupos e sociedade espíritas afins, quando disponibilizou seu regulamento aos interessados em formar sociedades espíritas (Kardec, 2009a [1862], p. 567).

A SPEE recebia correspondências de diversos outros centros, com os quais se correspondia, e vários lhe solicitavam filiação. Todavia, Kardec, seu Diretor Presidente, respondava que a Sociedade não tinha a pretensão de filiar outras instituições espíritas de qualquer lugar, por não aspirar supremacia sobre as demais. E explicou: “A palavra *filiação* seria, pois, imprópria, porque suporia de sua parte uma espécie de supremacia material, à qual

para constituir uma Sociedade. Com essa informação, a Sociedade existia de fato seis meses antes de ser autorizada pelos órgãos públicos franceses.

ela [SPEE] absolutamente não aspira, e que teria mesmo inconvenientes” (Revista Espírita, 2004d [1861], p. 544-545).

Viagens Espíritas – Kardec em movimento

Sem dúvida, a mais importante viagem que ele realizou foi no ano de 1862. Visitou mais de vinte cidades francesas e que, ao final, publicou em livro um relato com a memória dessa turnê, *Viagem Espírita em 1862*, considerado um manual de recomendações ao movimento espírita iniciante. Kardec também consultava os “Espíritos” sobre o planejamento, o acompanhamento e a avaliação dessas viagens. Como exemplo, a sua carta para Amélie Boudet, datada de 18 de setembro de 1862 (Kardec, 2021a [1862], Documento #169). Além dessas, é possível verificar, pelos relatos publicados na *Revista Espírita*, outras empreendidas em 1860, 1861, 1864 e 1867 (Kardec, 2005 [1862]).

Da leitura dessas informações é possível verificar a funcionalidade dessas viagens, como mais uma opção para divulgar a Doutrina e para conformar o movimento espírita ao pensamento de seu principal protagonista, Allan Kardec. Ele resumiu seus objetivos em “dar instruções onde estas fossem necessárias” e, ao mesmo tempo, instruir-se quanto ao movimento espírita francês. Além de julgar algumas publicações que se afastaram dos princípios espíritas, tal como ele estabeleceu com a anuência dos “Espíritos Superiores”.

Por isso, a importância de observar e julgar *in loco* o “estado real da Doutrina”, como ela é assimilada e “estudar as causas locais favoráveis ou desfavoráveis ao seu progresso, sondar as opiniões, apreciar os efeitos da oposição e da crítica e conhecer o julgamento que se faz de certas obras” (Kardec, 2005 [1862], p. 46-47).

Sua observação sobre os grupos espíritas era de que eles, na maioria, estavam bem direcionados com o “perfeito conhecimento dos verdadeiros princípios da ciência espírita” e unidos aos propósitos defendidos pela SPEE (Kardec, 2005 [1862], p. 29). Também constatou, que a penetração do Espiritismo começava pela classe média esclarecida ou de “mediana cultura” e desta se estendia para as demais do ponto de vista socioeconômico (Kardec, 2005 [1862], p. 28). Percebeu ainda que o Espiritismo, após constituído, “sensibilizou as classes operárias e entre elas se propaga com rapidez” (Kardec, 2005 [1861], p. 191).

O entusiasmo em Kardec proporcionado por essas viagens era grande, porque, por onde passava, verificava o crescimento exponencial dos adeptos ao Espiritismo, a ponto de declarar que a “ideia espírita alcançará, um dia, o *status* de crença universal” (Kardec, 2005 [1862], p. 37). Disse também que o Espiritismo conquistaria o mundo, tendo “a caridade por guia” (Kardec, 2005 [1862], p. 96), dado a sua rapidez de expansão incomparável com outras

doutrinas, até mesmo em relação ao Cristianismo (Kardec, 2005 [1861], p. 193).

Pensava Kardec, quando a caridade tiver alcançado as massas e se transformado em artigo de fé, na religião da maioria, as instituições humanas seriam melhores, cabendo ao Espiritismo a missão de apressar a renovação social (Kardec, 2005 [1862], p. 86-88). Todavia, ponderava que o Espiritismo não era uma “nova religião”, mas seu melhor auxiliar por reconduzir às ideias religiosas os que a repeliram (Kardec, 2005 [1861], p. 195).

Constituição Transitória do Espiritismo – sua internacionalização

Com essa visão universalista do Espiritismo e de como se articularia para a renovação social e moral da humanidade, Kardec elaborou uma proposta de constituição do Espiritismo. Essa foi apresentada em artigo na *Revista Espírita* de dezembro de 1868, com o título *Constituição Transitória do Espiritismo*. Sua contribuição de maior importância para a internacionalização do movimento espírita. Ele a havia concebido ao longo do tempo em que produzia a parte teórica, preocupado com o futuro do Espiritismo (Revista Espírita, 2005b [1868], p. 504-538).

No artigo, tratou da organização administrativa e financeira do movimento espírita, sob a direção de uma Comissão Central – proposta de gestão colegiada para não recair a responsabilidade sobre apenas uma pessoa. A Comissão Central ou Conselho Superior seria o “verdadeiro chefe do Espiritismo”, a ser composta por no máximo doze integrantes titulares, todos remunerados, e de igual número de conselheiros, com mandato de um ano.

Haveria também a realização de congressos ou assembleias formadas por representantes de sociedades espíritas para acompanhamento das atividades da Comissão Central e da atualização da Doutrina Espírita.

Entre outras funções, caberia à Comissão administrar uma biblioteca, um museu, um ambulatório com médicos, uma caixa de socorro e de previdência, um asilo para idosos, uma sociedade para realizar reuniões espíritas regulares, o estudo de novos princípios espíritas e o relacionamento com diversas sociedades estrangeiras.

Declarou ainda que doaria os direitos autorais de suas obras espíritas, de bens móveis e imóveis em benefício desta organização. E concluiu o artigo com um apelo à integridade dos princípios fundamentais e à fraternidade da “grande família” de espíritas do mundo inteiro, evitando a formação de “seitas dissidentes”. E que poderiam compor “centros gerais em diferentes países” sem subordinação alguma, apenas a “comunhão de crença e a solidariedade moral” (Revista Espírita, 2005b [1868], p. 537).

Consolidando esses itens selecionados, verifica-se a demarcação dos fatos sociais

constituintes do movimento espírita francês, quais sejam, a *Revista Espírita* – como uma tribuna livre de discussão e interação com a sociedade, a *Sociedade de Parisiense de Estudos Espíritas* – como centro de referência da organização do movimento espírita, as Viagens Espíritas – como uma rede de observação e informação da conformação da Doutrina Espírita na sociedade e o projeto da Comissão Transitória do Espiritismo – como proposta de internacionalização do Espiritismo.

Foram criados, como indicam suas funcionalidades, para desenvolver e propagar o Espiritismo na França e, depois, promovê-lo para o “mundo inteiro”. Visava transformá-lo numa doutrina globalizada, que se organiza para ser uma *estrutura estruturante* do Espiritismo mundial, objetivando a renovação social da humanidade com fundamento na caridade e contra o materialismo.

Allan Kardec apresentou, na *Revista Espírita* de 1869, o artigo *Estatística do Espiritismo*, com um conjunto de dados que ele coletou nas correspondências que recebia e na lista de assinantes da *Revista*. Mas fez a ressalva de que era impossível fazer uma estatística, porque o Espiritismo não era uma associação ou uma congregação, e seus adeptos não se registram oficialmente. No entanto, ressaltou que é um indicativo da Comunidade de seguidores do Espiritismo no mundo, segundo seu criador.

Dentre as várias classificações, destacam-se: a) Nacionalidade, em primeiro lugar os Estados Unidos da América. Na Europa: França, Itália e Espanha. Estimou em seis ou sete milhões de seguidores mundiais, em números absolutos; b) Em relação ao gênero: 70% masculino e 30% feminino; c) Faixa etária: máxima de 30 a 70 anos, média de 20 a 30 anos e mínima acima de 70 anos; d) Grau de instrução: “instrução cuidada” 30%, simples letrados 30%, instrução superior 20%, semiletrados 10%, analfabetos 6% e “sábios oficiais” 4%; e) Ideias religiosas: Católicos romanos livres-pensadores não ligados ao dogma: 50%, católicos gregos: 15%, judeus: 10%, protestantes liberais: 10%, católicos ligados aos dogmas: 10%, protestantes ortodoxos: 3% e mulçumanos: 2%; f) “Fortuna”: “mediocridade” 60%, fortunas médias 20%, indigência 15% e grandes fortunas 5% e g) “Estado Moral”: aflitos: 60%, “sem inquietude”: 30%, felizes no mundo: 10% e “sensualistas”: 0%. No geral, o Espiritismo abrangia espíritas em todas as classes sociais: soberanos, príncipes reinantes, famílias de nobres, personagens tituladas, pequena burguesia, da classe operária e profissionais liberais, principalmente os médicos homeopatas e “magnetistas”⁴³ (*Revista Espírita*, 2005c [1869], p. 19-29).

⁴³Em referência aos que aderem ao “magnetismo” de Anton Mesmer.

1.3.2 *Das polêmicas religiosas à Religião Filosófica*

A abordagem até aqui restringiu-se à análise do Espiritismo como reelaboração *desencantada* dos “fenômenos mediúnicos” trazidos pelo Espiritismo Moderno na França e à conformação do movimento espírita como fato social. Agora, introduz-se o componente que redirecionou as discussões espíritas em reação às pretensões de Allan Kardec de estabelecer o Espiritismo como uma Doutrina Filosófica e ciência de observação. Foram as polêmicas no campo religioso com o clero e a Igreja Católica que, insistentemente, afirmavam que o Espiritismo era uma “nova religião surgida em Paris”. Uma retomada do dilema entre fé e razão, dessa vez sobre o movimento espírita francês.

Para tanto, foi constituída uma linha do tempo com as informações selecionadas de artigos da *Revista Espírita* e de manuscritos originais do Projeto Allan Kardec. Ao final, Kardec responde à pergunta se o Espiritismo seria uma religião ou não, em um artigo publicado na *Revista Espírita*, de dezembro de 1868 (2005b [1868], p. 483-495). Esse assunto será retomado no Capítulo 4.

Período Kardec (1857-1869)

Em maio de 1859, pela *Revista Espírita*, Kardec publicou na íntegra o artigo do Abade François Chesnel⁴⁴, de 13 de abril de 1859, no jornal *L’Univers*⁴⁵, intitulado “*Uma Nova Religião em Paris*”. O Abade opinou que o Espiritismo era uma nova seita derivada do magnetismo e se esforçava para ser uma religião, em alianças heréticas com a de Jean Reynaud⁴⁶ e que estava cooptando pessoas honrosas do catolicismo.

Kardec refutou a visão do Abade Chesnel reafirmando que o Espiritismo era uma ciência e não uma religião, pois não tinha culto, templos e nem ministros. E a maior prova era contar entre seus seguidores pessoas de diversas convicções religiosas, tais como católicos, protestantes, israelitas, mulçumanos, budistas e bramanistas (*Revista Espírita*, 2004b [1859], p. 196-208).

A polêmica continuou em julho de 1859 com a publicação de outro artigo de Kardec em resposta à réplica do abade Chesnel, reafirmando que o Espiritismo não fazia parte das crenças dogmáticas. Contudo, fez a seguinte colocação, até então não considerada: “*Mas se a todo custo*

⁴⁴François Chesnel (1822-1877), sacerdote católico francês da diocese de Quimper, da qual foi vigário geral, professor de teologia e consultor no Concílio Vaticano I (Barros, 2022, p. 156).

⁴⁵Ver Barros (2022, p. 155-163).

⁴⁶Jean Reynaud (1806-1863), pensador social, difundia a crença na reencarnação como meio de reforma social.

o quiserdes elevar ao nível de uma religião, vós mesmos o lançais num caminho novo” (Revista Espírita, 2004b [1859], p. 287-290, grifo nosso). Uma pequena abertura que se seguiu a outras.

Segundo Kardec, 1861 foi um ano marcante devido ao início de uma “verdadeira cruzada” contra o Espiritismo. Antes, era apenas ridicularizado com sarcasmo, nesse ano passaram a vê-lo com “cólera” e o atacaram com violência. Como prenúncio, no início do ano foi publicada uma bibliografia católica contra o Espiritismo, por Georges Gandy (*Bibliographie Catholique*).

Em resposta, Kardec publicou um artigo na *Revista Espírita* expondo o despropósito. Pois o editor queria “a todo custo que o Espiritismo seja uma seita, quando ele não aspira senão ao título de ciência moral e filosófica, respeitando todas as crenças sinceras” (Revista Espírita, 2004d [1861], p. 31). E remeteu aos interessados a leitura das suas respostas ao abade Chesnel e ao opúsculo *Cartas de um católico sobre o Espiritismo*⁴⁷ (*Lettre d’un catholique sur le Spiritisme*), de autoria do Dr. Grand (Revista Espírita, 2004d [1861], p. 35).

O principal episódio foi, sem dúvida, o Auto de Fé de Barcelona, ocorrido em 9 de outubro de 1861, quando houve a queima em local público de 300 obras, entre livros e brochuras espíritas, à semelhança dos autos da Inquisição, proporcionado pelo bispo da cidade de Barcelona, Antonio Palau y Termens (Barrera, 2008, p. 79). Kardec deu notícia no artigo *Resquício da Idade Média: auto-de-fé das obras espíritas em Barcelona*, na *Revista Espírita* de novembro de 1861 (2004d [1861], p. 465-470).

Antes da queima, Kardec consultou o “Espírito de Verdade”, coordenador espiritual da Doutrina Espírita, sobre as providências que devia tomar. A resposta foi que deixasse o evento ocorrer, porque o Espiritismo ganharia mais em divulgação do que com a leitura de alguns livros (Kardec, 2009c [1890], p. 390-392).

Os fatos não pararam por aí. Em 1862, Kardec noticiou várias perseguições empreendidas por clérigos católicos em sermões contra os espíritas. Estes eram expulsos das igrejas, ameaçados de desemprego, perseguidos em vias públicas e suas crianças desligadas das escolas. Em mensagens, os “Espíritos” consideravam esses espíritas como os mártires do Espiritismo, entretanto, ao final, essas adversidades serviram mais como propaganda (Revista Espírita, 2004e [1862], p. 370-376). Em outras situações, acusavam o Espiritismo de levar pessoas ao suicídio e afastá-las da religião em prol da magia (Revista Espírita, 2004f [1863], p. 172-177).

Houve, em 1863, a publicação de uma brochura, a *Carta circular e pastoral sobre a*

⁴⁷Doutor Grand, antigo vice-cônsul da França, que propôs “provar que se pode ser, ao mesmo tempo, bom católico e fervoroso espírita” (Revista Espírita, 2004c [1860], p. 490).

superstição dita Espiritismo, do bispo de Argel, dirigida aos curas de sua diocese. Kardec respondeu em dois artigos pela *Revista Espírita* de novembro de 1863 e disse que o fez para a “instrução dos espíritas de todos os países, a fim de os tranquilizar” (*Revista Espírita*, 2004f [1863], p. 484).

Em 1º de maio de 1864, Kardec noticiou que algumas obras sobre o Espiritismo foram colocadas no *Index Librorum Prohibitoru* pela sagrada congregação⁴⁸ (*Revista Espírita*, 2004g [1864], p. 259-260). No Index de 1876, constavam as seguintes obras espíritas: *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, a *Revista Espírita* e *O Espiritismo na Sua Expressão Mais Simples* (Bastos, 2022, p. 177).

Em vários outros artigos na *Revista*, encontram-se informações de objeções ao Espiritismo como: *Conspirações contra a fé* e *Uma Instrução de Catecismo*, da diocese de Langres, no qual consta a afirmativa: “O Espiritismo é obra do diabo, que o inventou” (*Revista Espírita*, 2004g [1864], p. 251). Outro com resposta ao Abade Barricand, professor da Faculdade de Teologia de Lyon, que iniciara aulas públicas contra o magnetismo e o Espiritismo (*Revista Espírita*, 2004g [1864], p. 263-270).

Depois em 1865, *Nova Tática dos Adversários do Espiritismo*, onde narrou a sementeira de discórdia, de dúvida e incertezas, trazendo perturbações aos adeptos do Espiritismo. Em resposta, Kardec declarou: “O Espiritismo, que é o Cristianismo apropriado ao desenvolvimento da inteligência e isento dos abusos, crescerá do mesmo modo sob a perseguição, porque ele também é uma verdade” (*Revista Espírita*, 2004h [1865], p. 254-260)⁴⁹.

Em 1866, foi publicada a obra *Os Quatro Evangelhos*, organizada em três volumes, por Jean-Baptiste Roustaing⁵⁰ (1805-1879) e que pretendia representar o início de uma nova fase do Espiritismo. Composto por mensagens psicográficas⁵¹ recebidas pela médium belga Émilie Collignon⁵² (1820-1902), de “autoria dos quatro evangelistas”, em “Espírito”, cujo subtítulo era *Espiritismo Cristão ou Revelação da Revelação*⁵³. O organizador da obra, J. B. Roustaing, enviou exemplar para Allan Kardec, que a resenhou na *Revista Espírita* de junho de 1866 (2004i

⁴⁸*Index Librorum Prohibitoru* (Índice dos Livros Proibidos) continha os títulos de livros ou obras com conteúdo que contrariavam a doutrina da Igreja Católica. Foi abolido pelo Papa Paulo VI em 1966.

⁴⁹O ano de 1865 foi bastante conturbado para Kardec, teve a saúde física abalada e interrompeu suas atividades por mais de dois meses. A Sociedade Espírita sofreu dissidências, contribuindo para a saída de vários médiuns importantes (Bastos, 2022, p. 197-201).

⁵⁰Advogado francês de renome, autor de livros jurídicos, aderiu às ideias espíritas e se correspondeu com Kardec.

⁵¹“Fenômeno Mediúnico” através da escrita dos “Espíritos” pela mão do médium.

⁵²Émilie Aimée Charlotte Bréard nasceu em 1820, na Antuérpia, Bélgica e faleceu em 1902, em Saint Georges de Didonne, França. Escreveu o livro *Conversas Familiares sobre o Espiritismo*, divulgado por Allan Kardec, na *Revista Espírita* de setembro de 1865, com quem mantinha correspondências. Ficou famosa por atuar como médium na elaboração da obra *Os Quatro Evangelhos* de Roustaing.

⁵³Assunto a ser detalhado no Capítulo 3 desta pesquisa.

[1866], p. 257-259), com as seguintes observações:

- a) Que não estava em contradição com a doutrina constante em *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns* e, também, naquilo que correspondia aos assuntos abordados em *O Evangelho segundo o Espiritismo*⁵⁴;
- b) Considerou as explicações contidas na obra roustainguista como uma opinião pessoal dada pelos “Espíritos comunicantes”, por não terem sido submetidas à sanção do *Controle Universal dos Ensinos dos Espíritos*⁵⁵. Isso poderia permitir incluí-las nos princípios da Doutrina, uma vez que Roustaing a considerava obra espírita;
- c) Entendeu que a tese do corpo fluídico de Jesus, a pedra angular da revelação, seria materialmente possível devido às propriedades do perispírito. Mas se eximiu de opinar para validar ou não, deixando para o futuro a solução dessa hipótese;
- d) Avaliou que o conteúdo da obra era muito extenso, que prejudicava a clareza dos textos e que poderia ser reduzida entre um ou dois volumes.

Posteriormente, no livro *A Gênese* (1868), Kardec tratou da natureza do corpo de Jesus, deixando claro o seu posicionamento e, conseqüentemente, dos “Espíritos” que o assessoraram. Opondo-se à tese de Roustaing sobre o corpo fluídico, concluindo que “Como todo homem, Jesus, teve, pois, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que é atestado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que lhe assinalaram a existência” (Kardec, 2011b [1869], p. 453). Não houve mais comentários sobre o assunto direcionados na *Revista Espírita*, durante a gestão de Kardec no período 1858-1869.

Em dezembro de 1868, Kardec publicou, na *Revista Espírita*, seu discurso proferido na sessão anual comemorativa dos mortos: *O Espiritismo é uma religião?* (Revista Espírita, 2005b [1868], p. 483-495). Um texto importante e elucidativo para dar conhecimento da sua concepção sobre o assunto religião e Espiritismo⁵⁶, desenvolvido no capítulo 4.

Assim, o Espiritismo, enquanto uma Doutrina Filosófica, viu-se inserido em divergências entre ser caracterizado como ciência ou religião, reproduzindo o conflito da modernidade entre razão e fé, isso desde sua formação na França. Nessa fase do movimento espírita francês, Kardec conceitua então o Espiritismo como uma **Religião Filosófica** ou Doutrina Moral (ver Capítulo 4).

⁵⁴*O Evangelho Segundo o Espiritismo* veio a lume no ano de 1864, portanto, dois anos após o início das pesquisas de Roustaing em 1862.

⁵⁵Método utilizado por Kardec na seleção e análise das comunicações. Ver Lira Neto e Farias (2024).

⁵⁶Ver artigo de Brutus Abel e Lira Neto (2024) sobre esse importante discurso.

Período pós-Kardec (1869-1886)

As dissensões de maior importância no período pós-Kardec, que ocorreram dentro do movimento espírita, foram o redirecionamento dos objetivos da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos* para observações de fenômenos físicos⁵⁷. Isso terminou por provocar cizânia entre as duas sociedades legatárias de Kardec: a SPEE e a Sociedade Anônima para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec⁵⁸. E a discussão em torno da obra *Os Quatro Evangelhos* de Roustaing. Quanto às discussões no espaço público, houve o Processo dos Espíritos em 1875.

Em relação ao novo direcionamento da SPEE, foram tomados como exemplo dois discursos. O primeiro no funeral de Allan Kardec, em 1869, do famoso astrônomo francês, médium e sócio da SPEE, Camille Flammarion (1842-1925)⁵⁹. Percebe-se, nas entrelinhas, críticas veladas quando o astrônomo disse que Kardec: “*Suscitou rivalidades; fez escola de feição um pouco pessoal, havendo ainda alguns dissídios entre os ‘espiritualistas’ e os ‘espíritas’*” (Revista Espírita, 2005c [1869], p. 198).

De início, o Espiritismo era uma crença religiosa e denominou Kardec de “o bom-senso encarnado”, pois “Razão reta e judiciosa, aplicava sem cessar à sua obra permanente as indicações íntimas do senso comum”. Os espíritas entenderam essa frase no sentido positivo. Contudo, há um outro sentido subliminar, de que Kardec, ao utilizar o senso comum, agiu de modo não científico⁶⁰. Corrobora com essa percepção a fala discursiva do cientista de que o Espiritismo era uma **crença religiosa** (Revista Espírita, 2005c [1869], p. 198).

Consoante Camille Flammarion, o Espiritismo foi até então uma **Doutrina Filosófica** e que teria que entrar no período científico! Estudando os fenômenos físicos, disse a célebre frase: “*Porque, meus senhores, o Espiritismo não é uma religião, mas uma ciência, da qual apenas conhecemos o abecê*” (Revista Espírita, 2005c [1869], p. 199).

O acadêmico Brasil Barros (2022, p. 188) aponta que Camille Flammarion entendia o Espiritismo conduzido por Kardec como uma religião. E o pesquisador Carlos Seth Bastos (2022, p. 250) chama atenção para a posição controversa do astrônomo ao renunciar a presidência da SPEE, por entender que a maioria de seus sócios viam o Espiritismo como uma religião. Observa-se aqui que a discussão sobre o caráter religioso do Espiritismo teve início no

⁵⁷Fenômenos físicos ou “manifestações mediúnicas” de efeitos físicos são movimentos de corpos inertes, ruídos, pancadas, como as “mesas girantes”, por ação presumida de “Espíritos”.

⁵⁸Maiores detalhes em Bastos (2022).

⁵⁹Nicolas Camille Flammarion (1842-1925) famoso astrônomo francês, pesquisador do psiquismo e divulgador da ciência. Popularizou a astronomia e recebeu vários prêmios por suas descobertas astronômicas.

⁶⁰Aubrée e Laplantine (2009, p. 51) e Araujo (2016, p. 60-61) também observaram esse teor nas críticas.

movimento francês desde a época de Kardec e não posteriormente.

Tudo isso denota uma mudança na orientação nos estudos do Espiritismo⁶¹, quando Kardec previa a fase da renovação social com base na caridade. Todavia, passaram a retomar as pesquisas dos fenômenos ditos materiais. Isso ficou claro no discurso de posse do novo presidente da SPEE em 1869. Quando o Sr. Malet destacou que pretendia abrir a Sociedade para todos os “Pesquisadores infatigáveis da verdade”, mesmo os que eram chamados de materialistas (Revista Espírita, 2005c [1869], p. 213-215).

Conclamou aos espiritualistas, biólogos, magnetistas e aos cientistas a se unirem no pensamento comum “fora da **verdade** não há salvação”, numa clara corruptela do aforismo espírita de Kardec: “fora da **caridade** não há salvação”. O presidente Sr. Malet renunciou ao cargo a menos de três meses do fim de seu mandato (Revista Espírita, 2005c [1869], p. 217-218). No mesmo sentido, seguiu o novo presidente Eugène Bonnemère (Bastos, 2022, p. 257-260).

Outra polêmica ocorreu com o *roustainguismo* na França, entre 1883 e 1886. Como já dito, não houve objeção de Roustaing a respeito dos comentários de Kardec na *Revista Espírita* e em *A Gênese*. Pelo contrário, porque o insigne advogado Roustaing deixou uma parte da sua herança para a *Sociedade Parisiense de Estudos Espírita*, fundada por Allan Kardec. Havia, sim, conferências patrocinadas pelo testamenteiro de Roustaing, o sr. Jean Guérin (1827-1885), entre 1879 e 1882, na França e na Bélgica.

Contudo, no mês do passamento de Amélie Boudet, viúva de Kardec, em 21 de janeiro de 1883, ocorreu uma troca de cartas entre Gabriel Delanne (1857-1926), expoente espírita e amigo íntimo de Kardec, com Jean Guérin, nas quais discutiam de parte a parte a tese do corpo fluídico de Jesus.

A questão se exacerbou quando circulou uma brochura dos “alunos de Roustaing” distribuída junto com a *Revista Espírita* de junho de 1883, intitulada *Resposta aos críticos e adversários de Os Quatro Evangelhos de Roustaing*. Na brochura, constam duras críticas a Kardec, que este teria o monopólio da verdade e que se sentia infalível, colocando o epíteto de “*kardequistas*” aos que o seguiam. Inclusive questionava sua resenha de *Os Quatro Evangelhos* e seu método do Controle Universal.

Fato inusitado é que a autoria da brochura consta como póstuma de Roustaing. Isso suscitou polêmicas entre espíritas, tendo reação de amigos de Amélie Boudet, como Berthe Fropro, Gabriel Delanne e o casal Sophie Rosen e Michel Rosen. Escreveram artigos publicados

⁶¹Canuto Abreu opinou sobre esse fato (1996, p. 34).

na *Revista Espírita* e em livretos defenderam Kardec e acusaram Jean Guérin e P. G. Leymarie de estarem por trás dessas acusações⁶².

Essas polêmicas perduraram entre 1883 e 1886, provocando dissensão no movimento espírita francês, como a fundação da *União Espírita Francesa* para fazer oposição à *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos* e o jornal *O Espiritismo* para se contrapor à *Revista Espírita*. O que levou Amélie Boudet a se posicionar, muito a contragosto, contrariamente às organizações fundadas por seu esposo Kardec. Todavia, com a morte de Jean Guérin em 1885, arrefeceu-se a propaganda do *roustainguismo*⁶³, que praticamente desapareceu da França.

A questão no espaço público de maior relevância foi o Processo dos Espíritos, como ficou conhecido o fato ocorrido em 1875. O episódio envolveu Pierre-Gaëtan Leymarie, gerente da *Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec* e mais duas outras pessoas, o fotógrafo e médium Édouard Buguet e o americano Alfred Henry Firman, médium de efeitos físicos.

Conforme acima referido, após o desenlace de Allan Kardec, foi retomado o interesse por “fenômenos mediúnicos” de efeitos físicos. Em função disso, P. G. Leymarie participou de experiências com as denominadas “fotografias espíritas”, fotos de pessoas, junto às quais “Espíritos” deixavam-se fotografar. O que chamou a atenção de pessoas interessadas nesse tipo de fenômeno. As fotos eram vendidas na *Revista Espírita*.

Entretanto, o fotógrafo Buguet foi preso pela polícia e se declarou falsário. Então, o Ministério Público moveu uma ação judicial em Paris contra o fotógrafo e incluiu P.G. Leymarie no processo por conivência. Enquanto Firman foi acusado de ser cúmplice do fotógrafo. Por fim, os três foram condenados num processo ruidoso. Leymarie foi preso e cumpriu pena de reclusão por mais de um ano, além de pagar multa. Esse incidente trouxe descrédito ao Espiritismo na França, com repercussão no exterior e até no Brasil. A esposa de P.G. Leymarie, Sra. Marina Leymarie elaborou um relatório sobre o caso e o publicou (Leymarie, 1977).

Em resumo, Allan Kardec apresenta a Doutrina Espírita como uma proposta conciliatória para o dilema da modernidade entre fé e razão, simbolicamente representada no dístico “*fé raciocinada*”. Uma **Doutrina Filosófica** que *desencantou* os “fenômenos mediúnicos” e o “mundo espiritual”, aderente à matriz filosófica francesa, racionalista e

⁶²No *Portal Luz Espírita* (2025) há os seguintes livretos referentes às polêmicas: *J.-B. Roustaing Diante do Espiritismo: resposta a seus alunos*, da *União Espírita Francesa* (1883), *Muita Luz* de Berthe Fropo (1884) e *Ficções e Insinuações: resposta à brochura Muita Luz da Sociedade Científica do Espiritismo* (1884).

⁶³Esse fato será tratado no Capítulo 3. Maiores detalhes sobre o assunto em Carlos Bastos (2022, p. 309-319).

desencantada. Também, de acordo com o pensamento de Weber sobre o *desencantamento* do mundo, na linha científica moderna, com um mundo naturalizado, mas com um diferencial, permanece a compensação ético-religiosa. Mas, durante o corte temporal do Período Kardec (1857-1869), o fundador é envolvido em discursões no campo religioso em disputas com clérigos católicos franceses, que acusavam o Espiritismo de “Uma Nova Religião em Paris”.

No período Pós-Kardec (1869-1886), espíritas franceses, colaboradores de Kardec, direcionam a *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* (SPEE) para pesquisas de “fenômenos mediúnicos de efeitos físicos”, já superados por Kardec, e abrem a SPEE a todos os “Pesquisadores infatigáveis da verdade” espíritas ou não. Uma indicação de questão religiosa no âmbito da SPEE, onde alguns consideravam que Kardec fez “escola pessoal”. Kardec estimou a população de seguidores do Espiritismo em seis ou sete milhões.

O dilema entre o Espiritismo ser visto como ciência ou religião atinge sua evolução histórico-cultural na tentativa de não adesão à proposta conciliatória de fé e razão intrínseca à constituição do Espiritismo. Kardec relutou, mas essas polêmicas o levaram a disputar, no campo religioso, algo que não estava em suas pretensões, pelo menos naquele momento. O máximo que ele podia conceber o Espiritismo no aspecto religioso seria como uma **Religião Filosófica**. Assunto desenvolvido no Capítulo 4.

Esta é a primeira fase da pesquisa sobre a transformação do Espiritualismo Moderno, como fato social, adaptado à cultura francesa do século XIX, racionalista com reflexo do iluminismo tardio. Esse movimento toma a forma de uma **Doutrina Filosófica**, no campo filosófico específico da *Filosofia Espiritualista*, para fazer frente ao Materialismo e ao Niilismo, “uma chaga social”. A proposta evolui no campo social e o Espiritismo passa a ser caracterizado no dístico “*fé raciocinada*”, ampliando sua função no campo científico, como elemento necessário para a união pacífica entre a ciência e a religião.

E por fim, na sua última caracterização de fato social no solo francês, como *Religião Filosófica*. A forma sob a qual Kardec revestiu o Espiritismo para as controvérsias no campo religioso, por falta de outra denominação, que só seria encontrada no princípio do século XX.

Porém, o movimento espírita na França escorria por suas fronteiras pelo continente europeu e tomou o caminho de volta ao Atlântico. Fazendo jus à transnacionalidade do fenômeno. Segue, agora, para América do Sul com o Brasil à vista, onde será tropicalizado.

2 ESPIRITISMO NO BRASIL: uma religião cristã

No Capítulo 1, foi apresentado o Espiritualismo Moderno como um fato transacional em trânsito pelo Atlântico, do continente americano para o europeu. A sua ambientação na cultura francesa, de matriz filosófica racionalista e desencantada, originou o Espiritismo, sob a égide do seu fundador, Allan Kardec. Apresentada como uma **Doutrina Filosófica** na especificidade de uma *filosofia espiritualista*, mas com embates no campo religioso.

Neste capítulo, é analisada a transposição atlântica do Espiritismo para a sociedade brasileira oitocentista, formatada na religiosidade singular desse povo. Reconhecidamente identitária com a cultura do país, formou um campo religioso que influenciou a configuração do Espiritismo no Brasil.

2.1. O Fenômeno em movimento pelo Brasil

O fenômeno faz sua passagem de retorno pelo Atlântico, aporta no Brasil e o encontra numa efervescente transformação política, econômica e social, em contraste com a realidade francesa. O Brasil deixou de ser uma colônia portuguesa escravocrata, assumindo-se Império, mas ainda lidando com a escravidão. Seu sentido histórico se aguçava em direção à liberdade com todos os cidadãos livres na República, um Estado que se queria laicizado, com suas questões políticas e religiosas resvalando no social.

No final do século XIX, aportaram no Brasil novas ideias que reconfiguraram a “vida espiritual”, abrindo “novas diretrizes”. As causas são múltiplas, desde a abolição da escravatura, que provocou outras perspectivas materiais e intelectuais na elite brasileira, “as novas gerações de positivistas, ortodoxos ou heterodoxos, os espencerianos e alguns poucos materialistas” (Iglésias *et al.*, 2004, p. 385-386).

O Positivismo, inclusive o religioso, produzia seus frutos mudando padrões da cultura e da política nacional, de grande influência nos republicanos. Correntes filosóficas de pensamento se fizeram presentes, tais como doutrinas do materialismo, do monismo, do evolucionismo e, entre estas, o Espiritismo. Atribui-se essa fase ao produto de “cultura livresca de importação” que viria a formar uma “elite de letrados” no país (Iglésias *et al.*, 2004, p. 398).

Surgem ideias liberais, assumidas por indivíduos “anticlericais, livres-pensadores, abolicionistas, anarquistas, socialistas, positivistas, espíritas, maçons e protestantes”, propondo mudanças radicais na sociedade, cada qual atuando na sua área. Esses sujeitos buscavam o estabelecimento de um Estado laico, da República e do fim da hegemonia católica. Muitos das

elites de militares, de profissionais liberais e de intelectuais, encontraram no Espiritismo o que buscavam, uma “espiritualidade reflexiva e interiorizada”. Era a volta do sobrenatural, dos mortos, do invisível, do oculto e da relação direta com o Além (Del Priore, 2016, p. 485-491). O ambiente sociopolítico brasileiro estava acolhedor para a difusão do Espiritismo.

Segundo Ubiratan Machado (1983), a sociedade brasileira, qualificada como mística, voltada ao sobrenatural, fetichista, na procura por “soluções mágicas” em vez de “orações fervorosas”. Iniciou a falar em magnetismo e em “mesas girantes”. Quando sonâmbulos e magnetizadores começaram a disputar com os feiticeiros a cura das pessoas (Machado, 1983, p. 33).

Permeia na sociedade brasileira uma cosmovisão em que forças espirituais sacramentam o ambiente ecológico na qual está conjugada e a valorização pelo simbólico, mágico, abstrato. Daí o relacionamento frouxo e desprovido de preconceito com “Espíritos”, “encantados”, “orixás” e “santos devocionais”. Essa sociedade prontamente aquiesceu as novidades advindas das Américas e da Europa, o Novo Espiritualismo, com suas “mesas girantes” e o mesmerismo com suas sonâmbulas. E, por fim, o Espiritismo, com sua literatura e seus médiuns (Machado, 1983, p. 41-43).

Esse campo religioso singular foi engendrado no Brasil colônia no encontro de culturas religiosas: a católica ibérica, a ameríndia e a dos africanos escravizados. Isso numa cosmovisão que sacralizava o ambiente ecológico *com as forças espirituais a ele conjugadas*. E a valorização de elementos religiosos simbólicos abstratos e transcendentais, tendo em comum *a devoção aos antepassados*. Sob formas diversas, revive o tradicionalismo religioso dos romanos, com seus *lares* e *penates* consubstanciados nos populares santuários ou nos oratórios domésticos com suas santarias.

O pesquisador Pierre Sanchis (2008) se pergunta de onde vem esse universo de relações espirituais, meta-empíricas, mas presente no cotidiano dos brasileiros. Como resposta, atribui às múltiplas origens inerentes ao processo histórico do país, o ambiente religioso, incluindo o ambiente dos povos originários, dos africanos escravizados e dos portugueses medievos. E explica: com “todos diferencialmente povoados pela convivência” com os fantasmas do outro “mundo”, com os sonhos premonitórios, pela mediação sobrenatural, pelo curandeirismo e magia e pelas anteposições de santos e demônios (Sanchis, 2008, p. 81).

E arremata que o Brasil é sempre plural, um grande “laboratório de mestiçagem cultural”. Donde medra no terreno religioso à feição de uma pré-modernidade perene e de investidura contínua, formando um “*habitus*” (história feita estrutura) de “porosidade das identidades”, conceituado como sincretismo (Sanchis, 1997, p. 38-41).

O Campo Religioso Brasileiro é produto do processo da formação identitária do povo brasileiro, miscigenado, sincrético e único na sua origem mítico-simbólica dos povos originários, antecedente da presença do europeu. Os *tigres da terra* que “cederam” seus corpos para a proliferação da cultura portuguesa, aportada na busca do seu *torrão de terra*, tomada pelo bem da coroa portuguesa. Tomados também foram os corpos e a alma de povos africanos pelo regime escravocrata implantado para dar suporte à exploração econômica europeia.

Nesse “encontro” de cultura diversa (católica ibérica, ameríndia e africana), grassou uma religiosidade *sui generis*, uma cosmovisão sacralizada no ambiente ecológico permeado de “Espíritos andantes na natureza”. E o valor pelo simbolismo religioso e transcendental visível na estrutura das habitações, dos ritos, das festas e nos corpos dos circundantes, a denominada *Plasticidade Híbrida da Fé* (Lira Neto, 2023) a que tudo conforma e transforma ao seu toque místico e simbólico (ver APÊNDICE).

Construído o Brasil nação nas franjas da Revolução Francesa, com seu território conquistado na escravidão servil, na sua língua falada para o domínio das fronteiras e independente por um assentamento familiar, que toma da cultura francesa a referência do que é moderno. Foi nesse contexto que aportou o Espiritismo no Brasil, por volta da década de 60 do século XIX, trazido nas malas dos viajantes brasileiros e migrantes em trânsito pelo Atlântico, alguns já ambientados no movimento espírita na França.

O acesso às obras espíritas ainda era no idioma original francês, logo superado pelas primeiras traduções para o português. As primeiras instituições surgiram e, com elas, as polêmicas com a Igreja Católica, reeditando a situação na França.

Entretanto, o contato com “os mortos” não era novidade no Brasil. Um caso documentado ocorrido no Recôncavo Baiano, em cidade próxima a Salvador, antes mesmo dos fenômenos de Hydesville, foi reproduzido pela pesquisadora Lúcia Loureiro (2021, p. 55-56). Partiu de uma queixa do Juiz José Joaquim dos Santos dirigida ao Presidente da província, datada de 24 de maio de 1845, contra pessoas que realizavam reuniões noturnas no distrito de Mata de São João, para “ouvirem revelações de almas de mortos”.

A prática do *sonambulismo* ou *mesmerismo* no Brasil provavelmente foi introduzida por imigrantes franceses (incrementados a partir de 1815). Pelos fins da década de 1840, a quantidade de seguidores do Magnetismo já era razoável e seus clientes pertenciam à elite, pois a população em geral preferia os “feiticeiros”. Os primeiros estudiosos a observar o Magnetismo em terras brasileiras tinham títulos nobiliárquicos do Império do Brasil, incluindo conselheiros, padres e médicos que organizaram a *Sociedade de Propaganda do Magnetismo* (Machado, 1983, p. 52).

De acordo com as pesquisas de Zêus Wantuil sobre as “mesas girantes”, foi na capital do Império, o Rio de Janeiro, onde as primeiras notícias circularam sobre esse fenômeno que inundava o “Velho Mundo”. Logo, formaram-se grupos de experimentação, mas sem maiores interesses que não fosse a curiosidade. Identificou também que jornais da época, como o *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro), o *Diário de Pernambuco* (Recife) e *O Cearense* (Fortaleza), publicaram, respectivamente, em 14 de junho de 1853, 2 de julho de 1853 e 15 de julho de 1853, as primeiras notícias advindas do exterior sobre “*the moving table*” (Wantuil, 1994, p. 124-134).

Esses periódicos pautaram outros veículos noticiosos, com narrativas detalhadas de fatos e eventos concernentes ao “fenômeno girante”, agregando a este o “Magnetismo”, os quais a elite letrada vinha experimentando nas capitais das principais províncias do país (Fortaleza, Recife, Salvador e Rio de Janeiro). Isso atiçava a curiosidade e o interesse para as “Evocações de alma d’outro mundo”.

O ano de 1853 estava recheado de notícias e práticas desses fenômenos, concomitante com o que ocorria na Europa e nos Estados Unidos. O ambiente no Brasil se abriu para as novidades europeias e era receptivo ao Magnetismo. Este crescia com seus “passes magnéticos”⁶⁴, com orientações de suas “sonâmbulas” e com “mesas girantes” que “respondem a perguntas”. Porém, diferentemente de outros países, não foi uma moda passageira e se consolidava nas décadas de 50, 60 e 70 do século XIX (Machado, 1983, p. 47). Em paralelo, Allan Kardec fazia suas observações e estava às vésperas de publicar *O Livro dos Espíritos* em 1857, inaugurando o Espiritismo que, desde cedo, foi introduzido no Brasil.

Os estudos acadêmicos delineiam a caracterização histórica do movimento espírita brasileiro. Anotam os eventos relevantes, os pioneiros, a institucionalização, as rupturas, a conformação com o campo religioso, a inter-relação com a sociedade, as divergências internas e no espaço público, a internacionalização, a modernização na era das comunicações e a seletividade dos grupos espíritas em conflito.

Antecipa-se a constatação dos fatores que deram característica de religião ao Espiritismo no Brasil e as singularidades existentes no movimento espírita brasileiro. Foi fruto de processo histórico-social de conformação desta corrente de pensamento de origem francesa à cultura brasileira, multifacetada e dinâmica, que se diferenciou em reação ao seu entorno em disputa no Campo Religioso Brasileiro. Também pelo *habitus* e *capital simbólico* de suas lideranças,

⁶⁴Passe magnético é a prática de imposição de mãos ao longo do corpo de uma pessoa com o propósito de transferir “fluidos magnéticos” para restabelecer o “equilíbrio” orgânico ou “espiritual” desta. Prática desenvolvida pelo mesmerismo.

externalizado em controvérsias internas ao movimento espírita e no espaço público.

2.2 Espiritismo em terras brasileiras: perspectiva histórica

A análise do Movimento Espírita Brasileiro, na perspectiva histórica, foi desenvolvida em três etapas, coincidentes com o período temporal do século XIX – os primórdios do movimento, do século XX – entre federativismo, médiuns e rupturas e o século XXI – tecnologia, historiografia e polêmicas.

2.2.1 Século XIX: os primórdios do movimento

As primeiras notícias do Espiritismo que circularam no Brasil vieram nas malas dos viajantes, dos divulgadores e dos frequentadores dessa nova doutrina francesa, que teve aceitação na elite brasileira receptiva aos aspectos da espiritualidade. E, conforme visto, ávida pelas modernas tendências liberais e socialistas, como a de Saint-Simon, Charles Fourier e Pierre Leroux.

Os pioneiros espíritas ficaram gravados como o francês Casimir Lieutaud, diretor do Colégio Francês no Rio de Janeiro, que publicou, em 1860, a primeira obra espírita impressa no Brasil, *Les Temps sont arrivés* (Os Tempos são chegados) (Machado, 1983, p. 61). Seguido dos seus conterrâneos da colônia francesa no Rio de Janeiro⁶⁵: Adolphe Hubert, Morin e a médium Madame Perret Collard. Todos bem-posicionados socialmente na capital do Império. Todavia, as reuniões tinham caráter reservado e familiar (Machado, 1983, p. 66-67).

O intercâmbio entre o movimento espírita francês e o brasileiro deu-se desde a época de Allan Kardec. Personalidades de nacionalidade brasileira se encontravam entre os frequentadores e correspondentes da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* (SPEE). Em 1861, Kardec relacionou o Brasil como um dos países que fizeram pedidos de sua obra *O Livro dos Médiuns*, de recente publicação (Revista Espírita, 2004d [1861], p. 116)⁶⁶.

Em 1864, Kardec fez referência a uma notícia sobre o Espiritismo publicada no *Jornal do Commercio*, de 23 de setembro de 1863. Ponderou ainda que estava satisfeito com o progresso da ideia espírita no Rio de Janeiro, pelo “expressivo número de representantes,

⁶⁵A colônia francesa foi a mais importante das colônias estrangeiras no Brasil, entre 1817-1820 contava com 300 membros residentes no Rio de Janeiro (Aubréc; Laplantine, 2009, p. 132).

⁶⁶Havia notícia que Allan Kardec enviou um exemplar da *Revista Espírita* para Manuel de Araújo Porto Alegre, em 1863 (Machado, 1983, p. 71).

fervorosos e devotados”. E que sua brochura *O Espiritismo na Sua Expressão Mais Simples* foi publicada em português⁶⁷, a qual “muito contribuiu para ali espalhar os verdadeiros princípios da Doutrina” (Revista Espírita, 2004g [1864], p. 286-290).

Uma importante informação que atesta o interesse precoce dos brasileiros pelo Espiritismo é o rascunho de uma carta de Kardec para o advogado baiano Francisco Antônio Pereira Rocha⁶⁸, datada de 23 de agosto de 1860. Esta permitia ao mencionado advogado traduzir para o português *O Livro dos Espíritos* e o livreto *Instrução Prática Sobre Manifestações Espíritas*⁶⁹.

Kardec o orientou sobre quais edições deveriam ser traduzidas, para *O Livro dos Espíritos*, a sua segunda edição de 1860 e como o opúsculo *Instrução Prática* estava esgotado, aguardasse “uma nova obra muito mais completa”. Referia-se, provavelmente, ao *O Livro dos Médiuns*, publicado em janeiro de 1861. Por fim, o inquiriu que gostaria de saber sobre o estado do Espiritismo no Brasil e ofereceu-lhe o título de membro correspondente da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* (Kardec, 2020b [1860], Documento #36).

A década de 1860 foi marcada por uma “explosão espírita” na Bahia, segundo Ubiratan Machado (1983, p. 81). De fato, há unanimidade nas pesquisas⁷⁰ em definir a cidade de Salvador, na Bahia, onde o Espiritismo se estabeleceu no Brasil com a fundação do *Grupo Familiar do Espiritismo*, em sessão realizada às 23:30h de 17 de setembro de 1865, sob a direção de Luiz Olímpio Telles de Menezes (1825-1893). Um exemplo para outras iniciativas.

Expandindo a propagação do Espiritismo em terras brasileiras, Luiz Olímpio Telles de Menezes lançou em 1866 o opúsculo *O Espiritismo – Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita*. Eram extratos de textos de *O Livro dos Espíritos* e que causou reações da Igreja Católica. O arcebispo da Bahia e primaz do Brasil, Dom Manoel Joaquim da Silveira (1807-1875), redigiu uma Carta Pastoral contrária a essa brochura, com oposição ao Espiritismo e aos seus princípios, divulgada em 25 de julho de 1867 (Loureiro, 2021; Machado, 1983).

Esse pioneirismo, ele estendeu para a imprensa espírita no Brasil com o lançamento, em julho de 1869 do primeiro jornal espírita em terras brasileiras de que se tem registro. O *Echo d'Além-Túmulo*, com subtítulo *monitor do Espiritismo no Brasil*, que durou apenas um ano. Fato registrado de forma elogiosa pela *Revista Espírita* no mês de outubro de 1869 na seção de

⁶⁷Provavelmente tradução de autoria do francês Alexandre Canu, colega de Kardec e membro da SPEE.

Considerada a primeira obra espírita traduzida para o português (Thiesen; Wantuil, 1980, p. 176).

⁶⁸Dado biográfico em Loureiro (2021) e em Angélica Almeida (2008).

⁶⁹Não há registro de que tenha concluído o intento.

⁷⁰Ver principalmente Arribas (2010), Aubrée e Laplantine (2009), Damazio (1994), Giumbelli (1997), Ubiratan Machado (1983), Loureiro (2021), Thiesen e Wantuil (1980) e Wantuil (1990).

Novos Jornais Estrangeiros⁷¹ e na de novembro de 1869 com a tradução para o francês da sua primeira edição (Revista Espírita, 2005c [1869], p. 474-479).

O acesso à literatura básica espírita era através das publicações em língua francesa, o que limitava sua divulgação. Por essa época, o protagonismo do movimento espírita foi transplantado da Bahia para a província do Rio de Janeiro, com seus pioneiros advindos da classe média letrada.

O pesquisador Emerson Giumbelli (1997) informou que em 1870 circulavam, no meio intelectual brasileiro, três correntes de pensamento de influência europeia: a *cientificista*, com viés positivista, evolucionista e darwinista. A *liberal*, que repercutia os ideais libertários e humanistas na defesa de pautas políticas como a abolição da escravatura e o regime republicano. E a *conservadora*, no âmbito do pensamento católico tradicional.

Dessa forma, entre os pioneiros espíritas, havia representantes de todas essas linhas de pensamento, como maçons, abolicionistas⁷², republicanos e liberais, muitos advindos do catolicismo⁷³. Todos esses contribuíram para uma diversidade e pluralidade das confissões no campo religioso. É importante lembrar que, no Brasil, o positivismo se desenvolveu também como religião⁷⁴.

Era a “febre mística” de “espíritos ávidos” por uma religião que fosse ao mesmo tempo ciência (Machado, 1983, p. 114). A preferência da maioria dos espíritas brasileiros se vinculava ao aspecto religioso e ao poder curador atribuído aos “Espíritos”, permitindo “uma comunhão universal de todos os seres. A realização daquele velho sonho de uma religião cujo templo seria o universo e em que cada homem fosse um sacerdote”, segundo análise de Ubiratan Machado (1983, p. 137).

A primeira instituição espírita no Rio de Janeiro foi o *Grupo Confúcio*, fundado em 2 de agosto de 1873 e que durou até 3 de outubro de 1879⁷⁵. Por ela, “passaram quase todos os curiosos e crentes da época e muitos vieram de longe” (Abreu, 1996, p. 35). Seu Regulamento⁷⁶ (1873) objetivava “o estudo dos fenômenos relativos às manifestações espíricas, bem como o de suas aplicações às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas”. A sociedade seguiria

⁷¹“Novos Jornais Estrangeiros. [...]. O *Eco de Além-Túmulo*, monitor do Espiritismo no Brasil, publicado mensalmente na Bahia, em língua portuguesa, em cadernos de 60 páginas in-octavo, sob a direção do Sr. Luiz Olímpio Telles de Menezes, membro do Instituto Histórico da Bahia” (Revista Espírita, 2005c, [1869], p. 436).

⁷²A exemplo do Dr. Bezerra de Menezes e o Marechal Ewerton Quadros e Silva Neto (Damazio, 1994, p. 68-69).

⁷³Maiores informações em *Da Elite ao Povo: advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro* de Sylvia Damazio (1994, p. 66-73).

⁷⁴Ver *O Positivismo no Brasil* de João Camilo de Oliveira Torres (2018).

⁷⁵Canuto Abreu (1996) relatou que foi menos de três anos. É provável que perdurou até 1879, quando se constituiu na *Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade* (Torteroi, 1896).

⁷⁶Seu Regulamento era, praticamente, uma réplica do estabelecido pela Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, como em outras instituições no Brasil.

os princípios contidos em *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*.

Seu protetor, ou “guia espiritual”, era o “Espírito Ismael”. O grupo tinha por lema “*Sem caridade não há salvação, Sem caridade não há verdadeiro espírita*”. Seus membros⁷⁷ mantinham correspondência com a *Revue Spirite* e com a *Sociedade para a Continuação das Obras Espíritas de Allan Kardec*, na França. As pesquisas indicam que foi nessa sociedade que as controvérsias entre os *científicos* e *místicos* tiveram início (assunto do próximo capítulo).

Os principais trabalhos desenvolvidos nessa instituição foram: as receitas homeopáticas através de médiuns receitistas, a aplicação de “passes espíritas”⁷⁸ e a publicação da *Revista Espírita* (similar à de Kardec). Foi no *Grupo Confúcio* que surgiu a tradução para o português de parte das obras fundamentais do Espiritismo no Brasil de responsabilidade do médico e espírita Doutor Joaquim Travassos (1839-1915), que usava o pseudônimo de Fortúnio. Em 1875, foram três livros traduzidos: *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns* e *O Céu e o Inferno* e em 1876, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (Thiesen; Wantuil, 1980; Wantuil, 1990).

A importância deste grupo é retratada como legatário dos direitos autorais no Brasil das obras fundamentais do Espiritismo, incluindo *Obras Póstumas*, concedidas pela *Sociedade para a Continuação das Obras Espíritas de Allan Kardec* (*Revue Spirite*, 1897, p. 40; Torteroli, 2022 [1896], p. 546).

Devido às controvérsias na ambiência do *Grupo Confúcio*, em 23 de março de 1876, Francisco Leite de Bittencourt Sampaio (1834-1895), Joaquim Travassos e outros criaram a *Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade*⁷⁹. Depois, o advogado Antônio Luiz Sayão (1829-1903) agregou-se à sociedade e, em conjunto com Bittencourt Sampaio, estudavam a obra *Os Quatro Evangelhos* de J.-B. Roustaing. Nessa época já estava em circulação no Brasil (Abreu, 1996, p. 39).

Depois, em 1879, esta sociedade mudou de nome e de escopo para *Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*. Era o ambiente dos ditos *científicos*, liderados pelo professor Afonso Torteroli (Detalhes no Capítulo 3).

Outras instituições foram se sucedendo motivadas pelos conflitos entre os profíctes, como: o *Grupo Espírita Fraternidade* – de 1880; o *Grupo dos Humildes* ou *Grupo do Sayão* –

⁷⁷A primeira diretoria era formada por Doutor Francisco de Siqueira Dias Sobrinho, presidente; Doutor Antônio da Silva Neto, vice-presidente; Doutor Joaquim Carlos Travassos, secretário geral; Eugênio Boulte, 2º secretário; Marcondes Pestana, 3º secretário; Casimir Lieutaud, tesoureiro; Doutor Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, Sra. viúva Perret Collard e Sra. Rosa Molteno, membros da Comissão Fiscal.

⁷⁸Passe espírita é a prática similar ao “Passe Magnético” com a diferença de que há intervenção de “Espíritos”. Prática desenvolvida pelo Espiritismo influenciada pelo magnetismo (mesmerismo).

⁷⁹Deus, Cristo e Caridade é o lema do guia protetor “Espírito Ismael”.

de 1880; o *Grupo Espírita Humildade e Fraternidade* – de 1881 e o *Centro da União Espírita do Brasil* – de 1881. Foi de iniciativa de Antônio Sayão a fundação em 15 de julho de 1880 do *Grupo dos Humildes*, também conhecido por *Grupo de Sayão*, o qual teve protagonismo no movimento espírita. Depois, o nome foi alterado para *Grupo Ismael*, em referência ao seu “Guia Espiritual”, quando se incorporou à *Federação Espírita Brasileira (FEB)*, em 1884 (Ribeiro Júnior, 2022, p. 185).

O ano de 1881 foi de intensa atividade na *Sociedade Acadêmica*, reduto dos *científicos*. A *Sociedade* incentivava a criação de instituições espíritas para difundir o Espiritismo no Brasil. Para tanto, publicou o artigo “Espiritismo no Brasil. Formação de Grupos” (Revista da Sociedade Acadêmica [...], 1881).

Lançou a ideia da realização do *Primeiro Congresso Espírita do Brasil*, de caráter permanente. Para organizá-lo, foi criado, em 3 de outubro de 1881, o *Centro da União Espírita do Brasil* por iniciativa do professor Afonso Torteroli. Tinha também função federativa (Revista da Sociedade Acadêmica [...], 1881; Ribeiro Júnior, 2022).

A estratégia utilizada pelos *científicos* era a propaganda “sob o ponto de vista moral ao ensino doutrinário científico” como reforço da diretriz de não considerar espírita “Aqueles que não praticam a moral cristã” (Torteroli, 1896, p. 700-701).

Ainda em 1881, houve uma grave crise no movimento espírita, advindo de um anúncio pelos jornais cariocas sobre a proibição de funcionamento da *Sociedade Acadêmica* e de suas filiadas. Momento em que os líderes espíritas, mesmo estando em controvérsias, uniram-se para debelar tal notícia.

Em 1882, foi realizada a *Primeira Exposição Espírita do Brasil* na sede da *Sociedade Acadêmica* e o lançamento do jornal *O Renovador*, fundado por Salustiano José Monteiro de Barros e Afonso Torteroli. Como também a publicação, por essa sociedade, da tradução para o português de *A Gênese*, a última obra fundamental do Espiritismo.

O ano de 1883 foi significativo para o movimento espírita. Ocorreu a ida do professor Afonso Torteroli para a cidade de São Paulo e o conseqüente afastamento de suas atividades de propaganda do Espiritismo. Perdurou até o ano de 1891, causando descontinuidade em várias ações na *Sociedade Acadêmica*, desfalcada devido às perseguições que vinha sofrendo, interna ao movimento e ao espaço público.

Continuando em 1883, houve a fundação do jornal *Reformador*, sob a iniciativa de Augusto Elias da Silva (1848-1903). Tal periódico existe até hoje como órgão noticioso da FEB. Esse jornal era uma tribuna livre dos espíritas e se mantinha aberto às discussões do movimento espírita no século XIX. Também foi iniciativa dele concitar os grupos espíritas a se

unirem em torno de um “Centro comum”, aproveitando os “ensinos recebidos por cada um”. E, assim, contribuir para as demais instituições espíritas do país, concorrendo “para apressar a chegada da era bendita do reinado da fraternidade no nosso planeta”, publicado no artigo *União Espírita no Reformador* de 1º julho de 1883b.

Esse chamado culminou com a fundação da *Federação Espírita Brasileira (FEB)* em janeiro de 1884. No início agregava os espíritas, sem distinção de tendência, participantes de grupos espíritas em funcionamento à época⁸⁰. A primeira diretoria foi formada por Francisco Raimundo Ewerton Quadros, Manuel Fernandes Figueira, João Francisco Silveira Pinto, Augusto Elias da Silva, Francisco Antônio Xavier Pinheiro (*Reformador*, 1884, p. 3).

Outro fato importante dessa etapa foi o estabelecimento progressivo da estratégia da FEB de se colocar como ente representativo do movimento espírita brasileiro. A princípio, o objetivo principal da FEB era a divulgação da Doutrina Espírita pela imprensa e por conferência pública e não um centro de filiação de grupos espíritas. Inclusive seus sócios eram pessoas físicas.

Suas atividades estavam restritas à publicação quinzenal do *Reformador*, sessões de estudos doutrinários, “sessões mediúnicas” e de evocação de “Espíritos”, essas privativas dos sócios, e as conferências públicas. Em 1889, foi organizado o estudo metódico de *O Livro dos Espíritos* (Giumbelli, 1997, p. 63-64).

Entretanto, fatores internos e externos ao movimento espírita a levaram a se posicionar em defesa dos seus participantes, das outras instituições e na orientação doutrinária, sob o protagonismo do Dr. Adolfo Bezerra de Menezes (1831-1900). Foi médico e reconhecido político com várias legislaturas como vereador e deputado pelo Rio de Janeiro, além de abolicionista, redator e escritor. Entrou no movimento em 1886, quando assumiu publicamente sua condição de espírita. Em 1889, já exercia a presidência da FEB como alternativa para unir os *místicos* e os *científicos*. E por último, após uma crise institucional na FEB, foi presidente de 1895 a 1900, quando ocorreu seu transpasse (Klein, 2021, p. 1067).

Segundo diversos autores, ele imprimiu as bases do movimento espírita de perfil religioso, influenciado por “mensagens mediúnicas” atribuídas a “Allan Kardec” [Espírito]. O direcionamento se fundamentava na moral evangélica e suscitou graves divergências entre os espíritas brasileiros, refletidas na formação de instituições. Ora acomodando pessoas do grupo dos *científicos* ora dos *místicos*, quando não, os dois simultaneamente.

⁸⁰Grupo Ismael, *Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, Centro União Espírita e Sociedade Espírita Fraternidade*. Ver Torteroli (1896).

Ele representava os *místicos* em contenda com outros espíritas (os *científicos*), que entendiam o Espiritismo como uma “filosofia social” e um “culto de Deus”. E o Evangelho era concebido como um código civil e não religioso (Giumbelli, 1997, p. 114). No entanto, Dr. Bezerra de Menezes tinha um perfil eclético, pois se dedicava, também às pesquisas científicas (Klein, 2021).

O outro protagonista já citado, o professor Afonso Angeli Torteroli, natural do Rio de Janeiro, atuou como jornalista e professor, entre outras profissões. Participou da fundação de várias instituições espíritas, como o *Centro da União Espírita do Brasil*, com o objetivo de congregar o movimento, além de patrocinar obras caritativas. Representava os *científicos* nas contendas espíritas⁸¹ (Damazio, 1994, p. 123-125).

Outras discordâncias foram alimentadas também pela publicação em 1866 da obra *Os Quatro Evangélicos* por Jean-Baptiste Roustaing, contendo “mensagens mediúnicas”. Identificadas como dos próprios evangelistas e apresentava a tese de que o corpo de Jesus não era de natureza humana e que Maria, sua mãe, era virgem. De acordo com Canuto Abreu, a obra de Roustaing aportou no Brasil, desde cedo, concomitante às de Kardec, por volta de 1870 (Abreu, 1996, p. 98).

Teles de Menezes noticiou no jornal *Echo D'além-Túmulo* de maio de 1870, que tinha recebido a obra *Os Quatro Evangelhos*, enviada pelo próprio autor, J.-B. Roustaing. E a recomendou, afirmando que “Os Espíritas verdadeiros encontrarão em sua leitura variadíssimos ensinamentos de transcendental importância e do mais perfeito acordo com a Doutrina ensinada no Livro dos Espíritos e no Livro dos Médiuns”. Mas, em seguida, ressaltou a opinião de Kardec sobre a necessidade de “verificação geral dos Espíritos”, para no futuro considerá-la “de acordo com os princípios fundamentais da doutrina espírita” (*Echo D'além-Túmulo*, 1870, p. 292-296).

A *Federação Espírita Brasileira*, liderada pelo Dr. Bezerra de Menezes, passou a fazer estudos da obra de Roustaing ao lado das obras de Kardec. A partir do mês de fevereiro de 1898, o *Reformador* começou a publicar trechos em suas páginas. É atribuído ao Dr. Bezerra de Menezes a responsabilidade pelo direcionamento da FEB na divulgação da obra de Roustaing, configurado na instalação das atividades do Grupo Ismael na FEB (Abreu, 1996; Amorim, 2017), tendo inclusive publicado artigos sobre a tese de Roustaing na coluna que manteve em jornais de circulação nacional (Bezerra de Menezes, 2001).

O pesquisador Emerson Giumbelli (1997, p. 108-113) elaborou uma síntese do processo

⁸¹Ambos os protagonistas desse período foram biografados no Capítulo 3.

da federalização da *Federação Espírita Brasileira*, na medida em que se esvaziaram as atividades de outras iniciativas federativas⁸². Também fortalecida pelo seu protagonismo em defesa do Espiritismo frente ao novo Código Penal de 1890 (Brasil, 1890), que o criminalizava⁸³. Após disputas no campo institucional, a FEB, enfim, iniciou seu processo de filiação de sociedades espíritas em 1885 com o *Grupo Espírita Menezes, Grupo Ismael* e outros que passaram a funcionar na sede da FEB, como a *Sociedade Espírita Fraternidade* em 1891.

Contudo, o que realmente uniu os espíritas foi o golpe do Código Penal da República de 1890, que criminalizou a prática espírita. Segundo a historiadora Adriana Gomes (2013, p. 78-79), esse Código “foi o primeiro grande conjunto de leis” da nova ordem jurídica do regime Republicano, substituto do Código Criminal de 1830, do Primeiro Império. Foi instituído através do Decreto n. 847, de 11 de outubro de 1890 (Brasil, 1890), portanto, anterior à Constituição Federal de 24 de fevereiro de 1891.

Não trouxe grandes novidades em relação ao anterior, a não ser para os espíritas, pois criminalizava explicitamente a prática do Espiritismo, conforme disposto no art. 157, constante do Capítulo III “Dos Crimes Contra a Saúde Pública” do Título III “Dos Crimes Contra a Tranquilidade Pública”, a saber:

Art. 157 – Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar talismãs e cartomancias para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar curas de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública: Penas - de prisão celular por um a seis meses e multa de 100\$ a 500\$000. § 1º Se por influência, ou em consequência de qualquer destes meios, resultar ao paciente privação, ou alteração temporária ou permanente, das faculdades psíquicas: Penas - de prisão celular por um a seis anos e multa de 200\$ a 500\$000. § 2º Em igual pena, e mais na de privação do exercício da profissão por tempo igual ao da condenação, incorrerá o médico que diretamente praticar qualquer dos atos acima referidos, ou assumir a responsabilidade deles (Brasil, 1890, grifo nosso).

Os artigos 156 e 158, do mesmo Código Penal, estão relacionados ao art. 157 e disciplinavam o exercício de atividades consideradas exclusivas da área médica e de seus derivativos, a dentária e farmacêutica. Vedava às pessoas sem habilitação legal a prática da “homeopatia, dosimetria, hipnotismo ou magnetismo animal”. Era o processo da criação de espaço exclusivo para a medicina, reivindicação antiga da associação de médicos.

Em tese, um médium receitista poderia ser triplamente qualificado em crime, enquadrado em três artigos do Código Penal. No art. 156 – por atuar sem habilitação

⁸²A exemplo do *Centro da União Espírita do Brasil* (1881), *Centro Espírita do Brasil* (1889) e da *União Espírita de Propaganda do Brasil* (1894).

⁸³Dissertação de referência ver *Entre a fé e a polícia: o espiritismo no Rio de Janeiro (1890-1909)* da pesquisadora Adriana Gomes (2013).

profissional e aplicar “passes espirituais”, no art. 157 – por praticar atividades de “curas” e no art. 158 – por prescrever medicamentos homeopáticos e outros (Almeida, 2007, p. 185; Giumbelli, 1997, p. 80; Gomes, 2013, p. 79):

Art. 156 – Exercer a medicina em qualquer de seus ramos, a arte dentária ou a farmácia; praticar a homeopatia, dosimetria, hipnotismo ou magnetismo animal, sem estar habilitado segundo leis e regulamentos: Penas - de prisão celular por um a seis meses e multa de 100\$ a 500\$000. Parágrafo único. Pelos abusos cometidos no exercício ilegal da medicina em geral, os seus autores sofrerão, além das penas estabelecidas, as que forem impostas aos crimes a que derem causa (Brasil, 1890, grifo nosso).

Art. 158 – Ministras ou simplesmente prescrever, como meio curativo para uso interno ou externo, e sob qualquer forma preparada, substância de qualquer dos reinos da natureza, fazendo ou exercendo assim, o ofício denominado curandeirismo: Penas - de prisão celular por um a seis meses e multa de 100\$ a 500\$000. Parágrafo único. Se o emprego de qualquer substância resultar à pessoa privação, ou alteração temporária ou permanente de suas faculdades psíquicas ou funções psicológicas, deformidade, ou inabilitação do exercício de órgão ou aparelho orgânico, ou, em suma, alguma enfermidade: Penas - de prisão celular por um a seis anos e multa de 200\$ a 500\$000. Se resultar a morte: Pena - de prisão celular por seis a vinte e quatro anos (Brasil, 1890, grifos nossos).

Para se contrapor, os espíritas se articularam em 1892 com o apoio da FEB e constituíram uma comissão permanente em defesa dos interesses do Espiritismo, unindo espíritas de todos os matizes. Os argumentos da linha de defesa dos espíritas foram: 1º. O autor do Código legislou sobre um assunto que desconhecia; 2º. Enfatizar o embasamento científico do Espiritismo, como uma “nova ciência”, diferenciando a prática espírita da “superstição” e da “magia” e 3º. A difusão de valores morais e religiosos sob os princípios cristãos e da sociologia.

Com isso, os espíritas contrapunham os ditames dos arts. 157 e 158 do Código Penal em relação à “liberdade de consciência e de crença”, princípios basilares do projeto de Constituição, ainda em discussão na época (Giumbelli, 1997, p. 83-84).

Segundo levantamento realizado por Emerson Giumbelli (1997) no período de 1891-1901, cerca de trinta e nove pessoas responderam criminalmente pela prática ilegal da medicina, inclusive o professor Afonso Torteroli, enquadrados nesses três artigos do Código Penal.

Dessa forma, entre acusações, prisões de médiuns e o fechamento de algumas instituições, os espíritas e, principalmente a FEB, defendiam-se sob o argumento maior do emprego da fraternidade (caridade) e da liberdade de crença (religião) nas suas atividades. Portanto, estavam tutelados pelos ideais libertários e do Estado laico da República recém-instalada no território pátrio.

E assim foram suplantando as pressões dos órgãos estatais, da Igreja e da associação médica. Mas tendo como consequência a afirmação cada vez mais acentuada do caráter de uma **Religião Cristã reformada**. Seja isso por pressões internas ao movimento (detalhadas no próximo capítulo) ou por articulações no espaço público, consolidado no século XX, sob pressão dos mesmos entes. Nas palavras da professora Adriana Gomes (2013, p. 131) “Mesmo às avessas, o espiritismo foi legitimado como sendo uma religião, sobretudo nos tribunais de justiça”.

Sintomático ou não, em 1890 houve um apelo de Elias da Silva, revelador da configuração do Espiritismo como religião, para no Recenseamento de 31 de dezembro de 1890 “os espíritas declararem abertamente a sua crença”. Bem entendido aqui que os espíritas deveriam assumir o Espiritismo como sua religião, diferenciando-se das demais crenças. Não houve sucesso porque o Espiritismo só seria listado no rol das religiões no censo de 1940 e nos seguintes (Wantuil, 1990, p. 185). Mesmo assim era categorizada junto à Umbanda e ao Candomblé. A partir do Censo de 1980, a metodologia foi alterada (Damasio, 2025).

Em resumo, nas últimas décadas do século XIX, o Espiritismo se estabeleceu no Brasil, concomitante ao seu desenvolvimento na França e foi influenciado por este. Os principais fatos históricos foram: o envolvimento da elite letrada, a formação das primeiras instituições e veículos de impressos de propaganda espírita, as primeiras traduções das obras fundamentais do Espiritismo para a língua portuguesa. E, ainda, a fundação da *Federação Espírita Brasileira* e as injunções para federalizar o movimento no Brasil, o surgimento da divergência entre os espíritas, a reação da Igreja católica, da classe médica e o impacto do Código Penal nas atividades espíritas.

Esses conflitos ficaram caracterizados como divergências entre os ditos “*religiosos* ou *místicos*”, os “*científicos ou laicos*” e “*kardecistas*” e “*roustainguistas*”, assunto analisado no capítulo seguinte desta pesquisa. No entanto, o Brasil já era o país onde o Espiritismo mais se desenvolvia, suplantando o da França. Mas, com característica de uma religião na linha cristã, motivada pelas pressões no espaço público, acima citadas, na conformação ao Campo Religioso Brasileiro e pelas disputas doutrinárias internas ao Campo Espírita.

Comunidade de seguidores do Espiritismo no século XIX

Não há uma estatística para a comunidade de espíritas no final do século XIX. Os censos de 1872 e 1890 não contemplaram o Espiritismo como religião, apesar de o Brasil ser o primeiro país do mundo a inserir pergunta sobre religião. Portanto, não tinha como estimar a comunidade

de seguidores. Apenas no começo do século XX, o cronista João do Rio⁸⁴ (1881-1921) publicou um livro com informações das religiões do Rio de Janeiro no ano de 1906.

Consta que a FEB tinha 800 sócios, emitiu cerca de 48 mil receitas e que no Rio de Janeiro havia **100 mil espíritas** (João do Rio, 1976 [1906]). Evidentemente, esses não são dados confiáveis. Emerson Giumbelli informa que a FEB em 1902 emitiu cerca de 20 mil consultas e “receituários mediúnicos”, passando para mais de 110 mil em 1904 (Giumbelli, 1997). São os números que circulavam na época.

2.2.2 Século XX: entre federativismo, médiuns e rupturas

No século XX, o Brasil se industrializava e a população urbana crescia acentuadamente. Nesse ambiente republicano e de feição cosmopolita, o Espiritismo se expandia⁸⁵. Foi o período de sua consolidação no Brasil, com a mudança do eixo para o Sul-Sudeste do país. Apesar das pressões amplificadas pelo Estado Novo, dos órgãos policiais e jurídicos, da classe médica e da Igreja Católica, apoiados na Terceira República Brasileira. Período da ditadura instaurada por Getúlio Vargas (1882-1954) em 1937 que vigorou até 1945. A chamada Era Vargas caracterizada pela centralização do poder, nacionalismo, anticomunismo e pelo autoritarismo (Gomes *et al.*, 2007, p. 104).

A expansão do Espiritismo se deu a partir das classes letradas urbanas para as classes populares da periferia e do interior rural. E foi se diferenciando das religiões de “práticas mediúnicas” ritualizadas, sobretudo de matriz afro-brasileira como a Umbanda e o Candomblé⁸⁶.

Esses embates favoreceram a *Federação Espírita Brasileira*, que fortalecida se posicionava como o órgão representativo do movimento, instituindo seu programa de organização e normatização das sociedades espíritas no Brasil. Visava a homogeneidade e conformação à sua interpretação do “verdadeiro Espiritismo”, que culminou numa feição à brasileira do Espiritismo. E voltada ao campo religioso, terapêutico e caritativo, caracterizado como religião de matiz cristão (Giumbelli, 2003a, p. 268-269).

⁸⁴João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto (1881-1921) foi jornalista, cronista, contista, romancista, tradutor e teatrólogo brasileiro. Pioneiro da crônica em reportagem, era membro da Academia Brasileira de Letras.

⁸⁵No final do século XIX, existiam cerca de 79 instituições espíritas, apenas as que se fizeram representar pela FEB no Congresso Espírita e Espiritualista de Paris de 1900, e 31 jornais e revistas de divulgação espírita publicados ou em publicação. Ver *Reformador* de 1º de setembro de 1900.

⁸⁶O relacionamento dos cultos afro-brasileiros com o Espiritismo foi abordado em estudos pioneiros como o de Candido Procópio Ferreira de Camargo com a obra seminal *Kardecismo e Umbanda* (1961).

Para tanto, a FEB fez ajustes em seu estatuto, incentivou a criação de federativas estaduais e as orientava como procederem com o processo de adesão de instituições espíritas. Implantou um destacado parque editorial e colocou todo o esforço financeiro na produção e divulgação do livro espírita.

O perfil do movimento espírita brasileiro modificou-se em relação ao período anterior, devido a pelo menos dois fatores. O primeiro referente à normatização da dinâmica das casas espíritas pelo sistema federativo, direcionando-as ao estudo sistematizado das obras fundamentais da Doutrina Espírita, à “assistência espiritual” para o “tratamento da obsessão”⁸⁷ e alguma forma de assistência social.

Esse é o tripé das atividades de uma instituição espírita, principalmente as adesões ao movimento federativo da FEB. Foi implementado ao longo do século XX, com ajustes principalmente na área das “atividades mediúnicas”. Partia dos “receituários mediúnicos” para priorizar as “reuniões de desobsessão”⁸⁸ e o atendimento fraterno aos “encarnados”. O segundo fator é atribuído à performance dos médiuns espíritas, com a enorme produção literária e com ação caritativa através da criação e manutenção de instituições de assistência social.

Na análise dos antropólogos Aubrée e Laplantine (2009, p. 221), sobre a delimitação das fronteiras identitárias do Espiritismo na sociedade brasileira, identifica-se que este, para “fundamentar sua legitimidade”, afirma-se constantemente como “moderno e científico”. No entanto, em 1953, a FEB considerou que os umbandistas poderiam ser considerados espíritas, o que provocou reações no movimento.

Em outro polo, o Espiritismo se aproximou do Catolicismo por pertencerem ao mesmo “horizonte espiritual” e se posicionou como uma religião de perfil cristão, filosófica e em “base científica”. Pratica a caridade no sentido mais amplo, seguindo os Evangelhos e fundamentando-se no tripé estabelecido como: ciência, filosofia e religião. Um “catolicismo dos tempos modernos”, que tem explicação para os “mistérios da fé” e oferece “recursos terapêuticos” (Aubrée; Laplantine, 2009, p. 224).

O fato é que o Espiritismo no Brasil passou a ser percebido pela sociedade como um movimento humanitário, uma religião filantrópica e de benemerência, direcionada à caridade espiritual e material. Com ampla estrutura de hospitais psiquiátricos, ambulatórios médicos, asilos, albergues, orfanatos, lares geriátricos, escolas, campanhas de doação de víveres e vestuário, entre outros. E atendimentos “espirituais” visando o restabelecimento psicossocial.

⁸⁷No Espiritismo, obsessão é a ação persistente de um “Espírito” sobre outro, dominando o pensamento, o discernimento e a vontade, segundo o grau de dificuldade.

⁸⁸ “Reunião mediúnica” dedicada ao esclarecimento ou doutrinação dos “Espíritos sofredores” e “obsessores”.

Esse campo de atividade do Espiritismo, foi se diferenciando num processo de conquistas e retrocessos para superar a repressão dos órgãos governamentais, sob o argumento de praticar “curas”, Do setor médico com os “diagnósticos de loucura” para os médiuns. Da imprensa à procura de irregularidades destes. E da Igreja Católica na disputa do campo religioso⁸⁹, que o conceituava como uma “seita” que se coloca como “**cristã**”, conforme segue análise sucinta.

*A Área Médica*⁹⁰

Em sua pesquisa, Emerson Giumbelli (1997) encontrou três processos penais afeitos ao Espiritismo e ao Código Penal. Logo no início do século, entre 1904 e 1905, a FEB, o seu presidente Leopoldo Cirne e outros de seus membros foram processados judicialmente por autoridades sanitárias com base no Regulamento Sanitário de 1904. Um caso, por causa de receituário com medicamentos homeopáticos; o outro por não notificar à Delegacia de Saúde a situação de uma mulher acometida de varíola que estava sob assistência da FEB.

Ambos os casos foram arquivados por não atenderem aos requisitos legais, o que invalidou todo o processo penal. Isso configurou a “falta de competência jurídica” por parte de setores médicos (Giumbelli, 1997, p. 137-139).

O terceiro caso comentado pelo pesquisador ocorreu em 1905 e foi mais complexo que os anteriores. Houve uma ação conjunta das autoridades sanitárias com a policial, que ensejou a denúncia do principal médium receitista da FEB, Domingos Filgueiras (1846-1906), surpreendido enquanto atendia pessoas e passava receitas. Também, como nos demais casos, não houve evolução do processo criminal. O juiz e a jurisprudência consolidaram o entendimento de que a prática espírita era de caráter religioso. E por isso, estava sob a guarida constitucional do “princípio da liberdade religiosa” (Giumbelli, 1997, p. 140-143).

Não apenas a área sanitária se contrapunha ao Espiritismo no século XX. A Psiquiatria empreendeu disputas no campo científico com o Espiritismo, sendo um importante aliado da alta cúpula da Igreja Católica no enfrentamento das religiões mediúnicas no Brasil. Essa área médica considerava o povo brasileiro inculto e facilmente sugestionável às “práticas mediúnicas” que eram “catalisadoras de desajustes mentais”. Por isso, defendiam a “interdição radical sobre o espiritismo” (Isaia, 2008, p. 501-502).

⁸⁹Em 1953 a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) reafirmou a desaprovação da Igreja Católica ao Espiritismo.

⁹⁰Os fatos a seguir estão ambientados no Rio de Janeiro do século XX, mas tiveram repercussão no Brasil, por ser a capital da República do Brasil até 1960 e sede das principais mídias impressas da época.

Segundo a professora Angélica Almeida (2007), os médicos psiquiatras atuavam estrategicamente na sociedade para caracterizar o Espiritismo como “algo prejudicial e atrasado”. Diferenciava-se deste por seu conhecimento com base na ciência e por isso “legítimo”, enquanto os espíritas adotavam superstições. E que a mediunidade era fraude, manifestação do subconsciente do médium ou loucura. Além de associar o Espiritismo com as religiões afro-brasileiras, de grande desprestígio social na época, vinculadas “ao primitivismo e ao misticismo” (Almeida, 2007, p. 108).

Os espíritas se defendiam questionando os dados estatísticos dos médicos. Apresentavam posicionamentos de pesquisadores internacionais favoráveis à hipótese espírita e demonstravam os benefícios sociais das atividades caritativas e de cura. E alegavam a garantia constitucional de liberdade de culto religioso, ao tempo em que se distanciaram das religiões afro-brasileiras.

O Estado

Outra área de pressão no espaço público, mas que trouxe consequências internas ao Campo do Espiritismo no Brasil foram as empreendidas por órgãos do Estado. No século XX, houve momentos mais agudos e outros amainados devido à influência das lideranças espíritas com posições sociais de destaque e atuando em cargos estatais, com acúmulo de *capital simbólico*. E outra característica do Espiritismo que era não se envolver diretamente com a prática político-partidária. A exceção foi na defesa pelo ensino laico em oposição às investidas da Igreja Católica no ensino religioso, na época (Neckel Miguel, 2010, p. 205-207).

Essas disputas levaram ao fechamento temporário da FEB em diversas ocasiões e em diferentes contextos, principalmente na década de 20 e 30, bem como durante o período do Estado Novo (1937-1945) (Giumbelli, 1997, 2003a). Na Era Vargas, iniciada com o golpe de outubro de 1937, ocorreram várias perseguições políticas e ações coercitivas contra as instituições e pessoas de “práticas mediúnicas”.

Alguns estudiosos viram no afastamento político do movimento espírita uma forma de “adesão à ordem vigente”, inclusive com a valorização do discurso nacionalista explícito em obras como “*Brasil, Coração do Mundo Pátria do Evangelho*”. Apesar disso, a FEB sofreu investidas de órgãos policiais e teve por consequência o fechamento temporário de suas instalações e interrupções de suas atividades, a fim de cumprir com exigências de autoridades policiais e jurídicas (Neckel Miguel, 2010, p. 207-210).

Era uma nova configuração na década de 40, com os organismos policiais conduzindo

ações amparadas no Novo Código Penal de 1942. O Chefe de Polícia do Distrito Federal, o Major Filinto Strubing Müller (1900-1973), emitiu uma portaria suspendendo o funcionamento dos “centros espíritas” da Cidade do Rio de Janeiro. A reabertura estava condicionada “mediante novo exame das suas finalidades” e que teriam que se submeter “a novo processo de registro” da instituição através de Delegacias Distritais e Especializadas. Nas seguintes condições: a) a localização do centro; b) os antecedentes político-sociais dos seus componentes; c) os antecedentes criminais dos mesmos e d) a finalidade da instituição (Jornal do Brasil, 1941, p. 14 *apud* Giumbelli, 2003a, p. 273)⁹¹.

Agora, eram duas formas de pressão a que estava submetido o movimento espírita e em particular a FEB: a do Código Penal e as determinações policiais. Essas culminaram na suspensão das atividades de “receituário mediúnico” e de “aplicações fluídicas” nas dependências da FEB, sob a justificativa de “evitar o fechamento da instituição”. Mas que também obedecia a “orientações espirituais”. A FEB empreendeu recomendações e ajuda às instituições afiliadas para se enquadrarem nas determinações do Chefe de Polícia, com o encaminhamento da documentação exigida (Giumbelli, 2003a, p. 273-274).

Essa ocorrência recompôs a FEB e o movimento espírita organizado no prestígio perante as autoridades policiais, que passaram a considerar como “centros verdadeiramente dedicados ao culto [...] sobre os quais não pairam dúvidas” (Jornal do Brasil, 1941 *apud* Giumbelli, 2003a, p. 273). Porém, desde que os espaços de atividades religiosas estivessem adequados aos normativos dos órgãos públicos, tais como: o local deveria ser apropriado apenas para público adulto, suspensão das atividades terapêuticas e assistenciais e ter um “modelo comedido de possessão espiritual” (Giumbelli, 2003a, p. 274).

Era fato singular que a chefatura policial, através de portarias, modelasse a prática espírita. E, por essa forma, possibilitasse que a FEB e as instituições espíritas “regulares” fossem legitimadas perante as autoridades e passassem a representar um “modelo exemplar” de espiritismo. Isso proporcionou o empoderamento da FEB como instituição formuladora de normas alinhadas aos órgãos públicos (Giumbelli, 2003a, p. 276).

⁹¹No livro *Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil*, de Yvonne Maggie, na Tabela 21 há uma síntese dos principais mecanismos de repressão às religiões mediúnicas no período de 1890 a 1942. Em resumo: 1890 - Decreto que institui o Código Penal da República; 1904 a Criação do Juízo dos Feitos da Saúde Pública; 1927 - Criação da comissão do delegado Mattos Mendes para a repressão ao baixo espiritismo; 1934 - Criação da 1ª Delegacia Auxiliar especializada na repressão do baixo espiritismo; 1937 - Criação da Seção de Tóxicos e Mistificação dentro da 1ª Delegacia Auxiliar, especialmente destinada ao combate da mistificação; 1941 - Major Filinto Müller exige que os centros sejam registrados também na Delegacia de Polícia Política; 1942 - Promulgação do Código Penal que modifica o artigo 157 do Código Penal de 1890 (Maggie, 1992). Retifica-se a última informação, o Código Penal de 1940 foi promulgado no mesmo ano, em 31 de dezembro de 1940 e entrou em vigor em 1º de janeiro de 1942, conforme determinado no seu art. 361 (Brasil, 1940).

Havia, portanto, uma preocupação dos espíritas de se apresentarem como praticantes de uma religião respeitável perante as autoridades públicas, para ter guarida na Constituição, consolidando o caráter de religião ao Espiritismo. Não foi outra razão para a mobilização da FEB e da *Liga Espírita do Brasil*⁹² para orientar os espíritas a responderem “corretamente” como praticante do Espiritismo ao questionário do Censo de 1950 relativo à sua crença religiosa (Neckel Miguel, 2010, p. 212-213).

A argumentação da defesa dos espíritas frente ao código penal foi confrontá-lo com a Constituição Federal advinda da República, no fundamento da proteção das liberdades individuais, como de culto e de livre associação. Ou seja, com base no princípio da liberdade religiosa, porque as práticas do Espiritismo o constituíam como religião. Portanto, teria direito “a todas as prerrogativas constitucionais”. Principalmente, porque os médiuns espíritas não cobravam pelos seus serviços, faziam a caridade desinteressadamente e eram acessados pelos desenganados da medicina oficial (Giumbelli, 1997, p. 175-178).

Ao se apresentar como uma religião, o Espiritismo reivindicava para si os direitos constitucionais de liberdade religiosa, criando uma tese de autodefesa frente às pressões, acima citadas, vindas do Estado Novo. O conflito se arrefeceu na década de 1950, na medida em que o Espiritismo se legitimava na sociedade brasileira como religião nos domínios do campo religioso brasileiro. Abdicava das suas pretensões científicas, mas era reconhecido pelo seu suporte à caridade e ao conforto espiritual (Almeida, 2007, p. 203-204).

Em suma, *a caridade* foi o elemento primordial na argumentação de defesa dos espíritas. Essa prática legitimou o Espiritismo como culto e os médiuns como pessoas altruístas perante os agentes sociais, estabelecendo distinções e identidades que legitimaram suas práticas.

A Igreja Católica

No período do Estado Novo (1937-1945), a Era Vargas, houve uma importante aproximação da Igreja Católica com o Estado, a ponto de constituírem uma aliança que deu vantagem à Igreja em relação às outras religiões e ampliou o combate aos opositores políticos da Ditadura Vargas. O Estado Novo promoveu uma maior participação da Igreja Católica na sociedade, com base em um “pacto moral” estabelecido entre Getúlio Vargas e o Cardeal Sebastião Leme (1882-1942). Uma associação que pudesse, ao mesmo tempo, enfrentar inimigos comuns, como os comunistas, socialistas, liberais e opositores ao regime autoritário de Vargas pós-1937, e cercear correntes religiosas concorrentes do catolicismo (Neckel Miguel,

⁹²*Liga Espírita do Brasil*, fundada em 1926. Era uma entidade federativa em alternativa à FEB, à qual podiam se filiar instituições em nível municipal e estadual.

2010, p. 204).

A narrativa médica-psiquiátrica alimentava o discurso da Igreja contra as religiões de natureza mediúnica: Umbanda, Espiritismo e demais religiões afro-brasileiras, incluindo o protestantismo. Ataques acentuados com a criação em 1952 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que via no pluralismo religioso um ameaça às suas pretensões hegemônicas (Isaia, 2023, p. 112-113).

O Espiritismo se antepunha a essas investidas utilizando-se da proeminência da prática da caridade, configurada nas diversas obras assistenciais, elevando seu *status* diante do Estado, inclusive com a recepção de subvenções públicas (Neckel Miguel, 2010, p. 215).

Essa estratégia de diferenciação, no entanto, provocou rupturas internas ao movimento. Durante o século XX, registra-se a formação da **Liga Espírita do Brasil** em 1926. A maior discordância entre essas instituições federativas era a adoção das teses de Roustaing pela FEB, teses que receberam considerações cautelosas por Kardec⁹³. Por isso e outros fatores, intelectuais espíritas deram início a uma “campanha anti-roustainista” (Giumbelli, 1997, p. 251-252).

Seguindo nessa linha de fragmentação do Espiritismo, houve a do **Espiritismo Racional e Científico Cristão**, fundada em 1910 por Luiz José de Mattos Chaves Lavrador (1860-1926). Foi criada a partir do *Centro Espírita Amor e Caridade* da cidade de Santos, São Paulo, e depois no *Centro Espírita Redentor*, no Rio de Janeiro. Tinha como objetivo implantar um Espiritismo “científico-filosófico-espiritual” e cristão, com uma visão particular e seletiva da Doutrina Espírita.

Havia nesse movimento a pretensão de completá-la para aplicar seu método terapêutico para a demência e a loucura, tidas como de ordem obsessiva. Logo de início, insurgiu-se contra o *roustainguismo* propalado pela FEB e depois contra os próprios postulados espíritas de Kardec (Camurça; Amaro; Pereira Neto, 2017).

Pelo visto, esta ruptura não trouxe maior repercussão ao movimento espírita, diferentemente do empreendido pela **Confederação Espírita Pan-Americana** (CEPA), criada em 1946 e, atualmente, renomeada para **Associação Espírita Internacional** (2014) (CEPA). Instituição com finalidade de federalizar instituições espíritas em diversos países, fundamentada essencialmente no pensamento de Allan Kardec, “sob uma visão laica, livre-pensadora, humanista, progressista e pluralista” do Espiritismo (Silva, 2021, p. 11).

A CEPA rejeita o *roustainguismo* e qualquer outra interpretação religiosa, esotérica,

⁹³Maiores detalhes no Capítulo 1 e 3.

africanista, indigenista e orientalistas. Define o Espiritismo como uma *nãoreligião*, uma ciência com consequências morais e éticas e não sectária, em contraposição ao Espiritismo religioso, evangélico e cristão, defendido pela FEB. Essa forma de entender o Espiritismo reeditou, em parte, o confronto entre “místicos” e “científicos” que se arrefeceu nessa época, ressurgido no confronto entre “roustainguistas” e “kardecistas” (assunto do Capítulo 3).

Um acontecimento relevante foi a consecução em 1949 do chamado “**Pacto Áureo**”, assinado por diversas instituições de perfil federativo estadual e nacional. O Pacto consolidou o sistema federativo da FEB com a criação em 1950 do *Conselho Federativo Nacional* (CFN), integrado na estrutura da FEB e sob sua coordenação. Nele, foi configurada a representação das federações estaduais, entre outras instituições espíritas especializadas⁹⁴. E que formulam diretrizes, normas e campanhas articuladas para o movimento espírita, com o intuito de tecer orientações doutrinárias, unificar os procedimentos e práticas das instituições adesas ao sistema federativo febianos.

O CFN ainda permanece em funcionamento com as mesmas atribuições que lhe foram definidas. Isso demarca para a posteridade a assertiva de que, na *França, houve a Codificação da Doutrina Espírita e no Brasil a Unificação do Espiritismo*.

Neste período, exemplo de espíritas destacados no campo intelectual e doutrinário. No Brasil⁹⁵ – Antonio Wantuil de Freitas (1895-1974), Carlos Imbassahy (1883-1969), Deolindo Amorim (1908-1984), Guillon Ribeiro (1875-1943), José Herculano Pires (1914-1979), Leopoldo Cirne (1870-1941), Leopoldo Machado (1891-1957), Luciano dos Anjos (1933-2014) e Silvino Canuto Abreu (1892-1980). Na Argentina, Humberto Mariotti (1905-1982). Na França – o Espiritismo vivia seus últimos momentos mais importantes com o engenheiro François-Marie Gabriel Delanne (1857-1926), o psiquiatra e pesquisador Gustave Geley (1865-1924) e o “apóstolo do Espiritismo”, Léon Denis (1846-1927).

Outra particularidade desse período foi o protagonismo dos médiuns. Pode-se dizer que foi a época em que os médiuns moldaram a “atividade mediúnica” e doutrinária do Espiritismo, contribuíram para sua diferenciação frente às religiões de “prática mediúnica” de matriz afro-brasileira e do Espiritismo na França.

É certo que Francisco Cândido Xavier (1910-2002) foi o médium mais famoso do Brasil. Filantropo e prolífico, escreveu cerca de 416 livros em vida, atribuídos aos “Espíritos”,

⁹⁴Instituições espíritas formadas por classes profissionais, tais como: Psicólogos, Magistrados, Médicos, Militares e Comunicadores.

⁹⁵Os intelectuais brasileiros foram devidamente analisados na tese *As Tensões no Campo Espírita Brasileiro em tempos de afirmação: primeira metade do século XX*, de Pedro Paulo Amorim (2017, p. 231-285).

com variados temas e estilos, “reportagens do além, poemas, crônicas, títulos infantis, contos e romances históricos”. Tamaña produção constituiu-se em um fenômeno editorial e de vendas, estimada em 50 milhões de livros, aos quais se somam cerca de 10 mil cartas psicografadas, a contagem é até o ano de 2012. E todos os direitos autorais desses livros foram doados em cartório para instituições de caridade (Souto Maior, 2003, p. 190).

Suas obras sustentaram cerca de duas mil instituições de caridade, sempre sob a assistência de seu “guia espiritual”, o “Espírito Emmanuel”⁹⁶. Participou de duas ocasiões no programa televisivo de entrevistas o *Pinga-Fogo* da TV Tupi na década de 70. E segundo alguns autores, repercutiu de tal forma que foi responsável pela ascensão do Espiritismo nos meios de comunicação de massa⁹⁷, a ponto de o médium ser lançado em 1981 como candidato a receber o prêmio Nobel da Paz, mas não foi contemplado (Souto Maior, 2003, p. 196-199). Por último, suas cartas psicografadas foram acatadas em três oportunidades em tribunal de júri, servindo de prova testemunhal (Souto Maior, 2003, p. 226-228).

Outros médiuns contribuíram para formar a imagem do Espiritismo voltado à caridade e assistência espiritual de caráter religioso como o médium Eurípedes Barsanulfo (1880-1918), considerado o “apóstolo da caridade”. Autodidata, destacou-se na área da educação proporcionando ensino gratuito para órfãos e crianças de classe social menos favorecida e no tratamento espiritual, com receitas e “curas” orientadas pelo “Espírito Bezerra de Menezes”.

O médium, Divaldo Pereira Franco (1927-2025) foi o fundador da *Mansão do Caminho*, obra de assistência social, que atende cerca de 5 mil pessoas carentes em Salvador. Adotou mais de 600 crianças e é autor de mais de 250 obras espíritas, ultrapassando os 20 milhões de exemplares vendidos. Sua ação de propaganda espírita contribuiu para a internacionalização do Espiritismo, de modo que vários países abriram instituição espírita sob sua influência⁹⁸. Sua “mentora espiritual” se apresenta como Joanna de Ângelis⁹⁹.

O médium José Raul Teixeira (1949), outro orador de renome internacional, fundador da obra assistencial *Remanso Fraternal*, em Niterói, estado do Rio de Janeiro, que atende crianças e famílias socialmente carentes. É autor de 37 livros. Mas, em 2011, sofreu um

⁹⁶O “Espírito Emmanuel” é o “mentor espiritual” do médium Chico Xavier. Reconhecido entre os espíritas brasileiros por obras psicografadas através do médium. Revelou algumas de suas encarnações quando foi Públio Lentulus, senador romano que morreu em Pompéia no ano de 72 d.C. e como Padre Manoel da Nóbrega, jesuíta missionário no Brasil quinhentista. Participou na época de Kardec com a mensagem “O Egoísmo” inserida em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (Federação Espírita do Brasileira, [20--]).

⁹⁷Ver Souto Maior (2003) e Stoll (2003).

⁹⁸Informações extraídas do sítio da Mansão do Caminho. (Divaldo Franco, 2025).

⁹⁹O “Espírito Joanna de Ângelis”, “mentora espiritual” do médium Divaldo Franco. Conhecida no movimento espírita pelas obras psicográficas da Série Psicológica e de outras de moral evangélica. Atribui-se a ela reencarnações como Joana de Cusa, ao tempo de Jesus, Sórora Juana de Asbaje no México e Joanna Angélica de Jesus, esta passada na Bahia (Joanna de Ângelis, 2014).

Acidente Vascular Cerebral (AVC) que interrompeu por um momento seu labor mediúnico (José Raul [...], 2024). Ultimamente está retomando essa atividade de forma gradual.

O médium psicográfico Waldo Vieira (1932-2015), graduado em medicina, colaborou com Chico Xavier como coautor na elaboração de parte dos livros da “Série André Luiz”, entre outros de sua lavra. Depois, interrompeu sua atuação no Espiritismo e se dedicou a fundar um novo campo de pesquisas, a Ciência da Projeciologia¹⁰⁰.

Entre as mulheres médiuns, célebres pela amplidão de sua produção ou pela repercussão que tiveram seus escritos, destacam-se: Aura Celeste, pseudônimo de Adelaide Augusta Câmara (1874-1944), Anna Rebello Prado (1883-1923), Célia do Carmo Ferreira da Silva (1925-2007), Maria Dolores de Araújo Bacelar (1914-2006), Yvonne do Amaral Pereira (1900-1984), Zíbia Milani Gasparetto (1926-2018) e Zilda Gama (1878-1969).

Na área da pictografia, o médium Luiz Antonio Alencastro Gasparetto (1949-2018), é reconhecido de renome nacional e internacional, atuante nas décadas de 70, 80 e 90. Fazia apresentações de pinturas de quadros assinados por “Espíritos” pintores famosos. Fundador do “Espaço Vida e Consciência”, participou de vários programas de televisão (Stoll, 2003, p. 199-217).

Outra área em destaque foi a de cirurgia espiritual. O médium José Pedro de Freitas (1921?-1971), o “Zé Arigó”, de relevância nesse quesito junto com o médico Edson Cavalcante Queiroz (1950-1991). Ambos realizavam cirurgias com facas e bisturis sob a ação do “Espírito Dr. Adolph Fritz”, médico alemão morto na Primeira Guerra Mundial.

No século XX, identifica-se, nas últimas décadas, o despertar do movimento espírita brasileiro para uma nova área, a da Divulgação e Comunicação. A FEB desenvolveu um departamento de Divulgação e depois de **Comunicação Social**, responsável pela execução das diretrizes de comunicação interna e externa à instituição, como: marketing, produção e publicidade, relacionamento com órgãos de imprensa, exposições em audiovisual e multimídia, na linha das demais instituições humanas do “século das comunicações”.

Outro fato importante foi a fundação de associações espíritas nacionais e internacionais vinculadas às atividades profissionais como a área médica, de divulgação, magistratura, pedagogia, psicologia, artísticas, entre outras. Uma parte já participava do *Conselho Federativo* da FEB. No entanto, houve a decisão de constituir um ambiente relacional, resultando na formação do *Conselho Nacional das Entidades Espíritas Especializadas da Federação Espírita*

¹⁰⁰Maiores detalhes sobre esta personalidade no artigo *Religião, ciência ou auto-ajuda? Trajetos do Espiritismo no Brasil* de Sandra J. Stoll (2002).

Brasileira (CNE/FEB), em 2014, como órgão de orientação técnica à FEB¹⁰¹.

Uma época de realização de congressos espíritas como o *Congresso Internacional do Espiritismo*, sediado em Brasília¹⁰², editado pela FEB em 1989, do qual surgiu a proposta de constituir um organismo internacional. A idealização se concretizou em 1992 com a criação do *Conselho Espírita Internacional (CEI)*, organismo de âmbito mundial, sem fins lucrativos, composto por entidades representativas de cada país. Tem como missão promover a unificação do movimento espírita mundial. Este deliberou pela realização do primeiro *Congresso Espírita Mundial*, realizado em 1995, em Brasília, com cerca de três mil inscrições.

A internacionalização do Espiritismo, com característica brasileira, vem ocorrendo através da emigração de brasileiros, que o estabelece no exterior numa feição religiosa de matiz cristão (Santos, 2004, p. 106).

A FEB implementou programa de estudos sistematizados das obras de Allan Kardec, como o *Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE)* em 1983. O mais importante instrumento unificador do movimento espírita, reunido em torno da *Federação Espírita Brasileira* e em 1998 a implantação do *Estudo e Prática da Mediunidade* (Gil, 2014, p. 302).

A década de 1990 também foi marcada pela fundação do *Grupo de Estudos Avançados Espíritas (GEAE)* que, em 1992, introduziu o movimento espírita na rede integrada mundial de computadores, a Internet. É um grupo de estudos e de divulgação de notícias no modo virtual. Surgiram em seguida vários sítios espíritas com uso de novas tecnologias, desde os institucionais com o da FEB. O *Instituto de Intercâmbio do Pensamento Espírita de Pernambuco (IPEPE)*, que funcionava com várias listas de discussões. O *Pensamento Social Espírita (PENSE)*, voltado ao estudo do campo social espírita e à disponibilização de livros e artigos virtuais, preparando o movimento para o próximo século.

Comunidade de seguidores do Espiritismo no século XX

No Censo do IBGE da edição de 2000, final do século, entre o ano de 1991 e 2000, o número de espíritas no Brasil cresceu 44%, passando de 1,64 milhão (1,12% da população) para **2,34 milhões de pessoas**. Assim, autodeclararam-se espíritas (1,38% da população), configurando uma taxa anual de crescimento de seguidores da Doutrina de 3,6% ao ano, com o

¹⁰¹Participam do CNE-FEB: *Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo (ABRADE)*, *Associação Brasileira de Psicólogos Espíritas (ABRAPE)*, *Associação Brasileira de Artistas Espíritas (ABRARTE)*, *Associação Brasileira de Esperantistas Espíritas (ABEE)*, *Associação Brasileira dos Magistrados Espíritas (ABRAME)*, *Associação Jurídico-Espírita do Brasil (AJE)*, *Associação Médico-Espírita do Brasil (AME)*, *Cruzada dos Militares Espíritas (CME)*, *Organização Social Cristã Espírita André Luiz (OSCAL)* e *Pró-Saúde Mental (PSM)*. (Entidades [...], 2023).

¹⁰²Extrato de informações no sítio da FEB (A História [...], 2022).

incremento na década de cerca de 700 mil de pessoas que se autodeclararam espíritas. Um novo contexto de crescimento apresentou a maior taxa dos últimos 30 anos, apesar de números reduzidos comparativamente aos de católicos e evangélicos (Farias *et al.*, 2017, p. 8; Lewgoy, 2013, p. 108).

2.2.3 Século XXI: tecnologia, historiografia e novas polêmicas

O século XXI despontou com a propagação do Espiritismo nas diversas mídias, ocupando espaços nas rádios, programas de televisão, jornais, revistas, teatros e nos cinemas. A exposição por meio dessas mídias e manifestações chegou a ser considerada um dos motivos do quantitativo dos que se declaram espíritas nos Censos do IBGE¹⁰³ e os que consomem “produtos espíritas”. Entre eles, destaca-se a presença do Espiritismo na Televisão como estratégia de divulgação.

O pioneiro foi o programa *Espiritismo via Satélite*, do comunicador espírita Alamar Regis Carvalho (1951-2016). Depois, surgiram canais na mídia social, como *Rede Visão*, *Tv Mundo Maior*, - *Rede Amigo Espírita TV (RAETV)* e *FebTv*. Além da temática espírita nas telenovelas das TV abertas, que são sucesso de audiência¹⁰⁴.

No final da primeira década do século XXI, temas espíritas foram exibidos em cinemas nacionais e internacionais, atraindo grande público espírita ou não, a exemplo de: *Ghost: do outro lado da vida*, *Chico Xavier: o filme*, *Divaldo: o homem mensageiro da paz*, *E a Vida Continua*, *Nosso Lar*, *Kardec*, *Bezerra de Menezes: o Diário do Espírito* e *Os Mensageiros* (Nosso Lar 2). Esses filmes foram tão importantes para a divulgação do Espiritismo que a FEB montou uma área exclusiva para incentivar a produção de filmes espíritas com o nome de *FEB Cinema*.

A FEB continuou com a implantação de programas de estudos sistematizados das obras de Allan Kardec, com o *Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita (EADE)* em 2002. E o *Evangelho Redivivo Virtual – estudo do Novo Testamento à luz do Espiritismo*, entre outros cursos pelo sistema de EaD (ensino à distância).

Em outro sentido, a FEB apoia o *Conselho Espírita Internacional (CEI)* na realização de Congressos Mundiais (Conselho Espírita Internacional, 2020) na estratégia de

¹⁰³Dados constantes na Introdução desta pesquisa.

¹⁰⁴As primeiras foram *Somos Todos Irmãos* (1966), *A Viagem* (1975 e 1994) e *O Profeta* (1977). Para esse tema, ver *A história de um subgênero ficcional: uma proposta de mapeamento das telenovelas espíritas* de Meigre e Silva (2021).

internacionalização do Espiritismo¹⁰⁵. Segue relação do século XXI: ano 2001, na cidade de Guatemala; ano 2004, na cidade de Paris; ano 2007, na cidade de Cartagena, na Colômbia; ano 2010, em Valência, na Espanha; ano 2013, na cidade de Havana, em Cuba; ano 2016, na cidade de Lisboa, em Portugal; ano 2019, na Cidade do México. No ano de 2022, foi em formato virtual devido à pandemia da COVID-19¹⁰⁶. O próximo será em outubro de 2025, na cidade de Punta del Este, no Uruguai.

Atualmente os *blogs* espíritas proliferam na Web, principalmente durante a pandemia do COVID-19 em 2020. Esta provocou ao redor do mundo uma instabilidade social e econômica significativa, devido à ação de emergência de saúde pública com restrição de circulação e distanciamento das pessoas. As instituições espíritas ficaram totalmente fechadas e parte das atividades foi desenvolvida através de videoconferências (*lives*) pela internet. Os efeitos desta situação anômala sobre o movimento espírita ainda não foram devidamente estudados. Mas, é perceptível a evasão de frequentadores das atividades presenciais e o fechamento em definitivo de centros espíritas pós-surto pandêmico.

Essa situação pode desencadear uma desinstitucionalização e desregulamentação do movimento espírita¹⁰⁷. Com o livre acesso às variadas atividades virtuais, por exemplo, preleções, atendimentos fraternos, aconselhamentos, cursos e treinamentos, “passes espíritas”, preces, “reuniões mediúnicas” e campanhas assistenciais. Outro aspecto é o protagonismo de pessoas, grupos e comunidades virtuais desvinculados de instituições e à parte do movimento espírita tradicional. A financiabilidade das instituições sofreu impacto pós-pandêmico, a dificuldade de contatos presenciais, a desvinculação e, sobretudo, a crescente comercialização de livros, revistas e *e-book* através da internet reduziram uma das principais fontes de captação de recursos das instituições espíritas.

Este século é relevante para a área da **Historiografia do Espiritismo**. Vários livros e pesquisas acadêmicas foram empreendidas para reconstituir o caminho trilhado pelos principais agentes do Espiritismo. Reflexões sobre fatos históricos correlatos, estudos sobre a formação e estruturação dos livros fundamentais da Doutrina Espírita, alguns já citados nessa pesquisa.

Os dados historiográficos do Espiritismo apontam para novas interpretações das características do Espiritismo na França na era kardeciana e pós-kardeciana. Isso proporciona

¹⁰⁵Mais informações em Marcos Scarpioni (2022).

¹⁰⁶É uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. A Organização Mundial da Saúde (OMS) alertou, em 2020, sobre essa nova virose, provocada por uma nova cepa de coronavírus.

¹⁰⁷Caso interessante foram as reuniões ditas “mediúnicas” realizadas através de plataforma de vídeo conferência constituídas em “salas virtuais”, com os médiuns em situação remota permanecendo em suas residências.

análises mais diversificadas e abrangentes sobre o Espiritismo, a exemplo de as disponíveis no Museu AKOL (2025), nos sítios do CSI do Espiritismo (CSI [...], 2025), em Obras de Kardec (2025) e no Portal Luz Espírita (2025).

É conhecido que Allan Kardec vinha coletando vasto material documental, para que, na posteridade, fosse convertido em fontes históricas. E de fato aconteceu. A partir de 2010, considerável quantidade de documentação de fontes primárias inéditas, composta por cartas e rascunhos de cartas, anotações e reflexões, preces e evocações, tanto originais de Allan Kardec quanto de seus contemporâneos. Esse material faz parte do acervo do **Projeto Allan Kardec**, plataforma digital da Universidade Federal de Juiz de Fora¹⁰⁸, Minas Gerais, lançado em 2020 (ver Introdução).

Questão singular, que surgiu no movimento espírita brasileiro, suscitando acirrada discussão, foram as edições “*adulteradas*” de livros fundamentais da Doutrina Espírita. Edições essas que servem de base à maioria absoluta das edições em diversas línguas, desde 1869. As discussões mais atuais foram iniciadas com a publicação do livro *O Legado de Allan Kardec* de Simoni Privato Goidanich (2018). Nele, a autora contesta, com provas documentais, que a 5ª edição de 1869 do último livro fundamental da Doutrina Espírita, *A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo* (1868) foi uma edição póstuma “*adulterada*”, com textos modificados que contrariam a Doutrina Espírita. A partir daí, tomaram corpo intensas discussões no movimento espírita sobre a adulteração de obras. Outros livros foram publicados afirmando essa tese, como o de Paulo H. Figueiredo (2019).

O movimento espírita ainda não tinha digerido essa notícia, quando Paulo H. Figueiredo e Lucas Sampaio lançaram a obra *Nem Céu Nem Inferno* (2020), denunciando como “*adulterada*” a 4ª edição de 1869 do quarto livro fundamental da Doutrina Espírita, *O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina Segundo o Espiritismo* (1865), também dada como póstuma. Algumas instituições nacionais e internacionais aderiram à tese de adulteração para as edições que têm como base a 5ª edição do livro *A Gênese*, suspendendo sua distribuição e venda. Não se tem informação quanto à 4ª edição de *O Céu e o Inferno*. E, pelas considerações atuais, não houve maiores adesões à tese da adulteração.

Estudos posteriores aceitaram com parcialidade essa tese. Entretanto, trabalhos mais consistentes, por estarem bem documentados, como o de Adair Ribeiro Jr., Carlos Seth Bastos e Luciana Farias (2024), eliminaram as dúvidas levantadas, restabelecendo a veracidade dessas edições que estavam sob suspeitas. E inclusive descobriram um original da 5ª edição de *A*

¹⁰⁸Ver página do Projeto Allan Kardec (2025) e no Portal Luz Espírita (2025).

Gênese de 1869, como uma das provas materiais que atestam a sua conformidade. Porém, algumas lideranças espíritas ainda resistem e insistem na tese da adulteração.

As controvérsias do movimento se alternam entre momentos de arrefecimentos e de recrudescimentos e perduram até o momento. Embora com outras conotações, como os espíritas “progressistas” e “conservadores”, repercutindo temas político-doutrinários do contexto político brasileiro atual com pautas partidárias.

Segundo Camurça (2021, p. 137), observa-se uma divisão no movimento espírita brasileiro diante de pautas relativas à moral (sexual e reprodutiva), questões sociais, ambientais e científicas. Colocando em campos opostos os “conservadores” e “progressistas” com visões históricas e sociais diferentes da realidade.

Os autodenominados “progressistas” estão alinhados com a pauta da esquerda político-partidária. Por outro lado, os nominados “conservadores”, em sua maioria estão alinhados à narrativa de uma neutralidade e outros vinculados à pauta do liberalismo político-econômico. Essa controvérsia é comentada no próximo capítulo.

De permeio a essa controvérsia, há os engajados no enfrentamento do racismo no Brasil, grupos antirracistas autodenominados de progressista, os **Espíritas à Esquerda**¹⁰⁹. Empreenderam alterações nas traduções das obras fundamentais da Doutrina Espírita, com o objetivo de revisar termos e ideias que consideram “racistas” utilizados no século XIX. Até o momento, foi publicada a edição antirracista de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (2022), *O Livro dos Espíritos* (2023) e *O Que é o Espiritismo* (2024). Essa questão não era nova, mas se potencializou quando o Ministério Público Federal no Estado da Bahia acatou uma reclamação acerca de ideias consideradas racistas presentes nas obras de Allan Kardec.

E, como consequência, em 2007 foi assinado Termo de Ajuste de Conduta (TAC) entre o Ministério Público Federal (MPF), a *Federação Espírita Brasileira* (FEB), a *Federação Espírita do Estado de São Paulo* (FEESP), *Centro Espírita Léon Denis* (CELD), *Fundação Espírita André Luiz* (FEAL) e seis outras editoras, obrigando a inclusão de notas explicativas em todas as obras (Brasil, 2016)¹¹⁰. Essa medida foi cumprida pelas instituições citadas, as quais colocaram notas para “*demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec...*” (Kardec, 2017 [1866], p. 375, nota de rodapé).

Uma tendência antiga observada no movimento espírita é a área de **estudos bíblicos**, recentemente de forma mais estruturada e independente, principalmente a do Novo Testamento. Como informado, Allan Kardec tratou dos estudos do conteúdo do Evangelho, reconhecidos

¹⁰⁹Maiores detalhes no sítio Espíritas à Esquerda (2025).

¹¹⁰Ver TAC nº. 1.14.000.000835/2016-12 (Brasil, 2016).

em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. A obra fundamental mais lida no Brasil e que trata da moral cristã¹¹¹. É fato que várias obras espíritas, psicografadas ou não, traziam estudos e interpretações do Evangelho desde o século XX, notadamente as de “Emmanuel” através do médium Chico Xavier (ver Capítulo 4).

No Espiritismo, sempre houve uma valorização dos estudos bíblicos por entender que o Espiritismo abriu a possibilidade de compreender o Evangelho “em espírito e verdade”, desvinculando-o da teologia católica e protestante. No III Congresso Espírita Brasileiro, evento ocorrido em Brasília no ano de 2010, foi realizado o lançamento do Novo Testamento traduzido diretamente do grego por Haroldo Dutra Dias¹¹² (1971), uma demanda da FEB por uma tradução mais literal. Em torno disso, foi criado pela FEB, em 2013, um grupo de estudo sistematizado do Novo Testamento, nominado de *Núcleo de Estudos e Pesquisas do Evangelho* (NEPE)¹¹³, que foi implantado em vários estados do Brasil.

Esses estudos, de certa forma, aproximam o Espiritismo de denominações cristãs que colocam a Bíblia no centro de seus estudos, a católica e as protestantes¹¹⁴ (Torres, 2019). Como apresentado, desde os primórdios do Espiritismo, há uma nítida determinação de colocar o estudo dos Evangelhos como elemento central no movimento espírita, embora sob polêmicas (Capítulo 4).

Por fim, algo que irá impactar de sobremaneira a humanidade, a Inteligência Artificial. Não haverá setor isento às modificações em que os chamados “algoritmos de IA” se façam presentes. Em interessante artigo publicado no blog Expedienteonline.org (Garcia, 2024), de autoria do escritor espírita Wilson Garcia (1949), desenvolveu-se um “diálogo” com o ChatGPT¹¹⁵. Iniciou com a pergunta: *Será a inteligência artificial meio para avanço do espiritismo?* A resposta iniciou com *“A inteligência artificial tem o potencial de ser um meio significativo para o avanço do Espiritismo e de outras áreas de estudo espiritual e filosófico”*. Assim, seguiu-se a entrevista.

Alguns pontos de destaque como a possibilidade de fazer: reconhecimento de padrões mediúnicos, análise de sonhos e experiências espirituais, análise de comunicações espirituais,

¹¹¹Ver artigo Lira Neto e Luciana Farias (2024).

¹¹²Haroldo Dutra Dias, nasceu em Belo Horizonte, em 1971, espírita, graduado em Direito, Língua e Literatura Grega, Neurociência e Psicologia, Doutor em Neurociências e Pós-doutorando em Neurociências, Juiz de Direito, escritor, tradutor e palestrante internacional. Fundador e Mentor do Projeto Odisseia.

¹¹³Dados colhidos no sítio do NEPE BRASIL (2017). O NEPE também dispõe de um dos mais completos sites de pesquisa bíblica do país, inclusive é indicado pelos estudiosos acadêmicos ou não.

¹¹⁴Ver dissertação de Natália Cannizza Torres *“Jesus a porta, Kardec a chave”: a apropriação do Novo Testamento pelo segmento espírita*, 2019.

¹¹⁵ChatGPT refere-se ao nome de um programa de computador desenvolvido pela OpenIA, lançado em 2022, que emula uma conversa entre humanos (*chatbot*) utilizando inteligência artificial (IA). Cria respostas a partir de perguntas do usuário, dispondo de um grande banco de dados e centros de processamento.

simulação de debates, predição de tendências espirituais, apoio emocional e espiritual, estudos de casos personalizados, verificação do conteúdo de livros obtidos por “via mediúcnica”, entre outros. Pelo visto, a próxima controvérsia no meio espírita será entre o “mundo virtual” e o “mundo real”.

Comunidade de seguidores do Espiritismo: século XXI

Dados extraídos do Censo IBGE de 2022: em números absolutos são 3,2 milhões de pessoas que se autodeclararam espíritas, quantitativo próximo a 1,8% da população brasileira. Números comentados e caracterizados na seção Introdução desta pesquisa. Informações sobre a Comunidade de seguidores encontram-se também em pesquisas e artigos produzidos por Ivan René Franzolim, escritor e autor de pesquisas no movimento espírita. Entre esses, destacam-se:

- a) *O Mercado Editorial Espírita – 2017*. Pesquisa de uma amostra dos dados de venda de livros espíritas em 2017. Depois os dados foram projetados para todo o mercado editorial espírita brasileiro. A pesquisa levou em conta apenas os livros considerados de conteúdo espírita pelas editoras e distribuidoras. Ivan R. Franzolim observa que não foram incluídas as traduções de livros em outros idiomas, braile, áudio *book*, produções musicais e em vídeo. E que os consumidores são os espíritas, que na época da pesquisa eram 2% da população, cerca de 4,2 milhões, Censo 2010. E os simpatizantes, sem estatística determinada a respeito, estimou em três a cinco vezes o contingente dos espíritas em 2010, cerca de 12,6 a 21 milhões de pessoas (Franzolim, 2017, p. 3).

O resultado foi: 8.407 de títulos de livros espíritas comercializados em 2017, 181 editoras espíritas, 3,3 milhões de livros vendidos, 1.691 autores de livros espíritas, incluindo 434 autores médiuns. O total de livros de autoria de Allan Kardec editados pela FEB foi cerca de 13 milhões acumulados até 2017. E as 88 obras de Chico Xavier com produção acumulada de aproximadamente 21,7 milhões de exemplares. Isso totaliza 34,7 milhões de livros acumulados até 2017.

O gênero literário predominante entre espíritas é o narrativo como: os romances, contos, novelas, poesias épicas, crônicas, fábulas e ensaios. Estimativas sobre as principais editoras espíritas. Em número de títulos: EME 561, FEB 515, IDE 312, Farol 237 e Lúmen 223.

A Editora da FEB teve mais de 9 milhões de exemplares vendidos em 2017 das obras fundamentais da Doutrina Espírita. Destaque para *O Evangelho Segundo o*

Espiritismo com 48% do total, com 131 edições! (Franzolim, 2017, p. 8).

- b) *Quantos São os Espíritas no Brasil e no Mundo*. Segundo a Pesquisa Instituições Espíritas no Brasil, de 2020, tomada na base do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) e código da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), há o quantitativo de instituições espíritas no Brasil de 11.916 (base 2020), com presença em 41% dos 5.570 municípios, 75% concentradas nas capitais. No mundo, a contagem é de 740 instituições espíritas em 55 países (base 2019, revisada). Estima-se no máximo de 55 mil espíritas entre trabalhadores e frequentadores de casa espíritas no exterior. O número seria bem inferior considerando apenas os nativos (20 mil) (Franzolim, 2021, p. 8).
- c) *A Pesquisa Nacional Espírita (PNE)*. É realizada anualmente desde 2015. Tem como objetivo mapear o perfil do público espírita no Brasil, com o envio de formulários para obter respostas espontâneas. A edição de 2025 recebeu 12.151 respostas, provenientes de 1073 cidades de todos os estados brasileiros. Segundo Ivan Franzolim (2025, p. 2), apesar de não “se enquadrar nos padrões das pesquisas acadêmicas com amostragens probabilísticas”, seus indicadores têm correlação com os dados do Censo Demográfico do IBGE. Portanto, serve como instrumento de análise sociocultural do Espiritismo: público feminino 68%, faixa etária acima de 60 anos 38%, nível superior completo (80,6%), concentrados na região Sudeste (67%).

No livro *História Geral do Espiritismo: resumo expositivo*, de autoria de Lucas Berlanza e Eric Pacheco, publicado em 2023, há informações com quadro-resumo do movimento espírita pelo mundo, por continente e países. Uma relação de autores, médiuns e principais personalidades espíritas da história do Espiritismo no mundo. E um panorama da população e a geografia do Espiritismo.

A questão da base de simpatizantes do Espiritismo no Brasil pode ser analisada considerando o conceito de “Base Estendida”. Esta inclui: trabalhadores, colaboradores, frequentadores fixos das casas espíritas, frequentadores esporádicos, interessados pelos princípios espíritas, leitores de obras espíritas e participantes da mídia social espírita. Ou seja, os consumidores de *bens simbólicos* espíritas (Capítulo 3). Some-se a isso a informação de que a maioria do povo brasileiro tem predileção por princípios da Doutrina Espírita.

Em pesquisa do *Datafolha*¹¹⁶ (Católicos [...], 2007), realizada entre 19 e 20 de março de

¹¹⁶Datafolha é um instituto de pesquisa independente do Grupo Folha.

2007, o percentual de 37% da amostra representativa da população brasileira afirmavam acreditar em reencarnação e 18% que tinham dúvidas. Em pesquisas mais recentes, como a do *Pew Research Center*¹¹⁷ (2024), na *Spring 2024 Global Attitudes Survey*, aponta-se que 33% dos brasileiros acreditam em reencarnação.

Ou seja, cerca de 70 milhões de pessoas do país acreditam na possibilidade da reencarnação. Para maiores informações sobre reencarnação no Brasil ver a recente pesquisa de Sandra Marciel de Carvalho sobre o Inquérito Nacional de Casos Sugestivos de Reencarnação na População Brasileira Adulta. Tese defendida em 2023 na Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais (Carvalho, 2023).

Levando em consideração as informações acima expostas, que explicam a substancial produção de livros e números de editoras de obras espíritas em comparativo com a média nacional. Não é de todo improvável que a Base Estendida de seguidores do Espiritismo e simpatizantes da Doutrina, no Brasil seja estimada entre **36 e 72 milhões de pessoas**.

2.3 Espiritismo no Brasil: decolonizado da sua matriz europeia

Encontra-se com frequência nos estudos acadêmicos sobre o Espiritismo o comparativo entre o original na França com o do Brasil, dentro dos quais se dão interpretações em relação às diferenças apontadas. Discutem-se as origens e as prováveis motivações. Este item da pesquisa é voltado às singularidades, ao problema identitário e ao sistema ritual do Espiritismo no Brasil. Tal item possibilita o entendimento e a reflexão sobre os fatores que o caracterizam como uma **Religião Cristã**, dando-lhe uma nova cosmovisão.

2.3.1 Adaptado ao Campo Religioso Brasileiro

Segundo pôde deduzir Sandra Stoll da pesquisa de Gifford Geertz, as “distorções” doutrinárias, rituais ou religiosas não configuram desvios ou exceções. A diferença percebida da causalidade “é própria da lógica da universalização das religiões”. A pesquisadora entende o Espiritismo como uma “religião importada” que se deparou com uma cultura religiosa consolidada, a matriz religiosa brasileira – o *ethos* nacional.

Por isso, alguns acadêmicos pensaram na similaridade da “prática mediúnica espírita”

¹¹⁷*Pew Research Center* é um centro de estudos sobre questões, atitudes e tendências que moldam o mundo. Realizam pesquisas de opinião pública, demográficas, análises de conteúdo e outras pesquisas em ciências sociais baseadas em dados.

com a da cultura afro e ameríndia conformada. Outros defendem a similaridade com o catolicismo em virtude da noção cristã de santidade (Stoll, 2003, p. 61). Portanto, uma questão identitária a ser verificada.

Há um consenso entre os vários trabalhos acadêmicos pesquisados por Emerson Giumbelli (1997) sobre a conformação do Espiritismo no Brasil em uma “religião”. Há duas suposições, a que entende como um contraste com suas “raízes e desdobramentos europeus” e a outra como conformação com a “forma nacional de religiosidade”.

Três pontos recorrentes justificam esse posicionamento que caracteriza a vivência de seus seguidores e a orientação da maioria das instituições espíritas: “*a centralidade do estudo da moral evangélica*” no campo doutrinário, relegando as questões filosóficas e científicas; o desenvolvimento da mediunidade e de seus mecanismos rituais e a relevância da terapêutica espírita (Giumbelli, 1997, p. 21).

O Espiritismo no Brasil foi se organizando nessa época em torno de três áreas: *Estudo, Assistência Espiritual e Assistência Social*¹¹⁸. Pesquisas atribuem a diferentes origens dessa tríade. A pesquisadora Maria Laura V. de C. Cavalcanti (1983, p. 63), que adotou *a priori* o Espiritismo como um sistema religioso dada a autopercepção de religião dos grupos espíritas pesquisados, verificou que na prática os espíritas distinguem as atividades em “*de estudo, de caridade, e mediúnicas*”. Esse conjunto de atividades são complementares entre si, formam os polos do Sistema Ritual Espírita. Além disso, reconheceu na *mediunidade* o centro da estrutura desse sistema por considerar *estudo* e *caridade* como “tarefas mediúnicas”, no seu conceito ampliado de mediunidade.

Destacou que, na conceituação de Max Weber, é possível considerar essa tríade como “os principais meios de salvação no Espiritismo” (Cavalcanti, 1983, p. 64). Porém, notou que essas atividades deram origem a diferenciações em relação às demais denominações de culto afro-brasileiro. O elemento *estudo* enfatiza a intelectualidade, marcadora da diferença em relação às demais religiões de expressão mediúnica. Enquanto a *caridade* diferencia a desigualdade moral e social. E, por fim, a *mediunidade*, que estabelece a tipologia de “recepção mediúnica” dos “Espíritos”, no controle do corpo e no compromisso ético.

Estudos antropológicos sobre o Espiritismo no Brasil, como o de Arribas (2010), Camurça (2014), Giumbelli (1997) e Stoll (2003), são concordantes com a existência dessa tríade e analisam as causas da identidade religiosa do Espiritismo no Brasil. A começar por Giumbelli (1997) que atribui as reações aos fatores do espaço público, em especial o religioso,

¹¹⁸Posteriormente foi agregada a área de Divulgação e Comunicação.

o criminal, o científico, o médico e o jornalístico, que moldaram o Espiritismo no Brasil. Tal aspecto coloca em segundo plano as relações internas dos espíritas e suas diferenciações.

Em contrapartida, Arribas (2010) argumenta que foram os “intelectuais” do Espiritismo que o estruturaram segundo modelo religioso, como reações no campo religioso brasileiro às injunções externas e internas ao movimento. Ela assegura que o Espiritismo, tal qual uma religião, sistematizada, em oferta no “mercado religioso”, deve-se ao grupo que “venceu a disputa” e ditou qual Espiritismo seria o verdadeiro, o legítimo (Arribas, 2010, p. 54).

Alçando a bandeira da caridade, o Espiritismo escapou das penalidades do código penal republicano. Entretanto, com um efeito colateral – a afirmação de ser uma religião com culto e suas práticas tidas como lícitas depois de remodeladas (Arribas, 2010, p. 123). Diferenciando-se do Espiritismo na França também por influência do Campo Religioso Brasileiro.

A transposição atlântica do Espiritismo da França para o Brasil conformou-se de tal forma ao Campo Religioso Brasileiro que passou a integrar a Matriz Religiosa Brasileira, como seu último elemento¹¹⁹. Segundo Pierri Sanchis (2008, p. 81), ele se articulou com as demais tradições religiosas e constituiu “uma camada de sentido densamente presente”, reconhecida pelos estudiosos como um “vetor fundamental da religiosidade do Brasil”.

A justificativa de José Jorge de Carvalho (1999, p. 4) está apoiada na visão paradoxal de mundo do Espiritismo, num sentido positivista e no outro cristã, reintroduzindo temas como a caridade e a relação ampla com os “Espíritos”.

Em sua pesquisa, Bittencourt Filho (2003, p. 214-218) também constatou que o Espiritismo retomou concepções antigas da metempsicose, comunicações com os “Espíritos” e conteúdos ocultistas revestidos de científicos. Portanto, o Espiritismo *reencantou* o Espiritualismo Moderno quando se conformou no Brasil.

Um importante alerta da pesquisadora Célia Arribas é que essa conformação externalizou o que já estava internamente direcionado pelo *habitus* de seus líderes “encarnados” e “desencarnados”. O efeito disso foi a demarcação de suas fronteiras, dando-lhe uma feição identitária brasileira em ações e reações na cultura nacional. Ganhou cidadania religiosa no espaço público e maior autonomia no campo religioso, culminando com a organização em bases religiosas **por parte da liderança da FEB em 1896** (Arribas, 2010, p. 127-128), quando a caridade espiritual e material ganhou estatuto de “teórico-doutrinário no Espiritismo” com inúmeras obras filantrópicas espalhadas pelo país (Arribas, 2010, p. 245). Isso é entendido como processo de decolonização da sua matriz europeia.

¹¹⁹Ver Bittencourt Filho (2003, p. 53) e Pierre Sanchis (1997, p. 31).

A maioria desses fatos ocorreu entre o final do século XIX e o início do século XX. Contudo, não se pode esquecer que foi, no século XX, que importantes médiuns contribuíram na moldagem do Espiritismo no Brasil como religião. Vide o médium Chico Xavier. Conforme destacou um dos pioneiros no estudo do Espiritismo no Brasil, Candido Procopio Ferreira de Camargo (1961), a influência desse médium é análoga à autoridade de Kardec na formação do Espiritismo nacional. Isso porque Chico Xavier conseguiu “formular a teoria Nacional do Espiritismo”, posicionando o Brasil com missão relevante na evolução planetária¹²⁰ (Camargo, 1961, p. 5).

A prolífera produção literária desse médium, algumas equiparadas às obras fundamentais da Doutrina Espírita, e a sua conduta na vida pessoal estabeleceram um modelo de “expressão religiosa” similar ao ideal de “santidade católica” no afastamento do mundano. Imprimiu durante sua existência uma disciplina voltada à caridade, ao atendimento espiritual e material. Cerca de 2 mil instituições foram auxiliadas por ele.

Tornou-se um paradigma para o movimento espírita com a ideia de missionário, com sofrimento e renúncia em prol dos mais necessitados (Stoll, 2003, p. 196). Situação não encontrada, com essa intensidade, no Espiritismo na França, cujos médiuns se ressentiam por não ter protagonismo no movimento através das suas mensagens. Em Kardec, o médium era um mero intermediário entre planos existenciais e não produzia o conteúdo das “mensagens mediúnicas”. Por conseguinte, não lhe caberia nenhum mérito ou demérito por elas¹²¹.

Outro pesquisador, Marcelo Camurça, identifica a estratégia de legitimação do Espiritismo através da prática da caridade desinteressada, *como uma religião fundamentada no Evangelho*, por isso de matiz cristão. Dissociando-se das demais religiões populares, e que se considera “como um credo racional, filosófico e científico, superior à dogmática católica”. O resultado dessa estratégia foi a “autoconfiguração do Espiritismo brasileiro” como uma religião dentre outras, assim tendo assegurada sua liberdade de atuação na Constituição Nacional advinda da República (Camurça, 2014, p. 63-67).

Por tudo isso, o processo do desenvolvimento do Espiritismo no Brasil foi complexo, diferenciado e atualizado em relação ao Espiritismo na França. Fica evidente que as diretrizes

¹²⁰Tese inserida no livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, ditado por “Humberto de Campos” [Espírito] e psicografado por Chico Xavier (2002 [1938]). Maiores informações no Capítulo 4.

¹²¹Nota de Kardec: “Quanto aos médiuns, abstinemo-nos de nomeá-los. Na maioria dos casos, não os designamos a pedido deles próprios e, assim sendo, não convinha fazer exceções. Os nomes dos médiuns, ademais, não teriam acrescentado nenhum valor à obra dos Espíritos. Mencioná-los seria apenas satisfazer o amor-próprio, coisa a que os médiuns verdadeiramente sérios não ligam a menor importância. Compreendem que o seu papel, por ser meramente passivo, o valor das comunicações em nada lhes realça o mérito pessoal, e que seria pueril envaidecerem-se de um trabalho intelectual a que prestam apenas o seu concurso mecânico” (Kardec, 2017 [1866], p. 15).

dadas pelos líderes espíritas “encarnados” e “desencarnados”, principalmente os alinhados à FEB, bem como as respostas dadas nos embates internos ao movimento e no espaço público, direcionam o Espiritismo no sentido da prática evangélica religiosa – expressa no polo **Caridade**, sob protestos de alguns.

Contudo, se os praticantes espíritas são indagados se o Espiritismo é religião, respondem que sim. Todavia, lembram que também é filosofia e ciência, com base no conceito estabelecido do *Tríplice Aspecto do Espiritismo*¹²² – *Ciência, Filosofia e Religião*, simultaneamente. Conceito que sofre contestação, constrói fronteiras e distinção entre grupos espíritas em disputas (Cavalcanti, 1983, p. 26). Ainda reflexo de textos de Allan Kardec sobre a natureza do Espiritismo.

Para a pedagoga Dora Incontri, o posicionamento do Espiritismo por Kardec ainda não foi compreendido e o principal sintoma é a discussão se o Espiritismo é religião ou não. Que perdura até o momento, com os laicos defendendo que Kardec pensou o Espiritismo apenas como ciência, filosofia e moral, destituído de religião. Outros, pelo contrário, defendem o denominado tríplice aspecto, mas que o aspecto religioso é o mais importante do que a ciência e a filosofia (Incontri, 2004, p. 84-85).

Em síntese, o processo identitário do Espiritismo no Brasil, conforme anotado por Sandra Stoll (2003) e Marcelo Gil (2014), partiu da ação dos líderes que impuseram suas tendências impulsionadas pelo *habitus* e *capital simbólico* que possuíam e cuja maioria era de origem católica, imersa no Campo Religioso Brasileiro.

Esses líderes espíritas reagiram às disputas internas e externas com respostas dadas neste campo, livrando os espíritas dos processos penais. Portanto, aplicada a Teoria de Bourdieu, verifica-se que foram os agentes agindo em conformidade com seus *habitus* que elegeram o campo religioso como referencial de suas lutas internas e se uniam nas empreendidas no espaço público.

Essas controvérsias internas ao movimento são polarizadas entre o Espiritismo ter caráter de religião ou não, reeditando o dilema da modernidade entre ciência e religião. Por isso, a redobrada atenção com a leitura e interpretação dos resultados dos estudos sobre o Espiritismo no Brasil, para não passar despercebido ou se perder nessas controvérsias.

Esse assunto é básico para esta tese. Quanto mais diferentes campos interagem no religioso, mais o Espiritismo no Brasil adquire uma identidade religiosa, autodefinida em processo de defesa no espaço público e nas disputas internas. Como observado, suas lideranças

¹²²Para maior desenvolvimento desse assunto, ver a tese de Augusto César Dias de Araujo *O espiritismo “essa loucura do século XIX”* (2014) publicada em livro em 2016.

atuam de acordo com seus *habitus* – induzindo suas práticas e percepções ao campo religioso. Mesmo aquelas que são contrárias à identidade de religião no Espiritismo, fazem isso em disputa nesse campo (Bourdieu, 2022 [1989], p. 57). Isso desde o início da chegada do Espiritismo em terras brasileiras e suas singularidades em relação ao originário da França, como analisado.

2.3.2 *Reencantamento do Fenômeno*

Conforme explicado no capítulo anterior, Allan Kardec constituiu o Espiritismo como uma filosofia racional, uma **Doutrina Filosófica**, proporcionado pelo *desencantamento* dos “fenômenos mediúnicos”. Colocando-os fora do âmbito do maravilhoso e do sobrenatural, sujeitos às leis naturais e, por isso, acessíveis ao método científico de experimentação. Depois, sob controvérsias com o clero francês, denominou de **Religião Filosófica**.

Mas o Espiritismo em terras brasileiras *reencantou-se* entranhado na Matriz Religiosa Brasileira, decolonizado da sua origem europeia, adaptando-se como uma **Religião Cristã reformada**. Imbricada nesse povo singular por motivos variados, entre eles o apontado por Renato Ortiz no prefácio da obra de Aubrée e Laplantine (2009): “O espiritismo, como técnica de desencantamento do mundo (ou seja, a expansão da racionalidade na compreensão e gestão do mundo espiritual), deve conviver com o ‘encantamento’ da tradição que prevalece no solo brasileiro” (Ortiz, 2009, p. 19).

Retomando a visão weberiana de *reencantamento do mundo*, na análise de Wolfgang Schluchter (2014, p. 49), identifica-se um longo processo que se conduz entre a religião “de salvação” na linha judaico-cristã e a ciência moderna, com base na filosofia grega, pelo qual “o desencantamento e o reencantamento estimulam-se mutuamente” ou, de forma mais contundente, o *desencantamento* do mundo “*não é nenhum processo linear irreversível*”.

Apesar de Antônio Pierucci (2013) entender de outra forma o termo *reencantamento* em Weber não ocorre na esfera religiosa, mas na esfera do erótico, como visto. Porém, aqui se dá ênfase ao *reencantamento* como uma natural acomodação do Espiritismo agindo e reagindo no Campo Religioso Brasileiro, que sempre se quer *encantado*.

É o que se verifica no Espiritismo *reencantado* no Brasil, a começar pelas observações de Ubiratan Machado (1983), é que o Espiritismo concluiu seu ciclo evolutivo. Originado nas classes cultas do país, particularmente os intelectuais, depois difundiu-se entre a população urbanizada. Contudo, nesse processo de difusão social, ocorreram “profundas distorções” por constatar que a maioria dos espíritas brasileiros tem a preferência pelo aspecto religioso e

mágico-místico. Isso acentua o “poder curandeirístico”, extremamente sincrético, por estar “enriquecido” pelas práticas do “catolicismo popular” e dos cultos religiosos afro-brasileiros, a Plasticidade Híbrida da Fé (APÊNDICE).

Daí, esse autor estabeleceu três “expressões” para o Espiritismo no Brasil, dada a complexidade de determinar uma linha evolutiva única: o *kardecista*, que procurava manter-se vinculado ao Espiritismo da França. O *popular*, de intenso sincretismo com as expressões religiosas acima citadas. E o *baixo espiritismo*, vinculado às religiões mágicas africanizadas (Machado, 1983, p. 150-151).

Porém, é possível identificar, pelo menos, quatro fatores que caracterizam o *reencantamento* do fenômeno espírita no Brasil, dando-lhe uma nova cosmovisão à brasileira. Iniciando pelo **Mito Fundador** do Espiritismo no Brasil apresentado no livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, de autoria do “Humberto de Campos” [Espírito]¹²³, psicografado por Chico Xavier e publicado em 1938 pela FEB, que causa polêmicas no movimento.

Agregado a isso, há o segundo fator: **a participação dos médiuns e dos seus guias espirituais**, formando binômio de ação conjunta, vinculados a missões específicas nesse planejamento. No caso de Chico Xavier, as mensagens, os seus mensageiros (“os Espíritos”) e o médium ganharam fórum de verdade indubitável, frente ao conteúdo de moral evangélica expresso nas comunicações por “via mediúnica”. Além do modo de vida “santificada” e de suas obras benemerentes, fazendo toda a diferença.

Seu “guia espiritual”, o “Emmanuel” e os “Espíritos colaboradores” passaram a orientar e conformar o movimento espírita brasileiro, federalizado ou não, com relevante tonalidade religiosa, inclusive com impacto fora do movimento espírita. Nota-se, como símbolo dessa influência, o fato de que o médium Chico Xavier foi eleito como “O Maior Brasileiro de Todos os Tempos”, em uma enquete organizada em conjunto pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e *British Broadcasting Corporation* (BBC), no ano de 2012.

O singular binômio “*Emmanuel-Chico*” também influenciou outros movimentos religiosos e ajudou a propagar as ideias espíritas, notadamente a da mediunidade e da reencarnação. Foi pelo intercurso de Chico Xavier que o Dr. Bezerra de Menezes, depois de

¹²³Humberto de Campos Veras (1886-1934) foi jornalista, político e escritor brasileiro famoso por suas crônicas, foi membro da Academia Brasileira de Letras. Tal quando “encarnado”, após a morte continuou a escrever livros através da psicografia do médium Chico Xavier, de notoriedade no meio espírita, a ponto de seus familiares ingressarem em 1944 com ação judicial para obter os direitos autorais, caso o tribunal o reconhecesse como autor da obra. O caso teve repercussão nacional e o veredicto, confirmado em segunda instância, negou o pedido por “falta de interesse em agir”. A partir desse fato, o “Espírito” passou a assinar suas obras como “Irmão X”.

“desencarnado”, voltou a atuar no movimento espírita, sendo porta-voz dos “Espíritos espíritas” do “plano espiritual”. Suas mensagens orientam no propósito da união do movimento e de preparação para a Nova Era.

Nas reuniões anuais do *Conselho Federativo Nacional* (CFN), o “Bezerra de Menezes” [Espírito] também se comunica através de mensagens psicofônicas pelo médium Divaldo Franco, com exortações e orientações ao movimento espírita em geral. Mais uma singularidade do movimento espírita brasileiro, os espíritas “desencarnados” continuam servindo ao movimento de forma explícita, no situado *continuum* existencial.

O terceiro fator é a **terapêutica espírita**, especialmente em relação aos processos chamados obsessivos. O antropólogo Emerson Giumbelli (1997, p. 170-171) informa que, no Brasil, o conceito de obsessão foi vinculado pelos espíritas à psiquiatria, na pretensão de contribuir com a ciência médica. O tratamento se dá através do esclarecimento (moralização) doutrinário e evangélico tanto do “Espírito obsessor” quanto da pessoa “obsidiada”, conduzindo-os ao perdão mútuo, numa demonstração do caráter ético-moral da prática espírita.

Segundo Marcelo Camurça (2014, p. 55-56), a ocorrência das manifestações de “Espíritos” em “ambiente moderno e laicizado” ratifica a retomada da “dimensão *encantada e mágica*”. O *reencantamento* em Weber, com o desvelamento explícito do “extraordinário e sobrenatural”. De outra forma, é o Espiritismo operando a “*Racionalização do encantamento*” pela demonstração da normalidade na relação com os “Espíritos”, uma naturalização dos fenômenos, no dizer de Kardec.

Por último, a **caridade** como o *ethos espírita*. Segundo observou Aubrée e Laplantine (2009, p. 240-242), não há instituição espírita “digna desse nome” que não tenha um trabalho caritativo e filantrópico, ou esteja associada a alguma obra de benemerência, cumprindo com o dístico kardeciano “Fora da caridade não há salvação” e o atual ismaelino: “Deus, Cristo e Caridade”. E entre eles o direcionamento dado por Dr. Bezerra de Menezes com “a caridade raciocinada”. A caridade passou a ocupar um lugar de destaque na estrutura identitária do Espiritismo no Brasil, ligada ao *locus* religião, repetida no “mantra” espírita: “*o mais importante é praticar a caridade desinteressada*”.

Assim, de **Doutrina Filosófica à Religião Cristã** – (a da Caridade), como o Espiritismo da França foi tropicalizado no Brasil, com um *reencantamento do fenômeno*, substituindo a racionalidade pelo ato caritativo religioso. Houve a decolonização da matriz europeia por volta de 1896 com o Plano do Dr. Bezerra de Menezes.

Em revisão bibliográfica acadêmica; os estudos se dividem entre a identificação da causalidade do aspecto de religião do Espiritismo no Brasil, que uns entendem como uma

ruptura ou deformação do ato originário, outros como conformação à cultura brasileira. Mas, analisando a estrutura das atividades espíritas, em sua prática, identifica-se, a princípio, duas vertentes: estudos doutrinários aplicados aos Evangelhos e a caridade raciocinada (esclarecimento aos “Espíritos sofredores”).

Depois se reconfigurou em três: estudo, mediunidade e caridade. A origem do simbólico *Tríplice Aspecto do Espiritismo* no Brasil: ciência, filosofia e religião, afiançado por “Emmanuel”, “guia espiritual” do médium Chico Xavier.

Dois fatores são encontrados com intensidade em terras brasileiras, o binômio formado na inter-relação “*guia espiritual-médium*”, que molda a identidade doutrinária-caritativa do Espiritismo. Dada a ação terrena dos médiuns de perfil “santificado”, as obras filantrópicas de largo alcance e pelas orientações dos seus “guias espirituais” na diretiva do movimento espírita.

A extensa produção de livros e periódicos espíritas de perfil doutrinário, por “via mediúnica” ou não, inunda o mercado literário, traduz o perfil dos seguidores advindos de classe com maior instrução e que valoriza uma cultura da escrita, instituindo o letramento¹²⁴ como rito de iniciação. Essa é outra singularidade, porque da interação dessa classe com a população ocorre o *reencantamento* dos fenômenos, em processo weberiano cíclico do *encantar*, *desencantar* para *reencantar*. Tudo isso com a participação ativa dos “Espíritos Superiores” em demanda pela Terra para implantar, no Brasil, a “Árvore do Evangelho”.

2.3.3 O Pensamento Laico e Livre-Pensador

O movimento espírita não é unânime sobre a característica identitária do Espiritismo como religião. Os autodeclarados laicos e progressistas contestam essa cosmovisão centrada no religioso, assumida pela maioria dos espíritas brasileiros. Os laicos defendem que Kardec pensou o Espiritismo como ciência e filosofia de consequências morais, destituído de religião, no sentido formal, com ritos, cultos, sacerdócios e espaços sagrados. São contrários aos que defendem o *Tríplice Aspecto do Espiritismo* com a proeminência do religioso sobre os demais.

Nas palavras de Salomão Benchaya, integrante da Associação Espírita Internacional (CEPA), os espíritas laicos “não consideram o espiritismo como religião e o divulgam sob uma visão humanista, livre-pensadora, progressista, pluralista e alteritária” e que o ideal seria não adjetivar o Espiritismo nem de laico e nem de religioso (Benchaya, 2023, p. 56).

¹²⁴Supõe o “letramento”, conceito que indica o status cognitivo e social dos indivíduos que passaram por esses processos com uma proficiência que os diferencia dos analfabetos funcionais (Lewgoy, 2000, p. 336).

Segundo Jaci Régis, Allan Kardec sempre se posicionava contra a vinculação da Doutrina Espírita com uma determinada confissão religiosa. Ele estruturou o Espiritismo como ciência, filosofia e moral. E com o tempo houve “o sincretismo inevitável e o espírito de seita foi sendo formado, estilizando cultos e rituais das igrejas cristãs” (Régis, 1985, p. 1-2).

De acordo com Krishnamurti Dias, o modo de pensar religioso dentro do movimento espírita brasileiro não encontra fundamento na “Codificação Espírita”, que é “a fonte de legitimidade do pensamento doutrinário” (Dias, 1985, p. 5).

Essa assertiva é o pilar que sustenta todo o discurso dos espíritas livres-pensadores. Se a questão não foi definida nos livros fundamentais do Espiritismo ou em textos de Kardec, então não pode se vincular ao adjetivo *espírita*. E ainda que “O espiritismo é espiritualismo laico, profano, quanto às proposições doutrinárias, e perfeitamente civil na sua institucionalização, na sua pragmática” (Dias, 1985, p. 28).

Em suma, verifica-se a transposição do Espiritismo ao Brasil se defrontando com o Campo Religioso Brasileiro, numa identificação tal, que se incorpora à Matriz Religiosa Brasileira, modelada na Plasticidade Híbrida da Fé. No século XIX, é o primórdio do movimento espírita que adentra na elite letrada do país, a maioria de habitus religioso católico. O início da institucionalização e a federalização do movimento e junto, as primeiras controvérsias internas, principalmente, entre os “místicos” e “científicos”. Além de as pressões no espaço público com a aplicação do Código Penal da República (1890), disputas com a área médica e a Igreja Católica.

No século XX, encontra-se consolidado no campo religiosos, desenvolve suas atividades em três áreas: estudos, mediúnicidade e caritativa, com a atuação *sui generis* do binômio “guia espiritual-médium”, com produção literária sem par no mundo.

No século XXI, o Espiritismo afirma-se na Era das Comunicações, está presente em filmes e na mídia social. Alavancada no período pandêmico, surgem estudos historiográficos e biográficos que atualizam conceitos e fatos históricos, advindas das fontes primárias de Allan Kardec. A comunidade de seguidores, estimada por João do Rio no início do século XX, em 100 mil pessoas, ao final da primeira quadra do século XXI, com o Espiritismo plenamente estabelecido, passa de 3,3 milhões, mas na base estendida está entre 36 e 72 milhões de simpatizantes.

Originário dos Estados Unidos, o fenômeno espiritualizado das “mesas girantes” torna-se filosofia espiritualista na França, uma **Doutrina Filosófica** e depois no Brasil se transubstanciou em **Religião Cristã**. Isso fechou o círculo da triangulação do Espiritismo Moderno como **fato sócio-transnacional pelo Atlântico**.

Esses três aspectos relacionais do Espiritismo, tomados da sua natural ambientação nas culturas por onde transita, são fatores constitutivos do processo de transformação do Espiritismo que ainda não encerrou seu círculo de fases do evento sociológico. Como será visto, ele continua a evoluir para mais uma fase, o ponto central da defesa desta tese.

No próximo capítulo, serão analisadas as controvérsias do movimento espírita brasileiro, a origem, os protagonistas, a argumentação das linhas interpretativas e de rupturas institucionais, com a formação de grupos antagônicos, sob a perspectiva teórica de Bourdieu. Alguns reafirmam o posicionamento de Religião Cristã, outros inserem conceitos ortodoxos de entender o Espiritismo.

3 ESPÍRITAS BRASILEIROS: em disputas no campo religioso

No Capítulo 2, foi verificado o caráter religioso do Espiritismo no Brasil, o que não ocorreu sem sérias objeções a esta conformação, com o estabelecimento de linhas interpretativas e de rupturas institucionais e na formação de grupos antagônicos em disputas doutrinárias.

Neste capítulo serão abordadas as motivações e os fatores constituintes das principais controvérsias no movimento espírita brasileiro, as quais deram suporte à transformação do Espiritismo no Brasil em **Religião Cristã**. Serão analisados os aspectos internos ao Campo Espírita Brasileiro, com base no arcabouço teórico do Campo Religioso de Pierre Bourdieu, complementado ações no espaço público.

3.1 A Teoria da Sociologia de Bourdieu: aplicada ao Campo Espírita Brasileiro

O filósofo e sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002) é considerado um dos principais pensadores sociais do século XX, com uma considerável produção acadêmica e de amplo espectro. Desde os primeiros trabalhos etnográficos, depois abarcando educação, cultura, arte, linguagem, política, economia, filosofia, direito, religião, mídia, gênero e história. Graduado em filosofia em 1955, fez sua passagem para o campo da sociologia na década de 1950 após suas pesquisas etnográficas na Argélia¹²⁵ e no Béarn¹²⁶ (Jourdain; Naulin, 2017, p. 7-9).

Em 1981, foi eleito professor catedrático de Sociologia no *Collège de France* e por lá permaneceu até o ano de 2001. Em reconhecimento a sua obra, recebeu título de doutor *honoris causa* por várias universidades. Morreu aos 71 anos de idade, deixando uma prolífera produção acadêmica com cerca de 343 publicações (Grenfell, 2018, p. 28-32).

Sua Teoria do Campo Social foi desenvolvida para ampliar tanto a visão fenomenológica do fato social (subjetivismo) quanto a sua contraparte, a “física social”, a visão estruturalista (objetivismo). Mas conservou a contribuição de ambas nos pressupostos que têm em comum e no modo do conhecimento prático decorrente (Bourdieu, 2004 [1987], p. 150). Ele estabeleceu uma *relação dialética* entre as estruturas sociais e as disposições incorporadas dos indivíduos, e a denominou de conhecimento praxiológico (Bourdieu, 2013 [1980], p. 43-46).

¹²⁵País localizado no Norte da África, cuja capital é Argel. Foi colônia da França no período de 1830 a 1962.

¹²⁶Antiga província francesa situada nas encostas dos Pireneus, sua capital é a cidade de Pau.

A contribuição de Pierre Bourdieu, para a compreensão da cultura e sociedade, é relevante especialmente através da elaboração de conceitos fundamentais da estrutura de poder social: *habitus*, campo, capital e classe social, derivados da aplicação de aporte metodológico da economia à sociologia cultural. Bourdieu introduziu um mediador para a relação dialética entre as estruturas (objetivismo) e as disposições (subjetivismo) – o *habitus*. Definido como “estruturas mentais” por meio das quais os agentes sociais percebem e assimilam o mundo social, como “produto da interiorização das estruturas do mundo social” (Bourdieu, 2004 [1987], p. 157-158).

Refere-se a outro conceito, o de *campo*, como espaço estruturado de disputas entre agentes sociais ou *especialistas* que possuem interesses diversos. Os campos são funcionalmente hierarquizados e no seu interior os agentes desenvolvem relações de poder baseadas no *capital simbólico* acumulado, advindo de lutas anteriores. Na explicação de Bourdieu a natureza do *capital simbólico* é definida como um crédito, “uma espécie de adiantamento” concedido pelo grupo de agentes aos detentores de maior credibilidade simbólica e de garantias materiais (Bourdieu, 2013 [1980], p. 199).

3.1.1 Teoria do Campo Religioso de Bourdieu

Estudos indicam (Arribas, 2014; Dianteill, 2018; Montero, 2016; Teixeira, 2010) que o tema religião foi pouco abordado por Bourdieu, considerando a sumária produção de textos específicos¹²⁷ comparado às outras áreas do espaço social (arte, cultura, educação, poder, miséria social). A análise de Alfredo Teixeira (2010) considera que o tema religião em Bourdieu é *periférico* em relação ao volume de escritos dedicados a outros assuntos do domínio da sociologia.

Contudo, ao mesmo tempo, o assunto religião é *central* devido à importância dada ao conceito de crença, numa releitura da teoria social clássicas de Durkheim, Mauss, Marx e Weber. E conclui que, na teoria da religião de Bourdieu, a representação simbólica do espiritual ou imaterial na cultura é explicada pela sua inserção “na materialidade social de uma estrutura” (Teixeira, 2010, p. 254-255).

¹²⁷Dentre os textos de Bourdieu sobre a área religiosa, destacam-se: *Gênese e Estrutura do Campo Religioso e Uma Interpretação da Teoria da Religião de Max Weber*. Ambos disponíveis no Brasil e inseridos na obra *A Economia das Trocas Simbólicas* publicada em 1974, organizada por Sérgio Miceli (1998) e *A dissolução do religioso* (1987), texto inserido na obra *Coisas Ditas* de 1987, publicada no Brasil em 2004. Porém, há um texto sobre o campo religioso nos registros das aulas ministradas por Bourdieu no *Collège de France*, no ano de 1982 (Bourdieu, 2021 [1982], p. 286-287).

No entendimento de Erwan Dianteill (2018, p. 30), a obra de Bourdieu é considerada como uma *quase sociologia das religiões generalizada* por apresentar a religião revestida de especificidades comuns às diversas atividades simbólicas no espaço social. É “um conjunto de práticas e de representações” como de ritos e de crenças e não de força física. Pierre Bourdieu vê a religião como um fato de expressão social (Dianteill, 2018, p. 39).

Apesar da escassez de escritos específico sobre religião em Bourdieu, observa-se uma disseminação de elementos que compõem o assunto religião no conjunto de sua obra. A ponto de Silveira, Andrade Júnior e Pessoa (2019, p. 776-777) colocarem a hipótese de que haveria uma proximidade nas reflexões de Bourdieu com uma *teoria da religião*, composta por “um sistema profundo e articulado”.

Para Bourdieu, a gênese do campo religioso ocorreu durante o processo das “transformações tecnológicas, econômicas e sociais” correlacionadas com o fenômeno da urbanização. Como também, na origem da divisão do trabalho em intelectual e material, que contribuíram na constituição de um campo religioso autônomo e no surgimento da necessidade de *moralizar e sistematizar* as crenças (ideologias religiosas). E no surgimento de práticas religiosas (representações religiosas), com o consequente “desenvolvimento das grandes religiões universais” (Bourdieu, 1998 [1974], p. 34).

No campo religioso, *especialistas* (agentes) lutam pelo monopólio dos *bens de salvação* ou em disputas pela *melhor interpretação* dos preceitos doutrinários. Eles atuam no campo religioso de acordo com o *habitus* – disposições internalizadas que orientam suas práticas e percepções (Bourdieu, 2022 [1989], p. 57-59).

Entende-se por religiosidade, portanto, a forma como o indivíduo interpreta sua religião, sendo um constructo subjetivo e individualizado que depende mais das experiências de vida, cultura, educação e biografia pessoal, do que de um sistema coletivo. Assim, o *habitus* é um fator preponderante e funciona como *estrutura estruturante* das ações e reações dos agentes, moldando a forma destes de experienciar a religião como um sistema simbólico estruturado.

Percebe-se que, no interior do campo religioso, existe um grupo organizado de *especialistas* detentores do *saber fazer religioso*. São gestores dos *bens de salvação* que empregam estratégias e táticas para destituírem os *leigos* do conhecimento e do *capital religioso*. A dinâmica do campo religioso é percebida nas *relações de transação* estabelecidas por interesses divergentes entre os *especialistas* e os *leigos*. E nas *relações de concorrência* estabelecidas entre *especialistas*, consequentemente, produzem transformações ideológicas na religião.

Esse jogo de interesse suscita a necessidade de legitimação de *bens religiosos* de valor simbólico. Inclui a própria mensagem religiosa, cuja circulação implica uma reinterpretação pelos *especialistas*, de forma consciente ou inconsciente, através da difusão cultural. Podendo afastar-se do conteúdo original da mensagem conforme explicado por Bourdieu (1998 [1974], p. 50-52).

Nesse sentido, em função do posicionamento na estrutura de autoridade religiosa, agentes e instituições disputam a aquisição de *capital religioso*, concorrem pelo monopólio de gerir os *bens de salvação* e no exercício do poder religioso legitimado. Isso permite ao grupo dominante inculcar o seu *habitus* religioso aos *leigos*, de acordo com o normativo – a *doxa* do *campo*, e de uma “representação religiosa do mundo natural e sobrenatural” ajustada “aos princípios de uma visão política do mundo social” (Bourdieu, 2013 [1980], p. 112).

Por consequência, surge um singular *mercado religioso* constituído por uma *demanda religiosa*, que são os interesses religiosos dos *leigos* e por uma *oferta religiosa*, os serviços religiosos oferecidos pelos *especialistas*, ortodoxos ou heterodoxos. Estão representados na estrutura da distribuição desigual do *capital religioso*. Determinante das estratégias de luta de conquista pelo “monopólio do exercício legítimo do poder religioso sobre os *leigos* e na gestão dos bens de salvação” (Bourdieu, 1998 [1974], p. 57).

Na obra *Vocabulário Bourdieu* (Catani *et al.*, 2017, p. 68-69), encontra-se a explicação de que, na teoria sociológica de Bourdieu, qualquer *campo* é um espaço social de disputas ou de “concorrência estruturada”. Tal fato decorre de interesses específicos entre os *agentes*, que se posicionam nesse espaço “em função do volume e da estrutura de capital” que possuem, recursos obtidos em lutas anteriores. Esses interesses específicos no *campo* exprimem concepções particulares de *especialistas*, formando linhas interpretativas impostas aos demais, mediante mobilização de recursos, no caso do campo religioso, o “capital religioso”.

Em resumo, Pierre Bourdieu concebe a religião como um sistema simbólico estruturado com função de distinção nas relações de práticas e de crenças próprias, entre os dominantes e os dominados no *campo*. Por isso, a forma de distribuição desigual dos *bens religiosos*, seja por escassez, por desapropriação ou por posse arrebatada nas disputas entre *especialistas* pelo monopólio da gestão desses bens (Bourdieu, 1998 [1974], p. 43).

3.1.2 Aplicação da Teoria ao Campo Espírita Brasileiro

A Teoria do Campo Religioso de Bourdieu, apesar de se vincular mais diretamente à sociologia da cultura com aporte metodológico em modelos microeconômicos, foi adotada no

sentido de uma epistemologia do simbolismo religioso aplicada às tensões das relações de poder religioso e na sua legitimação no espaço espírita brasileiro. O viés dialético e relacional do arcabouço teórico de Bourdieu também motivou essa escolha, pois corrobora com a percepção de que as divergências no movimento espírita brasileiro estão mais associadas às disputas argumentativas e estruturalistas pelo poder hegemônico (“monopólio”) na condução do movimento espírita (“os leigos”), do que cisões irreversíveis por interpretações doutrinárias.

Vários pesquisadores aplicaram a Teoria de Campo Religioso de Bourdieu no estudo do Espiritismo no Brasil (Amorim, 2011, 2017; Arribas, 2012, 2014; Gil, 2014; Mattos, 2019, 2020). Mas sem o objetivo de analisar grupos em divergências internas ao movimento a fim de compreender a disputa de ser “mais verdadeiro”, mais concernente com a “**pureza doutrinária**”. Esse fator que possibilita dotar o Espiritismo de posições interpretativas ortodoxas *versus* heterodoxas, criando as condições necessárias para a existência de um movimento circular canônico de interpretação da Doutrina Espírita (tema do Capítulo 4).

Elementos do Campo Espírita Brasileiro

Foram adaptados às especificidades do Espiritismo no Brasil: o conceito de “*campo*”, espaço estruturado onde os agentes (“*especialistas*”) disputam o monopólio de “*bens de salvação*”, o de *habitus* religioso, modelo de conformação e de orientação das ações dos agentes no “*campo*” religioso o de “*capital religioso*” ou “*trabalho religioso*”, estrutura de poder simbólico acumulado nas lutas no *campo*. Os produtores de *bens religiosos* se encontram em disputa constante no *campo* religioso com o objetivo de aumentar e manter *capital religioso* ou *simbólico*. Para isso, formam e desfazem alianças estratégicas, configuram e reconfiguram seus adversários para assumir ou manter o domínio hegemônico no *campo*.

A identificação dos elementos significantes do Campo Espírita Brasileiro, correlacionados à Teoria de Campo Religioso de Bourdieu, foi ancorada nas singularidades do Espiritismo no Brasil, sendo: a) O *habitus* relacionado aos *especialistas* do campo espírita, distintos em intelectuais, médiuns e líderes institucionalizados; b) O *campo religioso* no recorte do *campo* da prática espírita; c) O *capital religioso* ou *trabalho religioso* associado ao *quantum* do poder intelecto-doutrinário, do caritativo e do institucional e d) Os *bens de salvação*, associados aos produtos das atividades de estudo, mediúnicidade e caritativa.

Os especialistas espíritas

São os agentes com *habitus* de classe, detentores com exclusividade da competência de produção e reprodução de *bens religiosos* e no conhecimento hermético. Empregam estratégias

para criar e manter o *capital religioso*, sua fonte de poder no espaço social específico, no caso, o Campo Espírita Brasileiro, através das lutas de conquista contra outros *especialistas* pelo monopólio de *bens simbólicos* e nas desapropriações dos *leigos* desses bens.

A identificação desses protagonistas no movimento espírita brasileiro foi analisada por Célia Arribas (2014), que optou pela definição sociológica da existência de um “clero espírita”. Conceituação tomada da tipologia clássica weberiana – magos, profetas e sacerdotes.

Classificou-os em três categorias de acordo com o tipo de autoridade, institucionalizada ou não, exercida no campo espírita brasileiro:

- a) A **carismática** – os portadores de mediunidade. São os médiuns espíritas receptores de *mensagens espirituais*;
- b) A **institucional** – os engajados no sistema institucional espírita. São os trabalhadores e dirigentes pertencentes ao corpo burocrático e hierarquizado das “casas espíritas”, federalizadas ou não, incluindo as especializadas;
- c) A **intelectual** ou **ideológica** – os que dominam a forma “correta” da interpretação dos textos de Allan Kardec. São “autoridade reguladora do discurso estabelecido” com a competência de “criar, recriar e/ou manter a doutrina”. Dedicados à manutenção do discurso teorizado da Doutrina Espírita.

A pesquisadora salientou que essa tipificação de autoridade (tipos-ideais) se interpenetra na realidade complexa do campo religioso, mas não deixa de ser um ponto de partida da análise. E destacou o tipo *intelectual espírita* para objeto de estudo, como a autoridade religiosa de maior poder simbólico em atuação no *campo*. São capazes de definir entre o que é ou não Doutrina Espírita. Esses líderes simbólicos são elementos importantes nesta pesquisa.

Apesar de assentir com essa tipificação, fica evidente que não alcança todas as situações fáticas, por exemplo, a do binômio “*guia espiritual-médium*”. Conforme visto no capítulo anterior, este pode admitir em um só indivíduo, de forma simultânea, os três tipos apresentados. Ou melhor, na dualidade de personalidades: a “encarnada” (o médium) e a “desencarnada” (o guia espiritual). É importante sempre frisar o fato de que os “Espíritos desencarnados” continuam no “plano espiritual” o seu labor no “campo espírita”, segundo acreditam os espíritas.

Fato incontestável entre os *especialistas*, sejam eles médiuns, intelectuais ou líderes, o entendimento da ação ativa e permanente dos “Espíritos” na humanidade terrena faz parte do *ethos* espírita desde a origem francesa, em linha com a característica principal do Campo Religioso Brasileiro e sua Matriz (Capítulo 2). Qual seja, a interpretação do “mundo espiritual”

no mundo terreno e vice-versa, sendo o mesmo objeto originário do Espiritismo. Segundo as palavras de Kardec: “*Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corpóreo*” (Kardec, 2011a [1865], p. 11, grifo nosso).

Portanto, há que, necessariamente, inserir nas análises essa singularidade do campo espírita, a influência dos “Espíritos” na prática *sociocultural* humana expressa na icônica resposta à pergunta 459 em *O Livro dos Espíritos*:

459. Os Espíritos influem em nossos pensamentos e em nossos atos?
 – Muito mais do que imaginais, pois **frequentemente são eles que vos dirigem** (Kardec, 2006 [1860], p. 292, grifo nosso).

O Campo Espírita Brasileiro

É o espaço social específico onde se desenvolvem as práticas espíritas. Foi se diferenciando dos demais campos religiosos numa dinâmica própria, mas homóloga aos outros campos. Percebida nas relações estabelecidas por interesses divergentes entre os *especialistas* e os *leigos* nas lutas de concorrência entre os *especialistas*. Produzem linhas interpretativas que se transformaram em ideologias de caráter religioso. E estas provocam reações internas ao Campo Espírita Brasileiro e no espaço público.

Essas divergências marcaram internamente o *campo* com controvérsias polarizadas no dilema da modernidade se o Espiritismo é ciência ou religião. Verificado no *habitus* de suas lideranças atuando plenamente associado à tipologia do *campo* nessas disputas doutrinárias, com reflexos importantes do Campo Espírita Brasileiro.

É possível identificar três subcampos derivados do tríplice aspecto da prática espírita¹²⁸ no Brasil:

- a) **Subcampo Estudos** – situado na área interna do estudo doutrinário e evangélico. Conta com o protagonismo dos *intelectuais* que se apropriam do vocabulário, da articulação dos textos doutrinários e da produção literária. No espaço público sofre pressão de outras denominações religiosas a exemplo da Igreja Católica;
- b) **Subcampo Mediúnico** – na área interna vinculado ao exercício da mediunidade, intermediários dos “Espíritos”. Tem nos médiuns os protagonistas carismáticos a serviço do próximo de forma gratuita. Oferecem ao “encarnados” a aplicação da terapêutica espírita e aos “desencarnados” o consolo emocional. No espaço público

¹²⁸Ver Capítulo 4 sobre o Tríplice Aspecto do Espiritismo.

a pressão é por conta da classe médica e de órgãos judiciais;

- c) **Subcampo Caritativo** – na área interna associado à prática da caridade e da benemerência aos despossuídos econômica e financeiramente. Por isso, todos os *especialistas* são protagonistas nesse subgrupo, pois a Caridade é o *ethos* do Espiritismo no Brasil. É uma regra não escrita, mas observada por todos, ou esperada. Sem o trabalho caritativo não há sentido identitário espírita no Brasil. No espaço público, tem apoio e reconhecimento pela sociedade, devido às obras de assistência social, na educação, na saúde e no suporte humanitário aos socialmente mais vulneráveis.

Os *líderes institucionalizados* também têm sua cota de protagonismo. Organizam os espaços para viabilizarem as ações nos subcampos. Também podem acumular as funções de intelectual, médium e de assistência, conforme resumo esquemático das Disposições no Campo Espírita Brasileiro no Quadro 1.

Quadro 1 – Disposições no Campo Espírita Brasileiro

Subcampo	Área de Atuação	Especialistas	Ação Interna ao Campo	Ação no Espaço público
Estudos	Doutrinária	Intelectuais	Produção de linhas interpretativas e apropriação de textos doutrinários	Pressão da Igreja Católica e de outras denominações
Mediúnico	Mediúnica	Médiuns	Recepção de mensagens “espírituais” e terapêutica espírita	Pressão da área médica e de órgãos policiais/judiciais
Caritativo	Assistência Social	Todos + Líderes Institucionais	Organização de ações caritativas	Reconhecimento da Sociedade

Fonte: O autor, 2025.

O Capital simbólico espírita

O conceito de *capital* concebido por Bourdieu, quando aplicado ao campo religioso, traduz-se em capital religioso de valor simbólico. É utilizado pelos *agentes* ou grupos em disputa por posições hegemônicas na estrutura do *campo* em estratégia de monopolizar a gestão dos *bens religiosos* para consolidar o exercício legítimo do poder religioso. E também na autoridade religiosa que almeja estabelecer visões interpretativas doutrinárias e ofertar, aos grupos de interesse, *bens e serviços religiosos* que satisfaçam suas demandas (Bourdieu, 1998

[1974], p. 57-58).

Na adaptação do conceito ao Campo Espírita Brasileiro levou-se em consideração o forte simbolismo da caridade destituída de interesse econômico-financeiro¹²⁹. Por isso, o Capital Econômico tem fraca atuação nesse campo e nas relações simbólicas no movimento espírita. Diferente do Capital Cultural e do Social que podem estar associados aos subcampos acima identificados, conforme segue:

- a) **Capital Cultural** – entendido como **Capital Intelecto-Doutrinário**. Está relacionado ao subcampo de **Estudos**. Expressa-se na habilidade de falar em público, na expertise do uso da linguagem, na produção de livros e textos e no importante estabelecimento de linhas de interpretações doutrinárias;
- b) **Capital Social** – como **Capital Carismático-Mediúnico**. Está vinculado ao exercício do mandato mediúnico, relaciona-se com o subcampo **Mediúnico**. Tem referência nas relações estabelecidas com os “Espíritos desencarnados”, no desenvolvimento doutrinário por meio da recepção de “revelações espirituais” e na participação na terapêutica espírita. Principalmente nas “curas das obsessões espirituais”;
- c) **Capital Econômico** – substituído pelo **Capital Caritativo-Institucional**. É posto na capacidade de formar redes de amizades entre os agentes, assume às vezes caráter de sistema clientelista, no domínio da habilidade negocial, na arbitragem de conflitos e na disponibilidade para atividades assistenciais. É vinculado ao subcampo **Caritativo**;
- d) **Capital Simbólico** – é o prestígio atribuído ao agente detentor de *capital religioso*, reconhecido como legítimo entre as diferentes espécies de capital. É concedido pelo grupo de agentes aos detentores de maior credibilidade simbólica e de garantias materiais. O Capital Simbólico quando reconhecido concede poder ao *especialista* sobre aqueles que o reconhecem. No caso do Espiritismo, tem forte conexão com a credibilidade pelo trabalho caritativo e das garantias obtidas junto aos “Espíritos Superiores”, conforme o *ethos* espírita.

Os Bens simbólicos espíritas

No Campo Espírita Brasileiro, os “*bens de salvação*” são considerados aqui como “*bens*

¹²⁹ Isso sugere uma limitação da Teoria do Campo Religioso de Bourdieu, qual seja, a ausência relevante da ação caritativa dos movimentos religiosos no atendimento às carências socioeconômica da população mais vulnerável.

religiosos” de caráter de estudo, mediúnico e caritativo. De acordo com Maria Laura V. de C. Cavalcanti (1983, p. 64): “o *estudo*, a *caridade* e a *mediunidade* são os principais meios de salvação do Espiritismo”. Os *especialistas* geram os *bens simbólicos* e os distribuem desigualmente no campo religioso.

A produção ou a reprodução dos *bens religiosos* espíritas está associada aos subcampos da prática espírita acima expostos:

- a) Grupo da área de **Estudos** – dominada pelo tipo *intelectual*, com a produção de literatura na linha doutrinária e **evangélica**. Tais como: artigos, prédicas, congressos, seminários, encontros, programas radiofônicos, televisivos. E, atualmente, sítios na Internet, *blogs* e vídeos. Como informado, o Espiritismo é reconhecido pela sua vasta produção literária¹³⁰, seu maior meio de divulgação. Segundo o preceito de “Emmanuel”: “o Espiritismo nos solicita uma espécie permanente de caridade – a caridade da sua própria divulgação” (Emmanuel, 1965, p. 102)¹³¹;
- b) Grupo da área **Mediúnica** – refere-se à produção dos médiuns, os *carismáticos*, com livros, mensagens e comunicações atribuídas aos “Espíritos”, consultas e tratamento espiritual. Atendimento tanto aos “encarnados” quanto aos “desencarnados” – a caridade espiritual ou raciocinada, segundo Dr. Bezerra de Menezes;
- c) Grupo da área **Caritativa** – no caso do Espiritismo refere-se aos bens da caridade, devido à máxima espírita kardeciana “*Fora da Caridade não há salvação*”. Composta pela prestação de serviços assistenciais à população mais vulnerável, como crianças, idosos, gestantes, pessoas com necessidades especiais, distribuição de víveres e vestimentas. A caridade material na qual se centra a maioria dos agentes atuantes no *campo*.

Ver no Quadro 2 com os Elementos do Campo Espírita Brasileiro.

¹³⁰No ano de 2020 apenas a FEB Editora contava com um catálogo de 300 livros eletrônicos (*e-books*) e mais de 600 livros impressos. Informação extraída diretamente do sítio da *Federação Espírita Brasileira* (2020a).

¹³¹Livro *Estude e Viva*, por “Emmanuel” e “André Luiz”, psicografia de Chico Xavier e Waldo Vieira (1965).

Quadro 2 – Elementos do Campo Espírita Brasileiro

Subcampo	<i>Habitus</i> (Especialistas)	Capital	Capital Simbólico	Bens Simbólicos
Estudos	Ideológico - Intelectuais	Intelecto- Doutrinário (Cultural)	-Habilidade de Falar em público -Expertise no uso da linguagem -Escritor de livros e textos -Desenvolvido culturalmente -Do meio acadêmico ou não	-Livros e textos, artigos -Palestras e vídeos -Congressos e Seminários -Programas radiofônicos e televisivos -Sítios na internet, blogs e vídeos
Mediúnico	Carismático - Médiuns	Carismático- Mediúnico (Cultural/Social)	-Recepção de mensagens -Revelações espirituais -Terapêutica espírita -Atendimento fraterno	-Livros mediúnicos -Mensagens consoladoras dos “Espíritos” -“Consultas mediúnicas” -“Tratamento espiritual” -“Cura das obsessões”
Caritativo	Institucional - Líderes	Caritativo- Institucional (Social)	-Formação de Rede de apoio social -Arbitragem de conflitos -Organização de espaços sociais	-Instituições de apoio a vulneráveis -Distribuição de víveres e roupas -Gestão de Instituições

Fonte: O autor, 2025.

3.1.3 Limites da Teoria da Sociologia de Bourdieu

A principal ponderação no uso da Teoria Sociológica de Bourdieu é com seus termos e conceituação. Segundo Michael Grenfell (2018), esses conceitos têm caráter substancialista, são integrados aos demais, foram extraídos dos trabalhos empíricos e evoluíram na medida em que eram realizadas as pesquisas.

Outra importante observação é que os espaços geográficos e temporais, onde as pesquisas foram desenvolvidas, são profundamente distanciados da problemática atual. A exemplo da formação do espaço social virtual com a impacto da internet e na sociedade criando rede complexa (Grenfell, 2018, p. 346-347). E agora com a Inteligência Artificial emulando a humana.

Outra crítica é quanto à transposição dos conceitos da microeconomia, como mercado

de bens, demanda e oferta, circulação de bens, transações, mercados concorrenciais e monopólios. Esses não seriam adaptáveis em relação ao fato religioso, deixando escapar nuances como o “pluralismo religioso” (Arribas, 2014, p. 25). Ou a transformação dos leigos em consumidores passivos de *bens simbólicos* no mercado religioso. E na análise sucinta de formas de ação dos especialistas, que não capta a dinâmica publicitária num mundo plural como o atual, ao mesmo tempo abrangente e fragmentário (Montero, 2016, p. 141).

Analisando o texto *A dissolução do religioso* (Bourdieu, 2004 [1987], p. 119-125), Paula Montero (2016, p. 132) indica que Bourdieu, ao não levar em consideração a distinção entre secular e religioso como referencial na sua análise histórica. Não atribuiu a autonomia do campo religioso ao retraimento da religião à esfera particular e nem como resultado de processo histórico anterior ao sociopolítico. Mas fruto de um processo de diferenciação próprio de qualquer universo social, onde surge um “corpo de especialistas” interessados em produzir, distribuir e controlar o fluxo dos *bens simbólicos*, razão de sua existência como *agentes* do *campo*.

Ou seja, na reinterpretação de Bourdieu sobre Weber, o processo de autonomia do religioso se deu paralelamente às transformações do campo socioeconômico, no dinamismo estrutural advindo da “divisão do trabalho intelectual”, na “produção de um aparelho burocrático” e na “diferenciação entre produção e consumo” de *bens religioso*.

A pesquisadora Paula Montero (2016, p. 134) também observou, que este *campo* pode ser visto como um outro qualquer, disputando posições no espaço de poder, o que seria um avanço no conceito de *campo* de Bourdieu. Porém, ao dispor todos os campos no espaço do poder, ele assume implicitamente que não haveria uma esfera distinta para o religioso, eliminando seus limites e, com isso, perdendo a identidade do *campo*. Muito embora o que foi referido no texto “*A dissolução do religioso*” de Bourdieu, não assegura o desaparecimento do campo religioso, mas um alargamento de seus limites.

Apesar disso, a contribuição de Bourdieu ainda permanece válida para análise das disputas entre *especialistas* espíritas pela interpretação doutrinária “mais coerente” e no direcionamento da “forma correta da prática espírita”. Construíram referenciais simbólicos como medida de acúmulo de “*capital simbólico*” para se posicionarem como “porta-vozes” da Doutrina Espírita, ao em vez de disputas por mudanças substanciais dos princípios básicos.

3.2 *Científicos e Místicos: em controvérsias religiosas*¹³²

Este item trata da primeira controvérsia a ser analisada e que contribuiu na caracterização do Espiritismo como uma **Religião Cristã**. Refere-se às iniciais do movimento espírita brasileiro. Tal controvérsia é originária desde os primórdios do Espiritismo no Brasil, nas últimas décadas do século XIX (1870-1900). É a época da formação dos primeiros grupos espíritas e do estabelecimento do protagonismo da *Federação Espírita Brasileira*.

Nesse momento, surge o embate entre os espíritas ditos “científicos” e os “místicos”, envolvendo o caráter religioso do Espiritismo e a melhor forma de empreender sua propaganda. Segundo se percebe nas pesquisas, esse conflito teve início ou foi proeminente na cidade do Rio de Janeiro, a capital do Império e depois da República até 1960.

3.2.1 *Contexto e problemática*

O grupo dos *científicos*, formado pelos que “só aceitavam a ciência e a doutrina filosófica reveladas, mas não seu desdobramento religioso calcado nos evangelhos” (Damazio, 1994, p. 105). Os *científicos* estavam estabelecidos na *Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*, na qual desenvolviam estudos e defesas de teses com base na Doutrina Espírita. Formaram a *Academia Espírita de Ciências* e eram liderados pelo professor Afonso Angeli Torteroli.

Enquanto os *místicos* enfatizavam o aspecto religioso do Espiritismo, tinham como base a moral cristã. Aplicavam-se no estudo de *O Evangelho segundo o Espiritismo* e na obra *Os Quatro Evangelhos* de J.-B. Roustaing. Na década de 1890 estavam vinculados ao *Grupo Ismael* e depois à *Federação Espírita Brasileira*. Eram liderados pelo médico e político Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti.

Inicialmente, é importante frisar a análise crítica de Emerson Giumbelli sobre a segmentação encontrada na historiografia do Espiritismo, na distinção que fazem entre espíritas “científicos” ou “intelectuais” e “religiosos” ou “místicos”. Ele entende que seria mais um problema interpretativo pelo modo com que certos autores analisaram a obra de Kardec, comparando-a de forma automática com as representadas no Brasil. Sem a devida observação

¹³²Dois aspectos nessa fase da pesquisa, a bibliografia utilizada nesse período tem como fonte primária o órgão noticioso *Reformador*. Utilizado por ambos os grupos nos embates e difusão de suas narrativas frente às controvérsias no período de 1883 a 1900. E nas biografias mais recentes dos protagonistas: *Bezerra de Menezes: o homem, seu tempo e sua missão* (2021), de Luciano Klein e *A Obra esquecida de Angeli Torteroli* (2022), de Adair Ribeiro Júnior.

das relações entre as ideias de Kardec com as formulações dos espíritas brasileiros. Criaram divisões conceituais do ideal kardecista de forma irreconciliável no Espiritismo no Brasil. Isso forçou uma cisão entre ciência e religião, em contraposição à formulação original francesa, com complementariedade entre si (Giumbelli, 1997, p. 66-68).

O pesquisador defende essa tese constatando que os protagonistas dessa polarização, produziram tanto no campo religioso quanto no científico a exemplo do Dr. Bezerra de Menezes e do professor Afonso Torteroli. E conclui que esse conflito se relaciona mais com “as práticas empreendidas por cada um desses grupos” do que propriamente por divergências doutrinárias (Giumbelli, 1997, p. 115).

Essa visão dicotômica é produto da forma como os espíritas se posicionaram no campo de disputas. Utilizaram dessas categorias “com fins de acusação e legitimação”, a depender do contexto em que são utilizadas (Giumbelli, 1997, p. 280-281). Isto é, são posicionamentos situados por demandas internas ao Campo Espírita Brasileiro e no espaço público.

Apesar dessas observações, optou-se pela existência de fato de uma controvérsia voltada à disputa pelo direcionamento da prática e da dinâmica do movimento espírita brasileiro, influenciada pelo *habitus* de suas lideranças. Nas disputas endógenas ao Campo Espírita Brasileiro com o uso de simbolismos, para afirmação do posicionamento estratégico do melhor representante do Espiritismo. E, no âmbito público, pelas imposições ao movimento, principalmente, na aplicação do Código Penal Republicano de 1891, na atuação das autoridades governamentais, na ação da área médica e, sobretudo, na reação da Igreja Católica.

Tudo isso, conforme visto no Capítulo 2, causou a diferenciação do Campo Espírita Brasileiro frente aos demais campos. E internamente entre seus profíctes em disputas pela melhor forma de apresentar o Espiritismo à sociedade para apreciação e assimilação. Seguem os principais protagonistas dessas controvérsias.

Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti

Personagem central na história do Espiritismo, com relevante atuação no movimento espírita brasileiro situado nas últimas décadas do século XIX, quando “encarnado”. Segundo estudiosos do campo espírita, o Dr. Bezerra de Menezes definiu os rumos e o aspecto religioso do Espiritismo no Brasil, quando presidiu a *Federação Espírita Brasileira* pela segunda vez, no período compreendido entre 1895 e 1900.

E, mesmo após o seu desenlace, ocorrido na cidade do Rio de Janeiro em 11 de abril de 1900, continuou a influenciá-lo do “plano espiritual” através de mensagens psicofônicas e

psicográficas. Utilizava, para tanto, os principais médiuns¹³³ do século XX e, por vezes, apresentava-se como porta voz dos “Espíritos espíritas”. Um fato social que envolve os planos interexistenciais.

Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti nasceu em 29 de agosto de 1831 na província do Ceará, na localidade do Riacho do Sangue. Pertenceu a uma família tradicional do Brasil oitocentista, profíctentes da religião católica. Proprietários de latifúndio no semiárido nordestino e, sobretudo, atuantes na política vinculados ao Partido Liberal¹³⁴. Sua educação ocorreu no ambiente rural cearense e potiguar até os idos de 1846. Aos 15 anos, passou a residir na cidade de Fortaleza na casa do irmão mais velho, sr. Manoel Soares da Silva Bezerra, onde completou seus estudos (Klein, 2021, p. 69-74).

Depois, devido às precárias condições financeiras do genitor, migrou em 1851 para a capital do Império, a cidade do Rio de Janeiro. Ingressou na Faculdade de Medicina, desta cidade, vindo a se graduar com láurea em 1856. Exerceu a profissão de médico cirurgião e clínico por toda sua existência. Recebeu a alcunha de *Médico dos Pobres* pela sua dedicação à população mais vulnerável, atendendo-a de forma gratuita.

Em 1858, ingressou no corpo de cirurgião do Exército Brasileiro como Segundo Cirurgião-Tenente. Pediu baixa em 1861 para assumir o cargo de vereador, eleito pelo município neutro do Rio de Janeiro. Atuou também na área empresarial como fundador e administrador da Cia. da Estrada de Ferro Macaé e Campos, da Cia. Ferro-Carril de São Cristóvão. Também em empresa de construção, na de seguros e no Banco de Mútuos (Klein, 2021, p. 302-319).

Foi escritor de larga produção literária, em artigos jornalísticos, livros e romances, versando sobre diversos temas na área médica, política, histórica, biográfica, geográfica, geológica, econômica e antropossocial. Todavia, foi como político que se notabilizou, vinculado desde sempre ao Partido Liberal. Iniciou representando a Freguesia de São Cristóvão na Câmara Municipal da Cidade do Rio de Janeiro por várias legislaturas, cobrindo as décadas de 1860 a 1880.

Na última, assumiu a presidência da Câmara, cargo que acumulava com a função equivalente à de prefeito municipal. E, por cinco legislaturas, foi eleito cumulativamente para o cargo de Deputado Geral, de 1867 a 1885, que na época era permitida pela Constituição.

¹³³Tem-se registros que se comunicou através dos médiuns Chico Xavier, Divaldo Franco e Yvone Amaral.

¹³⁴A partir da década de 1830, com o fim do período regencial no Brasil, houve a divisão de forças parlamentares entre o *Partido Conservador*, outrora chamado do *Regresso*, com seu núcleo no grupo político fluminense e o *Partido Liberal*, que se firmava na fidelidade de 7 de abril de 1831 com o lançamento da campanha pela maioria de Dom Pedro II (Cardoso *et al.*, 2015, p. 69-73).

Notabilizou-se na defesa da saúde pública, dos empregados domésticos, da urbanização, higiene e ordem pública, do equilíbrio das finanças públicas. E na reação às intervenções do Poder Central no legislativo (Klein, 2021, p. 840-841).

Sua participação na política perdurou até o final da sua existência. E, por várias vezes, seu nome compôs a lista tríplice para o cargo vitalício de Senador do Império. Sempre preterido pelo Imperador Dom Pedro II devido ao seu posicionamento independente e críticas que fazia à Administração Central. Isso lhe carregou amigos, mas também muito desafetos. Sofreu duras críticas através da imprensa e de opositores pelos cargos e encargos públicos que exerceu como líder político do Partido Liberal (Klein, 2021, p. 941-950).

O ambiente familiar foi seu refúgio dos augúrios da vida política. Casou-se por duas vezes, primeiro com Maria Cândida de Lacerda Prego, em 1858. Dessa união, nasceram dois filhos. Ela faleceu repentinamente de febre tifoide em 1863, causando-lhe profundo sofrimento. Esse fato, o fez voltar à leitura da Bíblia para obter conforto espiritual. O outro matrimônio foi no ano de 1865, quando casou com Cândida Augusta de Lacerda Machado. Era irmã por parte materna da sua primeira esposa, com quem teve vasta prole. Acrescentou mais catorze filhos à descendência, num total de dezesseis, incluindo uma filha por adoção e os dois filhos do casamento anteriores. Diziam que “ele era carregado de família” (Klein, 2021).

Ao tempo em que desfrutava felicidade na grande família, passou por grandes dissabores, a começar pela morte prematura da primeira esposa. Depois, o longo quadro de enfermidade mental de seu primogênito e o falecimento sucessivo de filhos e filhas, a ponto de sobreviver apenas sete dos dezesseis quando do seu desenlace em 1900. Foram nove sepultamentos que teve que enfrentar. Às vezes, mais de um no mesmo ano (Klein, 2021).

A fase de espírita teve início na década de 1870, quando recebeu *O Livro dos Espíritos* de seu colega médico Joaquim Travassos. Leu de uma sentada, pois lhe pareciam familiares os assuntos ali coligidos. Apesar disso, em 1879, ainda se declarava católico em discurso proferido na sessão na Câmara dos Deputados (Bezerra de Menezes, 1986, p. 176).

A adesão pública ao Espiritismo ocorreu, apenas, em 1886, na conferência programada pela *Federação Espírita Brasileira* no auditório da Guarda Velha, para um público de cerca de duas mil pessoas. Esse fato foi noticiado nos principais jornais da cidade do Rio de Janeiro. Faleceu sem recursos financeiros e materiais, a ponto de seu funeral ser custeado pelos amigos que o consideravam o “**Allan Kardec Brasileiro**” (Klein, 2021, p. 1042).

Tudo condizente com seu *habitus*. Bastante verificar parte do seu discurso de 1879, antes mesmo de se afirmar como espírita. Disse que o ser humano “é naturalmente um ser religioso, inteligente e livre” e que isso se justificaria pela harmonia entre “o princípio religioso

e o princípio de liberdade”. E prosseguiu: “Não é só como meio de governo que julgo a religião uma necessidade; mas como meio único de aperfeiçoamento moral do homem, como condição de vida e de felicidade, como sentimento inato e como verdade absoluta” (Bezerra de Menezes, 1986, p. 168-169).

Logo após sua passagem para o “mundo maior”, começou a atuar através de médiuns. O Doutor Bezerra, como é aclamado pelos espíritas, é o “Espírito” mais solicitado para amparo das dificuldades de “encarnados e desencarnados”. Há várias informações de outros “Espíritos escritores” contando sua ação meritória no “mundo espiritual”. São narrativas sobre sua intervenção nos problemas da “obsessão” e do campo emocional. Muitas instituições espíritas o têm como “patrono espiritual”, inclusive de forma explícita no estatuto social. E, como visto, continuou a influir no movimento espírita, agora do “plano espiritual”.

Afonso Angeli Torteroli

Outro personagem dessa época foi Afonso Angeli Torteroli. De ascendência italiana, nasceu em 2 de junho de 1849 na cidade do Rio de Janeiro. Seus genitores foram Felix Torteroli e Maria Angela Torteroli. O professor Afonso Torteroli causou-se por três vezes entre 1879 e 1926. A primeira esposa foi Luiza Maia, com quem gerou dois filhos, ambos faleceram jovens. E ela, por sua vez, veio a falecer em 1894.

Foi, entre outras profissões, jornalista, solicitador judiciário¹³⁵ e professor de línguas. Atividade desenvolvida junto com sua segunda esposa, de ascendência alemã, Maria Gerken. Em 1914, já estava no seu terceiro matrimônio, casado com Maria Cattita. As suas três esposas eram ativas no movimento espírita e nos trabalhos assistenciais desenvolvidos por ele. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 11 de janeiro de 1928 (Ribeiro Júnior, 2022).

Era republicano, abolicionista e divulgava seus ideais através de jornais de grande circulação na época. Também se envolveu com a política, tendo, inclusive, fundado em 1892 um partido político, o Partido Republicano Nacional, o que lhe acarretou, no mesmo ano, sua detenção em momento conturbado no Brasil devido à ascensão do Marechal Floriano Vieira Peixoto (1835-1895) à Presidência da República, quando eclodiu a “Revolta da Armada”¹³⁶ (Ribeiro Júnior, 2022, p. 51-60).

¹³⁵Função atribuída a pessoa sem diploma de advogado, mas que era licenciado para a prática processual, mediante exame de suficiência, renovada a cada dois anos (Ribeiro Júnior, 2022, p. 47).

¹³⁶Revolta da Armada de 1892, promovida pela Marinha do Brasil, contra o Mal. Floriano Peixoto para fazer cumprir a regra da Constituição de 1891, convocando eleições presidenciais motivada pela renúncia do Mal. Deodoro da Fonseca.

Dedicado à benemerência na comunidade, o professor Torteroli fundou diversas sociedades de auxílio humanitário, de prestação de serviços assistenciais. E se voluntariava em situações de calamidade pública. A primeira pessoa que lhe despertou o interesse pela investigação do Espiritismo foi seu professor, o francês Casimir Lieutaud, por volta de 1873. Nessa fase, em 1874, ele participava do *Grupo Confúcio*¹³⁷. Em 1881, foi iniciado na maçonaria e lá permaneceu até seu decesso em 1928.

Em fins de 1883, Torteroli mudou-se para São Paulo e se integrou ao movimento espírita paulista. Porém, não deixou de acompanhar e de interagir frente aos fatos do movimento no Rio de Janeiro. Em 1891, retomou o ativismo e o protagonismo no movimento espírita na capital federal.

Declarou-se como médium psicográfico e depois psicofônico. Disse que detinha poderes psíquicos ou “força perispiritual” capazes de “neutralizar a manifestação e o desenvolvimento de certas enfermidades epidêmicas”. Relatou o caso em que reverteu um episódio de febre alta que teve na época da febre amarela em 1889, pelo seu “poder de concentração”. Fato este, segundo ele, atestado por médicos do Hospital Correa de Mello, na cidade de Campinas, em São Paulo (Reformador, 1893c, p. 3).

O professor Afonso Torteroli foi um espírita ativo. Participou da fundação e de reestruturação de várias instituições e de órgãos de publicidade do Espiritismo no Brasil. Atuou na *Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*, que assumiu característica orientada para o aspecto científico. Era o reduto majoritário dos espíritas ditos *científicos*, tendo como iniciativa a formação da *Academia Espírita de Ciências*.

Participou também da fundação do *Centro da União Espírita no Brasil* (ou do Brasil). Criado em 1881 para constituir o *Congresso Espírita Permanente* e depois reinstalado em 1894 como *Centro da União Espírita de Propaganda do Brasil*. Atuou ativamente na realização das três primeiras edições do *Congresso Espírita do Brasil*, realizados em 1898, 1899 e 1900.

Ajudou a organizar o *XVIII Congresso Espírita e Espiritualista Internacional* de 1922, realizado no Rio de Janeiro. Outra participação importante dele foi no *Congresso da Constituinte Espírita Nacional* de 1926, que culminou com a criação da *Liga Espírita do Brasil*, para agregar todas as instituições espíritas do país (Ribeiro Júnior, 2022).

A vida do professor Torteroli não foi amena. Recheada de amarguras e provações, enviuvou por três vezes, passou pela morte precoce de seus dois filhos. Vivia de escassos recursos amealhados em várias profissões. Estava envolvido na defesa do Espiritismo perante

¹³⁷Ver Capítulo 2.

as críticas da Igreja Católica, das ações policiais, judiciais e de órgãos do governo. E, em querelas internas ao movimento espírita.

Ele se expôs na defesa de prisões de médiuns espíritas, quando fez uso da sua condição de solicitador judicial. Tudo isso lhe acarretou perseguições e problemas diversos. Em 1898, vários jornais veicularam notícias com alarde, o denunciando por delitos que culminaram com sua prisão preventiva, que durou cerca de um mês (Ribeiro Júnior, 2022).

A atuação do professor Torteroli na propagação do Espiritismo no Brasil se fez notar pela sua capacidade de mobilização através da fundação de instituições, na organização de congressos e de eventos comemorativos, na sua produção literária expressa em artigos publicados em revistas e jornais espíritas e na imprensa em geral. A sua obra escrita mais singular foi a historiográfica *O Espiritismo no Brasil e em Portugal*, publicada em 1896.

3.2.2 *Campo de controvérsias*

Na análise do campo de disputas entre *científicos e místicos*, foi realizado um corte temporal e regional, do início da formação do movimento espírita no Rio de Janeiro (1873) até o final do século XIX (1900), quando ocorreu o falecimento de um dos protagonistas, o Dr. Bezerra de Menezes. Em função disso, as discussões dessa polarização se arrefeceram, muito embora, ainda prosseguiram sob novas roupagens de correntes interpretativas.

Conforme assinalado, o início mais provável das divergências e dissensões entre os denominados *científicos e místicos* no Brasil, ocorreu no interior do *Grupo Confúcio* em meados da década de 70 do século XIX. Lembrando aqui que o movimento espírita francês, principalmente no período pós-Kardec, já apresentava divergências. E isso não passou despercebido por Canuto Abreu (1996, p. 34). Ele observou: “A morte súbita de Kardec deixara o Espiritismo sem chefe e os pretendentes ao cargo apareceram de todos os pontos, dividindo, subdividindo e retalhando as opiniões”¹³⁸.

De acordo com Canuto Abreu (1996), Sylvia Damazio (1994) e Wantuil (1990), as contendas, a princípio, foram entre os “*espiritistas puros*”¹³⁹, que restringiam os estudos

¹³⁸Exemplificou contatando a “reflexão crítica” do editor da *Revue Spirite* sobre a 1ª edição do jornal *Echo d’Além-Túmulo*, ao se referir que “o Espiritismo não deve tender para nenhuma forma religiosa determinada” (Revista Espírita, 2005c [1869], p. 475). No periódico brasileiro, verificou um direcionamento para identificar o Espiritismo com a “Religião Católica”. A exemplo da citação de parte da mensagem recebida do “Espírito Anjo de Deus” em 1866. Nestes termos: “assim também o Espiritismo faz com que todos se ‘cheguem à RELIGIÃO CATÓLICA, que é a VERDADEIRA RELIGIÃO DE DEUS’” (Echo d’Além-Túmulo, 1869, p. 6).

¹³⁹Por causa da menção de apenas dois livros das obras fundamentais no Regulamento do Grupo Confúcio, Canuto Abreu denominou esses grupos de “espiritista puro” e de “kardecistas” (Abreu, 1996, p. 66). Não há evidências dessas classificações nas principais fontes da época (século XIX), notadamente no *Reformador*.

doutrinários apenas ao *O Livro dos Espíritos* e ao *O Livro dos Médiuns*. E os “kardecistas”, que queriam ampliar os estudos aos demais livros fundamentais do Espiritismo, porque “A melhor propaganda devia ser calcada no Cristianismo. Apoiado no Evangelho, na moral de Jesus, no kardecismo. Enfim, o êxito seria uma questão de tempo” (Abreu, S., 1996, p. 36).

Segundo observou Zêus Wantuil (1990, p. 130): “Se o Grupo Confúcio não produziu mais, foi porque o demônio do desentendimento ali se insinuou sorratamente, dividindo e enfraquecendo”. As discórdias culminaram com a saída dos espíritas do grupo “kardecista”, os quais fundaram outros núcleos espíritas particulares e familiares para estudo exclusivo de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Por outro lado, estudos de espíritas como: Pedro Richard¹⁴⁰ (1901), Antônio Wantuil de Freitas¹⁴¹ (1954) e Juvanir Borges de Souza¹⁴² (1983), e de acadêmicos como o de Ubiratan Machado (1983) defendem que as dissensões iniciaram a partir da *Sociedade de Estudos Deus, Cristo e Caridade*. Visto que, como sucedânea do *Grupo Confúcio*, tinha estatuto social similar que objetivava os estudos dos “fenômenos mediúnicos” e seguia os princípios contidos em *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*. Contudo, obviamente, nada impediria que outros estudos pudessem ser realizados.

Nas palavras de Pedro Richard: “O Confúcio fez o que pôde; mas como poucos eram os obreiros e estrito o círculo dentro do qual agiam, pequena foi também a sua esfera de ação”. E fez uma revelação, por causa dessa ação estreita, em 1873, o “Espírito Ismael” fundou a sociedade “Deus, Cristo e Caridade” (Richard, 1901, p. 1-2). Ou seja, a decisão de constituir uma nova sociedade substituta do *Grupo Confúcio* partiu do próprio “mentor espiritual” do grupo, para expandir a “Doutrina do Senhor”, no caso a Espírita.

Para tanto, o “Bom Ismael” reuniu os “trabalhadores da boa vontade” que se comprometeram em auxiliar nesse empreendimento, quando da sua “encarnação”. Mas, apesar disso: “Deixaram-se arrastar pela vaidade, quando, em vez de virtudes, procuraram revestir os seus corações com a frágil couraça da ciência da terra, essa meia ciência [...]”. E concluiu lamentando: “Desvairados, levantaram um templo à ciência e constituíram uma academia”. Essa era a narrativa de alguém vinculado ao grupo dos *místicos* (Richard, 1901, p. 2).

¹⁴⁰Pedro Richard (1853-1918) foi um dos fundadores do *Grupo Ismael*, diretor da FEB por vários anos e ativo colaborador da Assistência aos Necessitados. Foi gerente e administrador do *Reformador* por diversos períodos, subscrevia seus artigos neste jornal, como Discípulo de Max, em alusão ao pseudônimo do Dr. Bezerra de Menezes, como Max (Amorim, 2017).

¹⁴¹Antônio Wantuil de Freitas (1895-1974) foi presidente da FEB durante 27 anos (1943-1970). Na gestão de sua presidência, ocorreu o Pacto Áureo em 1949 (Amorim, 2017).

¹⁴²Juvanir Borges de Souza (1916-2010) exerceu vários cargos na FEB, como membro do *Conselho Superior*, diretor-tesoureiro, vice-presidente e presidente. Também foi diretor do *Reformador* (Amorim, 2017).

Os *científicos* confirmaram que as controvérsias foram realmente originadas no seio do *Grupo Confúcio*. No fascículo de junho de 1881 da *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*, da qual o professor Torteroli era editor. Informava que a situação de discórdia e desarmonia entre os sócios do *Grupo Confúcio*, resultou na fundação da *Sociedade de Estudos Deus, Cristo e Caridade*, em 26 de abril de 1876 (*Revista da Sociedade Acadêmica [...]*, 1881, p. 171).

Vê-se por essa narrativa que não foi contemplada a intervenção do “Espírito Ismael” na fundação da *Sociedade de Estudos*, como dito por Pedro Richard. Todavia, as controvérsias decorreram por pura dissensão entre os sócios.

Depois, o editorial dessa *Revista* informou as tentativas de estabelecerem clima de “desordem” e de “cizânia” entre os membros da *Sociedade de Estudos Deus, Cristo e Caridade*. Então, dissidentes da *Sociedade de Estudos*, devido ao direcionamento para o aspecto científico do Espiritismo, saíram e fundaram a *Congregação Espírita Anjo Ismael* e o *Grupo Espírita Caridade*. Ambas voltadas ao estudo e prática do aspecto religioso do Espiritismo.

Os remanescentes alteraram o nome e a orientação doutrinária da *Sociedade de Estudos* para *Sociedade Acadêmica*. Isso deu ensejo às críticas dos *místicos*, como a de Pedro Richard: “Irrisão! Como se Deus, Cristo e Caridade pudessem ser acadêmicos, colegas de pobres pecadores ignorantes! [...] a ‘Acadêmica’ precipitou-se no túmulo, cavado pelos seus próprios fundadores, isto é, precipitou-se no nada” (Richard, 1901, p. 2).

Como visto, a proposta de funcionamento da *Sociedade Acadêmica* afastou profíctes mais interessados ou, de acordo com a Teoria de Bourdieu, mais concernente aos seus *habitus* de vivência evangélica. A explanação de Canuto de Abreu evidenciou o clima adverso entre os sócios da *Sociedade Acadêmica*, que tinham “agasalhado um terrível lobo”, referindo-se depreciativamente ao professor Torteroli.

Apontado como responsável na separação entre os *místicos* e os *científicos*, forçando os primeiros a fundarem, em 2 de março de 1880, a *Sociedade Espírita Fraternidade*. Para onde levaram “o estandarte de Ismael”, porque queriam ser “o centro diretor do Espiritismo brasileiro”, pois o “Espírito Ismael” era considerado “o chefe espiritual” (Abreu, 1996, p. 40). Essa assertiva de Canuto Abreu se baseou na anterior de Pedro Richard: “Desde então, Ismael, que já tinha retirado o seu estandarte da ‘Deus, Cristo e Caridade’, plantou-o na ‘Fraternidade’” (Richard, 1901, p. 2). Dessa forma, os dissidentes se formaram e se agruparam em instituições separadas.

Foi em 31 de março de 1889, época das comemorações do passamento de Allan Kardec, que Dr. Bezerra de Menezes, como presidente da FEB, instalou um Congresso Espírita com

vinte e quatro grupos presentes e mais dez novos que enviaram representação. E lá, anunciou que “Allan Kardec” [Espírito] dera uma “comunicação mediúnic” na *Sociedade Espírita Fraternidade*. Concitou a urgência de “dar-se uma organização séria” ao movimento espírita brasileiro, pois os trabalhos estavam “sem método, sem regime, sem disciplina”, visando interesses individuais¹⁴³.

Como resultado do evento, ficou definida a criação de um centro diretor do Espiritismo no Brasil, formado por membros representantes de todos os grupos. Era a implantação de um sistema federativo com o nome de *Centro Espírita do Brasil*, efetivamente instalado em 21 de abril de 1889, sob a “presidência real” de “Ismael”, “guia do Espiritismo no Brasil” (Reformador, 1889b, 1889d).

Porém, apesar dos esforços do Dr. Bezerra de Menezes, este *Centro* de união não obteve êxito, as diversas convocações para envio de representantes para participarem das reuniões não foram atendidas a contento, frustrando a iniciativa considerada pelos *científicos* como concorrente do *Centro da União Espírita do Brasil*, por volta de 1891 (Quintella, 2010, p. 3).

Em contrapartida, a FEB começou a receber solicitação de adesão de instituições espíritas descontentes com as articulações do *Centro Espírita do Brasil*, iniciando com a mais antiga instituição em funcionamento, na época, a *Sociedade Espírita Fraternidade* (Reformador, 1891).

O ano de 1893 foi determinante na escalada dos conflitos internos ao movimento. De acordo com Canuto Abreu (1996, p. 65), o grupo dos *científicos* praticamente assumiu o direcionamento das principais instituições espíritas atuantes na cidade: a *Federação Espírita Brasileira* se definiu pelo lado dos *científicos*, assim como, o *Centro União Espírita do Brasil*, a *Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*¹⁴⁴, a *Sociedade Espírita Fraternidade* e mais vinte grupos afiliados, sob o protagonismo do professor Torteroli.

Os *místicos* ficaram confinados no *Grupo Ismael* e no período de 1890 a 1894, a FEB estava sob a presidência de Francisco de Menezes Dias da Cruz, considerado “neuro” pelo movimento espírita. Esse período foi o ápice do movimento dos *científicos*.

Em 1894, o professor Torteroli reorganizou o *Centro da União Espírita do Brasil*, reinstalado em 4 de abril, nome alterado para *Centro da União Espírita de Propaganda do Brasil*, no qual participava o próprio Dr. Bezerra de Menezes. Demonstração do poder de

¹⁴³A íntegra dessa comunicação encontra-se no final da obra de Canuto Abreu (1996) e no livreto *A Prece* (Kardec, 2004 [1888-1889]).

¹⁴⁴Depois mudou de novo o nome para *Sociedade Psicológica Fraternidade*, marcando nova fase, para logo se extinguir.

articulação do professor Torteroli para efetivar a união dos espíritas (Ribeiro Júnior, 2022). Contudo, o agravamento da situação entre os grupos, de parte a parte, levou ao afastamento do Dr. Bezerra de Menezes em 1896, por discordar da condução da instituição. Era considerado *místico* por alguns membros. Em 1897, Augusto Elias e outros, também se retiraram do *Centro da União*.

A reação dos *místicos* se fez notar com a retomada da direção da *Federação Espírita Brasileira* em 1895, após a renúncia do presidente e do vice-presidente, respectivamente, Júlio Cesar Leal e Dias da Cruz. O Dr. Bezerra de Menezes, instado por um grupo de espíritas, assume a presidência com poderes “discricionários” e especiais, para debelar a crise financeira e de representatividade dos *místicos* no cenário do movimento espírita. Os participantes do *Grupo Ismael* o seguem e internaliza o grupo em definitivo na FEB. Tudo isso sob o estímulo do “mundo espiritual” (Abreu, 1996, p. 82-87).

O Dr. Bezerra de Menezes publicou uma série de artigos no *Reformador*, de 1º e 15 de agosto de 1895, com o título *Espiritismo no Brasil*, onde lamentava a falta de método, o estado de desarmonia, a desordem e a propaganda falha. Eram críticas diretas à ação dos *científicos* no *Centro da União*. Indicou a *Federação* como centro natural de convergência e com representatividade no movimento espírita brasileiro e internacional.

Em 1896, Dr. Bezerra de Menezes ao lançar as bases da organização do movimento espírita brasileiro, inaugurava nova fase da FEB: “a fase dos *místicos* que perdura até hoje” (Abreu, 1996, p. 103). Dos que aceitaram a “revelação” do “Espírito Ismael” de que “o Brasil era a terra eleita do Evangelho e, portanto, nenhum Espiritismo poderia nele dar bons frutos se não tivesse como base a Palavra Eterna” (Abreu, 1996, p. 98).

Dr. Bezerra de Menezes publicou o artigo *Os Tempos são chegados*, dividido em cinco partes, no *Reformador* (1883-) de 1º de janeiro de 1896 a 1º de março de 1896. E no fascículo de 1º de fevereiro de 1896, na página 1, apresentou as bases do sistema organizacional do movimento espírita federativo: a) “[...] o fim do Espiritismo é esclarecer o Evangelho, e a missão dos espíritas é estudar e divulgar o Evangelho, segundo o espiritismo”; b) Os que aceitarem esse caráter do Espiritismo “estão ligados à mesma família em identidade de orientação”; c) “Nosso chefe é Jesus; nosso fim é levarmos a sua cruz, a cruz que cada um de nós pediu, ao cimo do calvário” e d) “o caminho e os meios para cumprirmos essa missão são o estudo dos Evangelhos e a sua divulgação pelo espiritismo” (Reformador, 1896a).

Esclarecido o programa de trabalho para o movimento espírita brasileiro. A plataforma que viria a constituir o Espiritismo no Brasil como uma **Religião Cristã**. O Dr. Bezerra de Menezes antecipou as críticas que receberia, inclusive o designativo depreciativo de *místico*.

Disse ele: “Místicos, porque veem no espiritismo, como caráter essencial, não um meio de avolumar depósitos científicos” (Reformador, 1896a).

Refletiu também sobre as dissensões dos espíritas brasileiros, os quais andavam “fracionados”, constituídos como “um juntamento híbrido, sob uma bandeira esfarrapada, que por antinomia, tem por emblema a palavra *espiritismo*”. Por isso, fez a proposta aos chamados *místicos* de se unirem em torno da “bandeira branca de Ismael”. E aos dissidentes: “que professam o espiritismo científico”, os qualificou de “*joio* do Espiritismo” (Reformador, 1896a).

O embate prosseguia, mais no sentido da defesa da religião em contraparte à ciência, reeditando o conflito da modernidade entre fé e razão. O Dr. Bezerra de Menezes reforçou, em artigo, que “O essencial à consecução do destino humano é a religião; a ciência propriamente dita é o acessório, é, por assim dizer, o esmalte da peça de fino ouro lavrado pela religião” (Reformador, 1896b).

Seguia nessa linha de raciocínio no artigo *Falsos Profetas*, publicado no fascículo posterior. Título com designativo dirigido aos *científicos*, que ensinavam que o Espiritismo era somente ciência. Procuravam apenas “o maravilhoso”, deixando à parte os “fenômenos morais”. Dr. Bezerra de Menezes repetia: “Espiritismo é religião (revelação da revelação) e todo o que o contestar por palavras e por obras, não é espírita, é falso profeta ou instrumento deles” (Reformador, 1896c).

Alguns pesquisadores entendem que o termo *Revelação da Revelação*, utilizado pelos *místicos*, é um dístico de identificação com as teses *roustainguistas*. Uma referência direta à obra de Roustaing, por constar no título desta e no corpo da obra o termo “a Revelação da Revelação”. No entanto, a leitura atenta dos artigos do Dr. Bezerra de Menezes, publicados no *Reformador*, leva a compreender que ele se refere à Doutrina Espírita como a “revelação da revelação” evangélica de Jesus.

Seguem alguns exemplos colhidos no Reformador de 1896: “O fim especial do espiritismo, **revelação da revelação**, é rasgar o véu da letra e apresentar ao mundo, em toda a sua nitidez, as puras verdades, escoimadas das humanas impurezas” (Reformador, 1896a, p. 1, grifo nosso). Outro, já citado nesta tese: “Espiritismo é religião (**revelação da revelação**) e todo o que o contestar, por palavras e por obras, não é espírita, é falso profeta ou instrumento deles” (Reformador, 1896c, p. 1, grifo nosso). E ainda: “Se, pois, **o espiritismo é uma revelação interpretativa da Revelação Messiânica**, a única missão do espírita é compreender e propagar o Evangelho em espírito e verdade, quanto permite o progresso da humanidade” (Reformador, 1896e, p. 1, grifo nosso).

Entre 1895 e 1897, Dr. Bezerra Menezes, através de vários artigos publicados no *Reformador*, continuou com seu discurso em defesa da sua visão sobre o caráter religioso do Espiritismo. No artigo *Verdadeira Propaganda*, no *Reformador* (1896d) de 15 de agosto de 1896, relatou que, convencido pelo professor Afonso Torteroli e pelo anseio de ver unidos “todos os espíritas, em pensamento e ação”, permitiu que seu nome figurasse como diretor do *Centro da União Espírita de Propaganda do Brasil*. Entretanto, ficou sem esperança ao ouvir do “chefe dos chefes” [Torteroli] que “Jesus não é meu senhor, e sim meu irmão e meu igual!”. Procurava, então, uma forma de desligar-se da instituição que considerava “antiespírita e ruínosa”.

Disse ainda, que existiam dois modos de se compreender e propagar o Espiritismo: o dele, como presidente da *Federação* e o do professor Torteroli, como diretor do *Centro da União*. E colocou para os espíritas criteriosos julgarem quais dos dois seria o verdadeiro. Apesar de ponderar que as duas instituições “procedem de boa-fé, convencidas de que vão no caminho do bem e da verdade” (Reformador, 1896d, p. 1).

Com a publicação de dois artigos contíguos: *Fiat Lux e Uma simples réplica*, no *Reformador* de 2 de novembro a 15 de dezembro de 1896, respectivamente, Dr. Bezerra Menezes rebateu o artigo publicado no Suplemento do *Jornal do Brasil*, de 11 de outubro de 1896, por Victor Antônio Vieira. Um dos diretores do *Centro da União Espírita de Propaganda do Brasil*, que conceituava o Espiritismo como “uma filosofia altamente social, baseada em princípios de ciência positiva, que tinha por forma prática no exercício da atividade humana, os preceitos estabelecidos no Evangelho do Cristo”. E que o Evangelho era mais um código civil do que um catecismo religioso. Além de fazer críticas “à orientação demasiadamente mística” do presidente da FEB, no caso o Dr. Bezerra de Menezes (Vieira, 1896, p. 3).

No artigo acima referido, Victor Antônio Vieira externalizou o que é o Espiritismo segundo os *científicos*: “A ciência ou conhecimento de leis naturais que regula a existência e o desenvolvimento do espírito, do qual o corpo humano é instrumento de progresso”. E declarou, veementemente: “Não! A religião não é ciência, porque a ciência sempre foi e há de ser sempre formidável adversária da religião”. Que as bastilhas construídas pela religião são destruídas pela ciência. E mais: a religião é fracionada em infinitudes de seitas, enquanto a ciência é “homogênea e universal” (Vieira, 1896, p. 3).

Diante do acirramento dos debates, carreado para o lado pessoal, o vice-presidente da FEB, Leopoldo Cirne, concitou a todos por um momento de paz e de fraternidade entre os espíritas: “É tempo de pôr um termo às dissensões que nos ameaçam e cujos resultados são fáceis de prever” (Reformador, 1897a, p. 1). Entretanto, não surtiu o efeito desejado, Dr.

Bezerra de Menezes replicou que não haveria paz: “Guerra, mas guerra de ideias e de princípios, guerra, e não paz; [...] enquanto germinar em seu seio a semente do erro e do mal” (Reformador, 1897b, p. 1).

No seu derradeiro ano de existência, Dr. Bezerra de Menezes reformulou uma frase lapidar, no *Reformador* de 15 de maio de 1898: “*Espiritismo é ciência e é religião; mas ciência religiosa e religião científica*”, como conclusão de suas últimas disposições de espírita ainda “encarnado”.

No trabalho sobre o Centenário da FEB, o autor Juvanir Borges de Souza escreve: “Dessa orientação invariável resultou a ênfase ao aspecto religioso-moral imprimida ao Movimento Espiritista brasileiro, sem nenhum prejuízo dos estudos filosóficos e científicos” (Souza, 1983, p. 355). E que: “Nesse roteiro, a centenária Instituição [FEB] arrastou consigo todo o Movimento Espiritista brasileiro, **imprimindo-lhe o característico religioso-cristão** que o torna inconfundível e fiel à Codificação e ao Evangelho” (Souza, 1983, p. 356, grifo nosso). Assim, o Espiritismo no Brasil foi configurado como **Religião Cristã**, para a maioria dos seus profítes.

Por outro lado, os ditos *científicos*, utilizando-se do *Reformador* e de jornais da época, publicavam artigos combatendo o aspecto religioso do Espiritismo impresso pelos *místicos*. Adotaram o lema *Deus, Amor e Liberdade*. Provavelmente para se contrapor ao lema de Ismael, *Deus, Cristo e Caridade*. Eles entendiam o Espiritismo “principalmente sob o ponto de vista moral e filosófico” e como “Ciência Integral e Progressista” (Revista Spirita do Brazil, 1897, p. 211).

Na continuidade dos embates, republicaram, no *Reformador* de 1º de fevereiro de 1893, o artigo *O que não somos*, anteriormente publicado no *Reformador* de 15 de maio de 1887, no qual replicavam que havia pessoas que intentavam “apelidar” o Espiritismo pelo nome de religião. Afirmaram que o Espiritismo: “não é uma religião; ele tem características do universalismo de uma doutrina filosófica, e é talvez por esta sua catolicidade que alguns com religião o têm confundido” (Reformador, 1893a, p. 1). Era o prelúdio dos problemas que viriam a seguir.

Segundo Adair Ribeiro Júnior (2022, p. 227-229), os espíritas *científicos*, atuando no *Centro da União Espírita*, estavam alinhados aos resultados das discussões dos Congressos Espíritas e Espiritualistas de Barcelona, Paris e Madri. E intentavam aplicar no Brasil as diretrizes traçadas nesses eventos, visando uniformizar o Espiritismo no território nacional.

Segue parte das orientações do Primeiro Congresso Espírita Internacional, realizado em Barcelona em 8 de setembro de 1888: “O Espiritismo é uma ciência positiva e experimental

[...], é uma ciência filosófica superior [...], é uma ciência psicológica [...], é uma ciência divina [...], deve tornar-se uma ciência social, é a verdadeira escola do respeito [...]" (Reformador, 1889a, p. 2). Distante do que se preconizava no Brasil através da FEB e associadas.

Em ofício encaminhado à FEB em 1896, a Diretoria do *Centro da União Espírita de Propaganda do Brasil* manifestou seu desagrado com os artigos publicados, principalmente, no *Reformador*, assinados por Dr. Bezerra de Menezes. A partir daí, deliberaram não mais discutir “com os dissidentes que querem transformar o Espiritismo, em seita religiosa [...]” (Torteroi, 1896, p. 724-725).

E fizeram publicar o ofício em jornais espíritas, dando por encerrada as discussões. Após rebaterem o que consideravam falta de caridade pela forma como foram criticados por fazerem comemorações de datas festivas espíritas em ambiente público e por terem suspenso da diretoria o Dr. Bezerra de Menezes, alegaram conflito com o estatuto por este exercer cargo de chefe de partido político.

Conforme Sylvia Damazio (1994, p. 124), a oposição ao Dr. Bezerra de Menezes, oferecida pelo professor Afonso Torteroi, foi forte, e, algumas vezes, chegou à ofensa pessoal. Silvino Canuto Abreu (1996, p. 39) e Zêus Wantuil (1990, p. 398) consideram o professor Torteroi como grande responsável pelas disputas internas no movimento espírita brasileiro. Por outro lado, Adair Ribeiro Júnior (2022) e Wilson Garcia (2020) o reconhecem como figura de destaque na propaganda e na defesa do movimento espírita brasileiro do século XIX¹⁴⁵.

Nas palavras de Marcelo Gil (2014, p. 205): “[...] foi graças à atuação dos místicos dentro da FEB que a doutrina espírita passou, de fato, a ser vista com uma religião, cuja prática consiste no exercício da ‘caridade’ através da ‘mediunidade’, iluminada pelo ‘estudo’”.

3.2.3 *Análise bourdieusiana das controvérsias*

A tarefa não é nada simplória para tecer comentários e analisar esses embates com o viés atual. Pois as fontes escritas apenas revelam atitudes circunstanciais de um processo dinâmico, multiforme, onde o dito pode ser facilmente encoberto pelo não dito, escamoteado nas conveniências. Não há como exercer juízo de valor de forma isenta sobre as personalidades e os fatos. Por isso, a perspicácia das observações de Emerson Giumbelli (1997), de que, apesar de os grupos emitirem entre si os epítetos de *místico* e *científico*, fica evidente que era uma forma pejorativa e não identitária.

¹⁴⁵Ver Pedro Amorim (2017) e Wilson Garcia (2020) para detalhamento dessas discussões pelo *Reformador*.

Não se sentiam confortáveis e ambos defendiam os aspectos científico, filosófico e moral do Espiritismo. Divergiam na condução da propaganda e na forma de interpretar o aspecto religioso. Uns acentuando a religião, como o mais importante dos aspectos, como o grupo do Dr. Bezerra de Menezes. E outros acentuando-o à feição de uma academia científica livre das amarras da religião, mas conduzindo a uma moral cristã, como o grupo do professor Torteroli. Tal quadro induz a pensar que se trata mais de uma questão operativa para o direcionamento do movimento espírita do que apenas discussão doutrinária.

Observa-se pelos textos selecionados que as dissensões estavam calcadas na percepção do conceito do Espiritismo na ótica de cada grupo. Refletido no *habitus* de seus líderes em disputa pelos *bens simbólicos* no Campo Espírita Brasileiro, reverberando a posição dicotômica entre ser ciência ou religião, advinda desde sua origem, como visto no Capítulo 1. Não sendo inovação de terras brasileiras, mas que aqui alcançou a sua mais alta expressão.

Quem, de forma fácil, poderia identificar os autores dessas frases e a que grupo espírita em dissensões pertenceriam?

Frase 1 – “O Espiritismo é para mim uma ciência, cujos postulados são demonstrados tão perfeitamente, como se demonstra o peso de um corpo” (Reformador, 1892, p. 3).

Frase 2 – “Estou convencido de que pela caridade e amor do próximo de ente a ente, de criatura a criatura se chegará ao nosso bom pai, o Deus criador da única lei absoluta, a santa e a eterna – Lei do Amor” (Reformador, 1893c, p. 3).

Pois bem, a primeira frase foi proferida pelo Dr. Bezerra de Menezes e a segunda pelo professor Torteroli! Como difícil é fazer ilações com base nos escritos circunstanciais da época. A situação se complexifica, ainda mais, ao levar em consideração – sempre, como já alertado, a interferência, ou melhor, a inter-relação como os “Espíritos”, *modus operandi* dos espíritas.

Com a publicação do livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho* (1938), de “Humberto de Campos” [Espírito], fica evidente a “sanção” dada pelo “plano espiritual maior” aos *místicos*. Cumpriam o “Plano Divino para o Brasil”, tendo à frente Dr. Bezerra de Menezes como representante dos “encarnados” para esse desiderato. A fazer o bom combate contra um médium (a serviço de entidades tenebrosas) que fomentou a desarmonia e a discórdia (Humberto de Campos, 2002 [1938], p. 185-186). Uma referência velada ao professor Torteroli.

Fato não menos interessante foram duas mensagens recebidas por “via mediúcnica”, envolvendo os protagonistas dessa contenda, já posicionados no “plano espiritual” (Ribeiro Júnior, 2022, p. 296-298). A primeira, refere-se a uma comunicação de “Bezerra de Menezes” [Espírito] obtida no *Grupo Espírita Esperança* e publicada no jornal *A Imprensa* de 9 de

setembro de 1900, na qual este “Espírito” reflete sobre o que é o Espiritismo, apresentando interpretação diversa dos seus debates terrenos:

O espiritismo é uma religião? – Esta pergunta, à qual é tão fácil responder-se, tem dado ocasião a controvérsias e discussões, controvérsias que não têm razão de ser.

Não tendo o espiritismo dogmas, nem sacerdotes, nem templos, nem culto algum externo, **claro que não é uma religião.**

[...]

É, portanto, o espiritismo **uma ciência positiva**, como as outras ciências, ciência perfectível, mas que conduz também à perfectibilidade, e, desse modo, uma ciência moral (Bezerra de Menezes [Espírito], 1900, p. 4, grifo nosso).

A outra mensagem, recebida em 4 de abril de 1950 pelo médium Chico Xavier, atribuída ao “Torteroi” [Espírito], “desencarnado” em 1928 (Gil, 2014, p. 501), foi divulgada no *Reformador* de julho de 1950. Nela, este “Espírito” expressa que laborou de forma equivocada¹⁴⁶:

Nem sempre a fé, por mais pura, consegue descerrar, enquanto permanecemos na carne, os véus que nos obscurecem a razão. Muitas vezes é preciso que a morte opere sobre a nossa existência a ação destruidora da tempestade.

[...]

Apenas o personalismo enfermiço poderá fortalecer a obra escura e temporária da desunião, em nossas fileiras de trabalhadores leais do bem comum, de vez que não nos falecem recursos de erguimento evangélico, desde a primeira hora do **clarim redentor de Ismael**, sob a égide do Senhor, na terra que nos é particularmente querida (Reformador, 1950, p. 145-146, grifo nosso).

Diante do conteúdo dessas mensagens atribuídas aos “Espíritos desencarnados”, protagonistas das controvérsias do século XIX, dá-se a entender que o processo da morte descerrou o “véu do desentendimento”, dando abertura para um reposicionamento mais concordante e pacificador. Ou seja, depois do transpasse as contendas se diluíram e os conceitos se ajustaram, como que trocando de posições, como bem anotou Adair Ribeiro Júnior (2022, p. 298).

Fenômeno que o filósofo espírita Herculano Pires denominou de Tomada de Consciência:

¹⁴⁶Nem todo espírita é consentâneo com o conteúdo dessa mensagem. Alguns duvidam da sua veracidade, ou por interferência do médium ou algum outro “Espírito comunicante”.

Todas as dificuldades atuais são consequências dos abusos que cometemos no uso do nosso livre-arbítrio, apesar de todo o auxílio e de todas as advertências que recebemos do Alto nas etapas sucessivas da nossa evolução, **por falta de uma tomada de consciência** do que somos e da finalidade superior da nossa própria existência (Pires, 2017, p. 95, grifo nosso).

Ao aplicar o contributo de Bourdieu às dissensões apresentadas, identifica-se que o Campo Espírita Brasileiro é de fundo e de conteúdo religioso, pode, portanto, ser analisado dentro da Teoria do Campo Religioso de Bourdieu adaptada, por similitude e sem perda de identidade, haja vista que nele são encontrados os elementos elencados na teoria bourdieusiana.

O habitus dos líderes selecionados

Dr. Bezerra de Menezes – estava bem posicionado no Campo Espírita Brasileiro, no polo dos *místicos*. Era o porta-voz da vertente da valorização do aspecto religioso do Espiritismo no Brasil, colaborando com a característica de uma Religião Cristã. Um *especialista* com grande volume de *capital simbólico*, atuava nos três subcampos: Estudos – pela sua produção literária espírita, pelo incentivo ao estudo de *O Livro dos Espíritos* e na propaganda espírita; Mediúnico – na atividade de médium receitista e; o Caritativo – no incentivo à caridade racional. A aclamação popular de *Médico dos Pobres* e a espírita de *Allan Kardec Brasileiro*, resumem bem o simbolismo da sua liderança.

Professor Afonso Torteroli – e posicionava-se no Campo Espírita Brasileiro no polo dos *científicos*. Valorizava as teses científicas e filosóficas espíritas, defendidas na *Academia Espírita de Ciências*. Enfatizava o aspecto científico-filosófico, de consequência moral. Detinha um grande estoque de *capital simbólico* nos três subcampos: Estudos – na produção de artigos e obras literárias espíritas; Mediúnico – em atividade como médium receitista, psicográfico e psicofônico, com grande “força psíquica”; Caritativo – no desempenho de diversas e ininterruptas atividades humanitárias. Foi reconhecido, simbolicamente, como um dos pioneiros e fundadores do Espiritismo no Brasil e, na propaganda espírita, como um “fazedor” de instituições.

O campo de disputas doutrinárias

Os espaços elididos para prática espírita, nas suas disputas, em contendas doutrinárias e organizacionais, internas ao movimento espírita brasileiro, foram as reuniões e as conferências públicas, a imprensa escrita, os jornais, as revistas e os livros. Principalmente as instituições espíritas, fundadas, extintas e refundadas, a depender das circunstâncias e ocasiões, além das

ações que transbordaram para o espaço público e que trouxeram muitos dissabores à propaganda espírita. Isso ocorreu porque tais ações apresentaram os problemas intestinos do Espiritismo, alimentando de argumentos “as forças contrárias às ideias espíritas”.

Todos os subcampos apresentaram divergências, conforme segue:

Subcampo Estudos – o grupo dos *místicos* valorizava mais o estudo dos Evangelhos: *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e *Os Quatro Evangelhos* de Roustaing. Por sua vez, o grupo dos *científicos*, se fixava nas obras fundamentais do Espiritismo;

Subcampo Mediúnico – os *científicos* utilizavam a mediunidade como meio de propaganda, para atrair o interesse pelos fenômenos. Os *místicos* faziam com reservas e em privado o contato com “Espíritos exclusivos”;

Subcampo Caritativo – ambos se pautavam por ações similares de apoio à população mais carente.

Ao final do século, no decorrer das contendas, o campo estava polarizado entre duas sociedades espíritas:

A Federação Espírita Brasileira – reduto dos *místicos*, os quais defendiam que o objetivo do Espiritismo era esclarecer o Evangelho, com a missão de estudar e divulgar o Evangelho, segundo o Espiritismo. Local de concentração dos espíritas mais próximos do *ethos* religioso brasileiro, advindo de sua matriz religiosa, liderados pelo Dr. Bezerra de Menezes;

O Centro da União Espírita de Propaganda do Brasil – instituição que abrigava os *científicos*. Esses entendiam o Espiritismo como Ciência Integral e Progressiva, uma filosofia de consequência moral. Pensamento mais próximo das correntes europeias da época, liderados pelo professor Afonso Torteroli.

O capital simbólico dos espíritas

Este item foi o mais explorado, pois a maioria dos espíritas era constituída por pessoas letradas e bem-posicionadas na pirâmide social do país, tais como, médicos, advogados, empresários, militares, políticos profissionais liberais, funcionários públicos. Com escolaridade diferenciada, eram leitores em línguas estrangeiras, tradutores e escritores, e de alta profissionalização num país de iletrados.

Tais aspectos representavam para os seus líderes a capacidade de acúmulo de Capital Intelecto-Doutrinário, na produção de textos, livros de propaganda e de literatura espírita. A maioria estava empenhada em ações caritativas, com habilidade de trabalho em rede, daí o alto

grau do Capital Caritativo-institucional. Aliado a este, o Capital Carismático-Mediúnico no exercício da terapêutica espírita, em atendimento ambulatorial e de receitas para um público cada vez mais clientelista pela carência do atendimento médico no país. Exerciam a medicina homeopata, seja por médicos de formação ou por médiuns receitistas.

Os bens simbólicos espíritas

Os *bens simbólicos* produzidos pelos médiuns, que se revestiam de uma aura “divina” pela inter-relação com o “plano espiritual”. Alguns *bens religiosos*, como as mensagens recebidas pela psicografia de médiuns, de caráter doutrinário e de consolo, transformaram-se em bens revestidos por um simbolismo “quase-mágico”. As “consultas espirituais”, com a solução de problemas emocionais e orgânicos, também impactaram o mercado de bens, a ponto de algumas autoridades solicitarem atendimentos para sanar problemas seus e de familiares. Tal fato ocorreu com o próprio Dr. Bezerra de Menezes, por mais de uma vez, antes de se declarar espírita.

Na análise de Marcelo Gil (2014, p. 316): “Em todos esses conflitos ocorreram embates em que se privilegiou o processo de acumulação de *capital simbólico* e se utilizou da estratégia de violência simbólica, [...]”.

Em suma, o embate entre os *místicos* e os *científicos* se deu na luta maior intracampo pelo “entendimento mais verdadeiro do que é o Espiritismo”. E teve por consequência, revestir o Espiritismo com características de uma **Religião Cristã**, na prática da maioria de seus seguidores.

3.2.4 Espaço público

Como visto no Capítulo 2 desta pesquisa, no decorrer do século XIX o Brasil passou por significativas transformações socioeconômicas impactadas por decisões geopolíticas ao longo dessa centúria em comento, com a vinda da família real ao Brasil e a fundação do Império em terras brasileiras. Depois, com a Proclamação da República, passando pela extinção da escravidão.

Em meio a isso, o Espiritismo se desenvolveu na classe intelectualizada, numa elite letrada e influenciada por correntes ideológicas europeias, afinada com o ideal liberal do Estado laico. Fazia oposição ao catolicismo e dava ao Espiritismo características progressistas para obter apoio dos demais segmentos liberais da época. Essa classe franqueou páginas dos jornais para a defesa das ideias espíritas contra as críticas da Igreja Católica (Damazio, 1994, p. 72).

No entanto, conformava-se como uma religião devido ao *habitus* de seus líderes, às injunções dos órgãos públicos no cumprimento do Código Penal pátrio, às pressões da área médica e da Igreja Católica. Sob o manto da Constituição na defesa da liberdade de pensamento e de crença, como uma religião, também, no espaço público.

O movimento espírita brasileiro foi se federalizando sob a orientação da *Federação Espírita Brasileira* (FEB), em processo ativista encabeçado por lideranças em disputa no campo interno polarizado entre os “místicos” e os “científicos”. A FEB se afirmava como a “Casa Mãe” do Espiritismo, favorecida pelo seu protagonismo na defesa dos espíritas sob a pressão dos órgãos policiais e jurídicos, dos médicos e da Igreja.

No século XIX, o Espiritismo no Brasil já suplantava em números o movimento na França, com um perfil de temática religiosa e caritativa, dentro da assertiva: **a França criou a Doutrina Espírita, e o Brasil unificou o movimento**. Portanto, o Espiritismo no Brasil já estava conformado como uma **Religião Cristã**, sustentado por parte de sua liderança na defesa de seus médiuns e das instituições, contra ações judiciais e policiais embasadas no Código Penal da República, que o criminalizava.

No entanto, esses conflitos continuaram no século XX, quando fatos e narrativas apresentaram maior contundência da situação dicotômica no Espiritismo, entre ser ciência ou religião. A ver como essa disputa se desenrolou com as discussões entre os *kardecistas* e *roustainguistas*.

3.3 *Kardecistas e Roustainguistas: em disputas doutrinárias*¹⁴⁷

A segunda análise refere-se às disputas doutrinárias do Movimento Espírita Brasileiro entre os denominados *kardecistas*¹⁴⁸ e *roustainguistas*¹⁴⁹. Essas disputas tiveram início no final do século XIX e estavam imbricadas com as controvérsias entre *místicos* e *científicos*. Porém, foi no século XX que se estabeleceu e se consolidou com características próprias, diferenciando-se das controvérsias anteriores.

¹⁴⁷Para este período da pesquisa foram selecionados, o jornal *Reformador*, que continuava como principal fonte primária e as biografias e produção literária dos principais interlocutores das disputas doutrinárias.

¹⁴⁸Outros derivativos encontrados na literatura correlata: *kardequistas* e *kardeciano*.

¹⁴⁹Também utilizam o derivativo *rustainistas*, *rustanistas* e *rustenismo*.

3.3.1 Contexto e problemática

No fascículo do *Reformador* (1883a) de 15 de fevereiro de 1883, foi noticiado que a obra de Roustaing estava para ser publicada em língua portuguesa, traduzida por Ewerton Quadros. Essa obra foi adotada como estudo em conjunto com os livros fundamentais do Espiritismo no Grupo Ismael e depois pela FEB. Muitos espíritas haviam se apegado ao estudo dos Evangelhos e buscaram uma “obra mais vasta e mais espírita” de que *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. No caso, *Os Quatro Evangelhos* de J.-B. Roustaing, que tinham a “vantagem” de que todas as explicações eram dadas pelos próprios “evangelistas”, assistidos pelos “Apóstolos” e por “Moisés”, os crentes que, na sua maioria, dispensavam as provas (Abreu, 1996, p. 98-99).

Portanto, no Brasil, a obra de Roustaing era contemporânea à de Kardec. Era consultada e estudada aqui. Além disso, alguns espíritas a consideravam com o mesmo valor doutrinário de *O Livro dos Espíritos*. Espíritas como Bittencourt Sampaio, vinculado ao grupo dos místicos, era *roustainguista*, e Antônio Sayão tornou-se seu melhor discípulo. No início do movimento espírita brasileiro, no entendimento de Canuto Abreu (1996, p. 39), ainda não havia uma fronteira definida entre *kardecista* e *roustainguista*.

Entretanto, as controvérsias entre *científicos* e *místicos* também rebatiam em críticas às teses *roustainguistas*, apesar de que nem todos os ditos *místicos* eram *roustainguistas*. Segundo Herculano Pires, nessa época inicial, “O Roustainguismo se apresentava como integrado no Espiritismo e tocava de perto a sensibilidade mística de alguns ex-católicos”. E mais do que isso, a obra “restituía ao Cristo a sua condição sobrenatural”, que foi destituída na obra de Kardec (Pires, 1973, p. 56-57).

No *Reformador* de 1889, há um relato de que, na época, apenas dois grupos estudavam a obra de Roustaing, o *Grupo de Sayão* e a *Sociedade Fraternidade*. Esses grupos diziam que eram orientados por “Espíritos” da mais alta hierarquia, tais como “Anjo Ismael”, “Allan Kardec”, “São Mateus”, “São Marcos”, “São Lucas”, “São João Evangelista”, entre outros. Os orientavam no sentido de centralizar o movimento espírita a partir dos métodos e das práticas desenvolvidas por esses grupos (*Reformador*, 1889c, p. 2).

Portanto, ser *kardecista* implica tanto os *científicos*, quanto os que aceitam o lado religioso do Espiritismo, mas desconsideram a obra de Roustaing. Já, os *roustainguistas* são aqueles que, além das obras de Kardec, consideram a de Roustaing, como complemento daquelas. Uma natural evolução no campo da “fé revelada”. As partes assumem seus designativos como identidade de linha interpretativa doutrinária e ideológica, de forma

individual ou em grupo. E se institucionalizaram no Brasil como um todo, formando *classes* no sentido de Bourdieu.

Em síntese, o grupo dos *kardecistas*, tendo o filósofo Herculano Pires como referência, forma suas convicções doutrinárias nos estudos dos livros fundamentais da Doutrina Espírita, de autoria de Allan Kardec. Não aceita os fundamentos constantes na obra *Os Quatro Evangelhos* de Jean-Baptiste Roustaing, principalmente em relação à natureza espiritual do corpo de Jesus, o Cristo. Entre outras divergências como as relativas à virgindade de Maria, mãe de Jesus, e sobre o princípio da reencarnação.

Enquanto os *roustainguistas*, a exemplo do jornalista Luciano dos Anjos, defendem as teses constantes na obra *Os Quatro Evangelhos* que contém “mensagens mediúnicas”. Subscritas pelos próprios evangelistas sob a assistência dos apóstolos de Jesus e supervisionados por Moisés. Com várias teses levantadas, ou melhor, “reveladas” para encetar a “era nova do Cristianismo do Cristo, a era espírita”.

Estão apresentadas no Prefácio do volume 1 da obra, destacadas a seguir (Roustaing, 2008 [1866]):

- a) A tese de que o corpo de Jesus não era de natureza humana carnal, era “encarnado” em um “corpo fluídico” diferente do organismo material humano. Uma espécie de *agênere*¹⁵⁰ de longa duração na sua existência terrena – uma vida humana aparente;
- b) Que Maria, mãe de Jesus, fora virgem e o concebeu por uma “operação extra-humana”. Sua gravidez e seu parto foram aparentes e disso ela nada sabia. Pensava que os fatos eram reais, mas era uma ilusão provocada pelo corpo fluídico de Jesus na gravidez e no parto;
- c) A evolução do “Espírito” se dá normalmente no “plano espiritual”, em “corpos fluídicos”. Isso após o princípio inteligente transitar pelos reinos inferiores da criação até atingir “o estado espiritual de espírito consciente”;
- d) A tese de que a *encarnação* do “Espírito” não é obrigatória em corpos materiais e sequer necessária. Ocorre apenas por castigo nos casos de falhas em relação às leis divinas, como “punição pelos erros”.

¹⁵⁰AGÊNERE é a denominação do estado temporário em que um “Espírito” se manifesta materializado sob a forma humana, num grau tal de realismo que pode produzir a ilusão de ser uma pessoa comum “encarnada”. É uma modalidade raríssima de aparição tangível (Agênere, 2024).

Jean-Baptiste Roustaing e Os Quatro Evangelhos

Nascido na cidade de Bègles, nos arredores de Bourdeaux, no departamento de Gionda, região sudoeste da França, em 15 de outubro de 1805. Era filho do casal François Roustaing, negociante, e de Margueritte Robert. Foi advogado, jurisconsulto e autor de diversos trabalhos jurídicos. Estabelecido em Bourdeaux, teve destaque nesse ofício, assumindo o cargo de bastonário¹⁵¹ da Ordem do Advogados nessa cidade. Casou-se tardiamente aos 44 anos de idade com sua prima Elisabeth Roustaing. Faleceu em Bourdeaux em 2 de janeiro de 1879 e não deixou descendência.

Por volta de 1858, foi acometido de uma grave enfermidade que paralisou suas atividades profissionais, apenas retornando no ano de 1861. Durante esse interregno, dedicou-se às atividades de beneficência (Roustaing, 2024).

Foi nos idos de 1861 que começou a participar de sessões de “mesas girantes”. E ao ler as obras publicadas, na época, por Allan Kardec, ficou entusiasmado e enviou cartas a Kardec comentando o seu interesse (Roustaing, 2008 [1866], p. 59-60).

Ainda em 1861, veio a conhecer a médium belga Émilie Collignon ao se integrar a um grupo de “experimentações mediúnicas”. Trabalhou mais tarde com ela para a consecução de sua obra. Uma “missão” que lhe foi “revelada” em dezembro de 1861 através de “comunicações mediúnicas” e recebidas pela médium. Estavam “assinadas” pelos “Espíritos de Mateus, Marcos, Lucas, João – assistidos pelos apóstolos”. O objetivo dessa “missão”, “revelada” pelos “Espíritos coordenadores”, fora “a explicação que preparará a unificação das crenças entre os homens e à qual podeis dar o nome de *Revelação da Revelação*” (Roustaing, 2008 [1866], p. 65-67).

A obra veio a lume em 1866, originalmente em três volumes com um título extenso: “*O Espiritismo cristão ou a Revelação da Revelação. Os Quatro Evangelhos, seguidos dos mandamentos, explicados, em espírito e em verdade pelos Evangelistas, os Apóstolos e Moisés, recebidos e colocados em ordem por J.- B. Roustaing*”.

Trazia, segundo a obra, a explicação dos Evangelhos livre das alterações e do falseamento das interpretações dogmáticas dos preceitos humanos: “[...] despojado da letra o espírito: *que o culto em espírito e verdade, instituído por Jesus, é todo espiritual [...]*” (Roustaing, 2008 [1866], p. 70).

Ele explicou que o subtítulo *Revelação da Revelação* encerrava uma nova revelação que vem depois da revelação evangélica, feita pelo Cristo, o Messias predito na revelação hebraica

¹⁵¹Presidente de órgão executivo colegiado de uma ordem profissional, que exerce poderes de direção, de gestão e de representação externa dos interesses desta.

de Moisés. Essa *Revelação da Revelação* cumpriria as promessas do “*Espírito da Verdade*”, tanto para a era cristã apostólica, quanto para a nova era. Que seria regida pelos “Espíritos em missão” de trazer o “advento de Jesus” – o “Espírito da Verdade”, como “complemento e sansão da verdade” (Roustaing, 2008 [1866], p. 73-74).

Na análise, o corte temporal foi todo o século XX, com a seleção de um intelectual por grupo em discussão: o filósofo José Herculano Pires representando os *kardecistas* e o jornalista Luciano dos Anjos, os *roustainguistas*. A premissa para a escolha recaiu sobre a liderança de maior contundência nos embates, as demais são apresentadas no decorrer dos fatos.

José Herculano Pires

Filósofo, parapsicólogo, educador, romancista, poeta, jornalista e tradutor, nasceu a 25 de setembro de 1914 na cidade de Avaré, cidade do estado de São Paulo, filho de José Pires Correa e de Bonina Amaral Simonetti Pires. Apresentou logo cedo, aos nove anos de idade, seu pendore para poesia e literatura, que o acompanhou por toda sua existência. Faleceu na cidade de São Paulo em 9 de março de 1979 (Rizzini, 2020, p. 22-38).

Advindo de família católica, tinha interesse por temas filosóficos e de caráter religioso. Mas, aos quinze anos, passou a se interessar pela Teosofia¹⁵². Depois a abandonou e foi flertar com o materialismo. Porém, ao ler *O Livro dos Espíritos* aderiu ao Espiritismo e tornou-se espírita aos vinte e dois anos. E não mais mudou de doutrina: “Foi o raciocínio que me levou ao espiritismo” (Pires *apud* Rizzini, 2020, p. 51).

Por causa da sua dedicação aos estudos da Doutrina Espírita, recebeu o epíteto de “O Metro que melhor mediu Kardec” do médium e amigo Chico Xavier. Ou seja, “o mais profundo conhecedor da Doutrina Espírita” (Rizzini, 2020, p. 59).

Segundo depoimento de sua filha, a escritora Heloisa Pires, seu pai “[...] fundou várias entidades filantrópicas, organizava a distribuição de alimentos, mas também documentos e possibilidade de desenvolvimento profissional para os irmãos mais necessitados”. Porque no seu entender: “[...] não basta matar a fome, mas é preciso ensinar o indivíduo a viver, a se integrar na sociedade, transcendendo-a” (Pires, 1992, p. 32-33).

Aos quarenta anos, Herculano Pires ingressou no curso de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP). Graduou-se como bacharel e em licenciatura no final de 1957. Em seguida, especializou-se em História e Filosofia da Educação, tendo sido professor de Filosofia da Educação na Faculdade de Filosofia de Araraquara, em São Paulo. Participou como membro

¹⁵²Teosofia ou sabedoria divina refere-se a um conjunto de doutrinas filosóficas, de caráter religioso, que buscam a união do Ser com Deus, através da elevação progressiva do “Espírito” até a iluminação.

da Sociedade Brasileira de Filosofia (Rizzini, 2020).

Seu biógrafo, Jorge Rizzini, resume bem a situação que incentivava o professor Herculano Pires a agir na defesa do que ele denominou de **pureza doutrinária**: “[...] as campanhas contra o aspecto religioso do Espiritismo, a pretensa superação da obra de Allan Kardec e as ridículas mistificações psicográficas que proliferam em quantidade assombrosa de norte a sul do país” (Rizzini, 2020, p. 372).

O professor Herculano Pires contestou, veementemente, a obra *Os Quatro Evangelhos* de J.-B. Roustaing. Considerava-a: “O maior caso de mistificação, capaz de levar qualquer pessoa à fascinação” e que foi adotada pela *Federação Espírita Brasileira* como fundamento doutrinário. Para consolidar suas críticas, publicou em 1973 em coautoria com Júlio Abreu Filho (1893-1971), o livro *O Verbo e a Carne*, com o subtítulo *Duas Análises do Roustainguismo* (Rizzini, 2020, p. 377-380).

Combatia também a “nova tradução” de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de autoria de Paulo Godoy¹⁵³, em 1974. Uma versão “mais abrandada” em alguns termos considerados “agressivos ou inadequados”. Seus patrocinadores disseram que foi por “sugestão” do médium Chico Xavier.

Mais uma vez, o professor Herculano Pires empreendeu uma verdadeira cruzada contra o que considerou uma “adulteração das obras de Kardec”. E exigiu o recolhimento dessas edições por parte da editora da *Federação Espírita do Estado de São Paulo* (FEESP), que, até então, tinha “respeito pelos textos das obras básicas do Espiritismo” (Rizzini, 2020, p. 381-388).

As atuações do professor Herculano Pires no movimento espírita visavam, sobretudo, à defesa “intransigente da integridade da Doutrina Espírita”, mas aceitava o aspecto religioso do Espiritismo. Segundo Heloisa Pires, ele “Defendia a existência da religião espírita, libertadora, que convoca o homem a fazer uso da razão” (Pires, 1992, p. 20). E ainda, que a religião espírita estava imbricada com a ciência e a filosofia e era “libertadora” pela razão humana, “integram o homem no Universo” (Pires, 1992, p. 52).

A obra do filósofo José Herculano Pires é extensa¹⁵⁴. Ele deixou mais de oitenta livros dos mais variados assuntos¹⁵⁵. Escreveu poesias, romances premiados, pronunciou

¹⁵³Paulo Alves de Godoy (1914-2001), paulista de nascimento, foi jornalista e escritor, autor de vários livros espíritas, dirigente de entidades espíritas, membro do *Conselho Deliberativo* da FEESP e da *União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo* (USE).

¹⁵⁴Ver sítio da Fundação Maria Virgínia e J. Herculano Pires com o acervo de áudios de programas radiofônicos, publicações, documentos, textos, livros e vídeos. E a relação das obras no documento Arquivo de José Herculano Pires (Acervo [...], 2025).

¹⁵⁵Relação das obras no documento Arquivo de José Herculano Pires, ver Acervo [...] (2025).

conferências, participou de eventos doutrinários, debates na Rádio, TV e jornais. Fundou a Editora Paideia, sem fins lucrativos para divulgar a Doutrina Espírita.

Recorda sua filha Heloisa Pires (1992, p. 52) que ele fez tudo isso com um extremo bom humor: “Por mais difícil que fosse a situação, ele conseguia superá-la como uma brincadeira”. E confirma a revelação de “Emmanuel” através de Chico, que Herculano **“foi o metro que melhor mediu Kardec”**. E disse também, que ele é **“a maior inteligência espírita contemporânea”** (Pires, 1992, p. 65, grifo nosso).

Luciano dos Anjos

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 14 de fevereiro de 1933. Foi jornalista conhecido do público brasileiro, com participação em vários órgãos da imprensa nacional. Atuou em programas de televisão na década de 1960. Trabalhou na área de comunicação, editoração, revisão, marketing, ensino. Participou dessas atividades no Governo do Estado do Rio de Janeiro. Foi escritor, publicou vários livros, ganhou prêmios e condecorações. Teve atuação relevante no movimento espírita nacional como escritor e divulgador da Doutrina Espírita. Foi um dos grandes defensores do *roustainguismo*. Faleceu no dia 3 de maio de 2014 (Dos Anjos, 2013; Reformador, 2014, p. 42).

Colaborou como assessor do presidente da FEB na gestão de Armando Assis¹⁵⁶ (1911-1988) entre os anos 1970 e 1975. Na época, foi o editor-chefe do jornal *Reformador*, que depois virou revista. É o órgão oficial de comunicação da FEB, no qual atuou como articulista por longos anos. Ao término da gestão citada, afastou-se desta Instituição, para se tornar crítico de algumas ações, como a do *Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita* (ESDE). Por entender que haveria uma elitização no movimento espírita (Gil, 2014, p. 304).

No Movimento Espírita Brasileiro, colocou-se como crítico e foi protagonista de uma série de crises no movimento, em vários setores. Por exemplo: a escolarização do ensino espírita, à semelhança dos cursos regulares das escolas laicas, as “Escolas de Espiritismo”, tese defendida pelo professor Herculano Pires¹⁵⁷. Ele considerou desnecessário instituir um “processo de escolarização” dos centros espíritas, denunciada no seu artigo “Cursilhos de Espiritismo”. Publicado no *Reformador* de outubro de 1972 (Gil, 2014, p. 501).

Contudo, o aspecto mais contundente de Luciano dos Anjos no Campo Espírita

¹⁵⁶Armando de Oliveira Assis nasceu em 1911, na cidade de Piracicaba (SP), e faleceu no Rio de Janeiro em 1988. Foi advogado e Ministro interino do Trabalho e Previdência Social. Exerceu a presidência da FEB no período de 1970 a 1975 e foi sucedido por Francisco Thiesen.

¹⁵⁷A tese do professor Herculano Pires (2004, p. 187-206) foi aprovada pelo IV Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas, realizado na cidade de Curitiba em 1968 e reproduzida no livro *Pedagogia Espírita* (2004).

Brasileiro diz respeito a sua firme defesa das teses do *roustainguismo*. Através de textos provocava debates e intensas críticas sobre a questão, em um movimento já polarizado pelo assunto. Como descreveu Jáder Sampaio¹⁵⁸ (2014), no seu *blog Espiritismo Comentado*: “Apaixonado pelo Espiritismo e defensor das ideias de J.-B. Roustaing, Luciano tinha um verbo forte, era conhecido pelos textos duros que publicava, doesse a quem doesse”.

No entanto, ele concordava com as críticas de que a obra de Roustaing contribuiu para dar um viés religioso e católico ao Espiritismo no Brasil. Todavia, atribuiu essa “ligação conceitual” a interpretações errôneas dos objetivos da obra de Roustaing (Gil, 2014, p. 394).

O jornalista Luciano dos Anjos faz parte da história do Espiritismo no Brasil. Tinha na polêmica sua forma de ação contra o que pensava serem os “atalhos” tomados pelo movimento espírita. Foram críticas ao movimento espírita nacional, tais como: contrárias à realização de congressos, de programas de estudos doutrinários e à formação de associações espíritas constituídas por profissionais e universitários (Dos Anjos, 1993).

De espírito combativo, na defesa da liberdade de agir e pensar, mas pautado na moral cristã e no comprometimento do bem e do amor. Sem dúvida, uma liderança que fez os espíritas da sua época refletirem e polemizarem com ele na procura por uma autenticidade do Espiritismo no Brasil.

3.3.2 *Campo de disputas*

Na análise do campo de disputas, entre *kardecistas* e *roustainguistas* no Brasil, foi necessário um corte temporal do início do século XX em diante. Quando ficou evidente a cisão no movimento espírita brasileiro por essas correntes interpretativas. Como dito, diferente da controvérsia anterior entre *científicos* e *místicos*, dessa vez não houve rejeição pela denominação dos grupos, mas a aceitação tácita de identidade de classe como abordada por Bourdieu. Eles assim se autorreferenciavam e o fizeram sem o desconforto da disputa precedente, pelo menos é o que se percebe diante das fontes consultadas.

No início do século XX, a *Federação Espírita Brasileira* assumiu o protagonismo do movimento espírita. Com a estratégia de se posicionar no espaço público e internamente, no Campo Espírita Brasileiro como “porta-voz” do Espiritismo e a “Casa Mãe” das associações

¹⁵⁸Jáder dos Reis Sampaio nasceu em 24 de março de 1965 e “desencarnou” em 3 de março de 2024. Psicólogo, doutor em administração pela Universidade de São Paulo, professor aposentado da Universidade Federal de Minas Gerais, escritor e tradutor dos livros espiritualistas de Alfred Russel Wallace. Esteve sempre à frente de trabalhos de pesquisa do Espiritismo. Colaborador da *Liga de Pesquisadores do Espiritismo* (LIHPE). Criou em 2008 o *blog Espiritismo Comentado*, um dos mais acessados do movimento espírita (Figueirêdo, 2024).

espíritas, num processo conflituoso.

Conforme visto, durante o processo da sua constituição, a FEB se envolveu com a obra de Roustaing e suas teses, provocando tensões no movimento espírita. Sendo um dos motivos da feição religiosa do Espiritismo pátrio, entre outras consequências detalhadas a seguir. Foi nesse ponto que a tensão se estabeleceu e se radicalizou por todo o século XX em diante.

Um fato importante foi o documento intitulado “**Bases de Organização Espírita**”, elaborado pela diretoria da FEB e aprovado no *Congresso Espírita do Centenário de Allan Kardec* em 1904. Orientava as agremiações espíritas para introduzirem no programa de estudo da parte moral, o estudo do Evangelho. Adotando tanto *O Evangelho Segundo o Espiritismo* de Allan Kardec, quanto a obra *Os Quatro Evangelhos* de J.-B. Roustaing (Reformador, 1904, p. 339). Tal posicionamento deixava evidente a intenção de colocar lado a lado a obra de Roustaing com a de Allan Kardec (Garcia, 2020, p. 256).

Na esteira desses fatos, foi publicada em 1920 **uma nova edição de *Os Quatro Evangelhos***, traduzida por Guillon Ribeiro (1875-1943)¹⁵⁹, contendo um prefácio com parte do texto do opúsculo *Resposta aos críticos e adversários de Os Quatro Evangelhos de Roustaing* (ver Capítulo 1). Ao tempo em que defendia os postulados de Roustaing, tecia críticas a Kardec e ao seu *Método de Controle Universal do Ensino dos Espíritos*, que “carecia de exatidão” (Roustaing, 1920 [1866]; Silva, 1995).

A reação de parte do movimento espírita nacional adveio de alguns fatos históricos, como a proposta de realizar uma **Constituinte Espírita Nacional**, através de um Congresso Constituinte, com o propósito de estabelecer um sistema federativo que organizasse o Espiritismo no Brasil, com estrutura similar à da política administrativa do país, proposta encabeçada pelo movimento espírita paulista.

A situação evoluiu com a realização do Congresso Constituinte em 31 de março de 1926, sem a participação da FEB e de outras instituições coligadas. Na oportunidade, foi criada a **Liga Espírita do Brasil** como uma nova entidade federativa nacional. Depois, intentaram criar ligas regionais e estaduais pelo país. De acordo com Pedro Amorim (2017), a Liga editou a *Revista Espírita do Brasil* (REB) como seu órgão oficial de comunicação.

A Liga durou cerca de vinte e três anos e apresentava-se como opção de federalização do movimento espírita nacional, em paralelo ao apresentado pela FEB (Amorim, 2017, p. 125).

¹⁵⁹Luis Olímpio Guillon Ribeiro nasceu no Maranhão em 1875 e faleceu no Rio de Janeiro em 1943. Concluiu o curso de engenharia civil, mas foi no Senado Federal onde fez carreira administrativa, ocupando o cargo de Diretor Geral da Secretaria. Presidiu a FEB em dois períodos: 1920-1921 e 1930-1943. Diretor e articulista do *Reformador*, foi tradutor de diversas obras espíritas e correlatas, principalmente os livros fundamentais da Doutrina Espírita (Wantuil, 1990).

Segundo Mauro Quintella, esse fato obteve crítica do jornalista Luciano dos Anjos, denominando os membros da Liga de “aventureiros históricos”¹⁶⁰ e que a Liga foi fundada para “usurpar da Federação Espírita Brasileira o seu papel de fulcro do movimento e [...] **combater Roustaing e a sua obra**” (Dos Anjos *apud* Quintella, 2010, p. 16, grifo nosso).

Corroborando com essa questão Marcelo Gil, ao destacar que, em toda a década de 1920, os líderes da FEB utilizavam o *Reformador* para defender as teses de Roustaing e o sentido religioso do Espiritismo. Mas, segundo esses líderes: “na FEB não haveria kardecistas e nem kardecistas e sim, simplesmente, espíritas” (Gil, 2014, p. 466).

Foi nesse contexto histórico de disputas doutrinárias entre líderes, que dificultavam a tão pretendida união dos espíritas sob a tutela dos “Espíritos guias”, que surgiu em 1938 a obra “*Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*”, de autoria de “Humberto de Campos” [Espírito], psicografada por Chico Xavier¹⁶¹. Tais textos legitimam a FEB como instituição representativa do Espiritismo sob a sanção do “mundo maior”. Seguindo uma “linha histórica evolutiva” da implantação do Evangelho no planeta, segundo releituras depreendidas desse livro. Também serve de fator de convencimento aos dirigentes da FEB sobre a direção adotada na divulgação do Espiritismo no Brasil. No entanto, há críticas quanto à veracidade editorial do livro (Gil, 2014, p. 480-485).

Depreende-se desses textos que havia uma polarização entre a Liga e a FEB, como redutos institucionalizados das disputas doutrinárias entre os *kardecistas* e *roustainguistas*. Basicamente se resumia a três questões coligidas por Romeu do Amaral Camargo, espírita pró-FEB, em artigos publicados no *Reformador*: a) a questão ao direito e ao exercício da prece; b) a questão do caráter “religioso” da Doutrina Espírita e c) a questão da materialidade ou imaterialidade do corpo do “Filho de Deus” (*Reformador*, 1943, p. 17).

E, nesse rol, destaca-se a **Confederação Espírita Pan-americana (CEPA)**. Como visto, foi criada em 1946 na Argentina, sendo voltada à atuação no continente latino-americano. A Liga e a CEPA reforçavam críticas ao sistema federativo *febiano* e às teses de Roustaing. Em contrapartida, a FEB, através de seu órgão *Reformador*, noticiava durante a década de 1940 editoriais e artigos em defesa de Roustaing. Confrontava suas teses com as de Kardec para demonstrar que as contradições levantadas eram apenas aparentes (Gil, 2014, p. 483-484).

Surge, contudo, um novo fato histórico no Campo Espírita Brasileiro, denominado de **Pacto Áureo**. Nos idos de 1949, a CEPA, em parceria com a Liga, promoveu a realização do *2º Congresso Espírita Pan-Americano*. A FEB não participou devido ao teor, meramente, laico

¹⁶⁰Ver *Reformador* (1973).

¹⁶¹Sua “produção mediúnica” psicográfica iniciou a partir de 1927.

da programação do evento, com o qual não concordava (Gil, 2014, p. 489).

No entanto, líderes espíritas, como Lins de Vasconcelos¹⁶² (1891-1952) e Leopoldo Machado (1891-1957)¹⁶³, entre outros, intentaram convencer a FEB a participar do evento. Então, foram recebidos por Wantuil de Freitas, presidente da FEB. E, na reunião, após exporem seus argumentos, receberam um documento com uma proposta de acordo. Nela, constava a criação do *Conselho Federativo Nacional* (CFN), a ser composto por representantes das federativas estaduais que aderissem à proposta.

O documento foi assinado “*ad referendum*” pelos presentes, porque não constava qualquer referência direta à Roustaing e nem a sua obra. Pelo contrário, enfatizava a referência em *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, que são obras aceitas sem contestação por todos os grupos. Na prática, a FEB com esse acordo esvaziou qualquer alternativa concorrente de federalização nacional.

O fato foi repercutido durante o 2º Congresso. Muitos líderes reagiram desfavoravelmente porque não houve discussão prévia no movimento espírita dos termos propostos pela FEB. O documento, por si, instituiu a FEB como a única representante federativa nacional e definiu como objetivo primeiro: “Cabe aos espíritas do Brasil porem em prática a exposição contida no Livro ‘Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho’, de maneira a acelerar a marcha evolutiva do espiritismo” (Reformador, 1949b, p. 5).

Portanto, indiretamente, acolhia e consolidava a missão evangélica do Brasil, tendo o “Anjo Ismael” como seu “guia espiritual” e a FEB a executora terrena do “plano divino”. E, por extensão, de Roustaing, mencionado na obra como “auxiliar de Kardec” na organização do “trabalho da fé” (Garcia, 2020, p. 287-289).

Assim, conclui-se essa fase com a estratégia de posicionamento da *Federação Espírita Brasileira* em ser a entidade representativa do movimento espírita nacional: “sob mandato divino e de Jesus”. O que incrementou seu estoque de *capital simbólico* na legitimação da sua liderança no processo de unificação do Espiritismo através dos Evangelhos e das obras de Kardec. À feição de uma **Religião Cristã**.

O acordo foi assinado em 5 de outubro de 1949 e também recebeu a sanção dos

¹⁶²Artur Lins de Vasconcelos Lopes nasceu em 1891, na Paraíba, e faleceu em 1952 em São Paulo. Foi engenheiro agrônomo e depois industrial. Foi presidente da *Federação Espírita do Paraná* e fundou instituições de caráter social. Teve importante participação no Pacto Áureo (Wantuil, 1990).

¹⁶³Leopoldo Machado de Souza Barbosa, nasceu na Bahia em 1891 e faleceu em 1957 em Nova Iguaçu (RJ). Autodidata, atuou como jornalista, escritor, poeta, teatrólogo, polemista, contista e professor (história, Geografia, Língua Portuguesa e Latim). Destacou-se como orador, conferencista espírita e empresário no ramo de educação. Participante da *Liga Espírita do Brasil*, foi considerado o patrono do movimento juvenil espírita, do teatro espírita e organizador da Caravana da Fraternidade, importante na consolidação do Pacto Áureo (Amorim, 2017).

“Espíritos guias” através de várias “comunicações mediúnicas”, como era de se esperar devido ao *ethos* espírita do relacionamento plano físico e “espiritual”. O *Conselho Federativo Nacional* (CFN) foi instalado no dia 1º de janeiro de 1950. Logo, foi iniciada uma ampla campanha de adesão das federativas estaduais, capitaneada por Leopoldo Machado, a *Campanha da Fraternidade*, nome sugerido por “Bezerra de Menezes” [Espírito]. Com o Pacto Áureo, a Liga e outras instituições se transformaram em entidades federativas de âmbito estadual (Gil, 2014, p. 488-492).

Alguns líderes espíritas, com volume de *capital simbólico* no Campo Espírita Brasileiro, como o professor Herculano Pires, Deolindo Amorim e Júlio Abreu Filho se colocaram contra o acordo. Consideraram que os espíritas signatários, o assinaram ou por boa vontade ou por ingenuidade frente às intenções hegemônicas da FEB (Santos, 2010, p. 525).

O filósofo Herculano Pires evidenciou que o movimento espírita estava dividido “em áreas kardecistas e áreas roustainguistas”. E que o grupo *roustainguistas*, estabelecido na FEB, sustentava a tese de que a obra de Roustaing era o “complemento necessário” da obra kardeciana. Por isso, no seu entendimento, o designativo “Revelação da Revelação” era em alusão de ser a revelação da revelação espírita de Kardec.

A partir daí, ele expôs a distribuição espacial dessa segmentação no território pátrio: os *roustainguistas* estavam com “mais vigor” nas regiões Norte e Centro-Oeste, enquanto os *kardecistas* concentravam seus esforços no Estado de São Paulo e toda a região Sul e Sudeste, com exceção do Estado do Rio Grande do Sul. Contudo, compensado com o Estado do Rio de Janeiro, adeso ao *kardecismo* (Pires, 1973, p. 11-12).

E continuou sua análise, observando que, no período pós-assinatura do Pacto Áureo, a divergência foi arrefecida, fazendo “cair uma cortina de silêncio” sobre a questão. Silêncio esse interrompido entre 1971 e 1972 com uma campanha empreendida pela FEB para reavivar Roustaing através de artigos publicados no *Reformador*, combinada com lançamento de nova edição de *Os Quatros Evangelhos* (a quinta edição de 1971)¹⁶⁴.

Isso fez despertar a atenção de alguns grupos de novas gerações de espíritas para a “novidade”, devido ao distanciamento dos fatos de décadas passadas. Foi o estopim para que os intelectuais se posicionassem no Campo Espírita Brasileiro, voltando aos seus discursos sobre a temática. Tais posturas derivaram em uma série de consequências para se estabelecer a visão de “**pureza doutrinária**” (Pires; Pires, 1973, p. 12).

¹⁶⁴A quarta edição de *Os Quatro Evangelhos* foi lançada pela FEB, em 1954.

Uma explicação plausível para essa mudança na década de 1970, que provocou uma crise no movimento espírita pós-Pacto Áureo de 1949, foi a coincidência com o mandato de Armando de Oliveira de Assis na presidência da FEB (1970-1975) e do seu principal assessor, o jornalista Luciano dos Anjos. Estes, segundo alguns, era quem de fato dirigia a FEB, pois o presidente, como especialista em Previdência Social, estava envolvido com o sistema previdenciário público do país.

Durante esse período, Luciano dos Anjos suscitou várias tensões e polêmicas, quando passou a publicar, no *Reformador*, artigos divulgando as teses de Roustaing e outros com críticas ao movimento espírita nacional, que ele denominou de atalhos, reavivando discussões (Dos Anjos, 1993).

Esses artigos foram depois colecionados e, com acréscimo de textos, publicados no livro *O Atalho: análise crítica do movimento espírita* (1993), em conjunto com sua defesa da obra *roustainguista*. Fato que produziu grave crise no campo espírita, com consideráveis consequências por contrariar setores importantes do movimento, provocando o afastamento de intelectuais e de instituições espíritas. Inclusive com questionamentos por parte de algumas federativas estaduais ao *Conselho Federativo Nacional* da FEB, sobre a plataforma doutrinária e administrativa da gestão de Armando Assis, que o apoiava nessas contendas (Gil, 2014, p. 503).

A crise se estabeleceu no interior da FEB, culminando com a saída de Luciano dos Anjos. Muito embora algumas dessas críticas fossem reconhecidamente cabíveis, como as relacionadas aos livros meramente comerciais, à prática de rituais, ao sacerdotalismo e símbolo, à burocratização do movimento espírita, à idolatria de médiuns famosos, ao assistencialismo social acima dos estudos doutrinários e ao receio do debate crítico doutrinário¹⁶⁵.

De fato, ao verificar os artigos publicados no *Reformador*, no período de janeiro de 1970 a dezembro de 1975, constata-se, ao menos, quarenta artigos na defesa das teses de Roustaing, ou citação da obra *Os Quatro Evangelhos*. Dos quais, a terça parte são da lavra de Luciano dos Anjos. Mas, ao expandir a pesquisa para o período de 1949 a 1969, foram encontrados vários artigos relativos a Roustaing. Comprovação de que o silêncio não foi tão absoluto.

Diante disso, o professor Herculano Pires e outros intelectuais produziram textos com críticas ao *roustainguismo*, a exemplo do livro **O Verbo e a Carne** (1973), em coautoria com Júlio Abreu Filho (cada qual escreveu uma parte). No texto que coube ao professor Herculano Pires, há duras afirmações contrárias à obra de Roustaing, abaixo destacadas:

¹⁶⁵Maiores detalhes em Marcelo Gil (2014).

Roustaing é o anti-Kardec. Se Kardec é o bom senso, Roustaing é a falta de senso (Pires, 1973, p. 30).

Os Quatro Evangelhos é o cavalo de Troia do Espiritismo (Pires, 1973, p. 51, grifo no original).

Kardec é a modéstia e a prudência. Roustaing é a pretensão e a precipitação. Kardec observa, estuda, pesa, analisa e entrega-se à profunda perquirição, a exaustiva experimentação. Roustaing se infama e se atira sofregamente ao trabalho [...]. Descobriu o maravilhoso e nele se perde enlevado (Pires, 1973, p. 52-53).

Enquanto em Kardec o estado de espírito era de observação, em Roustaing era de fascinação. Kardec ponderava, analisava, experimentava (Pires, 1973, p. 53).

Historicamente a razão de ser do Roustainguismo é apenas esta: a inquietação de um convalescente que se impressiona com a obra de Kardec e tem a pretensão de superá-la, esclarecendo pontos obscuros dos Evangelhos com a ajuda de Espíritos Superiores, através de comunicações por alguns médiuns seus conhecidos e conterrâneos [...] (Pires, 1973, p. 55, grifo no original).

O Roustainguismo, como já vimos, é um impulso de retrocesso, uma volta ao passado, é uma forma de saudosismo (Pires, 1973, p. 58).

É dever dos espíritas sinceros combates a mistificação roustainguista neste alvorecer da Era Espírita no Brasil. Ou arrancamos o joio da seara ou seremos coniventes na deturpação doutrinária que continua maliciosamente a ser feita (Pires, 1973, p. 60).

Do lado dos *roustainguistas*, Luciano dos Anjos defendeu a obra *Os Quatro Evangelhos* fazendo paralelismos com a Doutrina Espírita no livro **Para Entender Roustaing**¹⁶⁶ (2005),

Os quatro evangelhos explicam, em espírito e verdade, todos os eventos que marcaram a passagem pela terra de Jesus tangibilizado (Dos Anjos, 2005, p. 39).

É em *Os quatro evangelhos* que encontramos, como foi prometido, “o sentido exato” de todas as parábolas, que compuseram importante parte dos ensinamentos de Jesus (Dos Anjos, 2005, p. 40).

Supor que *Os quatro evangelhos* pudessem haver sofrido alguma influência negativa ao serem ditados é fechar os olhos para todas as suas 2.000 páginas (5ª edição da FEB) em que a pregação do bem e das mais altas virtudes morais são proclamadas (Dos Anjos, 2005, p. 52).

Não resta dúvida de que *O evangelho segundo o espiritismo* é tão importante quanto *Os quatro evangelhos*. Ambos se completam, sendo que o primeiro, de 1864, limitou-se a enfocar exclusivamente, conforme registrou Allan Kardec, os aspectos morais do cristianismo, naturalmente à luz dos ensinamentos espíritas. O segundo, de 1866, avançou por explicações de ampla ordem, analisando cada versículo do Evangelho e, também naturalmente, à luz do

¹⁶⁶Nas folhas finais do livro *Para Entender Roustaing* (2005, p. 213-217), encontra-se a Bibliografia Disponível, uma relação das obras que integram a defesa de Roustaing. Nota-se um interregno entre 1949 e 1981.

espiritismo [...] (Dos Anjos, 2005, p. 58).

Assim, compreende-se que Allan Kardec e Jean-Baptiste Roustaing foram dois missionários notáveis, que tiveram sua tarefa programada pelo Alto e reencarnaram praticamente juntos a fim de cumprirem seus papéis, sendo o Codificador, naturalmente, o mestre, e o outro, juntamente com Denis, Delanne e Flammarion, os seus colaboradores diretos (Dos Anjos, 2005, p. 58).

No bloco final deste capítulo constataremos como as revelações de Allan Kardec (*O livro dos espíritos*), de Jean-Baptiste Roustaing (*Os quatro evangelhos*) e de Pietro Ubaldi (*O sistema*) se ajustam e se completam. Cada qual anunciou o papel missionário do seguinte, ainda que sem citar nomes. Allan Kardec anunciou a vinda de Roustaing; Roustaing anunciou a vinda de Ubaldi (Dos Anjos, 2005, p. 99).

Em 1975, houve mudança na gestão da FEB. Assumiu a presidência Francisco Thiesen¹⁶⁷, que exerceu mandatos no período entre 1975 e 1990. Apesar de ser *roustainguista*, empreendeu ações no sentido de restabelecer os princípios do Pacto Áureo de 1949, tratando de atenuar as discussões. E, com espírito de conciliação, passou a concentrar esforços no caráter doutrinário do Espiritismo, com a implantação em âmbito nacional do *Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita* (ESDE)¹⁶⁸.

O ESDE considerado “um dos mais eficazes mecanismos de divulgação das representações construídas em torno da FEB sobre o espiritismo e o Movimento Espírita Brasileiro”, um suporte especial de apoio à unificação e à pacificação (Gil, 2014, p. 498).

Os textos do ESDE estavam centrados nas obras fundamentais da Doutrina Espírita e no *Tríplice Aspecto do Espiritismo*, o que proporciona à FEB acúmulo de *capital simbólico* legitimando-a no processo de unificação do movimento espírita nacional. E como fator êmico do Espiritismo, surgiram mensagens psicofônicas de apoio, como a de “Bezerra de Menezes” [Espírito] sobre o tema unificação do movimento espírita. Sua temática quando “encarnado” e continuada no “mundo espiritual” (Gil, 2014, p. 498).

Em 1978, Francisco Thiesen tratou, também, de resolver um problema da identificação da Umbanda com o Espiritismo provocado pelo *Conselho Federativo Nacional* da FEB em 1926. Essa tese teve apoio da Diretoria em 1953, contrariando, depois, as novas disposições do *Conselho Federativo* também de 1953. Ambas publicadas no *Reformador*; a do *Conselho* em junho e a da Diretoria em julho. No texto, há a seguinte frase: “Assim, **todo umbandista é**

¹⁶⁷Francisco Thiesen nasceu em 28 de março de 1927 no Rio Grande do Sul e faleceu em 6 de agosto de 1990, no Rio de Janeiro. Líder espírita, com atuação na *Federação Espírita do Rio Grande do Sul*, no *Conselho Federativo Nacional* (CFN) e na FEB como presidente de 1975 a 1990. Foi escritor, expositor e pesquisador. Sua obra bibliográfica de Allan Kardec, em coautoria com Zêus Wantuil, ainda é referência no movimento espírita. Informações extraídas do sítio de biografias da FE. (Federação Espírita Brasileira, [20--]).

¹⁶⁸Sobre a importância do ESDE no movimento espírita, ver Marcelo Gil (2014).

espírita, porque aceita a manifestação dos “Espíritos”, mas nem todo espírita é umbandista, porque nem todo espírita aceita as práticas de Umbanda [...]” (Reformador, 1953, p. 149, grifo nosso)¹⁶⁹.

Contudo, a crise produziu rupturas não sanáveis com intelectuais de peso, como o professor Herculano Pires, Deolindo Amorim, Júlio Abreu Filho e Canuto Abreu¹⁷⁰. Esses apesar de considerarem o Espiritismo no seu tríplice aspecto ciência, filosofia e religião, rejeitavam as teses de Roustaing.

O agravamento da situação dentro do movimento fortaleceu o discurso de grupos contrários ao aspecto religioso. A despeito da CEPA e do Grupo de Santos, que desconsideraram o aspecto religioso, preferindo em seu lugar “consequência moral”. Esses grupos defendem a laicidade do Espiritismo, o caráter de livre pensar e a progressividade da Doutrina Espírita. Conseqüentemente, a necessidade de atualizá-la por meio de debates e congressos estruturados para tanto. Entre outras razões, criticam a FEB por conduzir a “dogmatização do espiritismo” e a conformá-lo como uma **Religião Cristã**. Mais uma vez reacendendo o dilema da modernidade entre fé e razão (Gil, 2014, p. 505).

De um lado e do outro, essas discussões terminaram por proporcionar ao movimento espírita, federalizado ou não, o envolvimento com estudos doutrinários das obras de Kardec. Sendo visível, nas últimas décadas do século XX, uma reaproximação da FEB com parte dos seus críticos.

A estratégia adotada era convidar intelectuais a publicar artigos no *Reformador* e manter participação da FEB em eventos e congressos de outras linhas interpretativas do Espiritismo. No corpo estratégico, estava ainda a implantação de programas de forte impacto doutrinário como a *Campanha Nacional de Evangelização Infante-Juvenil* (1978) e o *Manual de Orientação ao Centro Espírita* (1980). A FEB concedeu assento às instituições especializadas no *Conselho Federativo Nacional* e criou o *Conselho Espírita Internacional* (CEI).

Enfim, o movimento girou em torno das obras de Kardec, complementadas pelas “obras mediúnicas”, sobretudo as dos médiuns Chico Xavier e Divaldo Franco. Mas faltava um último detalhe, o Estatuto Social da FEB que mantinha referências à obra de Roustaing.

O jornalista Wilson Garcia (2020, p. 290-292) informa na sua análise das mudanças estatutárias da FEB, que, na reforma de 1954, a primeira depois do Pacto Áureo, foi constituído

¹⁶⁹Maiores detalhes em Gélío Lacerda da Silva (1995, p. 161-163) e em Pedro Paulo Amorim (2017, p. 42-44).

¹⁷⁰Há um artigo inédito de autoria de Canuto de Abreu datado de 1934, Espiritismo e as Religiões, no qual apresentou críticas sobre a obra de Roustaing e o envolvimento da FEB. Esse texto pertence ao acervo Canuto Abreu. Mais detalhes em Paulo H. Figueiredo (2019).

um fundo financeiro para aplicar, preferencialmente, na edição das obras de Kardec e de Roustaing. Por seu turno, a reforma de 1991 teve apenas pequenos retoques com atenuação da referência à obra de Roustaing. Mas foi na reforma de 2003 que se deu o fato mais destacado do período com relação à polêmica sobre Roustaing e sua obra.

Segundo depoimento de Antonio C. Perri de Carvalho¹⁷¹ para o jornal *O Consolador* em 2019 (Carvalho, 2019), Nestor Mazotti¹⁷², presidente da FEB de 2003 a 2013, ao assumir o mandato convocou uma Assembleia Geral para alterar o Estatuto da FEB. Justificou que seria para adequá-lo ao Novo Código Civil, Lei nº 10.406 de 10 de janeiro de 2002, para inserir a finalidade religiosa, como a maioria das instituições espíritas o fez. Porém, aproveitou para eliminar o parágrafo sobre o estudo das obras de J.-B. Roustaing, argumentando que esse dispositivo era motivo de divisão no movimento espírita.

A Assembleia chegou a ser instalada no dia 25 de outubro de 2003. Entretanto, para a surpresa de todos, chegou um oficial de justiça com uma liminar judicial que impedia a Assembleia de deliberar sobre a retirada do Parágrafo Único do art. 1º do Estatuto, o programa de estudos da obra de Roustaing. Era o efeito de uma ação judicial, Medida Cautelar Inominada, impetrada por Luciano dos Anjos para impedir a alteração estatutária por considerar o dispositivo do Estatuto “cláusula pétrea”. Essa ação sustou os efeitos da Assembleia de 2003 para o artigo em questão, permanecendo a redação original.

O imbróglio judicial perdurou por um período de onze anos, com muitas idas e vindas com recursos de parte a parte, provocando incertezas no movimento espírita nacional. A causa foi ganha pela FEB e o acórdão do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro transitou em julgado em 2013. Deu pleno poder para a FEB alterar qualquer artigo de seu Estatuto, respeitando o estabelecido no mesmo. O impetrante da ação, Luciano dos Anjos, não se pronunciou sobre o resultado. Todavia, a FEB, apenas efetivou a alteração na Assembleia Geral Extraordinária de 19 de agosto de 2019. Luciano dos Anjos não pôde acompanhar no plano terreno essa mudança, pois faleceu no dia 3 de maio de 2014.

No entanto, segundo Wilson Garcia (2020), a presença da referência a Roustaing permaneceu de forma indireta em outros dispositivos (art. 45 e 57). São alusivos a “*Bases da*

¹⁷¹Antonio Cesar Perri de Carvalho nasceu em 1948 na cidade de Araçatuba (SP). Formado em odontologia, doutor em Ciência pela USP, professor titular aposentado da UNESP, com passagem no Ministério da Educação. Exerceu a presidência da USE e depois da FEB de 2013 a 2015.

¹⁷²Nestor João Mazotti nasceu na cidade de Pindorama (SP) em 1937 e faleceu em 2014 na cidade de Brasília. Foi funcionário público fazendário. Exerceu a presidência da USE, a secretária geral do *Conselho Internacional do Espiritismo* (CEI) e a presidência da FEB de 2003 a 2013.

Organização Espírita”, aprovada em 1904, e ao livro tutelar “*Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*”.

Outro ponto de atenção é o art. 56, que cita apenas duas das cinco obras fundamentais de Allan Kardec, *O Livro dos Espíritos* e *Livro dos Médiuns*, como parâmetro de ação coercitiva do *Conselho Federativo Nacional* (CFN) frente a desvios doutrinários. Por serem obras que não sofrem contestações nas **diversas correntes interpretativas da doutrina espírita**. São legados de uma época de afirmação identitária no Campo Espírita Brasileiro.

Como consequência dessa disputa, surgiu o conceito de “**pureza doutrinária**”, separando o que é “verdade”, na interpretação dos fundamentos da Doutrina Espírita, do que não era, a “impureza”. No caso, as teses de Roustaing, bem como os problema suscitados nas práticas no movimento espírita, relacionados sob a denominação de “**atalhos**”.

3.3.3 *Análise bourdieusiana das disputas*

Diferente das controvérsias entre *científicos* e *místicos*, no início do movimento espírita nacional, na discussão entre os *kardecistas* e *roustainguistas*, a maioria dos agentes tinha uma nítida identidade de classe, de *capital simbólico* acumulado nas disputas no Campo Espírita Brasileiro. Reflexo do processo de diferenciação do Espiritismo no ambiente de luta interna entre os que tinham por base doutrinária exclusivamente as obras de Allan Kardec e os que a complementaram com a obra de Roustaing.

Não se observou nessas disputas doutrinárias a “fluidez de identidade” motivada pela conjuntura, como visto por Emerson Giumbelli (1997) na sua análise dos embates entre *científicos* e *místicos*. Isso porque as discussões entre *kardecistas* e *roustainguistas* estavam mais associadas ao interior do campo do que propriamente no espaço público.

Ao aplicar a teoria de Bourdieu (1998, 2022), foi identificado, nessa etapa discursiva do movimento espírita, um problema de constituição identitária dos indivíduos na ação dialética com as estruturas sociais, marcada pelas lutas de classe diante do espaço social real.

No caso, o Campo Espírita Brasileiro, onde os líderes espíritas com seus *habitus* plenamente situados empreenderam lutas simbólicas entre *classes* que se formaram e se estabeleceram nessas contendas. Eles provocaram um acúmulo de *capital simbólico* advindo do emprego de estratégias de *violência simbólica* com a exclusão de conceito considerados não doutrinários e de agentes que não participavam da mesma linha ideológica. E estabeleceram regras e normas (*doxa*) para ampliar o domínio no *campo*.

O habitus dos líderes selecionados:

José Herculano Pires – filósofo e educador, posicionou-se no Campo Espírita Brasileiro como um “**guardião da pureza doutrinária**” do Espiritismo. Foi uma liderança atuante ao lado dos *kardecistas*, denunciando as “deturpações doutrinárias”, principalmente, em relação às teses *roustainguistas*. Atuou mais no Subcampo Estudos. Sua extrema devoção à Doutrina Espírita, o fez produzir uma série de livros, artigos e textos em defesa da “fidelidade doutrinária”. Para aumentar seu capital cultural, graduou-se tardiamente em filosofia. Alguns de seus livros são considerados referência na literatura espírita (*O Espírito e o Tempo*). No Subcampo Mediúnico não tinha a mediunidade dita “ostensiva”, mas recebia mensagens de apoio dos “Espíritos” através de médiuns de sua relação de amizade, como Jorge Rizzini e Chico Xavier. No Subcampo Caritativo fundou várias sociedades filantrópicas e mantinha atividade caritativa onde tivesse oportunidade de realizá-la, para integrar as pessoas na sociedade. O epíteto de “*O Metro que melhor mediu Kardec*” representa bem o volume de *capital simbólico* acumulado.

Luciano dos Anjos – considerado um dos intelectuais de referência no movimento espírita brasileiro. Premiada autor de livros, articulista e polemista espírita, defensor veraz de Roustaing e de suas teses. Atuava no polo dos *roustainguista* no Campo Espírita Brasileiro. Também reconhecido pela sua combatividade às más práticas das instituições espíritas, que ele nominou de “**Atalho**”. De ação acentuada no Subcampo Estudos com a autoria de vários livros e artigos na defesa do aspecto religioso do Espiritismo e defensor intransigente da liberdade de pensar. No Subcampo Mediúnico, participou como objeto de pesquisa de regressão de memória para identificar vidas passadas com Hermínio Miranda. Não há informações de sua ação no Subcampo Caritativo.

O campo de disputas doutrinárias

No século XX, apresentou uma nova configuração em relação ao anterior. O Espiritismo se expandiu e se consolidou na sociedade brasileira na feição de uma Religião Cristã, dissociando-se das demais com “práticas mediúnicas”. Isso ajudou a superar as tensões no espaço público. As lutas internas oscilaram entre períodos mais intensos e outros amenos. Estabilizado no final do século XX, quando as instituições espíritas proliferaram pelo país. Em todos os subcampos houve intensa atividade:

Subcampo Estudos – representado pela produção de inúmeras obras espíritas, que encheram as livrarias das instituições e as comerciais país a fora, que ávidas absorviam livros e mensagens espíritas de “origem mediúnica”. Mais uma demonstração da intensa

“integração entre os planos existenciais” – o *ethos* espírita por excelência. A polarização entre *kardecistas* e *roustainguistas* causou fissuras no movimento. Todavia, favoreceu esse subcampo com a centralidade nos estudos das obras fundamentais da Doutrina Espírita, com programas definidos e difundidos por campanhas bem-sucedidas da FEB, em fins do século XX;

Subcampo Mediúnico – com destaque para a mudança de eixo na ação da mediunidade, de *receitista* para a *psicográfica*, exemplificada em Chico Xavier, a *psicofônica* com Divaldo Franco, a *psicopictografia*¹⁷³ com Luiz Gasparetto e de *cura* com José Arigó. Um inchaço nas “provas da existência dos Espíritos”, influenciando os profíctes e a sociedade brasileira em geral, com expansão para países do ocidente;

Subcampo Caritativo – tão ativo quanto os demais. O Espiritismo foi notabilizado pela criação de extensa rede humanitária de apoio às populações com carência socioeconômica. Foi reconhecido pela sociedade e por órgãos governamentais como de utilidade pública social.

Neste século, o campo estava polarizado, pelo menos, entre três sociedades espíritas:

A Federação Espírita Brasileira – no período reconfigurada para funcionar como federativa, angariando sociedades espíritas como sócias e adesas ao movimento federativo capitaneado por ela, estabeleceu-se como a entidade de maior *capital simbólico* no movimento espírita brasileiro. Também assumiu, claramente, a função de difusão do *roustainguismo* e do caráter religioso do Espiritismo. Sob a tutela do livro “*Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*”, porém sob forte contestação de intelectuais;

A Liga Espírita do Brasil – surgiu no início do século e tinha como objetivo federalizar o movimento espírita. Diante disso, a FEB se mobilizou para frear essa pretensão porque levaria a perda de seu *capital simbólico*, conquistado em lutas anteriores. De fato, o período de coexistência com a Liga durou em torno de vinte e três anos, sendo extinta com a implementação do Pacto Áureo (1949);

A Confederação Espírita Pan-Americana – que tinha funcionalidade diferente das anteriores. A almejava ser uma instituição federativa internacional, reduto dos livres-pensadores e divulgadora do Espiritismo laico, com a exclusão de qualquer

¹⁷³É a manifestação de um “Espírito” através de um médium, para transmitir uma mensagem visual por desenhos ou pinturas.

manifestação religiosa ou esotérica. É a instituição mais *antirroustainguista* no Brasil e subsiste até hoje defendendo esse objetivo.

O capital simbólico dos espíritas

Também relevante na disputa entre *kardecistas* e *roustainguistas*. Seus líderes se posicionaram no *campo* e se capacitaram, culturalmente, para produzir *bens simbólicos*. Utilizados nos embates doutrinários, acumulando volumes acentuados de Capital Intelecto-Doutrinário. Tão bem manejados quanto o Capital Carismático-Mediúnico, de importante característica nessa fase, com o surgimento de médiuns e de “guias espirituais”. Orientavam através dos médiuns, as estratégias do movimento espírita e tomavam partido nas instituições.

Um espaço comum e neutro, ou bem próximo disso, foi o desenvolvimento de atividades caritativas, institucionalizadas ou não, que incrementou o acúmulo de Capital Caritativo-institucional. Essas atividades foram incentivadas, especialmente, pelo binômio “*guia espiritual-médiun*”, dadas as condições socioeconômicas do país.

Os bens simbólicos espíritas

Um verdadeiro mercado de *bens religiosos* se estabeleceu com o incremento considerável na oferta, surgida na esteira da superprodução de obras doutrinárias e “mensagens mediúnicas”. Como os “Romances Históricos”, de “Emmanuel”, a “Série Nosso Lar”, de “André Luiz” e a “Série Psicológica”, de “Joanna de Ângelis”. Outras como romances e crônicas, livros de autoajuda para o aqui e o além. Produzidos em escala e apresentados em eventos, encontros, simpósios e congressos – a “feira de produtos”.

Aqueceu a demanda de tal forma que extravasou o mercado espírita e atende a demanda de outros mercados literários no Brasil e no exterior. Muitas editoras proliferaram nesse contexto mercadológico. As instituições espíritas de portas abertas atendiam a demanda por palestras, tratamentos espirituais, atendimentos fraternos e, sobretudo, por oferta de produtos caritativos para a área da assistência social.

Por sua vez, internamente, entre embates e controvérsias, o Espiritismo foi institucionalizado, normatizado e homogeneizado como Religião Cristã, influenciado pela “produção mediúnica”, sem paralelo, e capitaneado pela *Federação Espírita Brasileira* com seu “mandato divino”.

Resumindo, foi um século de disputas, mas, também, de afirmações, realizações e de domínio num espaço bastante intelectualizado e letrado. E, em função disso, com muita

polêmica e conflitos. O potencial êmico do movimento espírita brasileiro – **uma religião cristã de letrados**, fator primordial na defesa desta tese.

3.3.4 Espaço público

Pode-se deduzir desse contexto que a discussão política partidária no Campo Espírita Brasileiro passou ao largo no século XIX quando as atenções e intencionalidades estavam envoltas na autoafirmação na sociedade brasileira, diferente do século seguinte, no qual a situação política do país teve desdobramentos no movimento espírita. Como exemplos disso: no período resoluto do Estado Novo (1937-1945); no período da Ditadura Militar¹⁷⁴ (1964-1982), entre resistências e alinhamentos a depender do antagonismo interno aos grupos religiosos de matriz cristã e na Redemocratização¹⁷⁵ (1985), marcada pela retomada da liberdade e do avanço dos pentecostais e neopentecostais no campo religioso e político brasileiro¹⁷⁶ (Silva, 2017).

Conforme observado pela socióloga Célia Arribas (2018, p. 1): “Os espíritas, como quaisquer agentes sociais, existem num meio social, são produtos de processos de socialização e reproduzem esses processos; [...] são consequentemente vulneráveis às pressões sociais”. Portanto, os espíritas não passaram incólumes às situações sociopolíticas.

No século XX, alguns influxos do progressismo no movimento espírita podem ser observados na atividade educativa da Doutrina Espírita. Esta visa à transformação moral dos indivíduos e com isso, reformará as estruturas sociais, como defendeu o professor Herculano Pires em 1946 (Neckel Miguel, 2012, p. 64-67).

Observam-se também posicionamentos mais à esquerda como o de Pedro de Camargo¹⁷⁷ (1878-1966) com os artigos “Socialismo Cristão” e “Comunismo Cristão”. Neles, defendeu a “equivalência do valor dos salários” e que a “terra não é propriedade privada, mas patrimônio da humanidade”. Outro mais assertivo foi o espírita Eusínio Lavigne¹⁷⁸ (1873-1973), membro do Partido Comunista e que insistia que “o marxismo é científico, e, como tal, deve ser aceito

¹⁷⁴A ditadura militar brasileira foi um regime autoritário instaurado em 1 de abril de 1964 com o golpe militar que derrubou o governo de João Goulart, e que durou até 15 de março de 1985, sob comando de sucessivos governos militares.

¹⁷⁵Processo da reabertura democrática pela qual o Brasil passou no final da década de 80, do século XX.

¹⁷⁶Maiores informações em Luís Gustavo Ferreira da Silva (2017).

¹⁷⁷Pedro de Camargo, mais conhecido pelo pseudônimo de Vinícius, nasceu em 1878 em Piracicaba (SP) e faleceu em 1966, na Cidade de São Paulo. Foi comerciante e assumiu a presidência da União Federativa Espírita Paulista, famoso como tribuno, na imprensa, no rádio e pelos seus livros. Colaborou na unificação do movimento espírita (Wantuil, 1990, p. 603-609).

¹⁷⁸Eusínio Lavigne (1873-1973), baiano de Ilhéus, foi espírita, político, jurista, jornalista, escritor e marxista.

pelo Espiritismo” (Neckel Miguel, 2012, p. 73).

Nos estudos acadêmicos, como os de Emerson Giumbelli (1997) e Sinuê Neckel Miguel (2012), aponta-se que, durante o Estado Novo, o movimento espírita, principalmente o federativo, empregou estratégia de acomodação à ordem vigente¹⁷⁹, perdendo sua neutralidade política, além de se distanciar das religiões de matriz afro-brasileira, a fim de evitar atritos com organismos estatais. A FEB orientava os espíritas a se absterem do envolvimento com a política, à exceção do “exercício do voto”¹⁸⁰ (Reformador, 1937, p. 356).

Entre os fatos políticos que tiveram repercussão no movimento espírita, destaca-se a mobilização do movimento na defesa do **ensino laico**. Em contraposição às pretensões da Igreja Católica de promover o ensino religioso no sistema educacional do país, com base em sua doutrina (Neckel Miguel, 2012, p. 21-22).

Importante foi o surgimento, por volta de 1969, do **Movimento Espírita Universitário**¹⁸¹ (MEU), em Campinas e na Cidade de São Paulo, em pleno regime militar. Fato analisado em detalhes por Sinuê Neckel Miguel (2012) e Pedro Paulo Amorim (2014). Organizado para denunciar as injustiças sociais, propondo como solução a implantação de um socialismo cristão, fundamentado na Doutrina Espírita.

Demonstravam que existe em potencial um “Espiritismo de esquerda”, de viés socialista e revolucionário, segundo interpretação doutrinária dos componentes desse movimento¹⁸². Defendiam uma “revolução não-violenta”, com os espíritas assumindo um papel protagonista na “promoção da revolução moral e material, individual e institucional” (Neckel Miguel, 2012, p. 63).

Intelectuais da época, como o professor Herculano Pires, Luciano dos Anjos e Ney Lobo, defenderam a incompatibilidade dos princípios espíritas com os ideais do Socialismo. E, de acordo com o professor Herculano Pires, os cristãos devem evitar orientações doutrinárias de direita ou de esquerda, mas mobilizar-se para colaborar por melhores condições sociais.

O movimento MEU não extrapolou o campo espírita, que o combateu internamente e o marginalizou em benefício de um Espiritismo religioso, apolítico e isento desse “marxismo

¹⁷⁹Acomodação garantida pela interpretação dos desígnios apresentados nas obras: *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho* (1938) de “Humberto de Campos” [Espírito] e *A Grande Síntese* (1937) de Pietro Ubaldi (Neckel Miguel, 2012, p. 20).

¹⁸⁰Detalhes em Sinuê Neckel Miguel (2012, p. 20-22).

¹⁸¹Surgido no mesmo contexto da Juventude Universitária Católica (JUC) (Neckel Miguel, 2012, p. 75).

¹⁸²Outros espíritas pensaram a relação entre Espiritismo e Socialismo: na França com Leon Deni, na América Latina, Manuel Porteiro, Humberto Mariotti e Cosme Mariño. E no Brasil Eusínio Lavigne, Souza Prado, Pedro de Camargo, Jacob Holzmann Netto e Herculano Pires. Mas, geralmente, na linha do Socialismo Utópico (Neckel Miguel, 2012, p. 62).

infiltrado”. Foi extinto seu intento político de defender um Espiritismo com bases socialistas em 1973 (Neckel Miguel, 2012, p. 82-88).

O professor Luiz Signates (2023) aponta que o pensador espírita Jaci Regis¹⁸³ (1932-2010) não aderiu ao processo de rejeição ao MEU. O espírita Jaci Regis estava vinculado ao *Centro Espírita Allan Kardec*, em Santos (SP). Tinha um perfil *progressista*, polêmico por natureza, politicamente da esquerda moderada, próxima ao socialismo democrático. Na interpretação dele, a “filosofia social espírita leva ao socialismo, mas com a condição inegociável da democracia”. Todavia, não concordava com a ditadura do proletariado (Signates, 2023, p. 136-137).

Jaci Regis criou em 1989 o *Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita* (SBPE) e desenvolveu um Novo Modelo Conceitual para o Espiritismo denominado de *Ciência da Alma*. Concentrou em torno de si um grupo de espíritas laicos e livres-pensadores denominado de **Grupo de Santos** (Os Espíritas [...], 2025), que compreende o Espiritismo como uma filosofia universalista e humanista, não dogmática. Abertos à ciência e às consequências éticas e sociais aproximou-se da CEPA. Culminou com a criação da **CEPABrasil**, cujos princípios pregam uma visão laica, livre-pensadora e progressista do Espiritismo (Reis, 2022).

Por fim, o período da **Redemocratização** – processo de restauração da democracia no Brasil após o fim do período da ditadura militar de 1964. O período em questão teve início no governo do general João Batista Figueiredo (1918-1999), com a anistia aos acusados por crimes políticos e eleições livres para a presidência do país em 1985. A promulgação da nova Constituição Federal do Brasil, em 1988, marcou a época da libertação da repressão da ditadura militar. A Redemocratização do Brasil trouxe, no seu bojo, uma participação ativa das religiões que passaram a ocupar espaço público.

Os cientistas sociais apontam para as décadas de 80 e 90 do século XX como o período de maior atuação, principalmente com a diversificação dos evangélicos e suas disputas com o predomínio católico. E os movimentos de matriz religiosa afro-brasileira, organizados contra o racismo religioso (Gomes, 2022, p. 6-7). O movimento espírita também se posicionou na esteira da Constituição Cidadã, em defesa da liberdade religiosa e pelo Estado laico e Democrático de Direito (Garcia, 2020; Scarpioni, 2022).

Todavia, essa tomada de ação política das religiões no Brasil, sobretudo na Assembleia

¹⁸³Jaci Regis, nasceu em Florianópolis (SC) em 1932. Faleceu em 2010. Trabalhou durante 30 anos, até se aposentar na Refinaria Presidente Bernardes - Petrobrás, chegando a cargos de chefia de departamento. Formou-se em Economia, Jornalismo e Psicologia. Freudiano assumido, foi psicólogo clínico e exerceu intensa atividade profissional na área. Considerado “o mais radical discípulo de Kardec”.

Constituinte, foi uma expansão dos limites do Campo Religioso, como previsto por Bourdieu no capítulo *A dissolução do religioso*, na obra *Coisas Ditas* (2004 [1987], p. 119-125).

Aplicado ao período da Redemocratização do Brasil, verifica-se um agravamento da reconfiguração no Campo Religioso Brasileiro, que avança sobre outros campos constituídos disputando o espaço do poder. A exemplo do político, esse “metacampo” de poder, o Estado, espaço social onde se desenvolvem as lutas entre campos (Montero, 2016, p. 134).

Conclui-se esse longo período preparatório do país para lidar com o regime democrático, depois de estar fechado em um processo coercitivo da liberdade de pensar, agir e de escolher livremente seus governantes. Exercício máximo da livre determinação de uma nação em base democrática.

Como esse processo se delineou nas décadas seguintes, nos seus vários círculos de alternância de poder e a repercussão no movimento espírita brasileiro com sua inserção na esfera política, é a problemática do próximo item.

3.4 *Progressistas e Conservadores: em discordâncias políticas*

A terceira e última controvérsia em análise é de origem no espaço público. Agora entre *progressistas e conservadores*. Ao contrário das anteriores, essa discordância está vinculada ao campo político, com todas as implicações derivadas desse espaço discursivo por excelência – a Política.

O antropólogo Emerson Giumbelli (2003b), ao abordar a relação entre religião e política, vislumbra que o Brasil passa por um momento de transformação no campo religioso, no início século XXI. Quando os estudos sociais e históricos passaram a acompanhar a dinâmica das “identidades religiosas em espaços como favelas e as incursões de agentes e elementos religiosos na mídia e na política partidária”.

Isso induz a utilizar uma abordagem alternativa para inclui o Estado nessa relação, mas como espaço público. O que leva a abandonar o pressuposto de que religião e política são campos excludentes entre si, passando a adotar a concepção de que esses domínios são formados, também, na própria interrelação.

Por conseguinte, essa constatação provoca uma reinterpretação dos papéis da religião e política na sociedade contemporânea. Isso, quando, em certos contextos identifica-se que a religião e política se constituem mutuamente, sem interposições e relevância de um para com o outro. Atuam como polaridades no espaço público diferenciado (Giumbelli, 2003b, p. 196-197).

O tema Espiritismo e Política sempre foi relegado nas discussões internas ao movimento

espírita, com raras exceções, muito menos em relação à pauta de partidos políticos considerados de esquerda. Em período recente, alguns pensadores e estudiosos debruçaram sobre política, cultura, questões sociais e o pensamento espírita, a exemplo de Célia Arribas (2018, 2020), Edlaine Gomes (2022), Júlia Miranda (2013), Luiz G. T. da Silva (2017), Luiz Signates (2019, 2023), Luiz Signates e João Damásio (2021), Marcelo Camurça (2021), Marcos Scarpioni (2022), Pedro Amorim (2014), Sinuê Neckel Miguel (2012, 2020) e Wilson Garcia (2020).

3.4.1 Contexto e problemática

Há discussões sobre o não envolvimento do movimento espírita com a política. Alguns atribuem essa característica desde a origem com Allan Kardec, que evitou assuntos políticos: nos textos de suas obras, na *Revista Espírita* e na SPEE. Um possível motivo, conforme explicado no Capítulo 1, foi o contexto político e social da França em meados do século XIX. Era desfavorável a temas correlacionados à política, religião e economia devido à censura imposta pelo Imperador Napoleão III, tanto que constava no art. 1º do Regimento da SPEE a interdição sobre esses assuntos (Kardec, 2009a [1862], p. 568).

Outra causa seria a visão centrada de Kardec na criação de uma ciência, a Espírita, que o levou a evitar assuntos controvertidos, que demandassem esforços desnecessários. Orientava o movimento espírita nascente a se afastar de assuntos políticos e de “questões irritantes”. É que não eram da competência do Espiritismo. Este deveria se ater às questões morais, inquestionáveis no seu entender. E mais, os adeptos deveriam procurar no Espiritismo os meios para a sua melhoria moral, o essencial. Porque: “Quando os homens forem melhores, as reformas sociais verdadeiramente úteis serão uma consequência natural” (*Revista Espírita*, 2004e [1862], p. 62).

Diante disso, é possível inferir que ele fechou a questão no desenvolvimento moral do indivíduo, em detrimento da participação coletiva nas disputas sociopolíticas. Em outras palavras, *primeiro trate-se de melhorar moralmente, que a renovação social virá por consequência*, eis o essencial no Espiritismo (*Revista Espírita*, 2004e [1862], p. 62).

Estudos mais atuais, como o de Luiz Signates (2023), apontam que há motivações mais importantes, além do fator político e científico para Kardec se manter distanciado. Por exemplo: “[...] a política, em sua época, não era ainda uma ciência”. Ele não alcançou o desenvolvimento e consolidação de disciplinas como a sociologia, a antropologia, a história e a política, que vieram no século XX. Assim, restando dialogar com as ciências naturais da época para as observações dos “fenômenos mediúnicos” e a filosofia para as questões morais (Signates, 2023,

p. 145-146).

O Espiritismo surgiu no contexto cultural da modernidade, sustentado na separação entre religião e política, base do Estado laico, pondo a religião na esfera particular do indivíduo. Essa separação, de modelo secularizado, guiou os dirigentes espíritas a se manterem distanciados da política, evitando “desfigurar o verdadeiro propósito” do Espiritismo. Há uma outra interpretação em que as religiões, por pertencerem ao domínio do sagrado, originárias de fonte divina ou espiritual, que por isso revelam a verdade perene, estão em oposição à política, adestra à vida profana, esfera do humano, da imperfeição material e fugaz (Neckel Miguel, 2020, p. 87-90).

Esse distanciamento da política tem dado justificativa à maioria dos espíritas de manter um pensamento conservador quanto aos valores e estruturas sociais. As desigualdades sociais são justificadas pelo nível evolutivo dos “Espíritos encarnados” num “mundo de provas e expiações”, como o planeta Terra, cabendo a ação caritativa do conjunto dos espíritas como medida de alívio das necessidades socioeconômicas da população carentes em situação conjuntural, enquanto a do planeta é estrutural.

O fato principal desta análise ocorreu no ano de 2018, quando o médium e orador espírita de referência internacional, Divaldo Pereira Franco, numa curta fala no 34º Congresso Estadual Espírita de Goiás, de 2018, respondeu a uma pergunta sobre a “*ideologia de gênero*”. Sua resposta foi percebida como alinhada ao posicionamento político da direita. Portanto *conservadora*.

A reação se fez de imediato com a circulação do *Manifesto dos Espíritas Progressistas* condenando a fala “política” do médium. Esta reação foi motivada pela situação política do país em plena campanha presidencial, polarizada entre duas correntes ideológico-partidárias. Uma *socialista progressista* e a outra *liberal conservadora*.

Foi a ignição de todo um processo discursivo que adentrou no movimento espírita brasileiro, refletindo com intensidade o que acontecia na sociedade. O grupo autodenominado *progressista* defende uma pauta política comum à esquerda socialista, ou algo próximo. E o outro polo, por discordar no todo ou em parte dessa pauta, é geralmente denominado de *conservador* com uma pauta liberal.

Divaldo Pereira Franco

Divaldo Pereira Franco, nasceu em Feira de Santana, na Bahia, em 5 de maio de 1927 e faleceu em Salvador a 13 de maio de 2025. Foi médium, professor, escritor, orador, filantropo e pacifista brasileiro, considerado um dos maiores divulgadores da doutrina espírita. Foi o

último dos filhos do casal Francisco Pereira Franco e Anna Alves Franco, uma prole de 13 crianças.

Sua “faculdade mediúnica” foi percebida desde cedo, aos quatro anos de idade, quando “viu” a avó materna, que falecera no parto da sua mãe. A sua descrição foi reconhecida por uma tia materna. A “visão de Espíritos” continuou por toda sua existência. Tomou contato com o Espiritismo após ser “curado” de paralisia das pernas, “provocada” pelo “Espírito” de seu irmão falecido, José. Em seguida passou a frequentar o *Centro Espírita Jesus de Nazaré*.

Divaldo Franco fez o curso para Professor Primário na *Escola Normal Rural de Feira de Santana* e recebeu o diploma em 1943. Passou a residir em Salvador em 1945, onde, após prestar concurso público, exerceu a função de escriturário no *Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado* (IPASE), vindo a se aposentar deste em 1980.

Em 1947, como proficiente do Espiritismo, fundou na cidade de Salvador o *Centro Espírita Caminho da Redenção* (CECR), em 7 de setembro de 1947. Em 1952 fundou a *Mansão do Caminho* em conjunto com Nilson de Souza Pereira (1924-2013)¹⁸⁴, importante instituição filantrópica de Salvador, que assiste a milhares de pessoas de baixo nível socioeconômico. Um complexo de 44 edificações, com creches, escolas de ensino fundamental e médio, dando apoio material, educacional e espiritual. Também tem atendimento de saúde integral, em unidade mista ambulatorial com várias especialidades e laboratório de análises clínicas.

Como anteriormente dito, ele adotou oficialmente mais de 600 crianças e foi autor de cerca de 250 obras espíritas, com todos os direitos autorais doados para instituições com fins filantrópicos (Divaldo Franco, 2025). O médium e pacifista Divaldo Pereira Franco foi atuante na oratória, proferiu “mais de 20 mil conferências e seminários em 71 países”, em todos os continentes. Participou, inclusive, do *Primeiro Encontro Mundial da Paz na sede da Organização das Nações Unidas* (ONU) em 2000. Suas conferências foram muito populares, atraía grande público e, segundo o médium Chico Xavier, Divaldo Franco: tem “uma estrela na boca”.

Divaldo Franco teve importante atuação na internacionalização do Espiritismo, influenciou na fundação de vários centros espíritas ao redor do mundo, reproduzindo o modelo brasileiro de funcionamento do Espiritismo. De acordo com Bernardo Lewgoy (2008, p. 88): “Divaldo Franco é o segundo homem em importância no espiritismo brasileiro, logo após o

¹⁸⁴Nilson de Souza Pereira nasceu em 1924 em Salvador e faleceu na mesma cidade em 2013. Foi bancário, telegrafista da Marinha e funcionário dos Correios e Telégrafos, onde se aposentou. Conhecido como Tio Nilson, administrava as obras que ajudou a fundar com Divaldo Franco. Recebeu o título de Embaixador da Paz no mundo pela *Ambassade Universelle pour la Paix*, em Genebra, na Suíça, em 30 de dezembro de 2005.

falecido Chico Xavier. Divaldo foi fundamental no proselitismo e constituição de redes espíritas no exterior entre brasileiros e estrangeiros”.

Sua “mentora espiritual” se apresentava como *Joanna de Ângelis*, de perfil “essencialmente feminina, transnacional e intercultural” e enfatizava a busca do “bem-estar, da autoestima e da felicidade como valores emergentes no espiritismo” (Lewgoy, 2008, p. 90-91).

Espíritas à Esquerda: os progressistas

Os grupos ligados à pauta política da esquerda se organizaram. De pensamento progressista tendem “à ruptura de padrões sociais tradicionais responsáveis pelas várias desigualdades”. Autodenominados de espíritas *progressistas*, são propensos a pensar a caridade como forma de se atingir “transformações estruturais”. Atuam no mundo social para “Construir uma sociedade mais justa que requer agir coletivamente no mundo, eliminando as desigualdades de toda ordem” (Arribas, 2020, p. 636).

Esse fato os aproximara do diálogo com a academia na área das Ciências Humanas e Sociais, voltadas às reflexões sobre “questões culturais, econômicas, sociais, institucionais e políticas”, que dividem os espíritas em *progressistas* e *conservadores* – como são tratados os demais espíritas que divergem, no todo ou em parte, das propostas dos *progressistas*. Para assuntos sobre os papéis de gênero, a homossexualidade, os direitos sexuais e reprodutivos e a descriminalização do aborto (Arribas, 2020, p. 632).

É ponto pacífico nas pesquisas, que o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, em 2016 e o *bolsonarismo* em seguida, foram os principais motivos para a maior parte da reação recente dos espíritas *progressistas*, repercutindo internamente no movimento espírita (Signates, 2019, p. 150).

O estudo de Sinuê Neckel Miguel (2012) aponta para uma “complexificação” do cenário político polarizado entre *conservadores* e *progressistas* no movimento espírita brasileiro. As divergências se evidenciam nas articulações dos coletivos de espíritas *progressistas* e da esquerda política no Brasil.

Os espíritas *progressistas* se articulam em redes sociais e em grupos não alinhados ao sistema federativo vinculado à FEB, em encontros presenciais ou em espaços virtuais, preferidos para a transmissão de seus ideais e ações políticas (Arribas, 2020, p. 635).

A exemplo de: a *Associação Espírita Internacional* (CEPA), o *Centro de Pesquisa e Documentação Espírita* (CPDoc), *Associação Brasileira de Pedagogia Espírita* (ABPE), o *Coletivo de Estudos Espiritismo e Justiça Social* (CEJUS), a *Associação Espírita de Pesquisas*

em *Ciências Humanas e Sociais* (AEPHUS), o *Espiritismo com Kardec* (ECK), os *Espíritas à Esquerda* (EaE), a *Ágora Espírita*, o *Puebla – Espiritismo para o povo* e o *Coletivo de Espíritas Antirracistas* (COESAR), entre outros (Neckel Miguel, 2020; Signates; Damásio, 2021)¹⁸⁵.

3.4.2 *Discordâncias no espaço público*

As discordâncias no ambiente político, que fluíram para o Campo Espírita Brasileiro, seriam *per se* um caso para análise do crescente ativismo religioso frente ao pacto político do Estado laico e da religião de natureza privativa do indivíduo. Esse avanço é conceituado como “religiões públicas” e desafia os limites impostos ao campo religioso.

Em artigo, Paula Montero procurou reposicionar a conceituação teórica de campo religioso de Bourdieu aplicado às injunções das religiões na política. Entende que essas não seriam um “extravasamento” de uma área sobre a outra “mas sim como diferentes formas de produção de públicos e de publicidade”, realizadas por *especialistas* religiosos que utilizam de variadas tecnologias para dar visibilidade aos seus produtos (*bens de salvação*) (Montero, 2016, p. 129-130).

No Brasil, houve casos episódicos no século XX, como o do *Movimento Espírita Universitário* (MEU). Conforme visto, defendia uma “agenda crítica e socialista no movimento espírita” e a formação de um “socialismo cristão” dentro do sistema federalizado da FEB. Isso ocorreu em momento histórico específico pelo qual passou o país com a ditadura militar (Neckel Miguel, 2012, p. 1-3).

Não se tem notícia de outra manifestação articulada entre o Espiritismo e o marxismo, com raras exceções, além dessa iniciativa *progressista* de politização do movimento espírita brasileiro, barrada pelo caráter dogmático dominante no movimento (Neckel Miguel, 2012, p. 131).

Com a redemocratização do país na década de 80, as disputas políticas atingiram o movimento espírita, dando nova configuração aos temas em debate e às divergências, tornando-a públicas as “suas convicções políticas religiosamente orientadas e suas crenças religiosas politicamente orientadas” (Arribas, 2020, p. 634).

As acirradas disputas de ideias e polêmicas políticas criaram polarização dita entre direita e esquerda ou *conservadores* e *progressistas*, extrapolando a tradicional marca divisória entre o Espiritismo e o debate político nas casas espíritas (Neckel Miguel, 2020, p. 2-5).

¹⁸⁵No trabalho de Signates e Damásio (2021), há uma cartografia dessas entidades e coletivos que constituem uma rede de apoio mútuo.

O clima de redescoberta da democracia que o país reviveu, após as primeiras eleições livres de 1989, conjuntamente, com a primeira experiência da aplicação do processo de *impeachment* da atual Constituição de 1988, que forçou a renúncia em 1992 do então Presidente Fernando Affonso Collor de Mello (1949-), logo evoluiu para embates político-partidários. Tais embates foram polarizados entre a esquerda arregimentada no Partido dos Trabalhadores (PT), partido de maior representatividade nesse espectro e, do outro lado, a centro-direita, com o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

Essas agremiações se debateram por quatro eleições consecutivas, em 2002, 2006, 2010 e 2016, com o PSDB perdendo todas para o PT, o que daria um total de dezesseis anos ininterruptos da hegemonia desse partido. Esse contínuo não deu em razão de um novo processo de *impeachment* que interrompeu o mandato em 2016 da presidente Dilma Vana Rousseff (1947-).

O segundo processo de *impeachment* estabeleceu no país, de forma acirrada, um “legado de polarização”, com consequências nas eleições seguintes. O Brasil tomou um rumo bipartite, na prática é o “eles contra nós”, provocando discussões extremadas que extravasam o ambiente político-partidário. Tal situação estabeleceu-se na sociedade como um todo, incluindo a esfera religiosa, que se posicionou ativamente com ação partidária explícita no estímulo a candidaturas alinhadas às suas disposições ideológicas de representação doutrinária.

Essa polarização se reflete nas diversas unidades federativas do país, municipais, estaduais e distrital, disputando seus eleitores por ideação religiosa. Nesse caso, em que estudos acadêmicos começam a se debruçar no entendimento desse fenômeno sociorreligioso no país. Tal configuração se reflete em acomodações e disputas por estabelecimento de seu *ethos*, de modo que “Os grupos religiosos, principais responsáveis por tais práticas, fazem exigências, ameaçam e montam verdadeiras estratégias de participação eleitoral” (Miranda, 2013, p. 70), promulgando leis, atos regimentais e deslocamento de verbas orçamentárias do Erário. Uma competição pelos bens materiais metamorfoseados em *bens espirituais*.

De acordo com Luís G. Teixeira da Silva (2017, p. 2), o avanço dos religiosos na política tem característica conservadora ao se envolverem em temas como “a descriminalização do aborto, casamento civil igualitário, eutanásia e outros que atingem valores religiosos e morais” no cenário político nacional.

Conforme observou Célia Arribas, nessa emergência política conservadora, o movimento espírita brasileiro, “que sempre primou pela discrição e apaziguamento das diferenças, evitando particularmente os embates políticos, não conseguiu escapar dessa tendência”. E, paulatinamente, os diálogos com a política foram intensificados e publicizados

(Arribas, 2020, p. 614).

Contudo, a situação política do período da Redemocratização se impôs e esse distanciamento foi encurtado com alguns episódios. A exemplo da campanha permanente “*Em Defesa da Vida*”, lançada pela FEB em setembro de 1993, acerca do aborto e de outros temas relevantes como a eutanásia, o suicídio, drogas e violência.

Outro fato foi a união dos espíritas com católicos e evangélicos para o lançamento do “*Movimento Nacional da Cidadania pela Vida – Brasil sem Aborto*”, em 08 de agosto de 2012. Com o respaldo da *Confederação Nacional dos Bispos Brasileiros* (CNBB), da *Frente de Deputados Evangélicos* e da *Federação Espírita Brasileira* (FEB), tinham como um dos objetivos o registro de candidatos do movimento “pró-vida” (Miranda, 2013, p. 71).

Esses assuntos, como ressalta Luiz Signates (2019, p. 146-147), fazem os espíritas se mobilizarem junto a grupos de pressão às esferas legislativas e judiciárias, embora de forma pontual e sem maiores ações políticas ou de mobilização social, atendo-se às de caráter doutrinário na defesa de princípios basilares do Espiritismo.

O sinal mais evidente da mudança discursiva no movimento espírita relativo à política foi, sem dúvida, a fala do médium e conferencista espírita Divaldo Pereira Franco, em fevereiro de 2018, registrada em vídeo e publicada na internet. Na ocasião ele participava do 34º *Congresso Espírita de Goiás* na cidade de Goiânia. E em resposta a uma pergunta sobre “ideologia de gênero”, classificando como uma “imoralidade ímpar”, uma “aberração”, imposta pelo “marxismo cultural” estabelecido em órgão governamental responsável pela educação. Quando questionado sobre a descriminalização do aborto, o considerou um “crime hediondo” em vias de legalização (Arribas, 2020, p. 615-616).

Segundo Célia Arribas (2020), tudo isso foi “um divisor de águas políticas falsamente pacíficas nas quais estava mergulhado o movimento espírita brasileiro”. Corroborando com esse entendimento, Marcelo Camurça (2021, p. 139) escreveu que as afirmações do maior líder espírita da atualidade “causaram um grande impacto no meio espírita e na sociedade, devido ao conteúdo conservador do seu argumento, marcado por uma extremada virulência”.

A reação não se fez por esperar, veio através das redes sociais com críticas ao posicionamento do médium Divaldo Franco. Com uma nota-manifesto dos espíritas *progressistas*, “Espíritas progressistas respondem à entrevista coletiva de Divaldo Franco e Haroldo Dutra no congresso de Goiás” (Espíritas Progressistas [...], 2018), assinada por 62 espíritas *progressistas*, de diversos estados do Brasil (Camurça, 2021, p. 140).

Principalmente, porque o Espiritismo não tem um porta voz que fale em nome da Doutrina, seja indivíduo ou instituições. Portanto, a fala de Divaldo Franco se circunscreve a uma opinião pessoal e não doutrinária.

Nesse mesmo formato, vários outros manifestos dos espíritas *progressistas* e livres-pensadores circularam pela internet, como: a Petição Pública Brasil – “Manifesto de espíritas progressistas por justiça, paz e democracia” (Manifesto [...], 2025), em 2018, contrário à eleição de Jair Messias Bolsonaro (1955-); da *Associação Brasileira de Pedagogia Espírita* (ABPE), lançado em 2019 – “Manifesto por um espiritismo kardecista livre”, assinado por mais de 780 espíritas de todo o Brasil (Manifesto [...], 2019); em 2020, o “Manifesto dos Espíritas Progressistas pela Abertura do Processo de Cassação da Chapa Bolsonaro-Mourão” (Manifesto [...], 2020), lançada como o lema “fora da justiça social, não há salvação”; em 2021, a “Nota dos espíritas progressistas ante a crise institucional brasileira” (Espíritas à Esquerda, 2025), assinada por 12 coletivos, associações e grupos; em 2024, o “Manifesto e Pedido de Perdão aos Povos Originários do Brasil e do Mundo” (Manifesto [...], 2024), do grupo “Espíritas à Esquerda”, assinado por sete coletivos e instituições.

Circulou também uma proposta do grupo “Espíritas à Esquerda” para organização de *Núcleos Espíritas Populares* (NEPs), para atuarem na periferia das cidades. Uma iniciativa de educação popular inspirada nas ideias do educador Paulo Freire¹⁸⁶ (1921-1997) e nas *Comunidades Eclesiais de Base* (CEBs)¹⁸⁷.

3.4.3 Análise das discordâncias

Observa-se que o *campo* dos espíritas *progressistas* e dos *conservadores* não é homogêneo. Existem diferenças que refletem “recortes políticos e identitários presentes no cenário nacional”, mas convergentes às suas pautas, propostas e reivindicações (Neckel Miguel, 2020, p. 101). O país continua polarizado e reagindo de parte a parte. Tudo isso reverbera na sociedade e, por conseguinte, no movimento espírita brasileiro, cada vez mais aproximando o campo político do movimento espírita.

Temas como “democracia, desigualdade social, racial, de gênero e de sexualidade, direito penal, Estado laico, tolerância religiosa, inclusão, diversidade e demais pautas ligadas

¹⁸⁶Paulo Reglus Neves Freire, nasceu no Recife em 1921 e faleceu em São Paulo em 1997, foi educador e filósofo brasileiro, criador da pedagogia crítica que lhe deu renome internacional.

¹⁸⁷Comunidades de atuação na periferia e em comunidades carentes, de maioria católica, incentivadas pela Teologia da Libertação, cresceram nos anos 70 e 80 no Brasil e na América Latina.

aos direitos humanos”, que outrora não faziam parte nas discussões no meio espírita, passaram a ser frequentes nos espaços virtuais (Arribas, 2020, p. 618).

Estudos sobre o impacto da pandemia da COVID-19 nas religiões ainda estão por finalizar. Mas é perceptível o que ocorreu ao movimento espírita com a abertura para o mundo virtual, quando as reuniões foram adaptadas às plataformas de encontros virtuais, com realização de vídeos, criando um *portfólio* de assuntos e temáticas. Deram alternativas a serem acessada pelos profítes, além das costumeiras palestras espíritas, retidas na ambiência física dos centros.

Essa mudança abriu amplo espaço discursivo para os espíritas *progressistas*, muitas vezes alijados do alcance da sua fala. Por esses motivos, o professor Luiz Signates constatou que: “há sinais de que a hegemonia do espiritismo tradicional esteja fazendo água”. E que a influência da FEB nos centros espíritas não seja tão forte como se pensava (Signates, 2023, p. 264-270).

As reivindicações nas primeiras décadas do século XXI dos espíritas *progressistas* priorizaram as questões relacionadas aos direitos humanos e à redução das desigualdades sociais. Contrapondo-se ao conservadorismo espírita hegemônico, para se libertar do “paradigma individualista e conservador”.

O professor Luiz Signates tem a expectativa de que as iniciativas dos coletivos progressistas e da esquerda espírita possam disputar pelo significado do Espiritismo. Isso desde que consigam formular uma teoria consistente, atingir uma capilaridade nas camadas mais baixas da sociedade e ter o apoio do “plano espiritual”.

Sugere duas ações preparatórias para o movimento: o “fomento à pesquisa social espírita e ao intercâmbio científico de alto nível com as ciências humanas e sociais”. A segunda ação é implantar uma “educação popular espiritual e a organização de comunidades de emancipação sócio-político-espiritual”.

Mormente essas constatações, verifica-se pelo indicativo do caminho exposto que o movimento dos espíritas *progressistas*, associado ao campo político do país, refaz as antigas estratégias da esquerda política. Tal caminho se constitui pela associação dos acadêmicos às lutas de bases da sociedade, podendo perder o “foco no espiritual”.

Por isso, o professor. Luiz Signates alertou que, ao revisitar as tematizações sociais e políticas através das mídias sociais, os espíritas *progressistas* têm refletido as pautas dos movimentos sociais “sem qualquer inferência espírita ou espiritual sobre esses assuntos”. Ou seja, um movimento à esquerda sem a espiritualidade. Esta é a essência do Espiritismo. Tal lacuna daria ensejo aos *conservadores* para se contraporem com o argumento de que é “um

movimento de espíritas sem espiritismo” (Signates, 2023, p. 275).

Esses designativos atribuídos a indivíduos ou grupos são refutados, por alguns, por não abrangerem a diversidade de perspectiva ou de interpretação da realidade no meio espírita. São estereótipos criados para legitimar posicionamentos político-partidários nas discussões internas ao movimento espírita e no espaço público. Não expressam o real sentido do Espiritismo.

As denominações *progressistas* e *conservadores* são representações de posicionamentos mais conjunturais do que a assunção de definições fixas. Foram utilizadas aqui, exclusivamente, como referencial analítico das linhas interpretativas dos pensamentos divergentes num país polarizado. E, em conformidade com a observação de Célia Arribas (2020), o termo classificatório de “conservadores” e “progressistas” é originário do “discurso êmico” e que a coleta desses discursos é condicionada “de ver neles não a explicação do comportamento, mas um aspecto do comportamento a ser explicado” (Arribas, 2020, p. 615).

Esse item é importante dada a natureza recente do assunto, com causas e motivações ainda em análise e na observação da profundidade das consequências. Há um certo risco nessa análise por não se ter um devido distanciamento dos fatos, que estão a ocorrer simultaneamente. Por isso, evitou-se fazer conclusões definitivas, apenas se limitando a indicar caminhos possíveis e pontos de reflexão. O processo está em desenvolvimento, podendo retroceder, e essas disputas se esvaziarem. Mas, as disposições das lideranças espíritas e a conjuntura política nacional, regional e mundial apontam para uma evolução das contendidas.

Como visto, as discordâncias entre os espíritas *progressistas* e *conservadores* se agravaram pela publicização de suas visões do mundo político. Entre as propostas da direita e da esquerda, constituídas em ambiente demasiadamente polarizado.

Diferentemente das duas outras disputas aqui analisadas, essa não foi caracterizada precipuamente por disputas internas ao campo de interpretações doutrinárias, mas no emprego de estratégia de correlação de forças mais condizente com o contexto sociopolítico do país. Este pauta as disputas internas ao Campo Espírita Brasileiro com assuntos, até então, relegados ao nível secundário em relação ao doutrinário da etapa anterior.

Aqui, o mais importante não é ser *científico* ou *místico*, ou ser *kardecista* ou *roustainguista*, mas afirmar-se na pauta à esquerda ou ao conservadorismo. Uma mudança axial nos embates espíritas. Porém, “a cada ação, há uma reação, em igual intensidade e no sentido oposto” (afirmativa da terceira lei de Newton). Espera-se que, no desenrolar dos acontecimentos, as consequências virão com mais intensidade entre o que é ser espírita: agente no social ou agente no espiritual.

Em suma, o século XXI se inicia com mudanças e adaptações do movimento espírita em um mundo virtual, veloz e de fácil assimilação. Por isso, superficial. A demanda da sociedade por mais igualdade, participação e inclusão vai pressionar os movimentos religiosos a se posicionarem, ainda mais, no campo político. Arena discursiva e resolutiva dos anseios sociais.

Os embates do ensino religioso nas escolas, nas praças, nos órgãos públicos e nos cenáculos do legislativo, judiciário e repartições do executivo, induzem a pensar que se entra numa fase de refluxo, sem a separação da esfera pública e privada como quer operar o Estado laico, na onda do Iluminismo. Aliado a isso, quando a Inteligência Artificial for seriamente adicionada nesse espaço, então, a verdade do virtual e a virtualidade da verdade habitarão o mesmo lugar.

O objetivo deste capítulo foi analisar as consequências das principais controvérsias do movimento espírita brasileiro, entre os “científicos” e “místicos”, os “kardecistas” e “roustainguistas”. Sob a perspectiva da Teoria de Campo Religioso de Bourdieu, que ainda continua válido na análise de conflitos, adaptado para aplicá-lo ao Campo Espírita Brasileiro e as do espaço público como os “progressistas” e “conservadores”, sendo identificados os argumentos que embasaram essas disputas.

Como era de se esperar, o *habitus* dos líderes espíritas (intelectuais, médiuns e líderes institucionais), em contendas doutrinárias situadas no campo espírita, construíram narrativas sobre a “melhor forma interpretativa” da Doutrina Espírita. Formaram linhas de interpretações ortodoxas e heterodoxas, a depender do momento discursivo.

Reveste essas disputas de simbolismo, identificado, apenas, em algumas culturas originárias, onde *os deuses* – os imortais, intervêm nas disputas dos *mortais*, com uma diferença importante, agora, todos são imortais, em tese. Os “Espíritos encarnados” e os “desencarnados” disputam em planos existenciais diversos, no *aqui* e no *além*. Ainda que, no *além*, os “Espíritos” convirjam para uma ação conceitual menos conflitiva, devido à *tomada de consciência pós-morte*, aforismo criado pelo filósofo espírita Herculano Pires.

Na análise dessas contendas, foi verificado o contexto e as problemáticas na constituição dos discursos das partes envolvidas na defesa de suas posições no Campo Espírita Brasileiro. Com a construção e sedimentação de narrativas sobre o melhor entendimento do que é o Espiritismo. O resultado foi a identificação dos fatores constitutivos do processo de transformação do Espiritismo no Brasil em **Religião Cristã**.

No próximo capítulo, será abordada a última etapa da pesquisa sobre o Espiritismo na França e no Brasil: a verificação do processo de configuração do Espiritismo em Religião do

Livro. Para atingir a finalidade pretendida, serão observadas as narrativas construídas em ajustes conceituais do Espiritismo, em ser uma ciência religiosa ou uma religião científica. O objetivo é explicar racionalmente os Evangelhos, constituindo um problema hermenêutico da *exegese espírita*, resultando na formação de um Cânone espírita.

4 ESPIRITISMO: como religião do livro

Segundo se depreende da teoria de José Severino Croatto (2001, 2002) e de Aldo Natale Terrin (2003), a Religião do Livro não é um mero reducionismo textual, é um sistema articulado composto por quatro fatores: o Livro fundador – sacralizado no Cânone, a Religião de referência – conformadora dos sentidos e a Comunidade – de profitentes e seguidores vinculados a esta mundividência. A base da articulação desse sistema está na formação e no estabelecimento de uma cosmovisão sob a qual indivíduos conformam suas práticas coletivas e, através destas, retroalimentam o sistema com novas visões em disputas no campo social.

Na teoria de Bourdieu, esta cosmovisão formadora de *habitus* induz nos agentes disposições interiores conformadas e reconformadas. Estão apresentadas nas disputas no *campo*, onde estes agentes acumulam *capital simbólico*, provocando uma distribuição desigual no *campo*. Este capital é utilizado na produção de *bens simbólicos* que são ofertados à demanda dos integrantes desse jogo de regras tácitas, as *doxas* e, no caso religioso, na ambiência do Sagrado.

Dentre os acadêmicos e escritores consultados Araujo (2016), Arribas (2010), Camurça (2022), Lewgoy (2000) e Mello (2021) são os que mais se aproximam da temática Espiritismo e Religião do Livro. O texto mais exemplificativo dessa questão está em Camurça (2022, p. 90): “*Portanto, pode-se dizer que, dando seguimento às religiões monoteístas do Livro (Talmud, Bíblia, Corão), o Espiritismo constitui-se também como uma religião moderna do(s) Livros(s)*”.

De acordo com os capítulos anteriores é possível identificar os elementos acima citados, tanto no Espiritismo na França como no ambientado no Brasil. Será demonstrado como esses fatores se articulam para formar um sistema com características de **Religião do Livro**, fazendo um paralelismo entre França e Brasil.

Para tanto, tomou-se como base analítica o Plano proposto pelo “Espírito de Verdade” para as obras da Doutrina Espírita. Pois, Kardec o considerava “coordenador no plano espiritual” desse empreendimento doutrinário – um reforço do *ethos* espírita da ação dos “Espíritos” na inter-relação com o “plano terreno”.

O Plano Proposto pelo “Espírito de Verdade” em 1865

No início do ano de 1865, três dos cinco livros fundamentais da Doutrina Espírita tinham sido publicados – *O Livro dos Espíritos (1857)*, *O Livro dos Médiuns (1861)* e *O Evangelho*

Segundo o Espiritismo (1864). E o quarto estava em vias de ser lançado – *O Céu e O Inferno (1865)* quando Kardec tomou conhecimento do plano concebido pelo “Espírito de Verdade”.

A proposta se encontra no manuscrito Documento #217, do acervo do Projeto Allan Kardec (2022 [1865]). Contém a “revelação” de um Plano com uma série de nove trabalhos doutrinários, segmentado em duas partes constituintes da Doutrina Espírita: a *Parte Científica* e a *Parte da Aplicação da Doutrina*.

O esquema proposto consta do diálogo de Kardec com o “Espírito de Verdade”, em 5 de março de 1865, iniciada com a discussão sobre a mudança do título da obra *Imitação do Evangelho Segundo o Espiritismo*, modificado posteriormente para *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Segue a resposta do “Espírito”:

É preciso alterar o título da sua última obra.

Eu: Eis [ileg.] categórico. Ao intitulá-la, por exemplo: A moral do Evangelho segundo o Espiritismo, ela se enquadrará melhor com o que está por vir e que terá como título: Os milagres e as predições do Evangelho segundo o Espiritismo; será mais bem compreendido em sequência. A série de trabalhos doutrinários também será composta do seguinte modo:

Para a parte científica: O Livro dos Espíritos, o Livro dos Médiuns, o Livro dos Magnetizadores.

Para a aplicação da doutrina: A <gênese> segundo o Espiritismo, a moral do Evangelho segundo o Espiritismo; os milagres do Evangelho segundo o Espiritismo, o céu e o inferno segundo o Espiritismo, a religião segundo o Espiritismo, o estado social {e o reinado de Deus} segundo o Espiritismo (Kardec, 2022 [1865]. Documento #217).

Desse modo, o Capítulo 4 está estruturado em: 1º. A análise dos **Estudos Doutrinários** nos livros ou a Parte Científica; 2º. A análise dos **Estudos Aplicados** ou a Parte Aplicada da Doutrina, que confirma a centralidade dos Evangelhos no Espiritismo; 3º. A conformação das obras espíritas como Cânone e 4º. As consequências desses estudos na formação de uma Religião Letrada na França e a articulação dos “Espíritos” na formação de uma Religião Cristã no Brasil, conforme demonstrado nos itens seguintes.

4.1 Estudos doutrinários: a centralidade no livro

4.1.1 *A Escrita e o Livro fundador do Espiritismo*¹⁸⁸

A Escrita na modernidade

O início da Historiografia no ocidente ocorreu na Grécia quando Heródoto (485 a.C.-425 a.C.) escreveu suas Histórias, no século V a.C. Segundo o mitólogo Mircea Eliade (2016, p. 119), com isso, foi inaugurada a jornada da História, segregada da pré-história por transpor à escrita aquilo que se detinha na memória por via da oralidade. A Escrita foi uma revolução irreversível: “É a vitória do livro sobre a tradição oral” (Eliade, 2016, p. 137).

Como consequência, apenas os documentos arqueológicos e os textos escritos fariam parte da história cultural. Para atrair o interesse das pessoas na modernidade, a herança *oral* deveria ser apresentada sob a forma de *livro* (Eliade, 2016, p. 140). E aduz-se: o livro é o *fiat lux* da civilização moderna, do ponto de vista do fato histórico-cultural.

Sócrates e o Mito da Escrita

Por outro ângulo, há o interessante *Mito da Escrita* atribuído à Sócrates (469 a.C.-399 a.C.), escrito na obra *Fedro* (370 a.C.) de autoria de Platão (428/427 a.C.-348/347 a.C.) e descreve um diálogo entre Sócrates e Fedro sobre a “arte ou a falta de arte nos discursos” (Platão, 2011, p. 274b).

Sócrates narra o Mito que se passou no Egito Antigo, com o deus Tot¹⁸⁹ apresentando a criação da escrita, que proporcionaria aos egípcios sabedoria e memorização. O remédio para o esquecimento e a ignorância. Mas o rei egípcio Tamus objetou que a invenção teria efeito oposto ao pretendido. O remédio serviria apenas para reavivar a lembrança, desenvolvendo um saber aparente fora da realidade: “pois é bastante idônea para levar ao esquecimento à alma de quem aprende pelo fato de não o obrigar ao exercício da memória” (Platão, 2011, p. 274e-275a).

Sócrates colocou-se ao lado dos que criticavam o discurso escrito, defendendo a oralidade dos ensinamentos e discursos e a continuidade da retórica tradicional e justificou “É que a escrita, Fedro, é muito perigosa [...]” (Platão, 2011, p. 275d).

Apesar disso, a escrita se impôs como uma tecnologia do saber humano. Constituiu-se

¹⁸⁸Este texto foi antecipado no artigo *O Livro dos Espíritos: uma introdução historiográfica*, publicado na revista digital *O Dirigente Espírita* (Lira Neto, 2022, p. 15-18).

¹⁸⁹Tot, deus egípcio da escrita, do cálculo e das divindades intelectuais. Associado à Lua. Retratado com cabeça de um íbis (Aymard, 1993, p. 118).

em História com seus fatos registrados, causando transformações culturais por onde passava. O tempo passa a ser linear, com o encadeamento de eventos progressivos. E, após perdurar séculos, surge a segunda onda transformadora da escrita, a sua difusão pela imprensa de Gutenberg¹⁹⁰ (1400-1468).

No mundo ocidental, essa invenção possibilitou o livre acesso aos escritos, disseminando ideais que revolucionaram o mundo moderno, atingindo o ápice, ainda que temporário, na era da Internet e da Inteligência Artificial, que produzem e revolucionam a escrita como um autômato semi-humano.

Kardec – “homem de letras”

A escrita e seu papel na formação cultural e intelectual de Allan Kardec não era um problema. Foram os definidores do seu *habitus*, as influências que condicionaram seu modo de perceber o mundo, de julgá-lo e de agir na sociedade. E que, provavelmente, interferiu na estruturação da Doutrina Espírita, tal qual a concebeu.

Diante da sua diversidade literária e depois de ter interrompido sua carreira de Diretor de Escolas, Denizard Rivail passou a referir-se como “homem de letras”, que, de certa forma, o fez ampliar o espectro representativo de sua *classe*, no sentido de Bourdieu. Trabalhava na divulgação e na disseminação do seu modelo pedagógico que, em síntese, era o desenvolvimento concomitante das faculdades morais, físicas e intelectuais dos alunos e a constituição de escolas específicas para formação de professores.

Ser autor de livros o diferenciava ainda mais num país em que, no início do século XIX, a literatura estava sob forte influência do Iluminismo e de suas *Encyclopédies*, da política e de teses sociais. O contexto vivido em tal espaço era também de crescente valorização do capital cultural e artístico, refletindo o progresso das ciências e da técnica.

As mensagens espirituais escritas

A partir do contato com as “mesas girantes ou falantes”, Allan Kardec desenvolveu formas mais ágeis para extrair informações dos “Espíritos”, seguindo as orientações deles. Descreveu esses fatos na Introdução de *O Livro dos Espíritos* e no Capítulo II da 2ª parte de *O Livro dos Médiuns*.

No início, os primeiros fenômenos observados foram de efeitos físicos, como ruídos,

¹⁹⁰Johannes Gutenberg (1400-1468) viveu no Sacro Império Romano-Germânico, inventor de um sistema de impressão com tipos móveis, deu início à Revolução da Imprensa, considerado um dos inventos mais importante do ocidente.

pancadas e movimentos de objetos e circulares de mesas, por ação dos “Espíritos”. Por isso a designação de “mesas girantes” (Kardec, 2009a [1862], p. 97). Na comunicação era utilizada a linguagem dos sinais e das pancada alfabéticas denominadas, respectivamente, de Sematologia¹⁹¹ e Tiptologia¹⁹², de resultado muito limitado e demorado (Kardec, 2009a [1862], p. 233-241).

Com o tempo, outros meios de comunicação mais aperfeiçoados foram indicados pelos próprios “Espíritos”. Desse modo, surgiu o método da escrita, com a adaptação de lápis inseridos numa mesinha leve, uma cestinha e prancheta. Por fim, o método simplificou-se, “bastando o médium segurar o lápis com sua própria mão”, que escrevia de forma involuntária, impulsionada pelos “Espíritos” comunicantes, “sem o concurso da vontade, nem do pensamento do médium” (Kardec, 2009a [1862], p. 106-107).

Assim se expressou Kardec em relação à evolução do método das “mesas falantes” à Psicografia¹⁹³: “já podemos comunicar-nos com os Espíritos tão fácil e rapidamente como os homens entre si. E isso pelos mesmos meios: **a escrita e a palavra**” (Kardec, 2009a [1862], p. 251, grifo nosso). E ainda disse que: “De todos os meios de comunicação, **a escrita manual é o mais simples**, mais cômodo e sobretudo o mais completo” (Kardec, 2009a [1862], p. 279, grifo nosso). Foi através, unicamente, do método da psicografia que *O Livro dos Espíritos* foi elaborado por Kardec (Revista Espírita, 2004a [1858], p. 68).

O Livro Fundador do Espiritismo

O Livro dos Espíritos é o marcador do início da Doutrina Espírita, cujos princípios, segundo seu autor Allan Kardec, contribuem para o entendimento da realidade espiritual e da sua dinâmica com o mundo material. Estão referenciados na ética e na moral do Cristo, sem os artifícios dogmáticos incorporados ao longo dos séculos. O estudo continuado e abrangente deste livro, segundo seu autor, ajuda na compreensão de um mundo mais justo, onde as dificuldades se transformam em oportunidades de experienciar as possibilidades evolutivas.

Em suma, é um livro que concebe a humanidade de forma integrada de “encarnados” e “desencarnados”, na qual o profetismo e as mensagens cifradas cedem lugar à razão, à clareza e à comunicação direta com os “Espíritos” (Pires, 1974, p 11-23).

Vê-se que Allan Kardec, em seu *habitus* incorporado na síntese de “homem de letras”,

¹⁹¹“SEMATOLOGIA (Do grego *sema*, sinal, e *logos*, discurso.) – Linguagem dos sinais. Comunicação com os Espíritos pelo movimento de corpos inertes” (Kardec, 2009a [1862], p. 624).

¹⁹²“TIPTOLOGIA (Do grego *tipto*, eu bato, e *logos*, discurso.) – Linguagem por pancadas, ou batidas; modo de comunicação dos Espíritos. *Tiptologia alfabética*” (Kardec, 2009a [1862], p. 624).

¹⁹³“PSICOGRAFIA – Escrita dos Espíritos pela mão do médium” (Kardec, 2009a [1862], p. 624).

ao se deparar com os “fenômenos mediúnicos” das “mesas girantes”, desenvolveu métodos para extrair mensagens escritas dos “Espíritos” sobre questões da Filosofia e da Psicologia. E da análise dessas “mensagens espirituais” escritas pela Psicografia, ele as comparou, fundiu-as, coordenou-as e as classificou “no silêncio da meditação”.

Depois, tomou proporção de uma Doutrina, que denominou de Doutrina Espírita, uma Filosofia Espiritualista. Esta foi inaugurada quando ele publicou a primeira edição de *O Livro dos Espíritos* em 18 de abril de 1857, data reconhecida como da fundação do Espiritismo (Kardec, 2009c [1890], p. 353).

Apoiado na conceituação de historiografia de Paul Ricœur (2007, p. 145-296), pode-se afirmar que *O Livro dos Espíritos* é um livro de memória declarada dos “Espíritos”, arquivada na forma de escrita. Torna-se, então, um documento que serve de prova documental dos “ditados espirituais”, colhidos com o testemunho de Kardec.

Para a disciplina História, ainda seguindo Paul Ricœur (2007, p. 274), *O Livro dos Espíritos* é um livro de estética funcional no sentido de que foi estruturado com narrativas dialógicas-explicativas representadas nos conjuntos de perguntas-respostas e textos explicativos-dissertativos.

Nessa análise historiográfica, entende-se que Kardec criou o fato histórico quando “perguntou aos Espíritos” e estes, como memória declarada na forma documental, “responderam” criando a fase documental. Os textos explicativos e dissertativos, colocados ao longo do livro, compõem a fase explicativa do fato. Agora como histórico, construído com o método da “Concordância Universal do Ensino dos Espíritos”, sob a hegemonia da lógica declarada por Kardec.

O livro foi escrito com narrativa-histórica em contraposição a uma “narrativa ficcional do maravilhoso” e, de acordo com o filósofo Herculano Pires (1995, p. 97), *O Livro dos Espíritos* naturalizou o “fenômeno mediúnico”.

4.1.2 Estudos Sistematizados nos livros

Kardec e os estudos doutrinários

Na Introdução de *O Livro dos Espíritos*, Kardec enfatizou que a “verdadeira Doutrina Espírita está no ensinamento dado pelos Espíritos”. Por conseguinte, para compreender esses ensinamentos necessitaria de um “estudo profundo e continuado, feito no silêncio e no recolhimento” (Kardec, 1974 [1860], p. 59).

Para tanto, Kardec concebeu uma forma de normatizar o Espiritismo, exposta preliminarmente no artigo *Organização do Espiritismo* publicado na *Revista Espírita* de dezembro de 1861. Nela, apresentou 25 proposições das quais se destacam três. A primeira de suas preocupações era com a **uniformidade da Doutrina Espírita**.

Ele entendia que a uniformidade viria naturalmente com a adoção e o seguimento por todos os profíctes da “linha traçada em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*”. O primeiro, por conter “os princípios da filosofia da ciência” e o outro pela relação com “as regras da parte experimental e prática”. E que essas duas obras estavam “escritas com bastante clareza, de modo a não ensejar interpretações divergentes”, o que evitaria dissensões no movimento espírita (Revista Espírita, 2004d. [1861], p. 533).

A segunda preocupação era com a homogeneidade dos participantes dos grupos espíritas com fundamento na comunhão de pensamento: “quer dizer pensamento comum, unidade de intenção, de vontade, de desejo, de aspiração”, fator que estabelece a fraternidade (Revista Espírita, 2005b [1868], p. 484-487).

A terceira, consequência direta da segunda, é admitir nas sociedades e nas reuniões espíritas (sessões experimentais), somente pessoas “que possuam suficientes noções preparatórias para compreender o que ali se faz”. E aconselhou às pessoas interessadas em adquirir essas “noções preliminares” fazerem a leitura de suas obras (as publicadas até 1862), na seguinte ordem: 1ª *O Que é o Espiritismo*, 2ª *O Livro dos Espíritos*, 3ª *O Livro dos Médiuns* e a 4ª *Revista Espírita* (Kardec, 2009a [1862], p. 59-60).

Allan Kardec elaborou um plano de organização e expansão do Espiritismo em 1868, publicado postumamente em *Obras Póstumas* (1890) intitulado Projeto 1868. Disse que se fosse possível colocá-lo em prática: “bastariam, indubitavelmente, alguns anos para fazer avançar a Doutrina Espírita de alguns séculos” (Kardec, 2009c [1890], p. 442).

Inserido nesse plano estava programado um Curso Regular do Espiritismo, que, provavelmente, seria a sistematização do “Estudo sério e aprofundado” de suas obras:

Um curso regular de Espiritismo seria professado com o fim de desenvolver os princípios da Ciência e de difundir o gosto pelos estudos sérios. Esse curso teria a vantagem de fundar a unidade de princípios, de fazer adeptos esclarecidos, capazes de espalhar as ideias espíritas e de desenvolver grande número de médiuns. Considero esse curso como capaz de exercer capital influência sobre o futuro do Espiritismo e sobre suas consequências (Kardec, 2009c [1890], p. 441, grifo nosso).

Pode-se concluir que foi o próprio Allan Kardec que sistematizou o “letramento” do Espiritismo, segundo a Figura 1, com o esquema no Círculo do Sistema de Letramento do Espiritismo. E isso está de acordo com o seu *habitus* de classe.

Figura 1 – Círculo do Sistema de Letramento do Espiritismo



Fonte: O autor, 2025.

Estudos Sistematizados do Espiritismo no Brasil

Os primeiros grupos espíritas em terras brasileiras, como visto, eram formados por pessoas da elite letrada do Brasil. Por conseguinte, a atividade de estudo era parte intrínseca das instituições. Estabelecida em Regulamento, como na *Sociedade de Estudos Espíritos - Grupo Confúcio* que “tem por fim o estudo dos fenômenos relativos às manifestações espíricas, bem como o de suas aplicações às ciências morais, históricas e psicológicas” (Portal do Espírito, 1873, p. 1).

Sem desmerecer outras iniciativas para o estudo sistematizado do Espiritismo¹⁹⁴, o relato a seguir se circunscreve às iniciativas no âmbito da FEB, devido à sua disputa para normatizar os estudos no movimento espírita brasileiro. Isso desde as tentativas no período da presidência do Dr. Bezerra de Menezes (1889) e no período de Leopoldo Cirne (1900). Como se sabe, ambas não tiveram sucesso.

O processo de estabelecer um programa de estudo sistematizado não foi homogêneo e nem linear. Segundo Marcelo Gil (2014, p. 232): “ele é marcado por avanços, retrocessos e múltiplas tensões”. Havia os que defendiam programas como esse e os que admitiam uma

¹⁹⁴Outras iniciativas tais como o COEM, a campanha da USE, da *Federação Espírita do Rio Grande do Sul*, entre outras (Capítulo 2).

estratégia menos programática. Valorizavam a informalidade, o autodidatismo, as explanações doutrinárias, os seminários e pequenos grupos de estudo auto-organizados nas obras de Kardec e complementares. Tudo de acordo com as especificidades culturais e regionais da comunidade espírita.

Durante o século XX, expoentes espíritas como Leopoldo Machado, defendiam a necessidade de estudo metódico da Doutrina Espírita, além da prática da caridade, para melhor absorver o *Tríplice Aspecto do Espiritismo*. Ele dizia: “o centro espírita não poderia ser senão uma escola, voltada para o estudo racional da doutrina espírita de modo integral, como ciência, filosofia e religião” (Gil, 2014, p. 245).

A FEB, inspirada em experiências anteriores de outras instituições, criou o *Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita* (ESDE) e o implantou a nível nacional em 1983, obtendo êxito. E teve um efeito positivo na distensão entre os espíritas de linhas de pensamentos divergentes, por tomar como base as obras de Allan Kardec, complementadas com obras psicografadas pelo médium Chico Xavier. Estas aceitas pela maioria do movimento espírita.

Ao todo, o ciclo de letramento da FEB abrange cerca de nove anos de estudos com os cursos do ESDE, de Mediunidade: Estudo e Prática (MEP) e do EADE. Uma jornada e tanto para os profíctes absorverem o *Tríplice Aspecto do Espiritismo*: “[...] de forma séria, regular e contínua, tendo como base as obras codificadas por Allan Kardec e o Evangelho de Jesus [...]” (Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, 2020, p. 13).

Apesar de a aceitação desses cursos no movimento espírita, notadamente, o federalizado, há críticas por parte de alguns intelectuais espíritas quanto ao excesso de escolarização e o uso de apostila. Prática não recomendada por afastar os alunos do campo da pesquisa das fontes e com direcionamento acríctico do conteúdo, conforme observado por Luciano dos Anjos na década de 70 do século XX (Gil, 2014, p. 304).

4.1.3 Sistema de Letramento: o rito de iniciação

É fato a relação primordial do Espiritismo com o livro, sintetizada na célebre colocação do professor Herculano Pires (1983, p. 22): “o Espiritismo é uma doutrina que existe nos livros e precisa ser estudada”. O Espiritismo valoriza o livro de tal forma que coloca a leitura como elemento central de suas preocupações, principalmente no Brasil, devido aos baixos níveis de letramento. Frente a isso, os seguidores do Espiritismo estão entre os mais letrados em relação às demais denominações religiosas no país, como já assinalado (Lewgoy, 2013, p. 199).

O filósofo José Herculano Pires reconhece que o Espiritismo, por ser uma Doutrina que

existe nos livros, precisa aprendê-la através do estudo “debruçar o pensamento sobre si mesmo, examinar a concepção espírita do mundo e reajustar a ela a conduta através da moral espírita”. Ao invés de: “[...] fazer sessões, provocar fenômenos, procurar médiuns [...]” (Pires, 1983, p. 22).

Diversos trabalhos constataam a importância da leitura e do letramento na prática espírita, ao lado da mediunidade e da caridade. A exemplo de: Aubrée e Laplantine (2009), Pedro Amorim (2017); Barros (2022), Camargo (1961), Camurça (2022), Cavalcanti (1983), Giumbelli (1997), Lewgoy (2000) e Stoll (2003).

Desde o início dos estudos sobre o Espiritismo, compreende-se que “o critério final de adesão religiosa” dos seguidores a essa religião é a sua “capacidade interpretativa de seus pressupostos”. Aliada a experiência nas suas práticas obtida através do estudo e da leitura da sua vasta literatura, dada sua natureza racional e intelectual (Camargo, 1961, p. 115).

O livro espírita funciona como um guia da experiência espírita e um manual de orientação dos profítes na vida terrena (Camargo, 1961, p. 146). E extensivamente à “vida espiritual”.

Segundo a pesquisadora Maria Laura V. de C. Cavalcanti: “O Espiritismo é uma religião letrada, codificada. O livro, a leitura, o estudo ocupam, como veremos, **um lugar importante no seu sistema ritual**” (Cavalcanti, 1983, p. 20, grifo nosso). Enquanto os antropólogos Marion Aubrée e François Laplantine (2009, p. 237) anotam que essa valorização do livro e a leitura tem no Brasil outra conotação, é “um sinal de ascensão social”, porque o domínio da escrita e da leitura, no contexto brasileiro, “é marca da pertença às classes médias e superiores”.

Outro antropólogo, Bernardo Lewgoy, diz que o Espiritismo é uma orientação religiosa que tem na experiência de leitura e da escrita sua identidade principal. Justificou essa caracterização pelo engajamento dos profítes espíritas aos valores associados à cultura escrita, tendo o “**letramento**” como rito de passagem¹⁹⁵, que está alinhado “*ao lócus por excelência do ideário da Modernidade*” (Lewgoy, 2000, p. 336).

Observa ainda que: “O texto escrito é usado como fonte legítima de interpretação da cosmologia espírita, na medida em que a ênfase na escrita é nativa: socializar-se no espiritismo é, também, em diferentes níveis, um processo de impregnação com sua literatura” (Lewgoy, 2000, p. 46).

Em concordância com esse pensamento, Pedro Amorim destaca que, durante suas pesquisas acadêmicas, chamou-lhe atenção a distinção que o movimento espírita dava ao livro

¹⁹⁵Rito de passagem é a categoria mais geral dos ritos, dentre eles destaca-se o Rito de Iniciação como prática simbólica que representa “a passagem para a uma nova forma de vida, religiosa e *social*” (Croatto, 2001, p. 360).

e ao estudo. Atribuiu isso à atuação de educador e escritor de seu compilador, Allan Kardec. E que, de acordo com o Espiritismo, “a cultura letrada e o livro fazem parte do ser espírita”. Tem como pressuposto o sistema de letramento efetivado no estudo dos livros fundamentais e complementares, na participação dos cursos básicos e sistematizados ofertados nas instituições espíritas (Amorim, 2017, p. 62).

Por outro ângulo, alerta Bernardo Lewgoy (2000, p. 15) que a sistemática de rito de passagem pelo letramento adotado pelo Espiritismo – como *ethos* e como *habitus*, impõe um “filtro sociológico no recrutamento de seus membros”. Isso incute níveis de linguagem adotados no espaço social espírita, expressos na “fala cotidiana”, nas palestras, no uso de vocabulário que legitima uma linguagem êmica, mas sem homogeneidade. Pois há várias vias de leitura que “qualificam modos de conceber e vivenciar o ser espírita, em compasso com outras dimensões, como uma espécie de sinalização das diferenças internas no Movimento Espírita” (Lewgoy, 2000, p. 50).

Assim, entende-se que os princípios espíritas, ao serem codificados nas obras fundamentais a partir de *O Livro dos Espíritos* (1857), deram início a um sistema de cultura escrita e documentada, associando o seguidor espírita ao *habitus* de uma elite letrada, com amplo *capital cultural*. No campo religioso espírita, isso é fundamento de diferenciação, distinção e, portanto, de utilização nas disputas geradas no *campo*, segundo a teoria de Bourdieu.

Os espíritas, por se constituírem pessoas letradas, em sua maioria, são dados às polêmicas e conflitos. Um fator *êmico* do movimento espírita brasileiro – uma religião de letrados. Tal quadro é complexificado pela interação singular, entre os planos existenciais físico e “espiritual”, que se entrelaçam num *continuum existêntia*. A mundividência espírita força a expansão do fato social para além da humanidade terrena, envolvendo também a “humanidade espiritual” – o problema ontológico espírita, por excelência.

Esse sistema de letramento, como *rito de iniciação*, é para integrar o indivíduo no espaço da prática espírita, através do qual ele passa a se reconhecer e ser aceito pela comunidade como espírita. No próximo item será dada continuidade à análise do esquema proposto no “*Plano do Espírito de Verdade*”, com relação à aplicação dos princípios doutrinários no estudo dos Evangelhos.

4.2 Estudos aplicados: a centralidade nos evangelhos

4.2.1 Kardec e o estudo dos Evangelhos

No entender de Allan Kardec, a relação do Espiritismo com os Evangelhos resume-se na citação abaixo:

Muitos pontos do Evangelho, da *Bíblia* e dos autores sacros em geral só são ininteligíveis, parecendo alguns até irracionais, por falta da chave que nos faculte compreender o seu verdadeiro sentido. **Essa chave está completa no Espiritismo**, como já puderam convencer-se os que o estudaram seriamente, e como todos o reconhecerão melhor ainda, mais tarde (Kardec, 2017 [1866], p. 14-15, grifo nosso).

Com esse propósito de explicar os ditos de Jesus em linguagem científica da época, Kardec e os “Espíritos Superiores” conceberam um plano para o estudo dos Evangelhos, conforme Plano a seguir¹⁹⁶.

Plano do Estudo dos Evangelhos

É possível identificar o Plano Esquemático de Allan Kardec para o estudo dos Evangelhos, com base no exposto na introdução de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*¹⁹⁷. Kardec explica que o conteúdo dos Evangelhos pode ser dividido em cinco partes: 1ª – os atos comuns da vida do Cristo, 2ª – os milagres, 3ª – as predições, 4ª – as palavras que serviram de base para o estabelecimento dos dogmas da Igreja e, 5ª – o ensino moral (Kardec, 2017 [1866], p. 13).

Esse esquema foi publicado primeiramente na primeira edição do livro em 1864. Portanto, antes da mensagem do “Espírito de Verdade” de 1865, mencionada. O que demonstra a forma intuitiva como agia Kardec na constituição das obras fundamentais do Espiritismo.

Seguindo essa segmentação e demais informações de Kardec contidas no artigo sobre o lançamento de *O Livro dos Médiuns* na *Revista Espírita*, de janeiro de 1861 (2004d [1861], p.

¹⁹⁶Outros sistematizadores dos Evangelhos atuaram nessa área. De acordo com Theissen e Merz (2015), a crítica histórica sobre a vida de Jesus iniciou com “*a crítica as fontes*”, em seguida com o “*relativismo histórico*” e depois com a “*estranheza hermenêutica*”. Eles apresentam em quadro os principais estudiosos, tais como: Hermann Samuel Reimarus (1694-1768), David Friedrich Strauss (1808-1874), Heinrich Julius Holtzmann (1832-1910), Louis Albert Schweitzer (1875-1965), Rudolph Karl Bultmann (1884-1976), Ernst Käsemann (1906-1998), Géza Vermes (1924-2013), John Dominic Crossan (1934) e Gerd Theissen (1943).

¹⁹⁷Originalmente, na primeira (1864) e na segunda edição (1865), o Plano era composto por quatro partes. Mas, a partir da terceira edição de 1866 teve acréscimo de mais uma parte completando as cinco: “As palavras que serviram de base para o estabelecimento dos dogmas da Igreja” (Kardec, 2017 [1866], p. 13).

22), tem-se que *O Livro dos Espíritos – Filosofia Espiritualista* e *O Livro dos Médiuns ou Guia dos Médiuns e dos Evocadores*, apresentam os princípios filosóficos da Doutrina Espírita e a parte experimental do Espiritismo. O conteúdo doutrinário desses livros foi aplicado ao estudo dos Evangelhos, de acordo com as partes definidas por Kardec, explicadas a seguir.

O Estudo dos Evangelhos – segundo o Espiritismo

- a) A Moral Cristã (a quinta parte): tal aspecto é analisado no livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864). Esta obra marcou o início do período religioso do Espiritismo, concebida com o objetivo exclusivo do estudo da moral evangélica com base nos princípios do Espiritismo. Allan Kardec explicou que muitas passagens do Evangelho, da Bíblia e de outros textos sagrados, em geral, seriam de difícil compreensão por falta de “uma chave” para entender “o seu verdadeiro sentido”. E que essa chave estaria completa no Espiritismo.

Ele, então, selecionou os textos bíblicos da moral de Jesus que melhor constituíssem “um código de moral universal, sem distinção de cultos” – o Código Divino. O livro está estruturado com textos dos Evangelhos, explicações e comentários de Kardec e instruções advindas de “comunicações mediúnicas” (Kardec, 2017 [1866], p. 13-15)¹⁹⁸.

- b) “As palavras que serviram de base para o estabelecimento dos dogmas da Igreja” (a quarta parte): presume-se que esse tópico foi inserido no livro *O Céu e O Inferno ou a Justiça Divina Segundo o Espiritismo* (1865). No prefácio da obra (1ª edição), Kardec explicou a finalidade do livro – reúne os elementos que esclarecem o destino do ser humano após a morte, com o “ensino complementar dos Espíritos e mediante novas observações” sobre assuntos especiais.

Uma das motivações para elaborar o livro foi a consolidação de suas análises sobre prédicas de clérigo católico, publicadas na *Revista Espírita* no período de 1863 a 1865, a respeito de Anjos, Demônios, Céu, Inferno, Purgatório e Penas Eternas¹⁹⁹. Sobretudo, os sermões realizados pelo Monsenhor Thomaz Gousset (1792-1866), arcebispo de Reims, para as quaresmas dos anos 1864 e 1865.

Kardec informou que a obra *O Céu e O Inferno* é um “passo a mais” além do que foi dado em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, que apresenta a moral espírita

¹⁹⁸Ver Lira Neto e Luciana Farias (2024).

¹⁹⁹Essa obra não utiliza textos expostos nos Evangelhos, aborda as interpretações teológicas sobre esses assuntos.

com base nos Evangelhos. Enquanto o livro *O Céu e O Inferno* é a sua sequência direta e repercute as consequências das ações com respaldo nessa moral.

O livro é composto por duas partes: a primeira com a teoria advinda dos fatos empíricos apresentados na segunda parte, que contém 130 comunicações de “Espíritos”. Estas são segmentadas por estados emocionais da alma após a morte. Apresentou também o Código Penal da Vida Futura com 33 artigos (Kardec, 2009b [1869])²⁰⁰.

- c) “Os Milagre dos Evangelhos” (a segunda parte): esse assunto foi analisado no livro *A Gênese, Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo* (1868), desenvolvido em três capítulos: Características dos Milagres, os Fluidos e os Milagres do Evangelhos.

Kardec discorreu que o Espiritismo adveio para revelar novas leis que explicam os fenômenos tidos como sobrenaturais e milagrosos, com a “comprovação” da intervenção dos “Espíritos”, através da ação do pensamento sobre “os fluidos”. Demonstrou que esses fenômenos inexplicáveis pertencem à ordem das leis naturais, portanto, passíveis de estudos no campo das ciências. E que Deus não necessita sub-rogar suas leis para demonstrar sua glória, pois suas leis são perfeitas como ele o é.

Depois, explicou vários milagres descritos nos Evangelhos. Todos como produto da superioridade da natureza espiritual de Jesus, com *status* de “Espírito Puro”²⁰¹ (Kardec, 2011b [1869], p. 395). E que o maior milagre de Jesus “foi a revolução que seus ensinamentos produziram no mundo” (Kardec, 2011b [1869], p. 448).

- d) “As Predições dos Evangelhos (a terceira parte): tal aspecto também foi inserido no livro *A Gênese, Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo* (1868). Essa parte está composta por três capítulos: a Teoria da Presciência, Predições do Evangelho e Os Tempos são Chegados.

O primeiro capítulo é uma preparação para a análise das predições, no qual Kardec elaborou uma teoria sobre a previsão de acontecimentos futuros. Estes ocorrem submetidos às leis naturais. Concluiu que o resultado da previsão tem vínculo com

²⁰⁰Ver Lira Neto e Luciana Farias (2025).

²⁰¹De acordo com a Escala Espírita de classificação da evolução dos “Espíritos”, o nível de “Espírito Puro” é caracterizado pelos “Espíritos” que “Percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição de que é suscetível a criatura, não têm que sofrer mais provas, nem expiações. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, realizam a vida eterna no seio de Deus” (Kardec, 2006 [1860], p. 124-125).

o estado evolutivo dos “Espíritos” e com os desígnios divinos. Os detalhes e o modo de execução é que são circunstanciais e dependem dos indivíduos.

Depois, elencou várias passagens evangélicas com predições e revelações de Jesus sobre o futuro, pois suas palavras “não passarão porque em todos os tempos serão verdadeiras”. E arrematou: “o que não passará é o verdadeiro sentido das palavras de Jesus”, separando-as do alegórico (Kardec, 2011b [1869], p. 484-485). Finalizou com a previsão da regeneração da Humanidade terrena transformada moralmente pela depuração dos “Espíritos encarnados” e “desencarnados” e não por cataclismas materiais (Kardec, 2011b [1869], p. 518).

- e) “Os atos comuns da vida do Cristo” (a primeira parte): este assunto não foi desenvolvido por Kardec. Todavia, pode-se inferir das respostas que os “Espíritos” deram aos questionamentos de Kardec, que seria o livro *Vida de Jesus* (1863) do escritor francês Ernest Renan (1823-1892).

Este completa o esquema da análise dos Evangelhos segundo o pensamento racionalista da época. Mesmo não sendo uma obra espírita, afirma-se como parte do objeto do Plano dos “Espíritos Superiores”. Isso é confirmado pelo relato da comunicação do “Espírito Erasto”, de 14 de outubro de 1863, que o livro de Ernest Renan, “viesse projetar luz sobre algumas questões obscuras e eivadas de preconceitos seculares, a fim de predispor os Espíritos às novas crenças. Sem o suspeitar, Renan achou o caminho para o Espiritismo” (Kardec, 2009c [1890], p. 403-404).

Essa biografia de Jesus, escrita por Ernest Renan, teve grande repercussão nos meios acadêmicos e religiosos pela forma como humanizou Jesus Cristo: “entre os filhos dos homens, não nasceu nenhum maior que Jesus” (Renan, 1995 [1863], p. 406). Kardec em artigos teceu críticas sobre as interpretações de Renan sobre Jesus, destituído da sua posição de Deus.

Kardec introduziu um assunto externo ao seu esquema de estudo dos Evangelhos: “A Análise explicativa do Gênesis Mosaica do (Antigo Testamento)”. Esse tema se encontra na primeira parte da coletânea *A Gênese, Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo* (1868). Kardec explicou o livro *Gênesis*, do Antigo Testamento, atribuído a Moisés, com base na ciência da época, a cosmologia, os períodos geológicos da Terra, as Teorias da Formação da Terra, as Revoluções do Globo terrestre e a Gênese Orgânica – a formação das espécies orgânicas (Kardec, 2011b [1869], p. 15-39).

Observou que o Espiritismo não se detém na matéria, como o materialismo, ele: “prossegue em suas pesquisas no domínio da *Gênese espiritual*”. Analisou o “princípio

espiritual” e sua evolução até os domínios do “Espírito” (Kardec, 2011b [1869], p. 259).

A vinculação do Espiritismo com a interpretação dos Evangelhos, referenciado no método *histórico-crítico*, advindo da modernidade, traz em seu contexto um problema *hermenêutico*, requerendo uma análise da prática dessa situação. Assunto a seguir.

4.2.2 O Problema Hermenêutico Espírita

As assertivas de Allan Kardec, expostas em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, deixam explícitas a intencionalidade de empreender *exegese* dos textos bíblicos, principalmente dos Evangelhos:

- a) O Espiritismo – “**é a chave com o auxílio da qual tudo se explica com facilidade**”, referindo-se às palavras ditas por Cristo, que “permaneceram ininteligíveis ou foram falsamente interpretadas” (Kardec, 2017 [1866], p. 39-40, grifo nosso);
- b) O Espiritismo – “Nada ensina em contrário ao que ensinou o Cristo, **mas desenvolve, completa e explica**, em termos claros para todo mundo, o que foi dito apenas sob forma alegórica” (Kardec, 2017 [1866], p. 40, grifo nosso);
- c) E que – “Jesus não disse nenhum absurdo, para quem saiba compreender o sentido alegórico e profundo de suas palavras. Entretanto, muitas coisas não podem ser compreendidas **sem a chave que o Espiritismo faculta**” (Kardec, 2017 [1866], p. 124, grifo nosso).

Na sua última obra fundamental, *A Gênese* (1868), Kardec afirmou que o século XIX era o “século da emancipação intelectual e de liberdade de consciência” e, por isso, todos teriam o direito de examinar as Escrituras “*sem correr o risco de ser fulminado*”. Acrescentou que as leis das ciências em conjunto as do Espiritismo seriam: “[...] *indispensáveis à compreensão dos textos sagrados de todas as religiões, desde Confúcio e Buda até o Cristianismo*” (Kardec, 2011b [1869], p. 38-39).

Essas colocações levantaram discussões com o clero católico, pois Kardec considerou o Espiritismo apto para empreender *exegese* dos textos bíblicos, como de fato o fez, colocando a Doutrina Espírita em disputas no campo religioso.

Assegurou que o Espiritismo era “a chave” para o entendimento do “verdadeiro sentido” (Kardec, 2017 [1866], p. 14), de quaisquer textos sagrados, ao lado da ciência que “não pede permissão a ninguém para dar a conhecer as leis da Natureza e que salta sobre os erros e preconceitos” (Kardec, 2011b [1869], p. 38). Segundo observou Emerson Giumbelli: “Daí a

valorização, unânime entre os espíritas, prestada aos Evangelhos, legitimados como **relato fiel das palavras e vida de Jesus**” (Giumbelli, 1997, p. 71, grifo nosso).

Em vista disso, Kardec colocou o Espiritismo em ação exegética bíblica, numa visão crítica *iluminista*. Porém, semelhante às demais leituras interpretativas do texto bíblico que incorrem numa interpretação particularizada. No caso, com vínculos nos pressupostos doutrinários do Espiritismo. Isso provoca um problema *hermenêutico* derivado da *exegese* de textos religiosos, por conseguinte, de linguagem simbólica, conforme explicado a seguir.

Considerações sobre a exegese kardeciana

No Capítulo XXIII, de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, intitulado Estranha Moral, Kardec elencou três pressupostos para a *exegese espírita* (Kardec, 2017 [1866], p. 281-282). Descritos a seguir com destaque para os campos atuais da disciplina da Hermenêutica Bíblica:

- a) A exclusão literal de palavras estranhas atribuídas ao Cristo, que contrastam com as suas habituais – filologia e análise de discurso;
- b) Dado que os Evangelhos foram redigidos depois da morte de Jesus, se supõe que o “fundo do seu pensamento não foi bem expresso” – hermenêutica;
- c) “o sentido primitivo, ao passar de uma língua para outra, pode ter sofrido alguma alteração”. Um erro que após cometido, se repetiria nas cópias – linguística e exegese.

Pressupostos que lembram a capacidade intelectual de Kardec como linguista, tradutor e escritor de obras pedagógicas e que contava com a ajuda de André Pezzani²⁰² (1818-1877).

Segundo a análise de Daniel Salomão Silva (2024, p. 43) sobre a *Hermenêutica Bíblica Espírita*, Kardec adotou a forma de análise crítica seguindo a “tendência das leituras mais liberais do século XIX”. Elas incluem questões de tradução, interpretação e redacionais dos Evangelhos, partindo do método histórico-crítico. Também, observou critérios discricionários na *exegese* de Kardec, derivados dos seguintes critérios:

- a) Desconsiderava textos bíblicos em desacordo com os princípios espíritas e os que estavam em conflito com a ciência da época;
- b) Admitia a existência de “incongruência e anacronismo” nos textos bíblicos, por isso não se apegava às letras, descartava textos considerados por ele como incoerentes;

²⁰²Jacques André Pezzani (1818-1877), natural de Lyon, França, foi filósofo e advogado na corte imperial de Lyon, escritor francês premiado. Ver a nota dele em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* explicando o verbo amar em várias línguas: grega, latim e dialeto siríaco (Kardec, 2017 [1866], p. 282).

- c) Tinha como verdade axiomática o estado evolutivo de Jesus como “Espírito Puro”, portanto, de conduta ética infalível e qualquer desvio no texto, nesse sentido, era descartado.

Entretanto, a aplicação desses critérios levou a algumas limitações. Kardec variava a forma de interpretação a depender se o texto conflitava ou não com os princípios espíritas, tais como, reencarnação e mediunidade. Ou seja, “a aplicação não está subordinada apenas à *exegese*, mas também à fundamentação espírita” (Silva, 2024, p. 46).

Em algumas, fazia a interpretação de forma literal. A exemplo da “Vinda de Elias como João Batista”, o “Diálogo de Jesus com Nicodemos”. Em outras, no sentido Alegórico, exemplificado na “Parábola da Figueira que secou”. Apesar disso, ele não se furtava em fazer considerações apropriadas em textos evangélicos em desacordo com esses critérios (Silva, 2024, p. 60-63).

Conclui este pesquisador que Allan Kardec acreditava que – empregando os princípios fundamentais do Espiritismo e apoiado nas instruções da *espiritualidade maior* – tinha “acesso mais profundo aos sentidos e significados” dos textos bíblicos. Sempre assegurando que a proposta ética espírita estava centrada na do Cristo e, se fosse necessário, flexibilizava ou relativizava a interpretação de trechos evangélicos (Silva, 2024, p. 64).

Com base nesses pressupostos espíritas e no desapego da literalidade, entende-se que Kardec realizou a ***exegese bíblica segundo o Espiritismo***. Concordante com a análise do professor Marcelo Camurça de que o Espiritismo se reapropria dos Evangelhos para sua base doutrinária, reinterpretando-o “totalmente descomprometido da teologia cristã clássica” (Camurça, 2014, p. 36).

O Problema Hermenêutico provocado pela exegese

No entendimento de Paul Ricœur, ***a exegese suscita um problema hermenêutico*** ao operar a interpretação de um texto. Apesar de a leitura estar vinculada à intencionalidade da escrita do texto, a interpretação só faz sentido “no interior de uma comunidade, de uma tradição, ou de uma corrente de pensamento vivo, que revelam pressupostos e exigências”, que alteram o nível literal, apondo outro nível, devido às pressuposições. Ricœur cita como exemplo que a interpretação do Antigo Testamento por uma dada comunidade cristã é completamente diferente da empreendida pelos rabinos (Ricœur, 1989, p. 5).

Para Paul Ricœur, a interpretação de textos religiosos tem como objetivo tanto a compreensão do mundo literário quanto o sentido teológico apontado no texto. Todavia, a

interpretação pensada por ele não tem a pretensão de eliminar as duas abordagens explicativas (a histórica e a simbólica), mas integrá-las para evitar os extremos da crítica história, de um lado e o desinteresse do conteúdo teológico do texto, por outro. Ou seja, evidenciar a linguagem puramente poética sem o referencial dado pelo texto.

A interpretação se conclui quando suscita experiências com base nas Escrituras. É situado na *exegese* que um texto tem sentidos múltiplos e que “estão imbricados um no outro, que o sentido espiritual é ‘transferido’ [...] do sentido histórico ou literal, por acréscimo de sentido deste último” (Ricœur, 1989, p. 13).

De acordo com a interpretação de Eduardo Gross (1999, p. 47), a distinção entre a linguagem científica e a religiosa é que esta não apresenta a sua mundividência na forma de dado, mas como *possibilidade*. A descrição da realidade como *possibilidade* faz surgir o paradoxo a partir da leitura de texto religioso, carregado do “excesso de significação”. Ou seja, ao tentar interpretar textos religiosos, essencialmente de linguagem simbólica, com proposições racionais, constata-se a existência de componentes paradoxais revestidos de uma pretensa lógica.

Dado que os textos religiosos têm a função primeira de aplicação prática na vida, isso impõe ao seu intérprete ir além do que está escrito – o sentido literal do texto. E ir para onde o texto aponta, o “mundo do texto”. E pode-se aduzir, a interpretação espírita da Bíblia ao se colocar como a “mais verdadeira” suscita um problema hermenêutico dado a sua *exegese bíblica* de “retirar o espírito da letra”, como será visto a seguir.

O Problema Hermenêutico Espírita – “a chave para explicar o evangelho”

Allan Kardec observou que as pessoas admiram a moral evangélica, mas desconhecem o significado das mensagens e enfrentam dificuldades na leitura do Evangelho, ininteligível para a maioria. E a razão disso, ele creditou à linguagem simbólica em narrativa que encobria os “preceitos morais”:

A forma alegórica e o misticismo intencional da linguagem, fazem com que a maioria o leia [o Evangelho] por desencargo de consciência e por dever, como leem as preces sem as entender, isto é, sem proveito. Os preceitos de moral, disseminados aqui e ali, intercalados no conjunto das narrativas, passam despercebidos; torna-se, então, impossível compreendê-los inteiramente e deles fazer objeto de leitura e meditações especiais (Kardec, 2017 [1866], p. 14, grifo nosso).

No item I da Introdução ao *Evangelho Segundo o Espiritismo*, Kardec, ao apresentar o Objetivo da Obra, teceu crítica literária aos tratados escritos sobre a moral evangélica. Disse

que alguns foram escritos em “estilo literário moderno” (linguagem da modernidade) que elimina “a singeleza primitiva” do texto (transcendental). Outros compostos por “sentenças isoladas”, favorecendo interpretações simplistas e descontextualizadas das “circunstâncias em que foram enunciadas” (histórico-literal).

Nessa linha, a pesquisadora Karen Armstrong pondera que a preocupação centrada na crítica do texto bíblico pode reduzir a experiência transcendente que a Escritura proporciona. E que essa perda foi ocasionada pelo impacto da modernidade na *exegese* bíblica tradicional, que entrou em colapso devido aos “métodos racionalistas, científicos, pietistas e histórico-críticos, e a escritura deixou de ser a lupa pela qual teólogos interpretavam seu mundo. Em vez da Bíblia iluminar o mundo, o mundo é que explicava a Bíblia” (Armstrong, 2024, p. 400).

E observa ainda que durante o Iluminismo os textos bíblicos começaram a ser lidos na perspectiva da história no sentido moderno, considerados algo factível, por conseguinte rejeitados por alguns por entenderem improváveis e irrealis (Armstrong, 2024, p. 474-476).

Então, no intuito de “prevenir esses inconvenientes”, Kardec selecionou os textos bíblicos sobre a base moral de Jesus, que melhor constituíssem “um código de moral universal, sem distinção de cultos”. Para tanto, suprimiu palavras externas ao assunto, respeitou rigorosamente a transcrição literal da Bíblia de Sacy²⁰³, inclusive as citações dos capítulos e versículos. Não se ateu à ordem cronológica dos acontecimentos.

Em resumo: “*as máximas foram agrupadas e classificadas metodicamente, segundo a natureza de cada uma, de modo que possam ser deduzidas umas das outras, tanto quanto possível*” (Kardec, 2017 [1866], p. 14-15). Além disso, junto com os textos bíblicos selecionados e organizados por determinado assunto, Kardec colocou explicações e comentários de sua autoria. E após instruções de vários “Espíritos” advindas de “comunicações mediúnicas”.

Segundo o autor, a obra é de interesse geral, todos podem obter ensinamentos para conformação de “sua conduta à moral do Cristo”. E as instruções dos “Espíritos” são um convite à “prática do Evangelho”. Ou seja, **a *exegese espírita* tem a “ajuda dos Espíritos bons”** que o assistem (Kardec, 2017 [1866], p. 15, grifo nosso). É importante lembrar que Kardec se valia de André Pezzani para assuntos linguísticos dos textos bíblicos.

Configurando mais uma vez o *ethos* espírita, Kardec encontrou uma solução em

²⁰³A Bíblia de Sacy ou de Port-Royal – é uma tradução francesa da Bíblia católica, publicada entre 1667 e 1696, iniciada por Antoine Le Maistre e concluída pelo seu irmão Louis-Isaac Lemaistre de Sacy. Foi uma das mais populares traduções para o francês da Bíblia Vulgata, embora sob a suspeita de conter um certo “protestantismo” (Machado, 2014, p. 147-151). Maiores informações sobre as bíblias utilizadas por Kardec, ver Lira Neto e Luciana Farias (2024).

conjunto com os “Espíritos Superiores”, para separar “a forma alegoria e o misticismo intencional”, o simbólico da linguagem bíblica dos “preceitos” da moral de Jesus, em que o sentido apontado no texto é a base da ética espírita. Ou seja, buscar o “espírito, e não a letra do texto bíblico” (Revista Espírita 2004e [1862], p. 23).

Isso induz a considerar que Kardec encontrou uma forma empírica de contornar *o problema hermenêutico*, provocado pela interpretação histórico-literária²⁰⁴ de um texto religioso, portanto, simbólico. Para tanto, usou de recortes de textos evangélicos sobre determinado assunto, com explicações próprias alicerçadas nos princípios espíritas, adjuntas às mensagens dos “Espíritos” para situações práticas da vida cotidiana, reunidas para constituir “um código de moral universal”.

4.2.3 *O Espiritismo no Brasil e os Evangelhos*

No Brasil, a proeminência dos Evangelhos no Espiritismo ocorreu desde cedo com os pioneiros e nos agrupamentos espíritas. A exemplo de o *Grupo Confúcio* com seu lema “Deus, Cristo e Caridade”, instituído pelo guia espiritual “Espírito Ismael”, revestido de simbolismo bíblico.

No Capítulo 3, foi verificado que parte das discordâncias era sobre a centralidade dos Evangelhos. Essas eram polarizadas entre aqueles que entendiam o Espiritismo apenas como ciência e filosofia de consequências morais de base cristã e os que acentuavam o caráter religioso. Estes estudavam *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e os *roustainguistas* que estendiam os estudos evangélicos incorporando *Os Quatro Evangelhos* de J.-B. Roustaing, obra de maior sentido simbólico.

Essa identificação radical do Espiritismo no Brasil com os Evangelhos, conduzida principalmente pela *Federação Espírita Brasileira*, perpassa por todas as etapas de consolidação da Doutrina Espírita no âmbito nacional e tende a se estruturar cada vez mais.

Sem qualquer intenção de elencar todos os fatores vinculantes, destacam-se apenas os mais representativos da “evangelização do movimento espírita”. Contudo, sem haver unanimidade, pois vários intelectuais espíritas apresentam sérias críticas a esse processo e entendem que há desvio de finalidade do Espiritismo preconizada por Kardec, segundo eles (ver Capítulo 2 e 3).

²⁰⁴Na obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo* tem uma seção dedicada à Notícias Históricas, com um glossário de palavras utilizadas nos Evangelhos que representam costumes da sociedade judaica da época (Kardec, 2017 [1866], p. 22-27).

1. Bezerra de Menezes e o Evangelho

A maioria dos estudos indica o Dr. Bezerra de Menezes como o mais proeminente condutor desse processo de evangelização do Espiritismo no Brasil. Atribuem essa orientação como reflexo da sua proposta elaborada em 1896, quando assumiu a presidência da *Federação Espírita Brasileira*. Ele objetivava a organização e unificação das atividades e práticas do movimento espírita com base no entendimento de que: **“o fim do espiritismo é esclarecer o Evangelho, e a missão dos espíritas é estudar e divulgar o Evangelho, segundo o espiritismo”** (Reformador, 1896a, p. 1, grifo nosso)²⁰⁵.

O Dr. Bezerra de Menezes definiu duas atividades primordiais para serem estabelecidas nas instituições espíritas: 1ª. **O estudo da Doutrina Espírita**, que os grupos espíritas teriam a obrigação “de dedicarem, sempre, sempre, uma parte de suas sessões àquele estudo” e depois **aplicar no estudo do Evangelho**. 2ª. **a prática da caridade raciocinada** para com os “Espíritos sofredores”.

Em resumo: “Uma parte para o estudo e outra para a prática do espiritismo ou do Evangelho”, sob a Bandeira de Ismael²⁰⁶ e que “o divino Jesus seria o chefe da família espírita”. Concluiu que sem essas atividades **“um grupo não pode ser considerado espírita”** (Reformador, 1896a, p. 1, grifo nosso)²⁰⁷.

2. Roustaing e os Quatro Evangelhos

Apesar de a obra *Os Quatro Evangelhos*, de J.-B. Roustaing, ser contestada como obra espírita por *especialistas* em disputa no Campo Espírita Brasileiro, não resta dúvida de que ela pautou discussões sobre temas doutrinários e correlatos aos Evangelhos. Provocou, entre outras consequências, o surgimento do conceito de “pureza doutrinária” e dos “atalhos” no movimento espírita.

O conteúdo dessa obra trouxe para o centro do debate os critérios de aceitabilidade de um texto como “espírita” e a relevância do caráter religioso do Espiritismo sobre os demais (ciência e filosofia), como visto largamente nesta tese. De acordo com Wilson Garcia (2020, p. 303), a referência à Roustaing ainda permanece no movimento espírita, “a doutrina de Roustaing fez-se base para a formação de uma cultura espírita brasileira”.

²⁰⁵Artigo com título “Os tempos são chegados III” de autoria do Dr. Bezerra de Menezes, publicado no *Reformador* (1896a).

²⁰⁶Referência ao Anjo Ismael, guia espiritual protetor do Brasil como nação. Sua bandeira ou lema é: Deus, Cristo e Caridade. Ver o livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, ditado por “Humberto de Campos” [Espírito] (2002 [1938]) e psicografado por Chico Xavier.

²⁰⁷Artigo de Bezerra de Menezes no *Reformador* (1896a), título “Os tempos são chegados IV”.

A intenção aqui é pontuar a centralidade na temática dos Evangelhos no início do movimento espírita brasileiro e no seu desenvolvimento. Isso irá continuar, pois a busca pelo sentido simbólico é permanente e solicita produção de textos e, por conseguinte, de novas interpretações, como será exposto na formação do Cânone Espírita Brasileiro.

3. “*Emmanuel*” e a interpretação dos Evangelhos

Fato importante são as interpretações dos Evangelhos obtidas através de “mensagens mediúnicas” produzidas no Brasil pelos “Espíritos” atuantes no binômio “*guia espiritual-médium*”. Como exemplo foi tomado o binômio “*Emmanuel-Chico*” para verificar esse fator devido à produção literária com cerca de 113 livros deste autor espiritual durante a existência de Chico Xavier. Segundo Saulo Cesar Ribeiro da Silva, coordenador da coleção de textos evangélicos de “Emmanuel” – “talvez poucos tenham a exata noção da amplitude desse trabalho, que totaliza 1.616 mensagens sobre mais de mil versículos” (Silva, 2024, p. 13).

O “Emmanuel” se notabilizou no Brasil pelas suas obras direcionadas à análise de passagens evangélicas, romances históricos e livros de apoio espiritual por intermédio da mediunidade de Chico Xavier. É um referencial simbólico no movimento espírita, seu livro inaugural foi publicado em 1938 com o título homônimo *Emmanuel*.

Neste livro, ele declarou sua participação no movimento espírita brasileiro: “Quando falamos, portanto, da influência do Evangelho nas grandes questões sociológicas da atualidade, apontamos às criaturas o corpo de leis, pelas quais devem nortear as suas vidas no planeta” (Emmanuel, 2019 [1938], p. 15).

É o autor espiritual de nove livros repletos de mensagens com comentários de textos evangélicos e ensinamentos a serem aplicados na vida cotidiana. A coletânea denomina-se “Série Fonte Viva”: editada em cinco livros pela FEB – *Caminho Verdade e Vida* (1949), *Pão Nosso* (1950), *Vinha de Luz* (1952), *Fonte Viva* (1956) e *Ceifa de Luz* (1979); dois pela Comunhão Espírita Cristã – *Livro da Esperança* (1964) e *Palavras de Vida Eterna* (1965); um pelo Grupo Espírita Emmanuel – *Bênção de Paz* (1971); e outro pela editora O Clarim – *Segue-me* (1973).

Na abertura do primeiro livro da série, *Caminho, Verdade e Vida*, com o tema *Interpretação dos Textos Sagrados*, “Emmanuel” esclarece que não intencionou realizar *exegese* de textos evangélicos, mas “meditações comuns”. Nelas, “cada conceito do Cristo ou de seus colaboradores diretos adapta-se a determinada situação do Espírito, nas estradas da vida”. Cada texto da Boa Nova tem um valor específico e no conjunto forma um “colar de pérolas” (Emmanuel, 1983 [1948], p. 14-15).

O jurista Haroldo Dutra Dias escreveu o artigo *Colar de Pérolas*, publicado no Reformador de 2013, nos fascículos de julho e setembro. Compara a forma interpretativa dos textos evangélicos de “Emmanuel” com um método de comentário e interpretação (*exegese*) da tradição hebraica, chamado de *Colar* (em hebraico *harizah*). Uma composição de trechos ou versículos (as pérolas) da Bíblia Hebraica relativo a um fundamento moral ou conhecimento mais complexo, formando um *Colar de Pérolas*. Estabeleceu um vínculo simbólico com uma técnica de *exegese* judaica que se abstrai de uma interpretação puramente literal do texto sagrado, no caso de “Emmanuel”, dos Evangelhos (Reformador, 2013, p. 5).

A mentora espiritual do médium Divaldo Franco, “Joanna de Ângelis”, disse que a interpretação dos Evangelhos dada por “Emmanuel”: “é o mais precioso conjunto de estudos do evangelho de que se tem conhecimento através dos tempos, atualizado pelas sublimes informações dos Guias da sociedade, conforme a Revelação Espírita” (Joanna de Ângelis, 2024, p. 12).

Essa obra interpretativa de textos evangélicos de “Emmanuel” é bastante popular no Brasil. Estima-se em mais de um milhão de exemplares vendidos, considerando apenas os da Série Fonte Viva, a ponto de ter influenciado a atividade do Culto do Evangelho no Lar, ação bastante difundida no meio espírita. É o estudo de textos evangélicos realizado em família, numa reunião semanal em determinado dia e hora, com comentários aplicados na dinâmica dos familiares. Ocorre geralmente com o uso da obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo* consorciado com leituras de algum livro da Série Fonte Viva.

Segundo consta, essa prática foi instituída com base no livro “*Jesus no Lar*” (1950), de autoria atribuída ao “Néio Lúcio” [Espírito], psicografia de Chico Xavier e prefácio de “Emmanuel”. E tem similaridade com grupos religiosos dedicados ao estudo bíblico, notadamente os protestantes e suas derivações nas escolas dominicais e nos círculos bíblicos do grupo católico das Comunidades Eclesiais de Base, ligados à Teologia da Libertação. E outros como da Renovação Carismática Católica (Torres, 2019, p. 27-29).

Conclui-se com a citação de “Emmanuel” colocada na apresentação dos seus trabalhos de *exegese* dos Evangelhos, através do médium Chico Xavier (Emmanuel, 1983 [1948], p. 15),

Quanto ao mais, consola-nos reconhecer que os Textos Sagrados são dádivas do Pai a todos os seus filhos e, por isso mesmo, aqui nos reportamos às palavras sábias de Simão Pedro: “*Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação*” (Bíblia [...], 2020, 1Pe 1, 20).

4. Outras referências

O mineiro *Honório Onofre Abreu*²⁰⁸ (1930-2007) se destacou nos estudos da Bíblia, quando era inusual estudar os Evangelhos e o Antigo Testamento na seara espírita. Tornou-se autodidata e, de início, realizava os estudos de forma privada em seu lar. Depois, influenciado pelas obras evangélicas de “Emmanuel”, fundou o *Grupo Espírita Emmanuel* em 1957 com o objetivo de fazer estudo aprofundado do Novo Testamento com a aplicação de seu método denominado de “Miudinho”.

Segundo ele, resgatava “a pureza e a simplicidade do Cristianismo dos primeiros tempos”. Estudando e analisando pequenos trechos da Bíblia – “Com ampla troca de ideias, argumentos, cotejo de referências bíblicas, comparações, pesquisas em livros ou peças avulsas que tratam do assunto, toda a atenção é direcionada para o versículo evangélico escolhido, que verte da letra seu conteúdo sublimado” (Abreu, 2024, p. 21).

Esse estudo bíblico, posteriormente, propagou-se pelas instituições espíritas de Minas Gerais. Em 1997, a União Espírita Mineira (UEM), com base na experiência de Honório Abreu, incluiu nas atividades federativas o estudo bíblico como o do *Grupo Espírita Emmanuel*. Adotaram o nome de “Miudinho”, como era reconhecido popularmente. Foi assim que surgiu o *Estudo Minucioso do Evangelho de Jesus* (EMEJ) (Torres, 2019, p. 30).

Outra experiência foi a criação em 1950 da *Escola Aprendizes do Evangelho na FEESP*, com a finalidade do estudo do Novo Testamento, coordenada por Edgar Armond, que dava prevalência ao *Espiritismo Evangélico*. Alguns líderes espíritas o criticavam, a exemplo do professor Herculano Pires, por introjetar práticas e conceitos de filosofias orientais mesclados com a Doutrina Espírita (Torres, 2019, p. 78).

Mas, até mesmo o filósofo *Herculano Pires*, apesar de ser um intelectual afinado ao caráter filosófico e científico do Espiritismo, tinha uma visão ampla da ética espírita, compreendia o vínculo desta com a cristã. Ele pautava suas análises e interpretação do Evangelho em consonância com as ciência e filosofia, mas não se desvinculava do pensamento social crítico das leituras evangélicas (Torres, 2019, p. 78).

Um exemplo de como ele via o aspecto religioso do Espiritismo pode ser encontrado no livro *Evangelho de Jesus em Espírito e Verdade* (2016), texto póstumo organizado pela pesquisadora Célia Arribas. E na trilogia sobre a história do cristianismo: “A Conversão do

²⁰⁸Honório Onofre Abreu nasceu em 12 de junho de 1930, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Trabalhou no Banco do Brasil onde se aposentou. Nasceu em família espírita e se dedicou ao Espiritismo desde cedo. Foi um dos fundadores do *Grupo Espírita Emmanuel*, em 1952. Exerceu cargo na direção na União Espírita Mineira (UEM) e assumiu a presidência em 2002 até 2007, ano do seu decesso. (Honório [...], [202-]).

Mundo”, centrados em personagens dos Evangelhos: “*Barrabás, o Enjeitado*” (1954), “*Lázaro*” (1973) e “*Madalena*” (1978). E muitos outros derivados da temática dos Evangelhos. Há livros póstumos com comentários de Herculano Pires no programa radiofônico no *Limiar do Amanhã*²⁰⁹, por exemplo, “*Conversa sobre a Bíblia + Os Evangelhos e O Espiritismo*” (2021), organizado por Wilson Garcia.

5. A Tradução do Novo Testamento para estudos dos espíritas

Como dito no Capítulo 2, o jurista Haroldo Dutra Dias, líder espírita atuante na área de interpretação de textos bíblicos, discípulo de Honório Abreu, versado em língua grega e hebraica, traduziu o Novo Testamento diretamente dos originais gregos, direcionado ao público espírita.

Lançada em 2010, essa tradução passou a ser usada pelos grupos espíritas de estudos dos Evangelhos espalhados pelo Brasil, principalmente nos *Núcleos de Estudo e Pesquisa do Evangelho* (NEPEs). Mas de circulação restrita no meio espírita, porque, de acordo com pesquisadores das obras de “Emmanuel” – “É uma obra *de exegese e hermenêutica* – bíblica, literária e linguística com forte componente simbólico no contexto da cultura espírita” (Fabres *et al.*, 2020, p. 4).

Posteriormente, foi substituído pela tradução integral do Novo Testamento, publicado em 2017, composta de 27 livros, do português Frederico Lourenço, reconhecido especialista em grego clássico e professor de literatura da Universidade de Coimbra, (Torres, 2019, p. 79).

6. Núcleo de Estudo e Pesquisa do Evangelho (NEPE)

A principal derivação desses estudos bíblicos originários de Honório Abreu foi, sem dúvida, a criação em 2012 do *Núcleo de Estudo e Pesquisa do Evangelho* (NEPE). Iniciativa da *Federação Espírita Brasileira*, na gestão de Nestor Mazotti, atendendo sugestão de Antonio César Perri de Carvalho, que o implantou durante seu mandato em 2 de março de 2013.

O NEPE tem por lema “*Jesus, a porta. Kardec, a chave*”, a máxima de “Emmanuel”. Objetiva a realização de “estudo minucioso do Evangelho à luz do Espiritismo, congregando esforços de pesquisadores sérios e o inestimável auxílio das revelações espirituais obtidas através de médiuns [...] como Chico Xavier”. Complementa seu objetivo com a frase “pautados no bom senso e na lógica, exemplificados por Allan Kardec, tendo o Espiritismo como a chave

²⁰⁹No *Limiar do Amanhã* programa radiofônico que entrava no ar aos sábados à noite pela Rádio Mulher de São Paulo. Era retransmitido por outras emissoras de rádio. Com expressiva audiência, durou cerca de três anos, nos anos 70 do século passado (Acervo [...], 2025).

para esse entendimento” (Nepe Brasil, 2025).

Outra finalidade do sítio do NEPE Brasil é a sua ferramenta digital de pesquisa bíblica. A mais completa à luz do Espiritismo, disponível no sítio <https://search.nepebrasil.org/> (Nepe Brasil, 2025). Sua importância extrapola o meio espírita, sendo amplamente divulgada e utilizada por estudiosos de diversas confissões e acadêmicos no Brasil²¹⁰. Vê-se que é uma proposta atualizada e aderente à Era da Informática. Em consulta ao sítio NEPE Brasil há 125 unidades de NEPEs, sendo 122 no Brasil e 3 no exterior.

No próximo item será verificado se o Espiritismo com seu sistema de letramento centralizado nos estudos dos Evangelhos, pôde formar um Cânone Espírita na França e no Brasil. Isso devido ao estabelecimento de uma relação ortodoxa com o texto originário, em leituras e interpretações peculiares dos Evangelhos, em *espírito e verdade*, calcadas nos princípios espíritas, tanto por “encarnados” como pelos “Espíritos” em trânsito e ambientados no Brasil.

O professor Herculano Pires traduziu a vinculação da Doutrina Espírita com a revelação judaico-cristã, sob a orientação dos “Espíritos Superiores”:

Emmanuel, certa vez, comparou o Velho Testamento a um apelo dos homens a Deus, e o Novo Testamento, à resposta de Deus. Aceitando essa imagem, podemos dizer que “O Livro dos Espíritos” é a síntese desse diálogo, é o momento em que segundo a definição de Hamelin, o apelo e a resposta se fundem na compreensão espiritual, **abrindo caminho a uma nova fase da vida terrena** (Pires, 1974, p. 16, grifo nosso).

4.3 A Obra Espírita: conformada como cânone

A constituição de um Cânone passa por discussões e revelações que se firmam na linha do tempo das religiões. A partir da materialização do ensino oral, através dos diversos escritos, inicia-se uma competição pelos ditos mais “*verdadeiros*”, ou mesmo, “*mais revelados*”, nos quais a proximidade com a fonte primária emissora ganha terreno sobre as demais.

Denominada de *Potência da Revelação*, quando tudo aquilo que não converge para o centro desse espaço formador do Cânone, passa a ser considerado heresia ou de pouco valor doutrinário. É como se existisse uma “*força centrípeta*” que carrega para o interior desse espaço, onde predomina “*a verdadeira palavra*”, todo material disperso que atraído e depois filtrado, passa a fazer parte do Cânone.

²¹⁰Notadamente, os cursos de Teologia e de Ciências da Religião estão entre os que mais utilizam essa ferramenta, principalmente em disciplinas como Textos Bíblicos e de Exegese bíblica, devido ao amplo material bíblico.

Na teoria de Pierre Bourdieu a formação de um *Cânone* não é um processo natural, mas uma construção social, resultado das disputas dentro de um *campo literário*, onde o valor de uma obra e de um autor é definido pela relação de forças entre *agentes* desse *campo*, que possuem diferentes tipos de *capital*. Na obra *As Regras da Arte* (1996) ele explica que compreende a formação de um *Cânone literário* a partir da lógica de funcionamento deste *campo*. E que a inclusão de uma obra depende da capacidade de acumular *capital simbólico*, no *campo* em específico, que lhe confere prestígio e reconhecimento para legitimá-lo, como resultado de estratégias e lutas por distinção.

Portanto, o *Cânone* não é fixo, mas produto de disputa no espaço literário para legitimar-se frente aos novos autores ou estilos, que podem conquistar posições de prestígio, alterando os critérios de consagração e redefinindo o *cânone*.

Fazendo uma homologia de *campo*, segundo conceito e Bourdieu, é possível verificar a formação de um *Cânone* no campo religioso, como fruto das lutas de seus *especialistas*, para definir quais autores são legítimos e quais obra são verdadeiras doutrinariamente.

4.3.1 A Formação do *Cânone* de Religião Letrada

A definição de “livros sagrados” não guarda similaridade como é entendido atualmente, mas é de “concepção histórico-religiosa” e se entrelaça com a cultura na formação do “*cânone religioso*”. Momento em que esses “livros sagrados” são considerados “textos canônicos”, como medida e regra ética para uma comunidade, derivando daí o estabelecimento da autoridade pela tradição, decidida entre a ortodoxia e as heresias (Terrin, 2003, p. 164).

Segundo o teólogo José Severino Croatto (2001, 2002), é possível constatar que as religiões literárias tendem a coligir seus “textos” em um *corpus* de escritura sagrada. Produto de um demorado processo criativo que se cristaliza num *Cânone* ou algo próximo disso, cujo conteúdo é considerado como revelado ou inspirado a uma personagem que cumpre um papel especial: “Uma forma de reforçar esse valor é atribuir sua recepção e transmissão a um *mediador*” – o missionário. O indivíduo que recebeu e registrou por escrito a mensagem (Croatto, 2001, p. 398, grifo nosso).

Muito embora: “O primeiro fenômeno a ser observado é a constituição de um *texto fundante* que recolha as tradições, os mitos, a instituição dos ritos, as orações, as leis básicas que regulam a vida de uma comunidade” (Croatto, 2001, p. 399, grifo nosso).

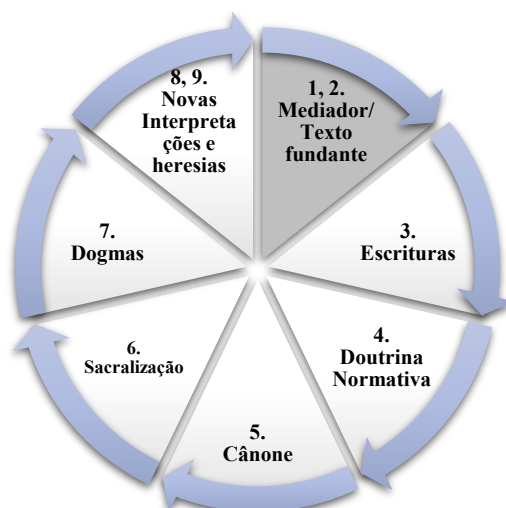
Portanto, de acordo com esse teólogo, um texto é considerado sagrado porque tem sua “origem divina”, ou na “espiritualidade”. Torna-se *Cânone* por ser “infalível”, “inviolável” e

“imutável”. É reconhecido como “Fonte de Autoridade” porque fundamenta as “verdades”, os “dogmas” e as “vivências” que a comunidade toma como “normas éticas” advindas da “vontade divina”, por meio de narrativas e interpretações (Croatto, 2001, 2002).

Por outro lado, Paul Ricœur (2006) entende que “a noção de textos que têm autoridade” é diferente dos textos considerados sagrados, os advindos do “ato fundador da comunidade”. O outro pode até ter autoridade, mas são excluídos dessa “função fundadora”. Assim, o que importa é a sua função e não a sua linguagem sagrada. Ele diferencia as narrativas sagradas das profanas. As sagradas são as tradicionais, contadas e recontadas na comunidade. Obtiveram autoridade por serem “seleções e coleções” de textos canônicos separados dos apócrifos e fazem sentido no sistema litúrgico e no contexto cultural, enquanto “as narrativas profanas são obras de inovação que levantam uma questão específica de autoridade” (Ricœur, 2006, p. 279-293).

Com base nesse referencial teórico, coloca-se em ação a análise interpretativa (hermenêutica) da concepção de “escritura sagrada”, da sua constituição em *Cânone* e das consequências: a “sacralização” e a “dogmatização” dos textos. Em seguida requererem-se “novas interpretações”, reiniciando assim o denominado Círculo da Formação do Cânone de Religião Letrada, adaptado de Croatto (2001, p. 407-408), Figura 2 abaixo:

Figura 2 – Círculo da Formação do Cânone de Religião Letrada



Fonte: Adaptado de Croatto (2001, 2002).

Segue descrição dos fatores necessários, dos suficientes e, para o reinício do círculo, constituintes do processo de estabelecimento de textos “revelados” em um Cânone Sagrado, com base em Croatto (2001, 2002):

Fatores Necessários

- 1º. O mediador do texto – personagem especial ao qual é outorgada uma revelação. É o receptor das “mensagens divinas” ou do “mundo espiritual”;
- 2º. O texto fundante – que foi “revelado” ou “inspirado” ao mediador, de tradição oral ou escrita, como nas religiões literárias;
- 3º. As escrituras – nas religiões literárias são textos de origem divina ou da espiritualidade, estruturados em um corpo de escrituras por um longo processo hermenêutico e interpretativo da realidade;
- 4º. A doutrina normativa – são as ideias (teologia) e as práticas (ética) sistematizadas que formam uma teovisão, uma cosmovisão e uma antropovisão, envolvendo todos os aspectos da vida humana;
- 5º. O Cânone – é a cristalização da interpretação dos textos recebidos, o “fechamento hermenêutico” contra os desvios doutrinários. É geralmente formado em meio às controvérsias e disputas ideológicas.

Fatores Suficientes

- 6º. A sacralização – quando o Cânone é considerado infalível, inviolável e imutável pela comunidade, passando a ser aceito na condição de “Palavra Divina” ou “revelação divina”. Enquanto os textos rejeitados são considerados heterodoxos, concorrentes ou apócrifos;
- 7º. A dogmatização (ortodoxia) – quando o conteúdo do texto canonizado e sacralizado assume “valor de doutrina”, impondo-se às ideias e às práticas. É o texto “verdadeiro”.

Fatores de Reinício do Círculo

- 8º. As novas interpretações e tradições – é a contínua “releitura” das práticas sociais com o crescimento de textos. Seja por novas “revelações”, novos comentários e interpretações “exegéticas” ou sistemáticas em geral;
- 9º. As heresias – são textos considerados apócrifos, rupturas severas com o *status quo*.

O surgimento de um Cânone, em suma, ocorre em momento de crises de identidade internas e por divergências na interpretação dos textos fundantes, depois aceitos como “*sacros*”. Estes se enclausuram em diversas releituras formando uma identidade clara e inamovível, num corpo doutrinário fechado em si.

Surge então a dogmatização ou ortodoxia, até que novas crises reabram as discussões e novas interpretações são adaptadas e inseridas no Cânone – a heterodoxia, como se desde o sempre fizessem parte dos textos fundantes, seguindo o Círculo da Formação do Cânone de Religião Letrada (ver Figura 2).

Vale ressaltar três constatações que o teólogo e exegeta José Severino Croatto (2001, 2002) destaca na sua abordagem:

- a) A Responsabilidade do Mediador (fator cultural) – “Quando não há uma autoridade exterior ao texto canônico que reafirme o valor de seu conteúdo, todo o peso ‘legitimador’ cai sobre o próprio mediador da revelação” (Croatto, 2001, p. 408);
- b) A importância da Comunidade de Seguidores (fator social) – “Toda experiência religiosa está intimamente ligada à vida ativa, como um conjunto de práticas sociais dentro de um grupo definido” (Croatto, 2001, p. 409);
- c) A Tradição (fator histórico) – “A constituição de um cânon não é um fato final. Em si mesmo, cânon já é um fenômeno tardio dentro de uma cosmovisão”. A reconstituição contínua da sua origem divina, desde os primórdios, é “uma maneira simbólica de expressar sua relevância” (Croatto, 2001, p. 413).

Todo esse processo tem expressão sociocultural pelas práticas e ideologias. E históricas, pelas tradições e suas concorrentes, conforme explicitado acima. Desse modo, a pesquisa verificará se esse processo dinâmico e adaptativo está presente no Espiritismo na França e no Brasil, com a identificação dos fatores constitutivos de um Cânone.

4.3.2 *A Composição do Cânone Espírita Francês*

Como exercício analítico foi aplicado o modelo do Círculo da Formação do Cânone de Religião Letrada para verificar se o Espiritismo na França tem um Cânone configurado, apresentando os elementos do processo, tais como: o caráter de **ortodoxia** – que atua para manter a conformidade e a uniformidade dos princípios da Doutrina Espírita, geralmente aceitos, estes estabelecidos como fonte de Autoridade Doutrinária. Em contraste com doutrinas e teses consideradas divergentes, “não doutrinárias”, “heréticas”, “falsas” e, portanto, “rejeitadas”, caracterizadas como **heterodoxas**.

Além das outras obras arroladas como **apócrifas** – as excluídas do Cânone, porque não foram aceitas pela maioria dos profítes em suas lutas simbólicas, mesmo a que se autointitula de “obra espírita de origem mediúnica”, para se identificar com o importante fator da

sacralidade (ver Capítulo 3).

1. Allan Kardec – o mediador do texto

Allan Kardec era convicto de que tinha sido escolhido pela Providência Divina **para uma missão reformista no campo religioso**. Isso conforme informações repassadas pelos “Espíritos Superiores” em “reuniões mediúnicas” no ano de 1856.

A primeira revelação ocorreu no dia 30 de abril de 1856, na casa do Sr. Roustan com a médium Srta. Japhet, ocasião em que “Espíritos” disseram que só haveria uma única religião no mundo: “*Deixará de haver religião e uma se fará necessária, mas verdadeira, grande, bela e digna do Criador... Seus primeiros alicerces já foram colocados...*”. E indicaram Rivail como responsável por essa missão: “*Quanto a ti, Rivail, a tua missão é aí. [...] é o obreiro que reconstrói o que foi demolido*” (Kardec, 2009c [1890], p. 361).

Como anteriormente informado, ele, em prece dirigida a Deus, disse que aceitava a missão lhe confiada:

Senhor Deus Todo-Poderoso,
Visto que Vós vos dignastes a me escolher para desenvolver os princípios da doutrina espírita, eu aceito essa missão com reconhecimento e humildade; dai-me a força para cumpri-la, para o bem da humanidade, e fazei com que eu não conceba nem orgulho nem ambição (Kardec, 2020a [1857], Documento #32).

Fato importante era a confiança adquirida por Kardec nos “Espíritos Superiores”, colaboradores no estabelecimento da Doutrina Espírita. Alguns foram nomeados na parte dos Prolegômenos de *O Livro dos Espíritos*: “São João Evangelista, Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, São Luís, o Espírito de Verdade, Sócrates, Platão, Fénelon, Franklin, Swedenborg”²¹¹.

Allan Kardec confiava principalmente no “Espírito de Verdade”, citado como “Meu guia espiritual”. Porém, este “Espírito” evitou revelar sua personalidade terrena. Disseram apenas que foi “um homem justo e muito sábio” e o principal responsável pelo estabelecimento do Espiritismo (Kardec, 2009c [1890], p. 353-354). Entretanto, há estudos que o atribuem a personalidade terrena de Jesus de Nazaré. Ver o e-book *Espírito de Verdade, quem seria Ele?*, do pesquisador espírita Paulo Neto Sobrinho (2017b).

Os “Espíritos Superiores”, coordenados pelo “Espírito de Verdade”, eram os responsáveis pela “revelação espiritual” dos princípios espíritas e orientadores das ações necessárias ao progresso da humanidade terrena. De seu turno, Allan Kardec era o representante

²¹¹Maiores informações: ver Lira Neto (2019, p. 119).

do Espiritismo no “mundo material”, cabendo-lhe o papel de pesquisador e de formulador da “Doutrina dos Espíritos”. Apesar de afirmar que não se considerava médium “no sentido vulgar da palavra”²¹², recebia informações dos “Espíritos” através de médiuns ou pela intuição.

Quanto ao futuro do Espiritismo, Kardec premeditava que os espíritas não tivessem receio. Dizia que “o futuro lhes pertence”, os adversários seriam premidos pela “verdade” e pela força da evidência dos fatos. Seria apenas uma questão de tempo para o Espiritismo triunfar impulsionado pelo progresso (Revista Espírita, 2004h [1865], p. 65-66).

Kardec externou sua relação com o Espiritismo: “*foi a obra de minha vida: a ela dei todo o meu tempo, sacrifiquei meu repouso, minha saúde, porque o futuro estava escrito diante de mim em caracteres irrecusáveis*” (Revista Espírita, 2004h [1865], p. 226).

2. O Livro dos Espíritos – o texto fundante

O Espiritismo derivou das pesquisas empreendidas por Allan Kardec na observação dos fenômenos das “mesas girantes”, em diálogos escritos com os “Espíritos”. Os ensinamentos, derivados dessas observações, ganharam proporção de uma “doutrina”, motivo pelo qual surgiu a ideia de publicá-los para compartilhar com as pessoas interessadas nesses fenômenos.

Um conjunto de perguntas e respostas desenvolvidas, complementadas e revisadas pelos “Espíritos Superiores”, através de diversos médiuns (mais de dez). Foi a base de *O Livro dos Espíritos*, apresentado em 18 de abril de 1857. O marco inicial do Espiritismo (Kardec, 2009c [1890], p. 352-353).

Allan Kardec declarou que as pesquisas dos fenômenos espíritas foram direcionadas pelos “Espíritos Superiores” e que os conhecimentos obtidos passaram pelo critério de aceitabilidade desses “Espíritos”. Por isso, justificou o título de ***O Livro dos Espíritos como obra de autoria dos “Espíritos”***, pois sua participação foi restrita à redação de notas e à organização das matérias. E que o livro: “*Foi escrito por ordem e sob ditado dos Espíritos superiores [...]. Nada contém que não seja a expressão do seu pensamento e não tenha sofrido o seu controle*” (Kardec, 1974 [1860], p. 61).

O filósofo Herculano Pires elaborou uma correspondência entre o conteúdo de *O Livro dos Espíritos* e os demais livros doutrinários. Além deste livro ser o marco fundante da Doutrina Espírita, traz em seu conteúdo o delineamento geral da Doutrina, inclusive dele próprio.

²¹²“Nos trabalhos que tenho feito para alcançar o objetivo a que me propunha, sem dúvida fui ajudado pelos Espíritos, como eles próprios já me disseram várias vezes, mas sem o menor sinal exterior de mediunidade. Assim, não sou médium, no sentido vulgar da palavra, e hoje compreendo que é uma felicidade que assim o seja” (Revista Espírita, 2004d [1861], p. 491).

Verificou que todas as demais obras derivam de seu conteúdo, correlacionadas no seguinte esquema:

O Livro dos Médiuns – tem sua fonte no Livro II (Mundo Espírita), a partir do capítulo sexto até o final; *O Evangelho Segundo o Espiritismo* – decorrência do Livro III (Leis Morais); *O Céu e O Inferno* – decorre do Livro IV (Esperanças e Consolações) e; *A Gênese, os Milagres e as Predições* – capítulos II, III e IV do Livro I (Causas Primeiras), capítulo IX, X e XI do Livro II (Mundo Espírita) e a parte do Livro III (Leis Morais). O próprio *O Livro dos Espíritos* tem temas exclusivos no Livro I (Causas Primeiras) e II (Mundo Espírita) (Pires, 1974, p. 12-13).

3. Obras do Plano do Espírito de Verdade – as escrituras

Allan Kardec, seguindo a proposta do “*Plano do Espírito de Verdade*” para a constituição da Doutrina Espírita, publicou dois livros sobre os assuntos da Parte Científica: *O Livro dos Espíritos* (1857) e *O Livro dos Médiuns* (1861). E mais três livros das matérias da Parte Aplicação da Doutrina: *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e O Inferno ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo* (1865) e *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo* (1868).

Restaram três assuntos do Plano que não foram desenvolvidos: *O Livro dos Magnetizadores*, *a Religião Segundo o Espiritismo* e *o Estado Social Segundo o Espiritismo*.

Depreende-se, desse Plano, que houve uma *dobradura programática* nas Obras Fundamentais do Espiritismo. Quando o conteúdo da Parte Científica, considerada Doutrinária, por constar os princípios doutrinários, foram aplicados no estudo e na análise dos textos dos Evangelhos, formando a Parte Aplicada da Doutrina com o dístico *Segundo o Espiritismo*.

Assim, o “*Plano do Espírito de Verdade*” seguiu uma lógica diacrônica em duas partes: a teórica e a aplicada – demonstrando uma coerência sistemática na elaboração e sequência na publicação dos livros fundamentais do Espiritismo. Foi o processo histórico constitutivo da Doutrina Espírita.

Os princípios básicos e aplicados do Espiritismo, coligidos nas obras do “*Plano do Espírito de Verdade*”, acima descrito, é a “*Enciclopédia do Espiritualismo*”. Esta reuniu os princípios espirituais dispersos na literatura e na experiência humana, constituindo um sistema harmonioso entre ciência e religião – a *Doutrina Espírita*. Um legado à Humanidade, para a instrução de todos, vinda num século de luzes para se contrapor ao materialismo, como almejava seu autor.

4. Doutrina Espírita – a doutrina normativa

Em um longo artigo publicado na *Revista Espírita* de dezembro de 1861, Kardec expôs seu plano para *Organização do Espiritismo*, dando início ao processo de institucionalização deste movimento espiritualista. A uniformização seria completa: “em todos os que seguirem a linha traçada em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*”, os dois livros fundamentais publicados na época. Ainda observou, que os escrevera com clareza para evitar “interpretações divergentes” e que funcionaria como um sistema “**regulador à imensa maioria dos espíritas**”. Por serem adotadas com “simpatia” pelos profíctentes (*Revista Espírita*, 2004d [1861], p. 533, grifo nosso).

Justificava a recomendação do estudo de suas obras por serem “[...] *as únicas, até o momento, em que a ciência é tratada de maneira completa. Todas as que foram publicadas sobre a matéria não abordaram senão alguns pontos isolados da questão*”²¹³ (*Revista Espírita*, 2004d [1861], p. 534).

Todavia, não pretendia impor suas ideias: “as instruções que damos se destinam naturalmente aos que caminham conosco, para os que nos honram com **o título de seu chefe espírita**; de maneira alguma pretendemos regulamentar os que querem seguir outra via” (*Revista Espírita*, 2004d [1861], p. 534, grifo nosso).

Ou seja, sua ideia era estabelecer um Cânone a partir de suas obras, até então produzidas. Cânone no sentido de padrão ou modelo, aplicado como norma, definido por uma autoridade. No conceito de Bourdieu, é estabelecer a *doxa* do *campo* para as disputas, definida como pressupostos do *campo*, as normas implícitas e desconhecidas do jogo, que não são questionadas na sua legitimidade sob pena da destruição do *campo* no qual foram internalizadas pelos agentes (Deer, 2018, p. 158).

Segundo o professor Marcelo Camurça, o estudo dos livros fundamentais centrais é central nas instituições espíritas. Tal atitude possibilita a Doutrina Espírita se diferenciar das demais formas de espiritualismo e “funciona como fonte de autoridade que legitima posições em meio a divergências” (Camurça, 2022, p. 90).

Na observação do Plano elaborado pelo “Espírito de Verdade”, segmentado em duas partes doutrinárias – a *Científica* e a *Aplicada*, é possível definir os pré-requisitos para estabelecer a Hierarquia das Obras quanto aos princípios básicos do Espiritismo, determinante

²¹³Aubrée e Laplantine (2009, p. 44) explicam que *O Livro dos Espíritos* se esgotou rapidamente e foi reeditado quinze vezes durante a existência de Kardec, e “vai eclipsar todos os outros livros contemporâneos sobre a comunicação com os mortos”. Uma correção, na realidade foram 17 edições em 12 anos, várias dessas edições foram apenas reimpressões. Ver Lira Neto (2019, p. 25).

para a **Doutrina Normativa do Espiritismo**. A necessidade surge devido à progressividade da Doutrina que agregou novos conceitos em novas obras ou ajustes conceituais entre as edições publicadas *pari passu* às publicações de artigos na *Revista Espírita* que influenciaram as obras com os fundamentos na Doutrina Espírita²¹⁴.

Os critérios que possibilitam determinar a preponderância de uma obra fundamental sobre a outra: o da Autoridade – quando uma obra tem mais relevância doutrinária (caráter sistemático) e o critério da Temporalidade – quando o fator temporal tem maior importância (caráter diacrônico)²¹⁵.

Infer-se da resposta dada pelo “Espírito de Verdade” que as obras da Parte Científica têm maior **Autoridade** sobre as demais por serem a base Filosófica e Experimental da Doutrina Espírita. Correspondem a seus fundamentos conceituais sob os quais derivam os princípios espíritas básicos, enquanto as demais obras são aplicações dos princípios em campos específicos, ou obras propagandistas e de divulgação desses princípios.

Então, *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns* têm mais autoridade em relação aos demais. Já os três outros do Plano têm prevalência aos seguintes que compuseram o Catálogo Racional, a seguir.

5. As Obras Fundamentais do Catálogo Racional – o cânone kardeciano

Conforme visto no Capítulo 1, em *O Catálogo Racional para se Formar uma Biblioteca Espírita* estão relacionadas várias obras, organizadas em três seções: I – Obras Fundamentais da Doutrina Espírita, II – Obras diversas sobre o Espiritismo (ou complementar da doutrina), III – Obras realizadas fora do Espiritismo (incluindo as de opinião contrária).

A seção I com o critério das Obras Fundamentais da Doutrina Espírita, Kardec segmentou em Obras – os cinco livros do “*Plano do Espírito de Verdade*”; Resumos – cinco livros com resumos explicativos da Doutrina e; Revista – a coletânea da *Revista Espírita* dos anos de 1858 a 1868 e 4 fascículos avulsos (janeiro a abril de 1869). Tudo isso totaliza nove livros e 11 volumes anuais da *Revista* e 4 fascículos avulsos, um acréscimo substancial em

²¹⁴Augusto Araujo (2016, p. 28) alerta que nas obras kardecianas afirmações sobre determinado assunto sofreram ajustes ou foram situados em outro contexto com novos sentidos, no período final de sua produção (1869).

²¹⁵Algumas ressalvas são pertinentes: a existência da variável Temporalidade nas obras fundamentais, relativas às suas edições e será, naturalmente, a última edição de cada obra publicada por Allan Kardec ou deixada pronta por ele; alguns assuntos foram ajustados em obras mais recentes, como o caso da Possessão e Instinto. O mesmo ocorre com a *Revista Espírita*, por ser um periódico está sujeito à temporalidade, o texto mais recente de um determinado assunto ou conceito tem maior Autoridade do que o mais antigo. Kardec alertou que utilizava a *Revista Espírita* como ambiente de discussão antes de inserir algum princípio espírita nas obras fundamentais; além do mais, Kardec reeditava essas revistas em coletâneas e, quando necessário, fazia ajustes posteriores nos textos.

relação às do “*Plano do Espírito de Verdade*” (Bastos; Farias; Ribeiro Júnior, 2022).

Considerando que a primeira edição do Catálogo Racional foi a última informação disponibilizada por Kardec, em vida, sobre suas obras, é a melhor indicação de que se dispõe para a função de Corpus Doutrinário do Espiritismo similar a um Cânone, o kardeciano. Pois, todas as obras são de sua autoria, inclusive a *Revista Espírita*. E foram classificadas por ele como ***Obras Fundamentais da Doutrina Espírita***, ou seja, fundamentam o Espiritismo no aspecto científico, filosófico e religioso.

6. A Origem divina – a sacralização do cânone kardeciano

Na sua última obra doutrinária, *A Gênese (1868)*, Kardec expressou sua convicção de que os conhecimentos constantes na Doutrina Espírita trariam consequências profundas para sociedade, ao revelar a possibilidade de comunicação com o “mundo espiritual”. Entre as consequências, haveria: “modificação nos costumes, caráter, hábitos, assim como nas crenças que tão grande influência exerceram sobre as relações sociais”.

Seria uma completa revolução das ideias, de amplitude mundial, atingindo “*todas as classes, todas as nacionalidades, todos os cultos*”. Por essa razão, considerou o Espiritismo a “*terceira das grandes revelações*”, referindo-se às duas anteriores: a de Moisés e a do Cristo (Kardec, 2011b [1869], p. 34).

No primeiro capítulo de *A Gênese*, Kardec apresenta o conceito de revelação, “*sair de sob o véu*”, ou seja, “dar a conhecer uma coisa secreta”, para em seguida caracterizar o Espiritismo como Revelação Divina, transcendental. Disse que podem existir “revelações sérias e verdadeiras” e, em contrapartida, ter as “apócrifas e mentirosas”. E explicou a forma de distinguir umas das outras: “O caráter essencial da revelação divina é o da eterna verdade. Toda revelação eivada de erros ou sujeita a modificação não pode emanar de Deus” (Kardec, 2011b [1869], p. 27).

No livro *A Gênese*, há a consolidação do deslocamento do Espiritismo para o campo religioso, iniciado em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e continuado em *O Céu e o Inferno*, ao apresentar os princípios espíritas como Revelação Divina (religião) por ser originária da Providência Divina e a Revelação Humana (ciência e filosofia) por ser produto do trabalho humano de observação e pesquisa, porque a Doutrina Espírita “*não foi ditada completa, nem imposta à crença cega*”. E sintetizou o caráter da revelação espírita ao afirmar: “Em suma, o que caracteriza a revelação espírita é o fato de ser divina a sua origem e da iniciativa Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem” (Kardec, 2011b [1869], p. 29).

Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Kardec fez a vinculação do Espiritismo com a doutrina cristã em três situações, ao afirmar que:

- a) É a “Terceira Revelação” na linha judaico-cristã – “A lei do *Antigo Testamento* está personificada em Moisés; a do *Novo Testamento* está personificada no Cristo. O Espiritismo é a Terceira Revelação da Lei de Deus [...]” (Kardec, 2017 [1866], p. 40);
- b) É o “Consolador prometido por Jesus” – “Jesus promete outro Consolador: o Espírito de Verdade, que o mundo ainda não conhece por não estar maduro para o compreender”. Ora, quem é o coordenador espiritual do Espiritismo senão o “Espírito de Verdade”? Portanto, Kardec conclui com a frase – “O Espiritismo vem no tempo previsto cumprir a promessa do Cristo: preside ao seu advento o Espírito de Verdade.” (Kardec, 2017 [1866], p. 100);
- c) É, “[...] obra do Cristo, que Ele mesmo preside, assim como preside, conforme igualmente o anunciou, à regeneração que se opera e prepara o Reino de Deus na Terra (Kardec, 2017 [1866], p. 40).

Resumindo, essas colocações demonstram que Kardec associou o Espiritismo e, conseqüentemente as Obras Fundamentais da Doutrina Espírita, à origem divina e ao compromisso do Cristo com o envio do “Espírito de Verdade”. Para restabelecer todas as coisas e inaugurar a Nova Era na Terra, no tempo predito – o Cristo o preside. Portanto, foi a forma adotada para **Sacralizar** a sua obra, o **Cânone Kardeciano**.

7. Os últimos textos em vida – a ortodoxia

As onze obras, incluindo a *Revista Espírita*, foram organizadas em três partes em *O Catálogo Racional para se Formar uma Biblioteca Espírita*. Na primeira, já referida, constam as Obras Fundamentais da Doutrina Espírita, que compõem o **Cânone Kardeciano**. Seus textos podem ser considerados dentro do conceito da Ortodoxia, os “textos verdadeiros” que encerram o Cânone. Configuram a base interpretativa do Espiritismo, sob a qual se assenta a dogmatização literária.

É fato que Kardec editou várias vezes suas obras, na maior parte era mera reimpressão. No entanto, ele divulgava, pela *Revista Espírita* e pelas contracapas das obras, os números das edições e primava por divulgar as mais recentes. No Catálogo Racional, há a edição de cada obra. Sendo assim, a relação das obras da parte I – Obras Fundamentais da Doutrina Espírita,

com suas respectivas edições²¹⁶, que constam da primeira versão deste Catálogo, considera-se **os textos Ortodoxos** por excelência, pois é a última lista composta por Kardec (Bastos; Farias; Ribeiro Júnior, 2022, p. 99).

8. Os textos complementares – a heterodoxia

De forma similar, as 203 obras que constam na parte II – Obras diversas sobre o Espiritismo (ou complementar da doutrina)²¹⁷ e III – Obras realizadas fora do Espiritismo, excetuando a última seção (as de opinião contrária), configuram **os textos heterodoxos**. São as obras complementares da Doutrina Espírita ou concorrentes, de épocas diversas (Bastos; Farias; Ribeiro Júnior, 2022, p. 99-100).

9. Os textos divergentes – os apócrifos

Consideram-se como **textos Apócrifos**, ou textos divergentes, as 23 obras listadas na seção – Obras Contrárias ao Espiritismo. Contêm opiniões diversas e opostas em relação aos princípios espíritas fundamentais, segundo avaliação de Allan Kardec (Bastos; Farias; Ribeiro Júnior, 2022, p. 100).

O Cânone Espírita Francês

O antropólogo Bernardo Lewgoy observa que: “*Atualizando as verdades cristãs, a obra de Kardec cria um cânone inédito para os kardecistas, em que os dogmas não são lidos como tais, mas como fruto da experiência universal de comunicação mediúnica [...]*” (Lewgoy, 2000, p. 258, grifo nosso).

E prossegue, o Espiritismo “**é uma religião do livro, da leitura e do letramento**, num sentido que dificilmente se iguala em outras religiões”. Não se diferencia das demais religiões do livro, devido ao seu “racionalismo iluminista, o cientificismo e o gênero romance”. O Espiritismo, ao tomar posse desses fatores, faz isso numa “leitura cristã dessecularizante da ‘ciência’ e da ‘literatura’”, que orienta sua religiosidade com vivências na leitura e na escrita, sua marca identitária (Lewgoy, 2000, p. 11, grifo nosso).

Portanto, de forma inusitada na França, foram identificados todos os nove fatores constitutivos de um Cânone, completando o Círculo da Formação do Cânone de Religião Letrada. Segue o Quadro 3 com o resumo dos Fatores do Cânone Espírita Francês.

²¹⁶Algumas dessas edições estão em controvérsias no Brasil. Assunto detalhado no próximo item.

²¹⁷Kardec incluiu nessa seção, a obra de J.-B. Roustaing, *Os Quatro Evangelhos*.

Quadro 3 – Fatores do Cânone Espírita Francês

Item	Fatores do Cânone	Espiritismo na França
1	Mediador	<i>Allan Kardec</i>
2	Texto Fundante	<i>O Livro dos Espíritos</i>
3	Escritura	<i>As Obras do Plano do Espírito de Verdade</i>
4	Doutrina Normativa	<i>Doutrina Espírita</i>
5	Cânone	<i>Obras Fundamentais do Catálogo Racional</i>
6	Sacralização (infallibilidade)	<i>Origem Divina. O Cristo preside o Espiritismo</i>
7	Ortodoxia (últimos textos em vida)	<i>Últimas edições das Obras da Parte I do Catálogo Racional</i>
8	Heterodoxia (complementares)	<i>Obras da Parte II e III do Catálogo Racional (exceto a última seção)</i>
9	Apócrifos (divergentes)	<i>Obras Contrárias ao Espiritismo, última seção da Parte III do Catálogo Racional</i>

Fonte: Adaptado de Croatto (2001, 2002) e Terrin (2003).

Depois dessas análises, é possível demonstrar a configuração do Espiritismo na França como um sistema articulado de uma **Religião do Livro**. Este é correlacionado aos elementos característicos: o Livro fundante, a Religião conexa, a Sacralidade do Cânone e a Comunidade de seguidores. Em conformidade com os fatores referidos, seguem os fatores vinculantes:

- Livro fundante – *O Livro dos Espíritos* (Cap. 1).
- Religião conexa – **Religião Letrada**, não clerical (Cap. 1 e 4).
- Cânone sagrado – **Cânone Espírita Francês** (Cap. 4).
- Comunidade de seguidores (ampliada) – a população de seis a sete milhões, estimada por Kardec em 1869 (Cap. 1).

Assim, fica aqui evidenciado que, na própria França, apesar do pouco tempo de vivência de Kardec no movimento espírita (1857-1869) e do arrefecimento no período pós-Kardec, **as obras fundamentais espíritas adquiriram configuração de Cânone Sagrado**, acima das expectativas e de trabalhos acadêmicos que indicam essa característica apenas no Espiritismo no Brasil.

4.3.3 A Composição do Cânone Espírita Brasileiro

Da mesma forma como se procedeu na seção anterior para identificar os elementos da formação do Cânone na França, esta seção é dedicada ao Espiritismo ambientado no Brasil, já estruturado no século XX. Isso com as instituições espíritas em plena ação, principalmente a *Federação Espírita Brasileira* e na produção literária do binômio “*guia espiritual-médium*”. Sendo assim, o quadro analítico do Cânone Espírita no Brasil inicia-se com configuração combinada dos fatores do Cânone Espírita Francês com as “obras mediúnicas”, advindas da dinâmica reinterpretaiva do Círculo da Formação do Cânone de Religião Letrada.

A pesquisadora Célia Arribas entende que os rumos do Espiritismo no Brasil foram determinados pelo “grupo religioso”, nas relações e controvérsias com outros grupos e das pressões extracampo espírita. Esses fatores formaram uma corporação de espíritas “literatos”, os especialistas no campo espírita, conforme a teoria do Campo Religioso de Bourdieu. Esses especialistas agiram em suas lutas simbólicas para: “1. *criar os escritos ‘sagrados’*; 2. *interpretá-los* e 3. *impor o seu uso ‘correto’*” (Arribas, 2010, p. 230).

Resta agora explorar a composição do Cânone Espírita no Brasil, identificando as obras que compõem seu portfólio. A questão passa por uma análise das singularidades do Espiritismo ambientado no Brasil e sua matriz francesa. Na França, a representação simbólica da inter-relação entre o “mundo material” e o “mundo espiritual” (na linguagem êmica espírita) teve como protagonista o binômio “*Espírito de Verdade-Kardec*”. Em contrapartida, no Brasil, o protagonismo é por conta do binômio “*guia espiritual-médium*”, com a representação recaindo em “Emmanuel-Chico”.

Fazendo análise dessa especificidade brasileira, com base na Teoria do Campo Religioso de Bourdieu, constata-se que uma das causas da origem do *campo religioso*, que o fez autônomo, foi a divisão do trabalho em intelectual e material. No Brasil, isso é representado simbolicamente pelo trabalho intelectual do “guia espiritual” e o material pelo médium (passivo). Também se verifica a prática de moralizar e sistematizar as crenças, a ideologia religiosa, pelos intelectuais, principalmente, os representados pelos “Espíritos Guias”.

Some-se a isso, as disputas internas pelos *especialistas* espíritas entre ortodoxos e heterodoxos na formação do Cânone Espírita Brasileiro e a produção literária do binômio “*guia espiritual-médium*” considerada na mesma categoria da originária de Allan Kardec, como será visto. Esses pontos atestam a aplicabilidade dessa teoria na dinâmica do Espiritismo no Brasil, por apresentar caráter de *Campo Religioso*.

1. Médiuns brasileiros – mediadores do texto

Na França, a referência na mediação com o “plano espiritual” para a obtenção de textos era exclusiva de Allan Kardec. Mas, a partir do século XX, o Espiritismo ambientado no Brasil entra na **fase ativa do binômio “guia espiritual-médiun”**. Destacam-se “*Emmanuel-Chico*” e “*Joanna de Ângelis-Divaldo*”, que impactaram a configuração do Espiritismo, direcionando-o para um perfil “católico” e “psicológico”. Em razão disso, o fator mediador do Espiritismo no Brasil **são os médiuns dos binômios**.

2. Os livros de “Emmanuel” – textos conformadores

Os três livros iniciais de “Emmanuel”, através do médium Chico Xavier, apresentam as perspectivas da ação deste “Espírito” para com o Espiritismo, em relação à: parte sistemática da doutrina (doutrina cristã), parte prática (noção de santidade) e parte histórica (narrativa mítica espiritual). Elas são instituídas no movimento espírita brasileiro, configurando um perfil religioso evangélico.

O primeiro livro de autoria de “Emmanuel” tem o título homônimo *Emmanuel* de 1938. O “Guia Espiritual” estabelece a importância dos Evangelhos para a prática do Espiritismo na contribuição para transformar a sociedade humana – a noção da santidade. Nas suas palavras: “O essencial é meter mãos à obra, aperfeiçoando, cada qual, o seu próprio coração primeiramente, afinando-o com a lição de humildade e de amor do Evangelho, transformando em seguida os seus lares, as suas cidades e os seus países [...]” (Emmanuel, 2019 [1938], p. 17).

No livro *A Caminho da Luz*, de 1939, de subtítulo *História da Civilização à Luz do Espiritismo* – uma narrativa em linguagem mítica, da evolução da humanidade terrena sob a perspectiva do Espiritismo – a narrativa mítica espiritual. Uma epopeia desde a Gênese Planetária até o início do século XX, passando pelas grandes civilizações da humanidade. E finalizando, com predições para a América e o Espiritismo, vinculando-os ao futuro do Evangelho:

O Espiritismo, na sua missão de Consolador, é o amparo do mundo neste século de declives da sua História; só ele pode, na sua feição de Cristianismo redivivo, salvar as religiões que se apagam entre os choques da força e da ambição, do egoísmo e do domínio, apontando ao homem os seus verdadeiros caminhos (Emmanuel, 1998 [1939], p. 213).

Por fim, o livro *O Consolador* de 1940 – composto por 411 perguntas e respostas, à semelhança de *O Livro dos Espíritos* de Kardec. Dividido em três partes: ciência, filosofia e religião, sanciona o conceito sistemático do *Tríplice Aspecto do Espiritismo* com a relevância

do Religioso sobre os demais – a doutrina cristã. Diz “Emmanuel”: “No aspecto religioso, todavia, repousa a sua grandeza divina, por constituir a restauração do Evangelho de Jesus-Cristo, estabelecendo a renovação definitiva do homem, para a grandeza do seu imenso futuro espiritual” (Emmanuel, 1982 [1940]).

São colocações que tiveram aceitação tácita no movimento espírita brasileiro devido à linha interpretativa do binômio “*Emmanuel-Chico*”, caracterizada por uma linguagem de fácil acesso, com conotações do *ethos* católico brasileiro. E o alto grau simbólico dos problemas humanos, com solução apresentada no “Cristianismo redivivo”, o Espiritismo. São representações religiosas centradas no Evangelho segundo interpretação, singularizada por “Emmanuel”, do “plano espiritual” e exemplificada no modelo de “sofrimento” e de “renúncia” por Chico Xavier na humanidade terrena – “**o modo católico de ser espírita**”, como observa Sandra Stoll (2003, p. 196, grifo nosso).

Conclui-se com uma frase colocada no Reformador (1883-) de outubro de 1955, referindo-se aos livros de autoria de “*Emmanuel-Chico*”: “Sem dúvida, a primeira fonte a recorrer para a interpretação de ‘O Livro dos Espíritos’ **é a coletânea de Pedro Leopoldo**”, em alusão à cidade natal do médium Chico Xavier (Reformador, 1955, p. 14, grifo nosso).

3. As Séries Mediúnicas – a escritura reconfigurada

Os cinco livros do “*Plano do Espírito de Verdade*”, no Brasil tomaram o designativo de “**Codificação Espírita**”²¹⁸. Uma conexão expressa com um *códice* da realidade espiritual e terrena do ponto de vista do Espiritismo.

Em pesquisa no jornal *Reformador*, na procura do uso originário desse termo no Brasil²¹⁹, foram encontradas várias versões e situações de seu uso. Como exemplo: no *Reformador* (1883-) de 31 de março de 1886, “*A filosofia espírita nada mais é que a codificação em um corpo de doutrina*”.

Outros denominativos foram se sucedendo ao longo do tempo, como: “*A sublime codificação do espiritismo*” (Reformador, 1914, p. 367); “*surgiu a codificação da doutrina dos espíritos*” (Reformador, 1921, p. 1). Vê-se que o termo encontrado – Codificação, ainda não estava coligado ao seu designativo Espírita em referência restrita à cinco livros de Kardec.

²¹⁸As pesquisas demonstram que Kardec não utilizou o termo Codificação Espírita como designação das cinco principais obras suas espíritas.

²¹⁹A palavra “codificar” foi encontrada no discurso de Gabriel Delanne na França em 1880, quando este fez uma saudação à Kardec: “Saudações, então, ao ilustre trabalhador que passou a vida codificando as instruções de nossos amigos do espaço, e lutando bravamente para implementá-las”. E outras referências associadas ao termo e seus derivativos: codificação, codificador e codificar. Informação originária de Leonil Marques (CSI [...]), (2022).

Na maior parte dos anos, o termo empregado era “*codificação kardequiana*”. Até que no *Reformador* (1883-) de dezembro de 1947 tem-se o termo *A Codificação Espírita*, referindo-se à cindo livros de Kardec, tal como usada na atualidade (descrito no item 5 a seguir).

Os livros da *Codificação kardeciana* são considerados, por boa parte dos espíritas brasileiros, de difícil compreensão devido ao “conteúdo filosófico” em linguagem formal (cult). Por isso, a predileção por textos de “origem mediúnica” de interpretação dos Evangelhos, por romances históricos e de conteúdo espíritas com narrativas situadas em reencarnações conexas – o amor e seus problemas através de várias encarnações²²⁰.

As “novelas espíritas”, ao gosto popular de espíritas e não espíritas, aumentam a base de seguidores do Espiritismo por suas ideias e narrativas. Sem se institucionalizarem, os não espíritas consomem esses *bens simbólicos* espíritas produzidos no “intercâmbio espiritual” no binômio “*guia espiritual-médium*”.

Sem dúvida que as coletâneas: a *Série Fonte Viva* de “Emmanuel” – (interpretações dos Evangelhos) e a *Série Nosso Lar* de “André Luiz” – (relatos da vida no plano espiritual) são consideradas, pela maioria dos espíritas, complemento da Codificação Espírita e incluídas nos Estudos Sistematizados e nas discussões do movimento. Os livros da *Série Psicológica* de “Joanna de Ângelis” têm leitura restrita aos meios espíritas mais letrados, por causa do conteúdo relacionado ao psiquismo, em linguagem da área psicológica.

Em vista disso, essas **Séries são identificadas com o fator *escritura*** no Espiritismo no Brasil, dada a preferência de leitura.

4. Doutrina de perfil Católica – a doutrina adaptada

A pesquisadora Sandra Stoll (2003) analisa o Espiritismo como religião importada, similar a outras experiências (o islamismo na Indonésia). Difundiu-se no Brasil, onde encontra um campo religioso consolidado e uma cultura religiosa com a hegemonia da Igreja Católica, a oficial do Império, conseqüentemente, “**conformadora do *ethos* nacional**” (Stoll, 2003, p. 61, grifo nosso).

²²⁰Tomam-se como exemplo os romance-históricos de “Emmanuel”, nos quais apresenta, numa linha histórica do Cristianismo nascente e algumas de suas reencarnações. No sequencial: *Há dois mil anos...: episódios do cristianismo no século I* (1940), narra a vida do Senador Romano Públio Lentulus Cornelius (encarnação de Emmanuel), ambientado no mundo romano dos anos 30 do século I. *Cinquenta Anos Depois: episódios do cristianismo do século II* (1940), sequência do romance anterior, com o personagem central o escravo cristão de origem judaica Nestório (outra encarnação de Emmanuel), nascido no ano de 131 da nossa era. *Paulo e Estevão: episódios históricos do cristianismo primitivo* (1942), narrativa da vida de Paulo de Tarso e de Estevão (um dos livros espíritas mais lidos). *Ave, Cristo!: episódios da história do cristianismo século III* (1953), relata a vida de Quinto Varro e Taciano, pai e filho, ambientado na Roma dos Césares no ano 217 da nossa era. *Renúncia* (1944), descreve a vida de Alcione, uma das encarnações de Célia, protagonista do livro *Cinquenta Anos Depois*, ambientado na França do século XVII, na corte do Rei Luís XVI.

A conotação católica é observada pela antropóloga: “O Espiritismo brasileiro assume um **‘matiz perceptivelmente católico’** na medida em que incorpora à sua prática um dos valores centrais da cultura religiosa ocidental: a noção cristã de santidade” (Stoll, 2003, p. 61, grifo nosso).

Essa correlação entre o Espiritismo e o catolicismo deve-se, em parte, pela constatação de Allan Kardec, no item VI da Conclusão de *O Livro dos Espíritos*, que os princípios espíritas pertencem, *lato sensu*, a todas as religiões e que no catolicismo, “se acha o princípio de tudo quanto existe no Espiritismo” (Kardec, 2006, [1860], p. 567).

Em resumo, o Espiritismo no Brasil toma o colorido **do ethos católico**, pela similitude dos “fenômenos espírituais” e da linguagem simbólica, facilitadores da aceitação das “obras mediúnicas”, principalmente, as de *Emmanuel-Chico*. Estas favoreceram a penetração do Espiritismo na coletividade assente do catolicismo e na camada brasileira menos letrada. Ver análise entre o catolicismo e o Espiritismo em Marcelo Camurça (2014).

5. O Pentateuco kardeciano e a literatura evangélica – o cânone espírita ampliado

O termo “Pentateuco Espírita” ou “Pentateuco Kardeciano”²²¹ ou ainda “Codificação Espírita” são atribuídos ao conjunto formado pelos cinco livros principais do Espiritismo, já citados. Os espíritas brasileiros fazem essa correlação com o Pentateuco de Moisés – considerada a Primeira Revelação da Lei de Deus; com os quatro Evangelhos do Novo Testamento em conjunto com Atos dos Apóstolos – a Segunda Revelação, por conseguinte, o “Pentateuco Espírita” – seria a Terceira Revelação na linha judaico-cristã.

Uma das primeiras referências ao epíteto “Pentateuco Espírita” foi localizada no *Reformador* (1883-) de outubro de 1945. O artigo *Missionário da Luz*, de autoria de Indalício Mendes, publicado em comemoração ao nascimento de Allan Kardec, fazia-se referência às cinco principais obras do Espiritismo como “**pentateuco do Espiritismo**”,

Apropriando-nos da feliz expressão de André Luiz, diremos que ele [Kardec] foi um legítimo “Missionário da Luz”. As obras que trazem sua chancela – “O Livro dos Espíritos”, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, “A Gênese” e “O Céu e o Inferno”, que constituem o “**pentateuco do Espiritismo**” – revelando ao mundo uma nova era, referta de possibilidades risonhas para todos os homens de boa vontade que desejarem alcançar o Reino dos Céus (Reformador, 1945, p. 1, grifo nosso).

²²¹Pentateuco – palavra de origem grega que se refere ao número cinco “Penta”. É empregado para nomear os primeiros cinco livros do Antigo Testamento Hebraico ou Torá: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, de autoria atribuída à Moisés, quando ocorreu a sua tradução para o grego.

Este artigo, depois foi reproduzido no *Reformador* (1883-) de outubro de 1949 com a inclusão de *O Livro dos Médiuns* para completar as cinco obras, ausente na publicação anterior de 1945 (Reformador, 1949a).

No *Reformador* (1883-) de dezembro de 1947, o artigo *O Livro* de autoria do colaborador da FEB, Ismael Gomes Braga (1891-1969), houve a vinculação dos ditos “livros maiores de Kardec” com o termo *Codificação e Pentateuco*:

Um dos nossos confrades²²² **costuma referir-se à Codificação** como formada dos **cinco livros maiores de Kardec**, assim como o **Pentateuco** é formado dos cinco livros de Moisés e representa a Primeira Revelação, os quatro Evangelhos e o livro de Atos dos Apóstolos formam os cinco livros principais da Segunda Revelação (Reformador, 1947, p. 14, grifos nossos).

A conexão entre as obras da Doutrina Espírita com o termo “Codificação” e desta para “Pentateuco Espírita” é revestida de simbolismo ao considerar as Obras Básicas como um *Código Legal*. O antropólogo Bernardo Lewgoy assinala a pretensão dos espíritas em constituir uma “codificação” à semelhança de um “código jurídico” sistematizado na forma de livro. É um fato significativo e emblemático “de uma pretensão legalista de **erigir um cânone religioso em bases reveladas**, mas não clericais” (Lewgoy, 2000, p. 117, grifo nosso).

Corroborar com essa visão, a tese de Bobiquins Estevão de Mello (2021), a qual apresenta um modelo computacional para auxiliar a interpretação dos textos das escrituras de religiões monoteístas, tais como, Tanakh, Bíblia e Corão. Inusitadamente, incluiu o “Pentateuco Kardeciano”. E justificou a inserção dos textos fundamentais do Espiritismo na base de dados, por não ter encontrado outros textos religiosos da linha monoteísta que reivindicassem o cumprimento da profecia de Jesus sobre a vinda do Consolador, um dos principais caracteres da concepção religiosa cristã do Espiritismo de cunho messiânico (Mello, 2021, p. 57).

A denominação de “Pentateuco Kardeciano” apresenta-se como um ato simbólico representativo da característica do Espiritismo como Religião Letrada. No entanto, ao associar à importância que a literatura do binômio “*guia espiritual-médium*” no Brasil modifica-se para uma característica evangélica, mais próxima do *ethos* católico, por conseguinte de uma **Religião Cristã do Livro**. E em proximidade com o fato constatado pelo antropólogo Marcelo Camurça (2022, p. 87) da possibilidade de o “Pentateuco espírita” ser um texto canônico, evoca-se “uma conotação sagrada judaico-cristã para os textos”.

²²²É provável que seja o Indalício Mendes acima citado.

6. Apagamento de Kardec – a sacralização do cânone

Allan Kardec ressaltava a característica “essencialmente progressiva” do Espiritismo, como a possibilidade de os princípios espíritas serem atualizados através de novas comunicações obtidas dentro dos critérios e métodos da Ciência Espírita. Fecha-se, assim, o círculo de desenvolvimento da Doutrina Espírita, que sempre estaria “*a par com o progresso*”. Conforme explicitou na célebre frase: “*Se uma verdade nova se revelar, ele [o Espiritismo] a aceitará*” (Kardec, 2011b [1869], p. 59).

Porém, se essa assertiva for generalizada para todo e qualquer ponto ou princípio básico do Espiritismo, provoca um problema ontológico. Pois, a *priori*, devido ao caráter universal intrínseco de seus princípios básicos, como visto: são de ordem universal no sentido atemporal, por serem desde sempre e de toda época da Humanidade (material e “espírita”). E no sentido espacial, por estarem estabelecidos em todo o Universo, resultantes das leis naturais ou divinas, portanto, imutáveis (Amorim, 2002, p. 59-71).

E, por estarem vinculados ao Divino, são aceitos pela comunidade espírita como infalíveis, invioláveis e imutáveis. Então, os textos nos quais se assentam os Princípios Básicos do Espiritismo passam à condição de “**sagrados**”.

A outra questão a ser analisada é como os demais textos foram transformados em “sagrados” e quais as consequências dessa transformação. O processo de sacralização dos textos da Codificação foi iniciado desde a época de Kardec, tanto em relação aos princípios do Espiritismo, como aos demais textos.

O filósofo Herculano Pires (1975, p. 10) situa o limite da estabilidade da Doutrina Espírita na própria obra de Kardec, na hipótese de ocorrer: “*a falência total ou parcial da obra de Kardec representará a falência total ou parcial dos Espíritos Superiores, particularmente do Espírito de Verdade, e conseqüentemente a falência dos ensinamentos do Cristo*”.

De outra forma, uma falha parcial ou total percebida nas obras de Kardec, desencadearia uma crise de credibilidade nos “Espíritos Superiores”, notadamente no coordenador dos trabalhos, o “Espírito de Verdade”. E, por extensão, aos ensinamentos do Cristo, vez que o Espiritismo se apresenta na base do Cristianismo – é o Cristianismo Redivivo.

Então, para contornar essa limitação e **tornar o texto da Codificação infalível**, deve-se ler e interpretá-la com a intenção de: a) minimizar qualquer aparente contradição interpretativa da leitura; b) subestimar falhas argumentativas decorrentes do contexto da obra; c) relevar a identificação de eventuais falhas de autoria de Kardec e d) relativizar a evolução de seu pensamento no decorrer da elaboração dos textos.

O professor Augusto Araujo (2016, p. 84, grifo nosso) identifica outra causa. O

apagamento de Kardec como autor e fundador do Espiritismo: “Muitas vezes, sob o epíteto de *codificador* os espíritas têm feito essa redução do papel de Kardec na consignação da doutrina, apresentando-o **como mero organizador ou compilador** do ensino dos Espíritos Superiores”. E que há uma significativa redução no valor dos textos de Kardec como obras e “*diminuído, ou mesmo praticamente anulado, o papel de Kardec como autor*”.

Tudo isso, para eliminar a variável mais sensível na caracterização da sacralidade de um Cânone, a responsabilidade do mediador no processo da revelação, segundo Croatto (2001, 2002).

Continuando com a análise de Augusto Araujo (2016, p. 85), a redução do papel de Kardec ao de compilador dos ensinamentos dos “Espíritos Superiores” faz parte da estratégia de uma “blindagem contra crítica”. Por outro ângulo, os espíritas alinhados ao pensamento laico defendem, de forma axiomática que “*fora de Kardec não há Espiritismo*”, recolocando-o como autor do Espiritismo.

Contudo, a autopercepção de Allan Kardec diante da obra encontra-se em quatro perspectivas:

- a) Como “**secretário dos espíritos**” – explicitado nos Prolegômenos de *O Livro dos Espíritos*, quando postou que **apenas ordenou e distribuiu** os assuntos do livro e redigiu alguns textos e notas. Por sua vez, os “Espíritos Superiores” teriam o mérito do conteúdo (Kardec, 2006 [1860], p. 64, grifos nossos);
- b) Como “**simples instrumento**” – dos “bons Espíritos” que se serviram dele (Revista Espírita, 2004g [1864], p. 437, grifo nosso);
- c) Como **autor da obra** – explicitamente: “em suma, estudamos e demos ao público **o fruto das nossas pesquisas**, sem atribuímos **aos nossos trabalhos** valor maior do que o de uma obra filosófica deduzida da observação e da experiência” (Kardec, 2011b [1869], p. 49, grifos nossos);
- d) Como **participante ativo** na elaboração da obra – “**nada aceito sem controle e sem exame**; não adoto uma ideia senão quando me parece racional, lógica, concorde com os fatos e as observações e se nada de sério vem contradizê-la” (Revista Espírita, 2004b. [1859], p. 270, grifos nossos).

Na análise do filósofo da ciência, o professor Silvio Chibeni (2014, p. 8, grifo nosso), conclui-se que “A concepção e condução de todo o programa de pesquisa espírita [...], indicam, de forma incontestável que Kardec **não foi mero auxiliar dos Espíritos [...]**”. Deolindo Amorim é peremptório e diz que Kardec: “Não foi, entretanto, mero colecionador ou simples

‘arrumador’ das mensagens. Não! Coube-lhe um papel muito elevado e decisivo em toda a obra de elaboração e consolidação da Doutrina” (Amorim, 2002, p. 61).

Segue nesse mesmo entendimento, a antropóloga Sandra Stoll (2003, p. 48): “a participação de Allan Kardec na constituição da doutrina é muito mais extensa do que ele próprio sugere”. E que foi criação dele o estatuto de ciência atribuído ao Espiritismo, “uma interpretação pessoal”.

Para a pedagoga Dora Incontri, é preciso atentar para essa especificidade do Espiritismo para não o desfigurar e, quanto à autoria, Kardec insistia que não era obra sua, mas “*um sistema livre, de pesquisa e de cooperação entre homens e Espíritos, para a busca da verdade*” (Incontri, 2006, p. 51).

Com efeito, Kardec sempre procurou esclarecer que o Espiritismo não era obra sua e sim dos “Espíritos”. No livro *O Que é o Espiritismo* (1859) aduziu: “*Além disso, o Espiritismo não tem sua fonte entre os homens; ele é obra dos Espíritos [...]*” (Kardec, 2011a [1865], p. 105). Na *Revista Espírita* de abril de 1866, ele completou de forma categórica: “*O Espiritismo é o resultado do ensino dos Espíritos, de tal sorte que, sem as comunicações dos Espíritos, não haveria Espiritismo*” (Revista Espírita, 2004i [1866], p. 153).

Percebe-se, disso tudo, que há uma estratégia, deliberada ou não, de blindar Kardec de críticas e, com isso, minimizar os riscos de descrédito dos seus textos. Isso assegura a infalibilidade dos textos da Codificação, elaborada a partir dos ensinamentos e da orientação dos “Espíritos Superiores”, e obtidos através de “mensagens mediúnicas” escritas.

Constata-se, portanto, o fator do processo da formação do Cânone Espírita, a sua **Sacralização**. No dizer do antropólogo Marcelo Camurça (2022, p. 90): “Desta maneira, o texto da Codificação ganhou quase que foros de infalibilidade”.

7. Os textos originais kardeciano e emmanuelino – a ortodoxia

O binômio na França, “*Espírito de Verdade-Kardec*”, elaborou os livros fundamentais da Doutrina Espírita, os que compõem a Codificação Espírita, na linguagem brasileira. Textos caracterizados por uma linguagem racionalista e progressista própria no século XIX francês, refletindo o espírito científico da época, formulada em base *científica* de observação, derivando para uma *filosofia espiritualista* de consequência moral. Por isso o “autoproclamado caráter científico/racional” (Camurça, 2022, p. 90). A Codificação Espírita é o núcleo constitutivo do Cânone Espírita Brasileiro.

Os empreendimentos ortodoxos mais recentes do *corpus* doutrinário kardeciano são **pela identificação do “texto final”** destes, exemplificados a seguir:

- a) As pesquisas de Estudos comparados das edições dos livros fundamentais da Doutrina Espírita, a genética dos textos – empreendidos para identificar os “textos definitivos”, ou seja, aqueles considerados a “última” versão de autoria de Allan Kardec. Portanto, de referência para toda e qualquer edição, pesquisa e discussão – a base “fidedigna” do “núcleo do Cânone Espírita”. A exemplo dos trabalhos dos colaboradores do sítio *Obras de Kardec*²²³, do Museu AKOL²²⁴ e do *CSI do Espiritismo* (2025)²²⁵;
- b) As revisões Biográficas de Allan Kardec – dedicadas às pesquisas que atualizam fatos, dados e fontes históricas, como os trabalhos de Adair Ribeiro Jr., Adriano Calsoni, Carlos Seth Bastos, Ery Lopes, Luciana Farias, Luciano Klein, Paulo Henrique Figueiredo, Pedro de Campos, Wanderlei Henrique dos Santos, entre outros;
- c) As Enciclopédias virtuais – com indexação de dados das obras de Kardec, como a *Kardecédia*²²⁶, *Portal Luz Espírita*²²⁷, *Autores Espíritas Clássicos*²²⁸ e o acervo com fontes primárias do *Projeto Allan Kardec* da UFJF²²⁹.

As versões finais provenientes das pesquisas recentes são: *O Livro dos Espíritos*, a partir da 10ª edição (1863); *O Livro dos Médiuns*, a partir da 2ª edição (1862); *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, a partir da 3ª edição (1866); *O Céu e O Inferno*, a 4ª edição (1869) e *A Gênese*, a 5ª edição (1869)²³⁰. Essas duas últimas obras sofreram contestações, explicadas no item 9 a seguir.

De acordo com o professor Augusto Araujo: “a obra kardeciana, há muito, assumiu para a maior parte do movimento espírita o lugar ocupado pelos textos sagrados de outras religiões” (Araujo, 2016, p. 84). Na análise de Aldo N. Terrin (2003, p. 140), os livros que não estiveram vinculados à origem da religião, com o tempo: “adquirem depois uma importância histórica insubstituível e tornam-se confirmação da origem sobrenatural da religião, da origem divina da

²²³Sítio coordenado pela pesquisadora Luciana Farias. O autor desta tese colabora com esse sítio e com livros publicados nessa temática de definição das edições finais das Obras Fundamentais do Espiritismo (Obras de Kardec, 2020).

²²⁴Sítio coordenado pelo pesquisador e curador Adair Ribeiro Jr. (Museu AKOL, 2025).

²²⁵Sítio coordenado pelo pesquisador Carlos Seth Bastos.

²²⁶Sítio coordenado pelo Instituto de Divulgação Espírita Allan Kardec (IDEAK) (Kardecpedia, 2025).

²²⁷Sítio coordenado por Ery Lopes (Portal Luz Espírita, 2025).

²²⁸Sítio coordenado por Wanderley Henrique dos Santos (Autores Espíritas Clássicos, 2025).

²²⁹Sítio coordenado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (Projeto Allan Kardec, 2025).

²³⁰Seguem as respectivas referências: Lira Neto (2019), Lira Neto e Luciana Farias (2022, 2024). Quanto ao *O Céu e O Inferno* há discussões sobre a legitimidade da 4ª, o mesmo ocorre com a 5ª edição de *A Gênese*, explicado mais à frente.

mensagem, e colocam-se também, por consequência, como tutela da ortodoxia”. Esse é o caso da produção literária evangélica do binômio “*guia espiritual-médium*”, no Brasil.

Um fato importante ocorreu com a produção literária de “Emmanuel”, que ganhou foros de ortodoxa. Essa rotulação é decorrente da discussão entre estudiosos da sua obra interpretativa dos Evangelhos e a *Federação Espírita Brasileira*. A FEB resolveu, em abril de 2014, elaborar uma coletânea com todos os comentários de textos evangélicos de “Emmanuel”, anteriormente publicados por sua editora e por outras. No entanto, a metodologia adotada pela equipe organizadora “optou por atualizar os versículos comentados de acordo com as traduções mais recentes” do Novo Testamento (Silva, 2024, p. 16).

Todavia, um detalhe importante chamou atenção de uma equipe de dez estudiosos das obras evangélicas do “Emmanuel”. A saber: “é que se os versículos foram comentados por Emmanuel com base na tradução escolhida por ele, atualizar a tradução, por melhor que ela fosse, adultera a essência dos seus comentários”. E mais: **haveria perda de sentido dos textos de “Emmanuel”** com essas mudanças de traduções. Pois “Emmanuel” utilizou textos evangélicos da tradução “revista e corrigida” de João Ferreira de Almeida²³¹, bastante difundida à época no Brasil.

Segundo observou Antonio C. Perri de Carvalho (2020, p. 4), em artigo ao *Consolador*, “Este destaque é importante porque o linguajar do autor espiritual foi desenvolvido em torno da tradução citada e, eventualmente, versículos de outras traduções podem não ser coerentes com os textos de Emmanuel”.

A FEB respondeu às críticas do relatório da equipe de pesquisadores esclarecendo, por meio de nota pública, em 28 de outubro de 2020, que não adulterou as obras psicografadas por Francisco Cândido Xavier (Federação Espírita Brasileira, 2020b). Informou também que os textos evangélicos utilizados nos sete livros que compõem a coletânea²³² foram: para os volumes de 1 a 5 da tradução de Haroldo Dutra, e os volumes 6 e 7 da Bíblia de Jerusalém.

Embora negasse a existência de problemas com as mudanças, a FEB firmou acordo com

²³¹ João Ferreira de Almeida (1628-1691), de nacionalidade portuguesa, nascido em família católica, converteu-se ao protestantismo. Foi o primeiro tradutor da Bíblia para o português, publicada em 1671. Para o Antigo Testamento, ele utilizou o *Texto Massorético* do hebraico e, para o Novo Testamento, utilizou a edição de 1633 do *Textus Receptus*, originais em grego dos séculos XVI e XIX. De acordo com Dirceu Machado: “O trabalho de João Ferreira de Almeida é para a língua portuguesa o que a *Bíblia de Lutero* é para a alemã, a *King James Version* para a inglesa e a *Reina-Valera* para a espanhola” (Machado, 2014, p. 140).

²³² Segue a relação dos títulos dos livros da coletânea: 1. O Evangelho Por Emmanuel – Comentários ao Evangelho Segundo Mateus; 2. O Evangelho Por Emmanuel – Comentários ao Evangelho Segundo Marcos; 3. O Evangelho Por Emmanuel – Comentários ao Evangelho Segundo Lucas; 4. O Evangelho Por Emmanuel – Comentários ao Evangelho Segundo João; 5. O Evangelho Por Emmanuel – Comentários aos Atos dos Apóstolos; 6. O Evangelho Por Emmanuel – Comentários às Cartas de Paulo; e 7. O Evangelho Por Emmanuel – Comentários às Cartas Universais e ao Apocalipse.

a família de Chico Xavier para instalar uma comissão revisora com a participação da União Espírita Mineira. O acerto prevê a retomada dos textos originais e as necessárias atualizações ortográficas. O assunto extravasou as fronteiras do movimento espírita e resvalou para a imprensa nacional.

8. Os textos mediúnicos – a heterodoxia

A produção textual dos médiuns brasileiros com seus “Guias Espirituais”, foi incessante durante o século XX, até a presente data considerada no Brasil como Cânone complementar. O binômio “*guia espiritual-médium*” brasileiro tem relevante expressão. Diferente do Espiritismo na França, é o produtor de obras de referência doutrinária e científica no campo espírita brasileiro, representado, principalmente, por “*Emmanuel-Chico*”, “*André Luiz-Chico*”, “*Joanna de Ângelis-Divaldo*” e *Manoel Philomeno de Miranda-Divaldo*.

As obras advindas desses binômios, – principalmente, a “Série Nosso Lar”, de “André Luiz”, a “Série Psicológica”, de “Joanna de Ângelis” e a série de estudos da “desobsessão” de “Manoel Philomeno”, – são consideradas, pela maioria dos espíritas, complementos da Codificação Espírita. Elas são incluídas nos Estudos Sistematizados e nas discussões do movimento espírita. Por conseguinte, **entraram na composição do Cânone Espírita Brasileiro** por serem reconhecidamente “revelações verdadeiras, provenientes do plano espiritual com a mesma finalidade dos textos clássicos codificados por Kardec” (Camurça, 2022, p. 93).

O pesquisador Aldo N. Terrin (2003) explica esse processo, ao se perceber nas histórias das religiões, o vínculo que surge entre “revelação e formação de um cânone” e que um livro, ao ser considerado como a “palavra de Deus”, é naturalmente “adotado como normativo”. Ainda mais, o processo pode ocorrer inversamente: “uma comunidade que acolhe um texto como exemplar para sua constituição pouco a pouco será levada a considerar ‘palavra divina’ esse mesmo texto” (Terrin, 2003, p. 143). Fato que se identifica na formação do Cânone Espírita Brasileiro.

9. Os textos antiespiritistas – os apócrifos

Várias obras sofreram críticas dos líderes e intelectuais espíritas, excluindo-as do qualificativo de espíritas, conseqüentemente, do Cânone Espírita Brasileiro. Em um processo sempre conflituoso, conforme exposto no Capítulo 3. Isso demonstra a natureza ortodoxa das críticas literárias na análise, seleção, discussão e rejeição de textos considerados “não doutrinários” e “não espíritas”.

O filósofo espírita Herculano Pires é uma das referências na maior parte das críticas de ação ortodoxa na sua cruzada contra as “mistificações psicográficas” (Roustaing, Ramatis²³³), as “adultrações das obras de Kardec” (Paulo Godoy), “o esoterismo” (Edgar Armond) e “o cientificismo” (Hernani Guimarães²³⁴ e Pietro Ubaldi²³⁵). Assumia a missão de proteger a “**pureza doutrinária**” e as obras de Kardec. Segundo esse filósofo: “No Espiritismo, a pedra de toque²³⁶ é a obra de Kardec”. E mais: “qualquer obra que que pretenda superar Kardec ou subestimar a Doutrina Espírita precisa ser submetida à prova de toque” (Pires, 1975, p. 7-9).

É intrínseco ao processo de consolidação de um Cânone provocar discussões doutrinárias e textuais. Conforme visto, as controvérsias, especialmente entre os *kardecistas* e *roustainguista*, trazem no seu bojo uma questão canônica – a aceitação da obra *Os Quatro Evangelhos* como obra espírita. Mesmo que J.-B. Roustaing tenha posto o subtítulo de “*Espiritismo Cristão ou Revelação da Revelação*”²³⁷ e a divulgasse como compêndio espírita.

Há uma série de críticas de Herculano Pires às várias “rupturas” com o conceito de “pureza doutrinária”. Combatia as “heresias doutrinárias” durante sua existência. E disse: “*Há mais joio do que trigo em nossa seara espírita*”, grafando vários movimentos “heréticos” do Campo Espírita Brasileiro (Pires, 1975, p. 12).

Na atualidade, os fatos giram em torno da tese da adultração de obras fundamentais do Espiritismo. Como visto, foram denunciadas como edições “adultraadas”, Apócrifas, a 5ª edição de *A Gênese* de 1872, por Simoni Privato Goidanich (2018) e depois a 4ª edição de *O Céu e O Inferno*, de 1869, por Paulo H. Figueiredo e Lucas Sampaio (2020).

Todavia, esses casos foram devidamente pesquisados pelo grupo Adair Ribeiro Jr., Carlos Seth Bastos e Luciana Farias (2024), que elucidaram as suspeitas com provas documentais. Portanto, essas obras são autênticas e foram aqui consideradas na composição do Cânone Espírita Brasileiro e do Francês.

E por fim, como última demonstração de fatos referentes ao *status quo* do Cânone Espírita Brasileiro. Apresenta-se a questão controversa produzida pelo grupo denominado de *Espíritas à Esquerda*²³⁸. Introduziram alterações nas traduções das obras fundamentais da

²³³Ramatis é o nome atribuído a uma “entidade espiritual extraterrestre” que ditou livros, principalmente, para o escritor Hercílio Maes. Os primeiros livros foram *A Vida no Planeta Marte* e *os Discos Voadores*, em 1955.

²³⁴Hernani Guimarães, nasceu em Araguari, MG, em 31 de maio e 1913 e faleceu em 2003. Foi engenheiro civil, pesquisador, parapsicólogo, escritor e professor. Estudos nas áreas da Parapsicologia, da Psicobiofísica, da Transcomunicação Instrumental, escreveu cerca de 16 obras. Fundou o Instituto Brasileiro de Psicobiofísica.

²³⁵Pietro de Alleori Ubaldi (1886-1972) foi um filósofo e pensador espiritualista italiano, de vasta produção literária, indicado cinco vezes ao Prêmio Nobel de Literatura. Viveu parte de sua vida entre a Itália e o Brasil. Reconhecido no movimento espírita brasileiro pela obra *A Grande Síntese*.

²³⁶Pedra de toque é um material usado para testar ligas de metais preciosos para verificar se contém ouro ou prata.

²³⁷Maiores informações sobre a obra no sítio Museu Virtual Roustaing (Martins; Barros, 2016).

²³⁸Maiores detalhes no sítio Espíritas à Esquerda (2025).

Doutrina Espírita, com o objetivo de revisar termos e ideias europeias do século XIX, que consideram “racistas”.

Várias lideranças espíritas contestaram essas edições. A principal crítica é em relação à análise anacrônica das obras, ao identificarem termos e ideias com base nas discussões da atualidade do século XXI. Debates travados com cerca de 168 anos de defasagem no tocante ao contexto histórico e sociocultural da França do século XIX. Mais uma “heresia” a ser contestada.

O Cânone Espírita Brasileiro

Dessa forma, o Cânone Espírita Brasileiro está composto pela Codificação Espírita – os cinco principais livros da produção de Allan Kardec, acrescidos das Obras psicográficas do binômio “*guia espiritual-médium*” – a exemplo de,

‘Emmanuel-Chico’ e Joanna de Ângelis-Divaldo. Como observa o antropólogo Bernardo Lewgoy, que há: “uma multiplicidade concreta de pontos de vista que se ancoram **na crença na existência de um cânone ou conjunto de obras e sábios espíritos de luz** autorizados a orientar sua interpretação da vida cotidiana (Lewgoy, 2006, p. 155, grifo nosso).

Excepcionalmente, obras de autores espíritas clássicos franceses, como Léon Denis, Gabriel Delanne e Camille Flammarion, citados frequentemente nos Estudos Sistematizados, não foram considerados na composição do Cânone Espírita Brasileiro, por serem de conteúdo científico-filosófico com circulação restrita aos meios mais letrados.

A composição do Cânone Espírita Brasileiro demonstra uma permeabilidade e flexibilidade no processo de inserção de textos canônicos que, de certa forma, são textos heterodoxos. A comunidade espírita “elege textos advindos da Espiritualidade maior” que melhor se ajustem aos “princípios espíritas” estabelecidos na Codificação.

O critério de escolha é definido, às vezes, sob influência dos líderes espíritas carismáticos. Mas nem todos os textos e autores têm aceitação tácita entre os espíritas, como ressalta Lewgoy (2000, p. 34): “sendo que a importância relativa das obras posteriores a Kardec sempre foi objeto de disputas e controvérsias, como no caso da aceitação de Jean-Baptiste Roustain no Brasil”.

Todavia, o movimento espírita brasileiro, ao optar pela constituição de um Cânone, levará, necessariamente, a uma “prática teológica de exegese ortodoxa” centrada na submissão “ao plano espiritual superior”, dando ênfase ao aspecto religioso: “sistematizado como doutrina e ritual” (Lewgoy, 2006, p. 158). Tal prática coloca em alto relevo o binômio “*guia espiritual-*

médium”, tornando-os líderes pelo carisma.

Dessa forma, foi verificado o Círculo da Formação do Cânone de Religião Letrada da figura 2 aplicado no processo de formação do Cânone Espírita Brasileiro. Segue Quadro 4 com o resumo dos Fatores do Cânone Brasileiro *versus* o Cânone Francês.

Quadro 4 – Fatores do Cânone Brasileiro *versus* o Cânone Francês

Item	Fatores do Cânone	Espiritismo na França – Originário	Espiritismo no Brasil – Configurado
1	Mediador	<i>Allan Kardec</i>	<i>Médiuns brasileiros</i>
2	Texto Fundante	<i>O Livro dos Espíritos</i>	<i>O livro “Emmanuel” (como representação dos demais)</i>
3	Escritura	<i>As Obras do Plano do Espírito de Verdade</i>	<i>A Codificação Espírita e Séries Mediúnicas</i>
4	Doutrina Normativa	<i>Doutrina Espírita</i>	<i>Doutrina espírita adaptada de perfil católico</i>
5	Cânone	<i>Obras Fundamentais do Catálogo Racional</i>	<i>Pentateuco kardeciano e literatura evangélica</i>
6	Sacralização (infallibilidade)	<i>Origem Divina. O Cristo preside o Espiritismo</i>	<i>Apagamento de Kardec</i>
7	Dogmatização (ortodoxia)	<i>Últimas edições das Obras da Parte I do Catálogo Racional</i>	<i>Textos originais Kardecistas e Emmanuelinos</i>
8	Novas Interpretações (heterodoxia)	<i>Obras da Parte II e III do Catálogo Racional (exceto a última seção)</i>	<i>“Textos Mediúnicos”</i>
9	Rupturas (apócrifos)	<i>Obras Contrárias ao Espiritismo, última seção da Parte III do Catálogo Racional</i>	<i>“Textos Antiespiritistas”</i>

Fonte: Adaptado de Croatto (2001, 2002) e Terrin (2003).

Destarte essas informações, é possível demonstrar a configuração do Espiritismo no Brasil como um sistema articulado de uma **Religião do Livro**, correlacionado aos elementos característicos: o Livro fundante, a Religião conexas, a Sacralidade do Cânone e a Comunidade de seguidores. Seguem os fatores constitutivos:

- Livro fundante – **O livro “Emmanuel”** (Cap. 4).
- Religião conexas – **Religião Cristã do Livro** (Cap. 2, 3).
- Cânone sagrado – o **Cânone Espírita Brasileiro** (Cap. 4).
- Comunidade de seguidores – 1,8% da população brasileira autoproclamada espírita e cerca de **36 a 72 milhões** de “consumidores de produtos e de crenças espíritas” (Cap. 2).

Pesquisadores como Arribas (2010), Aubrée e Laplantine (2009), Camurça (2022), Lewgoy (2000) e Stoll (2003) têm assentido pela afirmativa do Espiritismo ser uma Religião Letrada devido ao rito de iniciação com o letramento. E que o Cãnone Espírita substituiu os textos bíblicos para os espíritas brasileiros. Por tal razão, outros estudiosos estenderam essa afirmativa para ser uma Religião do Livro, o que é razoável afirmar dentro do que foi verificado e constatado até aqui na pesquisa.

Ressalte-se, no entanto, que não há unanimidade no movimento espírita na percepção da identidade do Espiritismo como religião, muito menos como Religião do Livro. Mas, como referido várias vezes no texto, o arcabouço analítico definido foi considerar o Espiritismo como um fato social. Então, o que importa é a conformação da vida dos seguidores, na cosmovisão que se lhes apresenta e cuja maioria percebe o Espiritismo como uma religião. No entanto, ressalte-se que essa caracterização é contestada por intelectuais espíritas, principalmente os autodeclarados laicos e progressistas.

Contudo, no desenvolvimento desta pesquisa, ficou evidenciado o grau de importância dos Evangelhos no Espiritismo na França e no Brasil. Essa importância ficou refletido na estrutura das obras fundamentais do Espiritismo, quando a Ciência e a Filosofia Espírita (a razão) foram direcionadas para estudos dos textos bíblicos (a fé). Por isso, a definição do Espiritismo como Ciência Filosófica aplicada à Religião, na prolatada “fé raciocinada”. A solução espírita para o conflito entre fé e razão, entre ciência e religião, como pretendia o fundador Allan Kardec.

Portanto, é possível demonstrar a existência de um sistema articulado de Religião do Livro na França e no Brasil, devido ao forte vínculo do Espiritismo com livros e os Evangelhos, desde o Plano estrutural das obras da Doutrina Espírita.

Esse fato é confirmado pelas controvérsias do movimento espírita brasileiro e ampliado pelas interpretações dos Evangelhos pelos “Espíritos” no Brasil. Pode-se constatar isso na institucionalização dos diversos núcleos de estudos e pesquisas dos Evangelhos, que proliferam e dão caráter religioso cristão ao Espiritismo na *terra brasilis*, como uma Religião do Livro. O resultado é a ampliação do Cãnone Espírita com textos interpretativos bíblicos ressignificados, mas não substituídos como aventaram os trabalhos acadêmicos citados.

O próximo passo da pesquisa é para demonstrar como ocorreu o processo histórico-cultural de configuração de Religião Filosófica e Letrada no Espiritismo na França e de Religião Cristã do Livro no Brasil. O intuito é o de averiguar se essas configurações se apresentam também consolidadas nas fontes e registros historiográficos e na identificação dos elementos consagrados da religião no Espiritismo., além do que foi apresentado até aqui neste capítulo.

4.4 Espiritismo: configurado como religião

Nas palavras de Émile Durkheim, religião é um “sistema de crenças e de práticas” sobressaído da coletividade, um fenômeno coletivo de representações e práticas da ordem do simbólico. Entende-se por *representações*, a ação intelectual que codifica princípios, origem das crenças. E por *práticas* as ações coletivas do comportamento humano, fonte dos rituais. Em conjunto, dão forma à religião como um sistema cultural e simbólico, estabelecendo harmonia entre o indivíduo e a concepção específica de mundo proporcionado por este sistema de símbolos²³⁹.

Na conceituação de cultura aplicada pelo antropólogo estadunidense Clifford Geertz (2022, p. 4) em base semiótica²⁴⁰, é uma “ciência interpretativa” à procura de significados para alargar “o universo do discurso humano” e no acompanhamento e interpretação do “avanço moral” e na “descoberta da ordem natural do comportamento humano” (Geertz, 2022, p. 10).

Compreensíveis pela linguagem simbólica, onde a religião não se limita apenas ao aspecto simbólico, mas também abrange uma dimensão metafísica em que o “aqui” e o “além” são interligados e interdependentes (Geertz, 2022, p. 66-67).

O aspecto religioso do Espiritismo direciona esta pesquisa para outra questão de fundo, qual seja, o Espiritismo, em essência, é uma **Religião Cristã**, sobretudo: por causa da **centralidade dos Evangelhos**, na sua crença e prática observadas em todas as épocas e de forma explícita nas disputas doutrinárias entre ser ou não ser religião.

A ética cristã sempre foi ponto pacífico em todas as correntes interpretativas e institucionais. Debate-se sobre “o como”, mas preserva-se a importância e a centralidade dos ensinamentos de Jesus das narrativas evangélicas, tanto na França como no Brasil.

A seguir, verifica-se a identidade do Espiritismo com elementos inerentes ao conceito de campo religioso: o Sagrado e o Profano, Teologia, Secularidade e Religião.

4.4.1 Elementos do Sagrado na “fé raciocinada”

Doutrina Filosófica e Teológica

Allan Kardec, o fundador da Doutrina Espírita, observando os movimentos das “mesas girantes” e tecendo diálogos com os “Espíritos”, constrói o Espiritismo caracterizado como

²³⁹Ver explicação de Maria Laura V. de C. Cavalcanti (1983, p. 30-31).

²⁴⁰Semiótica, área de estudos do processo de interpretação dos signos, qualquer coisa que comunica algo que dê significado e sentido humano, verbal ou não, intencional ou não.

Doutrina Filosófica – uma proposta conciliatória para o dilema da modernidade entre fé e razão, no contexto da França do século XIX. Em função disso, utilizou o aforismo **Fé Raciocinada**, como uma representação da natureza simbólica do Espiritismo em aproximar a ciência da religião pelo laço da filosofia.

Conforme ficou definido por Kardec em *O Que é o Espiritismo*, este tem um duplo significado: uma ciência de observação, por aplicar método científico na observação dos “fenômenos espirituais”. E, simultaneamente, é uma **Doutrina Filosófica** por ter consequências morais advindas desse relacionamento. Em Kardec, a moral é intrínseca à filosofia²⁴¹ (Kardec, 2011a [1865], p. 11).

Na *Revista Espírita* de fevereiro de 1867, Kardec vinculou a “*fé raciocinada*” ao livre-pensamento: “Em sua acepção mais vasta, o livre-pensamento significa: livre-exame, liberdade de consciência, fé raciocinada [...]” (Revista Espírita, 2005a [1867], p. 64).

A constituição dos Princípios Espíritas dependeu da análise racional do pesquisador Allan Kardec – critério da razão e da experiência, dentro do campo da **Filosofia** e das **Ciências**, utilizando o método analítico-qualitativo. E pela convergência dos conteúdos das comunicações dos “Espíritos Superiores” – critério da revelação, campo da **Teologia**, mas com uso do método sintético-quantitativo. Porém, especula-se se o Espiritismo tem base epistemológica suficiente, originária de seus princípios fundamentais, que possa constituir uma Teologia Espírita, dado o lugar ocupado por Deus na Filosofia Espírita.

A relação entre Filosofia e Teologia é um problema clássico da relação ente fé e razão, respectivamente, ou entre o método da *razão* – a prova, e o método da *fé* – a crença, conforme definido pelo filósofo Paul Ricœur (2006). Ele propõe, na sua hermenêutica, deslocar o problema desse confronto com a inserção da *esperança* antes da *fé*. Reconhece que a *esperança* é um conceito da Teologia, que tem relação estreita com a *fé* e o *amor*, mas que pode se articular com a filosofia. Isso pode ocorrer desde que se reestruture o sistema filosófico, opondo-lhe um “ponto de encerramento”, o “horizonte do discurso filosófico” (Ricœur, 2006, p. 101-102).

Ou seja, a *esperança* é também o ponto de chegada do discurso filosófico e nessa perspectiva converge com o da Teologia. Assim, nas palavras de Paul Ricœur: “A filosofia e a teologia são concernidas pela **esperança** na maneira como ambas estão ligadas no ponto respectivo do encerramento do seu horizonte” (Ricœur, 2006, p. 115, grifo nosso). Assim, pode-se deduzir é que esses dois campos do saber têm um horizonte epistemológico comum, embora seus pontos de partida sejam diferentes, a Teologia com a lógica da fé e a Filosófica com a

²⁴¹Ver explicação em Araujo (2016, p. 81).

lógica da racionalidade. E completa afirmando que o nome filosófico para *esperança* é *regeneração* – “o equivalente filosófico da esperança” (Ricœur, 2006, p. 110-111).

Para explicar o aforismo “*fé raciocinada*”, Kardec inseriu uma “mensagem mediúnica” em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, intitulada “*Fé: mãe da esperança e da caridade*”, assinada pelo “José, Espírito Protetor”, datada de 1862. O conteúdo da mensagem dialoga, de certa forma, com a conceituação de Paul Ricœur, acima exposta, ao colocar a *fé*, a *esperança* e a *caridade* (amor), também, como uma tríade inseparável:

A esperança e a caridade são uma consequência da fé. Essas três virtudes formam uma trindade inseparável. Não é a fé que faculta a esperança na realização das promessas do Senhor? Se não tiverdes fé, que esperareis? Não é a fé que dá o amor? Se não tendes fé, qual será o vosso reconhecimento e, portanto, o vosso amor? (Kardec, 2017 [1866], p. 256).

E continua: “A fé, divina inspiração de Deus, desperta todos os sentimentos nobres que conduzem o homem ao bem; é a base da regeneração”.

A mensagem apresenta os quatro conceitos chaves da hermenêutica da esperança *ricœuriana*: a relação estreita entre a *esperança*, *fé* e o *amor*. E a *regeneração* como a base de um sistema da moral. Para Kardec, a moral está vinculada à Filosofia. Muito embora sejam duas situações diferenciadas: em Ricœur, um exercício interpretativo para dar conta da aproximação da Filosofia com a Teologia pela hermenêutica da esperança. E a outra, uma comunicação mediúnica sobre a “*fé raciocinada*”, mas ambas situadas no dilema fé e razão. A “*fé raciocinada*” é um sistema que parte do todo, na sua significação final, para dar sentido às partes, a fé e a razão, as significações intermediárias.

A Teologia Espírita

Nas palavras do filósofo espírita Herculano Pires: “Falar de teologia espírita é escandalizar alguns setores doutrinários, que só compreendem o Espiritismo como filosofia de bases científicas e consequências morais”. Entretanto, ele não se furta a abordar o tema Teologia Espírita, mas dentro da acepção filosófica de “*Ciência de Deus, de seus atributos e de suas relações com o mundo e o homem*” (Lalande *apud* Pires, 1995, p. 164).

Observa ainda esse filósofo, que o primeiro item de *O Livro dos Espíritos* inicia com a pergunta “*O que é Deus?*”. E recebe uma resposta singular que norteia todo o embasamento do corpo doutrinário e da **Teologia Espírita** por consequência, qual seja: – “*Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas*”. Resposta alinhada a uma doutrina autorreferenciada como *Filosofia Espiritualista*, fundamentada no estudo de Deus, no

relacionamento com sua Criação, em particular com a humanidade terrena e “espiritual” e nos atributos da Divindade (Pires, 1995, p. 164).

A temática sobre Deus é desenvolvida em todos os livros fundamentais do Espiritismo, como um archote que ilumina todo o percurso do labor doutrinário de Kardec e dos “Espíritos Superiores”. O professor Herculano Pires interpreta a Filosofia Espírita como axiomática: “A teologia espírita é, portanto, a parte da doutrina que trata de Deus, que procura estudá-lo, dentro das limitações da nossa capacidade cognitiva. **Começa com um axioma: a existência de Deus**” (Pires, 1995, p. 165, grifo nosso).

E prossegue analisando a consequência dessa existência e a possibilidade de diálogo na revelação divina: “O homem pode receber informações de Deus a respeito de problemas que a sua razão não alcança [...]. Assim, pela sua própria natureza, ao mesmo tempo divina e humana, a teologia espírita confirma a sua racionalidade” (Pires, 1995, p. 166).

Por outro lado, o professor Augusto Araujo defende uma representação da Teologia Espírita mais abrangente, que abarque a totalidade da Doutrina Espírita e não apenas um elemento do aspecto religioso, como entende Herculano Pires. Para ele, o ponto mais forte das características *teológicas* do sistema kardeciano é a atribuição do conceito de *revelação divina*, característica da sua natureza, introduzida por Kardec no livro *A Gênese* (1868) (Araujo, 2016, p. 204-208).

Augusto Araujo observa ainda, que o diferencial da *revelação espírita* em relação às demais é o de que, apesar de ser “fruto de uma *revelação divina, religiosa*”, sua elaboração é através de métodos “de qualquer outra *ciência positiva*” (Araujo, 2016, p. 219).

No entanto, esse pesquisador lembra que existem posicionamentos contrários à existência de uma Teologia Espírita (Araujo, 2016, p. 216). No caso, os laicos, que partem do pressuposto de que não há caráter religioso no Espiritismo como concebido e defendido por Kardec. Toma-se como exemplo a declaração de Krishnamurti de Carvalho Dias: “O conceito espírita de revelação não é o teológico, o religioso, que se confundem com um sentido mágico. É um sentido lógico, técnico, que eu chamaria de informático” (Dias, 1985, p. 24).

A pedagoga Dora Incontri, no seu livro *Kardec para o século 21* (2024), faz uma pergunta provocativa: *se há uma teologia espírita*. A resposta é afirmativa: – “*é possível sim, falar de uma teologia espírita*”. E justifica: “*Deus ocupa um lugar fundamental na filosofia espírita*” e perpassa por toda a obra de Kardec (Incontri, 2024, p. 189).

Ela identifica nas obras de Kardec três abordagens sobre a Divindade (Incontri, 2024, p. 189-190):

- a) A que coloca Deus como a causa primeira e seus atributos essenciais – argumento racional da área filosófica e da teologia;
- b) A impossibilidade de definir Deus, por falta sentido e linguagem para compreensão e explicação do divino – aproximação com místicos, linguagem simbólica poética;
- c) A forma de adoração à Deus, com preces, louvores e petítórios para entrar em comunhão com o divino – prática religiosa.

Entre essas três abordagens, destaca-se a segunda, pela aproximação da concepção da *mística*, do Sagrado. Um afastamento de Kardec da sua racionalidade filosófica, da argumentação lógica e da especulação teológica. Assim, indo em direção ao campo da experiência mística com o divino, do sentimento e da percepção psicológica – a *mística interna*, que é o **Sagrado interior**. Este é vivido por qualquer indivíduo, comum a todas as tradições espiritualista, mesmo nas desengajadas, que se expressa por linguagem poética, cheia de sentidos simbólicos.

Conclui a pedagoga: “A mística é um ponto de convergência das espiritualidades, porque a experiência de Deus, embora subjetiva e única, irmana-se com as experiências dos outros [...]” (Incontri, 2024, p. 196).

O professor Herculano Pires, na sua obra *Curso Dinâmico de Espiritismo* (2013), explica que a Cultura Religiosa, originária das culturas primevas: “é uma oferenda celeste que os homens simplesmente homens não podem tocar com suas mãos indignas”. Essa impossibilidade decorre do risco desta se desvincular da tradição empírica, com a rejeição da “*experiência natural*”, sua origem, devido às ambições e aos interesses materiais da vida perecível. Então, “O mundo se divide em duas partes inconciliáveis: surgem os conceitos do Sagrado e do Profano” numa sociedade secularizada (Pires, 2013, p. 19-20)²⁴².

A Secularização da Religião

Dentro da perspectiva sociológica da religião, a *Teoria da Secularização*²⁴³ tem destaque no labor dos especialistas do século XX ao XXI. Entre pesquisas e discussões

²⁴²A título de informação, existiu um Curso de Pós-graduação em Teologia Espírita, Especialização Lato-sensu, com 360 horas e reconhecido pelo Ministério da Educação (MEC). Era ofertado pela Faculdade Dr. Leocádio José Correia, em Curitiba, no Paraná. Encerrado por iniciativa própria, através da Portaria MEC nº. 1.049, 14 de dezembro de 2020.

²⁴³“Por secularização entendemos o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos. Quando falamos sobre a história ocidental moderna, a secularização manifesta-se na retirada das Igrejas cristãs de áreas que antes estavam sob seu controle ou influência: separação da Igreja e do Estado, expropriação das terras da Igreja, ou emancipação da educação do poder eclesiástico, por exemplo” (Berger, 1985, p. 144).

acadêmicas sobre as causas e os efeitos, em detrimento da tentativa de se obter uma definição consensual para atualidade da religião. E, de acordo com Ricardo Mariano (2013), isso foi motivado, entre outras justificativas, pela conceituação tardia do termo religião.

Antes da modernidade, “fê” e “tradição” eram consentâneas de “fenômenos, crenças e agentes” considerados religiosos. O conceito de Religião evoluiu na sua formulação no decorrer da modernidade, tendo-se firmado pelo Iluminismo como contraposição à categoria de “secular”. E que se expandiu sob as injunções do cristianismo e da expansão colonial europeia (Mariano, 2013, p. 232).

Mas, a partir dos anos 90 e sobretudo no século XXI, essa teoria perde vigor e já não tem poder explicativo para o evento do fundamentalismo na contemporaneidade, provocando atitudes como rever o arcabouço teórico ou empreender tentativa de defendê-los. Contudo, não há consenso nessas discussões.

Como exemplo, a Teoria da Secularização de Peter Berger apresentada no livro *O Dossel Sagrado* no ano de 1969. Considerada referência paradigmática por várias décadas, passou por revisão de seu idealizador no artigo publicado em 1999, que alterou sua perspectiva de que “a modernidade acarreta a secularização”.

Para ele, a defesa dessa tese é um equívoco. Não se sustenta frente aos novos fenômenos sociais como o fundamentalismo. A “crise de credibilidade” da religião, citada por Peter L. Berger, é o efeito evidente provocado pela secularização: “um amplo colapso da plausibilidade das definições religiosas tradicionais da realidade” (Berger, 1985, p. 167).

O mais crível é que a tradição bíblica foi um dos fatores que deram origem à “formação do mundo moderno secularizado”. Este, uma vez firmado, impõe limites à ação da religião na esfera pública – é a sua privatização, que impulsiona a separação do Estado da Religião (Berger, 1985, p. 167-169). Mas Peter Berger entende que: “a religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo” (Berger, 1985, p. 49).

Outras correntes defendem que a liberdade e o pluralismo religioso estimularam a competição, o atavismo e a militância, revigorando o trabalho das organizações religiosas (Mariano, 2013, p. 236-237).

Contudo, o Sagrado continua manifesto na hodierna sociedade, metamorfoseado no “*processo de privatização do religioso*”. A racionalização do Sagrado provoca inépcia nos modelos de análise empírica do fenômeno religioso. Devido à opacidade da sua natureza simbólica, cheia de significados ininteligíveis à racionalidade. As pesquisas se tornaram *a-religiosas*. Conforme assevera o mitólogo Mircea Eliade: “*O sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades ‘naturais’*” (Eliade, 2018, p. 16).

O Sagrado e o Profano na modernidade

A conceituação clássica do Sagrado e do Profano do mitólogo Mircea Eliade (2018) se resume na seguinte frase: “O homem toma conhecimento do sagrado porque este *se manifesta*, se mostra como algo absolutamente diferente do profano”. O Sagrado é algo em “separado” do mundano e a sua manifestação ele denominou de *hierofania*. Várias dessas *hierofanias*, ou manifestações das realidades sagradas, foram observadas nas religiões, das mais originais às mais elaboradas (Eliade, 2018, p. 17).

O mitólogo defende que, na modernidade, em qualquer contexto histórico: “o *homo religiosus* acredita sempre que existe uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, que aqui se manifesta, santificando-o e tornando-o real”. Enquanto o “homem moderno a-religioso”, não reconhece a transcendência e nem modelos de humanidade diferente da realidade humana, reconhece-se como “o único sujeito e agente da História”. E conclui que o “homem profano” é a consequência direta do processo de “dessacralização da existência humana”. É o mesmo “homem religioso”, todavia “esvaziado dos significados religiosos” (Eliade, 2018, p. 164-166).

Por isso, a dualidade entre o Sagrado e o Profano direciona invariavelmente ao fenômeno religioso e provoca discussões recorrentes entre os analistas da religião, sem obter consenso devido à indefinição para o conceito do sagrado e da própria religião. Segundo a José Roberto de L. Dias: “A complexidade do problema reside no fato de o olhar que os estudiosos lançam para os fenômenos religiosos estar ajustado à perspectiva teórica de que se utilizam para o tratamento da questão” (Dias, 2015, p. 100).

A concepção supracitada está em linha com a análise dos antropólogos franceses Aubrée e Laplantine. Estes afirmam que, na modernidade: “Toda referência ao sagrado e qualquer representação do sagrado é totalmente banida, como para melhor se convencer da cientificidade da atitude adotada” (Aubrée; Laplantine, 2009, p. 79).

A questão a ser verificada é como essa visão, aparentemente dicotômica, entre Sagrado e o Profano, está estabelecida no Espiritismo e suas implicações na modernidade, em uma Doutrina Filosófica que se constituiu na era moderna.

Elementos do Sagrado no Espiritismo

A articulação entre o Sagrado e Profano no Espiritismo pode ser representada na cosmologia espírita, com a coexistência de dois mundos: o “*Mundo Espiritual*” – “o mundo dos Espíritos”, invisível, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo. E o *Mundo*

Material – o mundo físico, visível, emergente, secundário, poderia deixar de existir ou nunca ter existido sem alterar a essência do mundo espiritual (Cavalcanti, 1983, p. 34-35).

Mas, no Espiritismo, essa dualidade não é opositora e sim complementar. Foi através dessa inter-relação que a ciência espírita foi criada, conforme conceituação de Kardec.

Por outro lado, é possível representar essa articulação sob vários ângulos, dado o caráter dialético do Espiritismo, embora todas elas sejam polaridades complementares, de relação associativa:

- a) No duplo caráter da Revelação Espírita: a Revelação Humana – vincula-se ao Profano devido ao conhecimento “científico” das leis que regem “o mundo invisível” e suas relações com “o mundo visível”. São as revelações científicas que foram desenvolvidas pelo esforço da inteligência humana. Por sua vez, a Revelação Divina – liga-se ao Sagrado origem na Providência Divina, de iniciativa dos “Espíritos” no tempo providencial. É o conhecimento dos princípios fundamentais do Espiritismo recebida de Deus, são as verdades eternas. (Kardec, 2011b [1869], p. 27-29);
- b) Na relação à dupla finalidade do Espiritismo na humanidade: em o Espiritismo Ser a evolução última da Ciência, portanto ligado ao Profano, dado que o Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente. Porque a Ciência explica as leis do princípio material, seu estudo precede o espiritual. E o Espiritismo estuda as leis do princípio espiritual, veio *à posteriori* (Kardec, 2011b [1869], p. 31). O Espiritismo Ser a Terceira Revelação da Lei de Deus, conexão com o Sagrado. Sendo primeira, a de Moisés que revelou à humanidade a existência de um Deus único, Criador de todas as coisas e promulgou as leis no Sinai. A segunda, é a do Cristo que revelou a vida futura e um Deus soberanamente, justo, bom e misericordioso. E a terceira, é a Espírita, consequência direta da doutrina do Cristo. Pelo Espiritismo a humanidade sabe de onde vem, para onde vai, por que sofre e vê por toda parte a justiça divina (Kardec, 2011b [1869], p. 34-40);
- c) Em relação à dupla presença do divino no ser humano: segundo o Espiritismo, a Lei da Adoração preconiza que a adoração a Deus é um sentimento inato ao ser humano²⁴⁴ (Kardec, 2006 [1860], p. 373). É o profano no Sagrado. E que a Lei de Deus está inscrita na consciência do Ser (Kardec, 2006 [1860], p. 363). É o Sagrado no profano;

²⁴⁴Em consonância com a afirmação de Eliade (2018).

- d) Na relação dialética entre a Fé (Sagrado) – no sentido aplicado à religião; e a Razão (Profano), uma Ciência Filosófica aplicada à Religião. A “fé raciocinada”, a solução espírita do conflito entre ciência e religião.

Finalizando, a *hierofania espírita* encontra-se em: “As Instruções dos Espíritos são verdadeiramente *as vozes do Céu* que vêm esclarecer os homens e convidá-los à prática do Evangelho” (Kardec, 2017 [1866], p. 15).

O termo “*as vozes do Céu*” é o sentido simbólico do Sagrado revestido das “mensagens mediúnicas” enviadas pelos “Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos Céus, qual imenso exército que se movimenta ao receber as ordens do seu comando [...]”. Isso segundo instrução do “Espírito de Verdade” transmitida por “via mediúnica”, a qual Kardec colocou no Prefácio de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (Kardec, 2017 [1866], prefácio).

4.4.2 *Espiritismo na França: uma religião filosófica e letrada*

Espiritismo é uma Religião?

Com os fatos narrados até aqui, é possível inferir que, apesar de todo o esforço de Kardec em direcionar o Espiritismo para uma linha doutrinária filosófica, as discussões e polêmicas o tracionaram para disputas no campo religioso e de forma ascendente (Capítulo 1). Allan Kardec era um intelectual francês do século XIX, de pensamento racionalista e positivo, traços culturais da época, mas que convivia pacificamente entre o conhecimento da razão e da fé.

A ideia de uma reforma religiosa para unificar as crenças lhe apareceu desde cedo, conforme seus primeiros dados biográficos constantes no *Novo Dicionário Universal*, no qual colaborou em vida (Lachâtre, 1865)²⁴⁵. Aliado a isso, a revelação dada pelos “Espíritos” de sua missão em restabelecer a mensagem do Cristo. Kardec era convicto de que fora escolhido pela Providência Divina para reformar a religião.

Esse ideal reformista deixou-se transparecer na publicação de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, em 1864. Abriu um novo campo na atuação do Espiritismo, o religioso. Foi um ponto de inflexão na área doutrinária, na aplicação dos preceitos espíritas nos estudos do Evangelho, com a explicação das máximas morais cristãs, ocorrendo o mesmo nas obras fundamentais seguintes. Tudo sob a orientação e supervisão dos “Espíritos Superiores”.

Objetivava o *desenvolvimento, complemento e explicação dos ensinamentos do Cristo*, dando-lhe cumprimento à promessa de preparar o Reino de Deus na terra, realizando o que o

²⁴⁵Kardec consta como um dos colaboradores desse Dicionário.

Cristo anunciou sobre as coisas futuras. E mais, disse Kardec: “*Portanto, o Espiritismo é obra do Cristo, que Ele mesmo preside, assim como preside, conforme igualmente o anunciou, à regeneração que se opera e prepara o Reino de Deus na Terra*” (Kardec, 2017 [1866], p. 40).

A concepção de Kardec sobre o Espiritismo foi se ajustando, ao longo dos anos, conforme se desenvolviam as obras e as polêmicas religiosas. Na sequência de textos de Kardec, extraídos da *Revista Espírita* em diferentes anos, observam-se nuances dessa evolução em direção ao campo religioso:

[1859] o Espiritismo traz de volta a essas crenças as pessoas nas quais elas estavam apagadas; resulta daí que **ele é o mais poderoso auxiliar das ideias religiosas: dá religião aos que não a possuem [...]** (Revista Espírita, 2004b [1859], p. 17, grifo nosso).

[1859] **Mas se a todo custo o quiserdes elevar ao nível de uma religião, vós mesmos o lançais num caminho novo** (Revista Espírita, 2004b [1859], p. 287, grifo nosso).

[1860] [...] devendo a religião ganhar com essa aliança [do catolicismo com o espiritismo], **dia virá em que, pela força das coisas, o Espiritismo estará na religião, ou a religião no Espiritismo** (Revista Espírita, 2004c [1860], p. 490, grifo nosso).

[1862] São seus inimigos que o apresentam como uma nova seita, que lhe deram sacerdotes e sumo-sacerdotes. **De tanto gritarem que é uma religião, as pessoas acabarão por crer** (Revista Espírita, 2004e [1862], p. 174-175, grifo nosso).

[1864] Repelindo os que creem em Deus e na alma pelo Espiritismo, é constrangê-los a buscar refúgio fora da Igreja. Quem primeiro proclamou que o Espiritismo era uma religião nova, com seu culto e seus sacerdotes, senão o clero? Onde se viu, até agora, o culto e os sacerdotes do Espiritismo? **Se algum dia tornar-se uma religião, é o clero que o terá provocado** (Revista Espírita, 2004g [1864], p. 270, grifo nosso).

[1864] Se algum dia o Espiritismo se tornar uma religião, a Igreja terá sido a primeira a dar tal ideia. **Em todo o caso, essa religião nova, caso venha a sê-lo, afastar-se-ia do paganismo pelo fato capital de que não admite um inferno localizado [...]** (Revista Espírita, 2004g [1864], p. 361, grifo nosso).

[1866] Compreenderia, finalmente, que **se algum dia o Espiritismo se tornasse uma religião**, não poderia tornar-se intolerante sem renegar seu princípio, que é a fraternidade universal, sem distinção de seita e de crença; sem abjurar sua divisa: Fora da caridade não há salvação, o símbolo mais explícito do amor ao próximo, da tolerância e da liberdade de consciência. Ele jamais disse: “Fora do Espiritismo não há salvação”. **Se uma religião se apoiasse no Espiritismo com exclusão desses princípios, não seria mais Espiritismo** (Revista Espírita, 2004i, [1866], p. 355, grifos nossos).

O acadêmico Vinícius Costa aponta que Kardec, ao empreender uma longa viagem por cerca de vinte cidades na França em 1862, “percebe o forte apelo religioso do Espiritismo entre as pessoas”. Isso o fez ajustar gradualmente o seu discurso de uma *filosofia espiritualista*. E

com “uma série de pequenas concessões”, ele cedeu na “direção da religião tradicional, principalmente católica” (Costa, 2021, p. 93). Inclusive, Kardec chega a sugerir a leitura do livro do Dr. Grand, que “propôs-se a provar que se pode ser, ao mesmo tempo, bom católico e fervoroso espírita” (Revista Espírita 2004c [1860], p. 490).

Alguns espíritas contemporâneos seus corroboravam com a visão de religião em o Espiritismo. Como exemplo, Louis Jordan em 1861: “Eu disse que os Espíritos não só estavam fundando uma Doutrina e uma filosofia, **mas, também, uma religião**” (Revista Espírita, 2004d [1861], p. 159, grifo nosso).

Havia também comunicações procedentes dos “Espíritos” reforçando esse caráter religioso e reformista do Espiritismo. A exemplo da que revelou o *Futuro do Espiritismo*, assinada apenas por “Um Espírito”, datada de 15 de abril de 1860. Disse que o Espiritismo iria reformar “a legislação ainda tantas vezes contrária às Leis Divinas”, retificar “os erros da História”, restaurar a religião do Cristo e instituir “**a verdadeira religião, a religião natural, a que parte do coração e vai diretamente a Deus**” (Kardec, 2009c [1890], p. 388, grifo nosso).

No ano de 1863, entre os meses de agosto e setembro, Allan Kardec fez um retiro na cidade balneária francesa de Sainte-Adresse²⁴⁶, com o objetivo de escrever o livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. E, através de cartas enviadas a médiuns, entre eles o Sr. d’Ambel, solicitou a opinião do “*Espírito Erasto, à Verdade ou outro bom Espírito*” sobre a obra em elaboração (Kardec, 2023b [1863], Documento #177).

As respostas chegaram e três delas foram inseridas no livro *Obras Póstumas* (1890), mas sem a indicação do autor espiritual²⁴⁷ (Kardec, 2009c [1890], p. 397-404). Destaca-se a de 9 de agosto de 1863:

Aproxima-se a hora em que te será necessário apresentar o Espiritismo qual ele é, mostrando a todos onde se encontra a **verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo**. Aproxima-se a hora em que, à face do céu e da Terra, terás que proclamar que **o Espiritismo é a única tradição verdadeiramente cristã**, a única instituição verdadeiramente humana e divina. Ao te escolherem, os Espíritos conheciam a solidez das tuas convicções e sabiam que a tua fé, qual muro de bronze, resistiria a todos os ataques (Kardec, 2009c [1890], p. 399, grifos nossos).

Outro fato singular foi a orientação de Kardec em 1864 aos espíritas que estavam sendo

²⁴⁶Cidade situada no norte da França, região da Normandia, na costa do Canal da Mancha.

²⁴⁷Kardec (2023c [1863], Documento #273): “A comunicação que Erasto me fez através do senhor d’Ambel me é muito encorajadora, e por isso lhe agradeço; a mensagem está de acordo com aquela que A Verdade me comunicou através da senhora Judith”.

expulsos de suas congregações religiosas e o procuravam para obter conselhos. Eis a recomendação para os que *necessitavam se unir a Deus*:

Uma vez por semana, **por exemplo, no domingo**, pode-se consagrar a elas [as preces] um tempo mais longo e dizer todas, seja em particular, seja em comum, se houver lugar, acrescentando algumas passagens da Imitação do Evangelho e a de algumas boas instruções, ditadas pelos Espíritos. **Isto se dirige mais especialmente às pessoas repelidas pela Igreja por causa do Espiritismo**, as quais se sentem, por isto mesmo, mais necessitadas de se unirem a Deus pelo pensamento (Revista Espírita, 2004g [1864], p. 318, grifos nossos).

Há um grande e elaborado discurso de Allan Kardec, proferido em 1º de novembro de 1868, na *Sessão Anual Comemorativa dos Mortos*, na *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, como era tradição na SPEE²⁴⁸. O mencionado discurso foi publicado na *Revista Espírita* de dezembro de 1868. Kardec o intitula com uma pergunta: **“O Espiritismo é uma religião?”**. Na análise de Brutus Abel e Lira Neto (2024) sobre esse discurso fica evidenciado que houve um direcionamento de Kardec, paulatino, para estabelecer um conceito de religião em que coubesse o Espiritismo, evitando classificá-lo como uma religião tradicional e institucionalizada, embora parecesse ambíguo. Segue texto da resposta à pergunta:

Se é assim, perguntarão, então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida, senhores! **No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião**, e nos vangloriamos por isso, porque é a Doutrina que funda os vínculos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as próprias leis da natureza (Revista Espírita, 2005b [1868], p. 491, grifo nosso).

Kardec foi afirmativo, o Espiritismo seria, sim, religião, mas “no sentido filosófico”. Justificou que sempre declarou que o Espiritismo não era uma religião, porque o público a compreenderia de forma inseparável a culto, sacerdotes, cerimônias e privilégios, e a vincularia às ideias de misticismo e de abusos. Como o Espiritismo era desprovido dessas características, ele não poderia assim o designar, então preferiu o conceito de Doutrina filosófica e moral, na falta de um termo mais apropriado que o diferenciasse da ideia comum de religião.

Uma **Religião Filosófica** caracterizada pela “comunhão de pensamentos” que é a “essência das assembleias religiosas”, o laço moral de união com base na fraternidade e na solidariedade sob as leis da natureza.

²⁴⁸Em muitas tradições cristãs, o Dia de Todos os Santos é reservado à lembrança dos mártires e dos santos, comemora-se no dia primeiro de novembro. Enquanto, o Dia dos Mortos é reservado à lembrança dos falecidos, comemorado no dia 02 de novembro (Abel; Lira Neto, 2024).

E assim, concluiu o discurso com o Credo da Religião Espírita (parte final):

[...] submeter todas as crenças ao controle do livre-exame e da razão, e nada aceitar pela fé cega; respeitar todas as crenças sinceras, por mais irracionais que nos pareçam, e não violentar a consciência de ninguém; ver, enfim, nas descobertas da Ciência, a revelação das leis da Natureza, que são as leis de Deus: eis o *Credo, a religião do Espiritismo, religião que pode conciliar-se com todos os cultos*, isto é, com todas as maneiras de adorar a Deus. É o laço que deve unir todos os espíritas numa santa comunhão de pensamentos, esperando que ligue todos os homens sob a bandeira da fraternidade universal (Revista Espírita, 2005b [1868], p. 494-495, grifo nosso).

Há uma outra definição de Kardec sobre o Espiritismo colocada no livro *Obras Póstumas*, que bem resume o caráter do Espiritismo e corrobora com o discurso acima citado:

O Espiritismo é uma doutrina filosófica que tem consequências religiosas, como qualquer filosofia espiritualista; por isso mesmo, vai ter forçosamente às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura. **Mas, não é uma religião constituída**, visto que não tem culto, nem rito, nem templos e que, entre seus adeptos, nenhum tomou, nem recebeu, o título de sacerdote ou de sumo sacerdote. Estes qualificativos constituem pura invenção da crítica (Kardec, 2009c [1890], p. 338, grifo nosso).

Verifica-se, ainda, que Kardec não queria apenas unificar as crenças, mas fazê-la com pressupostos científicos, com a razão, a solução que procurara por toda sua vida. E recebeu a missão de estabelecer uma religião “verdadeira, grande e bela”, nas palavras dos “Espíritos Superiores” ao se referirem ao Espiritismo (Kardec, 2009c [1890], p. 361).

O filósofo Herculano Pires atenta para esse conceito ambivalente de religião em Kardec, por ele não ter encontrado palavras para exprimir duas formas diferentes de religião. Explicou que Kardec afirmava que a natureza religiosa do Espiritismo estava implícita na própria Codificação. E que a “**religião-espírita**” é a expressão do seu sentido e da sua natureza espiritual, evidentes na Doutrina (Pires, 1995, p. 169-170).

A dificuldade de Kardec em nominar o conceito de Espiritismo em termo religioso foi alcançada mais tarde, no início do século XX pelo filósofo e psicólogo norte-americano William James²⁴⁹ (1842-1910) no livro *As Variedades da Experiência Religiosa* (1902). Ao segmentar o campo religioso: “No princípio, chama-nos a atenção uma grande linha divisória que atravessa o campo religioso. De um lado, fica a *religião institucional*, de outro, a *religião pessoal*”.

²⁴⁹William James (1842-1910) foi um filósofo e psicólogo norte-americano e o primeiro intelectual a ministrar um curso de psicologia nos Estados Unidos. Considerado o fundador da psicologia moderna e da linha filosófica do Pragmatismo. Segundo Pierre Weil “[...] o filósofo do Pragmatismo e da Psicologia Científica, que nos introduziu numa filosofia da experiência” (Weil, 2017, p. 7).

No ramo *religião institucional* ficam expressos os seus elementos essenciais: o “*culto e o sacrifício [...], a teologia, a cerimônia e a organização eclesiástica*”. Por sua vez, o ramo da *religião pessoal*, “*A relação [com o divino] se estabelece, direta, de coração para coração, de alma para alma, entre o homem e seu criador*” (James, 2017 [1902], p. 39)²⁵⁰.

William James corrobora com Kardec, meio século depois, quando diz “[...] hoje em dia, quando ouvimos a palavra ‘religião’, pensamos inevitavelmente em alguma ‘igreja’ ou coisa que o valha; e, para algumas pessoas a palavra ‘igreja’ sugere tanta hipocrisia, tirania, mesquinhez e superstições tenazes [...]” (James, 2017 [1902], p. 310).

O professor Herculano Pires explica que Kardec “evitou a palavra religião, para definir o Espiritismo” pelas razões acima expostas. E que, no século XX, o filósofo Henri Bergson colocou o termo religião de forma clara, diferenciando em “religião estática”, que é semelhante “à religião social de Pestalozzi”. E a “religião dinâmica” que é a “religião espiritual, ou moralidade” (Pires, 1995, p. 169).

Na análise dos antropólogos franceses Aubrée e Laplantine, o Espiritismo apresenta dois aspectos: ele é religioso por seu objeto e científico e por seu método. Ao recolher, observar, e experimentar “fatos espíritas”, que, por sua natureza, são positivos e reais, Kardec agiu da mesma forma que os positivistas de sua época. E por não ter clero, culto, nem ritual e qualquer sacramento toma a feição de uma “religião laica”, de livres-pensadores. Uma religião que tem a ciência por fundamento. **O Espiritismo seria uma “religião laica”,** um movimento social sem feição confessional (Aubrée; Laplantine, 2009, p. 71-72).

De seu turno, Augusto Araujo considerou a Doutrina Espírita uma *ciência teológica*, diante das afirmativas de Kardec. E defendeu, em sua tese, que o Espiritismo é uma religião: “Em outras palavras: o Espiritismo seria algo como uma **meta-religião**, a única capaz de *unir os homens em torno de uma mesma crença*. **Mas, ainda assim, uma nova religião**” (Araujo, 2016, p. 272, grifos nossos).

O espírita laico, Krishnamurti Dias, atribui o motivo dessa percepção religiosa no Espiritismo ao “desconhecimento da doutrina espírita”, dos textos integrais da Codificação e à “falta de cultura geral, particularmente do nosso idioma, da história, bem como ausência de senso crítico”. Em suma, a causa raiz é a “falta de intimidade maior com o pensamento de Kardec” (Dias, 1985, p. 6).

E continua, ao relatar a introdução de nomenclaturas no movimento espírita, tais como, “pentateuco kardequiano”, “evangelização” e correlatas. Ele observa que: “*Depois dessa*

²⁵⁰Maiores informações em Flávio Rey de Carvalho e Antonio C. Perri Carvalho (2017, p. 60-65).

inovação, ficamos parecendo uma igreja evangélica nascida da reforma". Percepção reforçada pela realização de "reuniões dominicais à base de estudos do Novo Testamento, com os pais de alunos das Escolas Dominicais". Em referência à prática dos estudos dos Evangelhos das igrejas reformadas.

Ele também critica a rotulação de "Culto doméstico do evangelho", para a atividade de estudos do Evangelho em família. Mas considera um "hábito saudável", por colidir com os pressupostos de Kardec, que o Espiritismo não tem culto (Dias, 1985, p. 117).

Críticas mais institucionalizadas, como a da CEPA, encontram-se na recente série "*Coleção Livre-pensar: espiritismo para o século XXI*"²⁵¹. No Livro 1 – *O Espiritismo na Perspectiva Laica e Livre-Pensadora*, reelabora-se a motivação de Kardec para publicar três livros da Codificação Espírita que estudam e interpretam o Novo Testamento. De acordo com Salomão Benchaya: "decorreu da forte influência do eurocentrismo cristão na cultura ocidental e do indisfarçável esforço de Kardec para demonstrar que o espiritismo não era antirreligioso" (Benchaya, 2023, p. 58).

Ao fim dessas informações, o que se afigura é que Kardec, de forma aproximativa, esboçava uma flexibilização na conceituação religiosa para o Espiritismo. Movendo-se entre ser uma **doutrina filosófica** ou uma **religião filosófica**, frente às tensões com o clero católico e a Igreja.

Essa conjunção levou seus sucessores, como se apercebe nas reações, a realinhar o movimento e a SPEE na direção do aspecto exclusivamente científico. Inclusive com convites aos interessados em fazer observações científicas dos fenômenos físicos, deixados para traz por Kardec. Por outro lado, na intimidade de Kardec com os "Espíritos", houve um desenrolar sobre o assunto religião e Espiritismo. Como seria essa "religião cristã, verdadeira e natural", derivada ou não do Espiritismo? Item a seguir.

A Religião Segundo o Espiritismo

Como demonstrado, durante a maior parte das discussões com o clero católico, Kardec afirmava que o Espiritismo não era uma "nova religião", mas uma *ciência de observação* e uma *doutrina filosófica*. E por não ter culto, sacerdotes, cerimônias e privilégio, não era uma religião tradicional, mas uma **religião filosófica**. Ele não podia fugir disso, porque daria abertura para

²⁵¹Série de livros organizada por Ademar Arthur Chioro dos Reis, Mauro de Mesquita Spínola e Ricardo de Moraes Nunes, que visa apresentar o Espiritismo de forma atualizada e acessível, com uma perspectiva laica e livre-pensadora. Lançada em 2023 em três idiomas, português, espanhol e inglês. Atualmente em oito volumes da Série 1 – Temas Fundamentais, sob responsabilidade da *Associação Espírita Internacional* (CEPA) e o *Centro de Pesquisa e Documentação Espírita* (CPDoc) (Associação Espírita Internacional, 2025).

as afirmativas da Igreja em considerar o Espiritismo, uma “nova seita”.

Em resposta à “Réplica do Abade Chesnel no *Univers*” em 1859, Kardec disse que este abade: “esforça-se sempre por provar que o Espiritismo é, deve ser e não pode deixar de ser senão uma religião nova”. E replicou que o Espiritismo era uma “ciência filosófica”, à parte das “crenças dogmáticas” (Revista Espírita, 2004b [1859], p. 287-289).

Porém, desde o início, considerou que a base sob a qual se assenta o Espiritismo, sempre fora o Cristianismo, a religião cristã, e “sobre o Evangelho, do qual não é mais que a aplicação”. Considerava a religião cristã, entre todas as doutrinas, “a mais esclarecida, a mais pura” e a mais apta para compreender o Espiritismo, “em sua verdadeira essência” (Revista Espírita, 2004b [1859], p. 206).

Em contrapartida, o Espiritismo auxilia as pessoas a retornarem às suas origens religiosas e dá uma *base sólida* (científica) ao Cristianismo (Kardec, 2011b [1869], p. 345). E ainda afirmou: “O ensino dos Espíritos é eminentemente cristão; apoia-se sobre a imortalidade da alma, as penas e recompensas futuras, o livre-arbítrio do homem e a moral do Cristo. Não é, portanto, antirreligioso” (Revista Espírita, 2004a [1858], p. 454-455).

Allan Kardec nomeava, repetidas vezes, os seguidores do Espiritismo como **espíritas-cristãos**, em consideração aos que praticavam a moral espírita e aceitavam suas consequências. E que tinham a caridade como regra de conduta: “São estes os verdadeiros espíritas, ou melhor, os espíritas-cristãos (Revista Espírita, 2004c [1860], p. 444).

E que, inscrevendo no “frontispício do Espiritismo a suprema lei do Cristo”, abriu o “caminho do Espiritismo cristão” (Revista Espírita, 2004i [1866], p. 160). Mas, não aconselhava a ninguém mudar de religião, cada um tem a liberdade de escolher a sua forma de adorar à Deus, segundo sua consciência (Revista Espírita, 2004e [1862], p. 62-63). E ainda, “O Espiritismo, que é o Cristianismo apropriado ao desenvolvimento da inteligência e isento dos abusos” (Revista Espírita, 2004h [1865], p. 255).

Levando em consideração esses pontos, é possível deduzir que a **Religião Segundo o Espiritismo** teria como princípio a moral cristã, a do Cristo, tal qual se encontra nos Evangelhos. Porém, interpretada segundo os fundamentos espíritas (*exegese espírita*). Além disso, seus profíteses seriam conhecidos por **espíritas-cristãos**.

Como se sabe, essa conclusão não é unânime no movimento espírita. O espírita laico Krishnamurti de C. Dias reforça que os seguidores do Espiritismo deveriam fazer como Kardec: “não chamar espiritismo de religião nem mesmo no sentido relativo de filosófico” (Dias, 1985, p. 94). E mais, que é errôneo atribuir ao Espiritismo o caráter de cristão e de evangélico. Apesar de Kardec utilizar essas adjetivações, não daria justificativa a ninguém para considerá-lo “uma

seita cristã nem uma ramificação evangélica” (Dias, 1985, p. 107). E ainda que o termo espíritas-cristãos empregado “são nuances semânticas” (Dias, 1985, p. 113).

Suas colocações nos idos da década de 80 do século passado não alcançaram as novas fontes primárias advindas ao público no século XXI. A exemplo de os arquivos do Projeto Allan Kardec, da plataforma da Universidade Federal de Juiz de Fora, com acervo considerável de manuscritos originais de Kardec e de seus contemporâneos.

Em pesquisa foram selecionados quatro documentos relativos à **Religião Segundo o Espiritismo**. Dois constam do acervo do Projeto Allan Kardec, Documentos #179 e #217, outro obtido no sítio do *Museu AKOL* – Manuscrito “Trabalhos a Executar” (Kardec, [1864?]) e o último, um Manuscrito inédito “Nova Religião”, cedido gentilmente pelo curador do Museu AKOL, Adair Ribeiro Júnior:

- a) Documento #217, de 5 de março de 1865 (ANEXO 1) – anteriormente comentado, é uma “mensagem mediúnica” na qual consta o diálogo de Kardec com o “Espírito de Verdade”, quando foi apresentado o Plano das Obras da Doutrina Espírita. Nele previa a elaboração de uma obra sobre a **Religião Segundo o Espiritismo**, porém, não efetivada por Kardec;
- b) Documento #179, de 2 de dezembro de 1866 (ANEXO 2) – é uma prece de Kardec dirigida a Deus, sobre seu propósito de “**constituir uma religião**”. Para isso, faria um retiro na cidade de Locarno, um cantão suíço fronteiro com a Itália:

Senhor Deus Todo-Poderoso,

Quanto mais medito sobre o objetivo final do espiritista²⁵², **que é sua constituição em religião**, mais eu sinto minhas ideias se aclararem e o plano se delinear, sem dúvida graças à assistência de vossos mensageiros; porém, mais também eu sinto quanto esse trabalho exige calma e <meditações> sérias.

Se me julgais digno, Senhor, de uma tal tarefa, fazei, peço-vos, que eu possa ter a tranquilidade necessária. Se as circunstâncias me obrigarem a me expatriar, peço que os bons Espíritos preparem os caminhos para que eu possa, em meu retiro, dedicar-me sem problemas a esses trabalhos. Dai-me sobretudo saúde, assim como a Amélie.

Quanto ao local do retiro, tenho em vista Locarno, que me parece reunir as melhores condições; sobre isso, porém, seguirei os conselhos dos Bons Espíritos. Parece-me útil, antes de partir, ter feito o volume da Gênese.

Peço aos Bons Espíritos que me assistam e me deem o tempo e as forças que me são indispensáveis (Kardec, 2021b [1866], Documento #179, grifo nosso).

²⁵²Pelo contexto, a palavra seria Espiritismo em vez de Espiritista.

Há uma análise específica desse manuscrito²⁵³ que revela os bastidores entre Kardec e os “Espíritos Superiores”, para constituir uma **Religião Segundo o Espiritismo**, se tempo tivesse. Kardec estaria “trabalhando no esboço, com coleta de informações, elaboração de notas e de textos que viriam a compor a base do estudo, e, conseqüentemente, os primeiros passos na consolidação de uma religião” (Lira Neto *et al.*, 2021, p. 76-78).

- c) Manuscrito “Trabalhos a Executar” – data provável anterior ao ano 1864. Disponível no sítio do Museu AKOL (Kardec, [1864?]) (ANEXO 3) – contém um esboço de Plano de Kardec, “Trabalhos a executar para completar a Doutrina Espírita”, com sete itens, dos quais, cinco dizem respeito ao assunto religião e Espiritismo. Destaque para o item 5: “**Organização do culto segundo a doutrina espírita**”²⁵⁴ (Kardec, 1864?).
- d) Manuscrito “Nova Religião”, de 5 de outubro de 1865 (ANEXO 4) cedido pelo Museu AKOL – contém um diálogo de Kardec com o “Espírito” Viúva Foulon²⁵⁵ através do médium Sr. Tailleur. Apresenta vinte e duas perguntas e respostas sobre temas variados, das quais destacam-se três sobre uma “Nova Religião”:

Nova religião

Pergunta. **O que eles dirão quando eu publicar meu livro sobre a religião espírita?**

Resposta. Eles clamarão por reforma.

Pergunta. Então, sem dúvida, haverá uma grande cisão entre os espíritas?

Resposta. Não apenas um, mas muitas, isto é, vários cismas se formarão, exatamente como nos primeiros séculos do Cristianismo; uns vão querer [3] (3 as coisas sejam de um jeito, e outros, de outro; <todos> não querem uma Igreja, nem aceitam a mesma profissão de fé.

Pergunta. Acredito que se a **nova religião** produzir cismas entre os espíritas, ela não produzirá menos entre o clero, e que sua promulgação causará um rebuliço geral.

Resposta. Muito mais do que rebuliço; digo: uma grande confusão e um grande tumulto/comoção. <A> divisão já se prepara entre os padres.

É por isso, meu caro amigo, que você não demorará a retornar para reconstruir seu edifício. Não quero dizer que ele será atingido, não, longe disso; mas então será melhor compreendido pelas massas, e você o adaptará ao progresso que

²⁵³Essa análise se originou de uma discussão, num grupo de pesquisadores do Espiritismo, sobre três artigos publicados na *Revista Espírita* de 1908, sob a direção de Paul Leymarie, a qual continha uma série de textos de Kardec inéditos sobre religião, encontrados pelo editor da *Revista*.

²⁵⁴O conceito de culto em Kardec refere-se a qualquer religião e não ao conjunto de ritualística.

²⁵⁵Sra. Noemie Victoire Wollis, viúva do Sr. Esprit Michel Foulon, falecida em 3 de fevereiro de 1865 (Bastos, 2020, p. 31).

a humanidade haverá feito (Museu Akol, 2025 [1865], grifos nossos).

Em suma, são informações advindas de manuscritos originais de Kardec, mas que necessitam de análise mais acurada e contextualizada, sobretudo, porque são memórias e registros pessoais. Entretanto, é um bom indicativo das preocupações pelas quais passava Kardec para constituir uma **Religião Espírita**.

Em 2021, foi elaborado um *e-book* com o título *Religião e Espiritismo*, com análise de três artigos publicados na *Revista Espírita* entre outubro e dezembro de 1908, a sucessora da revista de Kardec, sob a administração de Paul Leymarie (filho de P. G. Leymarie). Dizem respeito a textos avulsos atribuídos a Allan Kardec, englobando um esboço de “Estudo das Religiões”, encontrados numa pasta com esse título.

A análise de Lira Neto *et al.* (2021) evidenciou que esses textos, apesar de não serem considerados fontes primárias e de autoria incerta de Kardec, mostraram forte correlação com textos: publicados anteriormente na *Revista Espírita*, no período de 1858-1869; em *A Viagem Espírita* de 1862, estes reconhecidamente de Kardec e em *Obras Póstumas*. O assunto religião permeou todo o período de 1859 a 1868. E parte das discussões foi transposta por Kardec para a sua tribuna livre, a *Revista Espírita*, conforme já evidenciado.

Esses textos, encontrados postumamente entre papéis e imputados à Kardec, têm a feição de coletânea, com discussões coligidas em vários artigos. Todavia, apresentam um diferencial importante, é que, nesses, Kardec intenta “fundar” a *Religião do Progresso*, que não é uma religião espírita propriamente dita e nem o Espiritismo transformado em religião, mas um dos seus elementos:

O espiritismo foi, portanto, completado, na medida em que as observações o puderam permitir, naquilo que lhe reserva o futuro, porém o suficiente para formar um conjunto, um corpo de doutrina; estas são as consequências que vamos deduzir hoje para sua aplicação à *Religião do progresso* (Lira Neto *et al.*, 2021, p. 21, grifo nosso).

Não resta dúvida de que nos bastidores, junto aos “Espíritos”, Kardec laborava para encontrar uma forma de estabelecer uma **religião segundo o Espiritismo** ou derivada deste, a **Religião do Progresso**. Pode-se inferir que seria a forma encontrada por Kardec para contornar toda a celeuma entre o Espiritismo e o clero católico. Esse viés religioso tinha se originado na própria França, principalmente diante das controvérsias de Kardec com a Igreja francesa²⁵⁶.

²⁵⁶Corroboram com essa visão, de ser uma religião não institucionalizada e secular, Augusto Araujo (2016), Aubrée e Laplantine (2009) e Barros (2022), gerando controvérsias no Movimento Espírita, principalmente no brasileiro.

O certo é que Kardec resumiu seu entendimento sobre o Espiritismo, da seguinte forma, na sua última obra fundamental da Doutrina Espírita, *A Gênese*:

O Espiritismo realiza, como ficou demonstrado (cap. 1, nº 30), **todas as condições do Consolador que Jesus prometeu**. Não é uma doutrina individual, nem de concepção humana; ninguém pode dizer-se seu criador. É fruto do ensino coletivo dos Espíritos, ensino a que preside o Espírito de Verdade. **Nada suprime do Evangelho: antes o completa e elucida**. Com o auxílio das novas leis que revela, conjugadas essas leis às que a Ciência já descobrira, faz se compreenda o que era ininteligível e se admita a possibilidade daquilo que a incredulidade considerava inadmissível. Teve precursores e profetas, que lhe presentiram a vinda. Pela sua força moralizadora, **ele prepara o reinado do bem na Terra** (Kardec, 2011b [1869], p. 495, grifos nossos).

A natureza complementar e simbólica do Espiritismo, em ser ciência e religião, está expressa na célebre mensagem de 1860 do “Espírito de Verdade”, o coordenador espiritual da Doutrina Espírita. Tal mensagem, o fundador do Espiritismo no plano material, Allan Kardec, colocou na obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, com o título *Advento do Espírito de Verdade*. É o fruto da essência de ser **espírita-cristão**. Destaca-se a frase:

Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo. Todas as verdades encontram-se no Cristianismo; os erros que nele se arraigaram são de origem humana. E eis que, de além-túmulo, que julgáveis o nada, vozes vos clamam: “Irmãos! nada perece. Jesus Cristo é o vencedor do mal, sede os vencedores impiedade (Kardec, 2017 [1866], p. 102, grifo nosso).

A mensagem seguinte é um importante alerta do “Espírito de Verdade” endereçado aos espíritas franceses, quanto à importância da missão lhes atribuída, para guiar as demais nações. Mas caso não venha a desempenhar satisfatoriamente, os “Espíritos” iriam desenvolver a Doutrina em outro centro de maior virtude (seria esse o motivo da “escolha” do Brasil?):

A França conduz o estandarte do progresso e deve guiar as outras nações: assim o provam os acontecimentos passados e contemporâneos. **Fostes escolhidos para serdes o espelho que deve receber e refletir a luz divina, que deve iluminar a Terra**, até então mergulhada nas trevas da ignorância e da mentira. Mas se não estiverdes animados pelo amor do próximo e por um desinteresse sem limites; se o desejo de conhecer e propagar a verdade, cujas vias deveis abrir à posteridade, não for o único móvel a guiar os vossos trabalhos; se o mais leve pensamento íntimo de orgulho, egoísmo e interesse material achar lugar em vossos corações, não nos serviremos de vós senão como o artífice, que provisoriamente emprega uma ferramenta defeituosa; viremos a vós **até que tenhamos encontrado ou provocado um centro mais rico do que vós em virtudes, mais simpático à falange de Espíritos que Deus enviou para revelar a verdade aos homens de boa vontade**. Pensai

nisto seriamente; descei aos vossos corações, sondai-lhes os mais íntimos refolhos e expulsai com energia as más paixões que nos afastam. A não ser assim retirai-vos, antes de comprometerdes os trabalhos de vossos irmãos pela vossa presença, ou a dos Espíritos que traríeis convosco (Revista Espírita, 2004c, p. 187, grifos nossos).

É o que foi encetado na França com o trabalho conjunto do binômio “*Espírito de Verdade-Kardec*” que produziu a **Doutrina dos Espíritos**, uma *Filosofia Espiritualista* que se transmutou em **Religião Filosófica**. O máximo que o tempo e as circunstâncias permitiram a Kardec e a plêiade de “Espíritos Superiores” para chegarem perto de concretizar uma Religião dos Espíritos, cristã por excelência e racional por método, tendo seus escritos, estudados e apregoados como a síntese do pensamento humano, o elo entre a Ciência e a Religião, segundo seus líderes.

E, como visto, apresenta-se como uma **Religião Letrada, não clerical** pelo esquema de sistema articulado de uma Religião do Livro e na configuração de uma **Religião Filosófica Letrada** pelas fontes e registros historiográficos consultados.

4.4.3 *Espiritismo no Brasil: uma religião cristã do livro*

Em prosseguimento à pesquisa para demonstrar a articulação do sistema da **Religião do Livro** no Espiritismo vinculada aos Evangelhos, verifica-se, nesta seção, a trajetória do Espiritismo da França ao Brasil e sua configuração frente aos novos ares dos trópicos. Repleto de “*Espíritos*” andejantes, de mitos e rituais religiosos, envoltos na atmosfera do catolicismo e como se deu o processo de conformação em uma comunidade sequiosa de “*novas espiritualidades*”, mas de cultura tradicional, como visto em Sandra Stoll (2003).

Para estabelecer a religião como principal elemento do Campo Espírita Brasileiro, os “Espíritos Superiores” sancionaram o conceito “doutrinário” do *Tríplice Aspecto do Espiritismo* com ênfase ao Religioso. E criaram o “Mito de Origem” da nação brasileira por meio da “revelação” dos “Espíritos” aos espíritas pioneiros.

O Tríplice Aspecto do Espiritismo – conceito brasileiro²⁵⁷

Ao aprofundar a análise desse tema, o pesquisador Augusto Araujo verificou que Kardec fez variações na conceituação dos aspectos do Espiritismo, ao longo da consolidação de sua obra espírita. Identificou apenas dois, o científico e o filosófico, porque a moral, para Kardec,

²⁵⁷Para maiores informações, ver em Augusto Araujo (2016) capítulo 1 - *O Espiritismo em seu Tríplice Aspecto*.

era implícita à filosófica (Araujo, 2016, p. 83).

No entanto, esta pesquisa encontrou duas situações que induzem a considerar a presença do aspecto religioso no Espiritismo na época de Kardec. A primeira parte da análise da estrutura de três diálogos fictícios que Kardec criou com: O crítico, O cético e O padre, inseridos no Capítulo I – Pequena Conferência Espírita, no livro *O Que é o Espiritismo* (1859).

Justificou que eram “respostas às objeções mais comumente feitas por aqueles que desconhecem os princípios fundamentais da Doutrina” (Kardec, 2011a [1865], p. 9). É fácil constatar que o diálogo com o Crítico está identificado com o *filosófico*, o Cético com o *científico* e o Padre com o *religioso*.

A outra evidência encontra-se em *Obras Póstumas* (1890). É a conceituação de Espiritismo dada por Kardec: “O Espiritismo é uma doutrina filosófica que tem consequências religiosas, como qualquer filosofia espiritualista; por isso mesmo, vai ter forçosamente às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura” (Kardec, 2009c [1890], p. 338).

Corroborar com essa percepção o professor Silvio Chibeni ao observar que a caracterização de *Tríplice Aspecto do Espiritismo* não é encontrada nestes termos na obra de Kardec, porém a ideia, em essência, está presente (Chibeni, 2003, p. 37).

O conceito do *Tríplice Aspecto do Espiritismo*, com a inserção do polo religioso com maior preponderância sobre o científico e o filosófico, é originário do Brasil. Foi identificado que Carlos Imbassahy (1883-1969)²⁵⁸, que criou e popularizou essa expressão em 1929 em controvérsias no movimento espírita (Araujo, 2016, p. 64). Este conceito recebeu a “sanção” de “Emmanuel”, na obra *O Consolador* (1940) psicografada por Chico Xavier, de aceitação tácita da maioria dos espíritas.

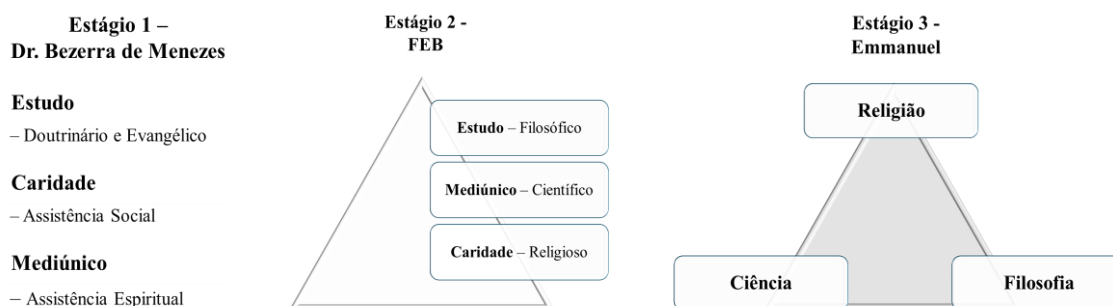
A explicação de “Emmanuel” é simbólica na forma de um “triângulo de forças espirituais”, onde “*A Ciência e a Filosofia vinculam essa figura simbólica, porém a Religião é o ângulo divino que o liga ao céu*”. O destaque do *Aspecto Religioso* ocupando o ângulo superior (o divino), figura a ligação do Espiritismo com o “céu”, símbolo da proeminência religiosa sobre as demais. Enquanto a Ciência e Filosofia, colocadas nas demais angulações, pertencem ao plano terreno das “investigações humanas” (Emmanuel, 1982 [1940], grifo nosso).

Tomando dessa figura imagética e simbólica do movimento espírita brasileiro, foi

²⁵⁸Carlos Imbassahy (1883-1969) nasceu na Bahia, foi advogado, jornalista e escritor, membro do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, colaborou na FEB como redator da revista *Reformador*. Escreveu cerca de 20 livros e foi tradutor de obras em francês, todas vinculadas ao Espiritismo.

construída a metamorfose da tríade *Estudo, Caridade e Mediúnico*, dos primórdios do Espiritismo no Brasil, originária em Dr. Bezerra de Menezes e transformada no *Tríplice Aspecto do Espiritismo* atual. Ver Figura 3, Metamorfose da Tríade das Atividades em Tríplice Aspecto.

Figura 3 – Metamorfose da Tríade das Atividades em Tríplice Aspecto



Fonte: O autor, 2025.

O filósofo espírita José Herculano Pires justificou também essa simbólica tríade espírita: “É por isso que o Espiritismo se apresenta como doutrina de tríplice aspecto. A Ciência Espírita é o fundamento da Doutrina. Sobre ela se ergue a Filosofia Espírita. E desta resulta naturalmente a Religião Espírita” (Pires, 1983, p. 23-24).

Portanto, essa conceituação não é estanque, tem plasticidade e fluidez no tempo e no espaço. Ao mesmo tempo que provoca distensões, acomoda visões divergentes no movimento espírita brasileiro, sobretudo, em relação ao polo *Religião*, que uns preferem substituir por *Moral*, como os espíritas laicos, como visto nesta pesquisa.

A colocação do aspecto religioso acima dos demais rompe com o equilíbrio da convergência do discurso Teológico (polo religioso) com o Filosófico (polo científico e filosófico), organizado por Paul Ricœur (2006) na sua hermenêutica da esperança, conforme visto. E, no limite, também com o aforismo kardeciano da “*fé raciocinada*”, no qual, para crer é necessário compreender: “A fé necessita de uma base, e essa base é a perfeita compreensão daquilo em que se deve crer. **Para crer, não basta ver, é preciso, sobretudo, compreender.** A fé cega não é mais deste século” (Kardec, 2017, p. 254, grifo nosso).

O Mito de Origem – a epopeia brasileira

Dentro da mesma perspectiva religiosa, observa-se que desde o período do *Grupo Confúcio*, década de 70 do século XIX, havia o ideário de uma missão espiritual destinada ao

Brasil, como nação, transmitida pelo seu “Guia Espiritual”, o *Anjo Ismael*: “**O Brasil tem a missão de cristianizar**. É a terra da promessa. A terra de todos. A terra da fraternidade. A terra de Jesus. A terra do Evangelho [...]. A missão dos espíritas no Brasil é divulgar o Evangelho em espírito e verdade” (Abreu, 1996, p. 37-38, grifos nossos).

Assim, começou a criação simbólica do **Mito de Origem** da nação brasileira, pelas “vias mediúnicas” nos primórdios do movimento espírita brasileiro. Essa criação foi consolidada com publicação em 1938 da obra, *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, obra de “Humberto de Campos” [Espírito], psicografada pelo Chico Xavier, que defende a tese missionária da “Pátria Brasil” no concerto das nações.

Na análise dos antropólogos Aubrée e Laplantine este livro formulou uma “*epopeia mítica do transplante da árvore do evangelho, da Palestina para o Brasil, passando pela França*”. E o Brasil figura numa posição central na humanidade terrena, com uma importante missão a cumprir, no presente e no futuro.

Para isso, o Brasil recebeu a “**Árvore do Evangelho**” que, anteriormente, tinha sido transplantada da Palestina para a França, para possibilitar a Allan Kardec constituir a Doutrina Espírita – a codificação dos princípios universais e imutáveis, sendo a “Terceira Revelação” e o “Consolador prometido por Jesus”.

E o *Anjo Ismael* foi designado como tutor espiritual do país e escolheu o Dr. Bezerra de Menezes para coordenar a implantação dessa “árvore” no plano material. Ou seja, o Espiritismo no Brasil seria a “reedição do Evangelho” a ser espalhado ao mundo, junto ao lema de Ismael: Deus, Cristo e Caridade (Aubrée; Laplantine, 2009, p. 291-295, grifo nosso).

O mitólogo Mircea Eliade ensina que: “Os símbolos despertam a experiência individual e transmudam-na em ato espiritual, em compreensão metafísica do Mundo”. E que pelo simbolismo de qualquer árvore, a “Árvore do Mundo”, o indivíduo tem a capacidade de atingir “a mais alta espiritualidade”. Ao compreender o símbolo, ele vive o todo universal: “É a visão religiosa do Mundo e a ideologia que o exprime que lhe permitem fazer frutificar essa experiência individual, ‘abri-la’ para o universal” (Eliade, 2018, p. 172).

Segundo o livro em comento, todos os fatos históricos, sociais, econômicos e políticos referentes ao Brasil, inclusive a formação do povo brasileiro, foram planejados e executados por emissários designados por Jesus. Eles visam ao estabelecimento do Espiritismo nesta terra da promessa, o “coração espiritual da terra”, no auxílio à humanidade para suportar os desafios e sofrimentos.

Os planos do “além” geraram uma teodiceia, que não se restringe à justificativa teológica cristã do mal. Em termos mais amplos, é estabelecida na sociedade ao manter

solidariedade perante o caos, uma explicação repetida da legitimação religiosa para a “sagrada ordem do cosmo” (Berger, 1985, p. 79).

Ou seja: “Um Brasil invisível comanda os destinos de um Brasil concreto” (Aubrée; Laplantine, 2009, p. 296) e que as sociedades espíritas foram se formando no país, reunidas sob a direção da *Federação Espírita Brasileira*, a “Casa Mãe” do Espiritismo (Gil, 2014, p. 475).

Com o decorrer do tempo, este livro recebeu várias críticas de espíritas mais intelectualizados e de acadêmicos em função do teor dos assuntos e do encadeamento com o processo histórico do país. Na análise do professor Marcelo Camurça, o caráter mítico do livro deve-se a forma peculiar da narrativa da história do país sob a perspectiva “das leis espirituais evolutivas do espiritismo”. E que o mito está revestido do caráter de infalibilidade, que pode resvalar para um fundamentalismo espírita (Camurça, 2018, p. 138-160).

São narrativas “espirituais” da *história da civilização brasileira* contadas por “Espíritos”, com base em informações coletadas em “arquivos” situados na “espiritualidade”, como afirmam os que ditam essas interpretações da história do mundo²⁵⁹.

Bernardo Lewgoy coloca o Espiritismo numa posição mediana entre um “quase secularismo luterano, ascético e um misticismo popular católico de culto aos santos, oralizante, próximo da magia” (Lewgoy, 2000, p. 112-113). E com o professor Marcelo Camurça (2014, p. 36) que pensa o Espiritismo como **Neocristianismo**, devido à sua capacidade de “ressignificação por natureza”, expressa na sua peculiar interpretação dos Evangelhos.

Assim, o Espiritismo no Brasil foi constituído, desde cedo, com formas peculiares frente à sua matriz francesa, de feição religiosa cristã, simbólica e mítica. E, conforme demonstrado, não foi devido apenas à cultura religiosa e mística da sua população, mas, sobretudo, pela ação dos “Espíritos Superiores”. “Sábios letrados” em contato com espíritas “encarnados”, passivos e receptivos às novas “revelações”, assumindo-se “missionários da luz”.

A prática espírita no Brasil, se analisada sob o critério antropológico e sociológico (Arribas, 2010; Aubrée; Laplantine, 2009; Camurça, 2014; Cavalcanti, 1983; Giumbelli, 1997; Stoll, 2003) é percebida como revestida do tradicionalismo religioso, com a identificação dos elementos constitutivos do seu sistema prática. Com Rito – na forma das preces, dos passes espíritas e reuniões mediúnicas; com Mito – na representação do “Mito de Origem”, a epopeia brasileira; com Culto, o Culto do Evangelho no Lar, realizado religiosamente; o “Sacerdócio”, exemplificado na missão dos médiuns espíritas (o mediunato) e na constituição de “Espaços

²⁵⁹Existem vários livros mediúnicos dentro dessa mesma lógica, com destaque os de autoria de “Emmanuel”: *A Caminho da Luz* (1939) e romances históricos, estes de grande apreciação do público brasileiro em geral. Alguns estudiosos pesquisam a veracidade das informações histórico-geográficas dispostas nesses livros.

Sagrados”, as salas de aplicação de “passes espíritas”, locais das reuniões mediúnicas e de preleções doutrinárias e evangélicas, dentro de um simbolismo revestido de racionalidade.

A prática laica é configurada nas preleções doutrinárias, nos espaços de estudo e leitura, além das bibliotecas e livrarias, a maioria absoluta das instituições espíritas as mantém.

A característica religiosa no Espiritismo está alinhada com o conceito de religião em Clifford Geertz (2022), a qual é mais do que uma coleção de rituais e crenças; é um sistema cultural que molda a visão de mundo e das práticas sociais dos indivíduos e das comunidades. Os sistemas religiosos são compostos por um conjunto de símbolos sagrados interligados de forma organizada.

Para os adeptos, esses sistemas parecem atuar como mediadores de conhecimentos, fornecendo orientação e significado para a existência humana. Isso sugere que a religião desempenha um papel crucial na interpretação e na orientação da vida dos indivíduos, oferecendo uma estrutura significativa para compreender o mundo e encontrar sentido na experiência humana (Geertz, 2022).

O Espiritismo no Brasil – estágios do processo de configuração

As informações coligidas neste trabalho demonstram o processo de configuração do Espiritismo importado da França para o Brasil. Adveio com representação de uma Doutrina Filosófica e Religião Letrada, tomou caráter de Religião Cristã, empreendendo uma *exegese* bíblica singular. Como dito, o sistema articulado que caracteriza uma Religião do Livro é composto pelos elementos: o Livro fundante, a Religião conexas às escrituras, o Cânone sagrado e a Comunidade de seguidores.

Nas seções anteriores, cada um dos fatores foi correlacionado com componentes do processo de desenvolvimento do Espiritismo. A seguir, é apresentado um modelo explicativo desse processo, dinâmico e adaptativo, com três estágios configurados no espaço/tempo e na Comunidade. Observa-se, de antemão, que os estágios 1º e 2º são diacrônicos (sucessivos) e o 3º é a consolidação peculiar dos demais estágios.

1º Estágio – o Livro mediado na França

França – meados do século XIX: dar-se o primeiro estágio do processo com as pesquisas do *mediador* Allan Kardec envolto nos fenômenos das *mesas falantes*, advindos do movimento do *Espiritualismo Moderno* dos EUA, adaptado para favorecer o diálogo com os “Espíritos”. Com os conhecimentos obtidos nas relações com o *mundo espiritual*, Kardec elabora, em 1857,

O Livro dos Espíritos e com os demais livros fundamentais do *corpus* doutrinário – a **Doutrina Espírita**, sob a orientação dos “Espíritos Superiores”, no tempo “aprazado por Deus”.

A dinâmica do processo de mediação entre o “mundo espiritual” e o “mundo material” é retratada na ação conduzida pelo binômio “*Espírito de Verdade-Kardec*” para estabelecer uma **Filosofia Espiritualista**, transmutada em **Religião Filosófica**, frente aos embates no campo religioso francês.

A Comunidade era aberta aos interessados em assuntos espirituais, participantes de qualquer denominação religiosa, mas ao final ficou restrita aos espíritas. Contudo, nos bastidores, o binômio articulava a elaboração de uma Religião segundo o Espiritismo, a **Religião dos Espíritos**, projeto não viabilizado em solo francês.

Brasil – fins do século XIX: O Espiritismo, ao ser importado para o Brasil, por uma elite letrada e participante ativa na sociedade de reconhecido nível social, defronta-se com o Campo Religioso Brasileiro. É o resultado da formação identitária do contingente brasileiro, miscigenado, sincrético, de origem singular mítica-simbólica.

A **Comunidade** é de configuração **Receptora**. Nesse primeiro estágio, o Espiritismo conformou-se de tal forma, que se incorporou à Matriz Religiosa Brasileira, articulado, no princípio com as demais tradições religiosas primevas, pela similaridade das comunicações com os “Espíritos”, mas de caráter “*científico-filosófico*” na França. Quando se transmutou ao Brasil ocorreu o *reencantamento* do Espiritismo.

2º Estágio – o Cânone espírita ampliado no Brasil

Brasil – século XIX e século XX: no segundo estágio do processo, o *corpus* doutrinário espírita é nomeado como **Codificação Espírita**, e desta para o epíteto simbólico do **Pentateuco kardeciano**. O Espiritismo passa por uma reinterpretação no solo brasileiro, devido ao *habitus* e *capital simbólico* de seus *especialistas* em controvérsias internas ao *Campo Espírita Brasileiro*, polarizadas entre o caráter científico e o religioso. E nas disputas no espaço público, nos embates com órgãos do governo, a área médica e a Igreja Católica.

Os espíritas se defenderam utilizando da prática da terapêutica espírita, de fácil acesso à população mais carente; produzindo *bens simbólicos* nos subcampos de estudos doutrinários, mediúnicos e caritativos. E tem na **Caridade** o seu *ethos* por excelência, advinda da centralidade da moral evangélica no seio do movimento espírita brasileiro. E no seu processo de decolonização da sua matriz europeia francesa se transmuda em **Religião Cristã**.

Para tanto, ampliou-se o Cânone espírita com a produção de *bens simbólicos* vinculados à temática evangélica, de autoria do binômio “*guia espiritual-médium*”. Formou-se o **Cânone**

Espírita Brasileiro. O “Pentateuco kardeciano” ampliado com a literatura evangélica advinda dos *binômios*, num processo permeado de disputas doutrinárias e na seletividade de obras espíritas das não espíritas. Foram criados conceitos no intracampo de “*pureza doutrinária*”, “*obras apócrifas*” e os “*atalhos*” na prática espírita.

A **Comunidade**, que a princípio era Receptora, passa a ser **Conformadora**, também contribuindo com o *ethos* católico na configuração do Espiritismo como uma **Religião Cristã**. Valorizam as obras *caritativas* como hospitais, ambulatórios, creches e instituições de apoio aos mais vulneráveis no nível socioeconômico; bem como a conduta “*santificada*” dos médiuns espíritas. Estes com suas “antenas mediúnicas” voltadas ao espiritual, ajudam a trazer notícias do “além” aos afetos separados pelo fenômeno da morte corporal. O movimento espírita brasileiro responde a estas injunções da Comunidade, diferenciando-se das religiões de matriz afro-brasileira e aproximando-se da prática católica com a interpretação peculiar dos textos evangélicos.

O aspecto da Comunidade como Conformadora do *ethos* Católico no Campo Espírita Brasileiro, pode conflitar com a Teoria de Bourdieu do Campo Religioso, haja vista que nesse arcabouço teórico, a Comunidade é formada por leigos. Estes são conseqüentemente, destituídos do saber religioso e do *capital religioso* (o poder simbólico) por terem interesses divergentes dos *especialistas*, como visto no Cap. 3.

3º Estágio – O Espiritismo sacralizado na “Pátria do Evangelho”

Brasil – consolidado no século XXI: o terceiro estágio do processo refere-se à consolidação da centralidade dos Evangelhos presente em todo o processo de constituição e desenvolvimento do Espiritismo na França e mais acentuadamente no Brasil. Percebe-se que foi criado todo um contexto de caráter mítico para elevar o aspecto religioso acima do científico e filosófico. Isso foi iniciado com a “revelação” simbólica do “triângulo de forças espirituais”, formando no Brasil o conceito do ***Tríplice Aspecto do Espiritismo*** com a Religião no seu ápice.

E, para atestar a natureza “missionária cristã” do Brasil, foi construído o **Mito de Origem**, “*para explicar a missão da terra brasileira no mundo moderno*”, segundo “Emmanuel” (2002 [1938]). E estruturado em quatro vínculos simbólicos:

- a) A “*terra da promessa para todos os infelizes*” – vínculo com a *Pindorama* dos povos originários;
- b) O “*povo escolhido*” – vínculo bíblico com a destinação do povo Judeu, primeira revelação cristã;

- c) A “*Pátria do Evangelho*”, que recebeu a mítica “Árvore do Evangelho” – vínculo com a mensagem do Cristo, segunda revelação cristã;
- d) O *Coração do Mundo* – vínculo com a prática espírita da caridade e do consolo, terceira revelação cristã [o Espiritismo].

Se o judaísmo era para instituir um Deus único em “todas as nações” e o movimento cristão primitivo para cristianizar todo o Império Romano, o movimento espírita é para evangelizar o mundo inteiro.

E, assim, o **Cânone Espírita Brasileiro foi Sacralizado** no Brasil, principalmente pela vinculação com as Sagradas Escrituras dos Evangelhos. Na França, Kardec empreendeu uma singular *exegese* dos textos bíblicos com base nos princípios espíritas, sob a supervisão do “Espírito de Verdade”. No Brasil, o binômio “*guia espiritual-médium*” foi o protagonista da reinterpretação dos Evangelhos, notadamente “*Emmanuel-Chico*”, mas não restrito a este. Com uma produção textual sem paralelo na literatura mundial, apenas os médiuns Chico Xavier e Divaldo Franco, juntos, produziram mais de 800 livros!

A **Comunidade**, neste estágio, torna-se **Consumidora** ativa dos *bens simbólicos espíritas*, elaborados nas mensagens de caráter evangélico, demandando, cada vez mais, produtos adequados a seu *ethos* cristão, de maioria católica e os desengajados (sem religião definida). É o Espiritismo configurado em **Religião Cristã do Livro**. Um cristianismo sem o arcabouço teológico cristão clássico, mas com suas interpretações *sui generis* dos Evangelhos, com o envolvimento dos “Espíritos Superiores”, o *ethos* espírita.

A pesquisa de Marcelo Gil observa que “a primeira representação, o espiritismo é visto como ciência, filosofia” (primeiro estágio na França) e “No âmbito desta representação o Brasil é visto como a pátria destinada a abrigar o desenvolvimento da doutrina espírita, **com base nos valores do Evangelho**”, como neste estágio (Gil, 2014, p. 314, grifo nosso).

Seguem algumas frases de representação do Espiritismo em terras brasileiras, colhidas em diversas épocas e situações: Em 1896 – Dr. Bezerra de Menezes, quando “encarnado” e espírita institucionalizado. Em 1940 – “Emmanuel”, reconhecidamente ordenador do movimento espírita, principalmente o federalizado. E em 2000 – médium Chico Xavier, referência em santidade e caridade no Brasil:

- a) Dr. Bezerra de Menezes (1896),

Se, pois, o espiritismo é uma revelação interpretativa da Revelação Messiânica, **a única missão do espírita é compreender e propagar o Evangelho em espírito e verdade**, quanto permite o progresso da humanidade” (Reformador, 1896e, p. 1, grifo nosso).

b) “Emmanuel” (1940),

Até agora, a Humanidade da era cristã recebeu a grande Revelação em três aspectos essenciais: **Moisés trouxe a missão da Justiça; o Evangelho, a revelação insuperável do Amor, e o Espiritismo em sua feição de Cristianismo redivivo, traz, por sua vez, a sublime tarefa da Verdade.** No centro das três revelações encontra-se Jesus-Cristo, como o fundamento de toda a luz e de toda a sabedoria. (Emmanuel, 1982 [1940], p. 162, grifo nosso).

c) Médiun Chico Xavier (Barcelli, 2000) – “A caridade é um exercício espiritual... Quem pratica o bem, coloca em movimento as forças da alma” (Barcelli, 2000, p. 55).

Dessa forma, no Brasil, os “Espíritos Superiores” sistemizam a Doutrina Espírita – com obras interpretativas dos Evangelhos e orientação doutrinária de conformação do movimento espírita. A exemplo dos livros *Emmanuel* (1938), *A Caminho da Luz* (1939), *O Consolador* (1940) e a *Série “Fonte Viva”* (1949-1973), de autoria de “Emmanuel”. Enquanto, os encarnados materializam na prática espírita – a santidade e a caridade, para contribuir na regeneração da humanidade, sob a mensagem cristã dos Evangelhos.

Assim, o Espiritismo no Brasil atinge a sua última fase de evento sociocultural, configurado como **Religião Cristã do Livro**, com base nos valores dos Evangelhos e na prática da Caridade, sob a injunção dos “Espíritos Superiores”, apresentando um sistema religioso com elementos próximo do tradicional, com rito, mito, culto, “sacerdócio e “espaços sagrados”. Isso verificado, tanto pelo sistema articulado de uma Religião do Livro, quanto pelas fontes e registros historiográficos.

Para concluir, um resumo exemplificativo da vinculação do Espiritismo com os Evangelhos, na visão do *ethos* espírita no campo religioso, em narrativa da linguagem poética-simbólica²⁶⁰:

O *Espiritismo*, como projeto divino, começa nos fenômenos das mesas que giravam nos Estados Unidos e aportaram na Europa. Na França, Kardec recebe a missão de reformar a religião, quando a “cesta” apontou para ele.

E, os *Espíritos do Senhor, que são as virtudes e as vozes dos Céus, vêm para iluminar*

²⁶⁰Texto com base nas seguintes obras: *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (Kardec, 2017 [1866]), *Revista Espírita* (2005c [1869], dez.), *Obras Póstumas* (Kardec, 2009c [1890]), *Reformador* (1896e), *(Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho* (Humberto de Campos, 2002 [1938]), *Bezerra de Menezes [...]* (Abreu, 1996).

os caminhos e abrir os olhos da humanidade, porque os tempos são chegados para o restabelecimento de todas as coisas no seu verdadeiro sentido, assim se pronunciou o “Espírito de Verdade”. Coordenador do plano espiritual da materialização da *Doutrina Espírita*. Iniciada em 1857 com *O Livro dos Espíritos* e consubstanciada num *corpus* de doutrina com feição de *Religião Filosófica*. Ecos tardios do iluminismo.

O Espiritismo viaja ao Brasil e encontra um espaço *mítico-religioso* receptivo e se naturaliza brasileiro. Assume a missão de pátria-guardiã da “*Árvore do Evangelho*”, sob a proteção do Anjo Ismael, designado pelo Cristo. O Espírito *Kardec*, do plano espiritual, volta para instruir o movimento primevo e lembrar do *grande lábaro ismaelino, Deus, Cristo e Caridade* e a Fraternidade.

Se despede ditando o lema – “*Sem caridade não há salvação. Sem fraternidade não pode haver união*”. Orientação que incentivou o Dr. Bezerra de Menezes na defesa da compreensão e da propagação do Evangelho *em espírito e verdade*, entre discussões e narrativas no seio do movimento espírita.

Desponta o século vinte, o da renovação social, sob a sanção da missão profética que “Emmanuel” conduz do alto e Chico Xavier na Terra, dando início a *chuva de livros* que inundam a sociedade sorvedoura de mensagens idílicas e consoladoras.

Chega o tempo, os médiuns voltam aos planos áureos e seus guias descem à *terra da promessa*, na dobradura do amanhã dos anos dois mil. Mas o espírito do estudo e da pesquisa, como onda no mar, chega à praia brasílica espraiando as luzes do Evangelho, dando seguimento à saga do *Consolador Prometido*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega-se às considerações finais desta pesquisa. No sentido etimológico do termo, é a *reflexão e avaliação que encerra o texto*, no caso o da pesquisa, mas não a pesquisa em si. Esta é uma atividade recorrente no espaço discursivo do sujeito-objeto, está sempre em movimento; e a problemática, junto com ela.

Partindo da questão de fundo selecionada para a tese: o *Espiritismo*, uma especialidade do *Espiritualismo Moderno*, movimento espiritualista originário em 1848 nos EUA, ressignificado na França como *Doutrina Filosófica*. No Brasil, conformou-se em *Religião Cristã*, motivado por conflitos internos ao movimento espírita brasileiro, *em controvérsia se o Espiritismo é Religião ou não*, aliado a *fatores externos*. Some-se a isso a possibilidade de os espíritas brasileiros transformarem a obra de Allan Kardec em *Cânone sagrado*, configurando o *Espiritismo no Brasil*, também como *uma Religião do Livro*.

De início, o Espiritismo foi investigado nesta pesquisa como um fato social derivado do *Espiritualismo Moderno* e o “fenômeno mediúnico” como fato religioso caracterizado como fenômeno transnacional em trânsito pelo Atlântico, dos EUA para a Europa. Nos Estados Unidos da América, esses “fenômenos mediúnicos” foram utilizados como meio para restabelecer contatos com “entes falecidos”, para tratarem de problemas de saúde mental e orgânico. Instituições religiosas e de pesquisas psíquicas se formaram com base nesses fenômenos, bem como criaram protocolos de pesquisas para melhor obter informações do “além”.

Os fenômenos das “mesas girantes”, ao tocarem o solo do continente europeu, se ambientaram na França do século XIX, ainda impactada pelo ideal iluminista tardio, anticlerical e racionalista. A partir das observações de Allan Kardec, se reelaboraram como **Doutrina Filosófica** (1857), o Espiritismo, sob influência de fatores socioculturais, do positivismo, do racionalismo e de filosofias espiritualistas – a primeira fase observada desse evento sociocultural. O processo dessa transmutação foi analisado por Kardec em 1864, indicando os condicionantes culturais na ambientação do Espiritismo, com o designativo de Escola Espírita Americana, de perfil experimental, e a Escola Europeia de característica filosófica.

Esse fato transnacional, denominado de *Espiritualismo Moderno*, desencadeou todo um movimento sociocultural vinculado às relações do mundo material com os “Espíritos” do “mundo espiritual” em circulação entre as américas e o continente europeu. Tal fato ensejou a realização da pesquisa, comparando a evolução histórico-cultural do movimento espírita francês e brasileiro, com suas singularidades e desdobramentos, no aspecto religioso, que

suscitou controvérsias se o Espiritismo é religião ou não.

Conformado e reconfigurado, dada a sua centralidade no Livro e nos Evangelhos, assumiu características peculiares de Religião do Livro. Tal concepção é entendida, nesta tese, como um sistema articulado em quatro fatores: a existência de um Livro profético inspirado. Passou por um processo de sacralização e tornou-se um Cânone, estando conjugado a uma Religião de referência e a uma Comunidade de seguidores que conformam suas experiências, dando-lhes uma cosmovisão.

No intuito de verificar o processo de formação de um Cânone, composto por escrituras inspiradas, foi desenvolvido o modelo do Círculo da Formação do Cânone de Religião Letrada, adaptado de Croatto (2001, 2002) e Terrin (2003). Este modelo é composto por nove elementos: *mediador, texto fundante, escrituras, doutrina normativa, cânone, sacralização, dogmas, novas interpretações* e as *heresias*. Tal modelo foi aplicado para identificar a existência das características de Religião do Livro no Espiritismo na França e no Brasil. Os objetivos: constatar se há continuidade ou ruptura dessa transmutação nesses ambientes culturais, verificar as conexões derivadas e identificar as diferenças no processo de formação.

A seguir uma síntese dos principais pontos analisados e os achados desta tese, apresentados na forma de paralelismo entre o Espiritismo na França e no Brasil, guardadas as devidas proporções temporais. Na França perdurou pouco tempo no período de Kardec (1857-1869) e se arrefeceu após a sua atuação, enquanto no Brasil se desenvolve de forma ascendente:

Espiritismo na França – constituído como uma **Doutrina Filosófica**, o Espiritismo. Influenciado pela cultura filosófica-crítica da modernidade do iluminismo francês, dominado pela razão e pelo anticlericalismo. A Doutrina Espírita é apresentada por Allan Kardec como proposta para equacionar o dilema fé e razão da modernidade, a “*fé raciocinada*”.

Centralizada nos livros, na racionalidade dos seus princípios fundamentais, na linguagem racional objetiva, constituintes de uma *Filosofia Espiritualista* de consequência moral. Apresenta duplo aspecto – o científico e o filosófico. E tem na Caridade o mecanismo de Renovação Social.

Com a centralidade no Livro, estabelece o sistema de letramento como rito de iniciação do neófito espírita. Já na centralidade nos Evangelhos constitui uma *exegese* singular de análise crítica, provocando o problema hermenêutico espírita.

Os “Espíritos Superiores” orientaram de forma propositiva a produção literária de Allan Kardec, que teve autonomia na elaboração das obras da Doutrina Espírita. Por isso, é seu autor. O “coordenador espiritual” do empreendimento é o “Espírito de Verdade” (Jesus, o Cristo) que institui o lema: “Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo”.

Allan Kardec é o “responsável terreno”, um “homem de letras” filosóficas que implanta o sistema de letramento centrado nos livros e se constitui em Cânone. Este tem por base as obras fundamentais da Doutrina Espírita, oriundas do “Plano de Obras” orientado pelo “Espírito de Verdade”. Tal plano foi apresentado a Kardec em 1865, um pouco antes da sua penúltima obra doutrinária. As discussões no campo religioso levam Kardec a caracterizar o Espiritismo de **Religião Filosófica** por falta de outra denominação.

O modelo do Círculo de Formação de Cânone foi aplicado no movimento espírita francês e resultou na possibilidade do Espiritismo ter o Cânone Espírita Francês, com base nas obras fundamentais da Doutrina Espírita. E com característica de sistema articulado de Religião do Livro, demonstrada na sua configuração em **Religião Filosófica e Letrada**, não clerical. Porém, os “Espíritos Superiores” intentavam formar a Religião do Espírito ou, segundo Kardec, a Religião do Progresso, uma religião natural, cristã por excelência e racional por método. Todavia, isso não avançou devido às circunstâncias conjunturais e temporais.

Espiritismo no Brasil – foi influenciado pelo Campo Religioso Brasileiro, de *ethos* católico romano, conforma-se em Doutrina de perfil católico adaptado. As discussões e controvérsias no Campo Espírita Brasileiro e no espaço público levaram a caracterizar o Espiritismo como **Religião Cristã reformada**.

Ambientado no Brasil, o Espiritismo apresenta distinções em relação a sua matriz francesa, em quatro fatores: 1º. A existência do Mito Fundador do Brasil como “Pátria do Evangelho”, simbólica epopeia brasileira. 2º. A participação ativa dos médiuns e de seus “guias espirituais” no desenvolvimento doutrinário e na prática do movimento espírita, representados no binômio *Emmanuel-Chico*. 3º. A oferta da terapêutica espírita para processos “obsessivos” e nos desequilíbrios orgânicos. 4º. A prática da Caridade, o *ethos* espírita por excelência.

Tudo isso, leva a afirmar a característica de **Religião Cristã** (1896), na linha reformada, um “catolicismo dos tempos modernos” – a segunda fase do evento sociocultural estudado nesta tese.

Os “*Guias Espirituais*”, no Brasil, são os autores da produção literária, enquanto os médiuns são personagens passivos, sem autonomia. A orientação dos “Guias” é normativa e os médiuns se conformam na vivência religiosa evangélica. O “coordenador espiritual” do Brasil é o “Anjo Ismael”, que tem por lema: “Deus, Cristo e Caridade”.

O desenvolvimento doutrinário e a prática espírita são direcionados por “Emmanuel”. Com sua produção literária interpretativa dos Evangelhos, em consórcio com o médium Chico Xavier, representante dos “médiuns de livros consoladores”. Para tanto, esses “Guias” sancionam o simbólico **Tríplice Aspecto do Espiritismo**: em ciência, filosofia e religião. Este

último é o mais importante. Por fim, criam o **Mito de Origem** – a epopeia brasileira e a relevância da Caridade como exercício “espiritual” de amor ao próximo, praticada tanto com os “Espíritos encarnados” e com os “desencarnados”.

A centralidade no Livro continua com o rito de iniciação no Letramento, sistematizado e marcado pelo epíteto da “*Codificação Espírita*”. A acentuada centralidade nos Evangelhos, no sentido transcendente da linguagem simbólica, forma uma interpretação normativa de conduta cristã católica e piedosa, advinda da produção mediúnica dos “Guias Espirituais”.

A aplicação do modelo do Círculo de Formação de Cânone no movimento espírita brasileiro resultou na constatação do Cânone Espírita Brasileiro. O “*Pentateuco kardeciano*” é ampliado pela produção literária de cunho evangélica advinda do binômio “*guias espirituais-médium*”. Esse movimento enseja característica de Religião **do Livro**, próxima do tradicionalismo cristão.

No Brasil, o Espiritismo é designado por “*O Cristianismo redivivo*” e suas singularidades o configuram como **Religião Cristã do Livro**. Com base nos valores dos Evangelhos e na prática da Caridade, sob a injunção dos “Espíritos Superiores”, apresenta sistema religioso com elementos próximo do tradicional, com rito, mito, culto, “sacerdócio e “espaços sagrados”.

O Brasil importou o Livro mediado e incorporou a literatura mediúnica evangélica no Cânone Ampliado e sacralizado na “*Pátria do Evangelho*”. O Espiritismo atinge a sua última fase do evento sociocultural, de forma mais acentuada do que na França. Tema central desta tese.

E o futuro? O que é aguardado do movimento espírita brasileiro que se espalha pelo mundo dada a intensificação do fenômeno migratório global? Uma questão que se impõe é a pressão exercida pela **Comunidade de base expandida**, entre 36 e 72 milhões de “consumidores” à procura por “produtos espíritas” com interpretações evangélicas.

Por conseguinte, vislumbram-se quatro consequências deste cenário:

- a) Maior oferta de *bens simbólicos espíritas* com temas evangélicos;
- b) Demanda crescente por livros proféticos (“espirituais”), consoladores (cosmovisão), de sentido simbólico (religiosos) e terapêuticos (“desobsessivos”);
- c) Ampliação da base de seguidores e consumidores de produtos com linguagem simbólica e poética (romances), acessíveis a qualquer pessoa interessada em mensagens religiosas e de autoajuda;
- d) Possibilidade de maior pressão das outras denominações religiosas em disputa no Campo Religioso Brasileiro, cada vez mais acirrado, transbordando para outras

esferas, a política e a econômica;

- e) Novos campos de disputas pelas redes sociais, no “mundo virtual”, com a interferência de novas tecnologias, como a Inteligência Artificial, atuando no “mundo material” e, quiçá, no “espiritual”.

Entende-se que a **Religião do Livro** é a metamorfose contemporânea do dilema da modernidade entre a fé e razão, devido à correlação entre os fenômenos transcendentais conceituados como **Religião (a fé)** – de linguagem mística, de sentido simbólico e de representação subjetiva; com a ideia de **Livro (a razão)** – a realidade fática, de linguagem racional, lógica, a representação objetiva, o *fiat lux* da civilização moderna. A conjugação do termo **Religião do Livro**, sob essa perspectiva dialética, representa a **síntese da concepção moderna do sentido da vida**.

Espera-se que essa pesquisa venha a contribuir com novos estudos e debates sobre tema muito sensível ao movimento espírita brasileiro, que não superou, de todo, o dilema do Espiritismo ser ciência, filosofia e religião. A proposta conciliatória de Kardec ainda aguarda respostas e atitudes dos espíritas. Alguns pontos relevantes apresentados nesta Tese: o uso do acervo bibliográfico consultado e analisado em três níveis:

- a) As Obras Fundamentais do Espiritismo, de Allan Kardec, a *Revista Espírita* de sua época e os Manuscritos do acervo do Projeto Allan Kardec da UFJF, relevantes para acompanhar, no tempo e no espaço, as mudanças das afirmativas de Allan Kardec no período entre 1857 e 1869;
- b) A análise e cruzamento de informações para evidenciar elementos êmicos a serem utilizados, tal qual se apresentam no contexto da discussão, evitando-se interpretações desatualizadas ou anacrônicas sob aspectos socioculturais do Espiritismo;
- c) A adaptação de modelos teóricos na análise da prática espírita, evidenciada pelo alto nível de escolaridade dos profítes, mas imbuídos de simbolismos, dada a “influência dos Espíritos” nos rumos e sucessos do movimento espírita.

Esta pesquisa verificou a trajetória do *Espiritualismo Moderno* dos EUA, ambientado na França como *Doutrina Filosófica*. E desta para o Brasil configurada como *Religião Cristã*, finalizando com a demonstração: *Espiritismo, de Doutrina Filosófica à Religião do Livro: entre controvérsias, livros e cânone*, na França e no Brasil. Entendendo por Religião do Livro, o sistema articulado com o Livro fundante, a Religião conexa às escrituras, o Cânone sagrado e a Comunidade de seguidores, para além de um reducionismo textual. Sistema este observado

tanto na França – configurado em uma **Religião Filosófica e Letrada**, identificada com a secularidade, quanto no Brasil – como uma **Religião Cristã do Livro**, de identidade mística letrada. Entretanto, ambas estão situadas na modernidade.

Conclui-se que o Espiritismo sai da época de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* de Kardec para, na “Pátria do Evangelho”, entra na Era de *O Espiritismo Segundo o Evangelho*, tendo no **Cânone Espírita Brasileiro** a base interpretativa dos Evangelhos.

REFERÊNCIAS

- ABEL, Brutus; LIRA NETO, Luís Jorge. Considerações a partir do discurso o espiritismo é uma religião? de Allan Kardec. **HORIZONTE: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, [S. l.], v. 22, n. 67, 26 ago. 2024. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/view/31904/22484>. Acesso em: 31 ago. 2024.
- ABREU, Honório Onofre de. **Luz imperecível**: estudo interpretativo do evangelho à luz da doutrina espírita. Brasília, DF: FEB, 2024.
- ABREU, Silvino Canuto. **Bezerra de Menezes**: subsídios para a história do espiritismo no Brasil até o ano de 1895. 5. ed. São Paulo: Federação Espírita do Estado de São Paulo, 1996.
- ABREU FILHO, Júlio; PIRES, José Herculano. **O verbo e a carne**: duas análises do roustainguismo. São Paulo: Edições Cairbar, 1973.
- ACERVO J. Herculano Pires. *In*: FUNDAÇÃO MARIA VIRGÍNIA E J. GERCUANDO PIRES. São Paulo, 2025. Programas No Limiar do Amanhã. Disponível em: <https://www.fundacaoherculanopires.org.br/o-que-fazemos/acervo-j-herculano-pires.html>. Acesso em: 27 jun. 2025.
- AGÊNERE. *In*: ENCICLOPÉDIA Espírita *online*, [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=enciclopedia&item=Ag%C3%AAanere>. Acesso em: 9 jan. 2025.
- ALBUQUERQUE, Tiago Paz e. O espiritismo em teses e dissertações: um mapeamento da produção brasileira. *In*: BETARELLO, Jeferson; SAMPAIO, Jáder dos Reis (org.). **O espiritismo visto pelas áreas do conhecimento atuais**: textos selecionados. São Paulo: CCDPE-ECM, 2010.
- ALLAN KARDEC. *In*: NOUVEAU dictionnaire universel, tome première. Paris: Docks de la Librairie, 1865. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k506777#>. Acesso em: 2 fev. 2024.
- ALMEIDA, Angélica Aparecida Silva. [Francisco Antônio Pereira Rocha]. *In*: PROJETO ALLAN KARDEC, Juiz de Fora, 2020. Disponível em: <https://projctokardec.ufjf.br/biografias/item/196>. Acesso em: 1 jul. 2024.
- ALMEIDA, Angélica Aparecida Silva. “**Uma fábrica de loucos**”: psiquiatria x espiritismo no Brasil (1900-1950). 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=495160>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- ALMEIDA, Waldehir Bezerra de. Prefácio. *In*: REVISTA Espírita, 1858-1869: índice geral. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2008.
- AMORIM, Deolindo. **Doutrina espírita**: curso no instituto de cultura espírita do Brasil. 2. ed. Salvador: Círculo Espírita da Oração: CIRCULUS, 2002.

AMORIM, Pedro Paulo. O movimento universitário espírita: MEU e suas divergências no interior do movimento espírita brasileiro. *In*: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-SC, 15., 2014, Florianópolis. **Anais eletrônicos [...]**. Florianópolis: ANPUH-SC, 2014. Disponível em:

http://www.encontro2014.sc.anpuh.org/resources/anais/31/1405796464_ARQUIVO_OMovimentoUniversitarioEspirita-FINAL.pdf. Acesso em: 7 fev. 2025.

AMORIM, Pedro Paulo. **Renovação cristã**: de Kardec a Lutero: o papel do livro na cisão do movimento espírita brasileiro (1949-2010). 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/94821?show=full>. Acesso em: 10 out. 2024.

AMORIM, Pedro Paulo. **As tensões no campo espírita brasileiro em tempos de afirmação (primeira metade do século XX)**. 2017. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/180916>. Acesso em: 10 out. 2024.

ARAGÃO, Gilbraz. Sobre epistemologias e diálogos: fenomenologia, diálogo inter-religioso e hermenêutica. *In*: CRUZ, Eduardo R. da; MORI, Geraldo de (org.). **Teologia e ciências da religião**: a caminho da maioria acadêmica no Brasil. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: Puc Minas, 2011. p. 95-122.

ARAUJO, Augusto César Dias de. **Espiritismo**: “esta loucura do século XIX”. ciência, filosofia e religião nos escritos de Allan Kardec. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

ARMSTRONG, Karen. **A arte perdida das escrituras**: resgatando os textos sagrados. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião?** a doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. São Paulo: Alameda, 2010.

ARRIBAS, Célia da Graça. Espiritismo, gênero e política: uma equação tensa. **Escuta**: Revista de política e cultura, [S. l.], 2018. Disponível em:

<https://revistaescuta.wordpress.com/2018/03/01/espiritismo-genero-e-politica-uma-equacao-tensa/>. Acesso em: 8 fev. 2025.

ARRIBAS, Célia da Graça. Pode Bourdieu contribuir para os estudos em ciências da religião? **Numen**: Revista de Estudo e Pesquisa em Religião, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 128-150, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21851/11895>. Acesso em: 27 set. 2024.

ARRIBAS, Célia da Graça. Política, gênero e sexualidade: controvérsias espíritas entre progressistas e conservadores. **Contemporânea**: Revista de Sociologia da UFSCar, São Carlos, v. 10, n. 2 p. 613-638, maio/ago. 2020. Disponível em:

<https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/856/pdf>. Acesso em: 8 fev. 2025.

ARRIBAS, Célia da Graça. **No princípio era o verbo**: espíritas e espiritismos na modernidade religiosa brasileira. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de

São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em:
https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde22012015-184049/publico/2014_CeliaDaGracaArribas_VOrig.pdf. Acesso em: 22 ago. 2024.

ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA INTERNACIONAL. [Site]. Buenos Aires: CEPA, 2014. Disponível em: <https://cepainternacional.org/site/pt/cepa/o-que-e-cepa>. Acesso em: 2 fev. 2024.

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidades do movimento social espírita entre França e Brasil**. Maceió: EDUFAL, 2009.

AUTORES Espíritas Clássicos. [Site]. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://www.autoresespiritasclassicos.com.br/>. Acesso em: 17 out. 2025.

AYMARD, André. **História geral das civilizações: o Oriente e a Grécia Antiga, as civilizações imperiais**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1993.

BALDOVINO, Enrique. Círculo parisiense de estudos espíritas. **Mundo Espírita**, [S. l.], ano 72, n. 1417, set. 2005. Disponível em: <https://www.mundoespirita.com.br/?materia=circuloparisiense-de-estudos-espiritas>. Acesso em: 26 abr. 2024.

BARCELLI, Carlos A. **O evangelho de Chico Xavier**. Votuporanga: Casa Editora Espírita “Pierre-Paul Didier”, 2000.

BARRERA, Florentino. **Auto-de-Fé de Barcelona**. Buenos Aires: Ediciones Vida Infinita, 2008.

BARRERA, Florentino. **Resumo analítico das obras de Allan Kardec**. São Paulo: Madras: USE, c2003.

BARROS, Brasil Fernandes de. **A busca de Kardec: fé ou razão**. Curitiba: CRV, 2022.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971. v. 2.

BASTOS, Carlos Seth. **Biografias de Kardec sob investigação: corrigindo imprecisões**. São Paulo: CCPD-ECM, 2024.

BASTOS, Carlos Seth. **Coadjuvantes da codificação espírita**. São Paulo: Autores Espíritas Clássicos: Luz Espírita, 2020. (Coleção CSI, v. 1). Disponível em: <https://www.luzespirita.org.br/leitura/pdf/L178.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2025.

BASTOS, Carlos Seth. **Espíritos sob investigação: resgatando parte da história**. São Paulo: CCPD-ECM, 2022.

BASTOS, Carlos Seth; FARIAS, Luciana; RIBEIRO JÚNIOR, Adair. Catálogo racional de obras para se formar uma biblioteca espírita: a publicação original comparada com alguns de seus manuscritos e demais versões. In: MILANI FILHO, Marco Antônio F. (org.). **160 anos**

de o livro dos médiuns. São Paulo: CCDPE-ECM, 2022. p. 95-120.

BASTOS, Carlos Seth; FARIAS, Luciana; RIBEIRO JÚNIOR, Adair. **A gênese de Allan Kardec: da polêmica aos fatos.** Juiz de Fora: Sociedade Espírita Primavera, 2024.

BENCHAYA, Salomão Jacob. As diferenças entre a religião espírita e o espiritismo laico. *In*: MOREIRA, Milton Rubens Medran; BENCHAYA, Salomão Jacob. **O espiritismo na perspectiva laica e livre-pensadora.** [S. l.]: CPDoc: CEPA, 2023.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião.** São Paulo: Paulus, 1985.

BERGSON, Henri. A filosofia francesa. **TRANS/FORM/AÇÃO: Revista de Filosofia da Unesp, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 257–271, 2006.** Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/926>. Acesso em: 29 mar. 2024.

BERLANZA, Lucas; PACHECO, Eric. **História geral do espiritismo: resumo expositivo.** São Paulo: CCDPE-ECM, 2023.

BEZERRA DE MENEZES, Adolfo. **Discursos parlamentares.** Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 1986. (Perfis parlamentares, v. 33).

BEZERRA DE MENEZES, Adolfo. **Estudos filosóficos.** São Paulo: Edições FAE, 2001. 3 v.

BEZERRA DE MENEZES (Espírito). Estudos filosóficos. **A imprensa.** Rio de Janeiro, a. 3, n. 703, 9 set. 1900. Disponível em: https://hemerotecapdf.bn.gov.br/245038/per245038_1900_00703.pdf. Acesso em: 31 dez. 2024.

BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. Novo Testamento. Primeira Epístola Pedro.

BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social.** Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinania, 2003.

BOUDET, Amélie Gabrielle. Carta de Amélie Gabrielle Boudet para Allan Kardec [20/09/1861]. *In*: PROJETO Allan Kardec, Juiz de Fora, 2021. [Documento #193]. Disponível em: <http://projetokardec.ufjf.br/item-pt/?id=193>. Acesso em: 4 jan. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário.** 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 [1992].

BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. *In*: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998 [1974]. p. 27-78.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas.** São Paulo: Brasiliense, 2004 [1987].

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013 [1980].

BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2019 [1980]. p. 109-115.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia geral: habitus e campo**: curso no *Collège de France* (1982-1983). Petrópolis: Vozes, 2021. v. 2.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Edições 70, 2022 [1989].

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BRASIL. **Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890**. Institui o Código Penal dos Estados Unidos do Brasil. Brasília, DF: Presidência da República, 1890. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D847.htmimpresao.htm. Acesso em: 24 fev. 2025.

BRASIL. **Decreto nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940**. Código Penal dos Estados Unidos do Brasil. Brasília, DF: Presidência da República, 1940. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm. Acesso em: 19 set. 2025.

BRASIL. Ministério Público Federal. Procuradoria da República no Estado da Bahia. **Termo de Ajuste de Conduta (TAC) nº. 1.14.000.000835/2016-12**. Salvador: Procuradoria do Estado, 2016. Disponível em: https://www.mpggo.mp.br/portalweb/hp/41/docs/tac_-_mpf_-_bahia_-_textos_espiritas_-_preconceito_e_discriminacao.pdf. Acesso em: 15 jul. 2024.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e umbanda**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1961.

CAMPOS, Fabiano Victor. Explicar e compreender: a querela em torno do procedimento epistemológico próprio da ciência da religião. *In*: SENRA, Flávio; CAMPOS, Fabiano Victor; ALMEIDA, Tatiane (org.). **A epistemologia das ciências da religião: pressupostos, questões e desafios**. Curitiba: CRV, 2020. p. 69-100.

CAMPOS, Pedro de. **Cidadão Rivail: raízes e vida de Allan Kardec**. Matão: Casa Editora o Clarim, 2023.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Espiritismo e nova era: interpelações ao cristianismo histórico**. Aparecida: Editora Santuário, 2014.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Dimensões mitológicas da narrativa e cosmologia espírita. *In*: SILVEIRA, Emerson Sena da; SAMPAIO, Dilaine Soares (org.). **Narrativas míticas: análise das histórias que as religiões contam**. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 138-160.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Conservadores x progressistas no espiritismo brasileiro: tentativa de interpretação histórico-hermenêutica. **Plural**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 136-160, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/176786>. Acesso em: 15 jul. 2024.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Espiritismo em sete lições**. Petrópolis: Vozes, 2022.

CAMURÇA, Marcelo Ayres; AMARO, Jacqueline; PEREIRA NETO, André. O “espiritismo racional científico” de Luiz Mattos dos anos 1910-1920 no Brasil [...]. In: SOUZA, André Ricardo de; SIMÕES, Pedro; TONIOL, Rodrigo (org.). **Espiritualidades e espiritismo: reflexões para além da religiosidade**. São Paulo: Porto de Ideias, 2017.

CARDOSO, Fernando Henrique *et al.* **O Brasil monárquico: dispersão e unidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015. v. 4. (História Geral da Civilização Brasileira).

CARVALHO, Antonio Cesar Perri de. Entrevista. **O Consolador**, [S. l.], ano 12, n. 604, 3 fev. 2019. Disponível em: <https://www.oconsolador.com.br/ano12/604/especial2.html>. Acesso em: 25 jan. 2025.

CARVALHO, Antonio Cesar Perri de. Entrevista. **O Consolador**, [S. l.], ano 14, n. 693, 25 out. 2020. Disponível em: <http://www.oconsolador.com.br/ano14/693/especial.html>. Acesso em: 25 jun. 2025.

CARVALHO, Fábio Rey de; CARVALHO, Antonio Cesar Perri de. Espiritismo como religião: algumas considerações sobre seu caráter religioso e seu desenvolvimento no Brasil. In: SOUSA, André Ricardo de; SIMÕES, Pedro; TONIOL, Rodrigo (org.). **Espiritualidade e espiritismo: reflexões para além da religiosidade**. São Paulo: Porto de Ideias, 2017.

CARVALHO, José Jorge de. **Um espaço público encantado: pluralidade religiosa e modernidade no Brasil**. Brasília, DF: FUNAI, 1999. Disponível em: <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto41/FO-CX-41-2529-99.PDF>. Acesso em: 15 jun. 2024.

CARVALHO, Sandra Maciel de. **Inquérito nacional de casos sugestivos de reencarnação na população brasileira adulta**. 2023. Tese (Doutorado em Saúde) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/16316/1/sandramacieldecarvalho.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2025.

CASSIRER, Ernest. **A filosofia do iluminismo**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

CATANI, Afrânio Mendes *et al.* (org.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CATÓLICOS divergem da igreja em relação a divórcio, segundo casamento e uso de camisinha. In: DATAFOLHA. São Paulo, 12 abr. 2007. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2007/04/1223871-catolicos-divergem-da-igreja-em-relacao-a-divorcio-segundo-casamento-e-uso-de-camisinha.shtml>. Acesso em: 31 jul. 2025.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

CHIBENI, Silvio Seno. O espiritismo em seu triplice aspecto: científico, filosófico e religioso. **Reformador**, ano 112, ago. 2003. p. 37-41. Parte I. Disponível em: <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/41230>. Acesso em: 31 jul. 2025.

CHIBENI, Silvio Seno. Notas históricas e bibliográficas sobre edições francesas de o livro dos espíritos. **Jornal de Estudos Espíritas**, [S. l.], v. 2, 2014. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0BwP512F8N4s3TnpfT2VWOFpzbkU/edit?resourcekey=0-5apeSP21dlCmGtwUzyZhrA>. Acesso em: 18 jun. 2025.

CHIBENI, Silvio Seno. **A página de rosto da segunda edição de o livro dos espíritos**. [S. l.: s. n.]: 2002, Disponível em: <https://www.geeu.net.br/artigos/le2-rosto.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2024.

COELHO, Humberto Schubert. As bases filosóficas do niilismo e do espiritismo explicadas segundo o conflito entre ciência e religião. **Interações**, v. 17, n. 2, p. 234-252, jul./dez. 2022b. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/27092/20150>. Acesso em: 20 jan. 2024.

COELHO, Humberto Schubert. **História da liberdade religiosa**: da reforma ao iluminismo. Petrópolis: Vozes Acadêmica: IHPV, 2022a.

CONSELHO ESPÍRITA INTERNACIONAL. [Site]. Brasília, DF: CEI, 2020. Disponível em: <https://cei-spiritistcouncil.com/>. Acesso em: 17 out. 2025.

COSTA, Vinícius Lara da. **Uma excursão ao mundo dos mortos**: o *modern spiritualism* e suas relações com os cenários religioso e social norte americanos no século XIX. 2021. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/14157/1/viniciuslaradacosta.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2025.

CRABTREE, Adam. Mesmerism and psychological dimension of mediumship. In: GUITIERREZ, Cathy (ed.). **Handbook of spiritualism and channeling**. Brill handbooks on contemporary religion. Boston: Brill, 2015. v. 9, p. 9-31.

CROATTO, José Severino. **Experiencia de lo sagrado y tradiciones religiosas**: estudio de fenomenología de la religión. Buenos Aires: Editorial Guadalupe, 2002.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa**: uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 2001.

CRUZ, Eduardo R. Ciências naturais, religião e teologia. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (org.). **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013. p 115-127.

CSI: História do Espiritismo. [Facebook]. [S. l.], 2022. Facebook: @csihistoriadoespiritismo. Disponível em: <https://www.facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/posts/pfbid02a5dxuM3J2gybAozKTFx9zhbkHE81iuRs2aXEjounNujtWwKzArYwvdFTeCGWj1Gol>. Acesso em: 19 jun. 2025. Acesso em: 19 jun. 2025.

CSI: História do Espiritismo. [Facebook]. [S. l.], 2025. Facebook: @csihistoriadoespiritismo. Disponível em: https://www.facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/?locale=pt_BR. Acesso

em: 15 out. 2025.

DAMASIO, João. Por que o número de espíritas no Brasil diminuiu? **Religião e Poder**, [S. l.], 3 jul. 2025. Disponível em: <https://religioepoder.org.br/artigo/por-que-o-numero-de-espiritas-no-brasil-diminuiu>. Acesso em: 28 jul. 2025.

DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

DATAFOLHA. [Pesquisa de 19 a 20 de março de 2007]. São Paulo: DATAFOLHA, 2007. Disponível em: https://media.folha.uol.com.br/datafolha/2013/05/02/religiao_03052007.pdf. Acesso em: 28 jul. 2025.

DE FRANCO, Clarissa. Psicologia e espiritualidade. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (org.). **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013. p 399-410.

DE JESUS, Edgar Francisco. Ciência em evolução. In: NUNES, Beatriz Helena P. Costa *et al.* **Em torno de Rivail**. Bragança Paulista: Lachâtre, 2004. p. 269-301.

DE MIRVILLE, Jules Eudes. **Des esprits et de leurs manifestations fluidiques**. 2^{ème} ed. Paris: H. Vrayet de Surcy, 1854.

DEER, Cécile. Reflexividade. In: GRENFELL, Michael (org.). **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 253-269.

DEL PRIORE, Mary. **História da gente brasileira: império**. São Paulo: LeYa, 2016. v. 2.

DIANTEILL, Erwan. Pierre Bourdieu e a religião: síntese crítica de uma síntese crítica. **Revista de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 34, n. 2, p. 30–42, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/33923/73555>. Acesso em: 26 set. 2024.

DIAS, José Roberto de Lima. A racionalização do sagrado no âmbito do espiritismo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR, 14. 2015, Juiz de Fora. **Anais eletrônicos [...]**. [S. l.]: ABHR, 2015. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/869>. Acesso em: 1 jul. 2025.

DIAS, Krishnamurti de Carvalho. **O laço e o culto: é o espiritismo uma religião?** Santos: DICESP, 1985.

DIVALDO Franco. In: MANSÃO do Caminho. Salvador, 2025. Disponível em: <https://mansaodocaminho.com.br/divaldo-franco/>. Acesso em: 17 out. 2025.

DOS ANJOS, Luciano. **O atalho: análise crítica do movimento espírita**. Niterói: Publicações Lachâtre, 1993.

DOS ANJOS, Luciano. Hermínio Corrêa de Miranda foi (é) um espírita que dignificou esse título. **O CONSOLADOR**, [S. l.], ano 7, n. 324, 11 ago. 2013. Entrevista. Disponível em: <https://www.oconsolador.com.br/ano7/324/entrevista.html>. Acesso em: 12 fev. 2025.

DOS ANJOS, Luciano. **Para entender Roustaing**. Bragança Paulista: Lachâtre, 2005.

DOYLE, Arthur Conan. **A história do espiritualismo: de Swedenborg ao início do século XX**. Brasília, DF: FEB, 2013.

DURANT, Will; DURANT, Ariel. **Rousseau e a revolução**. Rio de Janeiro: Editora Record, c1967. (A História da Civilização, v. 10).

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. 4. reimp. São Paulo: Paulus, 2019 [1912].

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 9. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2004 [1895].

ECHO D'ALÉM-TÚMULO: monitor do espiritismo no Brasil. Salvador: Tipografia do Diário da Bahia, ano I, n. 1, jul. 1869. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/706728/per706728_1869_00001.pdf. Acesso em: 15 nov. 2024.

ECHO D'ALÉM-TÚMULO: monitor do espiritismo no Brasil. Salvador: Tipografia do Diário da Bahia, ano I, n. 6, maio 1870. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/706728/per706728_1869_00006.pdf. Acesso em: 15 nov. 2024.

ELIADE, Mircea. **Origens: história e sentido na religião**. Lisboa: Edições 70, 1989.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

EMMANUEL (Espírito). **A caminho da luz**. 23. ed. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1998 [1939].

EMMANUEL (Espírito). **Caminho, verdade e vida**. 10. ed. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília, DF: FEB, 1983 [1948].

EMMANUEL (Espírito). **O consolador**. 9. ed. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1982 [1940].

EMMANUEL (Espírito). **Emmanuel**. 28. ed. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2019 [1938].

EMMANUEL (Espírito). Prefácio. *In*: HUMBERTO DE CAMPOS (Espírito). **Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho**. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 28. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2002 [1938].

EMMANUEL (Espírito). Socorro oportuno. *In*: EMMANUEL (Espírito); ANDRÉ LUIZ (Espírito). **Estude e viva**. Psicografado por Francisco Cândido Xavier; Waldo Vieira. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1965.

ENTIDADES Especializadas. *In*: FEDERAÇÃO ESPIRÍTA BRASILEIRA, Rio de Janeiro,

28 ago. 2023. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/portal/2023/08/28/entidades-especializadas>. Acesso em: 17 out. 2025.

ESPÍRITAS à Esquerda. [Site]. [S. l.], 17 out. 2025. Disponível em: <https://espiritasaesquerda.com.br/>. Acesso em: 15 jul. 2024.

OS ESPÍRITAS de santos e o espiritismo laico e livre-pensador. *In*: Centro de Pesquisa e Documentação Espírita. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://www.cpdocespirita.com.br/portal/2016/12-os-espíritas-de-santos-e-o-espiritismo-laico-e-livre-pensador>. Acesso em: 7 fev. 2025.

ESPÍRITAS Progressistas respondem à entrevista coletiva de Divaldo Franco e Haroldo Dutra no congresso de Goiás. *In*: PORTAL ESPIRITISMO COM KARDEC, 17 fev. 2018. Disponível em: <https://www.comkardec.net.br/nota-de-resposta-divaldo-haroldo/>. Acesso em: 11 fev. 2025.

ESTUDO Sistematizado da Doutrina Espírita: programa fundamental. 3. ed. Brasília, DF: FEB, 2020.

FABRES, Carla *et al.* **Adulteração dos evangelhos de Emmanuel/Chico Xavier pela FEB**: estudo comparativo das traduções escolhidas pela FEB dos versículos do novo testamento e a tradução original selecionada por Emmanuel, prejuízos graves na interpretação dos seus comentários. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: <http://www.vinhadeluz.com.br/arquivos/pdfs/adulteracao-dos-evangelhos-de-emmanuel-e-chico-xavier.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2025.

FARIAS, Luiz Antonio Chaves *et al.* **Tão ricos e tão escolarizados?: o perfil sociodemográfico dos espíritas no Brasil**. Campinas: Unicamp, 2017. Disponível em: https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/textos_nepo/textos_nepo_80.pdf. Acesso em: 11 jul. 2024.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Emmanuel**. [S. l.: s. n.], [20--]. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Emmanuel.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2025.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Esclarecimentos sobre publicação de livros da FEB Editora**. Brasília, DF: FEB, 2020a. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/portal/2020/01/20/esclarecimentos-sobre-publicacao-de-livros-da-feb-editora-2>. Acesso em: 3 fev. 2025.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **A FEB e a não adulteração de obras psicografadas por Francisco Cândido Xavier**. Brasília, DF: FEB, 28 out. 2020b. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/portal/wp-content/uploads/2020/10/FEB-e-a-n%C3%A3o-adultera%C3%A7%C3%A3o.-Final-1.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2025.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Francisco Thiesen**. [S. l.: s. n.], [20--]. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Francisco-Thiesen.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2025.

FIGUEIREDO, Paulo Henrique de. **Autonomia**: a história jamais contada do espiritismo. São Paulo: Fundação Espírita André Luiz, 2019.

FIGUEIREDO, Paulo Henrique de. **Mesmer: a ciência negada do magnetismo animal**. 4. ed. São Paulo: Maat, 2017.

FIGUEIREDO, Paulo Henrique de; SAMPAIO, Lucas. **Nem céu nem inferno: as leis da alma segundo o espiritismo**. São Paulo: Fundação Espírita André Luiz, 2020.

FIGUEIRÊDO, Pedro Camilo de. Jáder dos Reis Sampaio. *In*: LACHÂTRE. São Paulo, 4 mar. 2024. Disponível em: <https://blog.lachatre.com.br/2024/03/jader-dos-reis-sampaio-pedro-camilo-de.html>. Acesso em: 25 fev. 2025.

FRANZOLIM, Ivan. **Mercado editorial espírita 2017**. [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: https://www.espiritualidades.com.br/Artigos/F_autores/Franzolin_Ivan_tit_Mercado_Editorial_Espirita_2017.pdf. Acesso em: 28 jul. 2025.

FRANZOLIM, Ivan. **Pesquisa nacional espírita: PNE 2025**. 11. ed. [S. l.: s. n.], 2025. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1R8HD0ps0FHssJCE9RcvQzfYXZMZrQ3kJ/view>. Acesso em: 28 jul. 2025.

FRANZOLIM, Ivan. **Quantos são os espíritas no Brasil e no mundo**. [S. l.]: ABRADÉ, 2021. Seção Artigos. Disponível em: <https://abrade.com.br/quantos-sao-os-espíritas-no-brasil-e-no-mundo/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

GARCIA, Wilson. **Chico, você é Kardec?** Capivari: Eldorado/EME, 1999.

GARCIA, Wilson. **Ponto final: o reencontro com o espiritismo com Allan Kardec**. Capivari: Editora EME, 2020.

GARCIA, Wilson. Será a inteligência artificial meio para avanço do espiritismo? *In*: ESPIRITISMO E+. [S. l.], 15 jul. 2024. Disponível em: <https://expedienteonline.com.br/sera-a-inteligencia-artificial-meio-para-avanco-do-espiritismo/>. Acesso em: 15 jul. 2024.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Marcelo Freitas. **A Educação das almas: o estudo sistematizado da doutrina espírita e a unificação do movimento espírita brasileiro**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3228/GIL%2c%20Marcelo%20Freitas.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 2 maio 2025.

GIUMBELLI, Emerson. O “baixo espiritismo” e a história dos cultos mediúnicos. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 247-281, jul. 2003a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/mRXsmGkqyp5qZjVVSKztGpx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 jun. 2025.

GIUMBELLI, Emerson. O “chute na santa”: blasfêmia e pluralismo religioso no Brasil. *In*: BIRMAN, Patrícia (org.). **Religião e espaço público**. São Paulo: Attar, 2003b.

GIUMBELLI, Emerson. **Cuidado dos mortos**: uma história da condenação e legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

GOIDANICH, Simoni Privato. **O legado de Allan Kardec**. São Paulo: Edição USE: CCDPE, 2018.

GOMES, Adriana. **Entre a fé e a polícia**: o espiritismo no Rio de Janeiro (1890-1909). 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/bitstream/1/13098/1/Dissertacao%20Adriana%20Gomes.pdf>. Acesso em: 2 maio 2025.

GOMES, Ângela Maria de Castro *et al.* **O Brasil republicano**: sociedade e política (1930-1964). 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. v. 10. (História Geral da Civilização Brasileira).

GOMES, Edlaine de Campos. Campo religioso brasileiro. **Religião e Poder**: Análises sobre o impacto da religião na política brasileira. Rio de Janeiro, 15 set. 2022. Disponível em: <https://religioepoder.org.br/artigo/campo-religioso-brasileiro>. Acesso em: 9 fev. 2025.

GRENFELL, Michael. Introdução. *In*: GRENFELL, Michael (org.). **Pierre Bourdieu**: conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 2018.

GROSS, Eduardo. Hermenêutica e religião a partir de Paul Ricoeur. **Numen**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 33-49, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21748>. Acesso em: 31 mar. 2025.

HIGUET, Etienne Alfred. Hermenêutica da religião. *In*: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (org.). **Compêndio da ciência da religião**. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013. p. 457-467.

A HISTÓRIA do Congresso Espírita Mundial. *In*: FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, Rio de Janeiro, 6 set. 2022. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/portal/2022/09/06/a-historia-do-congresso-espirita-mundial/especializadas>. Acesso em: 17 out. 2025.

HONÓRIO, Onofre de Abreu. *In*: UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA. Belo Horizonte, [202-]. Disponível em: <https://uemmg.org.br/biografias/honorio-onofre-de-abreu/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

HUMBERTO DE CAMPOS (Espírito). **Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho**. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 28. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2002 [1938].

IGLÉSIAS, Francisco *et al.* **O Brasil monárquico**: reações e transações. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. v. 5. (História Geral da Civilização Brasileira).

INCONTRI, Dora. **Kardec para o século 21**. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2024.

INCONTRI, Dora. **Para entender Allan Kardec**. Bragança Paulista: Lachâtre, 2004.

INCONTRI, Dora. **Pedagogia espírita**: um projeto brasileiro e suas raízes. 2. ed. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2006.

ISAIA, Artur César. O catolicismo Rio-Grandense frente à visibilidade das religiões mediúnicas durante o período pré-conciliar. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, [S. l.], n. 165, p. 105-121, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/revistaihgrgs/article/view/133323>. Acesso em: 12 maio 2025.

ISAIA, Artur César. Religião, discurso médico-psiquiátrico e ordem republicana no Brasil: o espiritismo na produção acadêmica da faculdade de medicina do Rio de Janeiro. **Revista de História das Ideias**, Coimbra, v. 68, p. 501-523, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/41577>. Acesso em: 12 jan. 2024.

JAMES, William. **As variedades da experiência religiosa**: um estudo sobre a natureza humana. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2017 [1902].

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

JEAN-BAPTISTE ROUSTAING. In: ENCICLOPÉDIA Espírita *online*, [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=enciclopedia&item=Jean-Baptiste%20Roustaing>. Acesso em: 12 jan. 2025.

JOANNA DE ÂNGELIS (Espírito). Apresentação. In: SILVA, Saulo César Ribeiro da (coord.). **O evangelho por Emmanuel**: comentários ao evangelho segundo Mateus. Brasília, DF: FEB, 2024.

JOANNA de Ângelis. In: PORTAL Luz Espírita, São Paulo, 2014. Enciclopédia Espírita Online. Disponível em: <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=enciclopedia&item=Joanna%20de%20%C3%82ngelis>. Acesso em: 17 out. 2025.

JOÃO DO RIO. **As religiões no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1976 [1906].

JOSÉ Raul Teixeira: um sonho realizado: o legado do remanso fraterno. In: REMANSO Fraterno, Niterói, 2024. Disponível em: <https://site.remansofraterno.org.br/jose-raul-teixeira-um-sonho-realizado/>. Acesso em: 17 out. 2025.

JOSGRILBERG, Rui de Souza. Hermenêutica fenomenológica e a tematização do sagrado. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org.). **Linguagens da religião**: desafios, métodos e conceitos centrais. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 31-67.

JOURDAIN, Anne; NAULIN, Sidonie. **A teoria de Pierre Bourdieu e seus usos sociológicos**. Petrópolis: Vozes, 2017.

KARDEC, Allan. **Manuscrito “trabalhos a executar para completar a doutrina espírita**: os planos do mestre com relação à doutrina espírita. [S. l.: s. n.]: [1864?]. Disponível em: <https://bit.ly/3ebODBe>. Acesso em: 6 jul. 2025.

KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. 33. ed. Tradução de José Herculano Pires. São Paulo: LAKE, 1974 [1860].

KARDEC, Allan (Espírito). Instruções de Allan Kardec aos espíritas do Brasil. Psicografado por Frederico Júnior. *In: A PRECE conforme o evangelho segundo o espiritismo de Allan Kardec*. 50. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004 [1888-1889].

KARDEC, Allan. **Viagem espírita em 1862 e outras viagens de Allan Kardec**. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005 [1862].

KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006 [1860].

KARDEC, Allan. **O livro dos médiuns ou guia dos médiuns e dos evocadores**. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009a [1862].

KARDEC, Allan. **O céu e o inferno ou a justiça divina segundo o espiritismo**. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009b [1869].

KARDEC, Allan. **Carta de Allan Kardec para Amélie Boudet [18/09/1862]**. *In: PROJETO ALLAN KARDEC*, Juiz de Fora, 2021a. [Documento #169]. Disponível em: <https://projetokardec.ufjf.br/item-pt?id=169>. Acesso em: 29 abr. 2024.

KARDEC, Allan. **Prece de Allan Kardec [02/12/1866]**. *In: PROJETO ALLAN KARDEC*, Juiz de Fora, 2021b. [Documento #179]. Disponível em: <https://projetokardec.ufjf.br/item-pt?id=179>. Acesso em: 5 maio 2024.

KARDEC, Allan. **Discurso de Allan Kardec [DD/MM/1867]**. *In: PROJETO ALLAN KARDEC*, Juiz de Fora, 2021c. [Documento #180]. Disponível em: <http://projetokardec.ufjf.br/item-pt/?id=180>. Acesso em: 5 maio 2024.

KARDEC, Allan. **Comunicação/Diálogo [05/03/1865]**. *In: PROJETO ALLAN KARDEC*, Juiz de Fora, 2022. [Documento #217]. Disponível em: <https://projetokardec.ufjf.br/item-pt?id=217>. Acesso em: 26 jan. 2024.

KARDEC, Allan. **Anotação [DD/MM/AAAA]**. *In: PROJETO ALLAN KARDEC*, Juiz de Fora, 2023a. [Documento #260]. Disponível em: <http://projetokardec.ufjf.br/item-pt/?id=260>. Acesso em: 4 jan. 2024.

KARDEC, Allan. **Carta de Hipolite Rivail para Amélie Boudet [06/09/1863]**. *In: PROJETO ALLAN KARDEC*, Juiz de Fora, 2023b. [Documento #177]. Disponível em: <https://projetokardec.ufjf.br/item-pt?id=177>. Acesso em: 6 jul. 2025.

KARDEC, Allan. **Carta de Allan Kardec para Amélie-Gabrielle Boudet [15/09/1863]**. *In: PROJETO ALLAN KARDEC*, Juiz de Fora, 2023c. [Documento #273]. Disponível em: <https://projetokardec.ufjf.br/item-pt?id=273>. Acesso em: 6 jul. 2025.

KARDEC, Allan. **O evangelho segundo o espiritismo**. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2017 [1866].

KARDECPIEDIA. *In: Instituto de Divulgação Espírita Allan Kardec*. Curitiba, 2025.

Disponível em: <https://kardecpedia.com/>. Acesso em: 17 out. 2025.

KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. **Os Filósofos pré-socráticos**: história crítica com seleção de textos. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

KLEIN, Luciano. **Bezerra de Menezes**: o homem, seu tempo e sua missão. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2021.

LACHÂTRE, Maurice. **O espiritismo, uma nova filosofia**. Bragança Paulista: Lachâtre, 2014.

LACHÂTRE, Maurice. **Nouveau dictionnaire universel, tome première**. Paris: Docks de la Librairie, 1865. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k506777#>. Acesso em: 2 fev. 2024.

LAPA, Hugo. A origem do termo espiritismo. *In*: BLOG ESPIRITUALIDADE PARA TODOS, [S. l.] 19 set. 2013. Disponível em: <https://hugolapa.wordpress.com/2013/09/19/a-origem-do-termo-espiritismo/>. Acesso em: 17 mar. 2024.

LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16244/000373496.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 2 maio 2025.

LEWGOY, Bernardo. Representações de ciência e religião no espiritismo kardecista: antigas e novas configurações. **Civitas**: revista de Ciências Sociais, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 151-167, 2006. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/civitas/article/view/60/6919>. Acesso em: 18 jun. 2025.

LEWGOY, Bernardo. A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 84-104, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/47BDMf6WkxTch9XK898QRYv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2025.

LEWGOY, Bernardo. A contagem do rebanho e a magia dos números: notas sobre o espiritismo no censo de 2010. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.) **Religiões em Movimento**: o Censo de 2010. Petrópolis: Vozes, 2013.

LEYMARIE, Marina. **Processo dos espíritas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1977.

LIRA NETO, Luís Jorge. **Os livros dos espíritos**: uma análise comparativa entre as edições 1ª, 2ª até a 16ª. Capivari: Editora EME, 2019.

LIRA NETO, Luís Jorge. O livro dos espíritos: uma introdução historiográfica. **Dirigente Espírita**, São Paulo, ano 32, n. 188, p. 15-18, mar./abr. 2022. Disponível em: <https://usesp.org.br/wp-content/uploads/2022/03/DE188.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2025.

LIRA NETO, Luís Jorge. A matriz religiosa brasileira: a plasticidade híbrida da fé. *In*: COLÓQUIO DO GRUPO DE PESQUISAS RELIGIÕES, IDENTIDADES E DIÁLOGOS DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, 5., 2023, Recife. **Anais eletrônicos** [...]. Recife: UNICAP, 2023. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/coloquioid/article/view/2702/2424>. Acesso em: 11 jun. 2024.

LIRA NETO, Luís Jorge *et al.* **Religião e espiritismo**: análise de novas fontes de informação. São Paulo: Portal Luz Espírita, 2021. Disponível em: <https://www.luzespirita.org.br/leitura/pdf/L185.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2022.

LIRA NETO, Luís Jorge; FARIAS, Luciana. O céu e o inferno: origem dos textos e evolução da obra. *In*: MILANI FILHO, Marco Antônio F. (org.). **Justiça divina segundo o espiritismo**. São Paulo: CCDPE-ECM, 2025.

LIRA NETO, Luís Jorge; FARIAS, Luciana. O ciclo de vida organizacional da sociedade parisiense de estudos espíritas na gestão de Allan Kardec. *In*: SCHUBERT, Humberto Coelho (org.). **Perispírito**: concepções e pesquisas. São Paulo: CCDPE-ECM, 2023. p. 209-246.

LIRA NETO, Luís Jorge; FARIAS, Luciana. O livro dos médiuns: origem dos textos e evolução da obra. *In*: MILANI FILHO, Marco Antônio F. (org.). **160 anos de o livro dos médiuns**. São Paulo: CCDPE-ECM, 2022. p. 15-44.

LIRA NETO, Luís Jorge; FARIAS, Luciana. A singularidade de o evangelho segundo o espiritismo. *In*: MILANI FILHO, Marco Antônio F.; APARECIDO, Orlando (org.). **160 anos de o evangelho segundo o espiritismo**. São Paulo: CCDPE-ECM, 2024. p. 163-191.

LOUREIRO, Lúcia. **Memórias históricas do movimento espírita no Estado da Bahia**: a saga dos pioneiros e a repercussão no Brasil. 3. ed. Salvador: L. L. Editora, 2021.

MACHADO, Dirceu. **Respingos históricos das escrituras sagradas**: o longo caminho até o evangelho segundo o espiritismo. Rio de Janeiro: JS Editora, 2014.

MACHADO, R. Ubiratan. **Os intelectuais e o espiritismo**: de Castro Alves a Machado de Assis. Rio de Janeiro: Edições Antares; [Brasília, DF]: INL, 1983.

MAGGIE, Yvonne. **Medo do feitiço**: relações entre magia e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

MANIFESTO de espíritas progressistas por justiça, paz e democracia. *In*: PETIÇÃO Pública. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://peticaopublica.com.br/pview.aspx?pi=BR108007>. Acesso em: 11 fev. 2025.

MANIFESTO dos espíritas progressistas pela abertura do processo de cassação da chapa Bolsonaro-Mourão. *In*: CHARGE.ORG. [S. l.], 25 maio 2020. Disponível em: <https://www.change.org/p/presidente-da-c%3%A2mara-dos-deputados-fora-da-justi%3%A7a-social-n%3%A3o-h%3%A1-salva%3%A7%3%A3o>. Acesso em: 11 fev. 2025.

MANIFESTO e pedido de perdão aos povos originários do Brasil e do mundo. *In*: ESPÍRITAS À ESQUERDA. [Site]. [S. l.], 23 set. 2024. Disponível em: <https://espiritasaesquerda.com.br/manifesto-e-pedido-de-perdao-aos-povos-originarios-do-brasil-e-do-mundo/>. Acesso em: 11 fev. 2025.

MANIFESTO por um espiritismo kardecista livre. *In*: ABPEDAGOGIAESPIRITA. [S. l.], 7 fev. 2019. Disponível em: <https://blogabpe.org/2019/02/07/manifesto-por-um-espiritismo-kardecista-livre/>. Acesso em: 11 fev. 2025.

MARCONDES, Danilo. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 13. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

MARIANO, Ricardo. Sociologia da religião e seu foco na secularização. *In*: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (org.). **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013. p 231-242.

MARTINS, Jorge Damas; BARROS, Stenio Monteiro de. **Jean Baptiste Roustaing, Apóstolo do Espiritismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: CRBBM, 2016. Museu Virtual Roustaing. Disponível em: <https://www.crbbm.org/museu-roustaing.html>. Acesso em: 19 jun. 2025.

MATTOS, Renan Santos. **A caminho da luz**: a trajetória intelectual de Fernando do Ó no espiritismo brasileiro (1930-1963). 2019. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/215710?show=full>. Acesso em: 5 nov. 2024.

MATTOS, Renan Santos. O espiritismo e suas disputas: Fernando do Ó e Denizard Souza no campo religioso brasileiro. **Revista Brasileira de História das Religiões**, [S. l.], v. 13, n. 38, p. 215-239, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/51984/751375150688>. Acesso em: 16 set. 2024.

MEIGRE E SILVA, Marcos Vinícius. A história de um subgênero ficcional: uma proposta de mapeamento das telenovelas espíritas. **Revista de Estudos Universitários: REU**, Sorocaba, v. 47, n. 2, p. 319–339, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/4799/4520>. Acesso em: 12 jul. 2024.

MELLO, Bobiquins Estêvão de. **Ontologia do monoteísmo**. 2021. Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/230921/PEGC0702-T.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 2 maio 2025.

MIRANDA, Júlia. Estado laico no Brasil: entre sofismas e ambiguidades. **Cultura y Religión**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 69-85, 2013. Disponível em: <https://revistaculturayreligion.cl/index.php/revistaculturayreligion/article/view/389>. Acesso em: 8 fev. 2025.

MONROE, John Warne. **Laboratories of faith**: mesmerism, spiritism, and occultism in modern France. Ithaca: Cornell University Press, 2008.

MONROE, John Warne. Cross over: Allan Kardec and the transnationalisation of modern spiritualism. *In*: GUITIERREZ, Cathy (ed.). **Handbook of spiritualism and channeling**. Brill handbooks on contemporary religion. Boston: Brill, 2015. v. 9. p. 248-274.

MONTERO, Paula. “Religiões públicas” ou religiões na esfera pública? para uma crítica ao conceito de campo religioso de Pierre Bourdieu. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 36 n. 1, p. 128-150, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/MnJYcxtPWnCcdFPwXnDJ8Qq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 set. 2024.

MONTEIRO, Rodrigo Bentes. História entre impérios e revoluções. *In*: NUNES, Beatriz Helena P. Costa *et al.* **Em torno de Rivail**. Bragança Paulista: Lachâtre, 2004. p. 129-161.

MUSEU AKOL. São Paulo, [2025]. Site. Disponível em: <https://allankardec.online/>. Acesso em: 15 out. 2025.

MUSEU AKOL. **[KARDEC, Allan. Comunicação/Diálogo, 05/10/1865]**. Destinatário: Luís Jorge Lira Neto. Recife, 9 ago. 2025. 1 mensagem eletrônica. Manuscrito inédito.

NECKEL MIGUEL, Sinuê. Disposições políticas no espiritismo brasileiro: da neutralidade conservadora à aspiração socialista. **Saeculum: Revista de História**, [S. l.], v. 25, n. 42, p. 86-104, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/50928>. Acesso em: 8 fev. 2025.

NECKEL MIGUEL, Sinuê. O Espiritismo frente à igreja católica em disputa por espaço na era Vargas. **Esboços: histórias em contextos globais**, [S. l.], v. 17, n. 24, p. 203-226, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2010v17n24p203>. Acesso em: 12 maio 2025.

NECKEL MIGUEL, Sinuê. **Movimento universitário espírita (MEU): religião e política no espiritismo brasileiro (1967-1974)**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/849101>. Acesso em: 12 jan. 2025.

NÉIO LÚCIO (Espírito). **Jesus no lar**. 34. ed. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 2005 [1950].

NEPE BRASIL. **Núcleo de Estudo e Pesquisa do Evangelho**. [S. l.], 2017. Disponível em: <https://search.nepebrasil.org/>. Acesso em: 25 jul. 2024.

NETO SOBRINHO, Paulo da Silva. Allan Kardec e a divergência na forma de escrever o seu nome civil. *In*: PAULO NETO, Belo Horizonte, 2017a. Disponível em: <https://paulosnetos.net/article/allan-kardec-e-a-divergencia-na-forma-de-escrever-o-seu-nome-civil>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NETO SOBRINHO, Paulo da Silva. Espírito de Verdade, quem seria ele?: pesquisa sobre a identidade do espírito que orientou Allan Kardec. *In*: PAULO NETO. Belo Horizonte, 2017b. Versão 15. Disponível em <https://paulosnetos.net/article/jesus-e-o-espírito-de-verdade-e-o-governador-da-terra-ebook>. Acesso em: 4 jan. 2024.

OBRAS DE KARDEC. **[Site]**. [S. l.], 2025. Site. Disponível em:

<https://www.obrasdekardec.com.br/>. Acesso em: 15 out. 2025.

ORTIZ, Renato. Prefácio. *In*: AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**: gênese, evolução e atualidades do movimento social espírita entre França e Brasil. Maceió: EDUFAL, 2009.

PEW RESEARCH CENTER. **Believing in spirits and life after death is common around the world**. [S. l.: s. n.], 2024. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/religion/2025/05/06/beliefs-about-the-afterlife/#belief-in-reincarnation>. Acesso em: 28 jul. 2025.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do mundo**: todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo: USP: FFLCH-USP: Editora 34, 2013.

PIMENTEL, Marcelo Gulão. **Entre o púlpito e o altar**: Allan Kardec e os debates entre espiritismo, ciência e religião na França do século XIX (1858-1869). 2019. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/18301/2/Tese%20-%20Marcelo%20Gul%c3%a3o%20Pimentel%20-%20202019%20-%20Completa.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2024.

PIMENTEL, Marcelo Gulão. **O método de Allan Kardec para investigação dos fenômenos mediúnicos (1854-1869)**. 2014. Dissertação (Mestrado em Saúde Brasileira) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/513/1/marcelogulaopimentel.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2024.

PIRES, José Herculano. **O centro espírita**. 5. ed. São Paulo: Editora Paideia, 2017.

PIRES, José Herculano. **Curso dinâmico de espiritismo**: o grande desconhecido. 5. ed. São Paulo: Editora Paideia, 2013.

PIRES, José Herculano. **O espírito e o tempo**: introdução antropológica ao espiritismo. 7. ed. Sobradinho: EDICEL, 1995. Preliminares.

PIRES, Heloisa. **Herculano Pires**: o homem no mundo. São Paulo: Edições FEESP, 1992.

PIRES, José Herculano. **Introdução à filosofia espírita**. São Paulo: Paideia, 1983.

PIRES, José Herculano. Introdução ao livro dos espíritos. *In*: KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. 33. ed. São Paulo: LAKE, 1974.

PIRES, José Herculano. **Pedagogia espírita**. 10. ed. São Paulo: Editora Paideia, 2004.

PIRES, José Herculano. **A pedra e o joio**. São Paulo: Edições Caibar, 1975.

PIRES, José Herculano. O roustainguismo à luz dos textos. *In*: ABREU FILHO, Júlio; PIRES, José Herculano. **O verbo e a carne**: duas análises do roustainguismo. São Paulo: Edições Cairbar, 1973.

PORTAL DO ESPÍRITO. [Regulamento da Sociedade de Estudos Espíritos: Grupo

Confúcio]. Rio de Janeiro: Tipografia América, 1873. Disponível em: <https://espirito.org.br/autonomia/regulamento-confucio/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

PORTAL LUZ ESPÍRITA. [Site]. [S. l.], 2014. Site. Disponível em: <https://www.luzespirita.org.br/>. Acesso em: 15 out. 2025.

[PORTRAITS d'Hippolyte Léon Denizard Rivail, dit Allan-Kardec (XIXe s.)]. [França], [18--]. Disponível em: em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8529782x.r=Allan%20Kardec?rk=42918;4>. Acesso em: 31 jul. 2025.

PLATÃO. **Fedro**. 3. ed. Belém: Ed. UFPA, 2011.

PROJETO ALLAN KARDEC. [Plataforma digital com fontes históricas primárias ligadas ao pensador francês Allan Kardec]. Juiz de Fora: Projeto Allan Kardec, 2025. Disponível em: <https://projetokardec.ufjf.br/>. Acesso em: 14 out. 2025.

QUINTELLA, Mauro. **Kardec e o espiritismo no Brasil: 2ª parte**. Jaú: Associação Jauense de Estudos Espíritas, 2010. Disponível em: https://www.espiritualidades.com.br/Artigos/Q_autores/QUINTELLA_Mauro_tit_Historia_d_o_Espiritismo_no_Brasil.pdf. Acesso em: 29 dez. 2024.

RAPPORT, Jeremy. *The nature of reality*. In: GUITIERREZ, Cathy (ed.). **Handbook of spiritualism and channeling**. Brill handbooks on contemporary religion. Boston: Brill, 2015. v. 9. p. 199-218.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: do romantismo ao empiriocriticismo**. São Paulo: Paulus, 2005. v. 5.

REFORMADOR. **Acervo histórico digital: de 1883 até o ano imediatamente anterior ao atual**. Brasília, DF: Federação Espírita Brasileira, 1883- . Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=revreform&id=463180998501&pagfis=60459>. Acesso em: 9 jul. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Typographia do Reformador, ano 1, n. 3, 15 fev. 1883a. Disponível em: <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/60367>. Acesso em: 2 fev. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Typographia do Reformador, ano 1, n. 13, 1 jul. 1883b. Disponível em: <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/60407>. Acesso em: 2 fev. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Typographia do Reformador, ano 2, n. 27, 15 jan. 1884. Disponível em: <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/53459>. Acesso em: 12 fev. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Spirita Brasileira, ano 4, n. 81, 31 mar. 1886. Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/340>. Acesso em: 12 fev. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Spirita Brasileira, ano 7, n. 151, 1 mar. 1889a. Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/620>. Acesso em: 5 set. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Spirita Brasileira, ano 7, n. 155, 1 maio 1889b. Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/636>. Acesso em: 13 nov. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Spirita Brasileira, ano 7, n. 161, 1 ago. 1889c. Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/660>. Acesso em: 15 jul. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Spirita Brasileira, ano 7, n. 167, 1 nov. 1889d. Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/684>. Acesso em: 15 jul. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Spirita Brasileira, ano 9, n. 196, 15 jan. 1891. Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/65931>. Acesso em: 6 mar. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Spirita Brasileira, ano 10, n. 233, 1 ago. 1892. Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/53823>. Acesso em: 23 mar. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Spirita Brasileira, ano 11, n. 245, 1 fev. 1893a. Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/53868>. Acesso em: 15 jul. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Spirita Brasileira, ano 11, n. 246, 15 fev. 1893b. Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/53872>. Acesso em: 15 jul. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Spirita Brasileira, ano 11, n. 247, 1 mar. 1893c. Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/53876>. Acesso em: 5 set. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Spirita Brasileira, ano 13, n. 299, 1 ago. 1895a. Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/1223>. Acesso em: 30 jul. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Spirita Brasileira, ano 13, n. 300, 15 ago. 1895b. Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/1227>. Acesso em: 30 jul. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Spirita Brasileira, ano 14, n. 311, 1 fev. 1896a. Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/53922>. Acesso em: 30 jul. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Spirita Brasileira, ano 14, n. 313, 1 mar. 1896b. Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/1281>. Acesso em: 30 jul. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Spirita Brasileira, ano 14, n. 314, 15 mar. 1896c. Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/1285>. Acesso em: 3 ago. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Spirita Brasileira, ano 14, n. 323, 15 ago. 1896d. Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/1325>. Acesso em: 3 ago. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Spirita Brasileira, ano 14, n. 324, 1 set. 1896e. Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/1329>. Acesso em: 3 ago. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Spirita Brasileira, ano 15, n. 332, 1 jan. 1897a. Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/1361>. Acesso em: 3 ago. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Spirita Brasileira, ano 15, n. 333, 15 jan. 1897b. Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/1365>. Acesso em: 3 ago. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Spirita Brasileira, ano 16, n. 365, 15 maio 1898.

Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/1495>. Acesso em: 9 abr. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, ano 18, n. 420, 1 set. 1900.
Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/1720>. Acesso em: 9 abr. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, ano 22, n. 21, 1 nov. 1904.
Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/2652>. Acesso em: 3 set. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, ano 32, n. 22, 16 nov. 1914.
Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/6696>. Acesso em: 10 jan. 2025.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, ano 39, n. 19, 3 out. 1921.
Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/9678>. Acesso em: 10 jan. 2025.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, ano 55, n. 17, 1 set. 1937.
Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/18393>. Acesso em: 22 set. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, ano 61, n. 1, jan. 1943.
Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/20421>. Acesso em: 22 set. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, ano 63, n. 10, out. 1945.
Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/21251>. Acesso em: 22 set. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, ano 65, n. 12, dez. 1947.
Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/21891>. Acesso em: 10 jan. 2025.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, ano 66, n. 8, ago. 1948.
Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/22083>. Acesso em: 10 jan. 2025.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, ano 67, n. 10, out. 1949a.
Disponível em: <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/22440>. Acesso em: 22 set. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, ano 67, n. 11, nov. 1949b.
Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/22453>. Acesso em: 22 set. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, ano 68, n. 7, jul. 1950.
Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/22645>. Acesso em: 3 set. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, ano 71, n. 7, jul. 1953.
Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/23533>. Acesso em: 22 set. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, ano 73, n. 10, out. 1955.
Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/55309>. Acesso em: 10 jan. 2025.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, ano 91, n. 11, nov. 1973.
Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/54096>. Acesso em: 3 set. 2024.

REFORMADOR. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, ano 131, n. 2212, jul. 2013.
Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/52484>. Acesso em: 10 jan. 2025.

REFORMADOR. Brasília: Federação Espírita Brasileira, ano 132, n. 2223, jun. 2014.

Disponível em <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/52471>. Acesso em: 13 nov. 2024.

RÉGIS, Jaci. Apresentação. *In*: DIAS, Krishnamurti de Carvalho. **O laço e o culto: é o espiritismo uma religião?** Santos: DICESP, 1985.

REIS, Ademar Arthur Chioro dos. Jaci Regis. *In*: CEPA Brasil. Santos, 2022. Disponível em: <https://www.cepabrasil.org.br/portal/quem-somos/biografias/173-jaci-regis>. Acesso em: 17 out. 2025.

RENAN, Ernest. **Vida de Jesus: origens do cristianismo**. São Paulo: Martin Claret, 1995 [1863].

REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS, CHRISTO E CARIDADE. Rio de Janeiro: Tipografia da Sociedade Acadêmica Deus, Christo e Caridade, ano 1, n. 6, jun. 1881. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=343072&pagfis=109>. Acesso em: 12 ago. 2024.

REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS, CHRISTO E CARIDADE. Rio de Janeiro: Tipografia da Sociedade Acadêmica Deus, Christo e Caridade, ano 1, n. 8, ago. 1881. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=343072&pagfis=181>. Acesso em: 12 ago. 2024.

REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS, CHRISTO E CARIDADE. Rio de Janeiro: Tipografia da Sociedade Acadêmica Deus, Christo e Caridade, ano 1, n. 9, set. 1881. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=343072&pagfis=217>. Acesso em: 12 ago. 2024.

REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS, CHRISTO E CARIDADE. Rio de Janeiro: Tipografia da Sociedade Acadêmica Deus, Christo e Caridade, ano 1, n. 10, out. 1881. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=343072&pagfis=255>. Acesso em: 12 ago. 2024.

REVISTA ESPÍRITA: jornal de estudos psicológicos: 1858. 3. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, ano 1, 2004a [1858]. Publicada sob a direção de Allan Kardec.

REVISTA ESPÍRITA: jornal de estudos psicológicos: 1859. 3. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, ano 2, 2004b [1859]. Publicada sob a direção de Allan Kardec.

REVISTA ESPÍRITA: jornal de estudos psicológicos: 1860. 2. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, ano 3, 2004c [1860]. Publicada sob a direção de Allan Kardec.

REVISTA ESPÍRITA: jornal de estudos psicológicos: 1861. 2. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, ano 4, 2004d [1861]. Publicada sob a direção de Allan Kardec.

REVISTA ESPÍRITA: jornal de estudos psicológicos: 1862. 2. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, ano 5, 2004e [1862]. Publicada sob a direção de Allan Kardec.

REVISTA ESPÍRITA: jornal de estudos psicológicos: 1863. 2. ed. Rio de Janeiro: Federação

Espírita Brasileira, ano 6, 2004f [1863]. Publicada sob a direção de Allan Kardec.

REVISTA ESPÍRITA: jornal de estudos psicológicos: 1864. 2. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, ano 7, 2004g [1864]. Publicada sob a direção de Allan Kardec.

REVISTA ESPÍRITA: jornal de estudos psicológicos: 1865. 2. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, ano 8, 2004h [1865]. Publicada sob a direção de Allan Kardec.

REVISTA ESPÍRITA: jornal de estudos psicológicos: 1866. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, ano 9, 2004i [1866]. Publicada sob a direção de Allan Kardec.

REVISTA ESPÍRITA: jornal de estudos psicológicos: 1867. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, ano 10, 2005a [1867]. Publicada sob a direção de Allan Kardec.

REVISTA ESPÍRITA: jornal de estudos psicológicos: 1868. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, ano 11, 2005b [1868]. Publicada sob a direção de Allan Kardec.

REVISTA ESPÍRITA: jornal de estudos psicológicos: 1869. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, ano 12, 2005c [1869]. Publicada sob a direção de Allan Kardec.

REVISTA SPIRITA DO BRAZIL: órgão do centro da união espírita de propaganda no Brazil. Rio de Janeiro: Centro da União Espírita de Propaganda no Brazil, n. 9, set. 1897.

REVUE SPIRITE. *Journal D'Études Psychologiques et Spiritualisme Expérimental*. Paris: Bureaux, n. 1, jan. 1897. *Quarantième Année*. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0Bxmr5kjDLMCvWFY3bm5HYmVhbzA/view?resourcekey=0-2VhVTkl-AI9FIOOWzQxtoA>. Acesso em: 17 jul. 2024.

RIBEIRO JÚNIOR, Adair. **A obra esquecida de Angeli Torteroli: o espiritismo no Brasil e em Portugal**. São Paulo: CCDPE-ECM, 2022.

RICHARD, Pedro. Aos espíritas do Brasil. **Reformador**, Rio de Janeiro, n. 445, 15 set. 1901. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=revreform&pagfis=60574>. Acesso em: 30 nov. 2024.

RICOEUR, Paul. **Conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica**. Porto: Rés, 1989.

RICOEUR, Paul. **A hermenêutica bíblica**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RIVAIL, Hyppolyte Léon Denizard. **Plano proposto para a melhoria da educação pública - 1828**. Rio de Janeiro: Edições Léon Denis, 2005. Folha de rosto.

RIZZINI, Jorge. **J. Herculano Pires, o apóstolo de Kardec: o homem, a vida, a obra**. São Paulo: Paideia, 2020.

ROSA, Carlos Augusto de Proença. **História da ciência: a ciência moderna**. 2. ed. Brasília,

DF: FUNAG, 2012. v. 2, t. I. Disponível em: <https://funag.gov.br/biblioteca-nova/produto/1-439>. Acesso em: 23 jul. 2024.

ROUSTAING, Jean-Baptiste. **Os quatro evangelhos [...]**. Rio de Janeiro: Livraria da Federação Espírita Brasileira, 1920 [1866]. t. 1.

ROUSTAING, Jean-Baptiste. **Os quatro evangelhos [...]**. 9. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2008 [1866]. v. 1

SAMPAIO, Jáder dos Reis. Desencarna Luciano dos Anjos (03/05/2014). In: **Blog Espiritismo Comentado**, Belo Horizonte, 10 maio 2014. Disponível em: <https://espiritismocomentado.blogspot.com/search?q=Luciano+dos+Anjos>. Acesso em: 25 jan. 2025.

SANCHIS, Pierre. Cultura brasileira e religião... passado e atualidade... **CADERNOS CERU**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 71-92, 2008. Série 2. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ceru/article/view/11858/13635>. Acesso em: 13 jun. 2024.

SANCHIS, Pierre. A religião dos brasileiros. **HORIZONTE: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 28-43, 1 ago. 1997. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/412/398>. Acesso em: 13 jun. 2024.

SANTOS, Dalmo Duque. **Nova história do espiritismo: dos precursores de Allan Kardec até Chico Xavier**. Limeira: Editora do Conhecimento, 2010.

SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. Campinas: Editora Átomo, 2004.

SAUSSE, Henri. **Biografia de Allan Kardec**. Tradução da 4. edição francesa de 1927. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2012 [1927].

SCARPIONI, Marcos. Espíritas de esquerda: rupturas, dissidências e (re)construção de novo ou (do novo). **Interações**, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 376-396, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/27438/20157>. Acesso em: 8 fev. 2025.

SCHLUCHTER, Wolfgang. **O desencantamento do mundo: seis estudos sobre Max Weber**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014.

SCHNERB, Robert. **O século XIX: o apogeu da civilização europeia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. (História geral das civilizações, v. 13).

SELL, Carlos Eduardo. Apresentação à edição brasileira. In: SCHLUCHTER, Wolfgang. **O desencantamento do mundo: seis estudos sobre Max Weber**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014.

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia clássica: Marx, Durkheim e Weber**. Petrópolis: Vozes, 2015.

SHARP, Lynn L. *Secular spirituality: reincarnation and spiritism in nineteenth-century*

France. Lanham: Lexington Books, 2006.

SIGNATES, Luiz. Espiritismo e política: os tortuosos caminhos do conservadorismo religioso e suas contradições no Brasil. **Revista Caminhos: Revista de Ciências da Religião**, Goiânia, v. 17, n. 4, p. 138–154, 2019. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/7597/4273>. Acesso em 7 fev. 2025.

SIGNATES, Luiz. **Fundamentos para uma teoria social espírita**. Goiânia: AEPHUS, 2023.

SIGNATES, Luiz; DAMÁSIO, João. Configurações digitais da contra hegemonia espírita: uma cartografia dos coletivos progressistas e de esquerda no espiritismo brasileiro. **TROPOS: Comunicação, Sociedade e Cultura**, [S. l.], v. 10, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/4535>. Acesso em: 8 fev. 2025.

SILVA, Daniel Salomão. A hermenêutica bíblica espírita em o evangelho segundo o espiritismo. In: MILANI, Marcos; APARECIDO, Orlando (org.). **160 anos de o evangelho segundo o espiritismo**. São Paulo: CCDPE-ECM, 2024. p. 43-66.

SILVA, Gélvio Lacerda da. **Conscientização espírita**. Capivari: Editora Opinião E., 1995.

SILVA, Jacira Jacinto da. CEPA: associação espírita internacional. In: MOREIRA, Milton Rubens Medran; BENCHAYA, Salomão Jacob. **O espiritismo na perspectiva laica e livre-pensadora**. [S. l.]: CPDoc; CEPA, 2021.

SILVA, Luís Gustavo Teixeira da. Religião e política no Brasil. **Latinoamérica: Revista de estudios Latinoamericanos**. Cidade do México, n. 64, jan./jun. 2017. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/cielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-85742017000100223. Acesso em: 7 fev. 2025.

SILVA, Saulo Cesar Ribeiro da. Prefácio. In: Emmanuel (Espírito). **O evangelho por Emmanuel: comentários ao evangelho segundo Mateus**. Brasília, DF: FEB, 2024.

SILVEIRA, Emerson José Sena; ANDRADE JÚNIOR, Péricles Moraes; PESSOA, Silvério Leal. No caminho de uma teoria da religião em Bourdieu: as apropriações marxianas. **Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, [S. l.], v. 17, n. 53, p. 775, 31 ago. 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/20176/16466>. Acesso em: 30 set. 2024.

SIMÕES, Pedro; FEITAL, Renata. A ‘questão social’ e suas alternativas. In: NUNES, Beatriz Helena P. Costa *et al.* **Em torno de Rivail**. Bragança Paulista: Lachâtre, 2004. p. 163-191.

SOUTO MAIOR, Marcel. **As vidas de Chico Xavier**. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Editora Planeta, 2003.

SOUZA, Juvanir Borges de. Centenário da federação espírita brasileira: aspectos marcantes da sua trajetória. **Reformador**, Brasília, DF, n. 1857, dez. 1983. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=revreform&pagfis=53260>. Acesso em: 22 nov. 2024.

SOUZA, Rodrigo Farias de. O espiritualismo moderno nos Estados Unidos: contexto, surgimento e cosmologia. *In*: ISAIA, Artur Cesar; GOMES, Adriana; TRAMONTE, Cristiana de Azevedo (org.). **História e religiosidade I: religiões mediúnicas e afro-brasileiras**, Cachoeirinha, p. 157-176, 2024. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1DB190KieDX5KCjuTT7mZ8Gut7pkT-wMC/view>. Acesso em: 31 jul. 2025.

STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Curitiba: Editora Orion, 2003.

STOLL, Sandra Jacqueline. Religião, ciência ou auto-ajuda? trajetos do espiritismo no Brasil. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 361–402, 2002. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/27138>. Acesso em: 21 abr. 2025.

TEIXEIRA, Alfredo. État d'âme, état de corps: uma interpretação da teoria da religião de Pierre Bourdieu (1930-2002). **Theologica**, [S. l.], v. 45, n. 2, p. 253-273, 1 jun. 2010. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/theologica/article/view/2044>. Acesso em: 29 set. 2024.

TERRIN, Aldo Natale. **Introdução ao estudo comparado das religiões**. São Paulo: Paulinas, 2003.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. **O Jesus histórico: um manual**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

THIESEN, Francisco; WANTUIL, Zêus. **Allan Kardec: pesquisa biobibliográfica e ensaios de interpretação**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1980. v. 3.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 27- 56, 2006. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/6803>. Acesso em: 30 jul. 2025.

TOCQUEVILLE, Alexis. **A democracia na América: leis e costumes de certas leis e certos costumes políticos que foram naturalmente sugeridos aos americanos por seu estado social democrático**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005 [1854].

TORRES, João Camilo de Oliveira. **O positivismo no Brasil**. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2018. Disponível em: https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/36740/positivismo_brasil_torres.pdf?sequence=1. Acesso em: 4 jul. 2024.

TORRES, Natália Cannizza. **“Jesus, a porta. Kardec, a chave”**: a apropriação do Novo Testamento pelo segmento espírita. 2019. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019. Disponível em: https://www.espiritualidades.com.br/Artigos/T_autores/TORRES_Natalia_Cannizza_tit_Jesus_a_porta_Kardec_a_chave.pdf. Acesso em: 4 jul. 2025.

TORTEROLI, Afonso Angeli. O espiritismo no Brasil e em Portugal: notícias de todas as agremiações espíritas de 1857 até hoje [1896]. *In*: RIBEIRO JÚNIOR, Adair. **A obra esquecida de Angeli Torteroli: o espiritismo no Brasil e em Portugal**. São Paulo: CCDPE-

ECM, 2022.

TYRRELL, Ian. Ian Tyrrell responds. **The American Historical Review**, [S. l.], v. 96, n. 4, p. 1068-1072, 1991. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2164995>. Acesso em: 21 mar. 2024.

TYRRELL, Ian. **What is transnational history?** [S. l.: s. n.], 2007. Disponível em: <https://iantyrrell.wordpress.com/what-is-transnational-history/>. Acesso em: 21 mar. 2024.

UNDERHILL, Ann Leah (Leah Fox). **O elo perdido no espiritualismo moderno**. Brasília, DF: FEB, 2023.

VALLE, Nadja do Couto. Materialismo e espiritualismo na filosofia: culminâncias e sínteses. *In*: NUNES, Beatriz Helena P. Costa *et al.* **Em torno de Rivail**. Bragança Paulista: Lachâtre, 2004. p. 193-231.

VASCONCELOS, João. Espíritos clandestinos: espiritismo, pesquisa psíquica e antropologia da religião entre 1850 e 1920. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 92-126, 2003. Disponível em: <https://religioesociedade.org.br/wp-content/uploads/2021/09/Religioe-Sociedade-N23.02-2003.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2024.

VERSLUIS, Arthur. Spiritualism and the american swedenborgian current. *In*: GUITIERREZ, Cathy (ed.). **Handbook of spiritualism and channeling**: Brill handbooks on contemporary religion. Boston: Brill, 2015. v. 9, p. 9-31.

VIEIRA, Pedro. **Recorte espírita do censo 2022**. [S. l.], 2025. Slide revisão 6. Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAGqdWTLhUc/j8MmLrdX0GKLWlwHS4E4AA/view>. Acesso em: 28 jun. 2025.

VIEIRA, Victor Antônio. Espiritismo: ao centro da união espírita de propaganda do Brasil. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, n. 285, 10 out. 1896. Suplemento do Jornal do Brasil. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_01&pagfis=6820. Acesso em: 30 dez. 2024.

WANTUIL, Zêus (org.). **Grandes espíritas do Brasil**: 53 biografias. 3. ed. Brasília, DF: Federação Espírita Brasileira, 1990.

WANTUIL, Zêus. **As mesas girantes e o espiritismo**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1994.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 4. ed. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2000. v. 1.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002.

WEIL, Pierre. Prefácio à edição brasileira. *In*: JAMES, William. **As variedades da experiência religiosa**: um estudo sobre a natureza humana. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2017 [1902].

APÊNDICE – Matriz Religiosa Brasileira: a plasticidade híbrida da fé²⁶¹

Dada a possibilidade de existir uma Matriz Religiosa Brasileira, aqui é proposto um modelo de estratificação dessa Matriz em camadas não estanques, mas que se interpenetram e reagem entre si, numa conformação concêntrica. A proposição consiste num arcabouço metodológico, ainda especulativo, que contemple as diferentes conceituações sobre religião, que se desdobraram contemporaneamente em Religião, Religiosidade e Espiritualidade. Isso com a finalidade de captar em profundidade as experiências que transcendem a materialidade, a racionalidade, na “busca de sentido”.

Segundo Clarissa De Franco (2013, p. 400-402): “alguns autores têm distinguido espiritualidade, religiosidade e religião numa base de gradiente entre a força da institucionalização e o desligamento institucional”. Tomando as conceituações sintetizadas por ela, tem-se: Religião – sistema organizado de rituais, doutrinas, mitos, símbolos, cultos, orações, representação do conteúdo simbólico moral e ritual das crenças. Religiosidade – forma de vivência e experiência desse sistema organizador, aderindo e reelaborando-o no cotidiano, representação do campo religioso. E Espiritualidade – sistema individual de crença, busca pessoal de sentido autêntica, com criatividade e liberdade, representação da autonomia em relação à materialidade do mundo.

Segundo esse esquema, a estratificação para a Matriz Religiosa Brasileira é composta por três camadas concêntricas, com características correlacionadas com os conceitos acima descritos e com a Teoria de Bourdieu:

Primeira camada – Funcional, relaciona-se com o conceito de Religião institucionalizada e tradicional, com vínculo institucional e devocional, normativa de prática coletiva declarada, explícita, visível e de caráter dominante na sociedade. Em Bourdieu é uma *estrutura estruturante*, no domínio da estatística quantitativa para políticas públicas. Parâmetro de comparatividade: religião pré-moderna e moderna no padrão conceitual e de pertença do “cristianismo ocidental”. Processo de Escolha: tradição familiar e por adesão. Relacionamento com a divindade: na busca do Deus transcendente, na História. Cosmovisão: mundo visto e racional.

Segunda camada – Vivencial, relaciona-se com o conceito de Religiosidade

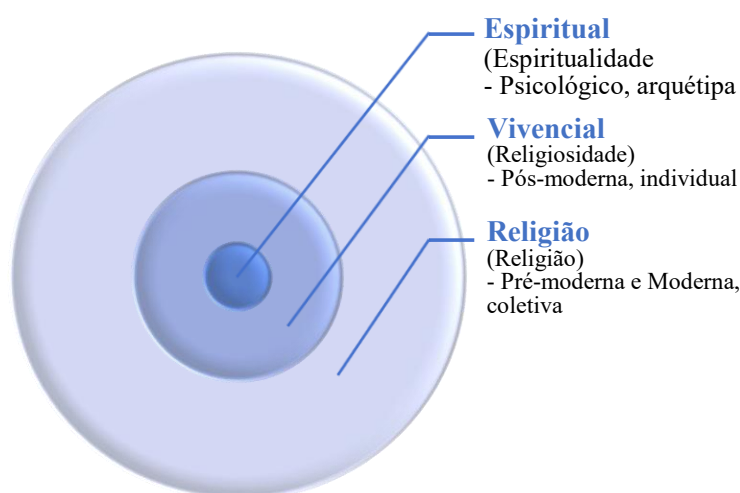
²⁶¹LIRA NETO, Luís Jorge. A matriz religiosa brasileira: a plasticidade híbrida da fé. In: COLÓQUIO DO GRUPO DE PESQUISAS RELIGIÕES, IDENTIDADES E DIÁLOGOS DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, 5., 2023, Recife. *Anais eletrônicos* [...]. Recife: UNICAP, 2023. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/coloquiorid/article/view/2702/2424>. Acesso em: 11 jun. 2024.

experimental e plural, com vínculo social, política crítica afirmativa, reacionária a políticas públicas. Em Bourdieu é uma *estrutura estruturada*, no domínio da prática híbrida, sincrética ou de trânsito, não normatizada, multifacetada e disfuncional às estatísticas quantitativas, de prática individualizada declarada ou não, à procura de visibilidade, de caráter subjacente na sociedade. Parâmetro de comparatividade: pós-moderna no padrão do pluralismo religioso inclusivo, transreligioso. Processo de Escolha: experimental ou racional. Relacionamento com a divindade: na busca do Deus imanente, na experiência. Cosmovisão: mundo dos sentidos, emocional.

Terceira camada – Espiritual, relaciona-se com o conceito de Espiritualidade, pré-lógica de sentido, imperceptível para políticas públicas. Em Bourdieu, *reflexiva*, no domínio do inconsciente, arquétipo, articulada interiormente, de prática harmônica com a totalidade da vida, de caráter intersubjetivo, não mensurável. Parâmetro de comparatividade: nível psicológico no padrão irreligioso. Processo de Escolha: *nãoracional*. Relacionamento com a divindade: busca um deus em si, interior. Cosmovisão: mundo intuído, espiritual, em-si.

Segue a síntese esquemática das camadas da Matriz Religiosa Brasileira na Figura 4:

Figura 4 – Camadas da Matriz Religiosa Brasileira



Fonte: O autor, 2025.

Segue Quadro 5 com resumo das características das Camadas Matriz Religiosa Brasileira.

Quadro 5 – Características das Camadas Matriz Religiosa Brasileira

Camada	Funcional	Vivencial	Espiritual
Conceito	<u>Religião</u> institucionalizada, tradicional	<u>Religiosidade</u> experimental e plural	<u>Espiritualidade</u> , pré-lógica de sentido
Vínculo	Institucional e devocional	sincrética/ trânsito	harmônica com a totalidade da vida
Regramento	Normativa e coletiva declarada	prática híbrida/ individualizada	domínio do inconsciente/ arquetipa
Caráter	Visível, dominante na sociedade	Multifacetada à procura de visibilidade	invisível,
Teoria Bourdieu	estrutura estruturada	estrutura estruturante	reflexiva
Política Pública	estatística quantitativa	disfuncional à estatística quantitativa	Imperceptível/ não mensurável
Parâmetro de Comparatividade	religião moderna	religião pós-moderna	religião pré-moderna
Pertença	Cristianismo ocidental	pluralismo religioso, inclusivo e transreligioso	nível psicológico, irreligioso
Processo de escolha	tradição familiar/ adesão	experimental/racional	não racional/ intuitiva
Relacionamento com a divindade	Deus transcendente/ histórico	Deus imanente/ experiência	Deus em si, interior
Cosmovisão	Mundo visto/ racional	Mundo dos sentidos/ emocional	mundo intuído/ espiritual em si

Fonte: O autor, 2025.

Essa configuração em camadas sugere que a vivência religiosa do indivíduo parte da profundidade de seu ser, na área coberta pela Psicologia, transcende ao pensamento racional, à lógica e se estrutura nas pulsões do inconsciente. Mobiliza todo um sentido do *ser-em-si* na dimensão do espiritual, desapegado de qualquer injeção exterior. Seja normativa, da coletividade, é desvinculada da religião e religiosidade. Nessa camada figurativa, autoafirma-se o existir do ser livre de coerções, não há regulação, nem escravidão. Aqui é o apoio existencial dos oprimidos, o seu “paraíso” real, onde tudo e todos terão que se conformar.

ANEXO 1 – Documento #217 – Comunicação/Diálogo [05/03/1865]²⁶².

Figura 5 – Comunicação/Diálogo [05/03/1865]



Fonte: Projeto Allan Kardec Documento #217.

Séjour,

5 de março 1865

Médium: senhora Cazemajour.

[...]

É preciso alterar o título da sua última obra.

Eu: Eis [ileg.] categórico. Ao intitulá-la, por exemplo: A moral do Evangelho segundo o Espiritismo, ela se enquadrará melhor com o que está por vir e que terá como título: Os milagres e as predições do Evangelho segundo o Espiritismo; será mais bem compreendido em sequência. A série de trabalhos doutrinários também será composta do seguinte modo:

Para a parte científica: O Livro dos Espíritos, o Livro dos Médiuns, o Livro dos Magnetizadores.

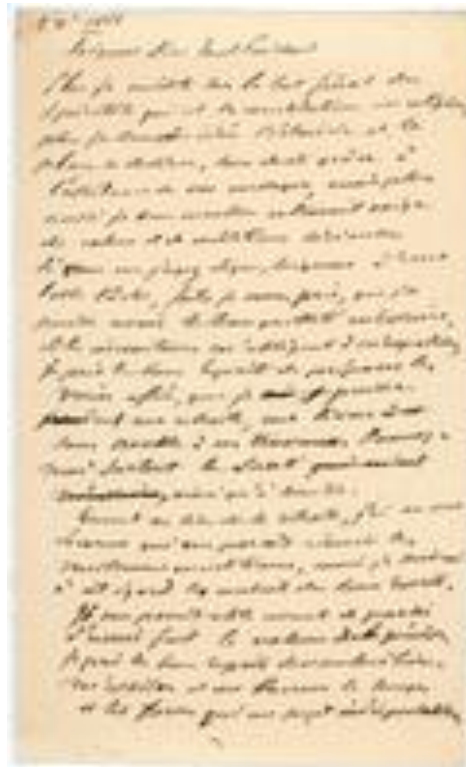
Para a aplicação da doutrina: A <gênese> segundo o Espiritismo, a moral do Evangelho segundo o Espiritismo; os milagres do Evangelho segundo o Espiritismo, o céu e o inferno segundo o Espiritismo, a religião segundo o Espiritismo, o estado social {e o reinado de Deus} segundo o Espiritismo.



²⁶²KARDEC, Allan. **Comunicação/Diálogo [05/03/1865]**. In: PROJETO ALLAN KARDEC, Juiz de Fora, 2022. [Documento #217]. Disponível em: <https://projetoKardec.ufjf.br/item-pt?id=217>. Acesso em: 26 jan. 2024.

ANEXO 2 – Documento #179 – Prece de Allan Kardec [02/12/1866]²⁶³

Figura 6 – Prece de Allan Kardec [02/12/1866]



Fonte: Projeto Allan Kardec Documento #179



2 de dezembro de 1866.

Senhor Deus Todo-Poderoso,

Quanto mais medito sobre o objetivo final do espiritista, que é sua constituição em religião, mais eu sinto minhas ideias se aclararem e o plano se delinear, sem dúvida graças à assistência de vossos mensageiros; porém, mais também eu sinto quanto esse trabalho exige calma e <meditações> sérias.

Se me julgais digno, Senhor, de uma tal tarefa, fazei, peço-vos, que eu possa ter a tranquilidade necessária. Se as circunstâncias me obrigarem a me expatriar, peço que os bons Espíritos preparem os caminhos para que eu possa, em meu retiro, dedicar-me sem problemas a esses trabalhos. Dai-me sobretudo saúde, assim como a Amélie.

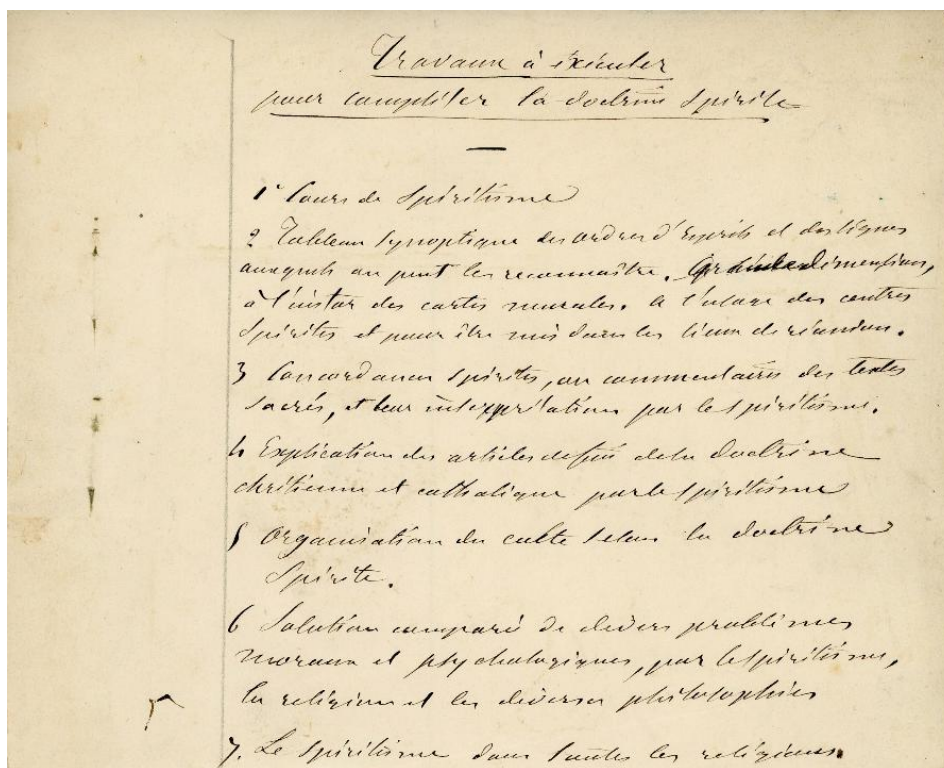
Quanto ao local do retiro, tenho em vista Locarno, que me parece reunir as melhores condições; sobre isso, porém, seguirei os conselhos dos Bons Espíritos. Parece-me útil, antes de partir, ter feito o volume da Gênese.

Peço aos Bons Espíritos que me assistam e me deem o tempo e as forças que me são indispensáveis.

²⁶³KARDEC, Allan. **Prece de Allan Kardec [02/12/1866]**. In: PROJETO ALLAN KARDEC, Juiz de Fora, 2021b. [Documento #179]. Disponível em: <https://projctokardec.ufjf.br/item-pt?id=179>. Acesso em: 5 maio 2024.

ANEXO 3 – Manuscrito “Trabalho a Executar para completar a Doutrina Espírita”²⁶⁴

Figura 7 – Trabalhos a executar para completar a Doutrina Espírita



Fonte: Sítio do Museu AKOL.

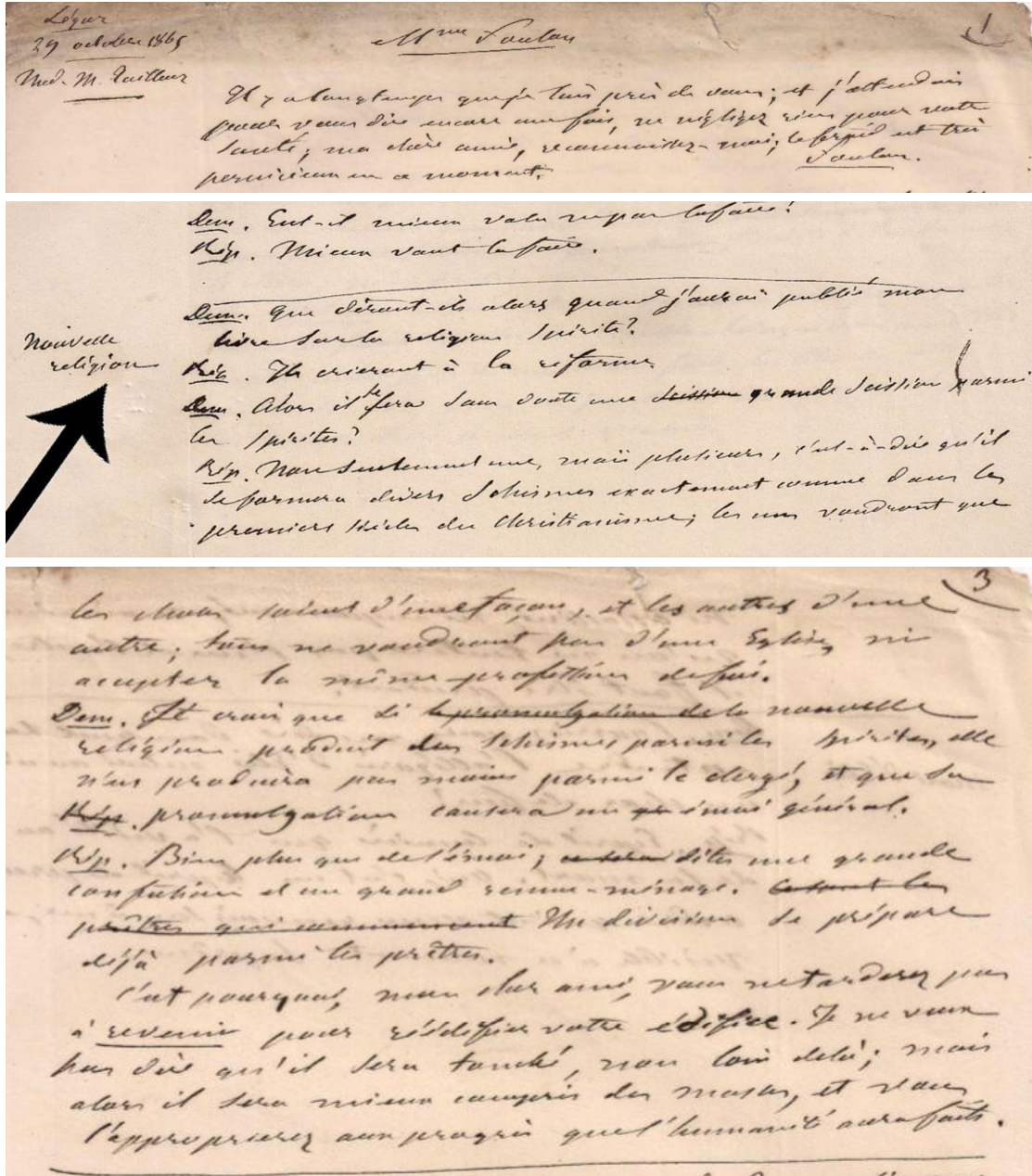


1. Curso de Espiritismo
2. Quadro sinótico das ordens dos Espíritos e seus trejeitos pelos quais podemos reconhecê-los, de grande dimensão, como mapas de parede, para o uso de centros espíritas e para serem usados nas reuniões
3. Concordâncias espíritas, ou comentários dos textos sagrados, e sua interpretação pelo Espiritismo
4. Explicação dos artigos de fé da doutrina cristã e católica pelo Espiritismo
5. Organização do culto segundo a doutrina Espírita
6. Solução comparativa de diversos problemas morais e filosóficos, pelo Espiritismo, as religiões e as diversas filosofias
7. O Espiritismo em todas as religiões

²⁶⁴KARDEC, Allan. “Manuscrito Trabalho a Executar para completar a Doutrina Espírita”. [S. l.]: Museu AKOL, [1864?]. 1 manuscrito.

ANEXO 4 – Manuscrito Inédito – Nova Religião [29/10/1865]²⁶⁵

Figura 8 – Manuscrito Inédito – Nova Religião [29/10/1865]



Fonte: Museu AKOL, 2025. Gentilmente cedido pelo curador Adair Ribeiro Júnior.

²⁶⁵ Museu AKOL. [KARDEC, Allan. Nova Religião [29/10/1865]. Destinatário: Luís Jorge Lira Neto. Recife, 9 ago. 2025. 1 mensagem eletrônica. 1 manuscrito.

Ségur

29 de outubro de 1865.

Médium: senhor Tailleur.

Nova religião.

Pergunta. O que eles dirão quando eu publicar meu livro sobre a religião espírita?

Resposta. Eles clamarão por reforma.

Pergunta. Então, sem dúvida, haverá uma grande cisão entre os espíritas?

Resposta. Não apenas um, mas muitas, isto é, vários cismas se formarão, exatamente como nos primeiros séculos do Cristianismo; uns vão querer [3] (3 as coisas sejam de um jeito, e outros, de outro; <todos> não querem uma Igreja, nem aceitam a mesma profissão de fé.

Pergunta. Acredito que se a nova religião produzir cismas entre os espíritas, ela não produzirá menos entre o clero, e que sua promulgação causará um rebuliço geral.

Resposta. Muito mais do que rebuliço; digo: uma grande confusão e um grande tumulto/comoção. <A> divisão já se prepara entre os padres.

É por isso, meu caro amigo, que você não demorará a retornar para reconstruir seu edifício. Não quero dizer que ele será atingido, não, longe disso; mas então será melhor compreendido pelas massas, e você o adaptará ao progresso que a humanidade haverá feito.²⁶⁶

²⁶⁶Tradução de Abel Brutus.